

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ROBERTO MANSILLA AMARAL

Uma memória silenciada.

Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octavio Brandão:
(1917-1980)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ferreira

Niterói

2003

ROBERTO MANSILLA AMARAL

Uma memória silenciada.

Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octavio Brandão:
(1917-1980)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História. Área de concentração: História Contemporânea; História, Poder e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ferreira - UFF

Prof. Dr. João Quartim de Moraes - UNICAMP

Prof. Dr.^a Denise Rollemberg - UFF

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo de Castro - UFRJ (Suplente)

Niterói

2003

Resumo

O presente trabalho procura acompanhar a trajetória política e intelectual do revolucionário Octavio Brandão (1896-1980), refletindo sobre dois momentos distintos de sua vida militante: o primeiro como libertário (1918-1921) e, outro, no comunismo (1922-1980). Busco historiar seu legado de 65 anos de vida dedicados aos ideais e às lutas que concebia, muito embora, ao longo de décadas, sua memória tenha sido constantemente estigmatizada na cultura e no imaginário político do PCB, o qual dedicou a maior parte de sua trajetória, sem nunca tê-lo deixado. Pretendo, portanto, recuperar o legado desse personagem e a sua significativa contribuição no campo das idéias e das lutas em que se engajou, a partir, sobretudo, da metodologia oferecida pela chamada História Política renovada (ou revisitada) numa abordagem biográfica.

Resume

La présente dissertation cherche à suivre la trajectoire politique et intellectuelle du révolutionnaire Octavio Brandão (1896-1980), méditant sur deux instants de sa vie militante: le premier comme libertaire et l'autre au communisme. Je cherche, aussi, reconstituer son legs de 65 ans de vie dévoué aux idéaux et aux luttes, bien que, pendant plusieurs de décades décernus, sa memoire ait souvent été stigmatisée dans la culture et dans l'imaginaire politique du PCB, au quel consacré la plupart de sa trajectoire, sans avoir jamais quitté le parti. Je voudrais, par conséquent, récupérer l'importance du legs de ce personnage et sa contribution significative dans le champ des idées et des luttes auxquels il s'est engagé, à partir, surtout, de la méthodologie de l'Histoire Politique, dans une approche biographique.

A Nair Bernardete de Oliveira Amaral (in memoriam).

A todos os comunistas que tombaram lutando por uma sociedade livre, fraterna e solidária.

Agradecimentos

As páginas que se seguem resultaram de meu mestrado em História, Poder e Idéias Políticas, na Universidade Federal Fluminense. Ao longo de dois anos de estudos e de pesquisas, assumi uma dívida de gratidão com o Professor Jorge Ferreira, orientador de meus trabalhos na pós-graduação. Aliás, posso dizer, sem nenhum exagero, que tive a sorte e o privilégio de conviver com o Professor Jorge, desde o primeiro curso que fiz, ainda na graduação. Sua influência, em especial, a da leitura de sua excelente pesquisa de doutorado sobre o imaginário dos militantes comunistas no Brasil, foi decisiva para que também optasse pelo estudo da memória militante, em particular de Octavio Brandão. Durante suas orientações, procurou, pacientemente, manter-me “com os pés no chão”, diante de minha quase “doentia” fixação por papéis velhos, dispersos em arquivos. Foram, ainda, imprescindíveis seus comentários, suas observações e suas referências. Por essa razão, quero novamente ressaltar o meu imenso agradecimento a esse que não tenho dúvidas de reconhecer como um grande companheiro.

Minha dívida estende-se a Daniel Aarão Reis Filho, professor titular de História Contemporânea da UFF, leitor crítico deste trabalho, em sua fase inicial, e companheiro de polêmicos, mas sempre enriquecedores debates sobre revolução e socialismo, também desde a época de minha graduação.

Agradeço muito ao professor da UNICAMP, João Quartim de Moraes, sem dúvida, um dos maiores conhecedores das esquerdas brasileiras, por ter aceitado compor minha banca – desde a qualificação – fazendo importantes observações e procurando sempre me motivar.

Sou grato à professora Denise Rollemberg, também estudiosa na temática referente à memória de militantes da esquerda brasileira. Seus importantes comentários, durante minha qualificação, foram, não tenho dúvida, relevantes para tentar historiar a vida militante de meu biografado.

Quero, ainda que brevemente, agradecer a alguns ilustres professores com os quais tive o privilégio de conviver durante quase dez anos de minha trajetória acadêmica. Além do Mestre Ilmar Rohloff de Mattos e de suas inesquecíveis aulas, outros brilhantes profissionais – verdadeira seleção de historiadores – me possibilitaram aprender e, cada vez mais, consolidar meu envolvimento com esta indescritível profissão: Edmilson Martins

Rodrigues, Angela de Castro Gomes, Sônia Regina de Mendonça, Virgínia Fontes, Leandro Konder. Outros, embora não tivesse a sorte de assistir às suas aulas, foram influentes, uma vez que a pertinência dos debates e das conversas sobre minha pesquisa tornou-me um profundo admirador de suas idéias. Refiro-me aos professores-militantes Marcelo Badaró Mattos e Pedro Tórtima.

Esther Kuperman, cientista social da UFRJ, também merece ser mencionada por muito me ter estimulado a historiar a vida de Octavio Brandão. Da mesma maneira, a antropóloga Luitgarde Cavalcanti, pioneira e incansável pesquisadora no trabalho de recuperar a memória esquecida de Brandão.

Agradeço também aos profissionais do Arquivo Edgard Leuenroth, em Campinas, pela atenção e preocupação que tiveram em me atender, da melhor maneira possível, nas três vezes em que lá estive. Gostaria de, particularmente, prestar minha gratidão aos pesquisadores Sidney Challoub, Elaine Marques Zanatta e Ema Franzon, ao funcionário Mário e a outros que, embora não me recorde dos nomes, reconheço a dedicação que me demonstraram quando, por diversas vezes, carregaram pesadas caixas contendo centenas de papéis envelhecidos, correspondentes ao arquivo II de Octavio Brandão.

Ao Arquivo Público do Rio de Janeiro sou muito grato a Prof.^a Ismênia Lima Martins, diretora geral, a Fernando Freire e aos demais profissionais por me fornecerem os materiais pesquisados, sobretudo o Prontuário do DOPS sobre Octavio Brandão.

A Elina Pessanha, diretora do Arquivo de Memória do Rio de Janeiro (AMORJ) do IFCS/UFRJ, e às bolsistas de iniciação científica, agradeço muito pela atenção e pelo inestimável auxílio que me prestaram.

Finalmente agradeço a bolsa de estudos concedida pela CAPES, durante os dois anos de mestrado, além de um pedido de prorrogação de mais quatro meses.

*

Apesar da conhecida solidão da pesquisa acadêmica, quero agradecer aos amigos que fiz, desde minha fase como discente na graduação em História e que me acompanharam nesse percurso. Longe de ser uma formalidade, o que não aprecio, tais agradecimentos procuram reconhecer atitudes de amizade e de apoio intelectual, decisivas quando enfrentamos desafios e procuramos superar etapas na profissão que escolhemos. A todos eles, devo um pouco deste trabalho, o que não implica que a persistência de eventuais equívocos lhes seja atribuída. Então, vamos lá!

Sou muitíssimo grato à família Brandão. Em primeiro lugar, à Sra. Dionysa Brandão Rocha, filha de Octavio, que sempre se mostrou disponível e incansável em me auxiliar, de várias maneiras: garimpando os escritos de seu pai (verdadeiros tesouros em papéis amarelados) guardados em caixas ou sacos plásticos em sua residência; concedendo-me valiosíssimo depoimento e, finalmente, demonstrando confiança em mim, como, por exemplo, no fato de ter gentilmente me autorizado a consulta daquilo que pode ser considerado o segundo e inédito volume da autobiografia de Brandão, além de, no final, ter-me cedido um valiosíssimo material fotográfico que acompanha alguns dos momentos da vida pessoal e militante dele. Também agradeço à Sra. Vólia Brandão, irmã de Dionysa, com quem, embora não tenha tido a chance de entrevistá-la, pude, ao menos, conversar numa tarde, o que me foi muito gratificante. Finalmente, retribuo a atenção que tive de Marisa Brandão Rocha, neta de Octavio, que, nas poucas vezes em que conseguimos estar juntos, incentivou-me bastante nessa difícil empreitada.

Agradeço também:

Aos amigos Samuel Daflon, Tiago Coelho, Andreza Prevot e Bruno Mussa e Roberto Magalhães. Sou grato ainda aos “velhos militantes” – José Barroso, Hermes, Ricardo, Carlos, Dora, César, Lays Machado e Osmarino Amâncio Rodrigues – os quais, ao longo desses anos, me possibilitaram conhecer, mais de perto, o significado de lutar em prol das idéias socialistas das quais, diga-se de passagem, sou um profundo apreciador.

Aos colegas da Escola Municipal Leonor Coelho Pereira também vai minha gratidão pela paciência de muitas vezes me escutarem e, principalmente, pela maneira que me receberam no meu recente e ainda desafiador ofício de ensinar. Particularmente agradeço à Professora e Diretora Vera Lúcia e ao Professor Rogério, pela sensibilidade profissional que sempre demonstraram diante de minha atribulada vida acadêmica.

À professora Ana Blower, que, com imenso profissionalismo e amor pela língua portuguesa, auxiliou-me decisivamente na revisão final de minha pesquisa. A ela sou bastante grato.

Finalmente, quero agradecer muito a meus pais, Astrogildo Amaral e Laura Mansilla Amaral, e ao restante da família, pelo afeto, pela paciência e pela compreensão diante das dificuldades e das alegrias que vivi durante esta longa caminhada. Em particular, quero agradecer ao irmão André Mansilla, pela grande força que me deu durante os confusos processos técnicos das iconografias que utilizo no decorrer deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O MILITANTE LIBERTÁRIO (1917-1921)	23
1.1. Anos iniciais	24
1.2. As primeiras lutas em Alagoas	36
1.3. Um anarquista alagoano no Rio de Janeiro	49
1.4. Em busca de uma “teoria-bússola”	59
CAPÍTULO 2 - O MILITANTE E INTELLECTUAL DO PARTIDO (1922-1928)	74
2.1. Construindo o PCB	75
2.2. O “marxismo precursor” brasileiro nos anos 20	86
2.3. <i>Agrarismo e Industrialismo</i> : uma análise pioneira	94
2.4. Novas tarefas, perseguições policiais e o início de um dilema	108
CAPÍTULO 3 - AUGUE E QUEDA (1929-1930)	117
3.1. A “revolução democrática pequeno-burguesa”: uma tese original	118
3.2. Agitando no Conselho Municipal	131
3.3. A nova orientação da IC e a intervenção no PCB	148
3.4. O “grande culpado” em 1930	161
CAPÍTULO 4 - EXILADO NA “PÁTRIA DO SOCIALISMO” (1931-1946)	176
4.1. Dias difíceis e a deportação	177
4.2. Primeiros anos em Moscou: dificuldades e desconfianças	189
4.3. A serviço do Komintern	203
4.4. Os terríveis anos da Guerra contra o nazismo	219

CAPÍTULO 5 - MILITÂNCIA VIGIADA: OSTRACISMOS E DESABAFOS (1947-1956)	234
5.1. O retorno ao Brasil: esperanças e frustrações	235
5.2. Uma vitória pessoal	242
5.3. “Eu acuso!”	256
CAPÍTULO 6 - A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA	272
6.1. Uma memória em disputa?	273
6.2. Os últimos anos e as constantes amarguras	286
6.3. Valeu a pena?	305
CONSIDERAÇÕES FINAIS	315
INSTITUIÇÕES PESQUISADAS	320
FONTES CONSULTADAS	321
BIBLIOGRAFIA GERAL	330
ANEXO 1: Documentos produzidos pelos órgãos da polícia política e da imprensa sobre vários momentos da trajetória de Octavio Brandão	337

INTRODUÇÃO

“Uma palavra domina e ilumina nossos estudos: compreender”.

(Marc Bloch, 1976).

*“Num momento como este, o silêncio é culpado. Falar
é um risco, mas é um testemunho necessário”.*

(Frei Beto, 1980).

*“Eu sempre tenho medo da ironia da história
porque ela nos passa uma rasteira”.*

(Octavio Brandão, 1979).

“Aos 80 anos de idade, dos quais 65 de lutas, depois de tantas vidas numa só vida, creio que tenho o direito de evocar as recordações, fazer o balanço dos combates travados e experiências vividas – em vista do presente e do futuro. (...).

Aos 80 anos de idade, dos quais 65 de lutas fazem a conspiração do silêncio em torno da minha vida, obra e luta. Tratam de sepultá-las, como se nunca tivessem existido. Sou boicotado e bloqueado por todos os lados - pela direita porque é profundamente reacionária e pela pretensa ‘esquerda’ porque é oportunista até a medula. Tudo terminou no desconforto atroz e ostracismo total. (...)

Apesar de tudo, o esforço não foi inútil. O mundo atual não é o mundo bárbaro que encontrei no começo do século XX. Embora modestamente, contribuí para o desenvolvimento ascensional do mundo, mas não tenho trabalho, nem saúde, nem aposentadoria. Só aos 80 anos de idade é que consegui um ‘benefício’ por velhice que rende, por mês, apenas meio salário mínimo de 384 cruzeiros. E é tudo. (...). Cumpri meu destino, isto é, uma necessidade histórica. (...). E guardo a esperança que anima e exalta o coração!”

Com esse desabafo, Octavio Brandão Rego (1896-1980) iniciava as primeiras páginas de *Combates e batalhas*, relato autobiográfico, publicado em 1978, dois anos antes de sua morte. Mas quem era esse militante que afirmava ter sido “boicotado por todos os lados” ou que ainda assegurava ter sofrido uma longa “conspiração do silêncio” ao longo dos anos? Acaso seria mais um velho militante comunista ressentido e magoado, disposto apenas a “acertar as contas” com alguns desafetos pessoais, escrevendo suas memórias? Ou teria tido alguma importância na vida política nacional ligado às idéias e ações de uma determinada tradição revolucionária? Teria a historiografia destinado uma reflexão a esse que dizia ter dedicado a maior parte de sua vida em lutas? Afinal, que lutas eram essas? Estava a serviço de que propósito? Quais suas idéias principais? Tiveram alguma significativa repercussão? Enfim, quem tinha sido Octavio Brandão? Essa era a principal indagação que me fazia antes de assistir a um evento dedicado ao centenário de sua trajetória política.¹

Ao final do seminário, começava a refletir melhor sobre a vida daquele militante. As discussões de pesquisadores e os depoimentos de pessoas que conheceram e conviveram com o velho comunista, ressaltavam os longos anos e os insistentes esforços dedicados à

¹ Refiro-me ao Seminário “Octavio Brandão”: centenário de um militante do Rio de Janeiro, realizado entre os dias 10 e 12 de setembro, de 1996, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Esse encontro foi organizado pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e pelo centro de pesquisa Memória, Cidade e Cultura, do Mestrado em Antropologia da UERJ, coordenado pela pesquisadora Luitgarde de Oliveira Cavalcanti Barros. Além do debate, houve uma exposição de fotos intitulada “De olho em Octavio Brandão – os Arquivos do DOPS”, organizada pela historiadora do APERJ, Esther Kuperman.

construção do PCB. Paradoxalmente, entretanto, confirmavam a marginalização que sofrera no interior desse mesmo partido, resultando longos períodos de ostracismo. As fotografias e a quantidade de documentos produzidos sobre ele pelo DOPS indicavam a preocupação excessiva que os órgãos de repressão política tinham em relação a sua militância, sendo uma prática comum classificarem-no de “extremista”, “perigoso agitador” e “apátrida”, entre outros termos.²

Aos meus olhos, esse personagem tornava-se cada vez mais fascinante, ainda que muito misterioso. No entanto, o maior problema – e que depois se revelou o meu maior desafio – era constatar a ausência de um estudo mais especializado sobre a vida de Octavio Brandão por parte da historiografia especializada³. Toda essa curiosidade intelectual me instigou a realizar uma pesquisa inicial sobre a sua trajetória militante e, de maneira breve, também refletir acerca de algumas de suas idéias, em minha monografia de bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.⁴

² Cf. KUPERMAM, Esther. “De olho em Octavio Brandão: os arquivos do DOPS”. In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UERJ, Cultural-SR3, Arquivo Público, 1996, p. 152. Aliás, vale destacar um outro escrito dessa autora que muito também me influenciou a pensar mais detidamente na realização de uma pesquisa acerca da trajetória militante e intelectual de Octavio. Trata-se do artigo “O pensamento político de Octavio Brandão: entre o nacionalismo e a internacional”, publicado no jornal carioca *Inverta*, em seu suplemento de cultura, datado de 19.12.1996 a 06.01.1997.

Por último, coube diretamente a Esther um acontecimento que, com certeza, foi imprescindível à continuação de minhas pesquisas: o fato de ter-me apresentado a nada menos que Dionysa Brandão. Assim, novamente quero agradecer à Prof.^a Esther Kuperman por todas essas iniciativas prestadas a mim.

³ Cabe aqui destacar uma exceção à regra que foi o livro organizado pela antropóloga Luitgarde Cavalcanti de Oliveira Barros: *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*, antes citado. Esse trabalho foi lançado no Seminário a que me referi e muito me facilitou a realização da pesquisa inicial, justamente por nele haver uma descrição de artigos, poesias, indicações das falas do período em que esteve como vereador (1929 e 1947, respectivamente) além de um inventário dos documentos existentes sobre Brandão nos Arquivos do DOPS.

Na fase final de minha pesquisa tive acesso ao recente livro de SILVA, Ângelo José. (*Comunistas e trotskistas: a crítica à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002) no qual o autor destina uma interessante análise do texto de Octavio Brandão, *Agrarismo e industrialismo* (1926). Teve, assim, o mérito de realizar uma primeira e significativa reflexão acerca do pensamento do dirigente comunista, recuperando sua importância com principal formulação teórica que condicionou a tática do PCB, ao longo da década de 1920. Ver, em particular as págs. 74-90.

⁴ Cf. AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma voz destoante no PCB: Octavio Brandão, militante e intelectual (1924-1957)*. Monografia de Bacharelado em História. Niterói: ICHF/UFF, março de 2000, 100p. A pesquisa teve como orientador o Prof. Dr. Jorge Ferreira e, como leitor crítico, o Prof. Dr. Daniel Aarão Reis Filho. Alguns meses depois, adaptei uma parte do referido trabalho em artigo, de mesmo nome, para o livro de REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000, pp. 98-136.

Naquele trabalho, procurei, em linhas gerais, resgatar alguns aspectos da militância de Octavio Brandão, bastante relegada pelos estudiosos. Pude, assim, ainda que superficialmente, trazer à tona um pouco de sua atuação política; e foi possível perceber alguns aspectos que, ao final daquela primeira pesquisa, me chamaram a atenção. Em especial, pelo fato de pouquíssimos militantes na história do comunismo nacional terem legado um currículo tão vasto e *sui generis* como o seu, onde constam: 65 anos de lutas dedicados aos trabalhadores e demais excluídos, sendo que, destes, cinquenta e oito vividos somente no interior do PCB; dezessete prisões, sendo que uma delas resultou no banimento para a URSS, onde se tornaria – do primeiro grupo dirigente do partido – o primeiro preso político deportado por Vargas em 1931, permanecendo no exílio por quinze longos anos. No seu retorno ao Brasil, em novembro de 1946, após um brevíssimo período de relativa notoriedade, vivenciaria quase onze anos na clandestinidade, nove dos quais no ostracismo político, no interior do PCB. Mas, apesar de todos esses reveses, jamais se afastou da militância, ou mesmo, em algum momento, deixou o partido que tanto se dedicara a construir. Um fato inédito, caso se compare a outros importantes representantes do comunismo nacional.

Entretanto, o nome Octavio Brandão continuava secundarizado e mesmo, de certa maneira, marginalizado por parte dos estudos referentes a essa temática. Somente mereceu algumas referências em dispersos artigos, revistas, homenagens e relatos de parentes, mas em âmbito regional, circunscrito a Alagoas, sua terra natal.⁵

Tornou-se, portanto, praxe, entre historiadores e outros cientistas sociais, ao analisar tanto a trajetória militante quanto o pensamento político de Brandão, relegá-lo a uma posição secundária em relação a outros personagens do comunismo nacional, sobretudo a Astrojildo Pereira. Apenas para citar dois dos mais expressivos autores que fizeram “pouco caso” da importância de Octavio Brandão, podemos destacar Nelson Werneck Sodré e Leandro Konder. O primeiro, prefaciando um dos mais importantes estudos sobre a temática da repercussão da Revolução Russa no Brasil⁶, fazia a seguinte afirmação:

“Até bem pouco, contávamos com algumas testemunhas e protagonistas da infância do movimento operário brasileiro entre os vivos, e eles podiam proporcionar aos estudiosos e pesquisadores, não apenas os conhecimentos oriundos da experiência vivida como os

⁵ Ao final dessa pesquisa, faço uma listagem das referências acerca de Octavio Brandão que pude localizar e, de certa maneira, utilizar. A maior parte dela, salvo algumas exceções, limita-se ao Estado de Alagoas.

⁶ Refiro-me ao clássico de Moniz Bandeira et alii, *O ano vermelho* – a revolução russa e seus reflexos no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. Cf. prefácio, pp. 2-3.

conhecimentos indiretos, indicando fontes preciosas que conheciam por terem assistido ao seu aparecimento e circulação. Everardo Dias já não existe. Astrojildo Pereira desapareceu. Resta-nos Edgar Leuenroth. (...) Como Everardo Dias e Astrojildo Pereira, que podiam fazer a crônica oral e viva de uma época inteira, Leuenroth é o último testemunho de tal época. Desaparecido este homem de riquíssimos conhecimentos, restará a consulta aos documentos (...)”⁷.

Na passagem acima mencionada, Nelson Werneck Sodré não faz nenhuma menção a Octavio Brandão como sendo também um “protagonista e testemunha viva”, em plenas condições de relatar os principais episódios vividos pelo movimento operário brasileiro. Além disso, acresça o fato de Brandão ter sido contemporâneo dos demais militantes destacados por Sodré – Everardo, Astrojildo e Leuenroth – sendo inclusive o último a falecer: apenas em 1980, bem depois daqueles.⁸ Por isso é pertinente a indagação sobre o(s) motivo(s) que teria(m) levado Nelson Werneck Sodré a não mencionar a importância de Octavio Brandão entre aquelas “testemunhas e protagonistas da infância do movimento operário brasileiro”. Acaso teria sido mero esquecimento?

Outro conhecido intelectual, o filósofo Leandro Konder, igualmente contribuiu para uma visão reducionista do legado de Octavio Brandão no interior do PCB. Segundo ele, o comunista alagoano representava “uma figura-chave para a compreensão de algumas taras que nasceram com o marxismo brasileiro”. Analisando a primeira geração do núcleo dirigente do partido, tornou-se comum, a esse autor, realizar uma hierarquia entre as suas principais personalidades. Procurava, por conseguinte, destinar maior importância a Astrojildo Pereira, como o “maior teórico e nome” do PCB, e minimizar o legado de Brandão, que teria passado para a história como um simples “Lenin que não deu certo”.⁹

Superando tais visões unilaterais, foi possível constatar que o escrito de Octavio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo* (1926) pode ser considerado o primeiro esforço analítico na tentativa de compreender a realidade nacional à luz daquilo que, com efeito, creio não seja precipitado intitular de “marxismo precursor” brasileiro, como, num capítulo específico, voltarei a discutir. Grosso modo, pode-se dizer que, naquele escrito, Brandão já levantava algumas das “bandeiras políticas” que caracterizariam as elaborações do PCB até quase o final da década de 1960, tais como, a luta antifeudal e a antiimperialista.

⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. Prefácio de *O Ano Vermelho*, op. cit. pp. 2-3.

⁸ Astrojildo Pereira faleceu em 1965; Everardo Dias morreu em 1966 e Edgard Leuenroth, no ano de 1968.

⁹ Refiro-me a Leandro Konder e a seu artigo “Octavio Brandão: o Lénin que não deu certo”. In: *Caderno Folhetim*, Folha de São Paulo, 23 de junho de 1985, pp. 6-8.

Por isso, agora, numa nova empreitada, utilizando novas e até mesmo inéditas fontes, tenho a oportunidade de historiar, com maior precisão, alguns desses, bem como de outros e ainda pouco conhecidos momentos na trajetória militante e intelectual de Octavio Brandão. Acredito que uma (re)visitação a esses momentos possa ajudar-me a melhor compreender a permanente tensão entre as esferas individual e coletiva, privada e pública, objetiva e subjetiva do homem Octavio Brandão.

O objetivo deste trabalho é, portanto, recuperar a importância do militante que permaneceu, até a sua morte, ligado às idéias e às práticas de determinada corrente da esquerda revolucionária brasileira. Pretendo, assim, realizar um debate com uma tradição historiográfica que, como já ressaltai, minimizou a importância de sua contribuição política e intelectual.

A periodização do projeto, por sua vez, segue um eixo bastante definido. Tem seus extremos compreendidos entre 1917 e 1980. A escolha da primeira linha temporal justifica-se por dar início à militância política de Octavio Brandão, ainda em Alagoas. Em sua terra natal, participou de significativas lutas populares que continuaram sendo bastante desconhecidas de maior reflexão.¹⁰ O que mais se conhece de sua trajetória militante é o período em que esteve ligado ao comunismo, a partir de outubro de 1922. Daí a razão principal na escolha daquela data para iniciar a presente dissertação.

No outro extremo, opto pelo ano de 1980. A razão dessa data poderia ser meramente formal por se tratar da morte de Octavio. No entanto, desejo entender com se deram os últimos momentos de sua vida militante. Além do ostracismo em que permanecia, alguns problemas de saúde começavam a se tornar constantes, debilitando-o ainda mais. O interessante, porém, é constatar que, mesmo apresentando vários problemas dessa ordem, o velho comunista não se afastou ou sequer rompeu com o PCB. Muito pelo contrário. Nos anos finais, conseguia ainda manter uma certa produção intelectual, escrevendo artigos, proporcionando entrevistas e, sobretudo, registrando suas memórias de militância.

São esses motivos que me animaram a estender a presente pesquisa à referida data. Para tentar reconstruir essa trajetória, o recurso teórico no qual me balizo são os procedimentos da biografia, mas inserida no referencial do que muitos historiadores

¹⁰ Um primeiro trabalho que tentou mapear essa primeira fase militante do revolucionário alagoano foi realizado por PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e omissão: Octavio Brandão e anarquismo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, São Paulo: USP, FFLCH, 1993. Mesmo assim, penso que ainda falta uma análise mais historicizada de alguns aspectos centrais correspondentes a esses anos iniciais na vida política e intelectual de Brandão.

qualificam de História Política renovada¹¹. Nesse sentido, vale destacar o considerável número de significativos trabalhos com tal temática. Não apenas os “grandes homens” merecem esta dignidade, mas também as pessoas comuns, os “subalternos”. As pertinentes palavras de Carlo Ginzburg ressaltam a importância de se estender o conceito histórico de indivíduo às classes mais baixas. Afirma o historiador italiano que alguns estudos biográficos “mostram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (...)”.¹²

Em termos dos novos estudos biográficos, convém ainda lembrar a orientação de um dos mais importantes historiadores contemporâneos: Eric Hobsbawm. Refletindo sobre a retomada da relação entre narrativa e história, argumenta que os resgates de trajetórias individuais devem estar sempre relacionados às questões maiores, contextuais. Segundo ele, “o acontecimento, o indivíduo, e mesmo a reconstrução de algum estado de espírito, o modo de pensar o passado, não são fins em si mesmos, mas constituem o meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular e de seus personagens”.¹³

Num critério de escolha, a presente pesquisa insere-se na já mencionada História Política renovada. Tal perspectiva não pensa o fato político isolado, mas relaciona-o a diversos imbricamentos, privilegiando, por exemplo, o comportamento dos diferentes atores sociais e suas várias formas de relação com a política e com o poder. Ao longo das últimas décadas, portanto, ampliou-se a noção do político, modificando, cada vez mais, a sua maneira de fazer e de pensar. O seu estudo passou a compreender não apenas a política em seu sentido tradicional, mas em nível das representações e dos imaginários sociais, da memória coletiva, bem com das diversas práticas discursivas associadas ao poder.

¹¹ Na historiografia brasileira recente, há também um esforço na releitura da biografia à luz da história política que leva em consideração uma inovadora e profunda construção de temas, escolhas teóricas e metodológicas interdisciplinares. Um claro exemplo nesse sentido é o trabalho de BERNARDES, Maria Elena sobre a trajetória da poetisa Laura Brandão (companheira de Octavio). Nele, a autora investiga como a poetisa viveu suas experiências no feminino, sua condição de mulher de vanguarda, sua militância política, percebendo, ainda, como sua atuação na vida pública influenciou ou alterou sua vida privada e vice-versa. Cf. _____. *Laura Brandão: a inviabilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1994.

¹² GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 87.

¹³ HOBBSAWM, Eric. “O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários”. In: *Revista de História*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991, pp. 39-46.

Permitia-se, então, ampliar seus limites e inaugurar novos temas e métodos de pesquisa. Estes passaram a ser inseridos na construção daquilo que se denominou de uma *história vista por baixo*, em oposição ao paradigma da *história da elite*, a fim de se desenvolver uma história social mais ampla, considerando os diferentes grupos sociais e não só as lideranças políticas como agentes do processo histórico. A partir desse pressuposto, procurava-se, finalmente, analisar e reconstruir não somente os acontecimentos, mas também a cultura política, vivida por tais grupos. Trata-se, por assim dizer, de uma opção por uma perspectiva da política como dimensão fecunda, buscando articular o social e suas representações, destacando seu caráter interdisciplinar e sua oposição ao que os historiadores franceses denominam de *jardins particulares*.¹⁴

Isso, a meu ver, constitui um meio eficaz na construção de uma narrativa que possa dar conta de elementos contraditórios (e, portanto, não-lineares), constituintes da identidade de um indivíduo, sem deixar, contudo, de levar em consideração as diferentes representações que dele se possa ter, conforme a ótica e a época de um determinado contexto histórico-social. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, como já salientei anteriormente, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico.

*

Metodologicamente, a presente dissertação divide-se em seis capítulos. No primeiro, intitulado *O militante libertário (1917-1921)*, acompanho os anos iniciais da vida de Octavio Brandão, desde os aspectos familiares mais marcantes até o início das primeiras lutas nas quais se engajou, ainda em seu estado natal, Alagoas. Outrossim, pretendo compreender o curto período em que esteve ligado às idéias libertárias, já na cidade do Rio de Janeiro, marcado, entretanto, por uma significativa produção intelectual, como artigos e poesias na imprensa libertária, além da atuação militante em conferências destinadas aos trabalhadores, propagando o ideal que concebia. Por fim, procuro perceber os principais aspectos que o levaram a perseguir o que denominou de “teoria-bússola”, ou seja, o referencial do bolchevismo soviético.

Para um mapeamento dessa sua primeira fase militante, as principais fontes que utilizo são: as “*Coleções*”, correspondentes ao seu arquivo pessoal, reunindo recortes e

¹⁴ Conforme, entre outros, JULIARD, Jacques. “A política”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, 1976; e REMOND, René. “Por que a história política?” In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994. Grifos meus.

artigos de sua autoria ou que falam sobre ele, estudos científico-literários e poesias que cobrem distintos momentos de sua trajetória. Além disso, disponho de vários jornais em que colaborou diretamente ou aqueles que apenas publicavam seus escritos, como, por exemplo, *A Semana Social* (Maceió), *A Tribuna do Povo* (Pernambuco), *Spartakus* e *Voz do Povo* (Rio de Janeiro) e *A Plebe* (São Paulo).

O segundo capítulo denomina-se *O militante e intelectual do Partido (1922-1928)*. Nele, busco rastrear as lutas que Octavio Brandão desenvolveu no interior do PCB, dificultadas pela intensa repressão e pela condição de ilegalidade que os comunistas sofreram nos seus primeiros anos. Por estar à frente de inúmeras delas, Brandão mereceu uma constante vigilância por parte dos órgãos da polícia política. Proponho ainda realizar um debate com a historiografia acerca da importante formulação que orientou a atuação dos comunistas na década de 20. Nesse sentido, discuto seu polêmico escrito *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*, redigido em sua maior parte em 1924, no qual pioneiramente advoga a existência do pressuposto feudal nas relações socioeconômicas do país e formula, pela primeira vez, a necessidade de uma política de alianças para os comunistas naquele momento.

Como principais fontes a serem utilizadas neste capítulo, destaco *Combates e batalhas* - vol. 1, seu conhecido relato autobiográfico, além de revistas e jornais do PCB, como, por exemplo, *A Classe Operária*, utilizando, ainda, documentos feitos pelos órgãos de repressão política de seu Prontuário, do fundo DOPS, depositados no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.

Auge e queda (1929-1930) é o título que dou ao terceiro capítulo, no qual verso sobre dois momentos bastante intensos na vida política de Octavio Brandão, mas, ao mesmo tempo, difíceis e traumáticos. No primeiro, analiso a façanha que conseguiu ao ser um dos dois e primeiros intendentes (vereadores) eleitos pelo PCB, através do Bloco Operário e Camponês, legenda político-eleitoral criada pelo partido para disputa das eleições municipais, no final de 1928. Procuo acompanhar o teor e a repercussão dos discursos, requerimentos e indicações que fez no Plenário do Conselho Municipal do Distrito Federal, bem como as pressões e as ameaças que sofrera de representantes dos grupos políticos tradicionais. A principal fonte que utilizo, para seguir essa curta, mas intensa “agitação parlamentar” de Octavio Brandão, são os *Anais do Conselho Municipal do Distrito*

Federal (1929-1930), disponíveis na Biblioteca da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ).

Realizo também, nesse capítulo, uma reflexão de outro escrito de sua autoria, “*O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*”, publicado na revista *Autocrítica*¹⁵, como contribuição aos debates do III Congresso do PCB de 1928. Sua importância constitui no fato de Octavio ter formulado uma teoria revolucionária baseada na noção das “etapas”, diante da crescente crise econômica e política que dominava o país, em fins da década de 1920. Tese essa, como pretendemos sustentar, original e não “importada” como se tornou preponderante na historiografia especializada. Não é sem motivos que o seu autor incorpora nela algumas das idéias já presentes em seu escrito de 1924, tratando, sobretudo, de aperfeiçoá-la em uma teoria que fosse algo como um projeto nacional-popular, alternativo à modernização burguesa do movimento político-militar de 1930. Finalmente, procuro compreender a grande *tournant* ocorrida no interior do *Komintern* (Internacional Comunista), com a vitória e a consolidação do grupo staliniano, e as drásticas consequências que trariam para o PC do Brasil e, em particular, para Octavio Brandão. Esse último, como se verá, receberia a atribuição de “o grande culpado” pelos “desvios” da linha política que até então orientava a atuação dos comunistas brasileiros. Para essa tentativa de mapear o processo de interferência da IC no PCB, utilizo alguns números da revista *La Correspondencia Sudamericana*, porta-voz do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SSA-IC), órgão que procurou centralizar os PCs do continente diante das novas tendências advindas de Moscou, no pós-1926. No que se refere ao balanço de Octavio Brandão acerca desses dramáticos momentos vividos em sua militância e que gerariam o seu primeiro ostracismo, recorro aos depoimentos dados por ele, anos depois, ao seu já citado relato autobiográfico e a um texto no qual analisa o significado do movimento político-militar de 1930, que permanece inédito.¹⁶

O quarto capítulo intitula-se *Exilado na “pátria do socialismo” (1931-1946)*. Inicialmente, busco compreender os motivos que levaram as autoridades policiais do Governo Provisório chefiado por Vargas a deportar Octavio Brandão, tornando-o, assim, o primeiro preso político do PCB, naquele período a merecer tal destino. Dedico também

¹⁵ Cf. BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”. *Autocrítica*. (6): 12-15, 1928. Este artigo encontra-se publicado, como fonte documental, em apêndice do livro de Michel Zaidan Filho, *PCB (1922-1928): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985, pp. 121-132, de onde partiram nossas reflexões.

¹⁶ Refiro-me ao escrito “A ‘Revolução’ de 1930”, escrito em 1954, e que se encontra depositado no *Fundo Octavio Brandão (Inventário)* do Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, na pasta 81.

uma análise, ainda hoje inédita, sobre a estada de Octávio Brandão no exílio na União Soviética, onde permaneceria por quinze anos. O militante comunista testemunhou momentos marcados por situações contrastantes – profícuas e, ao mesmo tempo, dolorosas – como o otimismo diante da industrialização acelerada; a visão dos terríveis expurgos do “Grande Terror”, sendo ele mesmo ameaçado; as crueldades do avanço nazista durante a Guerra, já no início dos anos 40 e o mais duro golpe que sofreria: a morte de Laura Brandão, sua inesquecível companheira. São, portanto, alguns desses momentos vivenciados *in totum* por Octavio que procurarei, ainda que parcialmente, resgatar.¹⁷

Como fonte primária central para historiar esses “anos obscuros” vividos em terras distantes pelo “índio caboclo alagoano”¹⁸, disponho de seu relato, que pode ser considerado a continuação de suas memórias, *Combates e batalhas*, mas que, ainda hoje, permanece inédito. Vale dizer que só foi possível consultá-lo, após longas e saudáveis “quedas de braço” com Dionysa Brandão que, ao final, autorizou sua leitura. Faço a ela novamente um agradecimento pela confiança em mim depositada. Finalmente, procurarei utilizar alguns documentos correspondentes a uma pequena parte do acervo pessoal de Octavio Brandão, existente em Moscou, e que chegou ao Arquivo Edgard Leuenroth, em agosto de 1995, graças a uma das filhas do militante comunista, Valná Brandão Tchudínova.¹⁹

Militância vigiada: ostracismos e desabafos (1947-1956) é como identifico o quinto capítulo da dissertação. Nele, reflito sobre o período posterior ao retorno de Octavio Brandão ao Brasil. Procurarei ver como vislumbravam as esperanças renovadas num novo momento na vida política do velho militante comunista, como, por exemplo, a façanha de ter sido reeleito vereador pelo PCB, mesmo tendo ficado ausente do país por uma década e meia. Mas, logo a seguir surgiriam novas e velhas frustrações e desilusões com a direção do PCB; um outro e difícil período de clandestinidade; e ainda, por fim, uma nova fase de ostracismo que vivenciaria no interior do partido, durante a maior parte da década de 50.

¹⁷ Digo parcialmente, lamentando o fato de não ter podido (ainda que tenha imaginado em certos momentos) examinar alguns dos seus documentos inéditos que fazem parte do “Dossiê Octávio Brandão”, existente no Arquivo do Komintern, na parte outrora conhecida como “Arquivo secreto”, em Moscou. Nele foi possível saber, graças a Valná – um das filhas do militante comunista que ainda hoje reside na capital russa – que transcreveu para o português a listagem daquele valiosíssimo material sobre seu pai. Nessa listagem pôde-se verificar um número de setenta e sete documentos, compreendidos entre 1931 e 1945.

¹⁸ Essa era a autodenominação que Octavio Brandão mais fazia a seu respeito.

¹⁹ Esses documentos encontram-se ainda guardados em pacotes, na chamada reserva técnica do Arquivo Edgard Leuenroth, por ainda não estarem catalogados. São periódicos, livros, manuscritos, recortes de jornais de Octavio e de terceiros referentes a ele.

Por fim, busco compreender a importância que o ano de 1956 teve para o Octavio. Conseqüência do contexto liberalizante gerado pelo Relatório “secreto” do então dirigente soviético Nikita Krushev – e apresentada ao XX Congresso do PCUS, no início daquele ano –, é que o velho comunista escrevia um artigo intitulado “*A política de quadros*”, publicado num importante jornal do PCB²⁰. A importância desse escrito reside no fato de ser a primeira vez, desde 1930, que Octavio Brandão tinha garantido o direito de denunciar publicamente, as violações, os boicotes e os ostracismos que sofreu pelos sucessivos grupos dirigentes do PCB.

Utilizo, como fontes principais para a compreensão de todos os tumultuados e tensos momentos na trajetória militante do comunista alagoano, os documentos existentes no Fundo Octavio Brandão, do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), na UNICAMP, especializada no período pós-46 da vida de meu biografado. São cartas, manuscritos, cadernetas, autobiografias e dossiês redigidos por ele. No que concerne à nova fase parlamentar de Octavio, torna-se imprescindível a documentação oficial dos *Anais da Câmara do Distrito Federal*, compreendidos entre os meses de março a setembro de 1947.

O último capítulo denomina-se *A construção da memória*. Procuo analisar as variadas construções e os dilemas sobre a memória de Octavio Brandão, feitos a partir da contraposição do que se poderia considerar como dois discursos: o da direção do PCB e, um outro, baseado em cartas e artigos enviados aos jornais do partido por simples militantes. Ambos os posicionamentos encontram-se nos artigos remetidos ao jornal comunista, *Imprensa Popular*. Finalmente, busco compreender os últimos anos de vida de Octavio Brandão. Grosso modo, são momentos de amargura diante de sua situação de abandono por parte da direção do PCB, corroborando para o que o velho militante julgava ser uma “conspiração do silêncio” contra a sua obra e sua militância. Não obstante, mantinha uma “fé inquebrantável” de que tal situação se alteraria, pois ainda desejava, apesar de todos os pesares, cumprir suas tarefas. Para reconstituir os momentos finais de meu biografado, analiso alguns escritos inéditos em que ele avalia, com muita lástima, os fatos e os responsáveis por tais circunstâncias. Novamente as fontes do AEL têm valor inestimável para esse intento. Utilizo, por fim, os inúmeros depoimentos e entrevistas concedidos por Brandão a pesquisadores e a jornalistas, respectivamente, nos três últimos anos de vida. Momento este marcado pela divulgação das idéias e avaliações de sua

²⁰ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 25 e 26.10.1956, p. 3.

trajetória no comunismo brasileiro e internacional. Talvez seja uma boa indicação para um pesquisador que se interesse em historiar a vida de um militante que sempre fez questão de assegurar a sua fidelidade ao partido, mas, como começaremos a ver nas páginas a seguir, continuava a ser uma “memória silenciada” por parte tanto da memória oficial do PCB, como da própria historiografia tradicional.

Apesar de essa grande empreitada em nada se constituir uma tarefa simples, Marc Bloch faz uma advertência que muito me serviu de incentivo, ao atenuar as dificuldades muitas vezes encontradas no decorrer da presente pesquisa: “o bom historiador se assemelha ao monstro da lenda, onde farejar carne humana é onde se acha a caça”.²¹

²¹ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Mira-Sinistra, Publicações Europa-América: Lisboa, 1976, p. 28.

CAPÍTULO 1

O MILITANTE

LIBERTÁRIO (1918-1921)

1.1- Anos iniciais

“Descobri Octavio Brandão no mesmo colégio, nascido três anos depois de mim, em 1896. No seu temperamento já naquela idade rebelado, não havia comodismo; e a sua coragem quase juventude me atraiu logo. Possuía uma puerilidade espantosa, profetizando auroras, e era secretamente digno. E esse digno revoltado com quem mantenho até hoje uma amizade perfeita, em 1913, já era ateu diante de meu espanto cristão. (...)”

Octavio podia ser abundante e errado, porém jamais sumítico e diletante. Todavia, ao lado de seu ateísmo havia em Octavio uma sede de justiça que a quase totalidade de nossos companheiros desconhecia. (...)”

Jorge de Lima

(Minhas memórias: tempos de Magia e Contemplação, vol. 1., 1958).

Octavio Brandão Rego nasceu no dia 12 de setembro de 1896, em Viçosa, antiga zona canavieira, no interior de Alagoas. Era filho de Maria Loureiro Brandão Rego e de Manoel Corrêa de Mello Rego.

Logo bem cedo, quando ainda não tinha completado quatro anos, um fato inesperado ocasionou a primeira grande tristeza em sua vida: a morte da mãe, no ano de 1900, vítima de infecção puerperal. Tratada carinhosamente por “Marroquinha”, D. Maria Brandão casou-se bem jovem. Era uma mãe extremamente carinhosa, simpática, delicada, afetuosa e hospitaleira. Teve cinco filhos, sendo que o primeiro, o quarto e o quinto faleceram logo nas primeiras horas. Conseguiu apenas criar com dificuldades Octavio e Mariinha¹. O triste episódio do falecimento da mãe gerou no jovem menino uma profunda lacuna. Tempos depois, ele mesmo admitiria, em suas memórias, que “desde o começo a vida negou-me a doçura inicial. Encheu-me de amargura”.²

O pequeno Octavio e a irmã mais nova foram levados para a casa do avô materno, Teotônio Torquato Brandão, na cidade alagoana de Barro Branco. Didinho Torquato, como era apelidado, apesar de também ter sentido muito a morte da filha, procurou cuidar das pequeninas crianças órfãs, dando-lhes bastante afeto e atenção.

Mas, logo a seguir, outra grande tristeza causaria forte e doloroso impacto na vida do menino: a morte do avô, ocorrida sete meses após o falecimento de sua mãe. Essas duas importantes perdas familiares, num curto espaço de tempo, afetaram ainda mais Octavio.

¹ Octavio Brandão teve ainda outra irmã, por parte de pai chamada Ceci. Ela faleceu em 1939.

² BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas (memórias)* - vol. I. Rio de Janeiro: Alfa-Ômega, 1978, p. 44.

Morto o avô materno, seu pai, Manoel Rego, foi buscar os filhos a fim de enviá-los à escola para que tentassem esquecer os enormes abalos emocionais que tiveram. A menina permaneceu com uma tia paterna, enquanto o menino acompanhou o pai e voltou a Viçosa.

Manoel Corrêa de Mello Rego era um prático de farmácia. Possuía um pequeno estabelecimento do ramo. Embora o estimasse, o Sr. Manoel era muito rigoroso com o garoto. Muitas vezes não deixava nem sequer brincar. Por tudo isso, Octavio recorda que, já na adolescência, “a vida tornava-se monótona”. A rigidez paterna podia ser resumida através de uma ladainha que ele sempre repetia para o jovem menino: “Da farmácia para a escola, da escola para a farmácia”³. Bastante sensível, o pequeno Octavio cresceu sem carinho, vivendo assim até 1919, quando, finalmente, encontraria seu primeiro motivo de felicidade e amor: sua inesquecível companheira Laura da Fonseca e Silva.

Apesar da severa educação paterna, Octavio Brandão reconhecia, no entanto, que ela teve pontos positivos como, por exemplo, o “respeito às moças e senhoras”. Também destaca o fato de ter, desde cedo, se livrado “das más companhias”. Assim, não se faz de rogado em maximizar um dos aspectos que mais tarde marcariam sua formação como militante, particularmente, no interior do PCB: a valorização de uma *conduta moralizante* em seu comportamento. Um exemplo desse atributo pode ser constatado quando afirma que na rígida educação infantil não havia convivido “com meninos deformados e viciados”⁴.

Formalmente católico, seu pai nunca se preocupou em doutrinar o filho. Durante toda a infância, Brandão só esteve uma vez na igreja, “aos três anos de idade, para ser batizado”. Essa liberdade dada por seu pai, mais tarde o levaria a optar pelo ateísmo.

A “Farmácia Popular” de Neco Félix, como era popularmente conhecido o Sr. Manoel Rego, prestava a maior parte de seus serviços a trabalhadores rurais negros, escravos e mestiços de outras cidades. Dessa clientela o jovem Brandão ouvia várias lendas, histórias e narrativas a respeito das lutas dos antigos índios, dos combatentes dos Quilombos dos Palmares⁵ e da heróica resistência de Zumbi e de seus companheiros, além

³ Idem, p. 48.

⁴ Idem, ibidem, p. 48. Numa outra passagem de suas memórias, pode-se ver um outro exemplo dessa excessiva preocupação moralizante de Octavio Brandão ao se referir ao Rio de Janeiro, logo após sua chegada. Não obstante reconhecê-la como uma cidade de grande beleza assevera, contudo, que seu mais grave problema era o fato de ela “perder-se nas piadas e futilidades, no carnaval e futebol, no jogo e no álcool, na macumba, e espiritismo, nos excessos sexuais e dramas passionais”. Idem, p. 150. (Grifos meus).

⁵ Sabe-se hoje que o mais conhecido Quilombo se localizava entre os municípios de União dos Palmares e Viçosa.

da vida e da situação por que passavam os trabalhadores de Alagoas. Tudo isso fê-lo conviver de perto com os problemas das classes oprimidas, da recém-formada República brasileira.

Aliás, o próprio Neco Félix simpatizava com a causa republicana num momento em que, ainda no interior do Estado, as notícias do advento do novo regime eram incertas e contraditórias. Chegou, até mesmo, a se tornar vereador e um dos signatários da ata da sessão extraordinária de adesão à República que a Câmara Municipal local realizou, no dia 30 de novembro de 1889. Pouco depois, no entanto, decepcionou-se com ela. Passou a ser um opositor daquilo que considerava ser um governo reacionário que estava nas mãos dos proprietários rurais e da grande burguesia.⁶

Seu pai havia sido, portanto, a personalidade a formar as primeiras idéias críticas de Octavio Brandão. A esse respeito, recorda que, como reflexo do “Ensaio geral” russo de 1905, ele já falava mal do czar. Mostrou-lhe, inclusive, algumas fotos das manifestações populares que ocorriam naquele país. Por conseguinte, pode-se dizer que dois fatores inter-relacionados contribuíram significativamente para a posterior formação nacionalista, num primeiro momento, e, mais tarde, libertária e anticapitalista de Octavio Brandão: por um lado, as idéias progressistas passadas por seu pai e, por outro, a difícil realidade das condições de vida dos populares que freqüentavam a farmácia do Sr. Neco Félix.

Na Viçosa de 1908 as escolas primárias eram fracas. Apesar de o pai conseguir sustentar o pequeno menino, não via possibilidade de lhe custear uma educação promissora. Para agravar a situação, o Sr. Neco Félix empobrecia ano a ano, contraindo pesadas dívidas e tendo muitas dificuldades em pagá-las. Tudo isso o levou a uma difícil solução: entregar a tutela de seu filho ao tio materno, Alfredo Brandão.

Aos onze anos, Octavio viu o pai pela última vez. O Sr. Neco Félix mudou-se para Palmeiras dos Índios, no agreste alagoano e, no dia 3 de janeiro de 1911, falecera, na mais profunda miséria, com apenas 48 anos de idade. Octavio Brandão lembrava desse outro triste episódio em sua vida juvenil, dizendo que, quando recebeu a notícia em Viçosa, já “era tarde demais”. Em tom de amargura, relembra o fato de sempre ter lamentado o destino de seu pai. É convencido, então, a deixar, pela primeira vez, a cidade de Viçosa. Segue para a capital Maceió, em companhia de seu tio Alfredo que lhe custeava os estudos até 1914.

⁶ Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 63.

Coube a outro tio materno, Elói Brandão, a iniciativa de destinar maior atenção à educação do rapaz. Matricula-o num internato: o Colégio Diocesano dos Irmãos Maristas, de origem francesa. Octavio, desde cedo, recebera de seu falecido pai uma completa indiferença para com assuntos referentes à religião, tendo ele próprio, nunca participado de uma missa. Mas havia um sério problema: seu tio Elói, além de ser um religioso convicto, era o diretor espiritual do Seminário de Alagoas, em Maceió. Pretendia fazer com que o menino seguisse seus pensamentos. O fato lhe ocasionaria a primeira e grande divergência em sua nova família. Rebelou-se contra tal imposição, chegando mesmo a se recusar a estudar o catecismo. Por essa atitude foi severamente castigado. Brandão admitia que, nesse obscuro período, “depois de 30 horas de castigo, havia se tornado católico praticante”. Contudo, ressalta que “os ‘métodos’ de velha inquisição, moral e ideológica tornaram-se ilusórios”. E, em tom de desabafo, afirmou que “a intoxicação mística durou apenas dois anos e meio”.⁷

Apesar desses problemas, foi no colégio que conheceu aquele que veio a ser um de seus maiores amigos, o poeta Jorge de Lima⁸. Este último, em suas memórias, recorda-se de seu colega, dizendo:

“Descobri Octavio Brandão no mesmo colégio, nascido três anos depois de mim, em 1896. No seu temperamento já naquela idade rebelado não havia comodismos; e a sua coragem quase juventude me atraiu logo. (...) Esse digno revoltado com quem mantenho até hoje uma amizade perfeita, em 1912 já era ateu diante do meu espanto cristão (...).”⁹

⁷ Idem, p. 62.

⁸ Jorge de Lima (1893-1948): médico, pintor e poeta. Em 1946, foi um dos vereadores do PCB eleitos pelo então Distrito Federal. Na época, reunia uma parte da intelectualidade em seu consultório, localizado na Cinelândia, no centro do Rio, no mesmo prédio onde até hoje funciona o tradicional bar-restaurant Amarelinho. É interessante destacar aqui, como faz a antropóloga Luitgarde Cavalcanti, organizadora do livro *Octávio Brandão. Centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*, que Octavio, antes de entrar na clandestinidade, em 1948, havia deixado, com Jorge, uma pesada mala fechada. Brandão não queria deixar que o objeto caísse nas mãos da polícia que, naquele momento, estava no seu encalço. Somente após a sua absolvição, muitos anos depois, em 1958, é que essa mala foi procurada por seu dono. Como atenta a autora, depois que viveu no exílio, Octavio Brandão tinha como hábito a segurança e a precaução com seus materiais e documentos. Ele guardava seus exemplares com amigos e as filhas em Moscou. Graças a essa oportuna providência, foi possível salvar papéis de imenso valor documental para os historiadores, as chamadas “Coleções”. Cf. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. (org.). *Centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Cultural/ SR-3, Arquivo Público, 1996, p. 25. Esses materiais constituem uma espécie de caderno em formato de livro de atas onde Brandão colava recortes de jornais e de revistas sobre assuntos que estudava, além de seus próprios artigos publicados na imprensa. As “Coleções” encontram-se sob a guarda de uma de suas filhas, Dionysa Brandão, que vive no bairro de Santa Tereza e a quem sou muito grato por ter me disponibilizado a consulta a esses valiosíssimos papéis.

⁹ LIMA, Jorge de. *Minhas Memórias – Tempos de Magia e Contemplação*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar LTDA, 1958, p. 134.

Malgrado as dificuldades que lhe haviam causado, os meses passados no colégio serviram-lhe para aprender o domínio da língua francesa. Ele mesmo relata que foi obrigado, nesse período, a ler os originais de *O gênio do Cristianismo* de Chateaubriand. Entretanto, o mais importante era que esse conhecimento lhe permitiria, anos mais tarde, em 1923, já no PCB, ter sido o primeiro tradutor de *O Manifesto Comunista*, utilizado em círculos operários do Rio de Janeiro nos quais militava.¹⁰

No final de 1911, apesar de receber forte pressão do tio, Octavio Brandão resolveu abandonar o colégio marista. Concomitantemente ao aborrecimento com a atitude de seu sobrinho, o padre Elói Brandão ainda enfrentava problemas internos com o alto clero da instituição. Desgostoso com tudo resolveu abandonar suas funções e partiu para o interior. Quatro meses depois veio a falecer. Octavio passou a conviver mais de perto com o outro tio, Alfredo – a quem sempre mais estimara –, apesar de admitir que este último lhe era também “seco, severo e ríspido”. Contudo, jamais deixou de dedicar-lhe gratidão, pelo fato de ele ter financiado seus estudos, mesmo depois, já na Universidade, em Recife.¹¹

A década de 1910 teve profundo significado na vida Octavio. Foi nesse período que alguns episódios históricos começavam a chamar-lhe fortemente a atenção. Um deles foi a Revolta da Chibata. Acompanhando com interesse, ficou impressionado com o desenrolar daquele acontecimento, ao assinalar que havia sentido “simpatia pelos marinheiros e horror ao governo que massacrava os filhos do povo”. Da mesma forma, atentava para outras informações que se desencadeavam no cenário internacional, ao dizer que, em Maceió, “lia nos jornais as notícias sobre as lutas dos povos: a revolução agrária no México, em 1910, o derrubamento da monarquia em Portugal também em 1910 e, na China, em 1911”.¹²

Numa manhã de fevereiro de 1912, Octavio Brandão deixou seu Estado natal pela primeira vez. Seguiu para Recife, onde realizou um exame de admissão à Escola de Farmácia. Teve êxito e lá foi residir. Começava uma nova fase em sua vida, dando início ao que chamou de “primeiro passo libertador”: engajou-se na luta que autodenominada de “libertação espiritual do povo brasileiro”¹³. Estabelecendo-se na capital pernambucana, começou o curso de farmacologia, aos dezesseis anos incompletos. As chamadas Ciências

¹⁰ Cf. LINDOSO, Dirceu. “O legado de Octávio Brandão”, in: *Jornal EXTRA*, n.º 10. Maceió, 13.07.1984.

¹¹ Esse reconhecimento ao seu tio Alfredo pode ser constatado na dedicatória que Octavio fez a ele, na primeira edição de seu estudo naturalista, *Canais e lagoas*. Embora tenha terminado a parte fundamental dessa obra em outubro de 1917, publicou-o, pela primeira vez, em 1919, no Rio de Janeiro.

¹² Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 66.

¹³ Idem, p. 68.

Naturais exerceram nele grande fascínio. Começava a descobrir a importância de autores como Darwin, Humboldt, Martius e outros.

Paralelamente ao seu interesse pelas Ciências Naturais, Octavio Brandão passou a colaborar em determinadas pesquisas históricas realizadas por seu tio Alfredo, em particular sobre o Quilombo dos Palmares. As anotações feitas, a partir de documentos existentes na cidade de Recife, resultaram no poema “A morte de Zumbi” publicado numa autobiografia que redigiu para o jornal *Diário de Pernambuco*, em 1914. Como assinala Alice Plancherel, é nele que Brandão iniciou sua atividade literária.¹⁴

Na efervescência da vida acadêmica em Recife, Octavio Brandão buscou reforçar a sua base ideológica. Apesar dos seus dezesseis anos, começava a ler os filósofos considerados materialistas. Impregnou-se do cientificismo dominante em autores como Heráclito, Demócrito, Epicuro, Spinoza e Diderot, que muito admirava. Após estudá-los, fez importante descoberta cognitiva: passou a autodefinito-se como “ateu e materialista”. No entanto, reconhecia que aquela descoberta ainda “não era, nem poderia ser conseqüente”. Faltava, em seu entender, algo indispensável para uma verdadeira compreensão materialista, “o conhecimento profundo e a experiência vivida”. Naquele momento, admitia que era apenas um simples “partidário do idealismo filosófico”. Mas, apesar de todas as falhas que tinha, não nega que, a partir de 1912, “teve um caráter avançado e progressista”.¹⁵

Demonstrava ainda grande afeição pela poesia e pela literatura nacional mais engajada. Seus autores preferidos eram Castro Alves e Euclides da Cunha. Mas também admirava as idéias e a ousadia de Tiradentes. Por conseguinte, sempre quando possível, procurava evocar e popularizar as idéias dessas importantes personalidades. Assim, mesmo que seu pensamento fosse marcado por um ponto de vista em que predominava o idealismo, buscava melhores formas de compreender a realidade. Isso se deu a partir da convivência que teve com mulheres e homens nos engenhos, nos mangues e na cidade de Alagoas. O desejo de ser naturalista, contudo, era o mais forte naquele momento.

Octavio Brandão formou-se em 1914. Apresentou uma tese naturalista a respeito dos aspectos da botânica brasileira. No final do mesmo ano, decidiu retornar a Alagoas. Passou a trabalhar como farmacêutico em seu próprio estabelecimento, a Farmácia Pasteur, em Maceió, onde permaneceu por cinco anos. Atendia nela das 7h da manhã às 10:00h da

¹⁴ PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e omissão: Octavio Brandão e anarquismo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, São Paulo: FFLCH, USP, 1993, p. 56.

¹⁵ Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 71.

noite e também cumpria a função de enfermeiro, lavando úlceras e cuidando de sífilíticos. Na pequena farmácia, passou a conviver com os moradores do bairro da Levada; entre eles pescadores, canoieiros e lavradores pobres da região dos canais e das lagoas. Apesar de tanto trabalho, nos domingos e nos feriados, continuava a estudar as Ciências Naturais e a Literatura.

No ano de 1916, desejou superar aquilo que até então reconhecia ser sua maior debilidade: a ausência de uma “experiência vivida”. Por conseguinte realizou uma vasta pesquisa de campo, iniciando longa incursão pelo interior do Estado de Alagoas. Percorreu o litoral e outras povoações ribeirinhas à canoa. Atravessou cidadelas do interior, vales e montes, chegando à proeza de ter percorrido, como ele próprio afirmou, “um total de 1.500 quilômetros, dos quais 600 a pé”.¹⁶ Embora demonstrasse toda a sua disposição, tal empreitada, contudo, não foi nada fácil. No decorrer de seu percurso, passou por sérios problemas como sede, fome, febre, cansaço, além dos ferimentos que teve pelo corpo. Como consequência de seu trabalho mineralógico, Octavio Brandão, com apenas 21 anos de idade, realizou três conferências em Maceió. A apresentação de sua segunda preleção foi publicada no *Jornal do Comércio*, em outubro de 1917.

Pesquisando no Arquivo Edgard Leuenroth, foi possível encontrar um texto escrito por Pedro Lobão Filho – ainda que sem data – em que recordava alguns aspectos da personalidade de Octavio naquele momento. Afirma que o trabalho do jovem naturalista tinha “grande valor como documentação” devido às incansáveis peregrinações que fazia por lugares distantes, como “Boca da Caixa, Volta d’Água, Bica da Pedra e outros recantos pitorescos da terra natal”. A respeito dos esforços, dizia que Brandão “passava a maior parte de seu tempo com as pernas atoladas na lama dos mangues e chegava por ali com comprimidos de quinino para distribuição aos impaludados da zona”¹⁷. Por fim recordava que, depois dessas longas caminhadas, o farmacêutico alagoano “voltava para casa como um índio de cara queimada pelo sol nas infatigáveis viagens de canoa”.

Em janeiro de 1918, sua pesquisa foi publicada, sob forma de brochura, com o título *A mineralogia e a geologia dos Canais e das Lagoas*. Essas conferências foram reunidas em sua primeira importante obra *Canais e Lagoas*, editada em 1919, no Rio de Janeiro. O livro advoga a existência de indícios petrolíferos em quatorze lugares de Alagoas. Por essa

¹⁶ Idem, p. 86.

¹⁷ LOBÃO FILHO, Pedro. “Octavio Brandão”. *Gazeta de Alagoas*, s.d., 1p. *Fundo Octavio Brandão*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/UNICAMP, pasta 116.

razão, Octavio já preconizava a construção de um porto, a desobstrução e a drenagem de rios.

Seu importante esforço mereceu comentários de alguns jornais da época. O periódico alagoano *A Semana Social – órgão político, literário e noticioso*, publicou um comentário a respeito da conferência proferida por Octavio Brandão. Rendia elogios ao jovem naturalista, afirmando que sua exposição revelava a “brilhante afirmação do seu grande valor intelectual”. E, apesar de frisar a precariedade com que Brandão havia realizado o seu estudo, “só tinha para medir – a trena do olhar”, reconheceu, todavia, o conjunto de seu legado, ao dizer:

“Octavio sintetizou a sua conferência em 22 projetos. Nesses projetos ele reuniu o que quer que se faça a bem desta terra e deste povo. Pediu ao governo que se interessasse pelo povo e aconselhou a este que auxiliasse o Estado; lembrou várias medidas de interesse vital a serem tomadas, tais como a drenagem das lagoas (as quais ameaçavam se transformar em canais e mais tarde terra firme), a abertura dos poços para a extração do petróleo em vários lugares que indicou, a exploração para fins metalúrgicos da limonite existente nesta rica região e outras medidas mais (...)”¹⁸.

O pintor alagoano Virgílio Maurício, no jornal *Diário do Povo* de Maceió, fez reverências ao jovem naturalista, afirmando que ele era “o mais jovem sábio que conheço, o sábio de vinte anos”. No final de seu artigo, congratulava a obra de Octavio Brandão, afirmando que ela “será eterna, como já é eterno o seu nome no coração dos brasileiros”.¹⁹

De Recife, o jornal *Tribuna do Povo*, em 1918, também elogiava a pesquisa de Octavio Brandão. Destacava, em particular, a forma pela qual ele fazia críticas a alguns aspectos da conservadora sociedade alagoana. A esse respeito, destacava que o maior mérito do farmacêutico e naturalista era ter “exposto e criticado a exploração dos senhores de engenho, o estúpido fanatismo religioso, os malefícios do parasitismo bacharelesco e político e tudo o que infelicita o povo alagoano”.²⁰ O artigo termina elogiando o “digno e corajoso modo de escrever” de Brandão, embora já o alertasse para uma forte reação que poderia sofrer “das iras surdas da corja burguesa”. Mesmo assim, o jornal pernambucano reconhecia o mérito de Octavio “por ter procedido como homem sincero e humanitário”.²¹

De certa maneira, o próprio Octavio Brandão constantemente procurou destacar, em seus escritos ou nas palestras das quais participou, a importância de se considerar como o

¹⁸ “Sobre a conferência de Octavio Brandão”. *A Semana Social – Órgão político, literário e noticioso*. Maceió, 20.10.1917, n.º 24, s/p.

¹⁹ *Diário do Povo*. Maceió, 06.03.1917.

²⁰ *Tribuna do Povo*. Recife, 10.04.1918, n.º 5, ano I, s/p.

²¹ Cf. Idem.

“pioneiro na luta pelo petróleo brasileiro”. No primeiro volume de seu relato autobiográfico, fez questão de agregar alguns trechos de importantes intelectuais que teriam reconhecido a originalidade de seu estudo e de sua inegável contribuição. Como alguns dos depoimentos dessas personalidades corroboram com os seus argumentos, penso que valha a pena mencionar um desses significativos exemplos.

Em uma passagem de sua autobiografia, Octavio Brandão diz que logo após enviar uma brochura de *Canais e Lagoas* para o historiador Rocha Pombo, este último, em uma carta-resposta, datada de março de 1918, afirmava:

“Sua conferência sobre os canais e as lagoas foi para mim como um incêndio. Sente-se que Octavio Brandão tem coisas imensas a dizer-nos e quer dizer tudo de uma vez e num momento. Tudo isso fala pelo esplendor e pela suntuosidade do seu espírito. Octavio Brandão é uma grande alma aberta para os amplos horizontes em que anda vivendo. Tem muito a dar-nos, dos heroísmos que lhe temperam o grande sentimento de amor à terra e a lúcida inteligência como que encara a natureza”²².

Embora sua pesquisa tenha tido importante repercussão inicial, Octavio, ressentido, diz, em suas memórias, que seu trabalho só mereceu reconhecimento de um pequeno número de pessoas, durante quase sessenta anos²³. Queixava-se de que apenas algumas personalidades lhe destinaram os méritos aos primeiros esforços que fizera na defesa da existência de petróleo no país.

Não obstante a mágoa, o fato é que uma das maiores personalidades na defesa da nacionalização do petróleo prestaria um dos mais significativos elogios e reconhecimentos a Brandão. Trata-se de Monteiro Lobato. Em 1948, ao escrever o livro *O Escândalo do Petróleo*, Lobato, em suas homenagens, dedicou ao jovem Octavio as seguintes palavras:

“Há mais de um quarto de século, um menino de 20 anos, filho do norte, lançou um livro de gênio, caótico, meio hino divinatório, o mais profundo grito d’alma do seu tempo e o menos ouvido e compreendido. Considerado ‘louco’, foi perseguido, difamado, escorraçado da sua terra. Mas suas palavras ficaram – e quero que na entrada deste livro figurem algumas, que cito com profunda emoção.”²⁴

Poder-se-á dizer que, após as palavras do famoso literato, fazia-se um reconhecimento da obra *Canais e Lagoas* como sendo um marco precursor nos estudos referentes à existência de petróleo em solo brasileiro? Sinceramente, ainda não sabemos.

²² BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 143.

²³ Brandão refere-se ao tempo de sessenta anos, em alusão ao período compreendido entre o término da primeira versão de *Canais e Lagoas* (1917) e o ano em que ainda estava concluindo suas memórias, *Combates e batalhas*, 1977, que foram publicadas no ano seguinte.

²⁴ LOBATO, Monteiro. *O Escândalo do Petróleo*. São Paulo, Brasiliense, 1947.

Só uma pesquisa mais detalhada sobre a temática conseguiria dizer. O que mais nos interessa destacar é o papel que cumpre o historiador, às vezes tendo que realizar algo como um “ajuste de contas” com o passado desconhecido ou negado da história de uma sociedade.

Maximizando essa proposição e levando em consideração um critério temporal, é somente, no ano de 1931, que Monteiro Lobato e Oscar Cordeiro – considerados os pioneiros na defesa do petróleo nacional – iniciaram seus estudos. O tempo talvez tenha pregado uma peça em Octavio Brandão. Apenas em 1939, vinte anos após a publicação de *Canais e Lagoas*, finalmente, o “diamante negro” jorrava, mas, por ironia da história, em Lobato, município da Bahia.²⁵ Mesmo assim, durante vários anos, nos artigos que escreveu para jornais do PCB, revistas ou depoimentos que deu ao longo de sua vida, Octavio Brandão não deixava dúvidas em reconhecer seu papel pioneiro, não somente nos estudos sobre a existência de petróleo, como também na necessidade de sua nacionalização por parte do governo brasileiro.

Em 1918, Octavio Brandão ministrou aulas de História Natural na Academia de Ciências Comerciais, instalada na sede da Sociedade de Perseverança e Auxílio; tornou-se, também, sócio efetivo da Associação Médica Cirúrgica de Alagoas. Em suas aulas, tratou logo de organizar os alunos com a finalidade de realizar excursões pelos arredores de Maceió para empiricamente investigar animais, vegetais e minerais da região. Abria-se, assim, uma das perspectivas mais brilhantes na carreira do jovem farmacêutico. Mas, exatamente nessa hora, ele optou por renunciar a toda essa promissora vida acadêmica.

²⁵ Além disso, somente no pós-30 é que os episódios mais significativos ligados ao petróleo começaram a ganhar destaque no cenário nacional. Em 1948, foi criado o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e, em 1953, a Petrobras.



Coleção particular de Dnyssa Brandão Rocha

*Octavio Brandão após ter concluído a
Faculdade de Farmácia, em 1916.*



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Manoel Corrêa de Mello Rego (o pai)

Maria Loureiro Brandão Rego (a mãe)



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

A irmã Mariinha e Octavio

1.2- As primeiras lutas em Alagoas

“Agora Octavio Brandão apaixonou-se pela doutrina de Kropotkin e prega em crônicas e em versos a repartição das terras entre os trabalhadores. O mais interessante é que a família a que ele pertence é uma das mais ricas de Alagoas e possui léguas e léguas de terras.”

(*A Plebe*. São Paulo, 26.04.1919, ano II, n.º 10, p. 3)

Em sua autobiografia, Octavio Brandão afirma que, a partir de 1917, deu o seu “segundo passo libertador”. Esse era o momento em que havia se tornado um “combatente da classe operária e militante do movimento popular”.²⁶ Mas não se tratava de uma escolha fácil nem imediata. Ao contrário. Foi um caminho difícil, doloroso e que lhe trouxe profundos impactos pessoais. Sua opção pelo terreno da luta social causaria, num curto espaço de tempo, grandes desgostos em sua família e na sociedade conservadora da época. Numa entrevista dada em 1929, ao jornalista Barreto Leite Filho, Octavio recordava alguns desses percalços:

*“Perdi os velhos amigos. Fez-se o vácuo. Sacrifiquei a paz, as comodidades e o relativo conforto que desfrutava. Cortei a carreira. Renunciei durante 11 anos as posições sociais. Preparei-me para afrontar, sorrindo, o ódio, a calúnia, o desprezo, a adversidade, o exílio, o isolamento, a miséria econômica. (...) Sacrifiquei a saúde, a liberdade e a família. Expus a própria vida.”*²⁷

Pode-se dizer que sua escolha por uma vida militante e dedicada à luta dos trabalhadores começou com suas andanças, iniciadas em 1916, pelo interior de Alagoas. Nela, pôde ver de perto a pobreza e a miséria daquela população. O uso de sua farmácia também serviu para aproximá-lo ainda mais dos problemas vividos pelo povo carente da região. O próprio Brandão, de uma maneira mais pormenorizada, lembrou as razões que o levaram a tal preferência, dizendo:

“O exame direto das condições de vida e trabalho dos operários e lavradores pobres causou-me um abalo profundo. Fiquei impressionado perante o contraste entre a riqueza do Brasil e a miséria das populações. Vi a opressão geral. Pensei: — Como gastar tempo a estudar a terra, quando o trabalhador é um escravo? Como combater pela emancipação dos

²⁶ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 111.

²⁷ “A vida de um militante”. Entrevista de Octavio Brandão ao jornalista Barreto Leite Filho. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 19.07.1929, p. 4.

trabalhadores? (...) Recusava ser besta de rebanho. Recusava adaptar-me às convenções. Não me conformava com as mentiras e torpeza da sociedade dominante.”²⁸

Mas o motivo principal que levou Octavio Brandão a se engajar decididamente nos primeiros combates que travou era, sem dúvida, a Primeira Grande Guerra. Desde os primeiros anos de 1917, o país vivia assolado por um clima de crescente militarismo e de pressões para que o Brasil aderisse ao conflito, ao lado da *Entente*. Os setores militares exigiam o estabelecimento do serviço militar obrigatório com total conivência do governo Hermes da Fonseca. Importantes personalidades da nação como o literato Olavo Bilac e o jurista baiano Rui Barbosa, também aderiram a esse propósito. Contudo, as lideranças mais combativas do movimento operário se opunham decisivamente contra o que consideravam ser uma clara “guerra infame”.²⁹

Com essa mesma posição antibélica e de defesa da revolução social, surgia em Alagoas, no início do mês de junho de 1917, o jornal *A Semana Social*, sob a direção do tipógrafo Antônio Bernardo Canellas. É, nas páginas desse vespertino, que o jovem Octavio Brandão iniciava sua trajetória militante.

No dia 27 de outubro, um dia após o governo do Presidente Venceslau Brás conduzir o país à Primeira Grande Guerra, Octavio publicava um artigo nas páginas d’*A Semana Social*. Intitulado “*O que é patriotismo?*” marcou a sua estréia como ativista político. Nesse escrito, já apontava uma das características que seriam mais marcantes ao longo de sua atividade intelectual: a incessante capacidade crítica.

Logo no começo do artigo, Brandão acusava incisivamente Olavo Bilac de ser o principal instigador ideológico do “patriotismo da Liga de Defesa Nacional” a serviço da Guerra. Por conseguinte, afirmava:

“Anda por aí uma Liga de Defesa Nacional com um grave tinir de esporas e uma mão cheia de morrão e de pólvora seca. Estes visionários chefiados pelo faunesco poeta Olavo Bilac, por cujos versos passa uma onda de luxúria imunda, acalentam a doce ilusão de que estão fazendo uma obra de patriotismo.”³⁰

²⁸ BRANDÃO, Octavio, op. cit., p. 112.

²⁹ Um exemplo da categórica posição antimilitarista do movimento operário brasileiro foi a moção aprovada durante o Segundo Congresso Operário, realizado em 1913 (antes mesmo do início do conflito mundial) nos seguintes termos: “*Considerando que as guerras, como todos os seus horrores, são a seqüência lógica das ambições burguesas em detrimento exclusivo da classe trabalhadora, que é a única que vai derramar o seu sangue na defesa dos sinistros interesses que não lhe pertencem o Congresso aconselha ao proletariado do Brasil para, em caso de guerra externa, declarar-se em greve geral revolucionária*”. Citado in PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB (1922-1928): notas e documentos*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962, p. 21.

³⁰ BRANDÃO, Octavio. “O que é patriotismo?”. *A Semana Social*. Órgão político, literário e noticioso. Maceió, 27.10.1917, n.º 25, p. 1. As origens da Liga de Defesa Nacional, fundada em 1915, remonta ao papel

Em seu entender, duas eram as formas de patriotismo existentes: o “da guerra” e o “pacífico”. Enquanto o primeiro identificava-se como “estupidez e monstruosidade”, o segundo, por sua vez, era “uma obra de paz que só espalha a vida e o bem e não a guerra e a morte como os senhores”. Não obstante se tratar de um imediato e importante posicionamento que tomava diante de um assunto internacional, Brandão já optava por uma postura claramente antibélica. Mesmo assim, não deixava de mostrar certas imprecisões e limites em suas primeiras formulações. Não é casual as generalizações que fazia a respeito do patriotismo, ao argumentar, de uma maneira muito mais empolgada e panfletária do que elaborada, a seguinte reflexão:

“Patriotismo é ensinar aos analfabetos; é atacar os capitalistas, mostrando-lhes as explorações; é protestar contra tudo que tende a explorar o povo. É descrever as riquezas de sua terra; é chamar o povo à revolta; é cada um ensinar o pouco que sabe aos seus patrícios; é fundar asilos e hospitais.”³¹

Ao final de seu artigo, fazia novamente questão de criticar e denunciar incisivamente os responsáveis pelo que chama de “deturpação” do patriotismo. Afirmando em tom de certa ironia diz:

“(…) Patriotismo não é dar vivas a esses baixos políticos ambiciosos e boçais que andam por aí. Patriotismo não é roer o gordo ossinho de um emprego público como faz o poeta Olavo Bilac.” [sic]

Parecia realmente que Octavio Brandão ansiava por expressar e divulgar suas novas idéias e opiniões acerca da emancipação humana. Assim, logo em seguida ao seu artigo “O que é patriotismo”, na página 3 do mesmo jornal, redigia um outro escrito a respeito do

desempenhado pelos jovens oficiais do Exército Brasileiro que haviam feito estágio na Alemanha em turma de 1906 e 1910 e voltaram fascinados com o aparato militar moderno que lá conheciam. Ficariam depois conhecidos como “jovens turcos”, numa irônica alusão da imprensa, associando-os às reformas militares executadas na Turquia por Mustafá Kemal. Os “jovens turcos” criaram depois uma revista para difundir suas propostas para modernização das Forças Armadas, *A Defesa Nacional*, e se consideravam “os cavaleiros das Forças Armadas”. João Quartim de Moraes, num estudo sobre o tema, afirma que os componentes da referida revista agrupariam mais tarde o que seria “a primeira versão intelectual e politicamente consistente da direita militar no Brasil”. Cf. _____. *A esquerda militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 86.

Pedro Tórtima, em sua dissertação de Mestrado, argumenta que tanto a Liga de Defesa Nacional quanto os “jovens turcos” cumpriram o papel de divulgadores de uma ideologia fortemente nacionalista e belicista. Cf. _____. *Polícia e justiça de mãos dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1917*. (Uma contribuição aos estudos sobre o enfrentamento da “Questão operária” pelas classes dominantes e pelo Estado – Rio de Janeiro, 1900-1925). Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF/ICHF, 1988, p. 112. Para maiores detalhes, ver, sobretudo o capítulo 2 de sua pesquisa, em particular, o item denominado “Liga de Defesa Nacional: a ideologia nacionalista contra o movimento operário”. Idem, pp. 125-177.

³¹ Idem, ibidem.

clássico romance *A Mãe*, do escritor Máximo Gorki. Nele fazia, inicialmente, analogias entre a situação de penúria e a exploração da maioria da população de Alagoas com a pobreza reinante na Rússia czarista. Denunciava “a vida profundamente burguesa e passiva” das elites de seu estado. Mas também, e principalmente, pedia ao povo que “não sabe se revoltar” a espelhar-se no exemplo que há de mais tocante da obra do literato: a luta entre o heróico espírito humano e o seu meio degradante. Rogando o autor russo, dizia: “Pavel, meu herói sem nome! Que a tua palavra obscura tremule na terra alagoana, levante a um ímpeto estupendo, retorça-a e a sobre sobre ela um clarão de revolta – esta revolta que nos falta”.³² Finalmente, concluía o artigo, deixando claro suas intenções, quando, de forma veemente, apela à revolta popular e geral, conclamando:

“Meu pobre povo miserável e seu brio! Que agüenta todas as ofensas! Revolta-te! Grita o teu protesto. Rasga as tuas máscaras de hipocrisia e sujeição. Expulsa a pontapés todos os bandidos que te exploram, todos os políticos que te corvejam e manda para o inferno tudo e todos – desde as velhas crenças até os velhos deuses.”

Ainda que procurasse deixar claro suas convicções políticas e radicais pela qual estava formando seu pensamento, Octavio Brandão ainda não era um adepto do anarquismo. Entre 1917 e o primeiro semestre de 1918, ele permanecia apenas como alguém que começava a revoltar-se contra as desigualdades sociais do capitalismo. Não obstante a simpatia que sentia pela Revolução Soviética de Outubro de 1917, defendendo-a, desde os seus primeiros momentos, diante dos ataques de setores mais conservadores, concordava que não compreendia o seu significado mais profundo. Faltava, para o jovem rebelde, como mais tarde ele próprio admitiria “a necessária base teórica”.³³

Brandão afirma que a única obra que fez ter alguma espécie de contato com a tradição revolucionária russa era a intitulada *Rússia subterrânea*, de um autor chamado Stepniák Kravtchinski que versava sobre os populistas (*narodniks*).³⁴ Impressionado por esses últimos terem como lema central a idéia de “ir ao povo”, procurou tomar a mesma

³² _____. “A Mãe de Máximo Gorki”, idem, p. 3.

³³ _____. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 170.

³⁴ Os *narodniks* pertenciam à tradição revolucionária da Rússia czarista, do século XIX. Eram adeptos da *intelligentsia* (intelectuais críticos que se opunham ao czarismo), consideravam os camponeses como os verdadeiros agentes de uma radical transformação na sociedade, embora se autoconsiderassem os porta-vozes dessa vontade revolucionária. No começo da década de 1860, após a enorme frustração diante das reformas modernizadoras de Alexandre II, passaram a defender a idéia de “ida ao campo”, para melhor “conhecer ao povo”. Daí se intitularam “populistas” (de *narod*, povo em russo). Para maiores detalhes ver, REIS FILHO, Daniel. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. Rio de Janeiro: Ed. Perseu Abramo, 1997, especialmente nas págs. 29-32.

atitude. Assim, nos primeiros quinze dias do mês de dezembro de 1917, bastante entusiasmado, escrevia as seguintes conclusões num caderno de apontamentos:

“A vida é um dever a cumprir, uma vocação a desenvolver e um ideal a realizar. (...) Precisarei ir de cidade em cidade, de povo em povo, de nação em nação, a espalhar minhas idéias de libertação humana (...). Sinto um desejo profundo de proclamar a Revolta no seio do meu povo, elevá-lo da miséria em que vive.”³⁵

Mas é a partir 1918 que Octavio Brandão buscou as melhores formas de atuar cotidianamente na vida social. Já em janeiro, tomou a iniciativa de criar, nos fundos de sua farmácia, a *Sociedade dos Irreverentes*. Formada por operários e empregados do comércio, a agremiação procurava discutir os problemas vividos pela população carente de Alagoas, combatendo, inicialmente, o seu “misticismo”. Aliás, vale destacar que foi esse episódio que motivou Brandão a advogar a importância do ateísmo. No mês de abril, pronunciou uma conferência sobre a agremiação, preconizando algumas idéias gerais que, em seu entender, precisavam ser levadas adiante, em particular da negação do Estado e de todas as outras formas de tirania. Apesar da crescente radicalidade das posições que assumia naquela que foi sua primeira experiência militante junto aos trabalhadores, ele não conseguiu maiores avanços. A *Sociedade dos Irreverentes* malogrou meses depois de seu surgimento.

Depois dessa tentativa, Octavio Brandão desenvolveu outras atividades de maneira autônoma. Sustentava greves e auxiliava a formação de sindicatos. Também deu seqüência a suas viagens e excursões, além de continuar compondo suas poesias.

Em maio de 1918, escreveu um estudo intitulado “*Um evadido da Realidade*”, publicando-o, no mês seguinte, nas páginas do *Jornal do Comércio*, de Maceió. Tratava-se de uma análise crítica da vida e obra do poeta alagoano Silva Barros, a partir de um ponto de vista materialista. O estudo buscava ser um libelo na defesa da divisão de terras e sua repartição aos camponeses; reivindicava ainda a constituição de uma arte e de uma literatura de conteúdo social e nacional. Por isso, ao final, fazia um apelo aos intelectuais de Alagoas para que estes também se engajassem nas lutas dos setores populares, incitando-os “à luta por um pedaço de terra para cada trabalhador de enxada! Resgatemos o nosso povo da miséria econômica e moral e intelectual, em que tem vivido! Redenção da Terra e Redenção do Homem!”³⁶

³⁵ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 115.

³⁶ _____. “Um evadido da realidade”. *Jornal do Comércio*. Maceió, 01.07.1918. In: *Coleção n.º 2 – “Flores e Pedradas”*. Maceió, 27 de julho de 1918.

O chamado teve significativa repercussão. Vários artigos e notas foram publicados em seu favor. Logo após terminar de escrever a obra, Brandão enviou-a para a seu amigo Antônio Bernardo Canellas. Esse último, imediatamente, começou a redigir, no novo jornal que dirigia, um comentário a seu respeito, onde assegurava: “Os fins visados por Octavio Brandão estão fora de toda discussão, no tocante à sua natureza humanitária e ao seu alcance social”.³⁷

Dez dias depois, o poeta alagoano Faustino de Oliveira, da mesma maneira, manifestava sua simpatia pelo apelo. Expressava seu desejo de realizar um grande sonho de “regeneração social”, acentuando: “A grande utopia de ontem já é hoje uma afirmação, na Rússia, como em outros países. E longe não vai o dia em que teremos de alcançá-la entre nós (...)”.³⁸

As adesões não se limitaram à região nordestina. Do Rio de Janeiro, também foram destinadas saudações de apoio e elogios à iniciativa de Octavio Brandão. Vale, por exemplo, mencionar as palavras de Astrojildo Pereira, aquele que, menos de um ano depois, seria um de seus principais companheiros no PCB. De início, o jornalista fluminense destacava as qualidades que mais lhe havia chamado à atenção no estilo do rebelde alagoano, afirmando que ele “é seguramente um dos cérebros mais cultos e potentes do Brasil intelectual de agora. (...). Esse estudo sobre *Um evadido da Realidade* constitui, no gênero, uma das mais formosas e profundas páginas que já li na literatura brasileira. (...)”³⁹. Astrojildo asseverava que sua obra não se restringia a um “esteticismo puro”. Pelo contrário. Procurava, sobretudo, “tratar das graves questões sociais do momento”. Por isso, de acordo com o jornalista libertário, o apelo de Octavio “ergue o lábaro da campanha justiceira, da cruzada santa pela redenção da terra e pela redenção do homem. (...) possui uma compreensão realista dos grandes problemas da hora”. Mas nem tudo eram elogios. No final de seu artigo, advertia para um limite ou “ilusão”, segundo suas próprias palavras, presente em *Um evadido da realidade*. Tratava-se da questão do Estado que, segundo o militante anarquista, Octavio o teria concebido como “um instrumento solucionador” para a resolução de determinadas reivindicações dos trabalhadores. Ressalvando tal proposição, ponderava Astrojildo Pereira:

³⁷ *Tribuna do Povo*. Recife, 01.07.1918.

³⁸ *Jornal do Comércio*. Maceió, 11.07.1918.

³⁹ *Crônica Subversiva*. Rio de Janeiro, ano I, n.º 10, 03.08.1918, p. 2. Astrojildo Pereira era o único redator da revista que saía aos sábados.

“Nada há de bom nem de sério, a esperar do Estado, dos governantes, pois que estes e aquele baseiam a sua própria razão de ser na existência das iniquidades, das injustiças, das misérias, dos sofrimentos do povo. O bem-estar deste é incompatível com a existência do Estado.”⁴⁰

Em agosto de 1918, Octavio Brandão tomou nova e importante iniciativa, mostrando um notório entusiasmo pelo fato de ter-se tornado um militante. Reunido com outros companheiros, fundou, em Maceió, a Congregação Libertadora da Terra e do Homem. O seu programa foi publicado no jornal *O Povo* em que ele também colaborava. Nele propunha a divisão de terras, a valorização do trabalho dos operários e dos lavradores pobres, além da valorização da arte e da literatura social e nacional. Defendia também a fundação de escolas primárias e de ensino profissional⁴¹. Composta por intelectuais, artesãos e trabalhadores rurais, a Congregação enviou emissários para o interior de Alagoas, de modo a fazer propaganda de seus propósitos. Claramente motivado por esse novo empreendimento em sua vida militante, Octavio compôs a seguinte e emotiva poesia intitulada “AO TRABALHADOR DA ENXADA” onde exaltava o brio e o sofrimento dos camponeses. Nela, declamava:

“Trabalhador rural, meu irmão pelo
Sangue e também por esta alma sequiosa!
Ai, quanto sofro vendo o mar de gelo.
O desamor à tua sorte ansiosa.

Tua agonia, como um Sete Estrelo,
Paira sobre essa estranha nebulosa
– A Vida, incerta coisa, pesadelo
Vago, tremenda Via Dolorosa!

Não tens um lar nem pão; mesmo sequer
Uma tira de terra hostil não tens.
Vives, do mundo como um esmoler,

Ao léu da vida, a todos os vaivéns.
Mas, ó meu pobre irmão, digo em verdade:
Verás um dia o sol da Liberdade!”⁴²

Apesar de seu esforço, novamente a iniciativa encontrou sérios problemas. A mais nítida e elementar, como ele próprio reconhecia, era o fato de os camponeses “serem muito verdes”, uma vez que eles “ainda não compreendiam a propaganda”.⁴³

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴¹ Cf. “Programa da Congregação Libertadora da Terra e do Homem”. *O Povo*. Maceió, 18.08.1918.

⁴² “Ao Trabalhador da enxada”. Santa Maria, Maceió, agosto de 1918. In: BRANDÃO, Dionysa (org.). *Octavio Brandão - as forças encadeadas II* (poesias). Rio de Janeiro: s/ed., 1996, p. 114.

⁴³ Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 128.

O cenário acirrava-se cada vez mais contra Octavio Brandão e seus companheiros de luta. Mesmo assim, essas ameaças não o inibiam de continuar a radicalizar suas ações e a divulgar suas idéias. Já no mês seguinte, engajava-se em outro episódio que geraria uma forte reação popular. No dia 5 de setembro de 1918, o empresário holandês Von Sohsten, dono de uma casa comercial do Recife, telegrafou à Associação Comercial de Alagoas comunicando que os usineiros tinham decidido restringir a produção e que os fornecedores só deveriam receber 50% do valor das canas abastecidas. Resolveram, então, que só venderiam a metade. Tratava-se, por assim dizer, de uma negociata de especuladores e açambarcadores do açúcar.

Logo que soube do caso, Brandão preparou uma ofensiva. Reuniu-se com os amigos e camaradas. Foi um dos responsáveis pela redação de um manifesto avulso denunciando a trapaça. À noite, em segredo, colocaram-no por baixo das portas e colaram alguns papéis nos postes de luz elétrica. Pela manhã, a cidade de Maceió amanheceu atônita. Os populares se aproximavam e podiam ler em letras garrafais o título do texto: “*POVO, À REVOLTA!*”! De início, os seus elaboradores explicavam o que havia acontecido naquele conluio. Depois, faziam a seguinte indagação: “Sabe o Povo de Alagoas que quer dizer este telegrama”? E, imediatamente, começavam a esclarecer as razões daquela negociata, afirmando:

“Desde que os usineiros e senhores de engenho restrinjam, limitem a produção, dar-se-á falta do gênero no Estado o que quer dizer que este subirá ainda mais. Portanto o açúcar vai ficar por um preço fabuloso mais o agricultor nada ganhará com a alta porque só venderá a metade das canas, pois os usineiros não comprarão mais, com o fim de fazerem o açúcar subir de preço”.⁴⁴

Depois os manifestantes assinalavam que as reuniões da Associação Comercial tratavam, na realidade, de “uma negociata” visando, unicamente, “a explorar o povo, aumentar o preço dos gêneros de primeira necessidade”. Essa “ladroeira”, segundo o manifesto, tinha a conivência da “nossa imprensa vendida” que se calava “chegando muitas vezes à miséria de defender esses exploradores”. Na ocasião, os redatores do texto aproveitaram para realizar uma importante denúncia antibélica e fazer a seguinte acusação: “Esta gente foi quem fez a propaganda da guerra e é que tem interesse na continuação desta para enriquecer, para explorar”. Ao final, o manifesto faz um veemente chamado, conclamando:

⁴⁴ Povo, à Revolta!”. Manifesto distribuído na noite de 12.09.1918. *Arquivo pessoal de Octavio Brandão*. Rio de Janeiro, Coleção, n.º 2, “Flores e Pedradas”, 1918.

“Povo!
 Vem chegando a hora terrível da tua vingança!
 É preciso acabar de vez com todos estes ladrões.
 Tu só alcançarás alguma cousa, só terás liberdade, só deixarás de ser roubado quando o último político for enforcado com as tripas do último capitalista.

À Revolta! À Revolta!

OS LIBERTÁRIOS.⁴⁵

Em resposta ao manifesto, a Associação do Comércio de Alagoas convocou uma reunião extraordinária que se realizou no dia 18 de setembro. Compareceram à solenidade o representante do governador do Estado, representantes da imprensa e as elites locais. O objetivo central da reunião era tentar achar a melhor maneira de se dirigir à população e de explicar que o panfleto não passava de uma blasfêmia orquestrada por agitadores contra as autoridades. Conseguiram justificar-se, embora tivessem que impedir, ao menos momentaneamente, que o preço do açúcar subisse⁴⁶. Entretanto, esse episódio despertaria ainda mais a fúria das oligarquias dominantes que não perdoaram o audacioso gesto daqueles militantes.

No que se refere a Brandão, em particular, convém destacar o último trecho daquele manifesto. Nele, pode-se ver um novo aspecto em sua vida militante: o início da influência do pensamento libertário, como numa ode que compôs, no final de 1918, em homenagem ao principal representante do anarquismo russo.

Penso em ti, Bakunin, penso agora,
 Cheio de luz, em teu ousado ideal,
 Belo apóstolo, grande luz, aurora
 Germinadora da Internacional.

Por terra dentro, pelo mar a fora,
 Tua palavra foi um vendaval
 A soprar uma cólera sonora
 E soberana sobre o mundo atual.

Ó Bakunin, pai da Rebeldia,
 Velho titã tendo alma de vestal,
 Que levaste uma vida tão sombria,

Ficarás no fulgor dos cataclismos
 Como o símbolo real dos dinamismos
 Palpitando através de um vendaval!⁴⁷

⁴⁵ Idem, *ibidem*.

⁴⁶ Para maiores detalhes sobre esse fato, bem como sobre outras lutas de que Octavio Brandão participou ainda em Alagoas, ver seu livro *O Caminho*. Rio de Janeiro: s.ed., 1950, pp. 331-388.

⁴⁷ “A Miguel Bakunin”. Maceió, 05.11.1918. In: BRANDÃO, Dionysa (org.). *Octavio Brandão - as forças encadeadas II* (poesias), op. cit., p. 105.

Em se tratando ainda da formulação de suas idéias, vale mencionar a maneira como Octavio Brandão, de um modo bastante peculiar, entendia a revolução e o socialismo, naquele momento. Num artigo redigido para o jornal alagoano *O Povo*, em setembro do mesmo ano, concebia a revolução “*como o meio terapêutico, único, exclusivo, para terminar de vez a organização atual*”⁴⁸. Outrossim, ensaiava as primeiras elaborações acerca do socialismo. Logo no início do escrito, assegura que tal pensamento não deveria “ser uma teoria estática, imóvel, mumificada”, por estar “sempre em evolução”. A seguir, expunha suas definições de um modo muito particular e, às vezes, de uma maneira bastante híbrida e eclética, como se pode perceber na afirmação que se segue.

“O socialismo deve procurar impor-se à simpatia universal pelos meios legais consistindo na luta e na solidariedade que obriga o governo a fazer o que não quer. Não devemos usar os processos cruéis que os antigos anarquistas usavam. Uma revolução tem as suas conveniências e as suas profundas inconveniências. Ela deve ser a razão final, a última esperança, a última coisa para a qual se deve apelar.”

Pelas idéias acima descritas, naquele momento, Octavio Brandão demonstrava possuir uma concepção mais “utópica” do que “científica” de socialismo – se é que se pode fazer tal analogia – uma vez que ainda ignorava alguns conceitos fundamentais do pensamento marxiano entre os quais, “violência revolucionária” e “luta de classes”. Talvez fosse por essa razão que advogasse como *conditio sine qua non* para o êxito do processo revolucionário a procura incessante “pelo amor e pelo direito de todos os grandes, de todos os poderosos para as belezas transcendentais do altruísmo. Porque se eles não diminuïrem a ambição que os devora, a Revolução será fatal. (...)”

No dia 18 de novembro de 1919, operários cariocas, sob a liderança anarquista, desencadearam um levante armado, no bairro de São Cristóvão cujo propósito era a derrubada do governo, visando à instalação de soviets na cidade. Mas a infiltração policial e uma certa ingenuidade dos militantes levaram todos à prisão, entre os quais estavam o professor José Oiticica e Astrojildo Pereira, um dos líderes do que ficou conhecida como a “insurreição anarquista”⁴⁹. Temendo a repercussão das notícias desse episódio, o governo censurou os Correios e Telégrafos do país. Por essa razão, a notícia da insurreição só

⁴⁸ “Sob o tremular do estandarte socialista”. *O Povo*. A Redenção do Homem. Maceió, 09.09.1918, n.º 4, ano I, s/p. O artigo levava a assinatura de Salomão Bombarda. Mas, entre parêntesis, indicava as iniciais OB. Grifos meus.

⁴⁹ Sobre este episódio, ver a interessante pesquisa de ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. Ver também BANDEIRA, Moniz et alii. *O ano vermelho. Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, especialmente pp. 115-148.

chegou a Maceió doze dias depois. Mesmo distante dos acontecimentos, Octavio Brandão tratou imediatamente de protestar contra as perseguições aos operários cariocas, escrevendo a poesia *Gritos d'Alma*, na qual glorificava a insurreição vencida.⁵⁰

O governo do estado de Alagoas, desde o início de 1919, estava nas mãos de dois políticos identificados com o conservadorismo: Fernandes Lima e Manoel Moreira e Silva. Imediatamente, foi desencadeada uma forte repressão ao movimento operário e popular da região: o governo mandou invadir e fechar sindicatos, além de efetuar inúmeras prisões de seus membros. Entre elas, a de Rosalvo Guedes, empregado do comércio e ativo militante. Por ter prestado solidariedade ao seu companheiro, Octavio Brandão também foi detido, no dia 13 de março. Tratava-se de sua primeira prisão. Na Cadeia de Maceió, compôs a poesia “Na casa da Infâmia”, mostrando como encarava uma das situações que seriam mais comuns em sua trajetória militante.

“Ser preso? Não importa! Pois a vida
Vale somente pela imolação
Diante da ara grandiosa e dolorida
De um sonho universal, de uma paixão.

É glorioso marchar para a Cadeia
Por defender o Ideal em mil batalhas,
Por ter a alma revel de raios cheia,
Castigando os vendidos e os canalhas.

Hoje sou como um réprobo, maldito,
Mas tenho fé que um dia a alma da História
Plena de luz, de vibrações, de glória,
Cantará minha dor, dirá meu grito!”.⁵¹

De acordo com Octavio, pior do que a sua primeira prisão era a decepcionante reação que teve sua família com a notícia, já que a considerava como uma grande vergonha, uma “mancha eterna”. Mas, por outro lado, foi a partir desse acontecimento que começaram a ser divulgadas, de maneira mais específica, notícias referentes às lutas de que ele participara em Alagoas.

O jornal anarquista de São Paulo, *A Plebe*, por exemplo, informava, em 26 de abril de 1919, a seguinte notícia: “*O NORTE REBELDE: desenvolve-se a propaganda libertária*”. Era uma matéria que trazia, pela primeira vez, de forma mais minuciosa para seus leitores,

⁵⁰ Esta ode foi publicada no Jornal *Tribuna do Povo* de Recife em 30.11.1918.

⁵¹ BRANDÃO, Octavio. *Rússia Proletária*. s.ed., Rio de Janeiro, 1924, p. 263.

informes acerca do “movimento maximalista”⁵² de Alagoas. Em particular, mostrava a maneira espalhafatosa como a polícia alagoana anunciava ter descoberto um “complô maximalista em Maceió”. Para isso, apontava, como prova principal de sua denúncia, os “recortes de artigos de Octavio Brandão”⁵³ encontrados com os operários presos e acusados de participarem da referida subversão.

Continuando a matéria, seus editores procuravam trazer maiores detalhes daquele propagandista “que preocupava os dominantes alagoanos”. Dessa maneira, iniciava uma breve apresentação de Octavio Brandão como intelectual, assinalando que ele

“é um moço que prende a atenção de quantos viajantes ilustres que passam em Alagoas. Um espírito lúcido que se dedicou ao estudo da mineralogia, da paleontologia, da história daquele Estado, e tem em elaboração um livro sobre os canais e lagoas que mereceu já elogios de Rocha Pombo, de Oliveira Lima e de várias autoridades. A erudição do moço, aos vinte e um anos, destaca-o no meio em que vive.

A seguir, menciona suas características como militante libertário, dizendo que “agora (...) apaixonou-se pela doutrina de Kropotkin e prega em crônicas e, em versos, a repartição das terras entre os trabalhadores”. No entanto, trazia dados imprecisos de sua origem quando afirma que sua família “é uma das mais ricas de Alagoas e possui léguas e léguas de terras”.⁵⁴

Ao final, o artigo assinalava que, mesmo sendo desconhecido do grande público, uma das mais expressivas lideranças anarquistas, José Oiticica, já reconhecia o trabalho que o militante alagoano desenvolvia junto aos trabalhadores da região. A esse respeito o próprio jornal *A Plebe* salientou: “No bolso de um operário a polícia encontrou uma carta firmada por ele [Oiticica] a Octavio Brandão, recomendando a este que prosseguisse na campanha em prol do anarquismo”.

Depois de permanecer alguns dias na prisão, Octavio foi solto depois que seu tio Manoel Brandão pagou a quantia de cinco mil réis de fiança. Mesmo posto em liberdade, ouviu várias ameaças das autoridades. O secretário do Interior de Alagoas, o Sr. Manoel Moreira e Silva avisou a sua família que se Brandão continuasse com suas idéias radicais seria novamente preso. Num determinado momento teria se aproximado do jovem rebelde e feito a seguinte ameaça: “– Não me responsabilizo por sua vida”⁵⁵.

⁵² “Maximalistas”: era a denominação, à época, dos bolcheviques russos. Os mencheviques eram chamados de “minimalistas”.

⁵³ *A Plebe*. São Paulo, 26.04.1919, ano II, n.º 10, p. 3.

⁵⁴ Idem, *ibidem*.

⁵⁵ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 132.

Toda essa nova e problemática situação levou Octavio a optar em partir para o interior de Alagoas. Mas os riscos contra sua vida continuavam, mesmo no lugarejo mais distante do estado. Decidiu então tomar uma decisão nada fácil: abandonar sua terra natal. Sigilosamente começou a organizar sua fuga, levando dezoito dias para preparar toda a viagem. Tanta meticulosidade não era exagero. Precisava cuidar dos mínimos detalhes de maneira a não permitir nenhuma possibilidade de ver descoberto seu plano, pois poderia gerar-lhe graves problemas. Depois de três tentativas frustradas, conseguiu, finalmente, evadir-se. Num domingo chuvoso, dia 18 de maio de 1919, correu para o porto de Jaraguá e comprou uma passagem utilizando um outro nome para dificultar o seu reconhecimento.

Partia para um novo e incerto, mas esperançoso destino: a Cidade do Rio de Janeiro. Começava o seu primeiro e longo exílio que duraria quarenta e um anos. Só em 1960 é que Octavio Brandão pôde retornar a sua terra natal.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Octávio Brandão em 1917, após de ter percorrido o interior de Alagoas

1.3- Um anarquista alagoano no Rio de Janeiro

EM NOME DE QUEM VENHO

*“Venho em nome dos pequenos,
Dos párias
Dos humildes...*

*Em nome do oprimido contra o opressor;
do pobre contra o rico;
do pequeno contra o grande.
Venho em nome daqueles que não tem pão
daqueles que não têm lar;
daqueles que não tem lençol;
daqueles que têm sede de amor;
daqueles que nunca tiveram uma benfazeja e
carinhosa mão a suavizar a agonia;
daqueles que vivem no ódio perene”.*

Octavio Brandão
("A ANARQUIA". *A Plebe*, 02.10.1920).

Chegando ao Rio de Janeiro, no dia 22 de maio de 1919, Octavio Brandão teve seu primeiro contato com o jornalista Pedro Mota Lima que o ajudou a fugir das perseguições políticas em Maceió. De maneira geral, o próprio Brandão recordava desse novo período em sua vida militante dizendo que, entre os anos de 1919-1931, viveu “anos tensos e intensos. Anos decisivos, determinantes. Todo um período de combates penosos e desiguais, contra imensas forças coligadas. Aí lutei e sonhei, sofri e trabalhei. Suportei inúmeras injustiças e incompreensões”.⁵⁶

Imediatamente foi procurar um local para residir, encontrando uma pensão no Largo do Machado, onde viveu as incertezas e a solidão de todo migrante recém-chegado a uma grande metrópole. Semanas depois, mudou-se para um pequeno hotel de uma espanhola, na Rua Sachet n.º 11, no 2.º andar, próximo à Rua Sete de Setembro, Centro da Cidade. O quarto era escuro ao meio dia em ponto. A pensão foi transferida para a Rua do Ouvidor n.º 162 e Octavio decidiu acompanhá-la.

Nos primeiros meses de sua estada na Cidade do Rio de Janeiro, Octavio Brandão procurou contatar alguns intelectuais com o intuito de publicar seu primeiro estudo, *Canais*

⁵⁶ Idem, p. 136.

e Lagoas. Imaginava conseguir notoriedade, além de juntar algum dinheiro para melhorar sua precária situação. Com esse propósito, foi à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, onde pronunciou três conferências abordando os mesmos aspectos, como já fizera em Maceió. Em sua primeira exposição, chegou a arrancar elogios do historiador Rocha Pombo, um dos primeiros amigos que fez na nova cidade. Porém, sua alegria não duraria por muito tempo. O Secretário do Interior de Alagoas, Manoel Moreira e Silva – aquele que já havia feito sérias ameaças a Octavio –, tramava novas intrigas contra ele. De sorte que, quando realizaria sua terceira argüição, Brandão encontrou a porta da Sociedade de Geografia fechada e com um aviso de que não haveria expediente. Era evidente sinal de que, mesmo estando fora de seu estado natal, o militante anarquista continuava sendo mal visto por seus adversários.

Frustrado e desempregado, Octavio Brandão tomou outras iniciativas. Começou a freqüentar assiduamente a Biblioteca Nacional onde continuou seus estudos de Ciências Naturais e Filosofia. Aos sábados, visitava a Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor, de modo a discutir sobre os mais significativos episódios relativos à situação nacional e internacional naquele momento. É, através desse contato com jornalistas, poetas, literatos e cientistas, que ele se aproxima, em janeiro de 1920, do Grupo Comunista Zumbi. Formado por intelectuais, invocava o nome do líder do Quilombo dos Palmares e defendia, como propósito, “um Brasil grandioso, sem amos nem escravos”. Atacava ainda o predomínio da burguesia, a exploração organizada, a mentira oficial, o jugo político e clerical; exaltava a coragem dos jovens e a emancipação das mulheres, além de defender o fim dos privilégios de classe a luta tenaz contra o analfabetismo⁵⁷. Era o primeiro grupo que Brandão apoiava no Rio de Janeiro.

O migrante alagoano visitava constantemente o professor e anarquista José Oiticica, no bairro das Laranjeiras, e o jornalista Astrojildo Pereira, que residia em Niterói. Eles foram as primeiras personalidades com quem mais debatia, além de também terem sido aqueles que mais o ajudara no aprofundamento das idéias anarquistas. Possivelmente, esse foi o estímulo que levou Octavio a escrever a ode “Mundo em Chamas”, publicado no jornal libertário *Spartacus*. Dedicada novamente à “memória imortal de Miguel Bakunin”, mas já sob a influência da revolução social ocorrida na Rússia, proclamava seu autor:

“Ó deusa rubra, ó deusa horrível da Anarquia

⁵⁷ O jornal carioca *Spartacus*, de 1920, anunciava, em suas páginas, os objetivos do Grupo Comunista Zumbi.

Moloch anticristão, devorador da terra,
 Ó meu único amor, minha grande alegria,
 Tu, serena visão para quem não se aterra!
 Percebo que um rumor hostil de Rebeldia
 Já pela Plebe corre e já pelo mundo erra;
 Sinto que uma revolta olímpica e sombria
 Irá estremecer o vento, o mar, a serra.

Eia, pois, Pária, quero olhar e ver em chama
 Esse universo torpe, esse mundo de lama
 Que explora o teu trabalho e explora a tua dor!

E sem ficar tristonha, e sem que fique exangue,
 Minha alma, que já vive em temerário horror,
 Olhará calmamente o vasto mar de sangue!"⁵⁸.

Ainda no que concerne ao pensamento de Brandão à época, pode-se dizer que é em sua obra *Veda ao mundo novo* – redigida entre setembro e outubro de 1919, mas publicada no ano seguinte – que consolida a definitiva adesão do biografado ao ideal anarquista. Segundo Alice Plancherel, é neste escrito que Octavio

“se expõe, com total amplitude e precisão, na radicalidade específica de concepção libertária de organização social: fundada na supremacia da autonomia individual, na supressão tanto da exploração econômica e das desigualdades sociais quanto do Estado e todas as demais formas de autoridade, bem como em novos preceitos éticos e morais”.⁵⁹

De fato, as idéias de Brandão baseavam-se, sobretudo, na centralidade da autoridade individual como princípio, acompanhado por um processo de transformação social. Essa constatação pode ser vista através de seguinte passagem de seu trabalho, quando afirma:

“O governo do indivíduo pelo próprio indivíduo é um dos maiores sonhos da Humanidade. Por isso evangelizo o Acratismo (...) Não digo que este evangelho anarquista seja a verdade; mas tenho certeza de ser um atalho que poderá atingir a estrada imensa da Verdade (...)

Não nego que, fora do pensamento livre, se possa ser grande. Mas afirmo que se fica maior, dentro do pensamento libertário (...) Nego a todos os governos, e em especial ao brasileiro, o direito de perseguir a obra incomparável dos libertários.”⁶⁰

Veda ao Mundo parecia caracterizar, por excelência, o ideário ácrata de Octavio Brandão. Não é causal que ele próprio, mais de meia década depois, faça questão de procurar “acertar às contas” com as “falhas” daquela obra que, em seu entender,

⁵⁸ *Spartacus*. Rio de Janeiro, 09.08.1919. É interessante notar que essa poesia é uma segunda versão daquela que escrevera no dia 08 de novembro de 1918, ainda em Maceió, dedicada à Revolução Russa.

⁵⁹ PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e omissão: Octavio Brandão e anarquismo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, São Paulo: FFLCH, USP, 1993, pp. 74-75.

⁶⁰ Citado in idem, p. 75.

“era fragmentária. Não superou as idéias libertárias. Não venceu o idealismo filosófico no terreno social. Cometeu desvios causados pelo voluntarismo e pelo individualismo pequeno-burguês”.⁶¹

As constantes idas à casa de Oiticica, além de serem muito úteis do ponto de vista teórico, teve também para Brandão um significado muito especial. Foi, num desses encontros, que avistou aquela que viria a ser, menos de dois anos depois, a companheira que mais amou em sua vida, a poetisa Laura da Fonseca e Silva, moradora no mesmo edifício da Rua Sachet, no terceiro andar⁶². Desde o primeiro momento, era mútua a empatia que ambos sentiam pelo outro, em particular pelo fato de os dois gostarem muito de poesia⁶³. Ela levava-o constantemente aos lugares que considerava mais bonitos do Rio de Janeiro, como: o Alto da Boa Vista, o Silvestre, Copacabana, Ipanema, Paquetá, Icaraí e São Francisco. Também iam ao Teatro Municipal ouvir Beethoven e Wagner, os seus compositores prediletos. Ainda solteiros, viajaram juntos, pela primeira vez, para São Paulo. Octavio, anarquista, iria à União dos Trabalhadores Gráficos, no bairro do Belenzinho, fazer uma saudação à greve dos gráficos paulistas. Laura acompanhava-o no sentido de também prestar solidariedade aos trabalhadores, recitando-lhes algumas poesias libertárias.

Profissionalmente, Octavio Brandão continuou a levar uma vida de dificuldades econômicas. Sem nenhum auxílio, não podia nem mesmo recorrer a sua família. Seu tio Alfredo, que lhe bancara os estudos universitários, cortou relações com o jovem farmacêutico desde a sua primeira prisão. Apesar de ele morar em Copacabana nunca convidou o sobrinho para visitá-lo. Mesmo após um breve reatamento das relações, com a publicação de *Canais e lagoas* – em fins de 1919 – a qual dedicara a ele, não houve uma

⁶¹ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 187.

⁶² Segundo Maria Elena Bernardes, ainda em Maceió, Octavio já havia visto um retrato de Laura, em seu livro de poesias *Imaginação*, adquirido por ele na Livraria Fonseca. Essa primeira visão teria uma importante consequência para ambos, alguns anos depois. A respeito desse episódio, revela a autora: “O belo retrato da poeta ficou fixado em sua memória com o desejo de um dia encontrá-la. Estando no Rio de Janeiro, contou com a ajuda do amigo e crítico literário de Maceió, José Avelino Silva, para que o encontro se realizasse”. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a inviabilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IFCH, UNICAMP, 1994, p. 86.

⁶³ Em *Combates e batalhas*, Octavio dedica algumas passagens à poetisa Laura da Fonseca e Souza (1891-1941), destacando: dados biográficos, o momento em que se conheceram e, principalmente, o reconhecimento que tinha por ela, como pode ser visto no seguinte trecho: “Laura tinha a paixão e a convicção revolucionárias. (...) Veio a ser a inspiradora, a animadora e a cooperadora. (...) Acompanhou-me aos sindicatos operários. Auxiliou-me no trabalho de massas. Passou a ser tudo para mim: a noiva, a irmã, a amiga, a companheira, a esposa fiel. Durante mais de 22 anos, deu-me toda a beleza do mundo. (...)”. In ____, op. cit., p. 159.

aproximação mais afetiva. Magoado, Octavio recordava a atitude que, com ele, seu tio tivera:

“Nunca me procurou, embora passasse pela rua do Ouvidor, onde eu morava. Nunca mais se interessou por mim. [Ele] era progressista em face do Quilombo dos Palmares e episódios semelhantes do passado, da História do Brasil. Mas atacava muito as idéias socialistas. Daí os choques e divergências”.⁶⁴

Como anarquista, um dos principais aspectos da militância de Octavio Brandão foram as dezenas de debates que realizou para os operários. No dia 26 de junho de 1919, menos de um mês após sua chegada ao Rio, pronunciou sua primeira conferência, na sede da União dos Operários em Construção Civil, localizado à Praça da República. Deu ênfase especial à importância da revolução social como a única solução para os problemas sociais. A esse respeito, o jornal carioca *A razão* assinalava:

“Octavio Brandão vem pregar ao povo sofredor e explorado, o novo ideal de redenção, o evangelho da hora – o Comunismo. Sua conferência foi uma brilhante afirmação de virilidade e fé consciente: fé nos altos destinos da humanidade, a redimir-se pela ciência, fé no poder das verdades científicas”.⁶⁵

Também participava ativamente de idas às fábricas e aos bairros operários, procurando convencer os trabalhadores da importância da organização sindical e da luta pelos seus direitos. Ávido por atuar, adere, em fevereiro de 1920, à iniciativa dos intelectuais estrangeiros que tinham recém-criado, no ano anterior, o *Grupo Clarté*, enviando-lhe imediatamente uma saudação. Esse movimento, surgido na França, a partir dos esforços desenvolvidos pelo escritor Romain Rolland, entre 1916 e 1917, tinha como lema central a criação de uma “Internacional do Pensamento”. Com isso, procurava preservar a independência intelectual diante das pressões para os engajamentos nacionais na Primeira Grande Guerra. Logo depois, com a adesão de importantes personalidades, entre os quais Einstein, Máximo Gorki, Bertrand Russel, Henri Barbusse etc., resolveram denominar o movimento e a sua revista também de *Clarté*.⁶⁶

⁶⁴ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 150.

⁶⁵ *A Razão*. Rio de Janeiro, 28.06.1919. É interessante notar o fato de os libertários reivindicarem o comunismo. Na verdade, naquele momento, ainda eram muito confusas as notícias do que estava ocorrendo na Rússia pós-revolução de outubro de 1917. Lenin e os bolcheviques, por exemplo, ainda eram confundidos com anarquistas.

⁶⁶ Cf. HALL, Michael M. & PINHEIRO, Paulo Sérgio. “O grupo Clarté no Brasil: da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho. In: PRADO, Antônio Arnoni (org). *Libertários no Brasil: memória, lutas e cultura*. São Paulo, 2.^a ed.: Editora Brasiliense, 1987, p. 251. O título *Clarté* era uma homenagem ao romance de Barbusse, publicado em 1919, e foi entusiasticamente saudado por Alceu Amoroso Lima no

Entusiasmado com essa iniciativa, Octavio Brandão publicou o manifesto do Grupo Clarté nas páginas do vespertino carioca *O Imparcial*, em janeiro de 1920. Relatando os passos seguintes dessa amistosa reciprocidade entre os simpatizantes brasileiros e o referido grupo internacionalista, Brandão sustenta ter assumido um papel de destaque nessa relação. Por isso assegura:

“O Grupo Clarté escreveu-me no sentido de promover o intercâmbio intelectual entre os internacionalistas dos outros países. Respondi falando sobre o desenvolvimento da doutrina de Clarté no Brasil. Os membros do Grupo Comunista Brasileiro Zumbi também aderiram a Clarté”.⁶⁷

Ao consultar o Prontuário de Octavio Brandão, produzido pelos órgãos de repressão política, sob custódia do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, pude localizar um raro documento que realmente evidencia uma comunicação de Octavio com alguns grupos estrangeiros. Trata-se de um escrito de sua autoria que foi publicado no jornal anarquista, *Umanità Nuova*, de Milão, no dia 16 de setembro de 1920.⁶⁸ Intitulado “Contra il ritorno all inquisizione nel Brasile”, o artigo consistia num forte apelo que Octavio fazia à opinião pública da esquerda internacional, denunciando a brutal violência policial do governo brasileiro cometida contra os trabalhadores. Como principais evidências desse truculento comportamento, destacava as seguintes situações: a repressão de grevistas, a deportação de militantes libertários portugueses, o empastelamento dos jornais anarquistas cariocas e a prisão suas principais lideranças. A respeito destas últimas terríveis condições, revelava que

“Numerosos escritores libertários como Astrojildo Pereira, Fábio Luz, José Oiticica, Antonio Canellas, Álvaro Palmeira, Mucio Teixeira, Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Octavio Brandão, foram feitos prisioneiros e freqüentemente recolhidos em celas frias e sujas. Ficaram sem comer por 36 horas, onde estavam detidos, na Repartição Central da Polícia do Rio. Pimenta e Everardo Dias foram cruelmente espancados e maltratados”.⁶⁹

artigo “Um socialista revolucionário” (19.6.1919) que se encontra compilado em seus *Estudos Literários*. Rio de Janeiro, 1936, pp. 68-70. Cf. idem, *ibidem*.

⁶⁷ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 173.

⁶⁸ Prontuário Octavio Brandão. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.

⁶⁹ “Numerosi scrittori libertali come Astrojildo Pereira, Fabio Luz, José Oiticica, Antonio Canellas, Alvaro Palmeira, Mucio Teixeira, Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Octavio Brandão, furono imprigionati e spesso rinchiusi in celle di rigore fredde e luride. Sono rimasto mangiare 36 ore, detenurlo nella Repartizione Central della Polizia del Rio. Pimenta e Everardo Dias, due giornalisti, furono crudelmente percossi e brutalizzati (...)” Idem, *ibidem*. Tradução do Autor.

Atentava também para o fato de o Congresso Nacional, composto por “capitalistas e politiqueros”, desejar editar uma lei celerada com o intuito de perseguir os anarquistas como norma legal. Essa “provocação”, no dizer de Octavio, objetivava, na verdade, “legalizar a punição”, instituindo “prisão celular de 2 a 5 anos”. Advertia ainda que, se esse projeto de lei fosse adotado, tornaria impossível “qualquer manifestação de pensamento”, marcando, por conseguinte, o que denominou de “retorno da Inquisição”. Daí a necessidade de conclamar “os trabalhadores, escritores de todas as nações e os libertários de cada uma delas” a protestarem, com toda a força, “contra essa infâmia”. Ao final do escrito, reforçou o seu chamado à solidariedade internacional para que juntos denunciasses tais medidas que representavam, por sua vez, um duro golpe na liberdade de organização e de opinião dos trabalhadores brasileiros. Terminando seu artigo, fazia o seguinte e veemente apelo: “Nós aguardamos com impaciência o vosso grito de protesto contra a tirania do governo criminoso do Brasil. Fraternalmente, Octavio Brandão”.⁷⁰

Depois de ter participado de inúmeras conferências, ida a fábricas e a sindicatos, onde distribuía folhetos e manifestos, em menos de um ano, Brandão começou a despertar a atenção das autoridades policiais. Assim, em março de 1920, era preso, pela segunda vez – a primeira de muitas no Rio de Janeiro – por haver prestado solidariedade à greve dos ferroviários da Leopoldina. Foi levado para a Repartição Central da Polícia, na Rua da Relação e, depois, à noite, para o Quartel dos Barbons, na Rua Evaristo da Veiga. Lá permaneceu sob a guarda de sentinelas à vista que lhe destinaram uma rigorosa segurança. Investigando novamente o seu *Prontuário*, é interessante observar as anotações feitas, a seu respeito, pelo principal órgão da polícia política à época: a Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS).⁷¹

DATA	ANOTAÇÕES DIVERSAS
26.3.920	<i>Preso na jurisdição do 18 D.P. e recolhido ao quartel da Polícia Militar desta Capital, em virtude de suas atividades comunistas. Posteriormente foi posto em liberdade.</i>

⁷⁰ “Noi aspettiamo con impazienza il vostro grido di protesta contro la tirannia del governo criminale del Brasile. Fraternalmente, Octavio Brandão”. Idem, *ibidem*.

⁷¹ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Prontuário Octavio Brandão*. Fundo: DOPS, pasta: GB, folha: 2077. A DESPS foi criada pelo decreto n.º 22.332, de 10.01.1933, sucedendo a antiga 4.ª Delegacia Auxiliar. Subordinava-se à Polícia Civil do Distrito Federal, sob a superintendência do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Cf. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Os arquivos das Polícias Políticas: reflexos de nossa história contemporânea*. 2.ª ed., Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996, p. 12.

Acusava-se Octavio de “comunista”, o que se tratava de um enorme equívoco, pois somente, no ano de 1922 é que ele, como veremos adiante, começaria a sua “mutação ideológica” aproximando-se cada vez mais do bolchevismo. Aliás, creio que seja válido fazer ainda mais um breve comentário acerca de algumas informações contidas no Prontuário de Octavio Brandão. Analisando-o, meticulosamente, pode-se novamente constatar que algumas de suas descrições nem sempre correspondiam à veracidade rigorosa dos fatos. Exemplifiquemos. Numa ficha datada de 1948, pelo Serviço de Informação da Divisão de Polícia Política Social (DPS), criada em 1945, (sucessora do DESPS), encontramos um surpreendente, para não dizer, fantasioso registro referente a sua militância em 1921. Nela, afirma que Octavio, nesse ano, “esteve envolvido nas atividades de um ‘comitê’ revolucionário que, nesta Capital, dirigia todas as operações do movimento anarquista no Brasil, *inclusive a fabricação de bombas para fins terroristas*”.⁷² Em outros momentos, voltaremos a nos referir a essa que pode ser considerada a “memória policial” realizada pelos órgãos de repressão sobre Octavio.

Depois que saiu da cadeia, Octavio Brandão foi procurar emprego. Conseguiu vender a antiga farmácia Pasteur de Alagoas e, com o dinheiro, comprou um pequeno estabelecimento, na Rua São Francisco Xavier. Essa nova farmácia não lhe rendia o suficiente, por isso buscou outro sustento paralelo. Matriculou-se numa escola para aprender datilografia. Depois se preparou para um concurso numa companhia de rolamentos; obteve êxito, sendo o primeiro colocado entre dezoito candidatos.

No meio a tantas dificuldades e preocupações, Octavio Brandão casou-se com a poetisa Laura da Fonseca e Silva, “sem padre nem juiz”, em abril de 1921. Sem dúvida, foi uma atitude de coragem e rebeldia para a época. Para Maria Elena Bernardes, esse gesto representou “uma crítica ao contrato de casamento e à posição anticlerical defendida por ambos”⁷³. Como não poderia deixar de ser, tal atitude fez com que os jovens recebessem muitas críticas da sociedade. As duas famílias ficaram bastante chocadas com esse comportamento. O casal, contudo, cheio de amor e de ideal, resistiu à tormenta. Foram morar nos fundos da farmácia. Depois, mudaram-se para a Rua Monte Alegre n.º 167, no bairro de Santa Tereza. No ano seguinte, tiveram a primeira filha que recebeu o nome de

⁷² Idem, *ibidem*.

⁷³ BERNARDES, Maria Elena. “Laura Brandão soltando a voz nos salões literários”. In: *Cadernos do AEL: Mulher, História e Feminismo*, n.º ¾, 1995/96, p. 205.

Sáttva, uma homenagem aos poetas e pensadores da Índia, e que significa luz, ritmo, harmonia e sabedoria.

Nesse mesmo momento, grave crise abatia-se sobre o movimento operário, em particular nos seus setores mais combativos. Se a liderança anarco-sindicalista se destacara em várias greves, especialmente em 1917-1918, os anos posteriores de 1919-1920 marcaram, ao mesmo tempo, o “momento de maior visibilidade dos anarquistas entre os trabalhadores e a sociedade em geral, e o início de longa fase repressiva que iria atingir todo o movimento operário carioca”⁷⁴. Brandão, um dos participantes daquela conjuntura, também recordava daquele episódio, assinalando que “no 1.º de maio de 1919 havia milhares de trabalhadores na rua. Foi a maior demonstração já ocorrida na cidade com passeatas, discursos, faixas e tudo mais. No dia 1.º de maio de 1921 não houve nada”⁷⁵. Em outra entrevista, Octavio fazia uma interessante revelação sobre o desconhecimento dos anarco-sindicalistas diante da Revolução de Outubro de 1917, em seus primeiros anos. Naquela ocasião, cerca de “60 a 100 mil trabalhadores”, de acordo com Brandão, desfilaram pela Avenida Rio Branco, “levando o retrato de Lenin no peito” e dando “vivas” a ele e à própria Revolução Russa. Apesar de demonstrarem sincera felicidade e o mesmo desejo de emancipação humana proposta por aquele importante episódio histórico que, de fato, abalou o mundo capitalista, os combativos militantes, no 1º de maio de 1919, no entanto,

“pensavam que Lenin era anarquista. Sobre que base? Confiscando o poder, pregando a paz – liquidação da guerra imperialista – tomando as terras, tinha que ser anarquista; porque o atraso teórico dessa gente, esses líderes do movimento operário da época era tão grande, que eles não sabiam o que era bolchevismo (...). Marx era uma espécie de social-democrata, pregando a conciliação da guerra. Tal a ilusão e a confusão dos líderes deste período que não sabiam nada de nada”.⁷⁶

⁷⁴ GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 2.ª ed.: Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994, p. 109.

⁷⁵ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), Rio de Janeiro: FGV, CPDOC/História Oral, 1993, pp. 39-40.

⁷⁶ LORNER, Ana Beatriz & MENEZES, Valmir. *Entrevista com Octavio Brandão*. Rio de Janeiro, 28-04-1979. In: *História em Revista: UFPel*. Pelotas: Editora Universitária, n.º 2, 1996, pp. 209-254.



*A poetisa Laura da Fonseca e Silva e o anarquista Octavio Brandão,
em 1921, logo após se casarem.*

1.4- Em busca de uma “teoria-bússola”

“Compreendamos que, sem a teoria – a bússola – naufragaremos completamente no meio do caos atual. Unamos diariamente a teoria marxista-leninista à luta prática revolucionária e vice-versa. Encaremos e exponhamos tudo com profundidade e simplicidade. (...) Estudemos a fundo o Brasil em seus mil aspectos (...) porque é no Brasil que teremos de realizar a obra do leninismo.”

Fritz Mayer (pseud.).
(*Agrarismo e Industrialismo*. Buenos Aires, 1926)

Em suas memórias, Octavio Brandão relata que, além das constantes perseguições políticas que sofria em Alagoas, um outro motivo havia pesado em sua decisão de deixar a terra natal, no ano de 1919. Tratava-se de uma busca incessante para encontrar respostas a três perguntas que, naquele momento, o incomodavam; e não conseguia refletir sobre elas em razão do ambiente inóspito e inseguro em que vivia. As indagações eram respectivamente: “Quem é Lenin”? “O que é marxismo”? “O que significa a Revolução Socialista na Rússia?”⁷⁷.

Pode parecer um tanto quanto anacrônico esse tipo de indagação, num momento em que, como o próprio Octavio afirma, em suas memórias, vivia uma fase em que ainda estava aderindo às idéias anarquistas, às quais permaneceria ligado “*durante dois anos e meio*”⁷⁸ até 1921. Mas, em se tratando de memória e, portanto, da reconstrução seletiva do passado reinventando uma história de vida, ou, no caso específico, de militância, assumindo na luta das idéias uma forma de luta política, esse ato de lembrar de Octavio Brandão encontra coerência com aquilo que ele próprio narra.

O caráter restritivo em certo grau de imprecisão e de ambigüidade que levanta em relação aos dados (auto)biográficos, representa, para alguns autores, inquestionável fragilidade do método de história de vida⁷⁹. Outros, contrários àquela perspectiva, como Ecléa Bosi, assinalam que a memória introduz alterações na reconstrução idealizada do

⁷⁷ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 135.

⁷⁸ Idem, p. 170. (Grifos meus).

⁷⁹ Não se pretende aqui fazer uma análise profunda sobre tal pressuposto, senão apenas apontar algumas considerações a esse respeito.

passado. Por essa razão, a narrativa da própria vida evidencia, segundo ela, o “testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.⁸⁰ Para Bosi, a orientação ideológica do narrador é determinada nas alterações produzidas pela memória reflexiva. Daí sustentar que

“a lembrança dos fatos políticos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. A leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível”.

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando (...).

E, por fim, a socióloga atenta para o fato de que “experiência política, enquanto partidária, necessariamente vai modelando, com o tempo, formas de discurso valorativo, convencional, ‘ideológico’ que podem esconder o teor mais objetivo da fala testemunhal”.⁸¹

As observações de Henri-Pierre Jeudy também nos parecem pertinentes quando ele diz que o jogo com a memória e com a identidade não é exterior ao movimento do conhecimento, mas está presente em toda operação de reconstituição⁸². Sugere ainda que as “deformações” introduzidas num relato constituem-se, elas mesmas, em objetos a serem desvendados pela investigação dos processos sociais. Finalmente, de maneira relevante para aquele comentário de Octavio Brandão, assinala que “o desejo de produzir uma ‘história de vida’ é também uma vontade de jogar com a interpretação. A memória de sua vida fica sendo uma das coisas de que o indivíduo não foi totalmente desapropriado”.⁸³

Retomemos as próprias palavras de Octavio Brandão. Em outra passagem de sua autobiografia, logo que chegou ao Rio de Janeiro, o militante libertário ainda procurava ansiosamente respostas àquelas perguntas, feitas em Alagoas, nos primeiros meses de 1919. O fato de não ter “encontrado ninguém” capaz de ajudá-lo a revelar tais inquietações, visto que, como lembrava, “ninguém conhecia marxismo”, havia lhe prejudicado bastante.⁸⁴

Apesar das profundas lacunas, mesmo assim, Octavio Brandão insiste em afirmar, que desde sua vinda para o Rio, já “defendia a Revolução Russa”. Essa última afirmação é

⁸⁰ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: Editora T. A. Queiroz/EDUSP, 1987, p. 27.

⁸¹ Idem.

⁸² Cf. JEUDY, Henry-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990, p. 60.

⁸³ Idem, p. 123.

⁸⁴ Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 170.

bastante plausível, uma vez que é consensual, na historiografia, o fato de, no interior do movimento operário brasileiro, nos três primeiros anos da Revolução de Outubro de 1917, não conhecer profundamente as nuances e os percalços que tiveram, principalmente, os bolcheviques e os anarquistas em seu desenrolar. De maneira geral, os principais protagonistas da classe trabalhadora nacional viam-na como a primeira revolução proletária feita contra o capital, contra a classe dominante burguesa. Por conseguinte, saudavam-na com grande entusiasmo e reivindicavam, em seu conjunto, o seu legado.

Logo, não seria exagero dizer que a chamada “questão russa” no Brasil, como em outros países, fortaleceu a combatividade do movimento operário em luta contra o Estado liberal-oligárquico da Primeira República. A liderança anarco-sindicalista procurou dela extrair o máximo de sua vontade subjetiva de luta que as condições permitiam. Paradoxalmente, contudo, ela também serviu, como diz Marcos Del Roio, de

“fio condutor do processo de crise e cisão político-cultural instalado na cultura operária desde de 1919 e que iria cristalizar-se somente após os inconcludentes resultados do III Congresso da COB [Confederação Operária Brasileira], de abril de 1920, o qual chegou a aprovar moção de saudação à IC, vista a impossibilidade de pedir a desejada filiação”.⁸⁵

Convém ainda lembrar que desde o momento em que a Revolução Russa passou a ser o centro difusor (e divisor) das idéias no interior do movimento operário brasileiro, as idéias de Marx, como lembra Leandro Konder, passaram a ser “um decreto de segundo plano na discussão”, sendo muito mais interessante privilegiar os acontecimentos do recente Estado soviético, em particular o pensamento de Lenin, sua principal referência⁸⁶. Percebe-se, então, algo como um influxo de confusas notícias sobre a revolução que foram divulgadas, a partir da versão leninista do marxismo, pelos mais destacados dirigentes do movimento operário nacional.

Naquele contexto, apesar de ainda permanecer “libertário, anarquista e revolucionário”, Octavio juntamente com sua companheira Laura Brandão, além de Astrojildo Pereira e outros camaradas, fundaram, em setembro de 1921, o *Comitê de Socorro aos Flagelados Russos, vítimas da seca no Volga*. A iniciativa, se maximizada, poderia levar à compreensão de que ficava cada vez mais evidenciada a adesão de Octavio

⁸⁵ DEL ROIO, Marcos. “Os comunistas, a luta social e o marxismo (1922-1929)”. In RIDENTI, Marcelo & REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas: Editora da Unicamp, vol. V, 2002, p. 18.

⁸⁶ Cf. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 117.

Brandão à Revolução de Outubro de 1917. Contudo, um exame mais cuidadoso de documentos revela que a simpatia não era ainda um motivo para sua conversão imediata ao modelo bolchevique de revolução. No máximo, pode-se sustentar que, a partir sobretudo de 1921, Brandão desejava entender melhor o marxismo à luz do principal inspirador e dirigente da revolução socialista na Rússia: V. I. Lenin. Nesse sentido, creio que seja válido agora acompanhar, de modo mais pormenorizado, os principais momentos que caracterizam a mutação do revolucionário alagoano do anarquismo para o comunismo.

Em julho de 1920, por exemplo, Octavio Brandão escreveu um artigo para o diário carioca *Voz do Povo*. Procurando insistir na necessidade de propagandear a Revolução Social de 1917, sem que com isso se tornasse um mero receptor daquele episódio, atenta para o fato de os jornais anarquistas terem a preocupação – com a qual concordava – de

“explicar teses, ser doutrinários e não se limitarem a ser gramofones, a atordoarem os nossos ouvidos com fatos que se passam na Rússia; mas sim, daí não se segue que esqueçamos o ideal anarquista. O Maximalismo é muito terra a terra; não tem a amplitão, o vôo infinito do anarquismo”.⁸⁷

Em 1921, há um escrito de sua autoria publicado em outro jornal carioca em que se pode perceber muito mais confusão e ecletismo do que clareza ou possível assimilação e concordância com as novas idéias. Numa passagem emblemática, afirma a esse respeito que os revolucionários brasileiros “deveriam criar seu próprio programa através da conciliação das idéias de Marx e Bakunin, Lenin e Kropotkin, a fim de elaborar uma linha média entre o centralismo e o federalismo”.⁸⁸

No começo de 1922, Octavio Brandão, ainda libertário, mas preocupado com o fato de que as duras e crescentes disputas entre anarquistas e comunistas pudessem enfraquecer as lutas da classe operária e favorecer as classes dominantes, procurava um tom de conciliação entre ambas as correntes. Num longo artigo intitulado “Paz entre nós, guerra aos senhores” e publicado novamente no jornal *A Voz do Povo*, fazia um *sui generis* apelo:

“Trabalhadores, anarquistas e bolchevistas, tende juízo!

Tende juízo, repito! Anarquistas, deixai em paz os bolchevistas; fazei a vossa obra de guerra ao capitalismo; estudaí todos os problemas da reconstrução social.

Bolchevistas, deixai em paz os anarquistas; fazei a vossa obra contra o capitalismo; preparai as forças proletárias para a Revolução Social. (...)

Venho contra os fanáticos de ambos os lados, lembrar a grandeza do homem livre; a independência do homem que pensa por si próprio; que não tem espírito de casta ou de seita; que se coloca mais além das lutas estreitas; que sabe ver os erros, mas sabe também as

⁸⁷ *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 30.07.1920.

⁸⁸ *A Pobreza*. Rio de Janeiro, 11.05.1921.

qualidades do adversário; que não serve a uma política; que não sacrifica a verdade a uma razão de estado ou a um interesse de partido (...)

Os bolchevistas pregam a sua ditadura. Que puguem!

A obra dos anarquistas será esclarecer as multidões, criar homens livres, para que a ditadura seja de todo impossível”.⁸⁹

Não obstante se opor às trocas de acusações e às disputas entre anarquistas e comunistas, Octavio Brandão deixava clara sua posição militante à época: “Quem vos fala assim, continua na mesma atitude de outrora; não aderi aos bolcheviques, não concordo com a ditadura”. Essa postura, não o impedia, todavia, de realizar críticas a determinadas posturas anarquistas, quando diz: “Mas também não concordo com a exaltação doentia de muitos elementos das fileiras anarquistas”.⁹⁰

Por tudo isso, insisto que não é possível entender o percurso militante de Octavio Brandão e sua conseqüente “migração” para o comunismo de forma linear, objetivista ou racionalizante, como ele próprio procurou assinalar em algumas passagens de suas memórias. Pelo contrário. Sua aderência às fileiras do comunismo nacional processou-se de maneira diversa, bastante sinuosa, onde as alternativas eram apresentadas e as escolhas iam sendo feitas. Acompanhemos de perto outro episódio que atesta a referida assertiva que sustentamos.

Em janeiro de 1922, a Revista *Movimento Comunista* abria suas páginas para divulgar um evento de solidariedade internacional. Tratava-se da reunião organizada pelo já citado *Comitê de Socorro aos Flagelados Russos, vítimas da seca no Volga*. Esse evento ocorreu na sede da União dos Operários em Fábricas de Tecidos, localizada na Rua do Acre n.º 19, no Centro do Rio de Janeiro. Diante de platéia atenta, teve início a esperada discussão. José Elias, então secretário do Comitê, no espaço de uma hora, dissertou sobre a Revolução Russa e as causas da seca que dramaticamente afligia aquela população. Em seguida, foi a vez do anarquista Octavio Brandão. Coube a ele a tarefa apelar para os ouvintes presentes da importância em também se engajarem naquela campanha internacional de solidariedade. Sua fala exaltava a grandeza, “*o labor sobrehumano*”, que o povo russo fazia para resistir ao enorme drama que padecia naquele momento. Além disso, não deixava dúvidas de sua adesão ao “*ideal moscovita*”. Mas, ao concluir sua mensagem, proferiu os seguintes dizeres:

⁸⁹ *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 01.01.1922.

⁹⁰ *Idem*, *ibidem*.

“Mãi Rússia que nos deste Bakunine, isto é, a energia, e Tostoi, isto é, o amor, e Kropotkine, o auxílio mútuo – Mãi-Rússia que nos ensinaste a bondade na desventura (Gorki), sê bendita, ó Mãi amada, mãi de todas as mãis, Mãi eterna da Vida e da Elevação!”⁹¹

Em sua autobiografia de 1978, Octavio Brandão relembrou esse mesmo episódio. Mas, ao reproduzir na íntegra o mesmo apelo, fez de outra maneira: modificando determinadas passagens. Eis a nova versão que o autor quis, publicamente, divulgar.

“Mãe-Rússia que nos deste... Tostói, isto é, o amor, Lênin, a ação criadora. Mãe-Rússia que nos ensinaste a bondade na desventura, personificada em Gorki – sê bendita, ó Mãe amada, mãe de todas as mães, Mãe eterna da Vida e da Elevação Social!”⁹²

Ao compararmos a mesma fala, mas (re)escrita por Brandão totalmente diferente de sua intervenção original, podemos constatar outro atributo do recurso da memória: o silenciamento ou ainda a omissão. Essa opção é bastante relevadora no trecho acima descrito. Nas passagens do apelo original feitas pelo então militante anarquista Octavio Brandão, em janeiro de 1922, são dedicados louvores aos dois dos mais importantes teóricos da filosofia anarquista, Bakunin e Kropotkin. Já na segunda versão, reescrita por ele para suas memórias, quase sessenta anos depois, é retirado o nome daquele primeiro anarquista russo, colocando, em seu lugar, reticências. O segundo teórico libertário também é subtraído. Mas, em seu lugar, Octavio optou em substituí-lo por outro importante revolucionário, mas dessa vez do bolchevismo: V. I. Lenin.

Essencialmente seletivos, o silêncio e o esquecimento também são partes integrantes da memória. Embora distintas, ambas são formas privilegiadas de sua organização, contribuindo para a estruturação das identidades individuais ou coletivas. Como lembra Michel Pollack, se a memória é lembrança, ela é também esquecimento⁹³. Talvez seja esse aspecto que torna possível entender os silêncios e as ocultações que fazem parte não somente da memória de Octavio Brandão, como também de todos aqueles militantes ou até

⁹¹ BRANDÃO, Octavio. “Pela Rússia”. In: *Movimento Comunista*, n.º 1. Rio de Janeiro, 01.01.1922. Optei por manter a grafia da época. Essa revista era editada pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Segundo Astrojildo Pereira, seu principal editor, a importância fundamental desse material constitui-se no fato de ele ter sido “a primeira publicação periódica declaradamente comunista que apareceu no Brasil”. Cf. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB (1922-1928): notas e documentos*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1962, p. 56. Justificando ainda o pioneirismo da revista, assinala que os outros periódicos operários existentes eram “apenas de tendência ou simpatizante da Revolução Russa”. Cf. idem, ibidem, nota 1.

⁹² _____. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 177.

⁹³ Cf. POLLACK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n.º 3, 1989.

mesmo pesquisadores que se atrevem a mexer com um passado vivido⁹⁴. Não nos interessa saber se a intenção de Octavio é justificar o seu passado na militância anarquista. O mais relevante é procurar registrar a sua leitura acerca desse período imaginado, um “tempo antes”, no dizer de Raul Girardet. Esse representa imagens de um passado que se tornou lendário ou, nas palavras do próprio autor, “visões de um presente e um futuro definidos em função do que se foi ou do que se supõe ter sido”.⁹⁵

Nesse último aspecto, cabe salientar que a idéia central na análise de Brandão era travar uma luta ideológica contra a antiga influência do anarquismo. Comentando o fato de ter existido antes do PCB “marxista-leninista” de março de 1922, um outro e “falso” Partido Comunista do Brasil, em 1919, de orientação libertária, diz o revolucionário, num outro depoimento, assegurando que aquela tradição, na verdade,

“não tinha nada de comunista. Eram anarquistas. Foi uma confusão tremenda. Eles não queriam nenhum partido. Eles não queriam política. Confundiam política e politicalha, eles não queriam a máquina do Estado. Era somente destruir o Estado burguês e acabou-se (...). Pensavam que Lênin era anarquista e que a revolução na Rússia tinha sido uma revolução anarquista. Quando descobriram que os anarquistas eram presos na Rússia, eram perseguidos, então viraram contra”.⁹⁶

Já em 1923, sete meses depois de ter entrado para o PCB, Octavio Brandão procurava combater ideologicamente sua antiga corrente militante. Num artigo escrito para a revista *Movimento Comunista*, dizia enfaticamente:

“Os anarquistas não querem aceitar a violência do Estado proletário, a violência do Exército Vermelho. Caem fatalmente no tolstoísmo mais ou menos disfarçado. Tombaram no brejo podre do evolucionismo, do reformismo, do educacionismo, concepções desmoralizadas pela brutalidade da conflagração e pela violência inaudita das contra-revoluções na Itália, Finlândia, Baviera, Hungria”.⁹⁷

⁹⁴ A esse respeito é válido, da mesma maneira, a advertência que fez Marie-Claire Lavabre em seu estudo sobre o Partido Comunista Francês. A autora, ao contar a história do partido, privilegiando a memória de seus ativistas, nos parece interessante para também tentar compreender as motivações que levaram Octavio Brandão a “apagar” certas posições marcantes, num determinado contexto, em sua trajetória militante. Ou seja, de como, a partir de uma preocupação com a história (e com sua própria história), as referências do passado exercem um forte papel nas próprias intervenções políticas e, nesse sentido, “o gosto pelas comemorações, pelas lembranças e pela busca da verdade convive com as ocultações, com o silêncio e com as mistificações”. Citado in PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 14.

⁹⁵ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 97.

⁹⁶ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento* 1977). Rio de Janeiro: CPDOC/História Oral, 1993, pp. 46-47. Vale dizer que o próprio Octavio foi um dos delegados presentes no Congresso de 1919, para fundar o “falso” Partido Comunista do Brasil.

⁹⁷ *Movimento Comunista*. Rio de Janeiro, 01.05.1923.

Toda essa luta ideológica é explicada pelo fato de o grupo dirigente do PCB dedicar parte considerável de sua intensa atividade política e jornalística na polêmica contra aqueles identificados como detratores da Revolução de Outubro. Buscavam qualquer possibilidade que tinham para refutar as “calúnias reacionárias” que tanto os representantes do governo, como também os anarco-sindicalistas faziam a respeito do jovem Estado Soviético.

Em *Combates e batalhas*, Octavio Brandão procurou “golpear” ainda mais em sua primeira matriz ideológica, buscando, com isso, encontrar sólidos argumentos que viessem a comprovar a “falência do anarquismo”, como ele próprio dizia. Inicia sua reflexão dizendo que aquela tradição só se desenvolveu no Brasil e em outros países que “não tinham a grande indústria”. Por conseguinte, o seu florescimento entre os militantes brasileiros era explicado pelo “atraso do país”.⁹⁸ Numa outra passagem é mais crítico. Afirmando que, apesar de o anarquismo pregar a “revolução”, eles, contudo, não tinham idéia concreta sobre aquele propósito. Tal motivo era ocasionado, segundo Brandão, pelo fato de os anarquistas “não compreenderem suas etapas. Nem suas forças motrizes. Nem o papel do proletariado. Nem a aliança com os camponeses”. Para Brandão, outro e gravíssimo limite da tradição libertária consistia no fato de haverem “recusado a luta no Parlamento e sua combinação com a luta extraparlamentar”.

O balanço histórico do anarquismo, na ótica de Octavio Brandão, representava qualquer coisa com exceção de ser uma organização revolucionária conseqüente. Considerava seus participantes como sendo “militantes irresponsáveis, nada sérios”. Por tudo isso, o antigo anarquista e agora fiel partidário do PC considerava-os como “uma corrente individualista pequeno-burguesa. Não admitia nenhum partido. Negava-se, de fato, a política. (...). Não tinha disciplina. Nem organização. Abria as portas a quaisquer aderentes. Não tinha vigilância de classe. Não tomava medidas de segurança”.⁹⁹

Como Octavio Brandão, outros importantes militantes do comunismo nacional, ao narrarem as vicissitudes desse período de transição de um antigo ideal para outro, elegeram o PCB e colocaram-no como um divisor de águas na história do anarquismo. Para os comunistas, portanto, tornava-se uma *conditio sine qua non* travar toda uma luta ideológica contra a antiga influência do anarquismo, do qual muitos eram egressos.¹⁰⁰

⁹⁸ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 209. (Grifos meus).

⁹⁹ Idem, p. 210.

¹⁰⁰ Astrojildo Pereira, num capítulo de seu livro, *Formação do PCB*, também se referiu ao já citado episódio da criação de um “partido anarquista” no ano de 1919, fazendo questão de distinguir esse,

No entanto, ao assumir o emblema de comunista, Brandão e outros ex-anarquistas, como não poderia deixar de ser, sofreram contundentes críticas de seus antigos companheiros libertários. Um dos mais ríspidos ataques foi desferido por José Oiticica, uma das primeiras pessoas que o Octavio conheceu, logo depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, em maio de 1919, e que tivera enorme influência sobre o seu pensamento.

Num artigo publicado na “Seção trabalhista” do jornal *A Pátria*, em outubro de 1929, José Oiticica atacava na “mesma moeda” o seu antigo companheiro e agora adversário. Tratava-se de um veemente juízo que fazia acerca das eleições para a intendência (municipais) marcadas para aquele ano. Acusando-o de “grande politicalha”, essas, em sua opinião, resultavam de “triste organização social” na qual os homens se “esfaqueavam”, tão-somente pela “ambição de mandar”. O mais interessante, porém, eram as críticas feitas aos seus oponentes ideológicos, como a que se segue:

“Há o ridículo, por exemplo, dos burguezóides bolchevistas empavezados com o penacho eleitoral em nome da revolução proletária. A revolução proletária com eleições para o Conselho é de fazer rir os frades de pedra.”¹⁰¹

Mas, sem dúvida alguma, o alvo central de sua “metralhadora” era o seu antigo companheiro de trincheira. De maneira irônica assinalava Oiticica:

“E quem outrora conheceu o excelentíssimo Sr., talvez futuro conselheiro Octavio Brandão, e o vê bradar, mui convencido aos operários cariocas pelo voto, não pode deixar de concordar com aquele dito popular: ‘o homem põe e Deus dispõe’”.

Lembrando de seu desafeto, Oiticica não escondia a decepção ao dizer que “Brandão, efetivamente era, ou dizia ser, um anarquista fervoroso. Falar junto dele, em votos, eleições, deputados, parlamentos, era o mesmo que falar no diabo dentro de uma igreja”.

E, a seguir, da mesma maneira irônica, mais uma vez disparava contra Octavio:

“Ninguém diria que, do intransigente anti-político, ia nascer um politiquero firme, ferrenho, esforçado, capaz de aludir a fama dos Irineus e Vieira de Mouras (...). Eu por mim, desejaria sumamente vê-lo no curral conselheiral [sic] apresentando emendas, discutindo leis, perorando contra a burguesia, a polícia, o governo (...) se a Virgem Maria o eleger”.

considerado “falso”, e o “verdadeiro”, surgido em março de 1922. Segundo o fundador do partido, apesar de terem o mesmo rótulo, sua diferença estava no conteúdo. A distinção entre ambos era o fato de o primeiro não ter adotado estatuto, “*mas sim bases de acordo, à boa moda anarquista*”; já o segundo, entendia não apenas a necessidade da organização, mas também compreendia “*que no marxismo é que se encontra a definição teórica justa da ideologia do proletariado. Estes últimos é que viriam a fundar, em 1922, o verdadeiro Partido Comunista do Brasil*”. Cf. _____. *Formação do PCB (1922-1928)*, op. cit., p. 44. (Grifos meus).

¹⁰¹ OITICICA, José. *A Pátria*. Rio de Janeiro, 29.10.1929. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Prontuário Octavio Brandão*. Pasta: DESPS, folha 2077, caixa 12.

Ao término de seu artigo, Oiticica desafiava o dirigente comunista para, em caso de êxito eleitoral (Brandão concorria, pelo Bloco Operário e Camponês) às eleições municipais de 1929), poder “olhar bem de frente para a cara dele no Conselho, a ver como ficou e qual a diferença fisionômica entre o ex-anarquista e o conselheiro bolchevista. Talvez mais pálido...”.¹⁰² Anos mais tarde, em 1956, José Oiticica novamente voltava a se referir a Octavio Brandão com muita amargura e decepção, pelo fato de ele e outros ex-militantes anarquistas terem migrado para o comunismo. Relembrando o momento em que conheceu Brandão e os anos em que militaram juntos, diz o autor, com certo orgulho, que,

“ao rebentar a Revolução de 1917, era Brandão rapaz entusiasta, espírito revolucionário, com ânsias anarquistas. Quando, em fins de 1918, fui deportado para Alagoas, Brandão me conheceu. Clandestinamente, pois a polícia me vigiava, fui com ele orientar os pescadores que se agitavam sem saber lutar (...) Com Brandão corri os canais e lagoas do litoral alagoano (...)

Creio que muito concorri para tornar Brandão anarquista militante (...) Conheci bem Octavio Brandão, culto, inteligentíssimo, profundamente sincero, honesto, decidido e boníssimo.”¹⁰³

No entanto, quando Brandão começou a simpatizar pelo comunismo, Oiticica lamentava a decisão de seu ex-companheiro, ao comentar magoado que, no final de 1919, era o momento em que começava a serem produzidos

“os frutos a intromissão sorrateira, venenosa, nefasta do bolchevismo, operada, sem nenhuma ciência minha nem dos militantes anarquistas mais conscientes, pela cavilação manhosa de Astrojildo Pereira. Brandão, muito chegado a Astrojildo (...), deixou-se por (...) contaminar e transformou-se logo. De espírito independente, senhor de si, avesso ao mando como à submissão, anarquicamente desrespeitador dos ídolos por um lado e, por outro, incapaz de receber ordens, passou, repentinamente, ao servilismo do partido, a dizer além às imposições de cima e ditar, aos seus subordinados, tarefas e preceitos. E a luta se travou braba entre os anarquistas e bolchevistas (...)”.

E, bastante ressentido, conclui, afirmando que Octavio Brandão “entrou nessa luta sórdida, sujíssima contra mim”.¹⁰⁴

Mas voltemos a acompanhar o percurso de mudança na orientação ideológica de Brandão. Em abril de 1922, falando em uma conferência no Sindicato da Construção Civil, no Rio de Janeiro, o anarquista Octavio Brandão, embora “já em crise ideológica”, chegou a defender uma inédita política de “frente única dos anarquistas revolucionários com o Partido Comunista do Brasil” que acabava de ser fundado. Ainda que, em alguns

¹⁰² Idem, *ibidem*.

¹⁰³ OITICICA, José. *Ação Direta*. Rio de Janeiro, n.º 113, dezembro de 1956.

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*.

momentos, os comunistas reconhecessem a combatividade dos anarquistas, em outros, eles denunciavam a falta de uma teoria que permitisse analisar o movimento histórico para nele intervir.

De maneira geral, os primeiros ativistas comunistas faziam sincero esforço no sentido de superar a herança ideológica “pequeno-burguesa” por eles identificada no anarquismo. Brandão escreve a esse propósito, afirmando que o anarquismo “desprezou a importância da teoria bússola”¹⁰⁵. Assim, tornava-se cada vez mais claro, para eles, a necessidade de se buscar um arcabouço teórico-militante que permitisse compreender as perspectivas que eram abertas para o movimento revolucionário mundial, no sentido de intervirem na realidade. Passavam a entender o partido como esse instrumento essencial, que representava, por assim dizer, o conhecimento da totalidade das coisas. Como argumenta Kazumi Munakata, “o partido e a história eram as duas faces de uma mesma moeda: a racionalidade se racionalizando”¹⁰⁶. O próprio Brandão já afirmava em seu escrito de 1924:

“Estudemos a fundo o Brasil em seus mil aspectos – econômico, político moral e mental, histórico e etnográfico, físico e social – porque é no Brasil que teremos de realizar a obra do leninismo. (...) ninguém mais do que o comunista deve abarcar uma tão vasta soma de conhecimentos, dirigidos num sentido prático, revolucionário, e não, intelectualista (...).”¹⁰⁷

Os desenvolvimentos posteriores a 1921 marcariam, de maneira profunda, o movimento comunista internacional. Ocorreu a derrota na onda revolucionária mundial culminada com a dura repressão à revolução alemã, a partir de novembro de 1918, por parte da socialdemocracia, que, em aliança com a monarquia, não hesitaram em prender e logo depois serem cúmplices no assassinato, dos principais dirigentes da Revolução Alemã: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

Mas, se o prognóstico da revolução mundial falhara, a Rússia, isolada, conseguia a proeza de sobreviver, de vencer a contra-revolução imperialista. Ratificava-se, cada vez mais, a confiança nas possibilidades de sobrevivência autônoma do primeiro Estado socialista. O modelo de Outubro de 1917 passou a ser visto como paradigma de vitória real e possível para o movimento comunista mundial. Com isso, a concepção do processo

¹⁰⁵ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 210.

¹⁰⁶ MUNAKATA, Kazumi. “Marxismo brasileiro originário” in *História: Questões & Debates*, Curitiba, 6 (10): 61-81, jun. 1985, p. 80.

¹⁰⁷ Fritz Mayer (pseud.) *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*. Buenos Aires, 1926, p. 57. No capítulo II me dedicarei a uma maior reflexão sobre esse importante escrito de Octavio.

revolucionário, enquanto necessariamente internacional, foi perdendo o elemento voluntarista que lhe dera vida. Passava, a partir de então, a se enraizar apenas numa análise do imperialismo.

Baseada ainda na certeza inabalada da internacionalização desse processo revolucionário, é que se foi delineando, e ganhando força, o conceito de Partido Mundial da Revolução. Convém também destacar que a idéia do partido, como o instrumento fundamental e indispensável para o desenvolvimento do processo revolucionário era legitimado no pensamento leniniano. Assim, se, por um lado, o modelo bolchevique de partido tornava-se ponto de referência, por outro, a Internacional Comunista passava a ser entendida como a “agência da revolução”. Como atenta Fernando Claudín, esta última tinha sido estruturada para ser

“uma organização semimilitar, estritamente centralizada e hierarquizada em nível mundial – à imagem e semelhança das características do Partido Bolchevique durante a guerra civil –, já que tem como tarefa organizar e dirigir uma revolução mundial que, caso se tivesse materializado, teria forçosamente de assumir, naquela situação histórica, a forma de uma série de guerras revolucionárias, civis e internacionais”.¹⁰⁸

A conseqüência mais importante e duradoura da centralização do Partido Mundial da Revolução¹⁰⁹ foi a chamada russificação da IC. Por conseguinte, também resultou dos efeitos psicológicos, conseqüência dos insucessos revolucionários experimentados em algumas regiões do Ocidente, entre 1919 e 1923. Mas, apesar dessas derrotas, prevalecia o otimismo, em relação aos destinos da revolução mundial, que se tornou característico nos primeiros anos da IC. Essa visão, partilhada por todas as seções que a compunham, concebia a Revolução Russa como o prólogo da revolução social européia. No entanto, essa ótica não deixava de superestimar, por um lado, a maturidade do potencial revolucionário no Ocidente e subestimar, por outro, tanto a solidez dos regimes liberais quanto a especificidade das tradições operárias na Europa e nos Estados Unidos.

Apesar do alinhamento com o modelo bolchevique – embora não caracterizasse subordinação – concorda Fernando Claudín que ainda havia a possibilidade de certa autonomia da revolução mundial com relação à Rússia soviética. Por essa razão,

¹⁰⁸ CLAUDÍN, Fernando apud AGOSTI, Aldo. “O mundo da Terceira Internacional: os ‘estados maiores’”. In: HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo* - vol. 6, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 108.

¹⁰⁹ Para uma maior discussão sobre a referida temática, ver novamente o interessante artigo de Fernando Claudín, particularmente o item “Revolução mundial e partido mundial da revolução”, op. cit., pp. 100-118.

engendrou-se maior autonomia teórica, política e organizativa dos partidos comunistas e a necessidade de uma reestruturação correspondente em sua organização internacional.¹¹⁰

Essa discussão também é relevante nos estudos sobre o PCB, nos quais tanto historiadores quanto cientistas sociais opinaram sobre tal problemática. Uma grande parte dos estudos realizados acerca do tema enfatiza que, desde o início, o PCB estava subordinado política e organizativamente à IC. Para os que advogam tal proposição, cito principalmente os trabalhos realizados por Paulo Sérgio Pinheiro, Edgar De Decca e Kazumi Munakata.¹¹¹

Uma segunda linha interpretativa é defendida por Marcos Del Roio em sua pesquisa que versa sobre a política de alianças do PCB, a partir do VI Congresso da IC, em 1928. Argumenta que, apesar de não ter havido uma imposição da IC nas elaborações realizadas pelo primeiro grupo de dirigentes comunistas brasileiros, também “não se produziu uma elaboração original”, na medida em que o conjunto da teorização “era embasada na parca literatura marxista presente no país, inclusive de documentos da própria IC”.¹¹²

Outra compreensão diferente e original é feita por Michel Zaidan que enfatiza as especificidades nacionais da elaboração do PCB, em seus primeiros anos, negando assim papel determinante da IC no processo constitutivo do Partido¹¹³. Sustenta, portanto a convicção da escassa importância prática da ação direta da IC sobre o PCB no período em que foi fundado. O que se empreendeu à época dependia das decisões tomadas aqui com enorme autonomia e sob completa responsabilidade dos comunistas. Diante disso, pode-se dizer que a influência exercida pela IC consistiu apenas num importante referencial: os comunistas brasileiros não deixavam de reivindicar o seu legado e lutar para se tornarem logo uma de suas seções.

A esse respeito, Brandão comenta que, na fundação do PCB, mais do que a influência direta da IC, havia predominado, de maneira decisiva, a experiência no Brasil a partir do declínio da hegemonia anarquista, decorrente da dura repressão dos governos e do

¹¹⁰ Cf. Idem, p. 111-112.

¹¹¹ Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *A Terceira Internacional. Notas sobre a gênese da preocupação com a América Latina, 1919-1926*. São Paulo: CEDEC, 1979, mimeog.; DE DECCA, Edgar Salvadore. *1930: o silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1982; MUNAKATA, Kazumi. *A legislação social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹¹² DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa – a política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 83.

¹¹³ Entre outras obras de Michel Zaidan que se situam na mesma perspectiva, refiro-me, especificamente, ao seu livro *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Ed. Global, 1985.

impacto da Revolução de Outubro no movimento operário. Porém, ao ser indagado se a preocupação central do PC, naquele momento, era obedecer às 21 condições para ser aceito na IC, ou adaptar-se à realidade da classe operária, respondia enfaticamente: “obedecer às 21 condições. A influência dela não foi grande... a influência assim, como direção. Mas a influência ideológica foi imensa; os livros, os manifestos, tudo. A influência da internacional foi sobretudo ideológica em nossa experiência no Brasil”.¹¹⁴ Em sua visão, tal “adaptação” visava tão-somente “atingir as massas”, por meio de tarefas educativas e de materiais de propaganda do PC. Apesar disso, sustenta que não havia interferência política direta da IC. Mas, na seqüência do mesmo depoimento, demonstrou certa ambigüidade ao admitir o papel de destaque da IC nos primeiros anos do PCB.

“A IC escreveu ao PCB, a 1.º de julho de 1923, recomendando-lhe que transformasse a revista *Movimento Comunista* num jornal operário de massas. Esta recomendação tornou-se uma realidade em 1925, com a fundação do Jornal *A Classe Operária* (...) A IC preconizou ao PCB que reforçasse os sindicatos operários e lutasse pela unidade sindical. Tal diretiva foi tomada em consideração. (...)”

Brandão manifestava enorme entusiasmo ao ver a possibilidade de os comunistas serem reconhecidos pela tão admirada “agência da revolução”. Mas, apesar de todo um significativo esforço no sentido de cumprirem as obrigações para se tornar seção da IC, na verdade, tal atitude não passou de sincera vontade. Representou apenas um ato unilateral por parte dos militantes brasileiros, pois, naquele momento, na IC ainda não existia uma preocupação mais sistemática em relação aos partidos comunistas latino-americanos. Com se sabe, o PCB só seria aceito como membro efetivo e integrando as fileiras da IC em princípios de 1924.¹¹⁵ Mesmo assim, com a intermediação do PC argentino.

¹¹⁴ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento* 1977), op., cit., p. 84.

¹¹⁵ A razão do atraso no reconhecimento do PCB deveu-se a polêmica “Questão Canellas”. Antônio Bernardo Canellas, ex-anarquista, por se encontrar na Europa à época da fundação do PCB foi escolhido para ser delegado do Partido junto ao IV Congresso da IC, visando garantir a sua inclusão como seção brasileira. Iniciado o Congresso, em novembro de 1922, defendeu, contudo uma posição que causou mal-estar: a presença de maçons no PCB. Seu informe foi considerado problemático e insuficiente o que impediu a imediata adesão do PCB nas fileiras da IC, sendo apenas recebido como simpatizante. Ao retornar ao Brasil, Canellas reafirmou suas posições. Recusando reconhecer suas responsabilidades a Comissão Central Executiva (CCE) do PCB expulsou-o do partido, em dezembro de 1923. O *Relatório Canellas*, bem como a Resolução da CCE encontram-se transcritos em VINHAS, Moisés. *O partidão: a luta por um partido de massas 1922-1974*. São Paulo, Hucitec, 1982, pp. 18-62.



Os anarquistas Octavio Brandão, Bernardo Canellas e Astrojildo Pereira, em 1919.

CAPÍTULO 2

O MILITANTE E INTELECTUAL DO PARTIDO (1922-1928)

2.1- Construindo o PCB

“15 de outubro de 1922. Neste dia tornei-me combatente do Partido Comunista do Brasil, soldado do povo brasileiro e de sua classe operária. Desfraldei a bandeira do socialismo científico de Marx, Engels e Lenin, nas condições mais horríveis do Brasil da época. Mas a alegria era imensa.”

Octavio Brandão.
(*Combates e batalhas* – memórias. 1.º vol, 1978)

No dia 15 de outubro de 1922, Octavio Brandão trabalhava em sua pequena farmácia. Num determinado momento, recebeu a visita de seu companheiro Astrojildo Pereira. Este último trouxe consigo uma papeleta de filiação ao PCB e entregou a Octavio. Depois de permanecer por quase um ano, lendo livros e meditando com mais precisão acerca de alguns aspectos da Revolução Russa de 1917 – como o legado dos bolcheviques, em particular de V.I. Lenin –, Brandão, finalmente, ingressava no partido. Segundo ele, a razão principal de não ter entrado para a organização desde o momento de sua fundação, em março daquele ano, devia-se a um motivo que ele próprio fazia questão de ressaltar: “Não poderia aderir com um simples membro da base”, mas sim “como combatente, militante com certa formação teórica”.

Todavia, essa pouca diferença de tempo, não o impedia de auto-reconhecer a sua colaboração paralela com o novo agrupamento político, ao assinalar que “desde o primeiro momento (...) fiz propaganda de seu [do PCB] órgão *Movimento Comunista*. Publiquei em seu 1.º número a saudação calorosa à União Soviética, pronunciado no sindicato têxtil a 1.º de janeiro de 1922”¹. Cabe ainda ressaltar que, nesse mesmo ano, Octavio Brandão escrevia a maior parte do livro *Rússia Proletária*, publicado dois anos depois. Ainda que fosse uma obra situada numa “fase de transição”, como ele próprio considerava, nela já defendia entusiasticamente a Revolução de Outubro de 1917, rebatendo a crítica de seus adversários. Tudo isso demonstrou que realmente Brandão fizera, principalmente a partir de 1922, um significativo esforço de superação de sua primeira matriz ideológica anarquista, concebendo uma nova: o marxismo de inspiração leninista.

¹ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 231. Ainda em sua autobiografia, Brandão conta que Astrojildo Pereira resolveu tornar solene o ato de filiação do novo adepto e recomendou ao farmacêutico alagoano como data simbólica de adesão o dia 07 de novembro daquele ano, aniversário da Revolução Socialista na Rússia. Cf. idem, p. 233.

Logo de início, um sério problema era perceptível para Octavio, como para os outros camaradas: a debilidade teórica dos militantes comunistas. Havia, decerto, o reconhecimento do enorme limite e, mesmo, da ausência de tradição marxista no interior da vanguarda do PC. Isso pode ser evidenciado na limitadíssima produção bibliográfica existente que dificultava melhor a formação dos comunistas brasileiros.

A falta de recursos financeiros também era apontada como um dos graves problemas do partido. Mesmo assim, panfletos, volantes e jornais, com todos os reveses, eram publicados em grande número². No entanto, o PCB em termos de publicações teóricas, elaborou muito pouco durante os anos de 1922 a 1930. Para Leandro Konder os escassos recursos, que os comunistas levantaram até 1926, destinavam-se apenas à agitação, não sobrando praticamente nada para a produção teórica.³

Nesse sentido, pode-se dizer que os primeiros anos do PC brasileiro foram marcados por escassa publicação da literatura marxista, de origem própria ou de traduções. Nessa fase de sua vida, a principal prioridade do partido era consolidar-se organicamente, sem aprofundar muito a questão ideológica. Esses obstáculos colocados no caminho da primeira geração dos comunistas em nosso país não impediu, contudo, o desenvolvimento de importantes iniciativas.

Coube a Octavio Brandão algumas delas. Em 1923, vivia-se o Estado de Sítio do Governo de Artur Bernardes. Brandão e a família moravam na Rua General Câmara, no 3.º andar, perto de sua farmácia. Aliás, vale dizer que esse estabelecimento exerceu importante papel na vida do PCB entre 1922-1924. Era ponto de encontros, local de reuniões, centros de debate e de propaganda. Não era de se surpreender, então, que a farmácia logo se tornaria objeto de constante vigilância por parte da Polícia Política. Mesmo assim, tal fato, apesar de dificultar o trabalho de Brandão, por certo não o intimidava. Foi tomando todo o cuidado possível com a vigilância que ele, em 1923, nos fundos da farmácia e sentado junto a uma escrivaninha, começou a traduzir do francês o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels. O trabalho foi publicado, pela primeira vez, em números sucessivos do

² Astrojildo Pereira comenta que a publicação, no jornal *A Classe Operária*, já, em seu primeiro número, datado do dia 1.º de maio de 1925, chegou a “uma tiragem de 5.000 exemplares”. Cf. _____. *Formação do PCB: 1928. Notas e documentos*, op. cit., p. 72. E Octavio Brandão a esse respeito diz que o referido jornal “penetrou em todo o país: no seio dos operários do Rio de Janeiro e São Paulo”, mas também na Amazônia, interior do Nordeste, Rio Grande do Sul e em Mato Grosso e “entre os trabalhadores das fábricas de fumo da Bahia”. Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op., cit., p. 308.

³ KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 142.

semanário carioca *Voz Cosmopolita*. Devido ao esforço de um de seus camaradas, o judeu Samuel Speiksy, apareceu, sob a forma de folheto em Porto Alegre, no ano seguinte.⁴

Na última parte traduzida, logo a seguir à célebre mensagem anunciada pelo manifesto, “*PROLETARIOS DE TODOS OS PAIZES, UNI-VOS!*”, aparecia a seguinte nota: “*Traduzido nos dias amargos de maio e julho de 1923, como um protesto contra as perseguições ao Partido Comunista do Brasil*”⁵. Essa emblemática observação era bastante marcante na militância de Brandão. Conseguia desdobrar uma tarefa em duas: a intelectual e a prática, aproveitando qualquer oportunidade que aparecia para denunciar a difícil situação em que se encontravam o partido e seus militantes.

Apesar do significativo esforço de Octavio Brandão, de maneira geral, entre 1923-1930, poucos foram os títulos teóricos do marxismo existentes no Brasil. Nesses anos, além da tradução do *Manifesto Comunista*, eram disponíveis, para a língua portuguesa, o livro de Nicolai Bukharin, *ABC do Comunismo (1927)*, além de duas brochuras de V.I. Lenin: *O Cidadão e o Produtor (1923)* e *O Marxismo (1930)*.⁶

Essas lacunas teóricas acabaram, decerto, prejudicando a formação dos comunistas brasileiros. Como já se disse, até 1930 predominavam, no interior do PCB, graves deficiências teóricas. Por esse motivo, foi, através de alguns textos de Lenin, que se teve conhecimento dos principais pressupostos da teoria marxiana como: ditadura do proletariado, luta de classes, materialismo e dialética. Essa “inversão” da teoria da luta de classes levou o pensamento de Marx a esfumar-se diante da realização prática do dirigente bolchevique. A vitória da Revolução de Outubro de 1917 era, no entender dos comunistas nacionais, um paradigma e, portanto, poderia também ser vitoriosa no Brasil.⁷

Octavio Brandão também compartilha dessa visão. Em suas memórias, afirma que, entre o período de 1922-1929, “as influências decisivas sobre o PCB foram, em primeiro

⁴ Octavio Brandão lembra que, pouco depois de seu aparecimento, a agência de Correio de Porto Alegre confiscou e mandou queimar centenas de exemplares da obra. Cf. _____. *Vida vivida*. (autobiografia). S.l., 04.04.1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 112, p. 73. (dat.).

⁵ *Voz Cosmopolita* - Órgão dos trabalhadores em hotéis, restaurantes e cafés. Rio de Janeiro, ano II, 01.12.1923, n.º 35, p. 3. (Mantive a grafia do original).

⁶ Cf. CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986, pp. 186-187. Esta obra é de significativa importância por se tratar da pesquisa bibliográfica mais completa sobre a difusão dos livros de teoria marxista, aspectos da vida soviética (medicina, estética, viagens etc.) e a literatura proletária existente no Brasil e nos países de língua latina.

⁷ Para maior entendimento de como se deu essa “inversão” do pensamento marxista na ótica dos comunistas brasileiros, ver KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op., cit., sobretudo, o capítulo VI, “O PCB e os intelectuais; aplicação do marxismo à realidade brasileira”, pp. 141-165.

lugar, as de Lenin. Marx e Engels tiveram papel secundário”⁸. No que se refere aos textos de Josef Stalin, assinala que eles eram desconhecidos na época e que só apareceram no país “após a morte de Lenin, durante a discussão com Trotsky”. E, ainda, sobre o livro do ditador soviético, *Os Fundamentos do Leninismo*, afirma que só seria lido “muito depois”.⁹

É, portanto, a partir dos anos trinta, que a “hermenêutica staliniana”, no dizer de Leandro Konder, entraria no cenário mundial; para ele,

“a teoria se empobreceu, deixou de impulsionar uma transformação profunda na sociedade, porque – amputada de sua dimensão dialética – perdeu sua capacidade de acicatar o sujeito da ação revolucionário no sentido da mudança completa do real (tanto objetiva como subjetiva).”¹⁰

No início de 1923, Octavio Brandão foi eleito membro da Comissão Central Executiva, a CCE do PCB. Tornou-se o principal dirigente de agitação e de propaganda do PCB. No período compreendido entre os meses de março a maio, realizou inúmeras conferências em vários sindicatos, como, por exemplo, no dos padeiros e dos alfaiates. Suas palestras versavam sobre dois principais temas: o combate ao anarquismo, a defesa da Revolução de Outubro e a recém-criada União Soviética.

O Primeiro de Maio de 1923 tem grande importância política para os comunistas. O Partido impulsiona um comitê formado por cerca de vinte representantes de sindicatos que obtém, junto à polícia, autorização para a realização de comício comemorativo do Dia Internacional dos Trabalhadores, realizado na Praça Mauá. Naquele momento, segundo Brandão, o PCB possuía cerca de trezentos membros conquistados em condições muito difíceis.¹¹

O Presidente da República, Artur Bernardes, foi empossado no final do ano anterior. O país permanecia sob o Estado de Sítio instituído desde o primeiro levante tenentista, conhecido como os “Dezoito do Forte de Copacabana”, ocorrido em julho de 1922. Como consequência, o jovem Partido Comunista também fora atingido, tendo entrado na ilegalidade. Eram, sem dúvida, tempos difíceis...

Em maio de 1923, a polícia política de Bernardes desencadeou uma segunda perseguição ao PCB, realizando prisões, buscas em domicílios, interrogatórios, ameaças e apreensões de materiais. Esse outro duro golpe no partido culminou com a terceira prisão

⁸ BRANDÃO, Octavio. *Combates e Batalhas*, op. cit., p. 233.

⁹ _____. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 95.

¹⁰ KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., p. 202.

¹¹ BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas*, op. cit. p. 249.

de Octavio Brandão, acusado de desenvolver “perniciosas atividades comunistas”¹². Encarcerado junto com outros presos comuns na Polícia Central, nas piores condições, permaneceu detido por uma semana e depois foi solto. No mês seguinte, sob os mesmos argumentos era novamente preso. Em meio a tantas dificuldades e preocupações, nasceu a segunda filha, Vólia. O nome escolhido era uma homenagem aos poetas, pensadores e revolucionários da Rússia. A palavra significa “vontade”, em russo.

A vida continuava nada fácil para Octavio Brandão. Tantos problemas culminaram com o empobrecimento da família que não conseguia sequer pagar o aluguel. Em consequência, mudaram-se para a Rua do Curvelo n.º 11, no bairro de Santa Teresa, onde vivia o pai de Laura Brandão. Lá residiu até 1931.

Em outubro de 1923, agravando-se ainda mais a situação política do país, o governo sancionou uma lei contra a imprensa. Tratava-se de outro duro obstáculo no caminho do PCB, representando clara advertência aos donos das tipografias que, temendo perseguições, recusavam imprimir os materiais dos comunistas. Com tal atitude, o presidente Artur Bernardes, segundo Brandão, deixava clara sua intenção de “legalizar” as ilegalidades. O próprio dirigente comunista assinalou que, nesse momento, permaneceria na clandestinidade durante “2 anos e 9 dias, sem interrupção”.¹³

Mas foi, a partir do ano de 1924, que ocorreria um dos momentos marcantes na história da primeira geração dos comunistas brasileiros, no qual Octavio Brandão, particularmente, teve significativa importância: a segunda insurreição tenentista, ocorrida em São Paulo, no dia 5 de julho de 1924 e chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes. Esse episódio incidiu diretamente sobre o pensamento do dirigente comunista, levando-o a elaborar uma atuação tática que foi adotada pelo PCB até 1928: a aliança com o movimento tenentista.

De fato, o movimento tenentista começava a influir no cenário político-social do país. Se, na década anterior, a classe operária, hegemônica pelos anarco-sindicalistas, protagonizava as principais lutas da época – como as grandes greves de São Paulo e Rio de Janeiro de 1917 – nos anos vinte, vitimada pelas prisões e deportações de seus mais combativos militantes, pelo empastelamento de seus jornais e por outras formas de violência desencadeadas pelos donos do poder, ela ingressaria numa longa fase de descenso. As lutas operárias passaram a ceder espaço para a agitação das camadas médias

¹² Cf. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário de Octavio Brandão na Divisão de Polícia e Política Social. 19.05.1923. Fundo: DOPS, Pasta 2077.

¹³ Idem, p. 283.

urbanas – em particular, dos militares – pois haviam-se tornado numerosas e diversificadas; atingidas pela crise econômica, buscavam caminhos que lhes permitissem influir na vida nacional.¹⁴

Em face das rebeliões tenentistas de 1922 e 1924, a primeira reação do PCB foi manter-se na neutralidade em benefício do trabalho de organização autônoma dos operários. Somente com o levante de 1924 é que as articulações entre os líderes tenentistas e os dirigentes comunistas se tornariam mais efetivas. Octavio Brandão, num depoimento, assinala a mudança na orientação do partido em relação aos revoltosos militares.

“A princípio, até 1924, nós pensávamos na Ditadura do Proletariado para o Brasil. Era uma questão de princípio não de tática imediata; era um desvio de ‘esquerda’. Em 1924, com a Insurreição de São Paulo, de 5 de julho, de Isidoro Dias Lopes, verificamos que não era possível a Ditadura do Proletariado para o Brasil. Aí mudamos de tática. Queríamos um bloco com os proletários, os trabalhadores rurais, as massas da pequena burguesia urbana, os revoltosos de Copacabana, de São Paulo, da coluna Prestes-Miguel Costa e dizíamos que a burguesia industrial era contra o imperialismo. Foi essa a nossa tática de 1924 a 1930.”¹⁵

Os comunistas foram contatados pelos “tenentes” para colaborar na agitação nas ruas, auxiliando as ações militares quando essas explodissem¹⁶. Mesmo restrito em suas bases sindicais, teoricamente frágeis e sem ainda uma percepção clara do movimento, os militantes do PCB perceberam que a pior escolha seria manter-se à margem daquela segunda explosão tenentista, sem tentar extrair vantagens políticas e econômicas para a classe operária. Começava-se, por assim dizer, a se criarem as condições subjetivas para o estabelecimento de uma aliança tática entre os comunistas e os militares revoltosos. Entretanto, qualquer articulação entre ambos só poderia se dar, na ótica dos primeiros, sob determinadas condições, tais como: direção independente do PCB no movimento militar; ampla liberdade de propaganda e de agitação para os comunistas; além disso, serem consideradas as reivindicações específicas do proletariado urbano e dos trabalhadores rurais. Uma formulação mais clara dessa “condição” está assinalada no terceiro ponto das “conclusões sobre a situação política nacional”, deliberadas pelo II Congresso do PCB, ocorrido em maio de 1925. Nela foi explicitada a seguinte posição:

¹⁴ No Brasil, na década de vinte, teve início uma conjuntura de profunda crise econômica, pois a recessão existente nos EUA e na Europa levaria a uma brusca queda dos preços do café no mercado internacional, agravada por uma grande safra desse produto no país. Cf. CARONE, Edgard. *A República Velha I: Instituições e classes sociais (1889-1930)*. São Paulo: Difel, p. 63.

¹⁵ BRANDÃO, Octavio. Entrevista à Revista *APARTE*, Niterói, n.º 1, vol.1, 1979, p. 15.

¹⁶ Cf. Everardo Dias. *História das lutas sociais no Brasil*. 2.ª ed., São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, p. 168 ss.

“Em face da pequena burguesia, o PCB deve, sem alimentar suas ilusões democratas e suas confusões ideológicas, antes combatendo-as decididamente, esforçar-se por conquistar ou pelo menos neutralizar seus elementos em vias de proletarização e em luta contra a grande burguesia industrial ou agrária. Numa palavra: o PCB, partido da classe operária, deve conduzir a pequena burguesia e não ser conduzido por ela.”¹⁷

As reflexões de Octavio Brandão concernentes à idéia de “frente única” dos comunistas com a pequena burguesia, em especial com o seu “setor mais progressista”, os tenentes, foram sistematizadas em sua brochura *Agrarismo e Industrialismo*, publicada em 1926. Porém, a sua melhor definição, em forma de teoria, seria expressa num outro escrito de sua autoria intitulado *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*, redigido no ano de 1928. Os argumentos centrais de ambos os textos condicionaram a formulação teórico-política do PCB, até o segundo semestre de 1930. No próximo item, procuro analisar, de maneira mais detalhada, a obra de 1926. Já o seu segundo escrito, a que também me referi, merecerá nosso apreço no terceiro capítulo desta dissertação.

Nos dias 16, 17 e 18 de maio de 1925, realizou-se o II Congresso do PCB. Os problemas por que atravessava o partido, tais como o estado de sítio vigente e a precariedade de condições em que se encontrava, evidenciavam a enorme distância que o afastava de suas metas iniciais. Nesse momento, as energias voltavam-se para a difusão de suas posições políticas por meio de um eficaz mecanismo de propaganda: surgia o periódico *A Classe Operária*, o primeiro jornal de grande impacto dos comunistas. Por decisão da Comissão Central Executiva do PCB coube a Octavio Brandão a tarefa de coordená-lo.

Apesar de viver na ilegalidade desde de julho de 1924, o dirigente comunista procurou disponibilizar todas as suas forças nessa importante tarefa. Para evitar chamar a atenção, vestia uma blusa de zuarte e usava um boné. Durante anos, operários o viram disfarçado, mas guardavam sempre o mais completo sigilo e fidelidade ao camarada.

Impresso pela manhã, o primeiro número foi imediatamente levado, à tarde, para ser distribuído num comício comemorativo ao Primeiro de Maio de 1925, que seria realizado na Praça Mauá. O jornal trazia um subtítulo que expressava sua principal idéia: “*um jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores*”. Sua finalidade, segundo Brandão, consistia em

¹⁷ Citado in CARONE, Edgard. *O PCB (1922-1943)*, vol. 1. São Paulo: Difel, 1982, p. 39.

“prestar atenção às condições de vida dos trabalhadores, às suas reivindicações imediatas, ao movimento sindical, à situação internacional e à popularização da União Soviética socialista. Chamava as massas laboriosas aos combates e batalhas”.¹⁸

Como diretor-responsável do jornal, Octavio Brandão tomou algumas iniciativas, entre as quais: a publicação de artigos contra o imperialismo; a confecção de narrativas sobre a vida dos tecelões e metalúrgicos, além de análises acerca de episódios concernentes à História do Brasil. Também procurou dar continuidade em suas idas às fábricas e oficinas onde aproveitava para colher dados para serem utilizados na elaboração de matérias sobre a vida dos trabalhadores e suas reivindicações. Finalmente, criou uma seção para correspondência dos setores populares. Devido às grandes dificuldades materiais para a manutenção do jornal e à falta de gente especializada, teve de acumular cargos e funções, sendo diretor, repórter, revisor, paginador, pacoteiro e expedidor. Depois a situação melhorou, mas o trabalho não parava de aumentar.

Todo esse excesso de tarefas logo traria drásticas conseqüências para Octavio: a anemia e até mesmo a tuberculose. Mesmo assim, por decisão da CCE do PC, teve de partir para Juiz de Fora, a fim de “ressuscitar”, num prazo de um mês, o jornal *A Classe Operária* que lá havia parado de circular. Embora não tivesse o êxito esperado em sua missão, devido à intensa vigilância e à repressão das autoridades locais, aproveitou sua ida e fez um curso para os operários locais, versando sobre o imperialismo, o trabalho no sindicato e o papel do PCB. Reuniu, ainda, operários a quem distribuía folhetos e jornais, procurando convencer os trabalhadores a assinarem um protesto contra o fechamento do jornal, além de conseguir muitas assinaturas para este.

No decorrer dessas desgastantes tarefas, sua companheira Laura foi de completa dedicação. Velou pela saúde, vida e liberdade do esposo. Mesmo não sendo militante do PCB, a poetisa prestava significativo auxílio na propaganda e na venda do jornal. Realizava ainda uma tarefa nada fácil: passar a limpo as cartas dos correspondentes operários, muitas vezes com letras ilegíveis e de difícil entendimento. Nesse meio tempo, em agosto de 1925, nasceu a terceira filha do casal, Dionysa, que trazia em seu nome uma homenagem aos filósofos dos antigos gregos.

O semanário *A Classe Operária* teve primeira fase de curta duração, onde foram publicados apenas doze números. Procurando destacar a grande intensidade de circulação e o interesse que havia despertado o novo periódico, Brandão assinalava fato ocorrido no Rio

¹⁸ BRANDÃO, Octavio. *Combates e Batalhas*, op. cit., p. 302.

de Janeiro bastante inusitado. Segundo ele, “a esposa de um portuário analfabeto descia às docas toda semana para ler *A Classe Operária* para o marido e o grupo de operários que se encontravam ali”.¹⁹ Ainda conforme seu principal responsável, o jornal tinha caráter eminentemente popular. Tendo uma tiragem inicial de cinco mil exemplares, cada um “custava 160 réis e era vendido por 100 réis (...) Os operários que não podiam pagar, recebiam-no de graça”.²⁰

Entretanto, as dificuldades na propaganda apareciam claramente quando se leva em conta que, na maior parte do tempo, os comunistas trabalhavam ilegalmente, dificultando qualquer trabalho que viesse a ser feito. De sorte que, menos de três meses depois, o jornal *A Classe Operária* foi fechado pelas autoridades antes mesmo de publicar o seu décimo-terceiro número, programado para o dia 25 julho de 1925. Os enormes obstáculos, entretanto, não impediram que o PCB conseguisse, segundo Octavio, a façanha de ter editado “um total de 98.613 exemplares da *Classe Operaria*, gastando 14 contos e 588 mil reis, dinheiro dado pelos trabalhadores, tostão por tostão”²¹. Depois de longo período de ilegalidade, o semanário reapareceu, no Primeiro de Maio de 1928 indo até 1929. Mais tarde foi novamente publicado irregular e clandestinamente, tendo outra fase legal aberta em março de 1946.

¹⁹ BRANDÃO apud DULLES, John Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 227.

²⁰ _____. *Combates e Batalhas*, op. cit., p. 307. Grifos meus.

²¹ Idem, p. 314.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Octavio Brandão e Minervino de Oliveira falando aos operários, durante a campanha eleitoral do Bloco Operário e Camponês, em 1928.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Foto publicada no jornal "A Classe Operária" (15.06.1929), mostrando a destruição da sede do Bloco Operário e Camponês, no Rio de Janeiro. Octavio Brandão aparece atrás da mesa.

*Dois momentos do dirigente comunista Octavio Brandão
na primeira metade da década de 1920:*



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Discursando em frente a uma fábrica têxtil, no Rio de Janeiro.



*Octavio (em pé, o segundo à direita) entre operários e militantes do PCB
segurando o jornal "A Classe Operária".*

2.2- O “marxismo precursor” brasileiro nos anos 20

“O caráter de sujeição do PCB em relação à IC deve ser entendido mais em função das carências teóricas e políticas dos comunistas brasileiros, em face de conjunturas que solicitarão de sua parte uma intervenção firme e decidida, que das ingerências burocráticas, mecânicas e ‘estrangeiras’ do Comintern na vida do Partido.”

Michel Zaidan Filho.

(PCB: 1922-1929. Na busca das origens de um marxismo nacional, p. 22)

Há muito já foi discutido pela historiografia o caráter *sui generis* da formação do PCB, como sendo proveniente não de uma cisão de um partido socialista, como fora o caso de vários partidos comunistas da América Latina, ou ainda fruto da ação de militantes estrangeiros,²² mas originário do interior do anarco-sindicalismo brasileiro. Também se insistiu no ecletismo ou na mistura do positivismo e do darwinismo na formação ideológica dos militantes comunistas. A inexistência, no Brasil, de uma corrente marxista pré-revolucionária (vinculada à Segunda Internacional Socialdemocrata), no dizer de João Quartim de Moraes, “poupou ao movimento operário e, em geral, à esquerda brasileira a sempre traumática ruptura entre ‘verdadeiros e falsos’ marxistas, com sua inevitável seqüela de ressentimentos, de intolerância recíproca”. Assim, conclui o autor:

*“a luta ideológica que acompanhou o surgimento do Partido Comunista do Brasil (...) foi muito mais objetiva e civilizada do que seriam, em décadas posteriores, as que suscitaram os numerosos ‘rachas’ que dividiram num fatal processo de fragmentação o movimento comunista brasileiro”.*²³

Apesar do reconhecido “baixo nível teórico” e da “ausência de uma tradição marxista” entre os primeiros comunistas brasileiros, creio que, para correta interpretação das proposições teóricas desses militantes, sobretudo na década de vinte, não basta esta simples constatação. Eles, afinal, pensaram a sua ação e, mais do que isso, elaboraram um corpo teórico mais ou menos sintetizado para servir – segundo o adágio leninista – de

²² Dentre alguns, destaco: DULLES, John Foster, *Anarquistas e comunistas (1930-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. BANDEIRA, Moniz et alii. *O ano vermelho. A revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

²³ MORAES, João Quartim de. “A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et alii. (org). *História do marxismo no Brasil - vol. II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 72.

“guia para a ação”. Em outras palavras, não se trata de verificar se os pressupostos teóricos dos comunistas são fiéis ou não às formulações de Marx e seus epígonos, mas tão-somente analisar aquilo que, no Brasil, aparece sob a rubrica de marxismo, como um dos momentos da prática efetuada pelo Partido Comunista. É, a partir de tal perspectiva, que se encontra a contribuição pioneira do pensamento de Octávio Brandão.

Procedente do anarquismo, Brandão fez, desde os primeiros anos no PCB, um combate feroz, como vimos, contra toda esta antiga tradição hegemônica no movimento operário nas primeiras décadas do século XX. Aliás, essa prática era desde já uma das principais prioridades assumidas pelo partido em seus primeiros anos de existência, à medida que procuravam disputar com aqueles a hegemonia no interior da classe trabalhadora. Diante disso, embora os comunistas pudessem, por um lado, reconhecer a combatividade dos anarquistas, por outro, procuravam denunciar a incapacidade daquela tradição ao analisar o novo contexto aberto pós-Revolução de 1917, na Rússia. Advogam que a pauta economicista dominava o anarco-sindicalismo, levando-o ao abandono da luta política pelo poder, considerado o principal legado dos bolcheviques. Octavio Brandão, sobre esse propósito, argumenta que o anarquismo desprezava a importância de uma “teoria-bússola”. Para ele, os comunistas haviam compreendido que sem ela “naufragaríamos completamente no meio do caos”. Daí a importância, segundo o dirigente e intelectual do PCB, de ser unir “diariamente teoria marxista-leninista à luta prática revolucionária e vice-versa”.²⁴

A busca por esse primeiro esforço teórico que visava legitimar a intervenção do PCB na realidade resultou na obra *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*, publicada em abril de 1926, embora, como lembrava seu autor, já tivesse sua maior parte concluída em agosto de 1924²⁵. Este ensaio pode ser considerado a primeira tentativa de análise da realidade brasileira a partir da abordagem intitulada “marxista-leninista”. Por mais “limitada, superficial e cheias de equívocos e insuficiências” como reconheceria mais tarde o seu próprio autor²⁶, ela se situa num momento privilegiado e até mesmo inédito no que se

²⁴ _____. (Depoimento 1977), op. cit., p. 86. Grifos meus.

²⁵ Cf. Nota n.º 1 de Octavio Brandão (Fritz Mayer – pseud.) em *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de S. Paulo e a guerra de classe no Brasil*. Buenos Aires, s.ed., 1926, p. 8.

²⁶ No artigo intitulado “Uma etapa da história de lutas”, publicado no jornal comunista *Imprensa Popular*, em 21.01.1957, Brandão realizou uma autocrítica, apontando os erros de seu livro, atribuindo-lhes, inclusive, a principal responsabilidade pelos graves erros que caracterizaram a linha do PCB entre 1924 a 1928.

refere à produção de idéias originais na história do PCB. Aliás, esta é uma das discussões centrais que, mais adiante, tratarei ainda no decorrer deste capítulo.

De maneira geral, na historiografia especializada e também nas memórias dos próprios militantes comunistas, realizaram-se, em certos momentos, comentários sobre o ensaio de Octavio Brandão. Em todos é possível encontrar desde interpretações que reconhecem a importância das idéias centrais de *Agrarismo e Industrialismo* para o PCB, num determinado momento de sua trajetória, a outras análises que procuram minimizar seu legado e, até mesmo, descaracterizar seu valor.

Astrojildo Pereira, em *Formação do PCB*, importante testemunho sobre os principais episódios da primeira fase do partido (1922-1928), faz algumas observações gerais das idéias presentes em *Agrarismo e Industrialismo*. Na verdade, o antigo fundador do partido não menciona diretamente aquela obra e prefere referir-se apenas às teses da “política nacional”, aprovadas pelo II Congresso do PCB, em 1925. Vale dizer que as idéias centrais desse encontro já estavam formuladas na obra redigida por Brandão, uma vez que, como já dissemos, ele havia terminado a sua maior parte, um ano antes. Ao comentar o conteúdo das teses, sustenta Astrojildo que elas eram baseadas “na concepção dualista ‘agrarismo-industrialismo’, dominante na direção do Partido. (...) Tais concepções, resultavam de uma aplicação mecânica e arbitrária do método dialético na análise da situação brasileira (...)”²⁷. Numa outra passagem, comenta que mais grave e superficial era o fato de as teses do II Congresso do PCB pretenderem

“definir o caráter e os rumos da política proletária. Mera generalidade supostamente teórica, coisa tanto mais grave de se constatar visto que se tratava precisamente do ponto nevrálgico da linha política a ser seguida pelo partido do proletariado. As conclusões práticas a que chega o documento, apresentadas como diretivas políticas para a atividade imediata do Partido, são apenas o reflexo lógico da concepção esquemática em que se fundamentavam as teses.”²⁸

Finalmente, no que concerne às proposições da situação internacional – que, como veremos adiante, compõem a primeira parte de *Agrarismo e Industrialismo* –, Astrojildo conclui dizendo que aquelas idéias possuíam “um caráter meramente descritivo e panorâmico, sem qualquer feição analítica ou interpretativa”.²⁹

João Quartim de Moraes atenta para elemento que pode ser considerado como condicionante no pioneirismo de *Agrarismo e Industrialismo*. Trata-se da utilização do

²⁷ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB: 1928. Notas e documentos*. Rio de Janeiro: Ed. Vitória, 1962, p. 66.

²⁸ Idem, p. 68.

²⁹ Idem, ibidem.

termo “marxista-leninista” no subtítulo da brochura. Não obstante ver uma convergência do marxismo de Brandão com aquele formulado por Stalin – que, na época, começava a ter uma crescente influência política na disputa interna do PC russo – o autor pondera que o significado do termo “marxista-leninista” somente passaria a designar os partidários do ditador soviético no final da década de 20. Por isso, afirma: “Não é de excluir até prova em contrário – que Brandão, ao autodefinir seu ensaio como ‘marxista-leninista’, tenha antecipado com agudíssima intuição intelectual uma evolução doutrinária que, mesmo na própria União Soviética, só se configuraria vários anos depois”.³⁰

No entanto, uma outra afirmação de Quartim de Moraes nos parece problemática. Refiro-me ao argumento que concebe a presença de uma “dialética staliniana” em *Agrarismo e Industrialismo*, particularmente através da noção de “etapa” que este último, de fato, apresentava. Porque, se é verdade que, como o mesmo João Quartim alega, até o ano de 1956 ser comunista, ser bolchevista e ser stalinista eram expressões praticamente sinônimas³¹, a linha staliniana, todavia, só começaria a influenciar diretamente os PCs da América Latina após o VI Congresso da IC, em 1928.

No caso brasileiro, a assimilação da nova concepção e de sua imediata intervenção na linha política do PCB, ocorre a partir do segundo semestre de 1930³². Até esse momento, convém lembrar que os comunistas brasileiros baseavam-se na tática das alianças com a chamada “vanguarda da pequena-burguesia”, quer dizer, os tenentes. Esta formulação também já se encontrava presente em *Agrarismo e Industrialismo*. Além disso, a cuidadosa pesquisa bibliográfica realizada por Edgard Carone, em seu *O marxismo no Brasil*, confirma que os primeiros escritos de Stalin editados em português datam apenas de 1931: “*Em marcha para o socialismo*” e “*Os fundamentos do leninismo*”.³³

Na verdade, as leituras de Stalin – sobretudo no momento em que começava a se consolidar na cúpula no PC Soviético, em 1927 – não era a única maneira de os comunistas brasileiros terem acesso ao seu pensamento. Octavio Brandão, bem como Astrojildo Pereira e Heitor Ferreira Lima, principalmente, liam outros idiomas como o francês e o espanhol. Os conhecimentos lingüísticos lhes possibilitavam informar-se sobre os últimos acontecimentos que se desenvolviam no Estado soviético. No entanto, é pouco provável

³⁰ MORAES, João Quartim de. “A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro”, op. cit., p. 77.

³¹ Idem, p. 80.

³² No capítulo III voltarei a analisar este momento.

³³ Cf. CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*, op. cit., p. 188.

que, em agosto de 1924, quando já se encontrava escrita a parte fundamental de *Agrarismo e Industrialismo*, Octavio tivesse lido e assimilado o texto de Stalin “*Sobre os problemas do Leninismo*”, apresentado em forma de palestras, na Universidade de Sverdlov, no início de abril de 1924. A esse respeito, o próprio intelectual comunista assegurava:

“(…) nós lemos muito Lenin, Marx e Engels. Só em 26 é que apareceu o livro de Stalin, *Questões do Leninismo*. Só em 26, e em tradução francesa. Nós já vínhamos há quatro anos lendo sistematicamente Marx, Engels e Lenin, pelo menos aqueles que sabiam francês ou espanhol. Stalin lemos depois em 1926 (...).”³⁴

Mas, mesmo com todos os possíveis anacronismos a serem cometidos, insiste Quartim:

“Tenha lido ou apenas ouvido referência a esses escritos de Stalin (...) tenha espontaneamente conferido à ‘dialética marxista’ e particularmente à noção de etapa o mesmo estatuto teórico e metodológico que encontramos nos (...) trabalhos de Stalin (...), não pode haver qualquer dúvida a respeito da substancial convergência do marxismo de Brandão com o marxismo de Stalin.”³⁵

Considerando o depoimento de Octavio Brandão, é possível notar que ele, por determinados motivos, minimizou sua suposta “confluência à dialética staliniana”, como quer sustentar João Quartim de Moraes. Talvez o dirigente do PCB procurasse se distanciar de personagem incômodo, sobre o qual ele próprio pôde testemunhar, principalmente no período conhecido como o Grande Terror, patrocinado pelo ditador soviético³⁶. Nos seus últimos artigos e memórias não localizamos nenhuma proposição na qual possa ser evidenciada maior e espontânea convergência de Brandão à figura de Stalin. O que se pôde concluir é tão-somente a existência de relativa e distante admiração, ao menos nas opiniões e nos textos públicos do intelectual comunista.

Um ano antes de seu falecimento, em 1979, Octávio Brandão concedia uma de suas últimas entrevistas onde, novamente, demonstrava certa ambigüidade ao referir-se ao ditador soviético. Numa determinada passagem, ao ser indagado sobre o *Relatório Krushev*, ele afirmava: “O que há de verdade é que Stalin mandava fuzilar a torto e a

³⁴ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 95.

³⁵ João Quartim de Moraes sugere ainda que, em julho de 1921, teria sido publicada, na edição do jornal do PC russo, *Pravda* (em 14.3.1923), uma versão mais elaborada do “esboço de um plano pra um folheto”, intitulado *Sobre os princípios do leninismo* e que teria sido bastante improvável que Brandão tivesse lido. (Cf. MORAES: 1991, p. 77).

³⁶ Refiro-me aqui ao período de quinze anos (1931-1945) em que Octavio Brandão esteve na URSS como deportado político No capítulo 4, dedicarei uma maior análise acerca desses momentos em sua vida que ainda hoje são pouquíssimos conhecidos.

direito, é um assombro que eu tenha escapado a 4 anos de expurgo de Stalin (...)”³⁷. Mais adiante, ao comentar se sabia e se concordava com tais métodos utilizados por aquele que, num determinado momento, ficou conhecido como “guia genial dos povos”, dizia, de maneira um tanto insegura:

“Bem, eu concordava mas não sabia o segredo. Eu concordava com o expurgo, mas não com o fuzilamento a torto e a direito. Esses sujeitos (Zinoviev, Kamenev e Bukharin) deveriam ir a um Tribunal Político confessar todas essas coisas (...). Quanto aos fuzilamentos, como poderia saber? Quem sabia das coisas eram os de lá de cima, os membros da direção.”

Ao ser perguntado se realmente ele simpatizava com Stalin, diz reticente:

“Eu o admirava. Era difícil escapar. (...) Eu cheguei lá na URSS e verifiquei que era difícil não admirar Stalin. Tudo era atribuído a ele. As vitórias sim, as derrotas não. (...) Como escapar à admiração? Eram coisas concretas depois e durante a guerra. Agüentar os quatro anos de guerra, ele agüentou. Fez coisas que eu não concordava. Como escapar à admiração? (...) Até o delírio, coisa que a doutrina não permite. Era estátua dele de bronze, de mármore por tudo quanto é canto.”³⁸

Muito provavelmente esse tenha sido o principal depoimento em que o ex-dirigente comunista falava, de maneira direta, sobre aqueles anos de otimismo e esperança, mas também de medo e terror passados na União Soviética, no início dos anos 30, onde viveu *in totum* seus desdobramentos, juntamente com suas três filhas e sua companheira e esposa Laura Brandão.

Em mais um trecho de seu revelador depoimento, ao ser questionado se estava de acordo com a afirmação de que todo esse culto à personalidade não era considerado como contradição do marxismo, o dirigente comunista, numa curta resposta sem maiores preocupações em aprofundá-la, admitia que aquela prática havia sido “um desvio”. Ao contrário de toda essa tímida manifestação de afluência a um possível reconhecimento do legado de Josef Stalin, Brandão é categórico em sua explícita e entusiástica convergência ao pensamento daqueles teóricos que considerava serem os seus “verdadeiros mestres”: Marx, Engels e Lenin. Mas, sem dúvida, era o dirigente bolchevique aquele que mais o comunista alagoano afirmava ter sido sua principal fonte de inspiração. Isso pode ser constatado nas palavras do próprio Octavio ao dizer que Lenin “foi o homem que mais exerceu influência em minha vida”.³⁹

³⁷ BRANDÃO, Octavio. Entrevista à Revista *APARTE*, op. cit., p. 13. Grifos meus.

³⁸ Idem, p. 20.

³⁹ Idem, p. 259.

Agrarismo e Industrialismo, o principal escrito de Octavio Brandão, foi marcado fortemente pelo pensamento leniniano, até mesmo com apropriação de seus principais conceitos. Não é casual que fosse contundente ao dizer que seu ensaio, publicado em 1926, baseava-se, sobretudo, no livro de V. I. Lenin, *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Numa passagem do referido ensaio, podem ser encontradas afirmações que convergem para essa corrente de pensamento.

“Estudemos friamente, objetivamente, as lutas nacionais em toda a sua profundidade e complexidade, adquirindo uma noção realista das mesmas, interpretando-as à luz do materialismo histórico e da dialética marxista, à luz do marxismo-leninismo, isto é, o marxismo à época burguesa imperialista e proletária revolucionária. (...) Estudemos a fundo o Brasil, em seus mil aspectos – econômico, político, moral e mental, histórico e etnográfico, físico e social – porque é no Brasil que teremos de realizar a obra do leninismo.”⁴⁰

Dessa maneira, Octavio Brandão advoga que o caráter originário de seu ensaio devia-se ao fato de ter ressaltado como aspecto central, pela primeira vez no país, a luta contra o imperialismo. Segundo ele, no Brasil, até 1923, o imperialismo era sinônimo de qualquer forma de expansionismo, mesmo no interior do PCB.

Mais de trinta anos depois da publicação daquele escrito que tanta importância teria para os comunistas brasileiros num determinado momento de sua história, Octavio, em suas memórias, era categórico ao afirmar que:

“Pela primeira vez na História do Brasil, a partir de agosto de 1924, mostrei as características do imperialismo como etapa especial do capitalismo, o papel dos monopólios e do capital financeiro. Citei muitos fatos sobre sua penetração no Brasil. (...) Tratei de mobilizar, contra ele, milhares de trabalhadores. (...) Lancei as palavras de ordem – Abaixo o imperialismo! Guerra de morte ao imperialismo! Libertação Nacional!”⁴¹

Por mais pretensiosa que possa parecer a referida afirmação, o fato é que *Agrarismo e Industrialismo* pode ser realmente considerado um primeiro esforço em que se procurou apreender, sob o paradigma da luta de classes, a realidade brasileira da época. Considerava legítimo e progressista a insurgência de um dos setores mais insatisfeitos das camadas médias urbanas, o movimento tenentista, diante de todos os desmandos das oligarquias dominantes. Ou seja, era nesse novo cenário político-social – na segunda metade dos anos 20 – que o PCB, ainda muito pequeno, clandestino e sem ter uma profunda inserção no meio operário, deveria atuar em aliança com aquela “vanguarda” da pequena-burguesia.

⁴⁰ Fritz Mayer (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de S. Paulo e a guerra de classe no Brasil*. Buenos Aires, s/ed, 1926, p. 57.

⁴¹ _____. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 259.

A historiadora Dulce Pandolfi, não obstante reconhecer em *Agrarismo e Industrialismo* “a inspiração maior” para a visão predominante no II Congresso do PCB no que se refere ao debate sobre a revolução brasileira, afirma que “do ponto de vista teórico, o partido, durante os seus primeiros anos de vida, não produziu nenhuma análise substantiva acerca da realidade brasileira”.⁴²

João Quartim de Moraes, com vimos, enfatiza – apesar dos defeitos presentes no escrito de 1926 – o pioneirismo doutrinário de Brandão. Ao contrário de Dulce Pandolfi, salienta que “parecem justas as observações do dirigente comunista sobre o imperialismo e a subordinação econômica dos interesses agrários à alta finança inglesa, bem como as perspectivas sombrias que nos reserva nossa posição de monoexportadores de café”.⁴³

Como última consideração a esse respeito, pode-se dizer como assinala Michel Zaidan Filho, que o PCB – sem nenhuma conotação pejorativa – sempre foi muito nacional. Em todas as suas dificuldades percorridas, inclusive de existência legal, aqueles homens, de carne e osso⁴⁵ procuraram elaborações próprias, como se poderá melhor compreender a partir de uma reflexão do tão polêmico *Agrarismo e Industrialismo*. Nessa obra, além de outros aspectos, encontravam-se já alguns desses elementos da chamada “questão nacional” na qual os comunistas procuraram, da melhor maneira resolver. Mas deixemos, agora, as palavras com o seu próprio autor.

⁴² PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 79.

⁴³ MORAES, João Quartim de. “A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro”, op. cit., p. 79.

⁴⁵ Recupero aqui as importantes considerações e inovações da abordagem marxista a partir de E. Thompson, sobretudo em seus dois estudos clássicos: *A formação da classe operária inglesa* e *Miséria da Teoria*.

2.3- *Agrarismo e Industrialismo: uma análise pioneira*

“Agrarismo e Industrialismo é um estudo sobre o Brasil em geral, o domínio do imperialismo e do agrarismo feudal e, em particular, a respeito das insurreições armadas de Copacabana, em 1922 e São Paulo, em 1924. (...) Mas a obra tem uma série de falhas. Fazia uma interpretação mecânica da luta de 1924 no Brasil, entre agrários e industriais, como se estivéssemos no século XVIII, quando se chocaram os feudais e burguesia. Não compreendia o caráter da revolução no país, nem suas forças motrizes. Subestimava o papel dos camponeses. (...) Fazia uma aplicação artificial da tese, da antítese e da síntese à história do Brasil. Tais são algumas das falhas. Apesar de tudo isto, trata-se de um livro progressista e revolucionário, de pioneiro e precursor. Desde então, começou a se falar em leninismo, em nosso país.”

Octavio Brandão.

(*Vida duríssima. Autobiografia inédita, s.l., 04.04.1952*)

28 de julho de 1924. Trata-se de uma data significativa para os acontecimentos que lhes foram posteriores. Nesse momento, a rotina de Octavio Brandão era tentar adaptar-se a mais completa clandestinidade. Assim como outros membros do PCB, estava sendo duramente perseguido pela Polícia Política.

Logo que chegaram ao Rio de Janeiro as primeiras notícias dando conta que as tropas comandadas pelo General Isidoro Dias Lopes tinham evacuado a cidade de São Paulo, o dirigente comunista adentrou a casa do jornalista e amigo Rodolfo Mota Lima. Estava apreensivo com a notícia da derrota dos tenentes insurgentes. Acabara de ler uma tradução francesa da obra de Lenin, *Imperialismo etapa superior do capitalismo* e, sentado ao fundo da sala de jantar, começou imediatamente escrever a respeito da revolta de julho de 1924, intitulado, *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*. Terminou de redigir a sua parte fundamental um mês depois, em agosto⁴⁶. A seguir, tratou de tirar várias cópias à máquina, distribuindo-as entre alguns camaradas.

Em janeiro de 1926, a polícia invadiu a tipografia onde estavam cerca de duzentos exemplares impressos do ensaio. Numa ação ousada, os operários que se encontravam na tipografia impediram que a polícia levasse uma página sequer das que haviam sido

⁴⁶ Fritz Mayer (pseud.). *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de S. Paulo e a guerra de classes no Brasil*. Buenos Aires: s.ed., 1926, nota 1, da p. 8. Agradeço a Dionysa Brandão por gentilmente ter me cedido uma cópia do original da obra.

impressas, pois jogaram toda a composição nas caldeiras das linotipos.⁴⁷ Pela corajosa atuação dos operários, escaparam os originais que se encontravam bem guardados. Na mesma noite, com maior precaução, recomeçou o trabalho de composição e impressão do texto. Finalmente, em abril de 1926, clandestinamente, veio a público o escrito *Agrarismo e Industrialismo*, que apareceu assinado com codinome de um desconhecido Fritz Mayer e com a menção ter sido editado em Buenos Aires, a fim de desorientar a polícia.⁴⁸

No cenário do pensamento social predominante à época, marcado pelo liberalismo e o autoritarismo oligárquico, a obra de Octavio Brandão significava uma ruptura. Como destaca Ângelo José da Silva, era a primeira vez que se realizava “uma análise em que estão presentes as classes sociais em confronto, a disputa de interesses políticos e econômicos, nacionais e internacionais”.⁴⁹

Do ponto de vista de sua estrutura, *Agrarismo e Industrialismo* possui três partes, denominadas respectivamente de “*analyse*”, “*synthese*” e “*a revolta permanente*”, sendo as duas primeiras terminadas, entre os meses de julho a agosto de 1924 e, a terceira, incorporada à obra, seis meses depois, em março de 1925.

Brandão dedica ampla reflexão à primeira parte, denominada “*analyse*”⁵⁰; por esse motivo, dedicaremos atenção particular a ela que se subdivide em vários itens correspondentes aos temas essenciais que serão investigados pelo intelectual comunista, sendo cinco os principais: as origens da revolta de 1924; a situação internacional; a situação nacional; a rivalidade imperialista anglo-americana e o proletariado. Vale dizer que, como principal referencial teórico, Octavio utiliza aquilo que chama de “ponto de vista marxista-leninista”.

Iniciando sua análise, Octavio Brandão preocupa-se em compreender o contexto político que seu escrito estava situado, quer dizer: a derrota militar do levante tenentista de 5 de julho de 1924, liderado pelo general Isidoro Dias Lopes e ocorrida em São Paulo.

⁴⁷ O serviço tipográfico da linotipo era a mais avançada na época. A linotipo era uma espécie de máquina de escrever, possuindo teclas com as letras do alfabeto. O tipógrafo, ao tocá-las, fazia com que as letras caíssem automaticamente.

⁴⁸ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 286.

⁴⁹ SILVA, Ângelo José. *Comunistas e trotskistas: a crítica à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002, p. 74. Como já salientei na introdução de minha dissertação de mestrado, pode-se dizer que o autor teve o mérito de realizar uma primeira e significativa reflexão acerca das idéias centrais presentes em *Agrarismo e Industrialismo*, recuperando sua importância como a principal formulação teórica que condicionou a tática do PCB, ao longo da década de 1920. Para maiores informações ver, sobretudo, as pp. 74-90 do referido livro.

⁵⁰ Não é à toa que Brandão dedica a ela 65 páginas de um total de 85 do referido escrito.

Referindo-se a esse episódio histórico, o dirigente comunista é otimista ao advogar que, “*mesmo vencida definitivamente a Segunda revolta, a Terceira há de vir como necessidade fatal, porque as causas que têm originado esses movimentos persistem e persistirão ainda por bastante tempo*”.⁵¹

Ao fazer uma análise da realidade nacional imediatamente após a revolta tenentista de 1924, Brandão destaca alguns aspectos que, segundo lhe parece, eram desconhecidos e ignorados por todos aqueles que haviam comentado aquele importante acontecimento: as razões de ordem econômica, política e psicológica. No que se refere ao primeiro aspecto, destaca que economicamente o Brasil é um país rural, dominado pelo agrarismo. Sendo o agrarismo sinônimo de feudalismo, sua principal característica baseava-se, então, na existência de uma economia

“instável, baseada num produto secundário, o café, sujeito a todas as flutuações do mercado, precisando do óleo canforado dos empréstimos e valorizações. Uma economia agrária, feudal, como a da Espanha, Pérsia, Síria, Mesopotâmia, Japão”.⁵²

Para Octavio Brandão, a indústria evidenciava-se por sua incipiente presença no país, sendo reduzida ao litoral, contando com cerca de 275 mil trabalhadores fabris. No campo havia, segundo ele, um número próximo a 9 milhões de trabalhadores rurais, situação que era ainda agravada “pela dispersão, o analfabetismo, a inconsciência de classe, a servidão medieval”.⁵³ Como consequência desse cenário, o Brasil não poderia ser um país industrial. Era tão-somente resultado da enorme dominação da grande propriedade, pelo latifúndio e, portanto, pelo agrarismo nacional.

Mas esse não era o único aspecto a ser destacado pelo autor. Havia um outro que, em termos analíticos, constitui a primeira importante revelação de *Agrarismo e Industrialismo*. Segundo o autor, desde a Proclamação da República, em 1889, a contradição fundamental da sociedade brasileira alicerçava-se no conflito entre o “capitalismo agrário e semifeudal” e o “capitalismo industrial moderno”. Nesse sentido, a economia brasileira resultava da rivalidade entre o fazendeiro de café, representado pela burguesia financeira inglesa e a burguesia manufatureira urbana, hegemônica pela burguesia industrial norte-americana. Vale ainda destacar que essa rivalidade anglo-americana é um dos temas centrais de seu ensaio. Fazendo tipologia, no qual considera três grandes conjunturas, Brandão assinala que a disputa entre os dois países representava uma

⁵¹ Fritz Mayer. *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 3. Grifos meus.

⁵² Idem, p. 7.

⁵³ Cf. idem, p. 8.

“luta mortal, com fluxos e refluxos, entre os dois grandes imperialismos: 1822-1914, supremacia da Inglaterra; 1914-1922, supremacia dos Estados Unidos; 1923-1924, rivalidade imperialista anglo-americana, pendendo a balança para o lado da Inglaterra”.⁵⁴

Diz ainda que na luta pela supremacia do mercado brasileiro contrapunham-se os defensores dos interesses agrários e decadentes, representados pelo imperialismo inglês, e aqueles que eram a favor da modernização econômica, no caso, o imperialismo norte-americano. A esse propósito, Brandão é explícito ao afirmar:

“A Inglaterra apóia o presidente Bernardes, isto é, o fazendeiro de café, agrário e retrógrado. A América do Norte, direta ou indiretamente, apóia os revoltosos, isto é, a pequena burguesia, atrás da qual, mais cedo ou tarde, agirá o grande burguês industrial”.⁵⁵

Octavio, portanto, dava significativo destaque à situação internacional, considerando-a muito importante para os acontecimentos decorrentes no Brasil. Daí fazer a seguinte advertência, logo no início de suas páginas:

“Se (...) isolarmos do cenário mundial, a revolta de 1924 perderá uma de suas significações fundamentais. Nossa escala, nosso padrão de análise é um padrão universal. Baseia-se no internacionalismo leninista”.⁵⁶

Em outra passagem, deixa ainda mais explícita essa correlação entre a realidade nacional e mundial.

“Essas páginas não constituem uma crônica da revolta de 1924 e sim um esboço da situação brasileira, num dado momento histórico, um quadro geral do fenômeno histórico brasileiro em ligação com o fenômeno histórico internacional e como dependência deste.”⁵⁷

E, por fim, parodiando a personalidade comunista que mais admirava e que exercera influência em seus escritos, conclui, dizendo: “A história brasileira é apenas um elo da cadeia histórica universal”.⁵⁸

Analisando a sociedade brasileira do ponto de vista da “política”, o dirigente comunista sustenta que seu caráter também se constitui pelo “agrarismo político”, por ser consequência direta do “agrarismo econômico”. A dominação política, por conseguinte, refletia-se no papel desempenhado pelo grande proprietário, representado, sobretudo, pelo

⁵⁴ Idem, p. 38.

⁵⁵ Idem, p. 43.

⁵⁶ Idem, p. 5.

⁵⁷ Idem, p. 37.

⁵⁸ Idem, ibidem.

fazendeiro do café de São Paulo e também de Minas Gerais. Daí argumentar que toda a política nacional girava em torno da valorização do café.

Logo a seguir, faz uma constatação, embora exagerada e maniqueísta, mas que não deixava de ser, em sua perspectiva, otimista. Segundo Octavio, em razão do cenário dominado pelo “agrарismo político” havia a possibilidade da existência de apenas dois partidos: o Partido Republicano, dos grandes fazendeiros de café, representante do governo que era “forte e rico”, e o Partido Comunista, que ainda se encontrava “fraco e pobre” por ter apenas dois anos de existência, tendo apenas gozado quatro meses de legalidade (de sua fundação, em março, a junho de 1922). Essa polarização existente entre os dois extremos, “a extrema esquerda, por um lado, e a extrema direita”, por outro, é explicada por Brandão, como consequência da participação “politicamente nula e desorganizada da burguesia industrial” e, dessa maneira, de seu “atraso político” no cenário partidário brasileiro.⁵⁹

Não satisfeito em deter-se nos aspectos econômicos e políticos para sustentar seu argumento da presença determinante do “agrарismo” nas principais estruturas do país, o teórico comunista vai mais longe. Procura diagnosticar, universalizando seu paradigma quando afirma que “todo o país está envenenado pelo agrарismo”⁶⁰. Não é casual o item seguinte, denominado “*a situação medieval*”, trazer ao centro a discussão acerca das “manifestações psicológicas” existentes na cultura do povo brasileiro. De acordo com ele, sua forma mais significativa expressava-se através da

“moralina, veia poética para o amor e o misticismo (...); a vida contemplativa, sedentária de milhares de brasileiros; a tendência para a rotina; o gosto pelas cores berrantes (ver as roupas das caboclas em dias de festa), predileção característica de povo bárbaro (...)”.⁶¹

Apesar de sustentar o caráter pioneiro e inovador de *Agrарismo e industrialismo*, não se pode deixar de perceber que, em determinadas passagens – como nesse último trecho citado –, há evidente influência do pensamento social que a antecedeu. Em particular, remeto-me a Euclides da Cunha quando se refere à explicação a partir da raça e do meio físico para traçar um perfil do país da época. Essa assertiva pode ser melhor verificada em outra passagem do texto de Octavio Brandão quando diz:

“O homem, como a terra, ainda está em formação. Não há o brasileiro – um tipo definido. Há a mistura desordenada de raças e sub-raças.
O duplo caos da terra e do homem projeta-se sobre numeroso aspectos da vida nacional”.⁶²

⁵⁹ Idem, p. 8.

⁶⁰ Idem, pp. 8-9.

⁶¹ Idem, p. 15.

Uma outra importante consideração a destacar da primeira parte de *Agrarismo e Industrialismo* refere-se ao item denominado “tese, antítese e síntese”, que procura, do ponto de vista conceitual, aplicar a revolta de 1924 ao que julga ser uma “dialética marxista”. Analisando os aspectos constitutivos de tal recurso, doravante apropriado por Brandão como sendo “marxista”, possivelmente seja onde se localize a parte mais débil do ensaio. Explicando o significado de “dialética”, esforça-se por defini-la, embora de uma maneira bastante simplista, como pode ser percebido na passagem a seguir:

“A dialética é a ciência que mostra como a sociedade, o universo e o pensamento evoluem. Esta evolução se faz através das três etapas (...). Na primeira etapa, o processo ou o fenômeno se afirma. Na segunda etapa, é negado, combatido. Na terceira etapa novamente se afirma. Tese, antítese e síntese. Afirmção e negação da negação...”⁶³

A partir dessa estrutura esquemática, Octavio Brandão estabelece argumentos para comprovar uma suposta tese sem a preocupação maior em estabelecer interlocução entre eles. Para demonstrar toda a sua “confusa” lógica descritiva e etapista, remeto-me a ilustrativa passagem de seu escrito, quando assinala:

“A revolução proletária afirmará Bernardes porque afirmará o agrarismo, embora numa etapa superior – o agrarismo industrial, proletário. Afirmará Isidoro porque afirmará o industrialismo, embora numa etapa superior – o industrialismo proletário. Negará Bernardes porque negará o industrialismo burguês. E fundirá o industrialismo com o agrarismo, a cidade e o campo, o martelo e a foice. Dentro da Harmonia Proletária desaparecerão as classes e, por conseguinte, a guerra de classes. (...) Por outras palavras, a revolução proletária é a *Aufhebung* de Bernardes e Isidoro, isto é a negação, a conservação e a elevação do agrarismo e do industrialismo (...) Daí vem a nossa certeza que, após a vitória dos pequenos burgueses (aliados dos grandes burgueses industriais) virá a Vitória Proletária”.⁶⁴ [Grifo no original].

Apesar dos limites de sua “dialética”, creio, que os méritos de *Agrarismo e Industrialismo* são bem maiores. No entanto, ao contrário dessa consideração, foi esse o aspecto – e na esmagadora maioria das vezes, o único – que mereceu a atenção, muitas

⁶² Idem, p. 7. Em seu relato autobiográfico, Octavio Brandão deixa claro sua imensa simpatia pelo jornalista e literato, quando diz: “Lutei muito pela popularização de Euclides da Cunha. Dediquei o livro *Canais e Lagoas* à sua memória altíssima e épica Exaltei-o em referências carinhosas, dezenas de vezes, em artigos e trabalhos diversos (...) Em discursos nos sindicatos e à porta das fábricas do Rio de Janeiro, chamei a atenção dos operários para o estudo dos problemas sociais e nacionais levantados por Euclides. Em discursos como intendente (vereador) no Conselho Municipal do Rio de Janeiro, desfraldei a bandeira do patriotismo e das liberdades, em nome de Euclides e de outros lutadores nacionais”. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 78. Ao lado do famoso escritor, Tiradentes e Castro Alves foram as personalidades que mais o dirigente comunista admirava e recorrentemente mencionava como as “três grandezas nacionais”.

⁶³ Idem, p. 52.

⁶⁴ Idem, p. 62.

vezes, exagerada de seus críticos, sejam historiadores, sejam comentadores, ou dos próprios militantes do PCB.

O sociólogo Ricardo Antunes, ao comentar o ensaio de 1926 e concordar com o seu mérito inicial já ressaltado acima, diz que a obra expressava a ausência de uma análise da particularidade brasileira. Para ele, tratava-se de um entendimento desprovido do instrumental verdadeiramente dialético, buscando, assim, valores universais e insuficientes para a compreensão do Brasil.⁶⁵

Leandro Konder, por sua vez, sustenta que a compreensão da dialética por parte de Brandão correspondeu, na realidade, a um “formidável mal-entendido”. Segundo o filósofo, o dirigente comunista reduziu a dialética marxista à tríade hegeliana, tese-antítese-síntese, ou seja, procurou, a partir de um esquema triádico, interpretar a revolta de 1924, mas também o conjunto da história do Brasil e, de maneira mais ambiciosa, explicar, através de sua “dialética”, a evolução da sociedade romana⁶⁶. O mesmo autor, em artigo anterior e menos conhecido, é mais veemente na condenação feita ao referido recurso metodológico utilizado por Brandão, em seu escrito de 1926. Classificando-o de “fuzarca dialética”, Konder responsabiliza Octavio pelos “efeitos deletérios” na difusão das idéias de Marx no Brasil. E conclui sua sentença, enfatizando um critério mais pessoal do que propriamente analítico, ao asseverar:

“Brandão pode ser tido como uma personalidade chave para compreender algumas das taras com que nasceu o marxismo brasileiro. Evocando-o, examinando-lhe o estilo da ação e pensamento, podemos nos dar conta de como é alto o preço pago pela ilusão de nos levarmos a sério, de pensarmos que sabemos mais do que efetivamente sabemos, de pretendermos ser mais do que podemos ser.”⁶⁷

Utilizando uma semelhante linha de argüição, Luís Carlos Prestes, numa entrevista concedida a um pesquisador, assegurava que, apesar de *Agrarismo e Industrialismo* ter exercido influência muito grande na direção do partido, seu tema era “completamente errado”, uma vez que seu autor “resolveu criar uma oposição entre o agrarismo e o industrialismo e batizou: o agrarismo está com o imperialismo americano. Isso é artificial”. E, de forma mais intensa, o Cavaleiro da Esperança criticou a atribuição feita por Octavio, afirmando que este último:

⁶⁵ Cf. ANTUNES, Ricardo. *Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe, da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora*. São Paulo: Cortez, 1982, p. 139.

⁶⁶ Cf. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*, op. cit., pp. 146-147.

⁶⁷ _____. “Octavio Brandão: o Lenin que não deu certo”. In: *Caderno Folhetim*. Folha de São Paulo, 23.06.1985, p. 8.

“(...) não tinha noção nenhuma de dialética. Ele dizia que o governo de Bernardes foi pior do que o governo do Epitácio. O governo de Washington Luiz foi pior que o Bernardes. E que o futuro que viria seria pior que o do Washington Luiz. Isso era a dialética dele. Um mecanismo vulgar. Não tem nada a ver com a dialética”.⁶⁸

João Quartim de Moraes também é bastante rigoroso com a maneira pela qual Octavio utiliza a dialética. Em seu entender, ela possui aspectos que permitem enquadrá-la numa “assimilação sumária e filosoficamente ingênua” da dialética marxista, tendo inclusive uma “desenvoltura pueril na aplicação dessa dialética à periodização da história do proletariado no Brasil”. Todavia é mais enfático em sua apreciação que os outros, quando confere a ela significado de “dialética staliniana”, principalmente por *Agrarismo e Industrialismo* conter a noção de etapas. Tudo isso, segundo Quartim, garante uma convergência do marxismo de Brandão com o marxismo de Stalin⁶⁹, ainda que este último só tenha sido disseminado na América Latina nos final da década de 20.

De minha parte, novamente sustento que a utilização e/ou a apropriação, feitas por Octavio Brandão, da “dialética” podem ser qualificadas como “limitadas” e “reducionistas”, ou ainda, ser atribuídas a padrões conceituais do estilo “hegeliano” ou, de maneira forçosa, ao estilo “staliniano”. No entanto, creio que o mais relevante seja reconhecer que o seu escrito de 1926 se situa num esforço analítico e pioneiro da elaboração de idéias, correspondentes à primeira geração dos comunistas brasileiros. Esses procuraram e, mais ainda, ousaram caracterizar determinada época histórica para nela poderem intervir e transformar. É nesse contexto que deve ser compreendida a tentativa de *Agrarismo e Industrialismo*, malgrado todas as suas idiossincrasias. Por mais paradoxal que pareça, é possível advogar que algumas das formulações presentes naquela obra anteciparam alguns temas da historiografia contemporânea ligado ao assunto, tais como: a regionalização da estrutura de classes, a hegemonia política mineiro-paulista na Primeira República, o dualismo agricultura/indústria e a luta antiimperialista. Mas voltemos a tão polêmica obra.

Após realizar todo um exame voltado para os problemas e as contradições que permeavam a sociedade brasileira à época, principalmente a partir das esferas econômica,

⁶⁸ Entrevista concedida a Ângelo José da Silva (em 20-02-1998) e reproduzida no artigo “Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil”. In: _____. *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, n.º 8, jun. 1997, p. 43.

⁶⁹ Cf. MORAES, João Quartim de. “A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro”, op. cit., p. 77.

política e psicológica – usando, inclusive, o recurso da comparação com a situação internacional, na maior parte dos casos –, *Agrarismo e Industrialismo* dedica também uma significativa reflexão aos acontecimentos do levante do 5 de julho de 1924.

Convém antes destacar que a segunda insurreição tenentista de São Paulo desempenhou, como já se disse, influência decisiva na tática do PCB entre os anos de 1924 e 1928. Essa se traduziu, principalmente, na possibilidade de, pela primeira vez, forjar-se uma aliança de comunistas com outros setores, no caso, as camadas médias urbanas, em particular aqueles que consideravam ser a sua vanguarda política: os jovens tenentes.

Embora Octavio Brandão afirme que, diante do episódio dos Dezoito do Forte de Copacabana, o partido havia permanecido “sectário, passivo e negativo em relação aos revoltosos de 1922”, seria somente a partir de 1924 que os comunistas, de maneira mais efetiva, procurariam estreitar os contatos com os tenentes, realizando assim uma aliança. A justificativa para esse propósito era dada, de acordo com o dirigente comunista, à luz do novo contexto de crise política da Primeira República, causada pela segunda onda de levantes armados. Dessa maneira assegura que

“diante da Insurreição de São Paulo, verificamos que era preciso um bloco para lutar contra o imperialismo. O Partido era pequeno e não podia lutar pela Ditadura do Proletariado, seria uma seita (...)”.⁷⁰

Essa aliança com os militares revoltosos deveria ser estabelecida sob determinadas condições. O próprio autor de *Agrarismo e Industrialismo* acentua as seguintes observações:

“Apoiemos, como aliados independentes **como classe independente**, a pequena burguesia na sua luta contra o fazendeiro de café, pois, segundo Marx, é preciso sustentar os partidos pequeno-burgueses quando estes resistem à reação (...) Não tomemos parte em complôs, porque é uma tática pequeno-burguesa e porque devemos ser um partido para influir sobre as massas, e não, uma seita”.⁷¹ (Grifo do original).

Tratava-se, pois, de uma aliança tática, de uma frente única com os “tenentes” e não estratégica. O próprio teórico comunista é categórico ao afirmar que “o fazendeiro de café só será derrubado pela frente única momentânea do proletariado com a pequena burguesia e a grande burguesia industrial”.⁷²

⁷⁰ BRANDÃO, Octavio. Entrevista à *Revista APARTE*, op. cit., p. 15.

⁷¹ _____. *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 58.

⁷² Idem, pp. 21-22.

Ainda refletindo sobre a pequena burguesia, Octavio Brandão advogava que, desde 1922 – fruto das lições da derrota do episódio denominado os “Dezoito do Forte de Copacabana” –essa camada apresentava duas novas características: o fato de estar cada vez mais proletarizada e de ter acumulado uma nova experiência combativa, reduzindo muitas de suas ilusões. No entanto, assegurava que a pequena burguesia não passava ainda de uma “sub-classe”. Num determinado trecho de seu escrito, sintetiza todas essas atribuições a que me referi, ao afirmar:

“Desagrega-se a pequena burguesia: economicamente, rolando para a miséria; politicamente, hesitando entre o proletariado e a grande burguesia; psicologicamente, oscilando entre o espiritualismo materialista, o espiritismo comunista, a teosofia proletária.

Marchando de derrotas em derrotas, esta sub-classe vai perdendo as ilusões, ganhando em experiência”.⁷³

Com os acontecimentos e as lições do segundo 5 de julho, foi possível, na visão de Octavio, dar um destaque especial ao papel da pequena burguesia urbana no novo cenário político nacional aberto no segundo semestre de 1924. A partir de tais eventos, era cogitável vislumbrar a participação daquele setor, juntamente com os comunistas, numa situação revolucionária que supostamente estaria sendo aberta no país. A leitura desse momento *sui generis* era afirmada por Octavio Brandão quando, de maneira otimista, assinala:

“Se os revoltosos pequeno-burgueses souberem explorar a rivalidade imperialista anglo-americana e a luta entre os agrários e os industriais, se procurarem uma base de classe a sua ação, se o proletariado entrar na batalha e se essas contradições coincidirem com a luta presidencial e as complicações financeiras, será possível o esmagamento dos agrários”.⁷⁴

Era cético e desconfiava, entretanto, de outras camadas da burguesia, atentando-se para o fato de “não se iludir com esta”.⁷⁵

Apesar da importância considerada ao levante “tenentista” de julho de 1924, Brandão, mais uma vez, ressalta a incapacidade de a pequena burguesia urbana ter a hegemonia num processo revolucionário. Essa certeza é a principal discussão feita na segunda parte de *Agrarismo e Industrialismo*. Denominada de “*synthese*”, apresenta apenas duas páginas dedicadas, sobretudo, ao que chama de “lição dos fatos” de sua convicção determinante para o autor. Convicção essa baseada na incapacidade de a pequena burguesia, tanto nacional quanto internacionalmente, “guiar sozinha qualquer

⁷³ Idem, p. 64.

⁷⁴ Idem, p. 67.

⁷⁵ Idem, p. 65.

insurreição”. Isso era devido, de acordo com Octavio, há alguns elementos, como: a “sua insignificância econômica; sua confusão política e ideológica; a inutilidade de seu verbalismo” além da “nocividade de seu sentimentalismo”. Por conseguinte, assegura que o papel dirigente da revolução caberia ao proletariado, à medida que ele fosse “consciente de sua função histórica, sob a pena de novos erros, cada vez maiores e irreparáveis”.⁷⁶

A caracterização dessa suposta etapa revolucionária no Brasil, a “terceira revolta”, é abordada na última parte de seu escrito, denominado “*a revolta permanente*”, porém não ainda de maneira aprofundada. É no artigo intitulado *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*, escrito em 1928, para os debates que seguiriam ao III Congresso do PCB – marcado inicialmente para o final daquele mesmo ano –, que Octavio Brandão realiza uma análise detalhada sobre aquilo que seria concebido como “terceira explosão revolucionária”, uma radicalização das duas anteriores, mas agora com um papel hegemônico do proletariado. Mais adiante, no terceiro capítulo, dedicarei maior reflexão a essa temática.

A terceira e última parte de *Agrarismo e Industrialismo* foi redigida seis meses depois da primeira e da segunda parte respectivamente⁷⁷, no dia 13 de março de 1925⁷⁸. Nesse item, Brandão traça um painel internacional chamado “percorrendo o universo”. Argumenta em nível global se intensifica a luta entre as forças da reação, representadas pelo “imperialismo”, e as forças da revolução, identificadas com o “leninismo”. Tratava-se, assim, de uma generalização de denúncia e solidariedade entre a expansão imperialista da burguesia mundial, por um lado, e as formas de resistência e as lutas do proletariado, por outro.

Ao final de seu escrito, Octavio Brandão defende a constituição de um bloco, algo como uma frente única composta por todas as “forças progressistas”, “antifeudais e antiimperialistas” que estivessem dispostas a lutar contra as “forças da reação”, mediante a crônica e crescente crise política institucional que poderia alterar a correlação de forças

⁷⁶ Idem, p. 39. Grifos meus.

⁷⁷ Como já se ressaltou, as duas primeiras partes de *Agrarismo e Industrialismo* foram redigidas entre os meses de julho e agosto de 1924. Por esse motivo o intelectual comunista afirmava que o referido escrito já se encontrava finalizado em sua “parte fundamental”, bem antes de sua publicação, que ocorreria seis meses depois, no dia 09 de março de 1926.

⁷⁸ Depois de assinalar essa data, Octavio Brandão parecia incluir um novo item a sua obra, denominado “Em marcha para o futuro”. Mas, na realidade, trata-se de uma espécie de posfácio onde justifica as dificuldades da publicação da obra e realiza alguns pequenos acréscimos no momento em que a obra apareceria ilegalmente.

existentes no país. Esse seu otimismo revolucionário pode ser claramente percebido nas últimas palavras da obra.

“Concentremos todas as nossas energias, esporeemos (sic) a pequena burguesia e a grande burguesia industrial e, unidos num bloco indestrutível, agitemos as massas em torno das palavras de ordem fundamentais: – Abaixo os fazendeiros de café! Abaixo o governo de fazendeiros! Abaixo os maiores opressores do proletariado! Abaixo o imperialismo internacional, senhor do Brasil! Viva a revolta permanente, preliminar da revolução proletária.”⁷⁹

Na história das idéias de esquerda no país, pouquíssimos foram os historiadores, cientistas sociais e demais comentadores que dedicaram algum tipo de reconhecimento à obra *Agrarismo e Industrialismo*, redigida por Octavio Brandão. Essa, não obstante seus limites, anacronismos, reducionismos, universalizações, mecanicismos e outras críticas que podem ser feitas, não mereceu a maior virtude que tentei estabelecer ao longo de minha análise sobre o referido escrito: o seu pioneirismo doutrinário.

Sobre essa proposição, destaco agora aquelas que considero serem proposições originais na obra de Octavio Brandão – e que, durante muito tempo, permaneceriam influenciando a atuação dos comunistas – que são: 1.^a) realizar uma primeira análise da realidade nacional a partir do referencial teórico do “marxismo-leninismo”; 2.^a) advogar a existência do pressuposto feudal em todos os aspectos da realidade brasileira: na economia, na política e na psicologia da cultura brasileira; 3.^a) caracterizar o conflito nacional da época como resultado de uma disputa interimperialista anglo-americana, evidenciada, no país, através de seus “parceiros nacionais”: os “agrários” e a “pequenos-burgueses”, respectivamente; 4.^a) assinalar um papel progressista ao movimento tenentista que demonstrou ser capaz de insurgir aos desmandos do Estado oligárquico-liberal, embora não tivesse ilusões em seu “militarismo” e “golpismo”; 5.^a) perceber que o PCB ainda era organização muito pequena, ilegal e que não dispunha de maior inserção no meio operário; tudo isso levou-o a defender a atuação em aliança, embora “independente”, com a “vanguarda” da pequena burguesia, no caso os tenentes.

O intelectual comunista, mesmo estando na clandestinidade, foi capaz de fazer algumas “previsões”, anunciando, bem antes do que ocorreria em outubro de 1930, a consequência da ferrenha política liberal adotada pelo então presidente Artur Bernardes.

“Hoover, secretário de comércio, agente do imperialismo norte-americano, faz campanha contra o café brasileiro, preconizando até o boicote. Enquanto isso, os bancos ingleses emprestam dinheiro a Brazilian Coffee e ao Instituto de Defesa Permanente do Café. Como,

⁷⁹ BRANDÃO, Octavio. *Agrarismo e Industrialismo*, op. cit., p. 85.

porém, a América do Norte é o maior consumidor do café brasileiro, lutando contra o imperialismo inglês e seus aliados do Brasil, passarão a usar um sucedâneo do café: a dominação econômica e política do fazendeiro de café irá de água abaixo, e o que é mais serio, o país debater-se-á numa crise horrível... A tragédia do café!.”⁸⁰

Como última consideração, vale dizer que os argumentos centrais presentes em *Agrarismo e Industrialismo*, como a “luta antifeudal e anti-imperialista”, norteariam, durante muito tempo, as reflexões do PCB sobre a realidade nacional.⁸¹

Agrarismo e Industrialismo insere-se, portanto, no contexto de uma primeira manifestação ideológica do PCB, sendo inédita no que concerne à tentativa de análise crítica da sociedade brasileira realizada. Assim, vários fatores podem explicar a afluência da aplicação entre a “visão de mundo” marxista-leninista e a “visão” do processo nacional desenvolvido pelo partido, através de seu principal teórico naquele momento, tais como: a insuficiência da formação marxista dos comunistas brasileiros; a ausência de um Birô⁸² – capaz de coordenar de maneira mais eficaz os vários PCs do continente americano – e, por fim, o aparecimento posterior de uma teoria da IC que dizia respeito aos chamados países “coloniais e semicoloniais”.

Penso que tais circunstâncias podem explicar o porquê de o PCB, em sua fase inicial, ter tomado a iniciativa de “avançar o sinal”, elaborando, no dizer de Edgard Carone, algo como uma “teoria de 3.^a Via”.⁸³ Não obstante reconhecer o proletariado como o sujeito

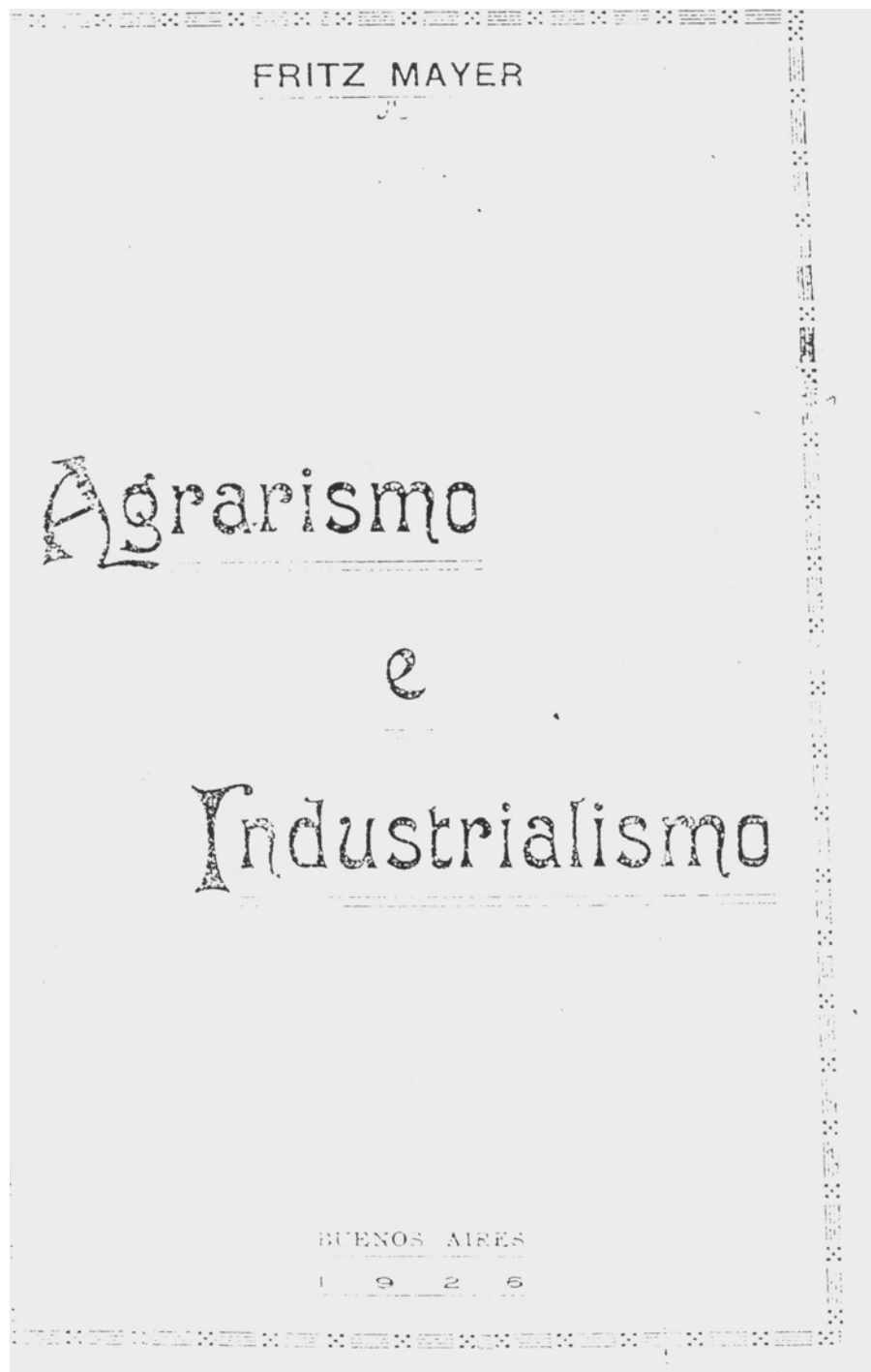
⁸⁰ Idem, p. 83.

⁸¹ Vários foram os autores que, ligados diretamente ou não ao PCB, difundiram a tese da existência de “resquícios feudais” ou de “regime de servidão” no campo brasileiro. Entre alguns, destaco Alberto Passos Guimarães e seu clássico do pensamento sociológico, *Quatro séculos de latifúndio*, (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996). Nesta obra, o autor advoga a predominância do “monopólio feudal” nas origens da estrutura econômica do país implantada pela colonização portuguesa, denominando-a de “feudalismo colonial”: “Quando a metrópole decidiu lançar-se na empresa colonial, não lhe restava outra alternativa política senão a de transplantar para a América Portuguesa o modo de produção (feudal) dominante no além mar”. Idem, p. 28. No final de seu livro, analisando outro período da estrutura econômica brasileira, na segunda metade da década de 1960, Alberto Passos ainda persistia em argumentar que “no Brasil dos dias em que vivemos, o processo de desenvolvimento intensivo da agricultura não foi iniciado em larga escala, as mudanças na estrutura da propriedade ainda não se fazem em ritmo acelerado, o sistema latifundiário mantém rigidamente suas ordem de valores, as relações de trabalho, mesmo quando sua aparência se assemelha às relações do tipo capitalista, guardam em geral no seu conteúdo as marcas de **feudalismo** e de **escravismo** (...)”. (Grifos em negrito meus, p. 249).

⁸² O Birô Sul-Americano só foi criado em abril de 1926. Entretanto, desempenhou, em seu início, apenas o papel de visar à coordenação mais coesa dos PCs e não uma intervenção, como se daria, a partir de 1929.

⁸³ Cf. CARONE, Edgard. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ed. Ática, Série Fundamentos, p. 189. Para o autor, a “3.^a Via” representava a tese da política de frente única estabelecida pelo PCB no período de 1924/29, caracterizada pelo papel de destaque que as camadas médias urbanas, sobretudo o

revolucionário por excelência, concedia, naquela particularidade histórica, o papel de destaque aos tenentes, considerando-os “progressistas e revolucionários”, na luta contra o Estado oligárquico monoexportador.



“movimento tenentista”, na primeira etapa revolucionária, deveria assumir. Como vimos, essa tese já se encontrava formulada em *Agrarismo e Industrialismo*.

2.4- Novas tarefas, perseguições policiais e o início de um dilema

“Nós vimos que, como Partido Comunista, não podia ser legal. A polícia invadia, quebrava tudo, dava pancada e arrebatava tudo. Era assim. Então o Partido não podia ser legal, aí manobramos e fizemos o Bloco Operário e Camponês, em 27.”

Octavio Brandão
(Entrevista concedida a Ana Beatriz Lerner e Valmir Meneses. Rio de Janeiro, 28.04.1979)

“Embora o PCB se não estivesse transformando num partido eleitoral, impedido de fazê-lo até mesmo pelo fato de ser ilegal, mas apenas estivesse utilizando mais uma forma de luta, para muitos, estava se distanciando do seu objetivo final, isto é, da revolução.”

Dulce Pandolfi
(*Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*, p. 88)

Os tumultuados anos da gestão Artur Bernardes finalmente chegavam ao fim, em novembro de 1926. O novo presidente, Washington Luís, representante da oligarquia paulista, no final de dezembro, colocava ponto final no Estado de Sítio característico da maior parte do governo anterior. A imprensa amordaçada durante todo o período precedente desejava se manifestar. Tudo fazia supor que os primeiros meses do ano que chegava seriam, enfim, de liberdade política.

Prevendo os poucos meses de relativa legalidade que lhe concedera o recente governo, a direção do PCB traçou as tarefas a serem realizadas durante o ano de 1927. Elas consistiam, principalmente, na agitação e numa maior atuação junto aos trabalhadores, aproveitando certa liberalização dos primeiros dias do recém-empossado Presidente. Contudo, os comunistas não se descuidavam da possibilidade de nova reação do governo. Levando em consideração essa previsível circunstância, o partido passou a priorizar três metas fundamentais: a) a publicação de sua propaganda nas páginas do diário, *A Nação*; b) a fundação do Bloco Operário e; c) a organização de um Congresso para a constituição de uma Federação Sindical. Todas essas decisões contaram com a participação de Brandão.

A primeira tarefa explicava-se pelas dificuldades que o PCB enfrentava em contar apenas com os próprios meios para a publicação de um diário de grande repercussão, uma vez que o novo governo negava aos comunistas a permissão para que retomasse a circulação do principal e mais eficaz meio de comunicação que tinham: o jornal *A Classe Operária*. Essa dificuldade logo seria superada por iniciativa de um simpatizante do PCB, o jornalista e professor de Direito, Leônidas de Rezende. Este último, que havia sido perseguido e preso por sua oposição ao governo de Artur Bernardes, procurou a direção do partido e fez uma proposta um tanto incomum: convidou-a para que publicassem as matérias que desejassem nas páginas de seu jornal, *A Nação*.⁸⁴

Octavio Brandão, juntamente com Astrojildo Pereira, foram escolhidos como principais redatores dessa nova empreitada, buscando retomar o tempo perdido e, imediatamente, continuar divulgando as idéias do PCB. Segundo Octavio, o principal papel que aquele jornal cumpria era “o trabalho de organização sindical, o combate à ‘Lei Celerada’⁸⁵ imposta pelo imperialismo inglês e pela publicação de muitas matérias sobre a libertação nacional e contra o imperialismo”⁸⁶. Marcos Del Roio, por sua vez, argumenta que a principal importância política do jornal *A Nação* era o fato de ter sido a expressão mais eloqüente da política de frente única que os comunistas brasileiros vinham formulando desde o seu II Congresso, em 1925.⁸⁷

A segunda tarefa dos comunistas, naquele momento, era a luta por uma federação sindical que se iniciou a partir do intenso combate contra a chamada *Frente Única Multicor*, formada em 1926, no Rio de Janeiro. Esta última, de acordo com Octavio Brandão, constituía-se num “bloco sem princípios, inimigo dos comunistas” e era composta pelos mais diversos setores, que englobava desde

⁸⁴ Segundo Astrojildo Pereira, durante o período que permaneceu preso, Leônidas Rezende chegou a estudar alguns ideais socialistas, tornado-se, assim, um simpatizante, mesmo sendo um positivista. Cf. PEREIRA, Astrojildo. *A formação do PCB*, op. cit., p. 75. O jornal *A Nação* teve um curto período de existência: de janeiro a agosto de 1927.

⁸⁵ A famosa “Lei Celerada”, de agosto de 1927, foi apresentada por Aníbal Toledo, pretensamente visando combater a subversão. Mas, na realidade, significou um golpe contra a liberdade de pensamento. Tanto é assim que, segundo Eliezer Pacheco, “se colocaram contra a lei não apenas os comunistas e demais correntes de esquerda mas também os liberais como Assis Brasil, Batista Luzardo, Irineu Machado, Barbosa Lima e outros”. PACHECO, Eliezer. *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984, p. 113.

⁸⁶ Cf. BRANDÃO, Octavio. Entrevista à *Revista APARTE*, op. cit., p. 13. Ver também _____. *Combates e batalhas*, op. cit., pp. 331-332.

⁸⁷ Cf. DEL ROIO, Marcos. “Comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940)”. In: RIDENTI, Marcelo & REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.). *História do marxismo no Brasil*, vol.V - *Partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002, p. 31.

“Os *brancos* – capitalistas brasileiros, os agentes do imperialismo, os reacionários e os policiais. Os *amarelos* – os líderes reformistas dos sindicatos, ligados à polícia. Os *róseos* – dirigentes do Partido ‘Socialista’ reformista. E os *rabanetes* – vermelhos por fora e brancos por dentro – os anarquistas degenerados, em vários sindicatos”.⁸⁸

Os comunistas, disputando posição com os participantes da Frente Única *Multicolor* desde 1926, conseguem se fortalecer politicamente junto aos trabalhadores. Dirigem a maioria dos sindicatos, além de batalharem pela formação da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro (FSRRJ), que surge em 1927, e da Confederação Geral do Trabalho (CGT), criada no ano de 1929. No entanto, apesar dos bons resultados na área sindical, em fins de 1927, dois dirigentes sindicais, fundadores do PCB e membros de sua direção, Joaquim Barbosa e João da Costa Pimenta, começaram a divergir da atuação dos comunistas com relação aos sindicatos. Joaquim Barbosa, que era secretário da FSRRJ, considerava que o PCB pretendia utilizar os sindicatos em benefício da política do partido. Além disso, opunha-se, juntamente com Rodolfo Coutinho, também integrante do núcleo dirigente, à decisão da maioria da Comissão Central Executiva (CCE) de procurar estabelecer contato com os membros da Coluna Prestes com vistas a uma aliança entre comunistas e “tenentistas”. Depois de dirigir carta aberta ao Partido, com apoio de João da Costa Pimenta, Barbosa abandonou o PCB, levando aproximadamente 40 membros de sua célula, na maioria alfaiates.⁸⁹

Finalmente, a terceira e última prioridade do PCB, para o ano de 1927, correspondia à leitura que fazia a direção comunista a respeito de um possível crescimento do partido e, conseqüentemente, de sua maior penetração no meio operário. Começava-se a priorizar um trabalho muito mais incisivo em termos eleitorais que poderia impulsionar também a organização. Essa proposta foi colocada em prática com o Bloco Operário, fundado em janeiro de 1927, por Astrojildo Pereira e Octavio Brandão. O PCB entendia que chegara o momento de intervir nas eleições gerais para a Câmara Federal, a serem realizadas em fevereiro do mesmo ano, com o fim de atrair o maior número elementos próximos a suas bandeiras de luta. Além disso, possibilitava uma maneira de o partido – posto em ilegalidade desde agosto do mesmo mês – continuar seu trabalho de propaganda e de inserção junto aos trabalhadores; daí a importância tática do Bloco Operário para os comunistas.

⁸⁸ Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 324.

⁸⁹ Cf. RODRIGUES, Leôncio Martins. “O PCB: os dirigentes e a organização”. In: FAUSTO, Boris (org.) *HGCB: O Brasil Republicano – Sociedade e Política (1930-1964)*. São Paulo: Difel, vol. 3, 1983 p. 367.

O Bloco Operário, por decisão da Comissão Central Executiva (CCE) do PCB, foi, em 1928, transformado em Bloco Operário e Camponês (BOC) como organização legal de massas. A denominação estava mais de acordo com as indicações que a IC fazia quanto aos denominados “países semicoloniais”, reconhecendo, naquele momento, a necessidade de se ampliarem as alianças.⁹⁰ Ademais, os comunistas brasileiros imaginavam desenvolver-se nacionalmente. Por fim, pretendiam utilizar a nova sigla como cobertura legal para a ligação do partido com a população em geral. Com essa finalidade, decidiu-se alterar o nome de Bloco Operário, acrescentando-lhe o adjetivo “camponês”, visando realizar desafiante trabalho que buscasse a tão sonhada aliança com aqueles setores que, no imaginário comunista, eram considerados os melhores aliados da classe operária: os trabalhadores rurais⁹¹.

O BOC era uma “frente política” que, sob a direção dos comunistas, propunha um programa de reivindicações classistas, candidaturas operárias, além de buscar explicitamente, na pequena burguesia urbana, um interlocutor político privilegiado, retomando, desse modo, os argumentos básicos expostos por Octavio Brandão em *Agrarismo e Industrialismo* e ratificados no II Congresso do PCB, em 1925. É de supor que, em princípio, o BOC devesse selar a organicidade da aliança preconizada por Brandão e a direção do PCB com a Coluna Prestes-Miguel Costa, vista como a principal expressão política da pequena burguesia urbana. Tal importância da aliança, entre os comunistas e a Coluna Prestes, é constatada pelo próprio Brandão, que procurava em Marx sua justificativa, como pode ser percebida a seguir:

“(…) já em 1850, mais ou menos, Marx lançou uma circular aos comunistas alemães para apoiarem todo o movimento progressista. E nós considerávamos a Coluna (com exceção de Rodolfo Coutinho) um movimento pequeno-burguês e progressista (...) que quer acabar com o atraso do Brasil”.⁹²

Outra importante iniciativa do Bloco Operário e Camponês foi a criação do Comitê de Mulheres Trabalhadoras, que pode ser considerada a primeira associação de caráter feminino de massas sob a influência do PCB. Além de Octavio, ajudaram a fundá-la, Laura Brandão, Minervino de Oliveira, Joaquim Nepomuceno e sua companheira Isaura. Nessa significativa experiência, coube a Laura um papel de destaque. Ela e outras companheiras

⁹⁰ No capítulo seguinte, procuro discutir, de maneira mais pormenorizada, os reflexos que o VI Congresso da IC de 1928 teve para a primeira geração de comunistas brasileiros.

⁹¹ Cf. PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*, op. cit., p. 125.

⁹² BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento, 1977*), op. cit., p. 37.

iam às fábricas e aos sindicatos organizar outras as mulheres em torno das idéias do PCB, ainda que nunca fosse uma militante do partido. A poetisa também contribuiu de maneira importante nas eleições municipais, realizadas em outubro de 1928. Um exemplo da coragem que tinha, inclusive ao enfrentar as truculências dos representantes da política tradicional bem como as ameaças de prisão que sofria, pode ser constatado pelo testemunho de Lia Correia Dutra que à época era funcionária do Conselho Municipal. Recordando-se de uma manifestação organizada pelo Comitê de Mulheres Trabalhadoras, ocorrida em frente àquela instituição, diz:

“A primeira vez que vi Laura foi numa manifestação, em frente à Câmara de Vereadores, dissolvida violentamente pela polícia. Havia, no meio de manifestantes, uma mulher que se destacava pela coragem – diria quase: pela agressividade. Sobre sua cabeça choviam os golpes de cassetetes; assim mesmo ela conseguiu desvencilhar-se, subiu em um banco e de pé, com uma bandeira na mão, gritou qualquer coisa, não me lembro o que gritou, se um viva ou uma reivindicação. Logo a arrancaram e a arrastaram aos repelões, até que a intervenção de alguns intendentos a libertou, e eu a vi ser levada para o saguão da Câmara”.⁹³

No dia 28 de outubro de 1928, aconteceram as eleições ao Conselho Municipal do Rio de Janeiro. Por intermédio do BOC, o PCB apresentou dois candidatos: Minervino de Oliveira, operário e marmorista, e Octavio Brandão, farmacêutico. Eles trabalharam em condições muito difíceis, pois recebiam constante vigilância da polícia política. Tal fato, no entanto, não inibiu a realização de incansável campanha. Percorreram vários bairros, falaram em muitas reuniões de sindicatos e chegaram a organizar a distribuição de milhares de exemplares de diversas publicações, cartazes, folhetos, manifestos e volantes de campanha. Visitaram ainda fábricas em São Cristóvão e na Rua Barão de Mesquita, no bairro da Tijuca. O próprio Brandão relembra alguns dessas andanças e comícios que ele e seu companheiro de campanha empreenderam:

“(…) Dirigimos a palavra (...) aos marinheiros e aos operários da Ilha das Cobras, no portão do Arsenal da Marinha; aos ferroviários das oficinas de São Diogo, Alfredo Maia e da Locomoção, no Engenho de Dentro; aos tecelões da Gávea, do Moinho Inglês e da Ponta do Caju; aos metalúrgicos, entre os tornos mecânicos da oficina à Rua do Riachuelo, n.º 172 ... No total, os dois candidatos realizaram 60 comícios ilegais, nas maiores fábricas e oficinas do Rio de Janeiro”.⁹⁴

⁹³ Depoimento escrito de Lia Correia Dutra, em 28.07.1958. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/UNICAMP, pasta n.º 123. **Apud** BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na Política*. Dissertação de Mestrado, op. cit., p. 137.

⁹⁴ BRANDÃO, Octavio. *Vida vivida* (autobiografia). 04.04.1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/UNICAMP. Pasta 112, p. 113. [dat.].

Octavio e Minervino também participaram de um episódio que ficou famoso pelo seu desfecho trágico. Certa vez, ao realizarem comício no portão do Arsenal da Marinha – área militar e proibida a qualquer fim político-eleitoral –, os dois candidatos do BOC foram detidos. Apesar de vários simpatizantes e operários tentarem resistir, a polícia agiu rápido e atirou contra a multidão. O operário Raimundo de Moraes levou um tiro na cabeça e caiu fulminado, junto aos dois representantes do BOC que, logo depois, desencadearam grande agitação em torno do caso.

Chegava o dia das eleições. Para a surpresa de muitos, os representantes do BOC foram eleitos: Octavio Brandão ficou em nono lugar, num total de 12 concorrentes, no Primeiro Distrito.⁹⁵ Surpreendidos com tamanho êxito dos homens considerados “extremistas”, os políticos tradicionais tentaram anular os votos dos comunistas. Para isso, buscaram utilizar a maioria do Conselho Municipal de modo a não reconhecerem os eleitos, justificando que Minervino tinha conseguido pequena diferença que garantia a ele o 12.º lugar e, assim, inserir outro intendente na sua vaga. Reagindo a tal impasse, os representantes eleitos do BOC voltaram às fábricas e aos sindicatos e ameaçaram desencadear uma greve geral, caso o judiciário não reconhecesse a sua vitória. O caso ganhou os jornais e teve significativo apelo popular. Temendo a eclosão de, no mínimo, greves parciais, o governo reconheceu a vitória de Octavio e Minervino.⁹⁶ Além disso, o impasse ficou definitivamente resolvido depois que Fernando Labauriau, político conservador, morreu num acidente aéreo. Com isso Minervino pôde ocupar sua vaga no Conselho Municipal.

Apesar de toda a reação das classes dominantes, o Bloco Operário e Camponês conseguia a extraordinária proeza de eleger, pela primeira vez, dois comunistas para intendentes⁹⁷, episódio, sem dúvida, marcante na história do PCB. Os votos para os candidatos do BOC vieram do operariado e dos setores populares das cidades, tendo a campanha sido realizada prioritariamente na Gávea e no Jardim Botânico, locais de grande concentração de vilas e parques operários. Todavia, isso não foi empecilho para que o

⁹⁵ Octavio Brandão foi sufragado por 995 eleitores com 7.638 votos. Minervino de Oliveira obteve 8.160 votos, de 1.020 eleitores, ocupando o 12.º lugar pelo Segundo Distrito. Vale destacar que cada eleitor tinha direito a oito votos, mas nem todos concentravam os votos no mesmo candidato. Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 352.

⁹⁶ As dificuldades, no entanto, continuaram aos candidatos do BOC em outras capitais do país. Para uma breve descrição dos impasses e tentativas de superá-los pelos militantes comunistas, ver DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*, op. cit., especialmente as páginas 61-69.

⁹⁷ Intendente era a denominação à época para vereadores.

jornal *A Classe Operária* fosse lá distribuído com farta propaganda dos candidatos do *BOC* em outros bairros proletários.⁹⁸

As ameaças e as violências dos órgãos de repressão do governo eram práticas constantes contra o *BOC*, desde sua fundação. A Polícia Política chegou inclusive a criar uma barreira em torno de sua sede. T tamanha repressão culminou com sucessivas prisões de militantes e de seus próprios candidatos. Nem mesmo as mulheres eram poupadas da crescente escalada de violência. No dia 10 de novembro de 1928, cinco integrantes do *Comitê Eleitoral de Mulheres Trabalhadoras*, que acompanhavam seus companheiros, foram detidas na porta do Conselho Municipal pelo simples fato de participarem da apuração do pleito. O vespertino *O Jornal*, no dia seguinte ao incidente, publicava a matéria intitulada “A polícia e o feminismo comunista”. Surpreso com a atitude truculenta dos órgãos de repressão, afirmava:

“(…) Exceto nos casos esporádicos verificados durante o Estado de sítio nunca se ouviu falar, aqui, em que uma mulher fosse vítima de qualquer acto policial por ter opinião e externa-la. Mas a ocorrência de hontem, na qual se estendem às esposas dos ‘leaders’ proletários as providencias arbitrarías tomadas contra o Bloco Operário e Campones a que ellas, por intermedio do seu Comitê, se acham filiadas, lembra, de certo modo os ruidosos incidentes provocados na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos pelas agitações feministas”.⁹⁹

Recém-eleito, Octavio fez contundente depoimento ao jornal sobre o truculento comportamento da polícia política. Em sua opinião, esse procedimento dos órgãos de repressão dava margem “a uma série de atitudes nossas que só poderão trazer os maiores prejuízos ao próprio regimen capitalista, que tem tudo a perder, enquanto nós só temos os grilhões”. Denunciava ainda o lamentável episódio ocorrido contra as mulheres trabalhadoras, sem esquecer de incitá-las, concomitantemente, à resistência.

“Cinco mulheres trabalhadoras foram jogadas na Polícia Central: Erecina Lacerda, Isaura Nepomuceno, Margarida Pereira, Sylvia Carini e Laura da Fonseca e Silva Brandão, companheiras de trabalhadores e mães de família. A mulher trabalhadora do Brasil desperta. As cinco prisões actuaes rasgam um horizonte novo para o movimento proletário nacional. Quando uma causa consegue chegar assim a mulher é porque uma causa digna, grandiosa e heróica. É uma causa destinada á victoria.”¹⁰⁰

⁹⁸ Depois de um período de semiclandestinidadade, a Classe Operária reapareceu no Primeiro de Maio de 1928, embora novamente tivesse um curto período.

⁹⁹ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 10.11.1928. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário de Octavio Brandão. Pasta: 2077/DESPS, caixa: 12. (Optei por manter a grafia original, escrevendo-a em itálico).

¹⁰⁰ Idem, *ibidem*.

O episódio causou também a condenação de outros intendentess, como, por exemplo, a de Maurício de Lacerda. Comentando o caso n' *O Jornal*, ponderou acintosamente:

“O acto que a polícia acaba de praticar é uma violência e uma covardia. É o começo do regimen de perseguições anunciado contra a opinião livre. Essas moças foram presas unicamente pelo crime de terem idéias. São communistas como outras não a são. Simples questão de idéias que a policia transforma em delicto para poder praticar violências”.

Finalizando o registro de tais denúncias à população do Rio de Janeiro, o diário *O Jornal*, solicitado pelo BOC, publicou na íntegra o seu manifesto que pode ser considerado um libelo da defesa dos direitos, como também das futuras conquistas das mulheres no país.

“A polícia acaba de arrastar às masmorras da rua da Relação cinco companheiras do Comitê Eleitoral das Mulheres Trabalhadoras. Cinco mulheres trabalhadoras! Cinco mães de família que se sacrificam pelos ideaes da classe trabalhadora! Cinco filhas, irmãs, companheiras e mães de futuros trabalhadores! Seu crime? Lutar pelos interesses da classe trabalhadora. Lutar contra a planejada espoliação dos intendentess operários. Lutar para que a mulher não seja mais a escrava que tem sido à sombra do capitalismo, se organize, se eduque, conquiste o direito de voto e tenha representantes próprios para defender todas as mulheres trabalhadoras (...).”¹⁰¹

Pelo fato do BOC ter sido uma experiência *sui generis* na militância de Octavio, pois o parlamento constituía um espaço de atuação incomum para alguém cujo objetivo era fazer a revolução, dediquei, a seguir, uma análise desse momento que, aliás, é bastante desconhecido em sua trajetória. Antes, porém, torna-se imprescindível, para melhor compreensão de Brandão e do novo contexto que viveu, refletir na elaboração de um estudo sobre a “terceira explosão revolucionária” que, em seu entender, ocorreria no final da década de 20. Esta tese não somente teve significado especial para os comunistas brasileiros, mas, principalmente, gerou grande repercussão internacional, ocasionando o início do processo de intervenção nos PCs latino-americanos. Por tudo isso é que procurarei acompanhar tais momentos que se tornariam dramáticos e drásticos para o primeiro núcleo dirigente do PCB e, em particular, para o seu principal teórico: Octavio Brandão.

¹⁰¹ Idem, *ibidem*.

CAPÍTULO 3

AUGE E QUEDA (1929-1930)

3.1- A “*revolução democrática pequeno-burguesa*”: uma tese original

“Podemos afirmar que o Brasil atual está no caminho da conquista imediata do poder pelo proletariado? Seria uma loucura. Sem o país atravessar a terceira revolta e a conseqüente revolução democrática pequeno-burguesa (...). À sombra dela, fortificar-nos-emos para conquistar o poder”.

Octavio Brandão
 (“O proletariado perante a revolução democrática
 pequeno-burguesa”. *Autocrítica*. n.º 6, 1928)

Em agosto de 1928, Octavio Brandão redigiu um artigo para a revista interna do PCB, Autocrítica, com o intuito de contribuir com as discussões que seriam travadas no III Congresso do PCB, marcado para o final daquele ano. Intitulado “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”¹, novamente formulava importantes idéias para a atuação dos comunistas brasileiros. Mas, agora, menos de um ano depois, a repercussão daquele texto ocasionaria profundas conseqüências para a atuação do PCB e, em particular, para o próprio Brandão.

Já sabemos que o mais importante princípio heurístico presente nas teses do II Congresso do PCB, ocorrido em 1925, inspirou-se em *Agrarismo e Industrialismo*. Este escrito, como se sabe, foi redigido a partir das reflexões oriundas dos levantes tenentistas do início da década de 1920. Ele orientou o PCB a realizar política de alianças com os setores da chamada pequena-burguesia, procurando um meio melhor de inserir o jovem e clandestino partido no contexto de crise política por que passava o país naquele momento.

Essa idéia continuava a ser defendida pelo seu principal teórico, em fins da década de 1920, mas, agora, incorporando outros aspectos. A necessidade de aprofundar tal debate e de aplicar, por conseguinte, o que considerava ser uma “linha justa e coerente” foi o motivo determinante que levou Octavio Brandão a redigir o artigo “*O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*”. Nesse escrito, dois são os pontos centrais

¹ BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”. *Autocrítica*, (6):12-15, 1928. Publicado em apêndice in ZAIDAN FILHO, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985, pp. 121-132.

que mereceram o apreço do autor: as formas pelas quais se desenvolveria a revolução brasileira, “num país semicolonial, na fase atual do capitalismo imperialista” e a discussão das alianças com outros setores da sociedade que considerasse essa especificidade.

Logo no início do texto, Octavio Brandão destaca a importância de se discutir um dos temas “mais graves da hora atual”: a ascensão das forças revolucionárias brasileiras. Por isso, assinala que sua resolução precisaria refletir sobre duas principais atribuições: uma de ordem teórica e a outra de caráter tático.

Ao começar a analisar o desenvolvimento do processo revolucionário no Brasil, o intelectual comunista argumenta haver a probabilidade de ela ter vários “caminhos”. Um primeiro, poderia resultar de uma “revolução proletária internacional vitoriosa”. O outro, a partir da pouco provável “guerra entre Brasil e Argentina”, pois já não se prognosticava explícita rivalidade entre os elementos centrais da produção de ambos países: o trigo argentino e o café brasileiro. No entanto, salienta que havia grande possibilidade de ela ser “atiçada” pela competição intra-imperialista, anglo-americana, decorrente de suas disputas por mercadorias naquelas regiões.

Uma primeira e importante consideração presente em seu escrito é aquela na qual apresenta a conjuntura política do país, em fins dos anos 20, como resultado de uma enorme rivalidade de interesses estrangeiros e que, no Brasil, se refletia em interesses opostos: entre os agrários e os industriais, respectivamente. A partir desse cenário, advoga a preocupação em definir o caráter da revolução brasileira com sendo “nem burguesa nem proletária” mas “democrática pequeno-burguesa”. Nesse sentido, nada melhor que suas próprias palavras, para uma melhor compreensão dos argumentos que formam sua tese. Ei-las:

“(…) dada à perspectiva atual, a revolução proletária parece-nos ser a conseqüência natural de uma revolução democrática pequeno-burguesa, nascida da terceira revolta, agravada por uma crise cafeeira (se houver a coexistência da crise e da revolta) e radicalizada pelo combate ao imperialismo e, principalmente, pela ação das massas trabalhadoras urbanas e rurais armadas”.²

A especificidade assinalada por Octavio na “perspectiva atual” não era única. Poderia ser modificada de acordo com a realidade. Mas o que importa era afirmar a necessidade de uma revolução que seguisse as etapas necessárias e não as ultrapassasse. Advoga que seria grande equívoco a tomada imediata do poder pelo proletariado, no que considera ser apenas a “primeira etapa” do processo revolucionário. Por isso é categórico ao dizer:

² Idem, p. 122.

“Poderemos afirmar que o Brasil atual está no caminho da conquista imediata do poder pelo proletariado? Seria uma loucura. Sem o país atravessar a terceira revolta e a conseqüente revolução democrática pequeno-burguesa, não poderemos pensar na conquista imediata do poder (...) O mais elementar bom senso nos prova a impossibilidade dessa tarefa. *Dada a perspectiva atual teremos de passar pela etapa da revolução democrática pequeno-burguesa. À sombra dela, fortificar-nos-emos para conquistar o poder*”.³ [Grifos meus].

Assim, por mais que assegurasse ser a classe operária o principal agente deste processo, ressaltava que, naquele momento específico, caberia ao PCB uma tarefa *sui generis*: arregimentar todas as forças antioligárquicas da sociedade brasileira: operários, trabalhadores agrícolas, meeiros, funcionários públicos, pequena burguesia urbana e rural e, até mesmo, os setores da burguesia liberal “progressista”. Essa atitude daria ao partido importante experiência em sua preparação para a segunda etapa, “*a nossa*”, de acordo com Brandão. O maior desafio residia-se em assegurar a hegemonia no processo revolucionário. Caso contrário, adverte

“seremos enrodilhados e derrubados pelos pequeno-burgueses. Estes, não tendo encontrado a necessária força no proletariado, por-se-ão a reboque dos grandes burgueses, farão um pacto com os mesmos, trairão a revolução democrática”.

Continuando seu escrito, o autor destina atenção especial às alianças que os comunistas deveriam procurar para tal finalidade. No item a seguir, denominado “*DAS ALIANÇAS EM GERAL*”, apropriar-se novamente de Lenin a partir de seu célebre texto, *A moléstia infantil do comunismo: o esquerdismo*. Procurava, com isso, elementos que melhor embasassem e dessem legitimação a seus argumentos⁴, como pode ser perceptível na seguinte citação que faz daquela obra:

“Lenine, no mesmo livro [‘A moléstia Infantil’], à página 77, acentua: ‘toda a história do bolchevismo, antes e depois da revolução de novembro, está cheia de casos de manobra, de combinação e de compromissos com outros partidos, sem excetuar os partidos burgueses. (...)’⁵”

As palavras de seu “grande mestre” auxiliam nos argumentos que Brandão utiliza para justificar a tática das alianças a serem adotadas pelo PCB, durante a “primeira etapa” da revolução brasileira. Não é casual, afirmar:

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Em *Agrarismo e Industrialismo*, como vimos, Octavio Brandão inspirou-se num outro texto do dirigente bolchevique, a partir de uma tradução francesa de *Imperialismo etapa superior do capitalismo*. Para uma análise mais específica daquele escrito, publicado em 1926, ver o capítulo II da presente dissertação.

⁵ Idem, p. 123.

“Nenhuma dúvida é possível: segundo as próprias palavras de Lenine num de seus escritos fundamentais de *tática*, o proletariado industrial e o seu partido têm de procurar aliados não somente no período posterior à revolução proletária, como igualmente no período anterior (é o nosso caso). Não importa que sejam aliados hesitantes, pouco seguros. Temos de procurá-los: eis um dos nossos problemas fundamentais”.⁶ (Grifos meus).

Apesar de Octavio Brandão deixar claro o caráter das *alianças táticas*, momentâneas e sob determinadas condições, Marcos Del Roio, em seu estudo que versa sobre a política de alianças do PCB entre 1928-1935, assinala que o intelectual comunista foi o mais importante teórico da concepção da *aliança estratégica* da classe operária com a pequena burguesia, não somente no Brasil como em todo o continente americano⁷. A discordância que temos com a análise de Del Roio não é uma simples “diferença de semântica”, como uma primeira e apressada leitura pode parecer indicar. Na realidade, pode ser configurada como uma diferença de conteúdo, de entendimento nos propósitos essenciais na tese de Octavio Brandão.

Feita essa ressalva e valendo-se da ênfase não em um fim estratégico, mas sim no marco das alianças táticas, é que o intelectual do PCB redige um novo item de seu artigo, chamado “*DAS ALIANÇAS EM PARTICULAR*”. De modo mais específico, Brandão estabelece os critérios pelos quais estariam condicionadas as alianças, indispensáveis à sobrevivência política de um partido pequeno, clandestino e ainda com poucas bases operárias. Daí em diante faz tipologia das alianças e das etapas que deveriam ser percorridas “até a vitória da revolução proletária”. A primeira ainda está situada num contexto inicial de crise política, mas com a possibilidade da “eclosão da terceira revolta”. Por isso advoga a necessidade de se realizar amplo pacto entre as forças revolucionárias e as progressistas

“do proletariado urbano e rural com os revoltosos pequeno-burgueses e com a grande burguesia liberal (grandes industriais e comerciantes) contra o czarismo brasileiro, o partido republicano, os fazendeiros do café, o Estado agrário”.⁸

O segundo nível de aliança a ser feita levava em consideração a existência de uma etapa “entre a revolução democrática e a revolução proletária”. Por isso, de acordo com o dirigente comunista, o proletariado urbano deveria aliar-se “às três categorias rurais e aos

⁶ Idem, p. 124.

⁷ Cf. DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 143. Grifos meus.

⁸ BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”, op. cit., p. 125.

revoltosos pequenos-burgueses contra os imperialistas, contra a grande burguesia em geral e os restos do feudalismo”. Estas seriam os camponeses, os meeiros e a pequena burguesia rural, além dos tenentes, respectivamente.

Finalmente, numa terceira etapa, a mais significativa para Octavio Brandão, o proletariado urbano aliar-se-ia “com a fração verdadeiramente revolucionária dos pequeno-burgueses”, tendo por finalidade a conquista do poder e o estabelecimento de “uma república proletária”⁹. Assim, mesmo levando em conta todas as dificuldades para a concretização de todas essas alianças, havia, no entanto, uma certeza para o intelectual comunista: o fato de o proletariado “ser dirigido pelo seu partido”.

Um dos argumentos centrais de seu escrito de 1928 é justamente a sua postulação na defesa da “frente única”. Todavia, para sua realização, alguns propósitos deveriam ser muito bem considerados, entre os quais: a momentaneidade da ação unificada com todas as forças contrárias ao Estado agrário; a aliança ideológica, sob um determinado limite, com os militares progressistas; ações paralelas com outros segmentos, como, por exemplo, no Núcleo de Defesa dos Direitos Constitucionais; a crítica das ilusões e das oscilações da pequena burguesia; e, principalmente, a manutenção da independência orgânica e ideológica do PCB diante desses setores. Os propósitos citados constituíam, aos olhos de Brandão, uma verdadeira “tática da complexidade”. Sua principal preocupação, que consistia ainda no maior desafio dos comunistas, era justamente saber como estabelecer tais critérios.

Dando prosseguimento às suas proposições, Octavio destina algumas linhas de seu escrito para o debate e o convencimento daqueles militantes que tinham reservas em relação às suas idéias sobre a tática das alianças. Ao mesmo tempo, porém, critica outros camaradas que, por outro lado, achavam que os comunistas deveriam se “misturar” à pequena burguesia. A esse respeito é bastante ponderado mas explícito na defesa de suas alegações:

“os que negam a necessidade de aliados transformam-se em sectários, abstraindo-se das condições complexas da luta. E os que transformam o proletariado em reboque da pequena burguesia negam os princípios elementares do marxismo-leninista, caem no oportunismo”.¹⁰

Criticando a disseminação de tais posições entre algumas importantes personalidades ligadas diretamente ou não ao PCB, é taxativo ao condená-los:

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ Idem, p. 127.

“Repelir a aliança é oportunismo de esquerda (anarquismo). Aceitá-la em quaisquer condições é oportunismo de direita (menchevismo). Coutinho foi o líder da primeira tática. Leônidas, da segunda. Os extremos tocaram-se. Juntaram-se. E desertaram do Partido...”¹¹

A idéia central de seu escrito de 1928 é, portanto, preconizar o que denomina de “ação paralela de forças independentes” cujo objetivo central era a derrubada do inimigo comum: o Estado oligárquico e seus representantes, em particular, o Partido Republicano Paulista (PRP).

Octavio Brandão, ao que parece, ainda não estava plenamente satisfeito com suas justificativas dadas à tese das alianças entre os comunistas e outros setores “progressistas” da sociedade, que, como se viu, constituía uma primeira e imprescindível fase para a abertura de uma “segunda etapa” revolucionária e, possivelmente, proletária no país. Por isso, redige novo item, denominado “*PARA REFORÇAR*”, procurando a melhor

¹¹ Idem, ibidem. Vale apenas destacar alguns aspectos sobre “Coutinho”, mencionado no texto de 1928, por Octavio Brandão. Trata-se de Rodolfo Coutinho, advogado pernambucano e um dos fundadores do PCB (como seu primo, Cristiano Cordeiro), sendo eleito suplente do Comitê Central e o responsável do partido para estudar a questão agrária. Em 1924, vai à Rússia representar o PCB no III Congresso da IC, no qual o jovem partido brasileiro finalmente era aceito como uma seção do Komintern. Segundo depoimento de ex-militantes trotskistas, Coutinho teria conhecido Trotski e debatido com ele sobre seus estudos agrários, tornando-se assim, o primeiro brasileiro a aproximar-se do líder do Exército Vermelho soviético. Depois passa a exercer inúmeras atividades intelectuais e militantes na Europa, principalmente na Alemanha. Retorna ao Brasil, em 1927, e assume um lugar na Comissão Central Executiva (CCE) do PCB. No final desse ano, a direção do partido começa um debate sobre a conveniência de os comunistas contatarem a Coluna Prestes-Miguel Costa que, naquele momento, havia se internado na Bolívia. Numa reunião da CCE, acontecida em agosto, coloca-se radicalmente contrário àquela aliança por considerar a Coluna “um movimento pequeno-burguês o que seria trair o proletariado e “todos os ensinamentos de Marx e Engels”, conforme relata Leôncio Basbaum em suas memórias (BASBAUM: 1978, p. 50). Octavio Brandão também esteve presente naquela tensa reunião. Em seu relato autobiográfico, reprova as posições de Rodolfo Coutinho, utilizando argumentos semelhantes como já o fizera no escrito de 1928, ao dizer: “*Em outubro de 1927, sustentou, na CCE do PCB, uma linha oportunista de ‘esquerda’. Bateu-se contra a aliança do PCB com os revoltosos de Copacabana, de São Paulo e da Coluna Prestes-Miguel Costa. Citou opiniões de Kautsky (em alemão), de menchevistas e outros, tudo de cambulhada, em defesa de seu ‘esquerdismo’. Vencido na discussão, ficou completamente isolado. Abandonou o PCB. Rodolfo nunca foi marxista*”. (BRANDÃO, 1978: p. 338).

Segundo José Castilho Neto, a posição de Rodolfo Coutinho configuraria uma “atitude principista”, possivelmente influenciado pelos recentes e desastrosos acontecimentos na China que resultaram no massacre dos comunistas de Xangai, em 1927. Em sua decisão, continua o autor, “mais do que uma discussão estratégica do crescimento do Partido, vinculada eventualmente a alianças circunstanciais, o que de fato importava era a ‘pureza ideológica’ na origem dessas estratégias”. MARQUES NETO, José Castilhos. *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 100.

fundamentação teórica de seus argumentos. Escolhe, para tal propósito, nada menos que a tradução brasileira da edição francesa do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels.¹²

A partir desse paradigma, afirma que os fundadores do socialismo científico “preconizavam a aliança do proletariado com a burguesia, contra os proprietários rurais feudais”. E continua dizendo que, à luz daquele célebre manifesto, na sua “página 39 da tradução brasileira”, Marx e Engels destacavam que “o partido do proletariado” travou, em suas próprias palavras, “uma luta contra a burguesia todas as vezes que ela age revolucionariamente”. Inspirando-se nessa afirmação, Brandão sente-se à vontade e legitimado para professar a seguinte assertiva:

“Marx e Engels preconizavam a nossa aliança com a grande burguesia contra os proprietários rurais feudais. Ora, no Brasil, trata-se da nossa aliança com os revoltosos pequeno-burgueses contra os grandes proprietários rurais feudais e os imperialistas, em primeiro lugar e, em segundo lugar, como consequência desta luta, contra todas as frações da grande burguesia: comercial, industrial, burocrática...”¹³

Procurando incorporar a análise feita por Marx e Engels à realidade brasileira, Brandão prognostica de maneira bastante triunfalista a seguinte situação:

“Podemos, 80 anos depois, parafrasear Marx e Engels: o Brasil se encontra em marcha para uma revolução democrática pequeno-burguesa e realizará essa revolução em condições mais avançadas da civilização mundial e com um proletariado mais desenvolvido que o da Inglaterra de 1688 e o da França de 1789. Por conseguinte, a revolução democrática pequeno-burguesa do Brasil poderá ser o prelúdio da revolução proletária”.¹⁴

Passo agora a fazer algumas considerações finais a respeito desse importante escrito redigido por Octavio Brandão, no ano de 1928. A primeira delas é que, nesse artigo, há uma formulação da visão política cujos argumentos essenciais já se encontravam na obra que teve sua maior parte terminada em 1924: refiro-me a *Agrarismo e Industrialismo*.

A principal mudança ou melhor, inclusão, no artigo de 1928, era agora preconizar a necessidade de um “levante das massas camponesas”. Aliás, numa determinada passagem da obra de 1924, já era possível encontrar a idéia da “questão camponesa”. Ao reportarmos às próprias palavras do autor, podemos melhor perceber essa particularidade.

¹² Como já disse essa tradução foi feita por Octavio Brandão, em 1923. Para outros detalhes acerca dessa importante iniciativa, ver o capítulo II da presente dissertação, particularmente o seu primeiro item denominado “Construindo o PCB”.

¹³ BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”, op. cit., p. 128.

¹⁴ Idem, p. 129.

“No Brasil, a revolução dos operários industriais contra o regime burguês industrial, regime do salariado, irá coincidir com a revolução agrária dos trabalhadores rurais contra o regime agrário, regime feudal, regime da servidão. Fundir os dois movimentos num só – transformar o nosso 1789 numa revolução permanente, da qual brotará o nosso 7 de novembro de 1917 – tal deve ser uma das obras fundamentais dos comunistas do Brasil.”¹⁵

Na passagem acima mencionada pode ser percebida outra idéia naquele ensaio de Octavio Brandão: o entendimento do que chamava “revolução permanente”. Ou seja, as forças revolucionárias – em particular a classe operária – através de sua agitação, imporiam às forças mais moderadas um aprofundamento das conquistas parciais, de modo a se distanciarem irreversivelmente do seu passado feudal. No escrito de 1928, esse mesmo pressuposto é igualmente percebido. De acordo com o intelectual comunista, havia, por assim dizer, duas lutas simultâneas: “*contra o feudalismo e os restos da escravidão*” e contra “*a sujeição imperialista estrangeira*”. A principal tarefa do PCB era justamente procurar a transformação de ambas as lutas numa “*revolução de libertação nacional*”.¹⁶

Toda essa análise da política de alianças do proletariado com a “pequena-burguesia revoltosa” no Brasil estaria, de acordo com seu formulador, regida pelo pressuposto conceitual do “marxismo-leninismo”. Não obstante as constantes analogias que fez em relação ao processo revolucionário russo de 1905 – tido, aliás, como principal referência no seu artigo de 1928 – pode-se sustentar o caráter precursor de sua tese à especificidade nacional naquele momento. Um primeiro elemento que converge nessa assertiva é o realce dado por Octavio Brandão ao rol da pequena burguesia urbana, ao invés da pequena burguesia rural ou do campesinato, conforme advogava Lenin.

Alguns autores, contudo, insistiram em dizer que a elaboração de Octavio Brandão não representou nenhuma originalidade. Marcos Del Roio é um desses. Segundo ele, apesar de o dirigente comunista ter procurado realizar uma análise concreta da situação, conforme o método marxista leninista, Brandão “estava longe de uma elaboração original, mostrando uma certa debilidade de conhecimento teórico, muito compreensível para a situação de pobreza da cultura política brasileira”.¹⁷

No trecho acima, Del Roio procura demonstrar que a análise de Brandão resulta, na realidade, de um ponto de vista muito presente no cenário do movimento comunista internacional: a desastrosa experiência da revolução chinesa de 1927. Embora saliente o fato de o PCB estar debatendo questões relativas à problemática nacional, o autor sustenta

¹⁵ _____. *Agrarismo e industrialismo*, op. cit., p. 67. Grifos meus.

¹⁶ Idem, p. 130.

¹⁷ DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa*, op. cit., p. 39.

que havia o uso simplista da expressão “Kuomintang brasileiro” para definir a política de alianças a serem traçadas pelo PC brasileiro, que Octavio Brandão tomou a iniciativa de elaborar.

Em que pese discordar do argumento utilizado por Marcos Del Roio, ao sustentar a não originalidade das idéias centrais presentes no escrito redigido por Octavio em 1928, sua última afirmação tem aspectos que considero corretos. De fato, no último quartel dos anos 1920, Nicolai Bukharin era um dos mais importantes teóricos da IC, antes de “cair em desgraça” pouco depois¹⁸. A tese principal deste último consistia na valorização dos movimentos de libertação nacional nas chamadas “colônias e semicolônias”, em contraposição a um maior controle da classe operária européia por parte desses países.¹⁹

De fato, o próprio Octavio Brandão, num trecho de seu artigo, demonstra sua simpatia por Bukharin. Chega a dizer que, “parafraseando Bukharin sobre a revolução chinesa”, fazia a seguinte avaliação:

“A revolução democrática pequeno-burguesa do Brasil poderá ser uma revolução de libertação nacional, fazendo desaparecer o feudalismo e os restos da escravidão, extinguindo a dependência econômica e política, atacando a sujeição imperialista estrangeira, colocando o país em pé de igualdade com as potências burguesas. Efetuar-se-á num país semicolonial (...) uma revolução lembrando a chinesa antes da traição de 1927”.²⁰

Não obstante uma possível influência dos acontecimentos da “questão chinesa” na linha de argüição do comunista alagoano, em nada ela é decisiva, como quer sugerir Del Roio. Problematizemos melhor essa afirmação, com base na opinião de dois dos principais personagens da história do PCB nesse momento.

¹⁸ Em 1928, desenrola-se uma grande campanha contra a considerada “direita” no interior da então URSS e da IC. Em novembro do mesmo ano, decidiu-se a exclusão de Bukharin do Birô Político do PCUS e ficou aprovado o início da coletivização no campo. Procurando evitar sua total marginalização política, Bukharin, assim como Rikov fizeram “autocrítica” poucos dias depois. Mas de nada adiantou sua atitude. Em julho de 1929, durante a realização do X Pleno do CEIC, Bukharin era definitivamente condenado por seus “desvios de direita”, caindo literalmente em desgraça.

No capítulo III desta dissertação, dedico uma reflexão às novas orientações da IC determinadas pela consolidação e pelo isolamento do grupo stalinista no poder da URSS. Esta grande *tournant*, como adiante veremos, traria também drásticas conseqüências no PCB.

¹⁹ No II Congresso da Internacional Comunista, em 1920, coube a V. I. Lenin fazer, pela primeira vez, referência aos chamados países coloniais e semicoloniais. Mas, ao mencionar as teses da questão colonial, alude, principalmente às colônias inglesas e francesas, em particular, na Ásia. O resto do mundo dependente era assimilado à Índia, à Turquia, ao Egito, à Indonésia ou à China. A América Latina não era percebida de maneira autônoma. Somente em 1922 seria designado um responsável da IC para os assuntos latino-americanos: Alfred Stirner, de origem suíça. Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e trabalho no Brasil*, op. cit., p. 121.

²⁰ BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”, op. cit., p. 130.

Octavio Brandão, em suas memórias, afirma que coube a Leônidas de Rezende, professor de Direito e simpatizante do PCB, a iniciativa, “por conta própria”, de se formar imediatamente um Kuomintang²¹ no Brasil. Segundo ele, era uma atitude bastante equivocada, pois se dava num momento em que “o Kuomintang de Chang Kai-shek traiu a revolução”.²²

A mesma opinião é sustentada por Astrojildo Pereira. Num artigo escrito em setembro de 1928 para *La Correspondencia Sudamericana*, revista do Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SSA-IC), recordava esse episódio. Apesar de admitir que o partido nacionalista chinês despertava “grandes simpatias entre os trabalhadores, revolucionários e a pequena burguesia”, fazia a seguinte ponderação: “Pelas colunas de *A Nação* um tanto quanto precipitadamente foi lançada a sugestão: ‘Pelo Kuomintang brasileiro!’. Esta palavra de ordem, lançada em público, não teve a aprovação do Partido”.²³

No entanto, reconhecia que a eventualidade de se ter uma declaração semelhante “era perfeitamente aceitável”. A preocupação – continua Astrojildo – era imediatamente fazer “um profundo exame do problema que interessava o Partido”. Depois de ser convocada uma reunião ampliada do CC, segundo o dirigente comunista, finalmente a direção do PCB pusera fim a tal polêmica, decidindo enviar “circulares a todas as células, usando o termo ‘Kuomintang’, mais por comodidade de expressão, do que como fórmula de aliança sugerida”.²⁴

Paulo Sérgio Pinheiro também sustenta o caráter “importado” da análise dos comunistas na década de 1920. Segundo esse autor, a elaboração da estratégia local não corresponde “à situação específica da formação social brasileira”, sendo, assim, “uma estratégia fundada sobre os programas importados do movimento comunista internacional”.²⁵

²¹ Kuomintang: partido nacionalista chinês, criado em 1891, por Sun Yat-sen. Em 1925, quando do Congresso de Reorganização do Kuomintang, ocorre a sua fusão com o Partido Comunista Chinês (fundado em 1921), que se revelará o elemento mais dinâmico da coalizão.

²² BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 337.

²³ PEREIRA, Astrojildo. “La situación política en el Brazil”. *La Correspondencia Sudamericana*. 2.ª época. Buenos Aires, n.º 4, 15.09.1928, p. 13.

²⁴ Idem, *ibidem*.

²⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e trabalho no Brasil: dos anos vinte a 1930*. 2.ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 122.

Parece-nos mais convincente o argumento, utilizado por Michel Zaidan Filho, que reconhece o forte apelo suscitado pelo “marxismo-leninismo”, como principal inspiração paradigmática dos comunistas brasileiros, sendo ainda mediatizada pelas concepções leninistas (ou kominterianas). No entanto, verifica-se a existência de singularidade teórico-política consistente que foi materializada “no curto mais incisivo escrito de Brandão de 1928”. Para Zaidan, portanto, Octavio Brandão não deixava de se referir à conjuntura brasileira, em particular, às revoltas de 5 de julho²⁶. Baseado na teoria da “*revolução democrático-pequeno-burguesa*”, Octavio Brandão e, por conseguinte, a direção do PCB, não só concebia de modo muito particular o caráter dessa revolução nacional, como também ressaltava sua tarefa política essencial: liberdade de organização e de expressão para os trabalhadores.

Nesse sentido, por tudo que já foi dito, creio que seja possível sustentar que o artigo “*O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*”, ainda que algumas de suas premissas não escapem a generalizações e, até mesmo, a esquemas e a simplificações, não se trata de uma análise importada, mas original. Nele, já encontra presente a concepção etapista da revolução brasileira, que fazia história na perspectiva teórica dos comunistas brasileiros por várias décadas. Além do mais, este artigo possui o mérito de ser uma reflexão que procura delinear as condições pelas quais se desenvolveria a revolução brasileira. Sua concepção representa, por assim dizer, a formulação de um projeto nacional, algo inédito para os PCs latino-americanos naquele momento. Isso foi possível porque ainda havia uma certa autonomia de atuação.²⁷

A leitura política de Octavio Brandão confrontava-se, como veremos adiante, com as orientações advindas da Internacional Comunista, no momento em que ela começou a dedicar maior atenção à realidade latino-americana, a partir de seu VI Congresso, realizado no segundo semestre de 1928. Divergia da aplicação mecânica da “sovietização imediata” defendida pela IC por considerar inexistentes, no país, as condições objetivas para seu êxito²⁸. Em seu entender, a principal tarefa dos comunistas consistia na acumulação de forças e na busca por efetiva e concreta base de apoio. Por conseguinte, advogava que o

²⁶ Cf. ZAIDAN FILHO, Michel. *O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)*. SP: Vértice, 1988, p. 60.

²⁷ Em 15.04.1926 instalou-se, no continente americano, o Bureau, cuja principal função era apenas a de coordenar melhor a atividade dos PCs da região, não tendo, assim, uma função de intervenção. Só mais tarde, em junho de 1929, a partir da realização da I Conferência Latino-Americana dos Partidos Comunistas, em Buenos Aires, é que essa inflexão ocorreria.

²⁸ Com já salientei, no próximo capítulo dedicarei uma análise mais acurada ao processo de interferência da IC na América Latina e, conseqüentemente, no PCB.

PCB apresentava três problemas centrais que ainda precisariam de tempo para ser superados, ante a emergência de uma “terceira explosão revolucionária” – continuação das duas revoltas tenentistas, mas agora com a possibilidade de os comunistas conquistarem sua hegemonia –, em fins da década de 1920: seu reduzido tamanho, a ilegalidade constante a que era submetido e pela discreta inserção no operariado. Essa visão pode ser mais uma vez percebida, no último parágrafo de seu escrito, onde é explícito na afirmação de que as *alianças* constituíam o fator decisivo, coerente e legitimado na tradição revolucionária de esquerda. Daí a sua convicção de, em nome dos comunistas brasileiros, sustentar a seguinte e emblemática proposição: “*Achamos que a aliança em questão, do proletariado com a pequena-burguesia revoltosa do Brasil, é rigorosamente marxista-leninista*”.²⁹

Por último, convém destacar que, não obstante toda a sua fragilidade numérica, organizativa e mesmo teórica, Octavio Brandão e seus camaradas realizaram um significativo esforço na elaboração de um projeto de inserção do proletariado como agente – ainda que não negassem o papel central de serem a sua “vanguarda esclarecida” –, numa sociedade marcada pelo autoritarismo das elites agrárias e, conseqüentemente, pela exclusão dos “de baixo”.

Coube à primeira geração dos comunistas brasileiros inserirem como questão central a ser resolvida, a conquista do poder político. Mesmo considerando as insuficiências teóricas, leituras reducionistas, táticas e estratégicas provavelmente equivocadas, nada desmerece a ação dos militantes comunistas que – parafraseando Rosa Luxemburgo – tiveram, apesar de tudo, o “mérito histórico” de “ousarem”.³⁰

²⁹ BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”, op. cit., p. 132. Grifos meus.

³⁰ Refiro-me aqui às considerações de Rosa Luxemburgo sobre a importância histórica dos bolcheviques em seu célebre texto “A Revolução Russa”. Não obstante fazer severas críticas ao “autoritarismo”, ao “substitucionismo”, aos “métodos ditatoriais”, ao “socialismo de decretos” e a outras atribuições que fazia a Lenin e Trotsky, ela não deixava de considerar que tais posições eram “críticas fraternas” e que com todos os equívocos acima de tudo, os bolcheviques “tiveram o mérito histórico” em ter “ousado” construir uma nova ordem social. Cf. LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Loureiro. Petrópolis: Vozes, 1991.

Cartaz de propaganda dos candidatos a intendentes do Bloco Operário e Camponês (BOC) para as eleições municipais de outubro de 1928.

BLOCO OPERARIO E CAMPONEZ

1.º Districto



2.º Districto



**Concentrae
os 8 votos sobre os
unicos candidatos
proletarios!**

Octavio Brandão Rêgo - Minervino de Oliveira

Organizae-vos nos Sindicatos!

Séde do B. O. C.: Praça da Republica, 40 - sob.

Coletão particular de Donysa Brandão Rocha

3.2- Agitando no Conselho Municipal

“Sou apenas um proletário, um parafuso dessa máquina, sujeito a sua disciplina.”

Octavio Brandão
(Plenário do Conselho Municipal do Distrito Federal, 03.09.1929)

Nos primeiros meses de 1929, duas importantes greves eclodiram: a dos padeiros, no Rio de Janeiro, e a dos gráficos, em São Paulo, que se tornaria geral. O PCB e os dois novos intendentos (vereadores) do Bloco Operário e Camponês (BOC) defenderam-na com energia. Aliás, desde o início de seus mandatos, Octavio Brandão e Minervino de Oliveira fizeram muito trabalho extraparlamentar. Continuaram a ir às fábricas, aos sindicatos e aos bairros, agitar e organizar os trabalhadores. Um dos exemplos mais significativos dessa ação foram os acontecimentos ocorridos em 25 de maio daquele ano. Naquele dia, os trabalhadores cariocas realizaram grande comício em solidariedade à greve dos gráficos paulistas que durou setenta e dois dias. A polícia, sob o comando do 4.º delegado, o Sr. Oliveira Sobrinho, deu ordens para dissolver a manifestação na Praça Mauá. Apontando armas, os agentes tentaram impedir que os fotógrafos registrassem os fatos marcantes daquele significativo episódio. Octavio Brandão, presente no ato, – mas que não falara por encontrar-se enfermo – recorda alguns daqueles momentos:

*“Na hora do comício, uns 300 soldados de cavalaria da Polícia Militar ocuparam a Praça Mauá. Estavam armados de espada e mosquetão, um fuzil menor. Usavam farda de pano azul escuro, boné e cinturão de couro. A praça foi ocupada também por uns 100 soldados de infantaria da Polícia Militar e inúmeros agentes da polícia política secreta, todos bem armados”.*³¹

É nesse momento de tensão, quando a polícia preparava a incursão contra os populares, que ocorreu um episódio que se tornaria lendário em todas as memórias daquela manifestação. Laura, companheira de Octavio, juntamente com as filhas que constantemente acompanhavam os atos, numa liderança ímpar, subiu os degraus da estátua de Mauá e, do alto do pedestal, começou a fazer um discurso poético, protestando contra a violência e defendendo a fraternidade entre os trabalhadores. Nesse momento, um oficial

³¹ _____. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 359.

ordenou aos soldados que descarregassem as armas e dissolvessem imediatamente o comício. Os soldados avançaram e quando tudo indicava que ocorreria um massacre, do alto da estátua, Laura, envolta num manto azul claro, ergueu o braço e estendendo à tropa lançou o grito: “– Soldados! Irmãos, Não atirem nos irmãos operários!”. Não se sabe ao certo o motivo, mas o apelo, de alguma maneira, surtiu o efeito desejado, pois os soldados subitamente, arriaram as armas e não atiraram. Surpresos com tal atitude, os manifestantes começaram a rodear a tropa e, num brado unânime, aplaudiram e gritaram palavras em prol da solidariedade entre os trabalhadores e os soldados. O comício terminava numa grande confraternização.³²

Em julho de 1929, o Conselho Municipal inaugurava suas sessões. A atividade legislativa dos intendentos do BOC continuava a ser muito dificultada pela violência que os atingia. Tal situação levou-os a utilizar muitos horários de suas falas no plenário do Conselho para revelar as arbitrariedades do que Octavio Brandão denominava ser uma “ditadura policial, sucedânea do Estado de Sítio”. Assim, logo no início dos trabalhos como parlamentar, o dirigente comunista anunciava a truculência que a polícia política cometia contra aos militantes do BOC, fazendo uma alusão à repressão existente contra os oponentes do tzarismo. Em tom de denúncia, afirmava:

“(…) A polícia do Rio de Janeiro, caricaturando os processos da Rússia czarista, cercou, pela manhã, as oficinas em que é impressa *A Classe Operária*, jornal dos trabalhadores feito por trabalhadores. Cercou a redação, invadiu-a, confiscou os jornais existentes, revolveu tudo. Assaltou o escritório eleitoral do Bloco Operário e Camponês e carregou tudo em vários caminhões. Prendeu 21 membros ou diretores do Bloco, entre eles, os drs. Fernando e Paulo de Lacerda (...)”.³³

Na leitura que fez da ata da sessão de 26 de julho de 1929, Octavio Brandão relacionava os últimos locais, vítimas das invasões policiais:

“A redação de *A Classe Operária*, a sede do Bloco Operário e Camponês, o Centro Cosmopolita, a União dos Trabalhadores em Padarias e, duas vezes, o prédio em que funcionam o Sindicato dos Metalúrgicos, o Comitê das Mulheres Trabalhadoras, o Centro

³² Idem, p. 360. Além de Octavio Brandão, poucos foram os comentadores – e mesmo militantes comunistas – que dedicaram alguma menção a esse episódio, destacando a liderança ímpar de Laura Brandão, não se sabe por que motivos. Além de Maria Elena Bernardes em sua tese já citada sobre a companheira de Octavio (*Laura Brandão: a inviabilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1994), encontrei apenas mais duas breves referências sobre a participação da poetisa na Greve dos Gráficos de 1929: em DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, pp. 314-315 e no livro de MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 122.

³³ Intendente Octavio Brandão. “Indicação n.º 1”. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*. Sessão 26 de junho de 1929, p. 491.

dos Jovens Proletários e a Confederação Geral do Trabalho (...). A polícia política, órgão de garantia da propriedade burguesa, confisca sumariamente os haveres dos proletários (...). Mete na cadeia os padeiros (...). Prende estudantes, identifica-os como se fossem criminosos, fá-los passar por todas as humilhações e, sob pretextos ridículos, fecha a Faculdade de Direito e também a escola de primeiras letras mantida pelo sindicato dos metalúrgicos”.³⁴

Denunciada a violência policial, Octavio Brandão e Minervino de Oliveira, além do intendente liberal Maurício de Lacerda, propõem medida que colocasse fim à ação policial e repressora aos operários, defendendo, ainda, melhores condições aos presos políticos. A “Indicação n.º 46” contrapunha-se radicalmente a tais medidas anti-repressivas aos trabalhadores, pois eram contra “a intervenção direta e ostensiva dos agentes policiais, ao lado dos patrões, em todas as greves no Rio de Janeiro e nos demais Estados” e também “contra o fato monstruoso de serem os presos políticos metidos nas masmorras da Polícia Central como a celebre ‘geladeira’ ou os dois imundos xadrezes do segundo andar, misturados com ladrões e vagabundos, por vezes tuberculosos ou atacados de úlceras sifilíticas”.³⁵

Justificando tal medida, os representantes do BOC afirmavam que não poderiam silenciar-se diante de tamanhas arbitrariedades cometidas pela polícia política. Asseveravam ainda que a *Indicação* proposta estava dentro da Lei Orgânica e que esta última autorizava o Conselho Municipal a entrar com representação ao legislativo e ao executivo federais ante quaisquer infrações da Constituição, como os abusos e desmandos das autoridades. A “Indicação n.º 46” era aprovada, embora sem debate, possivelmente pelo fato de os intendentes, adversários dos comunistas, temerem que o tema se transformasse num caloroso e polêmico debate ideológico.

No decorrer de seu curto mandato, Octavio Brandão também se preocupou em desmoralizar outra forma de poder abusivo estatal: a do endividamento do Rio de Janeiro, iniciado com o advento da República. Mostrando-se bom conhecedor dos números da arrecadação municipal, denunciava a política de impostos e agiotagem que a Prefeitura cometia na Cidade, como fez na seguinte intervenção em Plenário:

“Embora as taxas tenham sido consideravelmente reduzidas, os impostos de transmissão de propriedade, de licenças, de luvas prediais, de taxas sanitárias, de anúncios e veículos renderam em 1928, muito mais que em 1927. A arrecadação teve um aumento de 17.676

³⁴ _____. “Parecer n.º 3”. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, Ata da 16ª. Sessão de 26 de junho de 1929, p. 1043.

³⁵ “Indicação n.º 46”. Intendentes: Octavio Brandão, Minervino de Oliveira e Maurício de Lacerda. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, Sala de Sessões, 26 de julho de 1929, p. 722.

contos (só empregamos números redondos). Por que, então, o prefeito não manda pagar em dia os operários e os pequenos funcionários?.”³⁶

Continuando, seu discurso indagava o motivo pelo qual a Prefeitura – mesmo com orçamento em caixa – não aumentava ou sequer pagava os salários dos servidores municipais. Fazendo contundente acusação, o intendente do BOC não media palavras em seu discurso e afirmava:

“Os salários e os vencimentos são insuficientes. A Prefeitura não os paga em dia, mesmo sabendo que os pobres não podem esperar, pois não têm capitais em reserva nem heranças como o Prefeito. (...) A Prefeitura não paga em dia e ainda rouba os operários e pequenos funcionários oferecendo-lhes, com juros, umas migalhas que não dão para matar a fome! (...)”.

De acordo com Octavio, havia explicação para essa enorme imoralidade institucional: a agiotagem. Segundo ele, a receita da Prefeitura “atingia 174.134 contos, em 1928”. Eram “os imperialistas” aqueles que mais se beneficiavam com tal prática ilícita; pois, no entender do dirigente comunista, eram estes últimos que “lucravam com a amortização dos empréstimos que avançavam em 33.446 contos”.³⁷

Acompanhando mais detidamente os discursos dos intendentes do BOC, em particular de Octavio Brandão, nos Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal, podemos perceber que logo suas intervenções causariam incômodo e irritação entre os seus adversários políticos. Isso pode ser claramente evidenciado, na Ata da 29.^a Sessão, em julho de 1929, quando ocorreu uma polêmica discussão em torno da proposta de Nelson Cardoso, representante governista que propunha a “Indicação n.º 7”. Nela, seu autor pleiteava a criação de um posto policial no bairro de Inhaúma, visto que a estação da Estrada de Ferro Rio do Ouro era muito povoada. O principal argumento pelo qual procurava justificar aquela medida era sua preocupação de que “determinados elementos” pudessem “incutir idéias subversivas” na população de “índole pacata” da região.³⁸

Ao solicitar novamente a palavra, Octavio Brandão afirma que a motivação do intendente era claramente criar uma “indicação policial” sob o pretexto de “perseguir a massa operária”.³⁹ Minervino de Oliveira, reforçando a fala de seu companheiro de

³⁶ Intendente Octavio Brandão. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, 13.^a Sessão. 19 de junho de 1929.

³⁷ Idem, *ibidem*.

³⁸ Cf. Intendente Nelson Cardoso. “Sobre a indicação n.º 7”. Ata da 29.^a Sessão. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, 16 de junho de 1929, p. 1452.

³⁹ Intendente Octavio Brandão, *idem*, p. 1453.

organização, também protestou contra os objetivos do autor da referida Indicação, assegurando que ela era “*contra os eleitores do Bloco Operário e Camponês que moram em Inhaúma*”. Profundamente irritado, o intendente Nelson Carneiro, provocando Octavio Brandão, afirmou: “– *V. Ex.^a, Sr. Octavio Brandão, confessa, então, que tem idéias subversivas e está fora da lei*”? Respondendo em tom de certa ironia, dispara Brandão:

“– *V. Ex.^a disse há dias que a propaganda das idéias comunistas estava dentro da Constituição. Idéias subversivas tiveram José Bonifácio e Benjamin Constant, cujos bustos, V. Exs. colocaram dentro do recinto deste Conselho (...)*”.⁴⁰

Demonstrando ainda mais revolta com o tom irônico e bombástico de seu oponente, o representante governista, vociferando contra Octavio, ameaçou: “– *Tudo indica que contra V. Ex.^a. é preciso tomar providências que asseguram a ordem. Esta que é a verdade!*”. Sem se importar com tais intimidações, novamente retrucava o representante do BOC: “– *Essa indicação, como já disse é um pretexto para perseguir a massa trabalhadora. É super policial*”. Nesse momento, um novo intendente se intromete na calorosa e polêmica discussão, Mário Barbosa, representante do Partido Democrático (PD). Sarcasticamente, dirige-se a Brandão, afirmando: “– *Não sabia que havia dentro do Conselho, intendentes com medo da Polícia*”. Refutando os argumentos de seu adversário, Octavio decide enfrentá-lo ressaltando, com orgulho, alguns aspectos de sua abnegada militância, dizendo: “– *V. Ex.^a não tem nove cadeias como eu, por defender os interesses da massa trabalhadora*”. E continuou demonstrando a intenção dos intendentes opositores: “– *Tanto não receamos a polícia política que, depois de tantas perseguições, persistimos no mesmo caminho*”.⁴¹

Talvez por sentir um mal-estar em ouvir seu oponente salientar a altivez de sua trajetória, Mário Barbosa, em tom agressivo, asseverou: “– *Porque não tenho crime para ir para a cadeia*”. Novamente, Octavio Brandão optou pela contundência de suas denúncias e desfechando de maneira impetuosa contra seu adversário, fez a seguinte acusação: “– *Porque V. Ex.^a tem um instrumento da polícia política, votando a favor dos 33 assaltos às associações operárias, a favor da polícia política contra a massa operária*”.

Em razão de a discussão ter tomado exageradas proporções, ficando fora de controle, o Presidente da Sessão precisou fazer soar demoradamente a campainha, interrompendo o fim da enorme polêmica travada em torno da “Indicação n.º 7”, apresentada por Nelson

⁴⁰ Idem, ibdem.

⁴¹ Idem, p. 1454.

Cardoso. Retomada a Sessão, era a vez do intendente Maurício de Lacerda fazer uso da palavra. Em sua breve intervenção destacou sua perplexidade diante do que considerava ser uma “preocupação reacionária” do autor da indicação. Assegurava ainda que se insurgia não contra a construção de um posto militar na região, mas “contra o aspecto moral do pedido”. Consternado, assinalou: “*O representante de Inhaúma solicita um posto de polícia na sua paróquia porque lá há indivíduos que tem idéias. Isso é um absurdo!*”. E terminou seu discurso dizendo que “aguardava da própria consciência jurídica do honrado Intendente e da sua responsabilidade na proposição que ele próprio nos dê ensejo a não votar contra V. Ex.^a, retirando, assim, a referida indicação”.⁴²

Octavio Brandão, mesmo simpatizando com a intervenção de Maurício de Lacerda, fez pequena ponderação, assinalando que, “*mesmo nestas condições, o posto policial seria aplicado contra as idéias; começaria perseguindo os ladrões e a escória do regime capitalista e acabaria perseguindo os operários, confundindo-os, como na Lei Adolfo Gordo.*”⁴³ A ressalva de Brandão fez com que Maurício deixasse o tom moderado e diplomático de sua exposição anterior. Fazendo outra fala, dessa vez mais incisiva, advoga nova posição:

“– V. Ex.^a tem razão, o melhor é já rejeitar logo. Estou na tribuna parlamentar justamente discutindo o perigo de haver um posto policial já fundado nessa intenção: a de guerrear os operários em Inhaúma”.

Apesar de todo esse importante esforço dos representantes do BOC e de outros poucos intendentes que concordavam com alguns de seus argumentos, como o próprio Maurício de Lacerda, a “Indicação n.º 7” foi colocada em votação e aprovada pela maioria dos intendentes presentes no plenário, na Sessão do dia seguinte.

⁴² Intendente Maurício de Lacerda. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, Sessão de 16 de junho de 1929, p. 1456.

⁴³ No dia 08 de janeiro de 1923, pelo decreto n.º 2741, era instituída a lei proposta pelo senador Adolfo Gordo que visava à deportação dos estrangeiros. Segundo o historiador Pedro Tórtima, a Lei Adolfo Gordo – como passou a ser conhecida – era ainda mais dura do que aquela que a precedeu, em vigor desde o ano de 1907. Esta última, assinala o autor, poupava da deportação o estrangeiro que tivesse mais de dois anos de residência no país ou fosse viúvo e possuisse filhos aqui nascidos. Já o decreto 2741 acabou com isso. Cf. TÓRTIMA, Pedro. *Polícia e justiça de mãos dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1917*. (Uma contribuição aos estudos sobre o enfrentamento da “Questão operária” pelas classes dominantes e pelo Estado – Rio de Janeiro, 1900-1925). Dissertação de Mestrado. Niterói: ICHF/UFF, 1988, nota da p. 249.

No dia 6 de agosto, Octavio Brandão e Minervino de Oliveira apresentaram uma emenda ao projeto de orçamento da Prefeitura do Rio de Janeiro, anulando o pagamento das dívidas “aos imperialistas no valor de 60.355 contos” e mandando aplicar esta quantia “no combate ao analfabetismo”. Em novembro, em outro discurso, novamente acusava a política de alocar recursos da Prefeitura, denunciando a seguinte situação:

“Segundo a mensagem do Prefeito, à pág. 101, mais de 21.000 m² de ruas dos bairros ricos receberam aparato. E, para os bairros pobres, nem mesmo o calçamento mais ordinário!

Em 1928, 39 ruas receberam concreto asfáltico, 33 receberam paralelepípedos sobre bases de macadame, e 16 macadame betuminoso. A imensa maioria dessas ruas fica nos bairros ricos.

A prefeitura burguesa gasta uma ninharia com os bairros pobres e um dinheirão com os bairros ricos, deixando de pagar salários e vegetando à custa de empréstimos imperialistas”.⁴⁴

Octavio Brandão e Minervino de Oliveira eram cada vez mais visados pelos outros intendentes. Incomodados pelo tom de denúncia e de debate ideológico que os representantes do BOC realizavam nas suas intervenções, os seus adversários políticos começam a fazer constantes apartes em seus discursos. Por conseguinte, tornou-se prática muito comum, nas sessões plenárias, a utilização da tática de provocação dos oponentes do BOC, chamando-os de “*comunistas*”, num período de ilegalidade do PCB.

Um exemplo disso ocorreu em setembro de 1929, quando Octavio Brandão apresentou a “Indicação n.º 101”, defendendo a criação de escola pública no distante bairro carioca de Honório Gurgel. Como justificativa, asseverava ter recebido uma comissão de moradores do local que reivindicavam mais atenção à dramática situação de crianças sem condições de “poder aprender as primeiras letras”. O que parecia ser simples e consensual Indicação, logo se transformara num novo debate ideológico por parte dos oponentes do BOC.

O representante do PD, Mário Barbosa – que já havia se envolvido em calorosa discussão com Octavio Brandão – concordava com o que definia como uma “*simpática medida*” de seus adversários, embora destacasse o fato de os autores da referida indicação serem “*representantes do credo comunista*”.⁴⁵

Entretanto, coube, ao intendente Batista Pereira, a mais irônica afirmação contra os representantes do Bloco Operário e Camponês. Inicialmente, desdenha os autores do

⁴⁴ O macadame é um sistema de calçamento de estradas de rodagem que consiste numa camada de pedra britada comprida.

⁴⁵ “Sobre a Indicação n.º 101”. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, Ata da 62.ª Sessão de 09 de setembro de 1929, p. 1195.

termo, dizendo: “*Medida idêntica já tem sido pleiteada por mim, sem que, no entanto, eu a visse ser executada, pela falta na localidade de um prédio que preste a instalação do estabelecimento de alfabetização reclamado nessa indicação.*”⁴⁶ Logo a seguir, é provocativo contra seus oponentes, quando, em tom de zombaria, afirma: “*Acredito que a palavra de ordem do Bloco não corresponde a um sentimento sincero, pois o comunismo não pode desejar escolas, uma vez que vive de explorar o analfabetismo*”. E, finalmente, debochando, asseverava: “– *Eram apenas estas, Sr. Presidente, as considerações que desejava aduzir, na justificação de meu voto*”.⁴⁷ Apesar de todas essas perturbadoras intervenções, a indicação foi aprovada sem maiores debates.

A situação contra os políticos do BOC agravava-se cada vez mais. Para piorar, o mandato de intendente não dava imunidade apenas aos comunistas. Esse fator gerou a prisão de Minervino de Oliveira, em junho de 1929, sendo libertado somente após a intervenção da Mesa do Conselho Municipal. Octavio Brandão, noutra ocasião, também fora detido em Niterói. Tratava-se da greve dos operários têxteis, em sua maioria mulheres, que teve início no dia 6 de outubro numa fábrica de tecidos no bairro do Barreto, em Niterói. Os representantes do BOC e, ainda Laura Brandão, foram ao local, na manhã do dia seguinte, prestar solidariedade àqueles trabalhadores e trabalhadoras. A companheira de Octavio improvisou um discurso, feito numa pedreira ao lado da fábrica, onde começou a falar aos operários em defesa de seus direitos. Os três foram imediatamente presos. O jornal *Correio da Manhã*, no dia seguinte, não deixava dúvida ao registrar as intenções da polícia acerca do comportamento de Octavio, Minervino e Laura, ao noticiar que: “*Cada manifestação bolchevista terá uma imediata reação da polícia.*”⁴⁸ No caso da prisão de Octavio Brandão, é interessante perceber os argumentos utilizados pelos órgãos policiais contra o intendente do BOC. Na anotação feita pela 3.^a Delegacia Auxiliar da *Seção de Ordem Política e Social*, datada do dia 24.10.1929, foi possível encontrar a seguinte informação:

“Preso nesta data, como medida preventiva, quando presidia uma conferência extremista, na Sede da Cia. Manufactora Fluminense, no Barreto, nesta cidade, usando para tal fim endiabrar

⁴⁶ Intendente Batista Pereira. Idem, p. 1196.

⁴⁷ Idem, ibidem.

⁴⁸ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 08.11.1929. Grifos meus.

os Directores de alludida sociedade. O mesmo já esteve na Rússia e é autor do livro intitulado 'Rússia Proletaria'".⁴⁹

Chama a atenção na passagem acima o fato de indicar uma suposta estada de Octavio na Rússia. Na realidade, ele, até aquele momento, nunca se ausentara do país. Somente em junho de 1931 é que iria conhecer outros países. O mais interessante, porém, é observar a maneira muito própria como as autoridades brasileiras qualificavam o militante comunista.

A partir do segundo semestre de 1929, a situação era quase que insustentável para os intendentos do BOC. Após a formação da Aliança Liberal, em agosto, a tônica dos discursos de Octavio Brandão e de Minervino de Oliveira passou a ser quase que exclusivamente centrada no ataque ao imperialismo e na constante denúncia do engodo que representavam os partidos tradicionais às eleições presidenciais do ano seguinte. E também consideravam a candidatura oficial de Júlio Prestes, como “fascista declarada” e a da autodenominada oposição, a Aliança Liberal, de “fascista disfarçada”.

Segundo Michel Zaidan Filho, tais mudanças na ênfase do discurso dos representantes comunistas, inserem-se nas vicissitudes da nova linha adotada pelo PCB depois do VI Congresso da Internacional Comunista⁵¹. Assim, segundo o autor, já é possível identificar os traços do sectarismo que permearia e vigoraria tanto em relação à pequena burguesia quanto aos demais setores que se colocavam como opositores aos representantes das oligarquias tradicionais, em particular a Aliança Liberal.⁵²

Realmente é possível perceber uma nova orientação na ótica dos comunistas brasileiros, no qual se intercalam tanto a análise sectária em relação aos agrupamentos políticos como uma visão maximizadora que vislumbra, no cenário brasileiro daquele momento, uma situação pré-revolucionária. Num discurso realizado em agosto de 1929, Octavio Brandão corrobora com tal assertiva quando sustenta a seguinte proposição:

“O que caracteriza a Aliança Liberal é a sua demagogia. Demagogia caracteristicamente fascista, empregada por Mussolini quando quis apossar-se do poder, em 1922. Essa demagogia visa desviar as massas produtoras do terreno da revolução agrária e antiimperialista para o leito de Mussolini, da burguesia. Procura desviar as massas da

⁴⁹ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário Octavio Brandão. Fundo: DOPS, pasta: GB, folha: 2077. Mantenho a grafia original, daí utilizá-la em itálico. No final da presente dissertação, encontra-se, em anexo, o original dessa anotação.

⁵¹ No próximo item abordarei, com mais detalhes, a nova linha política que passou a orientar as análises do PCB, no pós-1928. Fruto da intervenção da Internacional Comunista, teve conseqüências drásticas na elaboração original que até então os comunistas brasileiros seguiam.

⁵² Cf. ZAIDAN FILHO, Michel. *Os comunistas a céu aberto (1922-1930)*. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1989, p. 55.

revolução para a reação. Eis a obra da Aliança Liberal. O fascismo declarado dos presidentes Washington Luís e Júlio Prestes a ninguém ilude. Mas o fascismo disfarçado da Aliança Liberal ilude muita gente (...)

A Aliança Liberal é sustentada pelos capitalistas e não pode beneficiar os proletários. A Aliança é fascista e o fascismo é a exploração das massas produtoras e a ditadura da grande burguesia (...).⁵³

Em setembro, num outro discurso, mas seguindo a mesma tônica de denúncia visando “desmascarar os demagogos”, Octavio Brandão acentuava a diferença entre “falsa” e “verdadeira” revolução. Iniciava sua fala com a preocupação de expor, pormenorizadamente, a maneira como concebia o assunto.

“Que caracteriza uma revolução? Uma nova classe no poder, um novo partido no poder e a instauração de uma nova política. Revolução é o rompimento completo, total com o passado, a instalação de uma nova classe e de um novo partido no poder. É a destruição das velhas relações econômicas, políticas, sociais, jurídicas, fisiológicas, psicológicas etc. É a instauração de novas formas de vida, de modo a renovar tudo.”⁵⁴

Numa outra fala ironizava os representantes às eleições presidenciais, em especial, aqueles que formavam a Aliança Liberal.

“(...) Uma insurreição chefiada pelos srs. Washington Luiz e Júlio Prestes não pode ser uma revolução. Tem de ser uma contra-revolução, uma insurreição reacionária ou contra-revolucionária. Uma insurreição chefiada por esses srs., na realidade, instalaria o fascismo no Brasil, com a proteção dos banqueiros de Londres. E uma insurreição chefiada pelos srs. Getúlio Vargas e Antônio Carlos seria também reacionária, contra-revolucionária, e instauraria também o fascismo no Brasil, sob a proteção dos banqueiros de Nova York.”⁵⁵

O PCB orientava para que esse tipo de debate ideológico e de denúncia contra os representantes das elites tradicionais também ganhasse as ruas. Dessa maneira, em novembro, o BOC fez um comício, no qual escolheria seus candidatos para o pleito presidencial de 1930. A data proposta era nada menos que o dia 7 de novembro, quando aproveitariam para também celebrar o décimo segundo aniversário da Revolução de Outubro. Preocupada com grande aglomeração de simpatizantes que poderia comparecer à manifestação, a polícia procurou logo dissolvê-la, utilizando cassetetes e ameaçando, inclusive, atirar. Mesmo pairando a iminente ameaça de violência, Octavio Brandão começou a discursar. Em suas memórias, ele relembra como foram esses momentos:

⁵³ Citado in ZAIDAN FILHO, Michel. Op. cit., idem.

⁵⁴ Intendente Octavio Brandão. “Discurso de 04 de setembro de 1929”. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, p. 922.

⁵⁵ _____. “Projeto n.º 86”. *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*, p. 921.

“Reafirmei a solidariedade das massas laboriosas no Brasil com a revolução socialista e a União Soviética. Ataqueei a reação política e a repressão policial. Comparei o Brasil da época à Rússia czarista e afirmei ‘a Rússia czarista deixou de existir. Hoje é a Rússia socialista. O czarismo brasileiro terá o mesmo fim: será derrubado pelos trabalhadores!’”⁵⁶

As ameaças e as propostas de medidas punitivas contra os representantes do BOC ganhavam força a cada instante. O intendente Batista Pereira apresentou indicação suprimindo totalmente os discursos dos dois comunistas. A maioria do Conselho Municipal aprovou-a no dia 11 de dezembro de 1929. A partir de então, as intervenções de Octavio e de seu companheiro não foram mais publicadas sob o argumento de serem “perturbadoras a ordem pública”.

A imprensa, por sua vez, também via com inquietude os constantes pronunciamentos dos intendentes comunistas, em particular os de Octavio Brandão. Algumas matérias eram carregadas de enorme temor e certo exagero em seu conteúdo. O jornal *Vanguarda*, por exemplo, em janeiro de 1930, publicou artigo intitulado “O comunismo e o liberalismo de mãos dadas”, trazendo, no seu subtítulo, ‘O intendente Octavio Brandão faz a propaganda de seu credo impunemente, no Rio Grande do Sul’. Nessa matéria, duas são as preocupações centrais. Na primeira, há um incômodo e perplexidade generalizada pelo fato de as autoridades do estado gaúcho não terem tomado nenhuma iniciativa mais veemente diante da presença de um intendente cujo propósito “*só poderia ser a perturbação pública*”. A segunda, e principal linha de raciocínio que o artigo tenta passar a seus leitores é demonstrar algum tipo de cumplicidade e de acordo entre comunistas e os aliancistas liberais no sentido de juntos “*assaltarem o poder*”. Segundo o jornal, Brandão, ao participar do congresso operário no sul do país, havia em seu discurso, “*dado vivas a Lenine, mas também a Antônio Carlos e Getúlio Vargas!*”⁵⁷. Por essa razão, afirma que não haveria motivo para desacreditar que PCB e Aliança Liberal defendiam objetivos em comuns contrários à paz social. Nesse sentido, vociferava:

*“Não nos illudamos. Os alliancistas e communistas estão de mãos dadas pregando a revolução, não sabemos se para impor o ‘liberalismo’ carlista ou se para aniquilar o regimen com o advento do soviétismo. Mas o facto é que estão agindo de accordo, unidos pelo mesmo sentimento, e com idênticos propósitos de perturbação da ordem pública (...).”*⁵⁸

⁵⁶ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 365.

⁵⁷ *Vanguarda*. Rio de Janeiro, 29.01.1930. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário Octavio Brandão. Pasta: DESPS, folha 2077, caixa 12. Grifos meus.

⁵⁸ Idem, *ibidem*.

Não é preciso muito esforço para ver que tal linha de argumentação não se sustenta a uma análise um pouco mais séria. Ela deve ser inserida num contexto de crescente temor – e por que não dizer de reconhecimento – de como as elites oligárquicas dominantes viam o trabalho de agitação e de propaganda das idéias que os comunistas realizavam através do BOC. A cada mês, aumentava a campanha anti-BOC realizada pela imprensa, corroborando ainda mais para esse cenário de quase paranóia ante o crescimento do receoso “perigo vermelho”.

Apelando para o clima de histeria coletiva, o jornal *A Noite* publicou uma matéria com o sugestivo título “*Recrudescer a propaganda comunista*”. Ao centro, aparece a foto de Octavio Brandão trazendo a seguinte legenda: “O intendente Octavio Brandão, o principal entre os comunistas no Brasil, busca envenenar as almas simples e perverter as inteligências incultas.”⁵⁹ O artigo denunciava a apreensão feita pelo Correio de cartas endereçadas a cabos e a marinheiros que conteriam ordens para assassinar seus chefes e promoverem rebeliões. Por esse motivo, alertava para o misterioso aparecimento de manifestos em algumas fábricas, nos quais os operários eram aconselhados a “promover revoltas e assassinar os patrões”. Atribuía a autoria destes documentos a “onda vermelha que se havia quebrado em nossas praias” e, de forma autoconfiante, afirmava: “Nossa marujada e nossos proletários não iriam praticar crimes inúteis”.⁶⁰

O mesmo jornal *A Noite* apresentava a matéria intitulada “*A atividade comunista e a repressão conservadora enquanto é tempo*”, datada do dia 5 de agosto de 1930, mas sem autoria. Ao lado do artigo, há a foto de Minervino de Oliveira e de Octavio Brandão, com a legenda “Os agitadores comunistas, cujo atrevimento corresponde a sua dupla ignorância”. A matéria denuncia a realização de comícios no interior do Estado do Rio de Janeiro, que iam de Niterói em direção a Campos, com a finalidade, segundo o autor, de “interessarem os trabalhadores da terra no estabelecimento concreto de seu credo repugnante”. O artigo apela ainda para que as autoridades façam uma intervenção imediata, justificada pelo argumento de que “se não inutilizarmos desde já, dificuldades terríveis criarão” e solicita, por fim, que os poderes públicos utilizem “fortes elementos repressivos (...) para varrer do Brasil a perigosa praga do bolchevismo (...) enquanto é tempo”.⁶¹

⁵⁹ *A Noite*. Rio de Janeiro, 20.11.1929. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário Octavio Brandão. Pasta: DESPS, folha 2077, caixa 12. Grifos meus.

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ *Idem*, 05.08.1930.

Nesse momento, Octavio Brandão permanecia levando uma vida ilegal. A polícia estava em seu encalço. Ele fazia verdadeiras manobras e artimanhas para escapar de tamanha e constante vigilância. O pobre casebre onde morava, na Rua do Curvelo n.º 11, em Santa Teresa, era bloqueado, dia e noite, por dois e até três agentes de polícia. Revezavam-se em sucessivas tocaias a sua espera. As filhas, brincando de boneca na janela ou na calçada, tinham comunicação cifrada. Dionysa Brandão, a caçula de Octavio e Laura, lembra como tais códigos foram úteis para proteger seu pai:

*“A maneira de segurar a boneca, a posição desta, quem a segurava etc., informava a quem estava no interior da casa, qual a posição dos policiais de plantão na rua, quantos havia, o que determinava a melhor hora de saída da casa”.*⁶²

Aliás, vale dizer que Octavio Brandão foi um dos dirigentes comunistas que mais mereceram constante e severa vigilância por parte de agentes secretos. Pesquisando o seu Prontuário de n.º 2077, existente no DOPS, foi possível localizar um conjunto de fichas produzidas pelo intitulado “Serviço de Observação”. Trata-se de uma série de relatórios feitos pelos policiais encarregados de controlar os movimentos de Octavio. Analisando-os, pôde-se localizar os dias em que foram emitidos e o número dos investigadores responsáveis por tais serviços. Constatamos que, entre os anos de 1927 e 1929, Brandão despertou interesse bastante grande por parte dos órgãos de repressão do governo⁶³. Como meio de exemplificar melhor o que dissemos, descrevo, a seguir, três desses relatórios elaborados pelo Serviço de Segurança acerca de Octavio Brandão.

No dia 25 de outubro de 1927, três investigadores, que aparecem descritos como “ns. 150, 401 e 439”, revezavam-se para acompanhar a maior parte do dia do dirigente comunista, narrando os seguintes episódios:

“Às 13,50 deixou a sua residência dirigindo-se para a rua Santa Luzia, n.º 57, Café do Remo, onde esteve palestrando com quatro indivíduos, dentre os quaes o Sr. Astrojildo Pereira. Dahi, depois, tomou o destino de Santa Thereza, não sendo, porém, seguido pelo investigador por

⁶² Entrevista de Dionysa Brandão ao Autor, realizada em Santa Teresa, RJ, em 02.07.2003. Fita 1, lado A.

⁶³ É importante salientar que essa constante vigilância e controle da vida política de Octavio Brandão não se limitaram aos anos de 1927-1929. Consultando os documentos de seu Prontuário, pode-se afirmar que durante a maior parte de sua militância, Brandão sofreu cotidiana e severa fiscalização por parte dos órgãos de segurança nacional. Nos arquivos do DOPS, encontramos várias fichas contendo minuciosos relatórios sobre cada um dos passos e palavras do dirigente do PCB, cobrindo várias décadas. Violando sua correspondência e a de seus familiares, a polícia política buscava, nas entrelinhas, fatos ou afirmações comprobatórias de que sua atuação era a de um “perigoso extremista”, “traidor” e “apátrida”, termos encontrados nos boletins e relatórios produzidos por investigadores e fartamente utilizados para justificar as medidas de repressão contra os comunistas brasileiros.

*conveniência do serviço. Às 20,20 o Sr. Octavio Brandão foi visto regressar para sua residência, de onde não mais se ausentou”.*⁶⁴

No ano seguinte, outro investigador, intitulado “n.º 90”, relatava semelhante situação:

*“Em observação ao prédio n.º 40 da Praça da República, sede do Bloco Operário e Camponês, entrou Octavio às 15 horas, alli attendendo a vários eleitores que o aguardavam, palestrando com AMARO RIBEIRO sobre assumptos do próximo festival de A VOZ COSMOPOLITA, a realizar-se no dia 20 do corrente. Dizia elle que sabia estar sendo acampanado, mas que não dava importância, pois que sabia atirar poeira nos olhos dos acampanadores. (...) Às 18.40 horas sahio directo aos Arcos, subindo a Ladeira de Sta. Tereza para sua residência”.*⁶⁵

As anotações eram tão meticulosas que tornava possível saber, por uma das fichas dos investigadores, que, no Comício de 1.º de maio de 1929, Octavio Brandão “esteve presente no comício, mas não fallou por estar enfermo”⁶⁶. Ao final, aparecem as iniciais do informante: “MRS” e o seu número: “556”.

O Conselho Municipal encerrou suas sessões a 31 de dezembro de 1929. Para evitar ser preso, Octavio mergulhou imediatamente na vida clandestina. Durante muitos anos conviveu com essa circunstância que, sem dúvida, foi um dos maiores dramas em sua trajetória militante. Em suas memórias, ele revive algumas dessas terríveis situações ocorridas no final dos anos 20, com as quais logo teve de se acostumar:

*“Numa ocasião, deixei de ver Laura e as crianças durante meses. Tive saudades. Uma vez, às 10 da noite, disfarçado, fui pela rua do Curvelo e subi a rua Marinho. Crescia o mato agreste na esquina. Meti-me por entre as plantas selvagens. Estirei o pescoço e olhei o meu lar. Lá estavam dois agentes junto à porta. Esperei pacientemente 3 horas. Em vão. (...) Tive de voltar à vida subterrânea, sem ver a família.”*⁶⁷

O ano de 1930 seria decisivo para o BOC. Mas logo um fato acirraria ainda mais a visão estreita e sectária da direção do PCB: o fato de Prestes não ter aceitado apoiar os comunistas e tampouco os aliancistas para as eleições daquele ano. Diante dessa decisão, o partido começou a fazer duras críticas ao “Cavaleiro da Esperança” e radicalizou ainda mais suas propostas políticas.

Numa entrevista concedida por Octavio Brandão ao vespertino *O Jornal*, em junho de 1930, intitulada “Ainda sobre o manifesto do Comandante Luís Carlos Prestes”, pode-se

⁶⁴ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. “Serviço de Observação”, 25.10.1927. Prontuário Octavio Brandão. Pasta: 2077/DESPS, caixa 12. Opto por manter a grafia original, daí utilizar o itálico.

⁶⁵ Idem, “Serviço de Observação”, 10.10.1928.

⁶⁶ Idem, “Serviço de Observação”, 01.05.1929.

⁶⁷ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 378.

perceber uma mudança de posição em relação a este último⁶⁸. Logo de início, ressalta que sua entrevista se limita apenas a expor algumas idéias, na medida em que o PCB estava preparando um manifesto, no qual seriam mais bem esclarecidos os pontos de vista da organização do referido Manifesto.⁶⁹ Feita essa ponderação, o dirigente comunista faz questão de ressaltar que o autor do manifesto “não é comunista”. Por conseguinte, tece inúmeras críticas ao texto de Prestes, assegurando que nele “existem palavras de ordem revolucionárias, mas lançadas por um pequeno-burguês, o revoltoso que pretende o impossível: substituir o proletariado pela pequena-burguesia na direção da revolução agrária e antiimperialista”.⁷⁰ Continuando suas contundentes críticas à Coluna Prestes, argumenta que ela “poderá prometer tudo mas não poderá cumprir a confiscação das terras e das empresas imperialistas”. Mostrando essa virada “esquerdista” e sectária que marcaria as formulações do PCB no pós-1928, anuncia o porquê do fracasso do objetivo de Prestes em seu Manifesto, dizendo que ele

⁶⁸ Digo “mudança” pois, no início de 1929, a análise da atuação do PCB refletia uma ambigüidade muito grande quando começava a discutir a sucessão presidencial no ano seguinte. Tal aspecto pode ser constatado através das próprias palavras de Octavio Brandão. Em janeiro daquele ano, ele redigia um texto para o jornal *Diário Carioca* em que ressaltava a importância do BOC alargar sua base “operária e camponesa” buscando a adesão da pequena-burguesia, sob a liderança de Luís Carlos Prestes. Advoga a idéia de que, se os tenentes, em particular a ala mais radical da Coluna Prestes-Miguel Costa, prolongassem sua luta no terreno eleitoral, poderiam ser contaminados com o conteúdo revolucionário do proletariado, através de sua vanguarda: o PCB. Eis as palavras de Brandão que justificam uma primeira visão: “Tendo em vista a sucessão presidencial e suas conseqüências políticas e sociais, a luta contra os imperialistas e contra os grandes proprietários, especialmente contra os grandes agrários, deve constituir a base de uma aliança entre o proletariado com Luís Carlos Prestes”. _____. “A sucessão presidencial”. *Diário Carioca*, 30.01.1929. Citado in CARONE, Edgard. *O movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1979, p. 517. Grifos meus.

⁶⁹ Realmente, não demoraria muito para que, oficialmente, a direção do PCB respondesse ao *Manifesto de Maio de 1930*, como ficou conhecido o célebre texto de Prestes, lançando um texto-resposta. Nele, reconhece como positiva a “indignação” que o texto provocara “em toda a imprensa reacionária e liberal do Brasil e em todo o continente”. No entanto, tece contundentes críticas ao “Cavaleiro da Esperança”, quando diz: “(...) Prestes não rompeu, de fato, nem com os diversos grupos da Aliança, nem com os agentes do imperialismo que se introduziam na Coluna”. E continua: “(...) para romper com eles não basta reconhecer o papel reacionário dos grandes proprietários da terra e da burguesia. É muito necessário conceber as tarefas do proletariado como dirigente único da revolução agrária”. Idem, *ibidem*.

Falando sobre a concepção política do comandante da Coluna, é veemente ao afirmar: “Prestes personifica os elementos hesitantes que não romperam completamente com o método aventureiro dos golpes de Estado e dos pronunciamentos”. Por fim, evidencia a posição dos comunistas diante do Manifesto de Maio: “(...) nosso Partido deve combater e desmascarar como um formidável perigo para a revolução toda a tentativa de Prestes visando criar um partido operário-camponês pequeno burguês”. Para mais detalhes, ver “O Partido Comunista do Brasil a propósito do manifesto de Luís Carlos Prestes: 1930”. *La Correspondence Internationale*. 1930, n.º 55, p. 636. Citado in CARONE, Edgard. *A Segunda República*. 2.ª ed., São Paulo: Difel, 1974, pp. 330-331.

⁷⁰ *O Jornal*. Rio de Janeiro, 11.06.1929. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário Octavio Brandão. Pasta: 2077/DESPPS, caixa 12.

“Não poderá criar um governo operário e camponês, baseado em sovietes, em conselhos de soldados e marinheiros, que vá até o fim. Esta tarefa é do proletariado, dirigido pelo Partido Comunista. O manifesto não acentua que todo o poder deve estar concentrado *exclusivamente* nas mãos desses conselhos. Não acentua o armamento do proletariado e o desarmamento da burguesia e dos grandes proprietários. Não menciona o papel da Internacional Comunista e da União Soviética”⁷¹. [Grifos do original]

Finalmente, denuncia o “silêncio cúmplice” da Coluna Prestes perante a política da Aliança Liberal, principalmente em relação a Maurício de Lacerda, a quem acusou de “explorar a revolução brasileira” em benefício “de sua própria candidatura”.

Ante a recusa de Prestes, o PCB resolveu lançar candidatos próprios à presidência da República, ao Senado e à Câmara dos Deputados. Justificando tal decisão, o núcleo dirigente argumentava que os dois candidatos à presidência, Júlio Prestes e Getúlio Vargas, se equivaliam. Ambos eram candidatos burgueses, apoiados por grupos oligárquicos e pelos imperialistas, sendo que, enquanto o candidato oficial recebia apoio do imperialismo inglês, o candidato da Aliança Liberal, tinha o apoio do imperialismo norte-americano. Na visão dos comunistas, as duas candidaturas não representavam nem jamais poderiam defender “os interesses da classe operária”.⁷²

Por fim, a palavra de ordem escolhida pela direção do PCB indicava um enorme espírito voluntarista: “*Votar no BOC é votar na Revolução*”. Realizadas as eleições, o BOC sofreu uma fragorosa derrota. Procurando justificar as causas do insucesso eleitoral, os comunistas diziam que seu malogro devia-se ao fato de seus representantes serem vítimas da repressão política, além da ocorrência de fraude nas eleições.

Quando foi deflagrado o movimento armado contra o último governo da Primeira República, o PCB manteve-se à margem da conspiração civil-militar.⁷³ Impotentes, assistiram à adesão dos trabalhadores urbanos ao movimento, visto naquela oportunidade

⁷¹ Idem, idem. Grifos do original.

⁷² Moisés Vinhas, antigo militante comunista, concorda que o PCB nesse momento adotou uma compreensão “incipiente e sectária” no que se refere às alianças do Partido com outros setores, fato esse que teria corroborado para a sua derrota eleitoral em 1930. A base dessa estreiteza política devia-se, segundo ele, a três motivos principais: “A escassez da literatura e das leituras dos textos marxistas, a compreensão fatalista da crise econômica e a teoria da inevitabilidade da ‘terceira revolta’”. Fazendo uma interessante reflexão, Vinhas argumenta que esta visão teria uma conseqüência ainda mais grave para o PCB alguns anos depois: o favorecimento “do golpismo que acabaria desembocando no levante de 1935”. Cf. _____. *O partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo: Hucitec, 1982, pp. 16-17.

⁷³ Em seu recente trabalho, já citado, Ângelo José da Silva dedica interessante reflexão sobre como os comunistas interpretaram a chamada Revolução de 30. Cf. _____. *Comunistas e Trotskistas: a crítica operária à Revolução de 30*, op. cit., especialmente as páginas 90-117.

por uma grande parcela da sociedade brasileira como uma esperança de renovação da vida política do país.

O PCB pagaria assim, no dizer de Michel Zaidan, um preço alto por esta omissão: “O desencadeamento de feroz repressão política, não só contra as fileiras comunistas, mas contra todas as organizações da classe operária de uma maneira geral”.⁷⁴

Em relação ao BOC, o seu antigo intendente diz que sua principal importância consistia no fato de ter realizado importante trabalho de educação e organização, de agitação e propaganda. Além disso, havia desempenhado uma luta encarniçada contra o imperialismo, entendido como o inimigo principal a ser combatido. Defendeu ainda as reivindicações dos trabalhadores, apoiando e sustentando greves, como, por exemplo, a dos gráficos, em São Paulo, e a dos padeiros, ocorrida no Rio de Janeiro. Conseguiu, ainda, em várias cidades do país, criar cerca de sessenta comitês. Mas não deixava de dimensionar a existência de problemas, constatados pelo próprio Brandão, quando diz: “O Bloco Operário e Camponês (...) parecia um partido, e não um bloco. Substituiu o PC ilegal. Foi sectarizando em 1929-30, subestimando os camponeses (...)”.⁷⁵

De maneira geral, pode-se dizer que Octavio Brandão era entusiasta daquela experiência. Anos mais tarde, num depoimento, fazia interessante observação sobre determinado dilema que acompanhou o PCB. Segundo ele, no decorrer da década de 1920, quando o partido era ilegal, a opção pela luta parlamentar não tinha nenhuma conotação de política de conciliação entre a burguesia e o operariado, diferente do “desvio” que teria ocorrido em 1945, no período da legalidade do PCB.⁷⁶

⁷⁴ ZAIDAN FILHO, Michel. *Os comunistas em céu aberto (1922-1928)*, op. cit., p. 58.

⁷⁵ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 343.

⁷⁶ _____. *(Depoimento 1977)*, op. cit., p. 45.

3.3- A nova linha política da IC e a intervenção no PCB

“No fim, os interesses de Estado da União Soviética prevaleceram sobre os interesses revolucionários mundiais da Internacional Comunista, que Stalin reduziu a um instrumento da política de Estado Soviético, sob o estrito controle do Partido Comunista soviético, expurgando, dissolvendo e reformando seus componentes à vontade. (...)”

(Eric Hobsbawm. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 78)

A morte de V. I. Lenin, fundador do Estado socialista na Rússia, ocorrida em janeiro de 1924, coincidiu com o refluxo da revolução na Europa e o início do debate sobre a continuidade da *Nova Política Econômica* (em vigor desde 1921), no interior do PCUS. Diante do isolamento da revolução na URSS, colocava-se a questão do seu desenvolvimento e da continuidade do processo revolucionário.

Começava, por assim dizer, uma tensa e ainda imprevisível disputa no interior do “Partido-mãe” da revolução para se saber quem ocuparia o lugar de destaque na hierarquia do poder de Estado, vago desde o falecimento de seu maior inspirador. Stalin, Bukharin, Kamenev e Zinoviev uniram-se contra Trotsky – que, segundo se acreditava, era um forte nome para suceder Lenin – no sentido de evitar sua ascensão ao poder, além de combater a tese da “*revolução permanente*”, elaborada por ele entre 1905-1906, mas agora retomada.

Lev Trotsky, possuidor de uma inegável cultura cosmopolita, acreditava que a revolução proletária deveria se internacionalizar rapidamente e, em particular, chegar à Alemanha. Em seu entender, a Rússia soviética tinha que priorizar a industrialização acelerada, tratando os camponeses com maior rigor, mesmo se mantendo, por enquanto, nos quadros da *NEP*. Por conseguinte, criticava a crescente burocratização do aparelho partidário, sem perceber que isso se devia à militarização do Estado e da economia, como também à crescente simbiose entre o partido e o Estado. Ao lado de Trotsky, estava, entre outros, Preobrazhenski, que enunciava sua “lei de acumulação originária”, argumentando que as concessões feitas aos camponeses inviabilizariam a industrialização do país.

Nicolai Bukharin era outro importante nome do partido naquela ocasião. Por diversos motivos, polemizou com Lenin pela “esquerda”, mas vinha gradualmente deslocando-se

para a “direita”, até se transformar no mais contundente defensor dessa linha. A partir do XIII Congresso do PC soviético, em maio de 1924, entrou decididamente no debate sobre a questão do “socialismo num só país”, passando a elaborar uma estratégia para a sua construção mediante o aprofundamento da NEP. Além disso, em 1926, no trabalho *A via para o socialismo e a aliança operário-camponesa*, exprimiu concepção a partir dos reflexos do movimento revolucionário na Europa e da nova e estratégica importância que ganhavam os chamados “países coloniais e semicoloniais”. A idéia de Bukharin deu-se num momento em que se acreditava que o imperialismo poderia ser atacado por movimentos de libertação nacional, aliados da URSS.⁷⁷

Stalin, ao que se sabe, não tinha idéias muitas claras sobre as questões teóricas em debate. Ajudado por seu latente chauvinismo que convergia para a teoria do “socialismo num só país”, o futuro ditador soviético aliou-se às posições de Bukharin, com algumas opiniões, cujas diferenças pareciam ser mais de tonalidade, quer dizer: a maneira mais eficaz de reprimir os acusados de “kulaks” e os camponeses médios, além do ritmo da industrialização. O afastamento de Zinoviev da presidência do *Komintern*, em 1926, acusado de “esquerdista”⁷⁸ e a derrota da Oposição Unificada de Trotsky, Zinoviev e Kamenev, no decorrer de 1927, selaram a vitória da “maioria” baseada na aliança temporária de Stalin-Bukharin.

É, nesse contexto, que ocorre o VI Congresso da Internacional Comunista, realizado de 17 de julho a 1º de setembro de 1928. Nele se manifesta uma situação de compromisso, advinda de um equilíbrio de forças no interior do PCUS e da necessidade de se manter a aparência através de uma direção compacta tanto no partido como na própria IC, diante dos representantes comunistas de todo o mundo.

Em termos analíticos, o VI Congresso da IC via na disputa interimperialista entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha as raízes de inevitável guerra imperialista e anti-soviética. Como decorrência dessa interpretação, surgiu uma teoria – a cargo da exposição de Bukharin – que ficaria conhecida como “*Terceiro período*”. Esta linha política tinha como principal argumento a eminência de um período final do capitalismo, sua derrubada e, por conseguinte, sua substituição por soviets. Tratava-se, por assim dizer, de uma visão

⁷⁷ Cf. DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*, op. cit., p. 104.

⁷⁸ A acusação de “esquerdista” de Zinoviev – que era o principal dirigente do *Komintern* – foi motivada por sua aposta na iminência de uma nova onda revolucionária no Ocidente, que não se deu, e de sua aproximação com Trotsky.

ultra-esquerdista e sectária que prevaleceu como orientação geral no movimento comunista internacional até 1934.⁷⁹

Além de toda a importância para o comunismo mundial, o VI Congresso da IC também representou um marco para a América Latina, à medida que, pela primeira vez, a “agência mundial da revolução” pautava, em sua agenda, a discussão do continente americano. No que se refere especificamente ao Brasil, o *Komintern* deliberou decisões sobre a situação nacional e a política do PCB em face dela. O interesse repentino da IC pela América Latina, segundo Goldeberg, pode ser explicado

“(…) por um lado pelo fracasso da insurreição de Cantão, comandada pelo Komintern, e por outro lado pelos problemas que ameaçavam colocar o declínio da Inglaterra em proveito dos Estados Unidos, no que diz respeito à política imperialista na América Latina (...). Nesse contexto, as discussões que tiveram lugar no Congresso se referiram muito mais à política dos comunistas nas colônias, também levando em conta a necessidade de se demarcar politicamente e de combater o desvio dos sindicatos para o oportunismo de direita dos social-democratas ‘irmãos gêmeos do fascismo’”.⁸⁰

O informe de Humbert-Droz, dirigente do SSA-IC⁸¹, intitulado *Sobre os Países da América Latina* destacava também a atenção para a nova temática em debate. Reconhecia os equívocos que até o momento marcavam a estratégia da IC para a região. Por isso, afirmava a necessidade de se estabelecer uma “linha tática geral” que deveria ser levada “em nossa ação comunista e revolucionária na América Latina”, tendo, como parâmetros, “alguns traços comuns existentes nos países do continente”⁸². Argumentava o caráter “semicolonial” de países como o Chile, a Argentina e o Brasil que apesar de dotados de

“um certo desenvolvimento industrial, demonstram que seu progresso econômico não é independente (...), demonstram que estes países são semicolonias do imperialismo inglês e norte-americano”.⁸³

⁷⁹ De maneira geral, esta teoria assim argumentava a recente evolução da luta de classes no cenário mundial: o “Primeiro período” (1917-1924) era marcado pela crise capitalista e a erupção revolucionária; o “Segundo período” (1925-1928) assinalou a estabilização capitalista. Finalmente, entrar-se-ia num “Terceiro período”, considerado terminal para o capitalismo.

⁸⁰ GOLDEBERG, A. *La question coloniale vue par la Troisième Internationale: L’Amérique Latine*. Paris, dat., 1970, p. 5. Citado in PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e trabalho no Brasil: dos anos vinte a 1930*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 135.

⁸¹ SSA-IC: Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista.

⁸² “VI Congresso de la Internacional Comunista: informe y discusiones”. *Cuadernos de Passado y Presente*, 67, México, 1978, p. 301. Apud ANTUNES, Ricardo. “Os comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a primeira inflexão stalinista no Partido Comunista do Brasil (PCB)”. In: *Cadernos do AEL: Comunistas e Comunismo*, n.º 2, pp. 25-26.

⁸³ Idem, ibidem. Apesar dessa visão de Humbert-Droz, houve várias intervenções divergentes de outros representantes latino-americanos, presentes no VI Congresso da IC. De maneira geral, eles salientavam a necessidade de se levar em consideração a particularidade de cada país. Muitos, inclusive, chegaram a se opor ao esquematismo vigente na IC. Em suas memórias, Heitor Ferreira Lima, um dos três

As teses do dirigente do SSA-IC salientavam ainda para os chamados “países coloniais e semicoloniais” a necessidade de uma “revolução democrático-burguesa” que tinha por objetivo “a libertação nacional do jugo imperialista e a realização da revolução agrária”, a fim de permitir o ulterior desenvolvimento econômico-social. O informe condenava de maneira apriorística o papel das pequenas burguesias nos países coloniais e semicoloniais⁸⁴. Entendia ainda que, nos países assim classificados – entre os quais o Brasil igualmente se enquadrava –, a penetração do capital imperialista deveria acelerar o desenvolvimento das relações de produção capitalista. Advogava, para tanto, a existência de uma aliança da classe “feudal” e do capital comercial nesses países com o imperialismo, o que reproduzia a situação de dependência.

Assim, pode-se dizer que a análise feita pelo VI Congresso da IC, ocorrido em 1928, desempenhou papel decisivo na história do PCB. Proporcionou vinculação efetiva do Partido Comunista do Brasil com o *Komintern*, ao contrário do que existira até então, nos primeiros anos de existência do partido. É sabido que, num primeiro momento, a relação PCB – IC foi marcada por certa autonomia, em razão, sobretudo, da ausência de instâncias regionais na América Latina (Secretariados, Comitês e Bureaux políticos). Essa situação *sui generis* também favoreceu a possibilidade para análises mais voltadas para os problemas nacionais, como o fizera Octavio Brandão, ao redigir a obra *Agrarismo e Industrialismo* (1924-26) e, depois, o seu artigo *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa* (1928).

Foi também a partir do VI Congresso da IC – e dos meses imediatamente posteriores a ele – que se iniciou, no Brasil, o processo que levou à interrupção da idéias elaboradas

delegados brasileiros presentes no VI Congresso (os outros eram Paulo de Lacerda e Leôncio Basbaum), relata algumas dessas querelas existentes naquele encontro: “(...) O [delegado] da Colômbia não concordou com a classificação de semicolônia e com o lema de revolução agrária, por parecer-lhe intermediária entre a revolução proletária e a revolução pequeno-burguesa, enquanto o da Argentina aceitava a classificação de semicolônia. O representante mexicano defendeu a Revolução de 1910 em seu país, denominando-a de revolução agrária democrático-burguesa, considerando-a conquista do proletariado mexicano. Já o delegado equatoriano achava não ser tarefa do proletariado a revolução democrático-burguesa, por ser ela favorável à burguesia, preferindo uma revolução de emancipação nacional (...). O nosso representante (Paulo de Lacerda), em resposta a Droz, chamou a ‘revolução’ paulista de fermentação da pequena burguesia, estendida a todo o país e apoiada pela burguesia industrial, concordando, a seguir, com a classificação de semicolônia dada aos países da América Latina (...)”. LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 94. Grifos meus.

⁸⁴ Para uma discussão mais acurada sobre essas posições da IC sobre a América Latina, ver o capítulo V, no item denominado “A Internacional Comunista, a questão colonial e a revolução brasileira” do livro de ANTUNES, Ricardo. *Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe, da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora*. São Paulo, Cortez, Coleção teoria e prática, 1982, pp. 144-161.

pelos comunistas brasileiros, nas quais Octavio Brandão teve papel essencial. Esta concepção, como vimos, caracterizou-se pela busca de uma aliança tática com a pequena burguesia (em particular, com os tenentes revoltosos), assumida no II Congresso do PCB, em 1925, mas que teria sua mais clara definição na tese da “Terceira revolta”, concernente ao texto *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*, adotado no III Congresso do Partido, em 1929.

A crítica recebida por ocasião do VI Congresso da IC, como veremos adiante, não abalou em profundidade seus pressupostos centrais, uma vez que a atuação dos comunistas, de uma maneira ou de outra, baseava-se nas idéias presentes naqueles dois textos acima referidos, redigidos por Octavio Brandão. A maior expressão dessa política, por sua vez, foi a constituição da proposta de “frente única” consubstanciada, sem dúvida, na experiência do Bloco Operário e Camponês (BOC), pelo menos, em seu início.

Não há como negar, contudo, que o III Congresso do PCB, realizado entre os dias 29 de dezembro de 1928 e 4 de janeiro de 1929, pode ser considerado como um “primeiro influxo stalinista” no PCB, no dizer de Ricardo Antunes⁸⁵. Essa primeira influência da IC nas teses dos comunistas brasileiros – ainda que não fosse uma intervenção – pode ser constatada se for realizada uma comparação entre as teses divulgadas pelo II e III Congressos do PCB, respectivamente. Fazendo breve consideração dessas mudanças, é possível perceber claramente algumas delas.

Por exemplo, a essência da revolução brasileira deixa de ser “democrática pequeno-burguesa” (como no II Congresso) para se tornar “democrático-burguesa” (III Congresso). Não se tratava apenas de semântica como uma primeira e rápida observação pode levar a crer; mas de profunda mudança de concepção política. Assim, a pequena burguesia, antes considerada a principal e estratégica aliada a ser buscada pelo PCB, agora havia “*capitulado completamente diante do imperialismo, aliando-se aos grandes proprietários de terra que estão no poder*”.⁸⁶

⁸⁵ Cf. ANTUNES, Ricardo. “Os comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a primeira inflexão stalinista no Partido Comunista do Brasil (PCB)”, op. cit., p. 28. Creio, entretanto, ser necessário fazer uma certa ressalva à referida consideração de Antunes: o fato de até o final do primeiro semestre de 1929, Bukharin (e jamais Stalin, por sua limitadíssima capacidade teórica) ter sido o principal formulador da tese “Terceiro Período”, que teria seu momento de auge durante o VI Congresso da IC.

⁸⁶ III Congresso do PCB (dez.1928 - jan.1929). Citado in CARONE, Edgard. *O PCB (1922-1942)*, op. cit., p. 71. A explicação para essa mudança era a reavaliação da IC da malograda experiência kuomintangista. Por isso essa guinada política à “esquerda”. Para um acompanhamento dos polêmicos debates em torno da chamada “Questão chinesa”, que teria profundas conseqüências para o movimento comunista

Uma segunda modificação analítica é a que define o Brasil como país “de tipo semicolonial”, dominado pelo imperialismo, “se bem que independente”. Ou seja, era um país de economia principalmente agrária, “baseada na grande propriedade e na exploração das grandes massas campesinas”. A partir daí, o PCB deveria alterar o eixo das alianças, depositando agora sua prioridade nas “grandes massas camponesas” que, por sua situação de abandono e de opressão, tenderia “à radicalização política”⁸⁷, como se pode perceber no próprio escrito de Octavio Brandão, de 1928. Na nova visão dos comunistas, por mais que a pequena burguesia tendesse a se aliar “às forças revolucionárias do proletariado”, ela jamais poderia “levar a revolução às suas últimas conseqüências, mesmo dentro do quadro democrático-burguês”. Essa função de direção do movimento revolucionário cabia exclusivamente “ao proletariado fazê-lo”.

Uma terceira e significativa mudança, ocorrida no III Congresso do PCB, consistia na reavaliação de sua influência no interior do BOC que, em determinados momentos, apresentava certos “perigos de desvio oportunista e eleitorarista” que, por essa razão se tornava “necessário combater energeticamente”.⁸⁸

Finalmente, a última alteração que transparece no texto preparado pelo CC do PCB é a que alude – como fizera o VI Congresso da IC – à previsão de novo surto revolucionário que ocorreria em diversos países, em decorrência da crise aguda do sistema capitalista. Na conclusão do referido documento, é possível perceber a influência dessa leitura “catastrofista” análoga a do “colapso” do capitalismo defendido pela IC, quando afirmava que, naquele momento político do país, haveria a “previsão e preparação dos acontecimentos revolucionários” que se desenvolveriam “com segurança, com firmeza e com autoridade”⁸⁹. Vale ainda destacar o reconhecimento e a gratidão que a direção do PCB, ao término de seu texto, fazia questão de expressar pela “ajuda da IC”, considerada

internacional, ver o excelente trabalho, já citado de MARQUES NETO, José Castilho. *Solidão Revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*, op. cit., em especial, as páginas 68-87.

⁸⁷ III Congresso do PCB (dez.1928 - jan.1929), op. cit., p. 72. Grifos meus.

⁸⁸ Idem, p. 75. Grifos meus. Esses “desvios eleitoraristas” destacados pelas teses do III Congresso do PCB referem-se a um episódio ocorrido em São Paulo, quando alguns integrantes do BOC paulista chegaram a apoiar os candidatos do Partido Democrático (PD) nas eleições estaduais de fevereiro de 1928.

⁸⁹ III Congresso do PCB (dez.1928 - jan.1929), op. cit., p. 77. Grifos meus. Esse “novo surto revolucionário” dizia respeito à orientação do chamado “Terceiro Período”. Esta proposição levou os vários PCs a adotarem uma postura bastante sectária baseada na idéias de “classe contra classe”, com o intuito de enfraquecer a social-democracia, principalmente na Europa, que passou a ser pejorativamente chamada de “social-fascismo”. Dessa maneira, os comunistas procuravam distinguir-se claramente diante dos trabalhadores de qualquer outra facção, mesmo sendo apenas progressistas, como os social-democratas. O sentido desse raciocínio, portanto, era fortalecer os Partidos Comunistas para que pudessem conduzir os movimentos nacionais na nova onda revolucionária que estaria por chegar.

imprescindível em todos esses “esclarecimentos”, “correções” e “insuficiências” que até então os comunistas apresentavam em suas formulações e estratégias de atuação na realidade brasileira. Como conseqüência dessa atitude de admiração, de orgulho e de reconhecimento o PCB, como não poderia deixar de ser, assimilaria, cada vez mais, as proposições presentes pela *Komintern*. Paradoxalmente, contudo, a “agência mundial da revolução” também acabaria levando ao sufocamento das elaborações que se haviam gestado desde meados dos anos 20, cuja maior expressão era a concepção da “revolução democrática pequeno-burguesa”, de autoria de Octavio Brandão.

Com o estreitamento dessa relação, o III Congresso do PCB desenvolveu a concepção teórico-política da “*Terceira Revolta*”: os levantes tenentistas de 1922 e 1924, seguidos da Coluna Prestes-Miguel Costa, terminada em 1927, haviam questionado o Estado republicano-oligárquico, através da ação central da pequena burguesia. Por conseguinte, abria-se a possibilidade da irrupção de “uma terceira explosão revolucionária”, mais aguda e radical, desencadeada “pelas massas” e tendo o Partido Comunista como seu principal dirigente.

Dessa maneira, creio que agora torna-se imprescindível fazer a seguinte observação. Octavio Brandão, em seu texto de 1928, já defendia a idéia da “Terceira Revolta” que, como se viu, levava em conta três ordens de razões: o agravamento da crise cafeeira, o combate ao imperialismo e, principalmente, a radicalização “da ação das massas trabalhadoras e rurais armadas”. Entretanto, havia uma clara diferença diante da nova orientação advinda da IC: a necessidade de uma “etapa de transição”, quer dizer, a “revolução democrática pequeno-burguesa”, *condição sine qua non* no entender do dirigente comunista para a posterior tomada do poder pelo proletariado. O desafio para ele consistia no empenho que o PCB deveria fazer para conquistar a hegemonia do processo revolucionário. Caso esse propósito falhasse, Octavio advertia que os comunistas seriam, “enrodilhados e derrubados pelos pequenos burgueses”.⁹⁰ Tratava-se, então, de algo que podia ser definido como uma “revolução permanente” em duas etapas, e não, uma revolução soviética imediata, conforme as novas orientações predominantes na IC e a que adiante dedicaremos uma maior reflexão.

Isso posto, é imprescindível fazer uma imediata consideração. Não obstante o VI Congresso da IC ter representado uma primeira e significativa influência teórica em

⁹⁰ BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”. *Autocrítica*, (6): 12-15, 1928, op. cit., p. 122. Para mais detalhes, rever o item I, deste capítulo.

algumas das teses do III Congresso do PCB – como a inclusão da “revolução agrária” e a crítica do papel das alianças do PCB com a pequena burguesia –, ela ainda não representa o momento, por excelência, em que seriam abalados os pressupostos da orientação tática que os comunistas brasileiros vinham seguindo até fins de 1928. Ao contrário. A própria e veemente crítica que o documento do PCB, ao final de seu III Congresso, fazia à pequena burguesia, pelo fato de ela haver “capitulado” ao imperialismo e às forças dos grupos tradicionais, ainda não era conclusiva.

Essa assertiva pode ser constatada num outro artigo escrito por Julés Humbert-Droz, publicado nas páginas da Revista *La Correspondencia Sudamericana*, sete meses após o III Congresso do PCB. Nele, o dirigente do SSA-IC radicalizava mais ainda a visão da IC sobre a situação pré-revolucionária na América Latina. Não descartava a aliança com a pequena burguesia na constituição de uma “*frente única revolucionária*”, embora ressaltasse que somente “*a aliança estreita do proletariado industrial com as grandes massas dos operários agrícolas e dos camponeses explorados pelo imperialismo*” seria capaz de resolver os problemas fundamentais da revolução no continente. A tarefa essencial dos PCs consistia na batalha pela sua direção política e ideológica.

A partir desse pressuposto, o dirigente do Secretariado Sul-Americano da IC propugnava ainda a necessidade de se lutar pela “dualidade de poder”. Diante dessa incessante efervescência revolucionária, caberia ao movimento revolucionário criar condições para

“a ditadura democrática dos operários e camponeses, poder surgido do seio mesmo das massas no decurso da luta, apoiado nos *soviets* de operários, camponeses e soldados. (...) A palavra de ordem deve ser, então, a do governo operário e camponês (...) através da constituição de uma união federativa das repúblicas operárias e camponesas para a América Latina”.⁹¹ [Grifos meus]

Aos poucos moldava-se no PCB uma concepção cada vez mais distante da política de aproximação com a pequena burguesia urbana, que caracterizou o pioneiro esforço que antes elaboraram da realidade nacional.

Em junho de 1929, realizou-se em Buenos Aires a Primeira Conferência Latino-Americana dos Partidos Comunistas⁹². Nesse encontro, coordenado por Jules Humbert-

⁹¹ HUMBERT-DROZ, Julés. “O movimento revolucionário na América Latina”. *La Correspondencia Sudamericana*. Buenos Aires, n.º 5, 30.09.1928, pp. 7-9.

⁹² Como representantes brasileiros naquela reunião, estiveram presentes Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum, Dalton Jobim e Mário Grazzini. Vale destacar que os dois primeiros, aproveitando a estada em Buenos Aires, contataram Luis Carlos Prestes que também lá se encontrava. Desejavam aproximar o

Droz, buscava-se reorganizar o Secretariado Sul-Americano da IC⁹³. Dois outros temas mereceram atenção naquele encontro. Por um lado, rechaçava-se “uma certa concepção surgida de que o imperialismo desenvolve a economia dos povos atrasados” e, por outro, confirmava-se o caráter da revolução nos países latino-americanos como sendo “agrária e antiimperialista”. Por fim, como assinala Heitor Ferreira Lima, recomendava “a formação de uma frente integrada de várias classes sociais para a luta pela libertação nacional, sob a hegemonia da classe operária, dirigida pelos partidos comunistas”.⁹⁴

O reconhecimento da possibilidade de a pequena burguesia ter importância no desencadear do movimento revolucionário minorou um pouco o grau de esquerdização que vinha caracterizando a leitura do continente americano pela IC. Aliás, quanto a esse propósito, vale novamente destacar a versão que Heitor Ferreira Lima conta sobre essas vicissitudes. Segundo ele, tais resoluções, embora formuladas por “partidos comunistas em grande parte muito inexperientes”, tinham o mérito de ao menos tentar ser

“menos abrangentes e mais comedidas, objetivas e realistas do que as recomendações do VI Congresso da IC (...) revelando ainda a vantagem que teriam advindo aos partidos comunistas da América Latina se tivessem atuado de maneira mais independente”.⁹⁵

Esse certo “desejo”, porém, de autonomia fora apenas passageiro. O contínuo processo de interferência da IC nas orientações estratégicas dos PCs latino-americanos prosseguia. Ganhou o seu mais forte contorno, após a realização do X Plenum do Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC), ocorrido em julho de 1929, na capital soviética.

Nessa importante discussão, que seria decisiva para o futuro do movimento comunista internacional, existia um ponto de discórdia que precisava ser resolvido. Tratava-se da polêmica sobre a caracterização do “Terceiro Período” entre Bukharin e Molotov, este último, representante da corrente staliniana.

Para Bukharin – que havia sido o teórico dessa formulação durante o VI Congresso da IC – a crise capitalista explicava-se pela disputa do mercado mundial entre as potências

partido dos tenentes revoltosos, bem como propor um eventual convite para que o “Cavaleiro da Esperança” disputasse as eleições presidenciais na legenda do BOC.

⁹³ A reorganização do SSA-IC visava deixar que suas atividades continuassem a se concentrar na direção no PC da Argentina, para evitar uma possível crise de preferência por um determinado país. Por isso, decidiu-se que a nova composição do SSA-IC seria representada por dois argentinos, um brasileiro, um uruguaio e um chileno. Cf. DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa – a política de alianças do PCB: 1928-1935*, op. cit., p. 113.

⁹⁴ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memória de militância*, op. cit. p. 97.

⁹⁵ Idem, p. 98.

econômicas o que acabaria ocasionando uma nova guerra entre elas. Por conseguinte, haveria maior controle da classe operária por parte da burguesia. Em seu entender, os geradores da revolução seriam os movimentos de libertação nacional aliados à URSS. Molotov, por sua vez, defendia uma tese catastrofista que se baseava numa crise irreversível do sistema capitalista, na qual ocorreria o aumento do desemprego e da miséria. Essa seria, o barril de pólvora que ocasionariam as tensões sociais no interior dos países imperialistas. A guerra então seria o estopim para um choque entre as classes, criando, assim, uma iminente situação revolucionária.⁹⁶

Não devemos esquecer que ambas as teses surgiram num contexto de “lavagem de roupa suja” no interior do movimento comunista internacional, vivido entre o final de 1927 e 1929. Havia um crescente clima da perseguição interna e externa movida contra aqueles que seriam logo acusados de “fracionistas” ou “liquidadores”. O fracasso voluntarista e desordenado da Insurreição de Cantão (dezembro de 1927) acabou numa sangrenta derrota para os comunistas chineses; nesse momento, também surgia a “Oposição Unificada” de Trotsky e Zinoviev no interior da PCUS, em resposta às teses da então “maioria”, encabeçada por Stalin e Bukharin. Ao se iniciar o ano de 1929, Blander e Talheimer, antigos dirigentes do PC alemão, foram acusados de “conciliadores” e logo seriam expulsos do partido. Trotsky, que estava exilado em Alma Ata, fora expulso do país nesse mesmo ano, pois Stalin temia que ele viesse a articular uma aliança com Bukharin.

Todo esse terrível clima fortaleceu as posições de Stalin e de seus seguidores. Logo chegaria a vez de Bukharin que, também em 1929, cairia em desgraça, sendo acusado de “desvios de direita”. Esse episódio estabeleceu definitivamente o predomínio incontestável de Stalin no monopólio do poder, dificultando ainda mais a possibilidade de qualquer forma de autonomia no interior do movimento comunista.

É nessa configuração política que devemos situar o X Plenum do CEIC. Sua nova direção passou a prever o “Terceiro Período” como a abertura inevitável de nova onda revolucionária, baseada na radicalização da classe operária, mediante uma crise econômica sem precedentes na história do capitalismo. Universalizava também a existência de uma tendência de “direita” do movimento comunista internacional que deveria urgentemente ser combatida, como se pode perceber numa das teses do X Plenum quando assinalava que

⁹⁶ Para mais informações, ver TELÓ, Mario. “Bukharin: economia e política na construção do socialismo”. In: HOBSBAWM, Eric. (org.). *História do marxismo* - vol. 7. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. Ver ainda AGOSTI, Aldo. “O mundo da Terceira Internacional: os ‘Estados maiores’”. In: HOBSBAWM, Eric (org.). *História do marxismo* - vol. 6, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

“também nos partidos comunistas dos países semicoloniais, torna-se necessária a estabilização da luta contra os desvios de direita nos quais os elementos do oportunismo são portadores da influência burguesa e pequeno-burguesa sobre o proletariado, dificultando sua ação autônoma”.⁹⁷

Não é casual que o PCB também fosse diretamente afetado pelas novas orientações da IC. Astrojildo Pereira, que, desde fevereiro de 1929, se encontrava em Moscou, diz que nos números 7 e 8 da Revista *Autocrática*, publicados no segundo semestre daquele ano, já havia pressão para alterar a linha definida pelo III Congresso do PCB.⁹⁸

Nesse sentido, pode-se sustentar que, a partir de setembro de 1929, se realizava uma “segunda inflexão” (utilizando emprestada a denominação de Ricardo Antunes) – a primeira sob a hegemonia stalinista – na orientação dos comunistas brasileiros. A disseminação de ampla campanha “contra a direita” nos PCs americanos foi justificada com a célebre *Carta abierta a los Partidos Comunistas de la América Latina sobre los peligros de la derecha*.⁹⁹

Esse documento pode ser considerado o início da intervenção da Internacional Comunista no continente americano. A sua importância, por sua vez, reside no fato de se tratar do primeiro pronunciamento do SSA-IC feito após a I Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos, ocorrida, em junho de 1929, em Buenos Aires.

De início, criticava o “provincianismo” da grande maioria dos PCs evidenciado por suas débeis discussões sobre os problemas internacionais. Essa insuficiência era caracterizada pelo fato de os comunistas latino-americanos não haverem debatido, com a devida profundidade, as decisões e a linha fixada pelo VI Congresso da IC. Esta última, como o texto fazia questão de ressaltar, fundamentava-se no “Terceiro período” do desenvolvimento capitalista pós-guerra, tendo três principais características: o “enorme agravamento das contradições capitalistas e dos perigos da guerra”; o “acirramento formidável da luta de classe” e, finalmente, “o recrudescimento do movimento revolucionário antiimperialista”.¹⁰⁰

⁹⁷ “Tesi del X Plenu sulla situazione internazionale e i compiti impediati dell’Internazionale Comunista”. AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale* (Storia Documentaria), tomo III, vol. 1. Citado in DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa...* op. cit., p. 122.

⁹⁸ Cf. PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio histórico e políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, p. 133.

⁹⁹ Essa carta, assinada pelo Secretariado Sul Americano da Internacional Comunista, foi publicada na revista *La Correspondência Sudamericana*. 2.ª época. Buenos Aires, n.º 18, 20.09.1929, pp. 1-4.

¹⁰⁰ Idem, p. 1.

Nessa situação, a luta interna contra a “direita” comunista e os “conciliadores”, que tendiam a ver, na esquerda social-democrática, os aliados mais importantes, tornava-se decisiva para a eficaz implementação da “nova tática da luta de massas”, descrita pela *Carta abierta...* . Por conseguinte, caberia aos Partidos Comunistas latino-americanos assimilarem esta luta ideológica da IC visto que os “perigos de direita”, através desse discurso, ameaçavam cristalizar-se no seu interior. O texto é mais uma vez revelador ao identificar as três “bases políticas” da “direita” existentes na América Latina.

“Primeiramente a superestimação das possibilidades revolucionárias da burguesia nacional e da pequena burguesia. Segundo: a ligação de muitos de nossos partidos com os partidos pequeno-burgueses e a falta de uma tática independente de nosso partido como tal. Terceiro: subestimação do caráter semicolonial do país, baseado na incompreensão da natureza das recentes crises em diferentes partidos que tiveram características claramente oportunistas.”¹⁰¹

Admitindo que a luta contra os “perigos direitistas” constituía uma “etapa inevitável para a bolchevização dos partidos comunistas da América Latina”, ao final, o documento faz considerações acerca das medidas a serem tomadas pelos PCs, no intuito de prevenir, combater e impedir a disseminação de tais “desvios”. Salieta a imprescindível necessidade de “estudo sério e perseverante” da linha política e das resoluções do IV Congresso da IC e, ainda, do seu X Plenum. Chama a atenção o enfático destaque dado, utilizando letras garrafais, para sublinhar o papel crucial da luta ideológica que, segundo a *Carta*, “DEVE SER LIGADA COM AS MEDIDAS DE ORGANIZAÇÃO, OU SEJA, COM A DEPURAÇÃO NECESSÁRIA DE NOSSAS FILAS DOS ELEMENTOS OPORTUNISTAS”.¹⁰²

Essa atitude, todavia, só poderia lograr sem permitir a “tolerância pequeno-burguesa” que, no entendimento dos dirigentes do SSA-IC, “deveria ser eliminada com toda a energia”¹⁰³. Quase imediatamente após a divulgação da *Carta abierta aos partidos comunistas sobre los perigos de la derecha*, diversos PCs convocaram reuniões, plenárias ou congressos, a fim de se adaptarem às resoluções do X Plenum do CEIC, bem como seguir as determinações da *Carta* de setembro de 1929.

É nesse contexto que, em fins de outubro do mesmo ano, se realizaria o *III PLENO do CC do PCB*. O seu principal propósito era efetuar um profundo trabalho de autocrítica do que se considerava serem as “falhas” e as “deficiências” que o partido havia cometido no

¹⁰¹ Idem, p. 2.

¹⁰² Idem, p. 4.

¹⁰³ Idem, ibidem.

período precedente. A partir daí, procurava estabelecer as novas tarefas para seu reforço ideológico e organizativo.

As idéias centrais do *III PLENO* giravam em torno dos seguintes temas: a situação política do país (como as eleições presidenciais e legislativas a serem realizadas em março de 1930); os resultados da Primeira Conferência Comunista Latino-Americana (ocorrida em junho de 1929); a questão sindical; as resoluções do X Plenum do CEIC acerca dos “perigos de direita”¹⁰⁴. Mas, sem dúvida, o principal objetivo que motivara esse importante encontro do núcleo dirigente comunista era discutir a fundo a *Carta Aberta... . O III PLENO do PCB* concebia que tais desvios de direita também se haviam manifestado “em nossas próprias fileiras”, particularmente devido à atuação dos comunistas do Bloco Operário e Camponês no Parlamento. Estes camaradas, segundo o balanço feito na reunião, haviam

“incorrido em desvios oportunistas como o de submeter-se às disposições regulamentares da Câmara Municipal para obter a ‘aprovação’ de projetos que continham as ‘reivindicações’ imediatas dos trabalhadores. Além disso, quando se apresentavam projetos de índole revolucionária, não se combinavam com uma ampla agitação entre as massas que lhes servisse para demonstrar a verdadeira causa da recusa pelo Conselho, ou seja, o papel que desempenham os organismos parlamentares da burguesia: órgãos de ditadura de classe. (...)”¹⁰⁵

Em relação às eleições para o Executivo Federal, marcadas para outubro de 1930, o *III PLENO* do Partido evidenciava clara visão sectária, ao sustentar a seguinte consignação: “*Aproveitar a luta para a sucessão presidencial com vistas à revolução*”¹⁰⁶. A tarefa dos comunistas pretendia alcançar a hegemonia no movimento a “qualquer preço”.

O *III PLENO* do CC do PCB teve um resultado drástico: a consolidação de clara e inequívoca convergência com a linha “ultra-esquerdista” que predominava na já stalinizada IC. Essa intensa e cada vez mais estreita relação e/ou subordinação com os pressupostos kominterianos, se, por um lado, agradava à maior parte da direção do partido, ansiosa pelo tão sonhado reconhecimento por parte da “agência mundial da revolução”, por outro, paradoxalmente – como veremos a seguir – levaria ao fim do primeiro núcleo dirigente do PC do Brasil.

¹⁰⁴ III Pleno do CC do PCB. *La Correspondencia Sudamericana*, n.º 21, 20.11.29. Citado in CARONE, Edgar. *O PCB: 1922-1943*, op. cit., p. 78.

¹⁰⁵ Idem, p. 80.

¹⁰⁶ Idem, p. 79.

3.4- O “grande culpado” em 1930

“No Partido, prega-se abertamente a teoria da ‘revolução democrática pequeno-burguesa’, sob cuja cobertura ‘o proletariado poderia preparar-se para a conquista do poder’ (camarada Brandão). Esta teoria menchevique, antileninista e antimarxista nega a hegemonia do proletariado na revolução democrática-burguesa, como garantia essencial contra a sua derrota e como a melhor preparação do proletariado para a conquista do poder.”

(“Resolução da IC sobre a questão brasileira”. *A Classe Operária*, 17.04.1930)

No final de novembro de 1929, o Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC) resolveu convocar algumas reuniões, presididas por Dimitri Manuílski¹⁰⁷ com Astrojildo Pereira, que havia sido eleito secretário-geral do partido, durante o VI Congresso da IC, e se encontrava em Moscou desde fevereiro do mesmo ano. O objetivo geral desses encontros era discutir o novo “cenário revolucionário” decorrente da crise mundial capitalista de fins da década de 20. Aproveitando a presença de outros comunistas brasileiros, entre os quais Heitor Ferreira Lima e Russildo Magalhães, trabalhador da construção civil¹⁰⁸, procurava dar ênfase especial à situação do país, bem como à atuação política do PCB.

O motivo central das discussões, contudo, era a concepção da revolução brasileira e de suas forças motrizes, que encontraram sua mais clara formulação no texto “*O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*”, redigido por Octavio Brandão para o III Congresso do PCB. Tal formulação foi alvo de severas críticas por parte dos representantes do CEIC, como lembra um dos participantes daquele tenso debate:

“Fomos acusados de orientar toda a tática e estratégia do PCB na espera da ‘terceira revolta’, colocando-nos a reboque da pequena burguesia; de menosprezarmos as reivindicações específicas do proletariado; de abandonarmos a questão camponesa, esquecendo a reforma agrária; de escondermos o Partido atrás do Bloco Operário e Camponês; de não cuidarmos devidamente da formação do PCB (...); de não nos

¹⁰⁷ Manuílski havia substituído Bukharin, tornando-se o novo Secretário do Komintern.

¹⁰⁸ Cf. LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*, op. cit., p. 102. O autor diz que ainda participaram daquelas reuniões um estudante, que usava o pseudônimo de Lunin, companheiro de Russildo Magalhães. Juntamente com Heitor, ambos haviam freqüentado a Escola Leninista Internacional. Cf. idem, *ibidem*.

preocuparmos com os problemas dos negros e dos índios, enfim de adotarmos uma política pequeno-burguesa, contrária ao leninismo e às recomendações da I.C. Em resumo: fomos totalmente arrasados na ideologia e na ação prática que seguíamos”.¹⁰⁹

A maneira veemente e áspera como foram duramente criticados pelos dirigentes da IC, em particular, por Manuïlski, deixou atônitos e perplexos os representantes do PCB. Para Heitor Ferreira Lima, haviam sido

“(...) esforços, trabalhos e sacrifícios de tantos anos que víamos desmoronar irremediavelmente, ante nosso espanto e inconsciência, como se o mundo viesse abaixo. Foi uma espécie de desilusão. (...)”.

Embora admitisse que naquela análise “havia muito de verdadeiro”, o representante comunista reconhecia que ela constituía “uma crítica insólita, um tanto parcial”, gerando, nos militantes do PCB lá presentes, um “entrechoque violento de ideais que escaldavam nossas cabeças”.¹¹⁰

Terminada a reunião, os dirigentes da IC prepararam um documento dirigido ao PCB no sentido de corrigirem as inúmeras “falhas” e os “equivocos” que grassavam na estratégia de atuação dos comunistas brasileiros. Intitulada “*Resolução da IC sobre a Questão Brasileira*”, foi publicada no jornal do partido, *A Classe Operária*, no dia 17 de abril de 1930. Contribuindo para “o reforçamento ideológico e político do Partido”, a resolução tratava dos seguintes temas, em ordem: 1) a crise econômica no Brasil; 2) o amadurecimento da crise revolucionária no Brasil; 3) o caráter da revolução brasileira; 4) a importância da independência do Partido Comunista do Brasil; 5) o PCB e o Bloco Operário e Camponês; 6) o PCB e as organizações de massas e 7) as tarefas imediatas do PCB.¹¹¹

Para fins de minha pesquisa, referir-me-ei apenas a algumas delas. Na *Resolução da IC*, há as mesmas considerações já feitas a respeito da situação dos países “semicoloniais” atingidos pela crise capitalista. Assim, reafirmava a efervescência revolucionária criada pela crise econômica no Brasil que, por sua vez, havia criado “as condições indispensáveis para um vasto movimento revolucionário de massas operárias e camponesas”¹¹². Como

¹⁰⁹ Idem, p. 104.

¹¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹¹ “Resolução da IC sobre a questão brasileira”. *A Classe Operária*, 17-04-1930. Citado in CARONE, Edgar. *O PCB: 1922-1943*, op. cit., pp. 96-102. O referido documento também se encontra publicado, na íntegra, em LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*, op. cit., pp. 107-113. Sigo, no entanto, as referências da *Resolução*, reproduzidas na primeira obra.

¹¹² Idem, p. 97.

conseqüência desse “amadurecimento revolucionário”, caberia ao PC do Brasil uma tarefa imediata e específica, explicitada naquele importante documento:

“Preparar-se para a luta, a fim de poder encabeçar a insurreição revolucionária das grandes massas trabalhadoras, que tanto pode explodir por ocasião das eleições presidenciais, como por ocasião de uma qualquer greve importante ou de uma qualquer sublevação local de operários agrícolas, de camponeses ou de desempregados”.¹¹³

Quanto à revolução brasileira, a *Resolução da IC* também atesta o seu caráter “democrático-burguês”. O curso e o êxito do processo revolucionário dependiam “da classe que conquistasse nela a hegemonia”. Ainda sobre esse aspecto, vale dizer que uma das atribuições essenciais dessa sectária visão baseava-se na “instauração da República Operária e Camponesa sobre a base dos Sovietes, agrupando a classe operária e a massa camponesa (ditadura democrática revolucionária do proletariado e da massa camponesa)”¹¹⁴. Para conseguir o objetivo proposto era imprescindível corrigir um dos maiores equívocos que, segundo a *Resolução*, os comunistas brasileiros insistiam em cometer. O próprio documento enuncia quais eram esses profundos enganos, através da seguinte passagem:

“Diversos fatos indicam que, no seio do Partido Comunista do Brasil, muito longe estão ainda de compreender a importância da hegemonia do proletariado na revolução democrática-burguesa e a necessidade de um partido ‘independente’ do proletariado, para realizá-la. (...)”.

Mas não se tratava apenas de apontar genericamente tais erros. Era necessário identificar claramente os responsáveis diretos pela disseminação daquela “falsa concepção”. A *Resolução da IC*, em sua parte mais incisiva, assinalava sua sentença:

“No partido, prega-se abertamente a teoria da ‘revolução democrática pequeno-burguesa’, sob cuja cobertura ‘o proletariado poderia preparar-se para a conquista do poder’ (**camarada Brandão**). Esta teoria menchevique, antileninista e antimarxista nega a hegemonia do proletariado na revolução democrática-burguesa, como garantia essencial contra a sua derrota e como a melhor preparação do proletariado para a conquista do poder”.¹¹⁵ [Grifos meus]

Tornava-se ainda mais nítida a sintonia entre os comunistas brasileiros e as teses da IC. Ainda mais porque se tratava da primeira vez que o elaborador de uma formulação e

¹¹³ Idem, p. 98.

¹¹⁴ Idem, p. 99.

¹¹⁵ Idem, p. 100.

membro da direção do PCB era nominalmente citado num documento que se tornou público, não só no país, como em outras partes do continente e, mesmo, do mundo.¹¹⁶

Num escrito inédito, Octavio Brandão referiu-se à “*Resolução da IC*”, assegurando que ela possuía “um caráter duplo”. Por um lado, admitiu ter pontos positivos, pois acentuou em particular

“a importância decisiva da hegemonia do proletariado na revolução democrática burguesa. Assinalou a necessidade de que o Partido Comunista do Brasil dirigisse a classe operária e os camponeses em suas lutas. Criticou os desvios de direita no PCB (...)”.¹¹⁷

No entanto, por outro lado considerava que ela havia errado gravemente quando começou a preconizar no Brasil uma linha “oportunista de esquerda”. Tal caracterização, em seu entender, fundamentava-se na imediata instauração no país “da República Operária e Camponesa sobre a base dos soviets”. Para Brandão, havia sido “um erro fatal. Arrastou o PCB às derrotas de 1930-1934”. Segundo ele, coube a duas personalidades a responsabilidade direta por tais equívocos: Manuïlski e Guralski, seu principal colaborador¹¹⁸. Ambos, na avaliação do intelectual e militante comunista,

“não compreendiam o marxismo-leninismo no terreno da questão nacional-colonial. Nem o caráter da revolução nos países coloniais e dependentes, sobretudo em sua primeira etapa, da ampla frente única geral nacional antiimperialista. Nem muito menos, os problemas do Brasil. Tinham, pois, de fracassar”.¹¹⁹

No início de 1930, Astrojildo Pereira retornava ao Brasil. Em suas memórias, Leôncio Basbaum diz que, logo que chegou, o dirigente comunista levantou o problema da “proletarização”. Lembrando daqueles momentos de incerteza que o partido começava a viver, diz ele:

¹¹⁶ Ver argumentação similar em BORODINE, Saul. “La Situation Politique et le Mouviement Ouvrier Revolutionnaire au Brésil”. *La Correspondance Internationale*. Paris, n.º 66, 1930, p. 872.

¹¹⁷ BRANDÃO, Octavio. “*Análise*”. Passagem de Mariana (MG), 19.05.1966. Fundo Octavio Brandão (Inventário), Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 33, p. 102.

¹¹⁸ O lituano Abraham Guralski se tornaria o secretário-geral do Bureau Sul-Americano (BSA). Ficou conhecido na América Latina com o pseudônimo de “Rústico”.

¹¹⁹ BRANDÃO, Octavio. “*Análise*”, op. cit., p. 102. Continuando sua avaliação, acusa ainda Manuïlski por todas as derrotas do PCB nos pós-30, até a malograda Insurreição desencadeada pelo partido em 1935. Eis suas palavras: “*Manuïlski continuou a preconizar para o Brasil da época, a revolução soviética imediata, com Luis Carlos Prestes à frente. Era um ‘desvio de esquerda’.* (...) *Sonhava com uma nova Coluna Prestes que teria surgido no interior de Pernambuco e continuaria a luta até a vitória. Ilusão idealista!*”! Idem, p. 102-103. Grifos meus.

“Depois de longas discussões decidi [Astrojildo] que o CC deveria ‘haver menos intelectuais na direção do Partido’, pelo menos no Bureau Político. Assim, eu [Basbaum], e Paulo [Lacerda] fomos afastados do mesmo, e Fernando passaria a suplente (...)”.¹²⁰

Essa nova orientação denominava-se “proletarização”. Constatava-se que, na maioria dos PCs, havia membros dirigentes com mais características pequeno-burguesas que proletárias. Por conseguinte, entendiam que essa composição impossibilitava um verdadeiro trabalho de “ligação com a classe operária”. Daí a necessidade de rever essa “distorção”, trazendo para os altos postos da direção do partido os “legítimos proletários”.¹²¹

A proletarização era na realidade um desdobramento da política conhecida como “bolchevização”, desencadeada no interior do movimento comunista em fins dos anos 20. Os dirigentes do Komintern haviam se desiludido com os acontecimentos ocorridos na Alemanha (depois da fracassada Revolução de 1923) e passaram a comparar o partido russo com os de outros países, concluindo que somente organizações moldadas à imagem dos bolchevistas soviéticos seriam capazes de obter sucesso. Julgavam, assim, que a vitória da Revolução Russa de Outubro de 1917, comprovava a superioridade de um partido conseqüentemente revolucionário. Por essa razão, todas as outras seções nacionais teriam nele um modelo exemplar.

Entre os meses de abril e maio de 1930, realizou-se, em Buenos Aires, o Plenum ampliado do SSA-IC. Sua maior importância residia no fato de ter sido o momento final da “inflexão stalinista” no PCB. Coordenada por Abraham Guralsky¹²², três eram as discussões centrais desse encontro: 1) analisar a “conjuntura revolucionária” aberta com a grande Crise de 1929; 2) fazer um balanço da luta contra “os desvios de direita” e 3) impor uma guinada decisiva à orientação dos partidos comunistas do continente.

¹²⁰ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos (memórias)*, op. cit., p. 75.

¹²¹ Ainda de acordo com Basbaum, o real significado de “proletarizar” era tão-somente “abandonar hábitos burgueses”. Nesses momentos de “deformação ideológica”, afirma que só era permitido “fumar cigarros baratos, andar mal vestido. A própria gravata passou a ser um sinal de tendência pequeno-burguesa (...) Até mesmo tomar banho diário era um resquício pequeno-burguês capaz de afetar a ideologia proletária do Partido”. Depois de longas discussões, o CC do PCB decidiu pela redução de intelectuais no Bureau Político. Assim, Leôncio Basbaum e Paulo de Lacerda foram afastados do mesmo. Em seu lugar, foram convocados dois operários, um ferroviário e um metalúrgico, “os verdadeiros proletários”, de acordo com os conceitos em vigor. Cf. idem, p. 76.

¹²² Guralski substituiu o belga Julés Humbert-Droz no comando-mor dos interesses da IC na América Latina. Este último havia sido afastado, depois de também ter caído em desgraça.

Aberta a reunião, o debate sobre a questão brasileira ocupou lugar determinante. Os principais representantes da delegação do PCB, presentes no Plenum ampliado do SSA-IC, eram Astrojildo Pereira e Octavio Brandão que, pela primeira vez, se ausentava do país.

As polêmicas ocorridas no *Plenum* giravam em torno das acusações feitas novamente a Octavio Brandão, responsabilizado em ser o principal formulador da aliança entre a classe operária e a pequena burguesia. Não é sem razão que a *Revista Comunista*, que substitui a revista *La Correspondencia Sudamericana*, já como órgão do SSA-IC, ao final do encontro confirmava que

“as teorias mencheviques que foram desenvolvidas pelo **camarada Brandão**, nas quais afirmava que no começo a pequena burguesia tomaria o poder e que durante o desenvolvimento da luta o proletariado conquistaria a hegemonia, estão muito difundidas na América Latina”.¹²³ [Grifos meus]

Profundamente magoado, Octavio Brandão relembra, numa passagem de seu relato autobiográfico, aqueles terríveis momentos ocorridos em sua vida militante:

“Em Buenos Aires, tinha quase 34 anos. Estava no meio do caminho de minha vida. (...) Nessa hora, recebi um golpe terrível. Foi o ‘prêmio’ por tantos anos de combates, batalhas e vitórias. Em nome da absurda Revolução Soviética imediata para o Brasil da época, fui duramente combatido na Conferência dos Partidos Comunistas. (...) Ouvi 16 discursos de ataques, inclusive pessoais. Procuraram fazer tábua rasa de minha vida, obra e luta”.¹²⁴

Heitor Ferreira Lima acusa Guralski, o “Rústico”, de ter sido o verdadeiro interventor e o responsável direto pelo afastamento de Astrojildo Pereira e a humilhação pública sofrida por Octavio Brandão. Comentando aqueles dramáticos episódios, afirma:

“Ao que me lembro, por cartas por mim recebidas de Astrojildo, os problemas e as críticas foram as mesmas de Moscou, sendo, porém, Octavio Brandão responsabilizado pelos desvios. No entanto, os escritos de Brandão não representavam sua opinião pessoal e única, e, sim, constituíam o pensamento oficial da direção do PCB. A paternidade individual que lhe foi atribuída magoou profundamente Brandão, deixando-o abaladíssimo, chegando-se mesmo a temer por um possível desatino seu, dada a virulência das críticas feitas ‘à moda Guralski’, naturalmente”.¹²⁵

Nesse aspecto, tem razão Ferreira Lima, uma vez que não cabia unicamente a “culpa” a Brandão, mas a toda a direção do PCB, pois a tese da “revolução democrática pequeno-burguesa” bem como suas forças motrizes (a ala mais radical dos tenentes com o

¹²³ Cf. *Revista Comunista*, n.º 1, setembro de 1930. Citado in DEL ROIO, Marcos, op. cit. p. 143.

¹²⁴ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 379.

¹²⁵ LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*, op. cit., p. 106.

qual os comunistas deveriam buscar uma aliança), havia sido consagrada no III Congresso do PCB.

Porém, a intensa saraivada de críticas girou exclusivamente em torno de Octavio Brandão que foi transformado em “bode expiatório” de todos os erros, tendo sido, inclusive, ameaçado de expulsão. Essa última medida, segundo aquele que seria o “grande culpado” em 1930, resultou das ironias que teria feito diante das afirmações dos dirigentes do SSA-IC que o acusavam de ter impedido a consolidação de um governo soviético no Brasil. Naquele diálogo – que mais parece uma anedota – recorda Brandão num depoimento:

“Eu disse: ‘Mas que coisa extraordinária: um homem só impede uma revolução soviética! Me deixem no meu lugar modesto (...) Vocês me põem lá em cima e o resultado é que quanto maior é a altura maior é a queda’. Eles disseram: ‘Está debochando? Vamos expulsá-lo como traidor!’ A coisa era séria mesmo em Buenos Aires”.¹²⁶

Mesmo desprezado, atônito e publicamente condenado, possivelmente com os nervos à flor da pele, o ex-dirigente do PCB optou por uma atitude que o bom senso poderia classificar de “autoflagelante”: aceitar e defender a antes incrédula *Revolução Soviética imediata*. Mas precisou fazer uma pouco sincera “autocrítica”. A motivação que o levou a tomar essa difícil decisão era evitar a sua expulsão do PCB, como traidor.¹²⁷

Segundo Jorge Ferreira, em momentos de crise, um comunista dificilmente questionava o ideal de revolucionar o mundo ou o partido, entendido como a vanguarda dos operários mais conscientes e que encarnava a própria idéia de libertação do povo, sendo, por essa razão, considerado revolucionário, em sua essência. Portanto, “as decepções, os sofrimentos e as amarguras” dos comunistas – continua o autor – “provinham dos dirigentes, dos líderes partidários que desvirtuaram a grandeza de um ideal”.¹²⁸

O comportamento disciplinar de Octavio Brandão pode inserir-se naquilo que Berenice Oliveira Cavalcanti chama de operacionalização da “prática da crítica e autocrítica”. Vista desse ângulo, segundo a autora, aquela conduta procurava livrar-se

¹²⁶ LORNER, Ana Beatriz & MENEZES, Valmir. “Entrevista com Octavio Brandão”. Rio de Janeiro, 28-04-1979. In: *História em Revista*. UFPel. Pelotas: Editora Universitária, n.º 2, 1996, p. 236.

¹²⁷ Astrojildo Pereira, ao contrário, decidiu admitir a culpa. Paradoxalmente, contudo, o antigo fundador do PCB foi expulso do partido, como traidor em 1931. Só voltaria ao mesmo, em 1945, depois de ter realizado várias autocríticas de seu passado.

¹²⁸ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Tese de Doutorado, São Paulo: FFLCH/USP, 1996, p. 253.

“de seus aspectos autoritários e coercitivos, transformando-se numa prática assumida exercida por todos os militantes, desde o secretário-geral até o mais simples militante de célula. Nesse sentido, a disciplina significava a oportunidade permanente de avaliação da militância”.¹²⁹

Octavio Brandão mesmo se sentido injustiçado, ressentido e mesmo, abandonado, não pensava em abandonar o PCB. Mas havia ainda outra razão que pesava na sua escolha: a disciplina partidária, que encontrou sua forma mais fundamentada no célebre “centralismo democrático” e que se constituiu num dos principais elementos da cultura comunista. Aquilo que era definido como um método de funcionamento das organizações revolucionárias¹³⁰ tornou-se, para ele, um princípio de militância.

Anos mais tarde, ao ser perguntado sobre esse incômodo assunto, não titubeava em dizer:

“(…) A disciplina é absolutamente necessária. O sujeito não concorda mas tem que apoiar aquela linha, porque é da maioria. Por disciplina. Isto está nos estatutos. Concorde ou não concorde. Se a maioria disse isso, você tem de obedecer; do contrário, não é possível haver partido. (...) Como na Internacional, concorde ou não concorde, por disciplina tem de aceitar. E assim se mantém a coesão do Partido.”¹³¹

Questionado sobre o fato de haver um “exagero de disciplina” em seu polêmico ponto de vista, Octavio Brandão procurou uma justificativa que o sustentasse, encontrando-a na personalidade que mais o havia influenciado e que, por conseguinte, se tornaria o seu “modelo exemplar” de comunista: V. I. Lenin. Diante disso, diz que o dirigente bolchevique “acentuava a importância de disciplina em sua obra *A moléstia infantil do esquerdismo no comunismo*”.¹³²

Somente a partir dessa visão é que se pode entender, sem ambigüidade, a afirmação que fez num outro depoimento – quase no final de sua vida – na qual assinala que “durante

¹²⁹ CAVALCANTI, Berenice Oliveira. “O juramento de lealdade e fidelidade: a militância do PCB”. In: *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, v. 12, n.º 1, ago., 1985, p. 61.

¹³⁰ Na verdade, a discussão acerca do centralismo democrático, na maior parte das vezes, motivou inúmeras polêmicas ocorridas no interior do movimento revolucionário. Apenas para citar uma intensa e conhecida controvérsia que se tornou clássica, me refiro àquela ocorrida entre dois dos seus maiores expoentes: Rosa Luxemburgo e V. I. Lenin. A respeito desse intenso e polêmico debate, é interessante ver o texto de autoria da dirigente polaco-alemã, da ala esquerda do SPD, denominado “*Questões de organização da social-democracia russa*” (1904) e a imediata resposta que aquele escrito mereceu do dirigente bolchevique, “*Um passo atrás, dois adiante*”, escrito no mesmo ano.

¹³¹ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 69.

¹³² Idem, *ibidem*.

4 anos defendi essa linha de revolução Soviética imediata no Brasil sem acreditar nela”¹³³. Por essa razão, sempre que pôde, Octavio empenhava-se em ressaltar sua inequívoca oposição à essência da tese insurrecional, vitoriosa no Pleno Ampliado de Buenos Aires. Considerava-a “oportunista”. Defendia, por sua vez, a proposta de frente antiimperialista com a pequena burguesia, o campesinato e os militares progressistas. Não é casual que, em várias ocasiões, estabelecia um corte rígido entre o partido no pré e pós-30. Numa determinada passagem de suas memórias, ele é explícito ao argumentar:

“Bom, antes nós tínhamos as massas. E com todos os erros e defeitos, a burguesia nos respeitava, o governo nos respeitava. Metia no xadrez, dava socos, mas era obrigado a soltar, não podia processar. Não havia base para processo. Nós éramos contra o terror individual. Queríamos organizações de massa (...) Mas em 30, com essa linha falsa dos soviets, perdemos o apoio das massas”.¹³⁴

Em termos teóricos, ao analisar a nova linha política defendida por Guralski, Octavio Brandão assinala que um dos motivos de sua discordância era o fato de ele deixar de levar em consideração a especificidade da questão nacional, ou seja, de que

“em todos os países coloniais e dependentes a primeira etapa é uma revolução nacional e anti-imperialista, marchando com todos os aliados possíveis e imagináveis (pequena burguesia e burguesia nacional); na segunda etapa é que se modifica a correlação de forças”.¹³⁵

Aliás, vale dizer que, no decorrer de minha pesquisa realizada no Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, pude localizar um escrito inédito de Octavio Brandão intitulado *A “Revolução” de 1930*, datado de janeiro de 1954.¹³⁶ Sua maior relevância, para os propósitos desse item, reside no fato de seu autor realizar uma avaliação da linha política adotada pelo Pleno Ampliado do Secretariado Sul-Americano (abril-maio de 1930) e da atuação do PCB, após esse encontro. Sobre essas reflexões é bastante explícito ao condenar, veementemente, a referida proposição assumida naquele tenso encontro de que participara, como pode ser notado em suas próprias palavras:

¹³³ Entrevista com Octavio Brandão à *Revista APARTE*, op. cit., p. 16.

¹³⁴ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 40.

¹³⁵ Idem, *ibidem*.

¹³⁶ É interessante destacar que antes de começar propriamente o seu texto, Octavio Brandão escrevia uma espécie de nota introdutória onde fazia a seguinte revelação: “Enviei este estudo à direção do Partido Comunista do Brasil a fim de ser publicado e suscitar debates. A direção nem sequer acusou o recebimento e o estudo ficou inédito até hoje”. In: _____. “A ‘Revolução’ de 1930”. Rio de Janeiro, 06.01.1954. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgar Leuenroth, IFCH/Unicamp, pasta 81. [dat.].

“O Partido Comunista do Brasil (...) foi completamente desarmado e desorientado por uma linha falsa, sectária, ‘esquerdista’. Lançou a palavra de ordem da *Revolução Soviética imediata*, (...) Tentou criar soviets, inevitavelmente artificiais, aqui e ali, na região do rio São Francisco, na zona das salinas do Rio Grande do Norte, etc. Brincou com a palavra de ordem de soviets, caracteristicamente insurrecional. Tentou saltar as etapas da revolução no Brasil”.¹³⁷ [Grifos do original]

É interessante que se ressalte a justificativa teórica utilizada por Brandão para explicar os motivos que levaram o PCB a cometer os tais “erros sectários” e “esquerdistas” em 1930. Citando a conhecida obra de Lenin, *A moléstia infantil do “esquerdismo” no comunismo*, – a qual afirma ter lido no original, em russo – diz que, no seu capítulo VIII, o dirigente bolchevique acentuou “a necessidade de utilizarmos a ‘menor brecha’ entre os inimigos”. Tal proposição, segundo ele, evidenciava as contradições de interesses entre “os diferentes grupos ou diferentes categorias da burguesia, no interior de cada país”.

A outra referência pela qual procura sustentar e legitimar seus argumentos é o discurso feito por Josef Stalin, denominado “*Sobre a questão do proletariado e do campesinato*”. Nele, de acordo com Octavio, o ditador russo destacou os “quatro aliados fundamentais do proletariado” na União Soviética: o campesinato soviético; o proletariado dos países desenvolvidos; os povos oprimidos das colônias e os conflitos, mediante as contradições existentes nos países capitalistas dependentes. Advoga que o PCB, na conjuntura de 1930, deveria ter aplicado “os princípios de Lenin e Stalin, *dialeticamente*, de acordo com as condições concretas do Brasil e da época”. Ou seja, o maior erro dos comunistas brasileiros consistia no fato de eles não terem

“aproveitado, ao máximo, os choques e as contradições, a luta política e a luta armada entre os dois grupos imperialistas e das classes dominantes, com o fim de *reforçar as próprias posições*, conquistar novas posições e consolidá-las”.¹³⁸ [Grifos do original]

Num depoimento que deu mais de vinte anos depois desse texto, Brandão reafirma que o partido havia “saltado etapas da revolução no Brasil”, uma vez não havia compreendido “o caráter da revolução nos países coloniais e dependentes. Nem suas etapas. Nem suas forças motrizes. Nem seus aliados. Erros gravíssimos!”¹³⁹

Ainda discorrendo sobre a linha política do PCB em 1930, apropria-se de um outro discurso de Stalin, incluído na obra *O marxismo e a questão nacional-colonial* e redigido em 1927. Nesse escrito, destaca que o comunista georgiano traçara “uma linha política

¹³⁷ Idem, p. 13.

¹³⁸ Idem, p. 12.

¹³⁹ Idem, p. 13.

totalmente oposta” à defendida pelo PC do Brasil. Diz que Stalin condenava categoricamente as palavras de ordem de formação imediata de sovietes, em alusão ao transcurso revolucionário na China, naquela ocasião. Por conseguinte, segundo Brandão, tal “concepção equivocada” era “preconizada por Trotsky, Radek e Zinoviev” na conhecida polêmica que ficou conhecida como a “Questão chinesa”. O ditador soviético, ao contrário, defendia, “para a China semicolonial”, um caráter de revolução “nacional-libertador, de frente única geral nacional antiimperialista”.¹⁴⁰

Portanto, de maneira reveladora, Octavio Brandão qualifica a linha política adotada no Pleno Ampliado de 1930 e recomendada para toda a América Latina, como sendo “trotskista”. Dedicou, inclusive, um item de seu artigo denominado “Trotskistas e aventureiros” onde procura ser mais contundente e específico em suas apreciações. Nele, advoga que a linha “esquerdista” dos *sovietes imediatos*, naquela época, influenciou diretamente o surgimento de “bandos de trotskistas”, no interior do PCB. Faz alusão às primeiras cisões de antigos comunistas, que passavam a assumir as idéias de Trotsky, entre os quais destaca:

“O sectário crônico, Aristides Lobo, o oportunista de direita Plínio Melo, o intelectual Mário Pedrosa e outros pequenos burgueses, membros do PC que se transformaram rapidamente em trotskistas (...) e foram expulsos.”¹⁴¹

Octavio Brandão também acusa, com a mesma pecha, aquele que considera ser o principal formulador da linha da sovietação imediata no Brasil: o lituano Abraham Guralski. Ao se referir ao novo homem forte da IC na América Latina, não mede palavras ao descrever alguns aspectos “desastrosos” de sua biografia política.

“Guralski, a figura principal do Burô Sul-americano, foi-me apresentado por Pierre¹⁴², em Buenos Aires, como um grande ‘discípulo de Lenin’. Na realidade, era um partidário de Zinoviev. Foi expulso do Partido Bolchevista, com todo um bando de agentes de Trotsky e Zinoviev, em consequência da manifestação trotskista, contra-revolucionária, de 7 de novembro de 1927. De volta à Internacional Comunista, foi enviado a Buenos Aires, em 1930, para ‘corrigir’ seus graves erros e dirigir o Burô sul-americano. (...)”

¹⁴⁰ Idem, p. 14.

¹⁴¹ Idem, p. 23.

¹⁴² Segundo Octavio, Pierre pertencia à juventude comunista e havia “idealizado” o golpe de 1930, apresentando-o como uma espécie de “revolução democrática burguesa”. Cf. Idem, p. 18. No material bibliográfico e documentário que o Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro (AHMOB) dedicou a Astrojildo Pereira, aparece uma foto do referido Pierre ao lado do fundador do PCB. No entanto, diferentemente do que Octavio Brandão afirmava, apresentava-o como sendo “provavelmente um funcionário do Bureau Sul-Americano da IC”. Cf. *Memória & História*, n.º 1: *Astrojildo Pereira*. Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981, p. 50.

(...) Defendeu no Burô sul-americano a linha de Zinoviev, Trotsky e Radek nas questões da China semicolonial. Não defendeu a linha que Stalin sustentou tantas vezes contra esse mesmo bando, nas discussões travadas na Internacional Comunista. Estranha coincidência”¹⁴³.

Nessas palavras é possível destacar duas importantes observações que podem ser úteis para melhor entendimento da configuração da memória de nosso biografado, quanto aqueles terríveis e dramáticos momentos por que passou. A primeira delas pode ser percebida, caso se considere que a exposição de Octavio se direciona na constituição de algo como um mosaico, onde se misturam tanto um “discurso racional e objetivo” como um outro, “pessoal e subjetivo”. A outra constatação, perceptível na descrição que faz de Gurski, são as mágoas e os ressentimentos expressados àquele que fora o principal responsável por sua execução pública, no Pleno ampliado do SSA-IC, em 1930.

Essa mesmo sentimento repete-se em relação a outra importante personalidade que vivenciou aquele contexto. Para Octavio Brandão, muito mais inadmissível do que todo o “desvio oportunista de esquerda”, representado pela concepção da “revolução soviética imediata”, havia sido a atitude do então secretário-geral do PCB, Astrojildo Pereira. Este último, também alvo de pesadas críticas, escreveu, contudo, uma resposta na qual aceitava as imposições de “proletarização”, outorgadas pelo SSA-IC, o que significava, em outras palavras, a depuração do antigo núcleo dirigente comunista. Nela fazia a seguinte declaração:

“A delegação brasileira manifesta-se completamente de acordo com a linha política deste Plenum relativa à proletarização de nossos partidos e sua direção. Sobretudo para o PCB, que deve realizar uma reviravolta radical em toda sua política e seus métodos de trabalho conforme a linha da Resolução da IC. (...). Praticamente esta proletarização deverá efetuar-se: por uma autocrítica severa dos erros e debilidades do partido decorrente de uma linha política falsa, libertando-o definitivamente da ideologia pequeno-burguesa que o tem dominado até aqui (...) e por uma conseqüente modificação na composição do CC, a ser renovado em próxima Conferência do partido, segundo um critério que assegure absoluta preponderância de proletários ligados diretamente às grandes empresas e provados pelos últimos combates de classe (...).¹⁴⁴

Essa surpreendente atitude de Astrojildo nunca mais seria esquecida por Brandão que, a partir desse episódio, passou a lembrar do antigo companheiro sempre com muito desagrado:

¹⁴³ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁴ “Resposta de Astrojildo Pereira às críticas sofridas do Pleno Ampliado do SSA-IC de maio de 1930”. Citado in DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*, op. cit., p. 143.

“(...) Astrojildo Pereira se tornou meu amigo número um até 30. Nesse ano, numa reunião dos partidos comunistas em Buenos Aires, Astrojildo capitulou diante da linha ‘revolução soviética imediata’. E foi uma espécie de traição, pois descarregou toda a culpa nas minhas costas. Ele era o secretário geral do Partido tinha uma responsabilidade enorme em todos os erros e tratou de escapar pela tangente como se não tivesse nenhuma culpa. (...) Então vi que não era meu amigo. Nessa hora ele não teve vontade de assumir a responsabilidade dos próprios atos”.¹⁴⁵

Ironicamente, não coube aos seus camaradas de organização, mas sim àqueles considerados seus principais desafetos e, portanto, aos “oportunistas”, aos “fracionistas” e “inimigos” – os trotskistas – a única defesa feita de Octavio Brandão diante dos expurgos sofridos em Buenos Aires. Mário Pedrosa e Lívio Xavier, principais representantes da Liga Comunista (Oposição), em artigo publicado para o jornal “A Luta de classe”, em maio de 1931, comentavam a injusta sentença dada exclusivamente a Brandão. Apesar de reconhecerem que se devia a esse último o fato de ainda predominar, no PCB, a influência do “bazar de monstruosidades teóricas” (referem-se à *Agrarismo e Industrialismo*), asseveravam que a atitude do SSA-IC em relação a ele tinha forte motivação. Explicava-se pelo fato de seus dirigentes quererem “se livrar da consagração” que anos antes faziam a respeito daquele teórico e militante. Ou seja, procurava, “penitenciar-se”, dissimulando, assim, “*seu oportunismo com o simples ato de aplicar às costas do camarada Brandão o selo do ‘imposto único’ menchevista*”.¹⁴⁶

Não obstante as profundas disputas ideológicas entre comunistas e trotskistas, deveu-se a estes últimos, para surpresa de Octavio Brandão – que sempre fora um de seus mais ferrenhos oponentes – a realização da única manifestação pública de solidariedade ante sua execração no trágico Plenum de maio-junho de 1930. Além do mais, naquele artigo, seus autores consideram Astrojildo Pereira, o então “homem forte” do PCB até o momento, como o maior responsável pela “capitulação” diante da interferência da IC. Suas opiniões a esse respeito não deixam dúvidas ao afirmarem que, na cúpula do SSA-IC, havia se configurado

“uma velha praxe da direção centrista de Stalin, [em] responsabilizar por todos os males as direções nacionais, para que estas, por sua vez, ressalvem o seu ‘prestígio’, fazendo pesar a carga de todas as culpas sobre os ombros de um só camarada. A honestidade do camarada Brandão devia pagar, assim, pela sordidez dos Astrojildo Pereira & Cia”.¹⁴⁷

¹⁴⁵ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 38.

¹⁴⁶ “A Luta de Classe”. São Paulo, n.º 7, 01.05.1931. Citado in ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis (org.). *Na contracorrente da história: documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 84. [Grifos meus].

¹⁴⁷ Idem, ibidem.

Continuando a comentar sobre aqueles difíceis momentos que lhe valeram o primeiro ostracismo no interior do PCB, Octavio Brandão novamente lamentava o comportamento de seu ex-camarada de partido, desabafando:

“Eu combati em Buenos Aires a falsa linha dos soviets. Mas fiquei sozinho e agüentei 16 discursos me atacando e me ameaçando de expulsão. Em 30 vi que não podia mais contar com Astrojildo. Ele voltou para o Brasil e meteu os pés pelas mãos. Exigiu a liquidação do Bloco Operário e Camponês. Foi uma discussão horrível. Eu disse: ‘mas como? O BOC nos deu uma vitória e uma organização de massas. Tem sessenta comitês nos sindicatos, nas fábricas. Como é que nós vamos liquidar uma organização de massas?’ Ele cumpriu passivamente as decisões do Bureau da Internacional Comunista em Buenos Aires e foi liquidando o BOC”.¹⁴⁸

Uma primeira impressão das passagens acima descritas pode levar a crer que o ex-dirigente comunista estivesse procurando “se livrar” dos possíveis equívocos cometidos por considerar “progressista” o movimento tenentista e por achar que era correto ver, na pequena burguesia, um interlocutor político do PCB na luta contra o imperialismo, em determinado momento.

Na sua autobiografia de 1978, Octavio Brandão assumia parte das críticas que sofreu no Plenum ampliado do SSA-IC, também intitulado por ele de Conferência Comunista de Buenos Aires. No entanto, ratificava a sua posição contra a linha “esquerdizante” preconizada por Moscou e que tão profundas e maléficas interferências traria para o primeiro grupo de dirigentes comunistas brasileiros. De maneira explícita assinala:

“A Conferência de Buenos Aires deveria ter-me criticado pelos erros reais¹⁴⁹. Em vez disto, condenou-me em tudo e por tudo. Fui condenado porque preconizava a aliança do proletariado e o seu PCB com os revoltosos de Copacabana, São Paulo e da coluna Prestes-Miguel Costa. Condenado porque considerava esta coluna um movimento progressista. Condenado porque achava que a burguesia de um país colonial como o Brasil não era a mesma coisa que a burguesia de um país imperialista e, portanto, era conveniente fazer aliança com aquela burguesia contra o imperialismo (...) Em vez de fazer autocrítica dos erros reais, fui obrigado a fazer ‘autocrítica’ de erros imaginários, por não ter lutado pela fantástica Revolução Soviética imediata. Tal o absurdo”.¹⁵⁰

De volta ao Brasil, em junho de 1930, Octavio Brandão, que compusera por oito anos, o posto mais elevado na hierarquia do partido, a Comissão Central Executiva (CCE), era dela destituído, juntamente com Astrojildo Pereira e outros camaradas. Tratava-se,

¹⁴⁸ BRANDÃO, Octávio. (*Depoimento 1977*), op. cit., pp. 38-39.

¹⁴⁹ Esses “erros reais” que Octavio Brandão admite ter cometido, refere-se a seu escrito de 1924-1926, *Agrarismo e Industrialismo*. O autor em 21.01.1957, no artigo intitulado “Uma etapa da história de lutas”, publicado no jornal do PCB, *Imprensa Popular*, fazia profunda e sincera autocrítica das “insuficiências” e dos “equívocos”, como ele mesmo dizia, daquela obra que norteou a tática do PCB até 1929.

¹⁵⁰ _____. *Combates e Batalhas*, op. cit., pp. 379-380.

como vimos, da orientação política conhecida como “proletarização” – denunciada mais tarde como sua fase “obreirista” – uma espécie de caça às bruxas dos intelectuais considerados “pequenos burgueses” dos órgãos de direção partidária. Portanto, desde o início dos anos 30, os militantes brasileiros aprenderam que ser comunistas – como muito bem definiu Jorge Ferreira – era antes de tudo

“pertencer a um partido monolítico na doutrina e centralização das decisões; mostrar-se intolerante com dissensões internas, recorrendo às expulsões e às purgas para resolvê-las; adotar uma concepção sectária, atacando duramente outros partidos e movimentos de esquerda; defender o marxismo-leninismo como única ideologia conseqüentemente revolucionária, decorando alguns jargões políticos e slogans importados da IC (...)”.¹⁵⁰

Essa visão, como vimos, começou a germinar na IC em seu VI Congresso, realizado em 1928; ganhou força no segundo semestre de 1929, com a publicação da “*Carta abierta a los Partidos Comunistas de la América Latina sobre los peligros de derecha*”, redigida pelo alto comando do Komintern no continente. E foi finalmente concretizada, na reunião do Pleno Ampliado do SSA-IC, em abril-maio de 1930, como orientação a ser seguida por todos os PCs latino-americanos. Particularmente, significou, para Octavio Brandão, a sua primeira grande desilusão política. Além de ser perseguido e vigiado pela polícia, passou a conviver com uma situação que, a partir desse momento, seria constante em toda a sua trajetória militante e intelectual: os boicotes e os ostracismos no interior do partido que tanto ajudou a construir. Recordando a primeira e profunda desilusão sofrida num escrito redigido mais de vinte anos após esse trágico acontecimento, o agora ex-dirigente do PCB, amargurado, mas, ao mesmo tempo, orgulhoso de sua trajetória militante no comunismo nacional, dizia:

“Sou um dos raríssimos membros do Partido Comunista do Brasil que, sem interrupções, durante mais de 31 anos, se mantiveram na luta, fiéis, resistindo a inúmeras provas, privações e provações. Por isto mesmo, esse ostracismo político teve um caráter duplamente trágico, pela essência e pela injustiça”.¹⁵¹

¹⁵⁰ FERREIRA, Jorge. *Prisioneiro do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil*, op. cit., p. 64.

¹⁵¹ BRANDÃO, Octavio. “A ‘Revolução’ de 1930”. Rio de Janeiro, 06.01.1954. *Fundo: Octavio Brandão (Inventário)*, op. cit., p. 27.

CAPÍTULO 4

**EXILADO NA “PÁTRIA
DO SOCIALISMO”
(1931-1946)**

4.1- Dias difíceis: novas prisões e a deportação

“(...) foi também aqui recolhido, apresentado com o officio dessa Delegacia n.º 6 s/data, assignado pelo T^{te}. Egon Prestes Pinto, pelo 4.º Delegado Auxiliar, o ex-intendente Octavio Brandão, que por se haver tornado inconveniente neste estabelecimento, pretendendo subverter a ordem por meio de discursos em que eram realçadas ás ideas communistas, foi transferido para a Casa de Detenção.”

(Ofício emitido pela 14.ª Delegacia da Casa de Correção/RJ, em 30.10.1930).

No final de maio de 1930, Octavio Brandão, a bordo de um navio italiano, regressava ao Rio de Janeiro. Mas, antes de chegar, foi preso, tendo seu passaporte confiscado pela polícia de Washington Luís. A Seção de Ordem Política e Social, a mando do chefe da 4.ª Delegacia Auxiliar, emitiu documento informando a ocorrência:

4ª DELEGACIA AUXILIAR

SEÇÃO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

Informação

Dia 31 – Octavio Brandão chegou hoje da Argentina, às 6 horas, a bordo do CONTE VERDE, vapor italiano, que atracou no Armazém n.º 18 da Praça Mauá. De bordo desse vapor foi o mesmo embarcado na lancha da Polícia Marítima até a sede desta, sendo ali solto por ordem o Sr. Dr. 4.ª Delegado Auxiliar.

Rio, 31 de maio de 1930.
Chefe da Sessão¹

Mesmo sendo solto logo depois, Octavio Brandão não conseguiu evitar que a polícia lhe confiscasse o passaporte, apesar de todos os seus protestos. Dias depois, participava de uma reunião da Comissão Central Executiva (CCE) do PCB. Nela, o seu ex-integrante – que durante anos fez parte da máxima instância decisória do partido – era oficialmente “demitido em 5 minutos, sem nenhuma cerimônia”.²

Profundamente amargurado, o militante comunista precisava acostumar-se com a nova situação de ostracismo político. Mesmo que fosse deslocado para uma posição secundária na hierarquia partidária, o PCB ainda precisava de seus serviços. Diferente,

¹ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Setor: “Prontuário Octavio Brandão”, pasta GB, folha 2077.

² BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 381.

portanto, do que se sucederia anos mais tarde, principalmente a partir da década de 1950, quando Octavio se encontraria na mais completa marginalidade política.

Dessa maneira, a partir de junho de 1930, em qualquer reunião da qual o ex-dirigente comunista participava, era constante a realização de intermináveis sessões de autocríticas. Além desse delicado momento em sua vida militante, Octavio Brandão seguia convivendo com outra incômoda dificuldade: a vida ilegal. Sua rotina de se esconder na casa de alguns operários continuava. Escapava das tocaias e das batidas que os agentes da polícia faziam em sua casa ou em outros lugares em que pernoitava.

Numa noite de julho, embora a polícia política não o tivesse encontrado, conseguiu identificar uma velha maleta que Octavio guardava num pequeno barraco, no bairro carioca do Cosme Velho. Nela, o militante comunista, durante anos, havia reunido valiosos materiais como os estudos que fizera sobre os indígenas, artigos, manifestos, volantes, livros, fotografias, além de apontamentos das primeiras viagens que realizou pela região dos canais e lagoas de seu estado natal. Todos esse papéis, para a sua infelicidade, foram apreendidos pelos agentes da polícia que se recusaram a lhe devolver.

A atitude truculenta dos órgãos de repressão causou profunda indignação em Octavio e Laura Brandão. Coube, todavia, a sua esposa e companheira, a realização de veemente denúncia pública contra toda essa situação de arbitrariedade. A poetisa, não encontrando, naquele momento, espaço na imprensa carioca, resolveu publicar um protesto no jornal *Diário de São Paulo*, do dia 9 de agosto, fazendo o seguinte apelo:

“Se o proletariado e os intelectuais do Brasil não protestarem, todas as obras literárias e científicas inéditas de Octavio Brandão serão destruídas por um auto de fé na Polícia Central. (...) Acostumada a ver nosso modesto lar invadido pelos agentes policiais que revolviam todos os papéis íntimos e carregavam documentos preciosos... sem relação alguma com a luta política, tratei de guardá-los fora de casa... que durante anos rolaram por vários esconderijos... Há quase dois meses vou à Polícia Central ansiosa para reaver estas obras. Em vão! A polícia pretende destruí-las num auto de fé como já fez com outros trabalhos de meu companheiro... Apelo para o povo, para os homens de cultura e, em particular para o proletariado, não permitirem que, sob o pretexto de luta política, a polícia destrua obras literárias e científicas. Seria um crime contra a cultura permitir em silêncio a consumação deste monstruoso auto de fé”.³

A denúncia de Laura surtiu efeito. No dia 24 de outubro, populares invadiram a Polícia Central para libertar o militante comunista. Mas, para o azar de Octavio, quebraram os vidros da delegacia, jogaram e atearam fogo em tudo o que encontraram pela frente; sem saber que lá se encontravam os papéis valiosos de Brandão, não pouparam nada.

³ *Diário de São Paulo*. 09.08.1930. Citado in BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*, op. cit., p. 150.

Coincidentemente, naquele mesmo dia, deu-se início a vitória da chamada Revolução de 1930. Sobre este episódio, o próprio Octavio, em seu relato autobiográfico, assinalou que, no dia 24 de outubro daquele ano,

“não houve uma verdadeira revolução. Tiveram lugar golpes armados numa pretensa ‘revolução’. O poder não foi conquistado por uma nova classe – progressista. Deu-se *um deslocamento* de grupos dentro das mesmas classes exploradoras e opressoras – os latifundiários e os grandes burgueses. (...) Os dirigentes de 1930 eram reacionários mascarados de ‘revolucionários’, velhos cúmplices de Epitácio, Bernardes e Washington Luiz”.⁴

Nessa emblemática passagem é possível perceber significativa mudança de posição no que se refere àquilo que escrevera em *Agrarismo e industrialismo*. Neste último texto, a Revolução de outubro de 1930 era entendida como a “terceira revolta”, aguardada pelo partido, à medida que significaria o “esmagamento dos agrários”, ou seja, na memória do PCB, não somente Octavio Brandão como outros militantes consideravam o movimento político-militar de 1930 não como revolução, mas uma simples quartelada ou uma “contra-revolução”, alheia à participação popular.⁵

Outrossim, vale ainda destacar que, em relação a Getúlio Vargas, Octavio Brandão sempre tivera notória aversão. Muito provavelmente tal repulsa ao chefe do governo provisório possa ser explicada pelo fato de ele ter sido o responsável direto pela deportação do militante comunista e de sua família para Alemanha, como veremos adiante. Mas o certo é que em vários textos, artigos ou depoimentos que referentes a Vargas, Brandão jamais deixou de assinalar duras críticas e acusações ao político gaúcho.

Em sua autobiografia, há uma determinada passagem que não deixa dúvida a esse respeito, ao afirmar que Getúlio Vargas

“Foi um produto do ambiente dos pampas e de seus grandes proprietários rurais. Reflexo real da sua classe de latifundiários (...) Camaleão da caudilhagem, ora era conservador, ora ‘revolucionário’, ora ‘democrata’ ou ‘nacionalista’, conforme os interesses do momento e as conveniências locais.

Polítiqueiro, estadista de fancaria, tinha a mentalidade caudilhesca, a vontade monstruosa do poder pessoal, a ambição louca do poder perpétuo – para si e para sua classe latifundiária. (...)”

⁴ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., pp. 386-387.

⁵ Dentre outros militantes que, em suas memórias, corroboram com esta tese, destaco BEZERRA, Gregório. *Memórias: primeira parte: 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, pp. 216-127; BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*, op. cit., pp. 96-97; PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio históricos e políticos*, op. cit., p. 191.

Foi o corruptor-mor da História do Brasil. (...) Era um indivíduo sem escrúpulos. Frio e cruel. Calculista e impassível. Individualista e egocentrista. Velhaco e hipócrita. Refalsado e espertalhão. Sua alma era um abismo sem fundo”.⁶

O certo é que, desde o início da Segunda República, os principais líderes da Revolução de 1930 não diminuíram a perseguição aos comunistas. Muito pelo contrário. Como destaca Paulo Sérgio Pinheiro,

“após o golpe militar de 1930, a violência infligida às classes populares no policiamento de rua, nas delegacias e nas prisões não se alterou. Certamente não mudaram os termos da política deliberada de repressão aos dissidentes políticos, todas aquelas correntes que não se inclinaram à pauta de normalização do novo regime”.⁷

No início de outubro de 1930, Octavio Brandão que permanecia na ilegalidade, tomou uma arriscada decisão: ir a sua casa, no final da noite, onde há meses não aparecia para buscar alguns pertences. Embora momentaneamente tenha conseguido despistar os agentes e entrar na residência, logo depois foi surpreendido. A polícia, que há dias vigiava a moradia, chegou no início da madrugada e prendeu-o. Era a décima terceira vez que o militante comunista era detido. Imediatamente, o então intendente do Bloco Operário e Camponês escreveu uma carta denunciando a forma arbitrária de que era novamente vítima. A mensagem foi lida na sessão do dia 4 e publicada no Jornal do Comércio. Brandão foi levado para a Casa de Correção, onde permaneceu detido por vinte e um dias. No dia 24 de outubro, como já assinalamos, uma multidão invadiu aquele presídio e começou a soltar os presos. Octavio e outros conseguiram sair.

No dia seguinte, o PCB realizou comício, na Praça Mauá, no qual os militantes comunistas se manifestaram sobre o movimento civil-militar que derrubou a Primeira República. Por orientação do partido, Brandão era um dos responsáveis pela agitação. Mas, antes mesmo do final de sua intervenção, o comandante da cavalaria chegou ordenando a imediata dispersão dos manifestantes. Diante de certa resistência dos comunistas e demais simpatizantes, deu-se início à violenta dispersão do comício “a sabre e pata de cavalo”, como lembra o próprio Octavio Brandão. Procurando escapar, o ex-dirigente era novamente preso, tendo ficado, assim, menos de um mês em liberdade. Foi encaminhado para a delegacia situada na Rua do Acre, próxima da Praça Mauá.

⁶ BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., pp. 394-395.

⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)*, op. cit., p. 259.

O chefe de polícia era o General Bertoldo Klinger que havia sido um dos mais implacáveis perseguidores da Coluna Prestes-Miguel Costa. Num determinado momento, chegou a dar ordens para fuzilar Brandão. Como houve certa discordância com essa decisão por parte de outros militares, preferiram enviar o militante comunista à Casa de Correção⁸. Logo a seguir, foi transferido para a Casa de Detenção. Nesse presídio, Octavio Brandão passou por maus bocados. Ficou sem direito a sol e incomunicável. Contraiu ainda bronquite e laringite.

No início de novembro de 1930, João Batista Luzardo – ex-intendente pelo Distrito Federal e um dos homens de confiança de Vargas – assumia a chefia da Polícia Política do Governo Provisório.⁹ Realmente, o novo chefe de polícia apertou ainda mais o cerco aos comunistas. Dias depois, Minervino de Oliveira, o outro ex-intendente do BOC, também foi detido. Vale dizer que este último e Octavio Brandão eram, naquele momento, os únicos presos políticos da Casa de Detenção.

Em dezembro, Laura Brandão tomava nova iniciativa solidária. Correu aos jornais no sentido de publicar artigos protestando contra a prisão e a violência cometida pela Polícia Política contra seu companheiro. Imediatamente, no dia 5 daquele mês, redigia uma carta para o jornal *Correio da Manhã*, onde fazia a seguinte denúncia:

“Após 62 dias na Casa de Correção e no Pavilhão dos criminosos primários, na Detenção, o meu esposo, o escritor e proletário Octavio Brandão, continua sem processo, sem acusação, sem ter sido interrogado pelas autoridades (...). De todas as suas 14 prisões, a do dia 25 foi a mais brutal. (...) Metido num cubículo, a saúde abalada por anos de lutas e perseguições, sem sol, sob a friagem, no mais profundo isolamento, adoeceu gravemente. Transferido pelo atual diretor para uma saleta, melhorou, mas não se restabeleceu.

Esposa e mãe, tenho o dever de zelar pela saúde de meu companheiro de tantos anos. Por tudo isto, reivindico mais uma vez, ao chefe de polícia, a transferência de Octavio Brandão para um quartel”.¹⁰

Os esforços de Laura Brandão valeram a pena. Octavio, enfermo, foi transferido da Casa de Detenção para o Hospital da Polícia Militar, no bairro do Estácio. Apesar de o

⁸ Cf. _____. “Vida vivida”. (autobiografia desde sua formação inicial até a clandestinidade na década de 50). S.l., 04.04.1952, 200p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, pasta 112, p. 129. [dat.].

⁹ Em outubro de 1930, quando o movimento armado se iniciou, Batista Luzardo comandou o levante em Uruguaiana e, em seguida, rumou para os estados vizinhos, onde também participou de operações militares. Vitorioso o movimento, foi nomeado por Vargas para chefiar a polícia no Distrito Federal, função na qual destacou-se pela repressão às organizações de esquerda, chegando a proibir as manifestações do dia 1º de Maio de 1931. Cf. BELOCH, Israel & ABREU, Alzira (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, FGV/Cpdoc, Finep, 1984, p. 1967.

¹⁰ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10.12.1930, p. 3.

preso merecer constante e redobrada vigilância, nesse momento pôde ao menos ter contato com os livros. Esse novo ambiente estimulou-o a escrever poesias, além de textos políticos.

Octavio Brandão aproveitou-se também do ambiente que, aos poucos, tornou-se menos rigoroso e começou a fazer propaganda de idéias junto a alguns guardas, talvez superestimando a sua situação de preso. Não demorou a ser descoberto por um superior. Como punição, devolveram-lhe à Casa de Detenção, onde foi metido no chamando “necrotério”, o pior cubículo do pavilhão, fechado e isolado dia e noite.

Inconformada com essa dramática situação, sua incansável companheira novamente redigia uma carta para a imprensa. Datada do dia 23 de dezembro, foi publicada no jornal *Diário de Notícias*. Inicialmente, destaca que a transferência de Octavio Brandão para outra prisão era conseqüência de seus “esforços exaustivos”. Mas, logo a seguir, mostra a sua decepção com a nova situação de seu companheiro. Devido às rigorosas ordens do chefe de polícia, lamenta: “A saúde de meu esposo piora, apesar da boa vontade dos médicos”. A seguir, preocupada em demonstrar ao grande público a real situação de Brandão, faz uma minuciosa descrição de como era o seu dia-a-dia na prisão:

“No Hospital da Polícia, onde ele se encontra, a INCOMUNICABILIDADE É MAIOR que na própria Detenção. Não pode falar com pessoa alguma, vivendo no mais completo isolamento. Nenhum amigo tem podido ir visitá-lo há 79 dias já! Está num quarto, sem direito de sair, a não ser por 10 minutos, quando vai ao médico, mas, para isto, tem de ser escoltado por três soldados que, por vezes, vão de armas embaladas. Dia e noite, dois sentinelas, de fuzil e baionetas vigiam-no, SOB AS ORDENS MAIS SEVERAS. Está preso há 79 dias, sem interrogatório, sem acusação, sem processo!”.¹¹

No final da carta, Laura Brandão denuncia a violência que ela e suas pequeninas filhas sofriam, ao afirmar que a polícia “manda-nos espionar pelos seus agentes”. Concluindo, fazia um protesto e, concomitantemente, a seguinte exigência: “Basta de arbitrariedade! Restituam a liberdade de meu esposo”!

Já se passavam mais de setenta dias e Octavio Brandão continuava preso. Nesse momento, começavam a ser constantes os protestos em prol de sua liberdade. Não somente do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas também de países como a Argentina e o Uruguai, irradiava-se uma cadeia de solidariedade a Octavio Brandão.

Um exemplo de significativo gesto de apoio a Brandão pode ser visto num episódio que ocorreu com Maurício de Lacerda. Esse último, ex-intendente, depois de dezembro, aceitou a função de “embaixador da Revolução de 1930”, sendo enviado por Getúlio

¹¹ *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23.12.1930, p. 3. (Maiúsculas do original).

Vargas à capital uruguaia, no sentido de apresentar ao presidente daquele país os propósitos no novo governo brasileiro. Mas, quando desembarcava no porto de Montevideú, vivenciou constrangedora situação. Uma jovem operária aproximou-se dele com um ramo de flores. Quando o parlamentar esboçou uma reação receptiva à abordagem da trabalhadora, para seu espanto, ela deu-lhe um tapa no rosto, na presença de representantes do governo uruguaio. Mesmo sendo contida pelos seguranças locais, outras pessoas que assistiam àquela cena incomum fizeram a sincera manifestação em favor de Octavio, gritando: “*Viva Octavio Brandão! Abajo Maurício de La Cerda!*” (Maurício da porca).¹²

Segundo Octavio Brandão, depois dessa enorme desmoralização política sofrida pelo político carioca – mas que também manchava a imagem do governo provisório –, houve uma reunião de Vargas e os dois principais nomes da polícia política, Batista Luzardo e Salgado Filho.

Procuravam discutir uma maneira de agir contra o ex-dirigente comunista. Mesmo ocupando posição secundária no PCB, Brandão ameaçava de alguma maneira o governo instaurado pela Revolução de 1930. Não é casual que as autoridades tenham o intimado para uma conversa com o titular da 4.^a Delegacia Auxiliar, Salgado Filho. Iniciava o ano de 1931, e há 105 dias, Brandão estava encarcerado. A respeito desse tenso encontro, relembra o comunista alagoano:

“Este policial recebeu-me com ‘amabilidade’ aparente, hipocrisia de fato. Ofereceu-me café. Recusei. Comunicou-me que estava solto. Pedi-lhe a restituição de meus livros (...), cadernos de apontamentos etc., confiscados pela polícia do governo Washington Luis, em julho de 1930. Salgado Filho recusou. Insisti com energia (...) O policial fechou a cara a recusou brutalmente. Então com firmeza, ameacei-o cara a cara: ‘Pois saiba que o proletariado virá buscá-los!’.

Salgado Filho ficou furo de raiva. Gritou: ‘Mas que audácia! Que insolência! Insultar a autoridade! Recolham-no ao xadrez. Todo um bando de policiais acorreu imediatamente. Agarraram-me e levaram-me para o xadrez’.¹³

Vale dizer que Salgado Filho foi escolhido “a dedo” por Batista Luzardo. Numa entrevista em que justificava a opção pelo nome daquele que, poucos anos depois, seria o Ministro do Trabalho, o chefe da Polícia Política do Governo Provisório dizia que o seu preferido era “um patriota” e “consciente de suas funções”. Além disso, tratava-se de “um homem de talento, de educação e caráter, jurista de valor e republicano de inabaláveis

¹² BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. 399. Ainda segundo o próprio Octavio, a narrativa desse acontecimento foi publicada no jornal do PC uruguaio, *Justicia*, no dia 16.12.1930.

¹³ Idem, p. 400.

convicções”. Todos esses atributos credenciavam Salgado Filho para a imediata necessidade de se mudar “a perversa orientação” que caracterizava a atuação da 4.^a Delegacia Auxiliar do Distrito Federal. Assim, tornava-se urgente, segundo Luzardo, que

“a nova ordem de coisas implantadas no Brasil, por efeito da revolução, destruiu esse passado tenebroso de injustiças e de atrocidades, convencendo-se a população carioca de que a polícia deve ser uma instituição legal para amparo e defesa da sociedade e não um aparelho destinado a apavorar e perseguir inocentes desafetos”.¹⁴

Depois de passar mais alguns dias na prisão, Octavio Brandão finalmente era posto em liberdade. Exausto e doente, mas alegre e confiante, o militante comunista encontrava sua companheira Laura e as pequenas filhas. Elas viviam numa situação difícil, de pobreza constante. Brandão logo tratou de arrumar um trabalho. Mas nada encontrava. Depois de tanto procurar, conseguiu ao menos um serviço temporário, mas um tanto quanto incomum: servente do Instituto dos Surdos e Mudos. A ironia é que, só entre os deficientes auditivos, Octavio Brandão dispunha de uma antes impensável liberdade para fazer sua propaganda.

Para começar o novo ofício, Octavio precisou superar um dilema. Comunicaram-lhe que era necessário um encontro prévio com o Ministro da Educação, Francisco Campos, a fim de ser autorizado o seu trabalho. Por levar muito a sério um demasiado “puritanismo”, ou seria melhor dizer, um “principismo” em suas atitudes, concluiu que não aceitar o emprego seria mais correto, do que apertar a mão de um “politiqueiro reacionário”, como dizia. Dessa maneira não conseguiu ofício de espécie alguma.

Octavio Brandão, como já se afirmou, cumpria obrigações de segunda ordem na hierarquia do PCB. Mesmo assim, realizava algumas importantes tarefas. A direção do partido decidiu que caberia a ele retomar o trabalho de circulação do jornal *A Classe Operária*, que não aparecia desde as perseguições de 1929. Começou, então, a juntar militantes de confiança, a obter determinada quantia em dinheiro com os operários, além de procurar um local seguro onde pudesse imprimi-lo. Na distribuição foi auxiliado pelo ferroviário Romualdo de Andrade e por João Domingos Silva, ex-estudante e servente de pedreiro.

Tantos esforços não foram em vão. No dia 11 de abril de 1931, reaparecia, ilegalmente, o n.º 111 de *A Classe Operária*. Como não poderia deixar de ser, logo a polícia mobilizou-se para descobrir a tipografia do jornal e, imediatamente, prender seus

¹⁴ *Correio da Manhã*. 21.12.1930, primeira página.

responsáveis. Embora tivesse seus cuidados, como disfarces e utilização de nomes falsos, Octavio Brandão não conseguiu impedir que a polícia descobrisse o local, graças a um episódio inesperado para ele: a cooperação de João Domingos Silva. Este último, que estava desempregado, recebeu uma proposta financeira da polícia para auxiliar nas investigações. Acabou aceitando e tornou-se um infiltrado entre os camaradas que trabalhavam no jornal, delatando-os.

Ainda no final de abril, quando Octavio subia as escadas do sobrado do Beco da Fidalga – perto da estação das barcas e local da redação do jornal – foi preso pela décima quinta vez. Sobre essa nova detenção em sua vida, recordava em suas memórias:

“Às 10 da noite de 23 de abril de 1931, no Rio de Janeiro, segui pela rua São José e entrei no labirinto de travessas. Todas, desertas, silenciosas. Tudo parecia normal. Subi a escada da casa do Beco da Fidalga 20, sobrado. Nisto, de surpresa, vi que vários revólveres estavam apontados para mim. Os policiais disseram-me: ‘– Suba! Voltei-me. A porta também estava ocupada e mais um revólver apontado’”.¹⁵

Violentemente agredido, Octavio foi levado à Polícia Central e metido na “geladeira”, o célebre cubículo de chão de cimento frio e grades na janela. Lá permaneceu por seis dias. Não demorou muito para adoecer, desenvolvendo uma forte febre. Mesmo assim, foi transferido para a Casa de Detenção e colocado, outra vez, no chamado “necrotério”, ficando isolado e sem sol. Temia mesmo ser deportado para a Colônia Correccional de Dois Rios, como outros comunistas¹⁶. Essa sua nova estada consecutiva na Casa de Detenção coincidiu com os últimos meses em que Octavio viveria no Brasil. Aguardava punição mais dura. Em maio era cogitada a possibilidade de sua deportação, juntamente com outros camaradas, para a Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande. Mais uma vez, Laura Brandão escrevia, agora para o jornal *Correio da Manhã*,

¹⁵ Idem, p. 403.

¹⁶ A Colônia Correccional de Dois Rios era até 1930, destinada aos presos comuns, à “escória da malandragem”, segundo Heitor Ferreira Lima, que foi deportado para lá, em 1932, onde permaneceu por quase um ano. (LIMA: 1986, p. 163). Mas, com o advento da Revolução de 1930, “a dita colônia”, no dizer do militante comunista que lá também esteve, o cearense Francisco Theodoro Rodrigues, – “está servindo de presídio a políticos, principalmente os do Partido Comunista”. Neste lugar – continua o militante – “as pancadas não visam somente contundir a vítima, mas também quebrar-lhe os ossos”. RODRIGUES, Francisco Theodoro. *Os 16 deportados*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2000, p. 37. Essa obra tem uma peculiaridade que vale ser destacada pelo fato de serem anotações feitas por esse militante do PCB, em forma de caderneta, narrando o momento de sua prisão ocorrida, em 1931, ainda no interior do Ceará, sua deportação para o Rio e a posterior volta ao Nordeste, no ano de 1932, além do longo período de clandestinidade que enfrentou. Seus “papéis”, no entanto, foram apreendidos pela polícia e nunca mais devolvidos a seu autor. Passados quase setenta anos, eles finalmente vieram a público, num extraordinário esforço de recuperação da memória feito pelo APERJ, onde se encontram os originais.

denunciando mais uma arbitrariedade que a Polícia Política queria cometer contra seu companheiro, ao afirmar:

“(…) Preso a 23 de abril pela 15.^a vez, metido na geladeira, incomunicável, cinco de seu companheiros foram esmurrados. Agora, ele, apesar de ter um diploma de farmacêutico e mais vinte e cinco companheiros estão numa lista da secretaria da Detenção para serem deportados para a Colônia Correccional de Dois Rios como se fossem criminosos. Aí serão surrados, como já o foram seus companheiros José Maria e Manoel Soares.

Doente e depauperado essa deportação, com as barbaridades que o aguardam na Colônia Correccional, tem por fim matar lentamente Octavio Brandão. Esposa e mãe, protesto contra esta selvageria e reivindico a liberdade de meu marido cujo pretenso crime é ser um homem de ideal. Protesto igualmente contra os espões que a polícia põe no meu encalço, bloqueando-me a casa dia e noite”.¹⁷

Apesar de, no último momento, o nome de Octavio Brandão ser retirado da lista de deportação, nem tudo era alegria para ele. Afinal, quatorze de seus camaradas não tiveram a mesma sorte. Mesmo assim, Brandão não teve alívio.

Em de maio de 1931, Salgado Filho ordenou isolar totalmente o preso comunista. Não se sabe o que teria levado o delegado a tomar tal atitude. Talvez temesse uma repetição do episódio ocorrido em outubro de 1930, quando populares invadiram a cadeia e libertaram Brandão.

No dia 18 de junho de 1931, depois de permanecer cinquenta e seis dias preso, Octavio Brandão foi cercado por oito agentes da Polícia Política bem armados e retirado da prisão. Seu destino não era a transferência para outro presídio. Tratava-se de terrível surpresa: seria deportado para Alemanha, com Laura Brandão e as três crianças. Temendo uma manifestação que pudesse impedir os planos de Vargas, de Salgado Filho e de Batista Luzardo, a polícia bloqueou as saídas. Somente poucos amigos, entre eles o pai de Laura, o Sr. Domingo Leopoldino e a amiga do casal, a Doutora Nise da Silveira, tiveram autorização para irem ao porto. Referindo-se aos motivos que haviam levado o governo de Getúlio Vargas a deportá-lo, Octavio apresentava invariavelmente determinadas versões que muitas vezes deixavam mais dúvidas do que certezas. Numa entrevista realizada em 1979, ao ser perguntado se realmente representava uma ameaça ao chefe do governo provisório, ele disse que “*atrapalhava a obra dele*”. O motivo que alegava era a repercussão negativa do incidente acontecido a Maurício de Lacerda e dos gritos que populares deram em favor de Octavio, em Montevideu. Esse episódio, segundo o ex-dirigente comunista, poderia “trazer complicações” ao governo brasileiro.¹⁸

¹⁷ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27.05.1931, p. 5.

¹⁸ Entrevista de Octavio Brandão à *Revista Aparte*, op. cit., p. 14.

Pelo fato de não termos encontrado nenhum documento oficial que explicasse ou pudesse comprovar a argumentação jurídica dos motivos que teriam levado Vargas e seus subordinados a terem optado por tal decisão, podemos sustentar que as razões para esse fato foram exclusivamente políticas. Octavio Brandão não era imigrante e ainda era casado com uma brasileira. Além disso, exercia mandato parlamentar, tendo sido eleito vereador durante as eleições municipais acontecidas em 1928. Mesmo assim, Brandão, de maneira ilegal, era banido de seu país, juntamente com sua família. Tornava-se, assim, o primeiro preso político do PCB a ser deportado pelo novo governo, chefiado por Vargas.

Fortemente escoltado por oito agentes da polícia política bem armados, Octavio e seus familiares foram colocados no navio alemão *Weser* que, às 3:45 da tarde, partiu do cais da Praça Mauá. Começava o segundo exílio¹⁹ do militante comunista, o primeiro para o exterior que duraria quinze anos, de 1931 a 1946. No prontuário de Octavio, localizei pequena nota de um jornal em espanhol sem indicação de origem, nem data, informando o embarque para Europa que ele e sua família foram obrigados a realizar. Intitulado “*Octavio Brandão: expulsado y deportado del Brasil*”, é interessante perceber que o ex-dirigente do PCB era apresentado como sendo um intelectual bem conhecido na América Latina. Eis a notícia:

“A última hora recibimos la noticia del embarque sigiloso de Octavio Brandão y su familia, realizado por el gobierno de Getúlio Vargas en el Cap. Arcona con destino a Europa. Brandão, dirigente abnegado del movimiento revolucionario brasileño, ex-concejal comunista de Rio de Janeiro y uno de los fundadores e de la CGTB., intelectual de injundia bien conocido en América Latina, después de sufrir los mais abyectos véjames de la dictadura a quien canta loas Mauricio de Lacerda; enfermo de gravedad y sin recursos, es brutalmente expatriado por los verdugos del proletariado brasileño, agentes cínicos del imperialismo!

Luchemos contra la dictadura brasileña y por los centenares de obreros luchadores que gimen en las cárceles de Getúlio Vargas y en la Isla Fernando de Noronha!”²⁰

¹⁹ O “primeiro exílio” a que Brandão se referia aconteceu, no início de maio de 1919, quando o jovem Brandão foi obrigado a deixar o seu estado natal, Alagoas, depois de ter sofrido uma séria ameaça de morte, caso lá permanecesse.

²⁰ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Octavio Brandão e a família no navio Weser, deportado para a Alemanha, em junho de 1931



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

As pequenas filhas Sáttva, Vólia e Dionysa, em Moscou, em 1932

4.2- Primeiros anos em Moscou: dificuldades e desconfianças

“Em Moscou, levei uma vida de contrastes. De um lado, vivi apaixonadamente a grandiosa realidade da revolução. Acompanhei com entusiasmo o primeiro plano de 5 anos, a construção dos fundamentos do socialismo, a industrialização, a coletivização da agricultura e a revolução cultural. (...) Mas tive também reveses em Moscou (...).”

(Octavio Brandão. *Luta libertadora: 1931-1970*, 1970)

Depois de vinte e três dias de viagem, a família Brandão desembarcou na cidade portuária de Bremernhafen. Imediatamente pegaram um trem com destino a Bremen, na noite do dia 9 de julho de 1931, aonde chegaram após duas horas de percurso.

A travessia marítima foi problemática. Octavio Brandão, desde que deixara a prisão e no momento em que fora levado ao porto para embarcar, enfrentava enormes problemas de saúde, tendo sua gripe logo se transformado em pneumonia. Ao chegarem a Bremen, foram recebidos por Josias Carneiro Leão, cônsul-brasileiro, que sabia da deportação do comunista brasileiro. Brandão, doente e muito debilitado, mal conseguia andar e era quase carregado pela mulher. Decidiram, então, descansar por dois dias na casa do hospitaleiro Josias Leão, de modo a se recuperarem do cansaço da viagem e pensarem no que iriam fazer pela frente.

Octavio, já recuperado da pneumonia, e a família tomaram o trem em Bremen com destino a Berlim, pois desejavam muito visitar os túmulos de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburgo, maiores expoentes da esquerda revolucionária alemã que haviam sido assassinados em janeiro de 1919. Embora houvesse entrado na Alemanha legalmente, as autoridades brasileiras e a polícia política alemã, segundo Octavio Brandão, haviam-no intimado a deixar o país, sob pena de ser preso por seis meses e deportado.²¹

Ele procurou contornar sua delicada situação solicitando asilo político na União Soviética, único país que não fazia objeção aos exilados. No dia 11 de julho de 1931,

²¹ BRANDÃO, Octavio. *Luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas vol. 2)*, inédito, p. 59.

embarcou para Moscou. Depois de quatro dias de viagem, chegou à capital soviética. Lá, Octavio novamente procurou o Socorro Vermelho. Foi com a família para a Casa dos Emigrados Políticos. Logo depois, mudou-se para o famoso Hotel Lux, no apartamento n.º 10, localizado no centro de Moscou, na Rua Tverskáia.²² O quarto era pequeno. O banheiro e a cozinha ficavam fora do quarto, nos fundos de um estreito corredor. Essa situação era vivida por todos aqueles exilados políticos sem maior prestígio na estrutura dominante dos PCs. Ao contrário de outros dirigentes, como o italiano Togliatti, Dimitrov, Tito e o próprio Prestes. Este último, embora não houvesse ainda sido aceito como membro efetivo do PCB, viajou acompanhado de sua família, a convite do SSA-IC, para trabalhar como engenheiro. Aliás, vale dizer que, mesmo assim, logo a sua chegada, em outubro de 1931, o “Cavaleiro da Esperança” e a sua família foram instalados num apartamento recém-construído, de vários cômodos, com cozinha, banheiro e outras dependências.

A vida no Hotel Lux para a família Brandão não foi nada fácil. Além do enorme frio que sentia, agravado ainda mais pelo inverno já iniciado, precisou logo se acostumar com uma rotina peculiar, muito provavelmente devido à admoestação formal que havia recebido da Comissão Internacional de Controle. A esse respeito, Valná Brandão, uma das filhas do casal, lembra que “qualquer pessoa que entrasse para visitar a família, ou para tomar um simples cafezinho, era obrigada a deixar o passaporte e receber uma licença para entrar, principalmente se fosse russo”.²³

Depois de finalmente estabelecer-se, juntamente com sua companheira e as pequenas filhas, na nova residência, Octavio Brandão logo procurou escrever uma mensagem ao povo brasileiro, explicando sua situação. Tratava-se de sua “Carta de um deportado”, redigida no dia 21 de julho de 1931. Nesse escrito, acusa Getúlio Vargas pelo desterro que sofrera, além de denunciar a arbitrariedade com que o governo recém-instaurado tratava os demais comunistas que continuavam sendo vítimas de perseguições políticas. Num trecho de sua mensagem, assinalou tais acontecimentos:

“A polícia política resolveu, por contra própria, que eu não mais poderia ficar no Brasil, apesar de ser brasileiro, descendente de quatro gerações de brasileiros. Foi, portanto, com a maior surpresa que, num dos cubículos da Polícia Federal, recebi a comunicação do 4.º

²² Para um breve e interessante relato das peculiaridades e lendas que se contavam sobre o famoso hotel, ver WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou. A história secreta da revolução brasileira de 1935*, op. cit., especialmente as págs. 15-18.

²³ Depoimento em vídeo de Dionysa Brandão Rocha e Valná Brandão Tchudinova ao Arquivo Edgard Leuenroth. Unicamp, Campinas, 10.08.1994, duração: 1h 43min.

delegado de que teria de embarcar para a Europa com a família. Respondi que não queria sair do Brasil. Então fui cientificado de que embarcaria de qualquer forma.

Vendo que a polícia queria mesmo deportar-me do país natal, propus, sucessivamente, ir para um engenho de Alagoas, para qualquer parte do Brasil, para o Uruguai, para outros países da América Latina. Em vão. Declarei à polícia que só embarcaria como deportado e não por minha própria vontade.

(...) Por ser solidária na luta, a companheira também seria deportada. E, igualmente, expulsas como indesejáveis, também seriam as nossas três filhas, três crianças, a maior das quais tem 9 anos. (...) Tive de embarcar, sob a guarda de oito agentes da polícia secreta. (...)

É tão grave a situação brasileira perante o despertar dos operários e camponeses, que o governo, armado até aos dentes, tema um simples militante, sua companheira e três crianças.

Protestamos contra a prisão dos companheiros martirizados na Detenção do Rio, na Colônia Correccional, em Fernando de Noronha e nas prisões de outros estados. (...)²⁴

Em menos de um ano de estada em Moscou, um episódio que, a princípio era considerado completamente banal para Octavio Brandão, assumiu proporções que seriam, pouco tempo depois, bastante negativas a sua permanência na pátria do socialismo. Refiro-me ao fato de, logo após sua chegada a Bremen, ter se hospedado, por duas noites, na casa de Josias Leão. Este último havia sido expulso do PCB, acusado de “traição ao proletariado”²⁵. Para piorar ainda mais a sua situação, logo que chegou à capital soviética, Octavio não seguiu o método tradicional e obrigatório a todos militantes que para lá se dirigiam: preencher formulários confidenciais, as famosas *anketas* (questionários, em russo), aos quais deveria ser acrescentada uma autobiografia redigida pelo próprio punho. Havia uma observação lembrando ao militante que todas as informações deveriam ser as mais minuciosas e precisas, devendo indicar, no final, nomes que pudessem comprová-las.

²⁴ BRANDÃO, Octavio. “Carta de um deportado”. Moscou, 21.07.1931. Citado in CAVALCANTI, Luitgarde de Oliveira Cavalcanti. (org). *Octavio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*, op. cit., pp. 116-118.

²⁵ Antigo integrante da Coluna Prestes e depois membro do PCB, Josias Carneiro Leão foi expulso do partido por suas diferenças no final dos anos 1920. Como Octavio Brandão, também se opôs à linha da sovietação imediata e da intervenção da IC no PC. Mas teve uma posição diferente à do ex-dirigente que aceitou fazer uma autocritica de suas posições para não ser excluído da organização comunista, durante a I Conferência dos PCs em 1930, realizada em Buenos Aires. Para justificar a ordem de expulsão de Josias (além de outros dois, Plínio Melo e Luís de Barros) das fileiras do partido, a resolução do Bureau Político do PCB noticiava a seus militantes: “Enquanto a Aliança Liberal reprimia violentamente o movimento operário e camponês, jogava no xadrez os militantes proletários e fuzilava os trabalhadores que se recusavam a derramar seu sangue por eles, esses renegados do comunismo participavam ativamente dos estados-maiores dos generais reacionários, prestando-se a manobras miseráveis dos generais aliancistas, como por exemplo, a criação do partido comunista ‘legal’ de São Paulo, com o qual os Joões-Albertos queriam enganar as massas”. *Classe Operária*, n.º 107, 25.11.1930. Citado in DULLES, John Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*, op. cit., p. 366. Após sua expulsão do partido, Josias Leão iniciou uma longa carreira no serviço diplomático brasileiro.

Nelas dava-se ainda especial ênfase a pontos como “origem social”, “relacionamento com pessoas de outras classes” e, sobretudo, “prisões e punições”.²⁶

O erro ou esquecimento de Octavio Brandão que deixara de registrar, em sua autobiografia e na *anketa*, o “grave” episódio que cometera em Bremen – ter aceitado a hospedagem oferecida por um “renegado” – logo lhe ocasionaria sérios problemas. Em abril de 1932, o Birô Político do Comitê Central do PCB, em carta enviada à IC, fazia a seguinte censura formal a Octavio:

Aos camaradas da Seção Latina-Americana do Komintern

Tendo o P.C. do Brasil recebido informações seguras de que o camarada Oct. Bra., quando se dirigia para Rússia, teve ligações com um dos nossos piores inimigos, um traidor do proletariado, causador da morte, espancamento, deportações, maltratos na polícia de nossos melhores militantes, um dos provocadores causadores da desorganização do Partido, tentando mesmo transformá-lo em um Partido da pequena-burguesia, ligando aos golpistas e outros elementos vendidos declaradamente aos imperialistas como Miguel Costa e outros elementos (...). É a esse tipo que o camarada Oct. Br. procura para minorar suas dificuldades particulares, quando podia muito bem tê-lo feito a membros do P.C. alemão na região de Bremen, onde se encontrava tal indivíduo. O mais interessante de tudo isso é que o nosso camarada nem sequer nos comunicou o ocorrido, quando, ele Oct., muito bem sabia quem era esse elemento, isto é, Josias Leão, no Consulado Brasileiro, em Bremen, e a resolução do P.C. do Brasil, que expulsou Josias Leão de suas fileiras como traidor do proletariado. O B.P. do C.C. do P.C. do Brasil, considerando que essa atitude assumida pelo camarada OB é muito grave e, ao mesmo tempo, inadmissível num camarada de responsabilidade e militante antigo, censura-o severamente. Além disso, propõe que a Seção Latina Americana o censure energicamente na presença dos camaradas brasileiros que se encontram na URSS para que fatos semelhantes não sejam repetidos.

Esperamos breve resposta.

Pelo B.P. do C.C. do P.C.B
Bernardo.²⁷

Não se sabe exatamente por que o ex-dirigente do PCB foi instalar-se na casa de um ex-militante expulso do partido. Decerto, Brandão conhecia as graves acusações feitas a Josias Leão. No entanto, parece-nos que a única razão plausível que explique o motivo de sua opção por uma escolha tão problemática seja o fato de Josias ter sido o único brasileiro a prestar-lhe auxílio num momento tão difícil para Octavio – bastante débil de saúde –, a esposa e as três pequenas crianças. Mesmo assim, Brandão, no segundo volume de suas

²⁶ Cf. WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou. A história secreta da revolução brasileira de 1935*, op. cit., p. 70.

²⁷ *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp. Pacote 17, pasta 39. [dat.]. De acordo com Brandão, “Bernardo” era o pseudônimo de Fernando de Lacerda. Cf. _____. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*. Rio de Janeiro, 1970, p. 69 [inédito]. Esse documento apresenta duas datas de recebimento, 08.04 e 13.04.1932, e o original encontra-se no Arquivo da IC em Moscou, no dossiê n.º 2, Octavio Brandão.

memórias, procurou rever a posição, afirmando que, naquele momento, havia, na verdade, “cometido um erro”. O fato é que, logo depois desse episódio, a Comissão Internacional de Controle da IC realizou uma reunião especial. Interrogou longamente Octavio e o censurou severamente. O ex-dirigente precisou novamente realizar uma incansável sessão de autocrítica, embora tenha conseguido impedir sua demissão da IC, na qual trabalhava desde agosto de 1931.

Quando Octavio Brandão e a família chegaram a Moscou, a chamada pátria do socialismo vivia um período muito particular de sua história: a União Soviética atravessava a experiência dos planos quinquenais. A primeira etapa iniciou-se em janeiro de 1930, com a coletivização do campo. Sob o argumento de “liquidar os *kulaks* como classe”, como dizia Stalin, o Estado moveu milhares de agentes para combater a população rural. O resultado dessa arbitrariedade foi danoso para a economia rural e a do próprio país. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm, o efeito mais grave foi o fato de se ter baixado, de imediato, a produção de grãos e quase reduzir à metade o gado, trazendo, por consequência, uma grande fome em 1932 e 1933.²⁸

Na cidade, viviam-se tempos da modernização com o início da industrialização acelerada. Apesar de Octavio Brandão testemunhar os inúmeros sacrifícios da população soviética, pôde também perceber os grandiosos esforços para o desenvolvimento da indústria pesada, a construção de grandes unidades metalúrgicas, de imensas usinas hidrelétricas e de ferrovias, além de obras imponentes, como a do metrô de Moscou. A famosa frase de Stalin – “não existem fortalezas que os bolchevistas não possam conquistar” – serviu para motivar as pessoas na difícil tarefa da industrialização do país.

Dionysa Brandão, num depoimento, lembrava que, naquele momento (que coincidiu com os primeiros anos da estada de sua família na União Soviética), existia por parte da população “um grande entusiasmo de o país vencer o capitalismo”. Por conseguinte – continua Dionysa – o que mais se escutava “era a palavra ‘industrialização’ e o seu lema ‘máquinas para fabricar máquinas’, mobilizando gente que trabalhava por duas, três e até mais pessoas, num esforço gigantesco e na esperança de tornar a URSS um país independente”.²⁹

Apesar de as metas de produção serem, na maior parte das vezes, fantasiosas e voluntaristas, houve, de fato, enorme crescimento econômico do país, a ponto de, no final

²⁸ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991, p. 373.

²⁹ Depoimento de Dionysa Brandão concedida ao Autor. Santa Teresa, RJ, 02.07.2003. Fita 1, lado A.

da década de 30, a União Soviética ter se transformado – como diz Martin Malia – numa economia industrial capaz de produzir aço, máquinas, turbinas, petróleo, tratores, tanques de guerra e aviões a partir de seus próprios recursos³⁰. Mas não devemos esquecer da ponderação que faz Robin Blackburn acerca do plano quinquenal, quando diz que, para seu cumprimento, “foi preciso recorrer ao stakhanovismo e a uma grosseira mistura de intimidação e suborno, a fim de mobilizar os trabalhadores urbanos”.³¹

As dificuldades naquele período eram imensas para todo o povo soviético. Como recorda Octavio Brandão, além do frio “demasiado para os estrangeiros”, a alimentação era “insuficiente e as filas enormes”, havendo, “por toda parte, o racionamento. Faltavam a manteiga para o pão, o sabão para a higiene e a lã para o inverno”³². Pessoalmente o que mais afligia o ex-dirigente comunista, nos primeiros meses de sua estada em Moscou, era, sem dúvida, o rigoroso inverno. Logo nos primeiros meses, começou a manifestar no seu ouvido um tumor. Era uma situação tensa e dramática, pois havia ficado nove dias e noites sem ter conseguido dormir bem. Depois de não resistir mais à imensa dor que sentia no local, solicitou a presença de um profissional. Para sua infelicidade, havia a falta de anestesia, de modo que o médico teve que utilizar o bisturi sem o medicamento. Apesar da intensa dor que sentiu, ao final, tudo transcorreu bem.

Não obstante os problemas iniciais a todo estrangeiro, como o clima e a cultura diferente, no início de 1932, Octavio e Laura tiveram uma grata surpresa: o nascimento da quarta filha, Valná. O nome expressava algo especial. Era uma homenagem aos poetas e revolucionários de toda a Rússia e significava “onda”, indicando a onda revolucionária mundial em que os comunistas acreditavam viver naquele momento.

Em setembro de 1933, Octavio Brandão iniciou um trabalho no Instituto de Economia e Políticas Mundiais, coordenado pelo economista Eugênio Varga. Apesar do novo ofício, a vida continuava difícil. Mesmo assim, profissionalmente recebia um primeiro reconhecimento. Em abril do ano seguinte, recebeu o honroso título de *udárníc* (que em russo significa trabalhador de choque, no terreno cultural) por ter também participado dos “sábados comunistas”, realizando trabalho voluntário. Também ajudou a

³⁰ MALIA, Martin. *La tragédie soviétique: histoire du socialisme en Russie (1917-1991)*. Paris: Éditions du Seuil, 1995, p. 264.

³¹ BLACKBURN, Robin. “O socialismo após o colapso”. In: idem (org.). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 139.

³² BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, inédito, op. cit., p. 65.

carregar terra para a construção do metrô de Moscou e, muitas vezes, transportou lenha para aquecer Moscou no inverno.

No que se refere à militância, Octavio Brandão imaginava que, ainda no final de 1934, fosse finalmente participar, como membro do PCB, de importante conferência realizada com os delegados do Partidos Comunistas do continente americano. Na verdade, a idéia original daquele encontro era a realização do VII Congresso da IC, mas este último acabou sendo adiado para o ano seguinte. Como a maioria das delegações do Brasil (além da Argentina, Peru, Chile, Uruguai, Equador e Bolívia) já estavam a caminho de Moscou, decidiu-se pela organização de um encontro que passou para a história como a III Conferência dos Partidos Comunistas latino-americanos.

Pelo PCB, participaram Antônio Maciel Bonfim (o “Miranda”), chefe da delegação brasileira e secretário-geral do partido; Lauro Reginaldo da Rocha (o “Bangu”); Caetano Machado; Elias Reinaldo da Silva e Valdevino de Oliveira, todos sabatinados pelos dirigentes da IC, entre os quais Manuilski, Kuusinen, Guralski, Sinani e Prestes, já aceito como membro do Comitê Executivo da IC. Brandão participou apenas como observador, sem direito à voz. Aliás, segundo ele, nessa reunião “se espalharam ilusões”, pois, ao seu final, ficou decidida a realização imediata da “revolução soviética no Brasil”, ou seja, consolidava-se a idéia dos levantes armados que ocorreriam em novembro de 1935. Os informes exagerados de Miranda – acerca da enorme influência do partido nas fábricas e do apoio de vários setores ao partido – além da concordância de Prestes, dariam, mais tarde, razão às objeções feitas por Brandão.

Segundo Octavio Brandão, nas discussões da Conferência como nos seus momentos de intervalo, havia um ambiente de ilusões e de hostilidades. Por exemplo, Caetano Machado, um dos delegados brasileiros naquele encontro, o atacou violentamente. Lauro Reginaldo, o “Bangu”, por sua vez, assegurou a Otavio que ele iria retornar em breve ao Brasil, mas “se traísse, seria fuzilado”.³³

Depois da conferência, houve reuniões dos representantes da IC para a América Latina com os brasileiros, mas sem a presença de Brandão. Era conhecido o fato deste último continuar sendo contrário à orientação do levante armado imediato. Laura Brandão soube dessa atitude e, indignada, disse ao marido em certo tom de profecia: “– Em

³³ Idem, p. 72.

Moscou, quem mais conhece o Brasil és tu. E afastam-te. O que estão fazendo é desonesto e acabarão mal. Só lamento é que o Brasil tenha de pagar...”.³⁴

Em maio de 1935, Octavio Brandão passou a trabalhar para a revista do Komintern. Era um ofício fatigante, pois era exigida muita precisão com o significado das palavras ao traduzi-las do cirílico para a língua portuguesa. No início de julho, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) havia sido posta na ilegalidade por Vargas. Logo após o seu fechamento, Octavio, pela primeira vez, foi chamado a participar de duas reuniões oficiais na sede da IC. Falando por quase cinco horas, mostrou sua clara oposição às possibilidades favoráveis à eclosão da insurreição armada, como defendiam os dirigentes do PCB e outros da IC, em particular Manuilski. Segundo Brandão, tanto o PCB quanto a ANL não tinham uma decisiva influência na maioria dos trabalhadores e no Exército, como haviam assegurado Miranda e os demais dirigentes comunistas do Brasil. Além disso, insistia para o fato de o partido só dispor de “pequenos grupos de camponeses dispersos”, e não das “grandes massas rurais” como entusiasticamente defendia Fernando de Lacerda, que seria o delegado brasileiro no VII Congresso da IC. Por tudo isso, estava convencido de que não havia condições nem garantias para uma vitória dos comunistas.

No período da pós-ilegalidade da ANL – a partir de julho de 1935 –, Octavio Brandão apontava a necessidade de sua reorganização, mas novamente se opôs a qualquer insurreição armada imediata. Por conseguinte, procurava enfatizar outro tipo de tarefa que o PCB, naquele momento, deveria priorizar: a realização de um “enorme trabalho de educação e organização, agitação e propaganda no seio das imensas massas populares do Brasil”³⁵. Essa longa intervenção de Octavio deixou os demais representantes da IC perplexos. Afinal, o ex-dirigente comunista, que completava cinco anos sem maiores ligações com o PCB, insistia em defender argumentos contrários à orientação “esquerdista” que o partido vinha seguindo, desde o início dos anos 1930.

O primeiro a protestar contra as “absurdas idéias” de Octavio Brandão foi Fernando de Lacerda. Este último fazia questão de assegurar, a todos os presentes naquela reunião, a “garantia da vitória”. Ao término de sua participação, Lacerda foi à seção de quadros e escreveu a seguinte mensagem: “As intervenções de Brandão mostram que ele é ‘o mesmo oportunista de sempre’. Mais uma torpeza desse velhaco”³⁶. Possivelmente, o representante

³⁴ Citado in BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, op. cit., p. 72.

³⁵ Idem, p. 73.

³⁶ Citado in *idem*, p. 74.

do PC do Brasil tivesse o interesse de divulgar, aos seus camaradas, os problemas que Octavio Brandão ainda causava à direção do PCB.

Entre os dias 25 de julho e 21 de agosto de 1935, realizou-se, na capital soviética, o VII Congresso da IC. O delegado do PCB presente naquele encontro era Fernando de Lacerda. Trazia os discursos e os relatórios de outros camaradas, garantindo a “vitória” da insurreição, logo que ela se iniciasse. O próprio representante brasileiro havia feito uma primeira e bombástica consideração ao assegurar que o povo brasileiro “seguiria Luís Carlos Prestes, aonde quer que ele fosse”. E, numa outra afirmação – dessa vez de maneira impressionista e claramente irreal – afirmava: “Os trabalhadores do Brasil encarregam-me de dizer ao camarada Stalin que estão prontos para a revolução”.³⁷

Octavio Brandão não foi autorizado a participar do Congresso. Talvez aquele bilhete de Fernando de Lacerda acusando-o de ser contrário à eclosão do levante armado no Brasil tenha corroborado para tal decisão. Magoado, foi para casa e, dali, passou a acompanhar os acontecimentos pelo *Pravda*, o jornal oficial do PC soviético. Ao lembrar aqueles novos momentos difíceis em sua militância, Brandão dizia que, em 1935, ficou “sozinho como em Buenos Aires, em 1930. Paguei com o ostracismo ainda maior. Fui afastado de todo trabalho político, como um homem que não compreende o seu país. A vida tornou-se ainda mais difícil. Laura sofreu muito. Passou necessidades com as quatro crianças”.

Georgi Dimitrov, o novo presidente da IC, proclamou, no VII Congresso, as vantagens e as necessidades das frentes populares, a nova palavra de ordem para combater o crescente perigo nazi-fascista. Mas, como adverte William Waack, “os inflamados discursos e propostas de formação de frentes populares em nada alteraram, nos bastidores, os preparativos para o envio de mais gente para participar do experimento revolucionário capitaneado por Prestes na América do Sul”³⁸. Realmente parecia que os comunistas brasileiros estavam dispostos a derrubar o governo de Vargas e a instalar “um governo democrático e popular”, como dizia o próprio manifesto assinado por Prestes, divulgado no dia 5 de julho de 1935, e que havia sido o pretexto para que o governo decidisse pela ilegalidade da ANL. Para Brandão, o manifesto em si mesmo já representava enorme “guinada esquerdista” e duro golpe na própria frente antifascista surgida, um ano antes, e que tinha imenso apoio popular. Derrotado o caminho da luta de massas, os comunistas passaram a preparar abertamente a conspiração.

³⁷ Idem, *ibidem*.

³⁸ WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou...* op. cit., p. 170.

Em outubro de 1935, um mês antes da eclosão dos levantes armados, Octavio Brandão escrevia uma carta, em francês, aos dirigentes da IC, tratando-os genericamente por “Prezados camaradas”. Nela, é interessante notar que o ex-dirigente comunista admitia, pela primeira vez, haver uma perspectiva favorável ao desenvolvimento revolucionário no Brasil, embora não indicasse seu acordo com a insurreição armada. No entanto, assinalara, que para seu êxito, era preciso a disseminação de literatura revolucionária popular, com conteúdo político para as mais amplas massas populares³⁹. Por conseguinte, argumentava que estava apto para ajudar na realização de algumas tarefas específicas, entre as quais:

“fazer um trabalho de popularização a propósito do desenvolvimento dos episódios revolucionários no Brasil, sobretudo na agitação do proletariado internacional contra a intervenção do imperialismo nos acontecimentos, contra a reação, o fascismo (integralismo), e lutando ainda para suscitar, da parte do proletariado internacional, ações de solidariedade à frente popular antiimperialista no Brasil”.⁴⁰

Apesar de sua vontade e mesmo do claro entusiasmo em voltar a desempenhar tais tarefas, Octavio não deixou de lamentar o fato de haver “obstáculos e adiamentos intermináveis” que prejudicavam a realização de tão importantes decisões que aguardava imediatamente cumprir. A esse respeito mostrou sua frustração, ao afirmar: “Eu esperei seis meses pedindo a execução da decisão”. Brandão, na verdade, desejava retornar à pátria distante para continuar desempenhando as tarefas de agitação e propaganda. Tratava-se de uma decisão improvável naquele momento, pelo fato de os dirigentes do PCB desconfiarem que ele se oporia à decisão da “revolução imediata”, ainda que, provavelmente por disciplina, aceitasse. Mesmo assim, era melhor evitar problemas que poderiam tornar-se custosos e desagradáveis...

No final de sua carta, Octavio Brandão reivindicava tarefas, mas que tivessem ligação com os acontecimentos no Brasil e não aqueles fatigantes e rotineiros trabalhos que fazia nas traduções de artigos. Em tom de expectativa, cobrança e desabafo, referia-se diretamente aos dirigentes, dizendo:

“Prezados camaradas!

³⁹ Cf. BRANDÃO, Octavio. “Chers camarades”. Moscou, outubro de 1935. *Fundo Octavio Brandão 2 (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30, p. 2. [dat.].

⁴⁰ “Faire un travail de popularisation à propos du développement des événements révolutionnaires au Brésil, surtout en agitant le prolétaire international contre l’intervention de l’imperialisme dans les événements, contre la réaction, le fascisme (integralisme), en luttant pour susciter de la part du prolétariat international des actions de solidarité au front populaire anti-imperialiste du Brésil”. Idem, *ibidem*.

Eu desejo servir no desenvolvimento da revolução no Brasil na qual acredito muito: como um homem de combate em seu terreno artístico e literário e no meio do trabalho de agitação-propaganda (...).

Entretanto, prezados camaradas, se vocês não pretenderem me liberar das traduções e do trabalho de redação, então eu peço para continuar nesse trabalho, mas, nesse caso, eu solicito para que me dêem maiores possibilidades de trabalho. Nas condições atuais, o esforço e a tensão são grandes, os resultados são insuficientes, o trabalho não me ajuda politicamente (é uma espécie de círculo vicioso), o trabalho me isola (sou obrigado a fazer as tarefas em minha casa no Hotel Lux e não na sede da IC), a vida me cansa, me sinto estafado.

Saudações comunistas

Octavio Brandão

Hotel Lux, quarto 113".⁴¹

Logo após a notícia do primeiro levante armado, ocorrido em Natal, Octavio foi novamente chamado à sede da IC. Embora tenha opinado contra o desdobramento daquela ação, procurou, naqueles tensos momentos, manter-se solidário aos camaradas do PCB. Mas, depois das catastróficas notícias das insurreições do Recife e do Rio de Janeiro, teve um inusitado diálogo com uma das personalidades que mais se opunham na IC: Dimitri Manuilski. Este último, apesar de nunca ter estado na América Latina, expressava opiniões calcadas em idéias vagas, simplistas e generalizantes. Mesmo assim, era o responsável pelo desenvolvimento de grandes planos para a região, baseando-se na teoria em voga na IC, sobre os "países semicoloniais". Havia sido ainda o executor de todas as viradas e guinadas políticas na linha oficial da IC, repetindo, com a mesma convicção, palavras de ordem e análises totalmente opostas às anteriores. É dessa maneira que, antes certo da vitória (havia mandado os melhores quadros profissionais para auxiliar o desencadeamento da insurreição armada), mostrou logo profunda decepção e confusão com os inesperados acontecimentos, conforme demonstrou no seguinte diálogo que teve com Octavio Brandão:

Manuilski: "– Tem acompanhado os acontecimentos do Brasil"?

Octavio: "– Tanto quanto possível".

Manuilski: "– Sabe que a revolução foi derrotada"?

Octavio: "– Era de prever".

⁴¹ "Chere camarades!

Je désire servir le développement de la révolution au Brésil où je me crois fort: comme au homme de combat sur le terrain artistique et littéraire et dans le travail d'agit-prop. (...)

Dans les conditions actuelles, l'effort et la tension sont grands, le résultat est insuffisant, le travail ne m'aide pas politiquement (c'est une sorte de cercle vicieux), le travail m'isole (je suis obligé à travailler chez moi l'Hotel Lux et non au siège de l'I.C.) je me fatigue vite, je deviens surmené. (...)

Salutations communistes.

Octavio Brandão

Hotel Lux, chambre 113". Idem, p. 4.

Manuilski: “– Como diz isto”?

Octavio: “– Levei, aqui, o ano inteiro a mostrar que não havia condições para uma insurreição vitoriosa”.

Manuilski: “– Mas, no Nordeste, começa uma nova Coluna Prestes”.

Octavio: “– Não é possível. A Aliança Nacional Libertadora nada fez entre os trabalhadores rurais. E sem o apoio desses trabalhadores não pode existir nenhum movimento de guerrilhas”.⁴²

Depois dessa franca conversa, e no momento final da derrota da insurreição, a direção da IC deu a Octavio uma tarefa, antes impensável: encarregou-o de fazer o balanço dos acontecimentos que, em sua opinião, teriam precipitado o malogro dos levantes armados de novembro de 1935. Em dezembro, reuniu-se uma comissão para avaliar se Brandão poderia voltar a trabalhar na IC. Desse encontro, participara também Fernando de Lacerda. Este último, que era o representante do PCB, opunha-se categoricamente a tal proposição. Segundo Octavio, Lacerda novamente fazia questão de lembrar o “grave erro” que cometera em Berlim. Mencionou ainda o fato de o ex-dirigente comunista ser “contrário a ANL”. Aliás, o próprio Brandão atentava para alguns aspectos do comportamento dúbio de Fernando. Como se sabe, este último era um autoconfiante na vitória da insurreição, tendo inclusive garantindo o sucesso de seus objetivos na presença de inúmeros delegados que participaram do VII Congresso da IC. Além do fracasso de suas previsões, temia ainda ser um dos responsáveis que poderiam “cair em desgraça” nos expurgos de Stalin. Segundo conta Octavio Brandão, toda a situação levou-o ao desespero e ao pânico. Lembrando esses terríveis momentos na vida de seu oponente, assinalou que Fernando

“disse que estava para morrer. Insistiu que tinha sífilis no cérebro. Alegou que estava louco. Então os médicos enviaram-no a um hospício. Por ironia da vida e da História, eu, que fui vítima de tantas tramas e intrigas de Fernando de Lacerda, recorri ao camarada italiano Marcuci e tirei-o do hospício”.⁴³

⁴² _____. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, inédito, op. cit., p. 75.

⁴³ Idem, p. 76. William Waack a esse respeito confirma que Lacerda sofria de vertigens constantes, reclamava de pouca capacidade de trabalho e chegava a falar de morte, ainda quando estava no Brasil. Consultado, dois médicos simpatizantes haviam feito um diagnóstico arrasador: arteriosclerose cerebral de origem sífilítica. Mas, segundo, o jornalista o exame médico era falso. Tudo isso se tratava de um pretexto de Jan Jolles (enviado como instrutor de Moscou por solicitação de Guralski), para afastar Fernando – que, em 1932, havia se tornado secretário-geral do PCB – do qual tornou-se um duro crítico do “prestismo” e de seus “desvios pequeno-burgueses”. Dessa maneira, Jolles teria orientado a Lacerda que ele fizesse um tratamento de saúde na União Soviética de onde ele só conseguiu regressar após a Segunda Guerra. Cf. WAACK, William. *Camaradas... op., cit., pp. 62-64.*

De fato, em outubro de 1936, o próprio Fernando de Lacerda escrevia uma carta a Octavio Brandão, comentando seu estado crítico de saúde, além de relatar as dificuldades que tivera de adaptação em Moscou. Reconhecia, ainda, os erros relativos aos levantes de 1935, embora apontasse alguns elementos positivos em sua repercussão:

Meu caro Octavio

Ainda não me sinto nada melhor, apesar da lindeza do lugar e dos esforços dos camaradas médicos (...). Por mal dos pecados, surge-me um esquema que me põe tonto. Enfim, esperemos. Porém, o que mais me aflige é o isolamento político. Não compreendo senão poucas palavras do russo. (...). Sobre o Brasil, penso ainda muito. Não sei se vou me conter em esperar os 2 anos de minha pouco provável cura que os médicos mesmo não sabem garantir. (...) Eles lá mostram trabalho. Tudo diz que a insurreição, apesar de golpista e cheia de erros, produziu (...) uma simpatia popular por nós. Eles dão consignas justas. Falta só aplicá-las, sem os descuidos conspirativos que ainda praticam. Em vez de circulares dizendo tudo que vamos fazer, devemos lançar manifestos (...) e fazer um plano de paz nacional, sobretudo de luta contra a carestia e seus causadores, pela defesa da Constituição. Isso sem falar em comitês, como trabalhar neles etc. (...) E depois que nos bairros aparecerem comitês, é que começaremos a agir, então sim, o P.C. (...) com linguagem (...) deverá apoiar e participar dessas ações. Não te parece justo? O difícil é fazer chegar isso lá a nossa gente. Estou aqui pensando se, em vez de eu me ficar por aqui a esperar ou a loucura ou a morte, sem remédio, não seria melhor propor minha ida lá de qualquer jeito para obtermos uma ligação segura. (...) De acordo? Então, enquanto aqui estou me saneando, podia ver isso?

Como vão os teus? Bem? Meu endereço dei ao Bertoni ou Eloisa.

Abraços a Laura e as meninas.

Um aperto de mão fraternal do companheiro e amigo

Fernando.⁴⁴

No final de dezembro de 1935, a comissão reunida – a pedido do presidente da IC, Georgi Dimitrov – chegou a um parecer final sobre os comentários, feitos por Brandão, a respeito dos levantes armados ocorridos no Brasil. Decidiu aprová-los. Com isso, o ex-dirigente do PCB foi novamente convidado a trabalhar na IC. Essa decisão significou para ele o fim do primeiro período de ostracismo ocorrido em sua militância, iniciado cinco anos antes, em Buenos Aires. Via a possibilidade de inaugurar-se uma nova fase em sua vida militante, com importantes tarefas a serem cumpridas e o reconhecimento que sempre buscou. Era, sem dúvida, o que há muito tempo aguardava e desejava que acontecesse.

⁴⁴ Carta de Fernando de Lacerda a Octavio Brandão. Outubro de 1936. 2p. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 17, pasta 39. [manus].



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Octavio Brandão em Moscou, ao lado do dirigente soviético Kachain (ao centro, sentado), sua esposa e demais militantes comunistas.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Na Criméia, em 1936, ao lado de trabalhadores de várias nacionalidades. Octavio Brandão é o segundo sentado da esquerda para a direita.

4.3- A serviço do Komintern

“Em janeiro de 1936 voltei à Internacional Comunista. Dimitrov, que era o novo secretário-geral, mandou me chamar. Conversamos duas horas sobre o Brasil. No fim, ele me disse baseando-se no VII Congresso da IC, em 1935, ‘continue a estudar Lenin no original e esqueça tudo sobre o que lhe disseram sobre a Revolução Soviética Imediata’”.

(Octavio Brandão. Entrevista à revista *APARTE*, 1979)

Quando, no dia 15 de janeiro de 1936, Octavio Brandão foi recebido para uma conversa com Georgi Dimitrov, ele disse que se tratava de “um ato de justiça política e moral”. Agora, o militante comunista precisava demonstrar toda a confiança que lhe era depositada pelo novo e agora todo poderoso homem da IC.

A intensa repressão que o governo Vargas desencadeou contra os comunistas, após o fracasso dos levantes armados de novembro de 1935, apenas começara. Era preciso organizar imediatamente uma rede de solidariedade aos presos políticos antifascistas. Brandão tomou a iniciativa de redigir artigos denunciando a repressão política, divulgando-os em várias capitais mundiais através de jornais como o francês *L’Humanité* e o argentino *La Internacional*.

A partir de julho de 1935, começou a trabalhar com Laura Brandão, nas emissões que a Rádio Moscou fazia para a língua portuguesa. Além disso, passou a engajar-se em duas outras importantes campanhas: a defesa de República espanhola e a denúncia da ascensão do nazismo, na Alemanha.

Em 1936, fez viagens pelo interior da União Soviética. Entre os meses de maio-junho esteve na cidade de *Suúk-Sú*, na Criméia, onde visitou a casa de repouso Karl Marx, que se tornou residência de inúmeros militantes do PC soviético e de outros países, além de operários, soldados e representantes de numerosas nacionalidades. Demonstrava seu enorme contentamento ao assinalar que testemunhara o “entrelaçamento de espíritos dos trabalhadores, numa efusão de fraternidade e solidariedade universais”. Não esqueceu

também de agradecer ao principal responsável por aquela plenitude de todas “as belezas da vida do socialismo, da natureza, da arte e da ciência: o camarada Stalin”.⁴⁵

Nos primeiros meses de 1937, Octavio Brandão recebeu ordens para voltar imediatamente a Moscou. A IC havia lhe reservado uma tarefa muito importante a ser realizada: auxiliar na campanha internacional em prol de Luís Carlos Prestes e de sua esposa, Olga Benário. De fato, a prisão do Cavaleiro da Esperança teve repercussão mundo afora, ganhando ainda mais intensidade quando Olga foi deportada, grávida, para a Alemanha nazista por Getúlio Vargas. Inúmeros telegramas das mais variadas personalidades intercediam em favor do casal de militantes ao ditador Vargas. Entre elas, Romain Roland, André Malraux, Dolores Ibaruri (“La Pasionária”), Lazaro Cárdenas, Pablo Neruda e até o ditador cubano Fulgêncio Batista.

Na noite de 1.º de abril de 1937, Octavio deixou a capital soviética. Seu destino era Paris, onde se encontraria com o Socorro Vermelho Internacional, no sentido de auxiliar a coordenação da campanha em prol da libertação de Anita Prestes, filha de Olga, que estava nas mãos da *Gestapo* nazista.

Cruzando a fronteira, Octavio Brandão passou por todos os controles, mas nada levava que pudesse comprometê-lo, nem sequer um livro. Desceu, primeiramente em Varsóvia, onde descansou por uma noite para continuar a viagem, na manhã seguinte. A seguir, atravessou a Áustria e a Suíça e, finalmente, no dia 5, desembarcou em solo francês. Em Paris, hospedou-se no bairro de Montmartre, mudando, dias depois, para o Quartier Latin, onde permaneceu por quatro meses e meio.

Na capital francesa, Brandão viveu só e isolado. Morou na Rua Monsieur-le-Prince n.º 20, no pequeno quarto de um modesto hotel. Mesmo assim, não deixou de tomar medidas de segurança no novo endereço. Nas tardes livres aproveitou para conhecer Paris, visitando as sepulturas de Laura (filha de Marx) e de seu esposo, o revolucionário Paul Lafargue. Também procurou meditar bastante sobre a importante tarefa que tinha e escreveu alguns artigos para a imprensa francesa.

Logo nos primeiros dias, foi ao encontro de dona Leocádia, mãe de Prestes, que estava muito preocupada. O dirigente comunista continuava preso no quartel da Polícia Especial, e temia que pudesse ser assassinado. A nora, Olga Benário e a pequena Anita encontravam-se presas em Berlim, podendo a qualquer maneira ter um trágico destino.

⁴⁵ BRANDÃO, Octavio. “Uma casa de repouso na Criméia”. 31.05.1936. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 18, pasta 41.

Depois de difícil diálogo com dona Leocádia, Octavio assegurava-lhe que “havia uma saída”. Imediatamente tomou uma série de iniciativas. Passou dias lendo recortes de jornais do Brasil, reunindo as últimas notícias. No entanto, havia um problema: a mãe de Prestes rompera todas as relações com Bonnet, dirigente do Socorro Vermelho em Paris. Recusava-se a recebê-lo, o que dificultava o desenvolvimento da campanha. Por essa razão, Brandão procurou reconciliá-los, tarefa nada fácil por ser dona Leocádia uma pessoa com um gênio muito forte, não muito afeita a conversas. Mas, com a ajuda de uma de suas filhas, Lígia Prestes, conseguiu contornar a situação.

Logo a seguir, Octavio Brandão reuniu-se com o Socorro Vermelho Internacional. Expôs a situação de Anita Prestes e o perigo que ela corria estando nas mãos dos nazistas. Em suas memórias, destaca a proposta que havia feito aos representantes da instituição de solidariedade. Para ele, o mais importante era saber atacar “em duas direções”, concomitantemente. A primeira frente deveria priorizar o desencadeamento de uma grande campanha internacional que pressionasse a *Gestapo* a entregar a criança à avó. A segunda, por sua vez, consistia no envio de delegações e de mensagens a personalidades inglesas e belgas à Berlim, para, em seguida, levantarem a mesma reivindicação. Brandão argumentava que “a *Gestapo* não receberia delegações francesas, nem espanholas. Mas acreditava que poderia agir diferente com os representantes ingleses e belgas”. De acordo com o militante comunista, Hitler desejava – em seus planos de guerras e agressões – “neutralizar”, o máximo possível, a participação da Inglaterra no conflito.

O certo é que Octavio conseguiu convencer o Socorro Vermelho e os planos foram executados. Procurou também mobilizar a opinião pública internacional, enviando artigos e matérias, inclusive ao Brasil, sobre a terrível situação dos presos políticos no país, pelas formas mais diversas.

Não é casual que, no dia 11 de agosto de 1937, o jornal *Correio da Manhã* tenha feito uma matéria com o sugestivo título “A nova tática comunista: o ex-intendente Octavio Brandão, atualmente em Moscou, anuncia a fundação no Brasil do front popular pela democracia”⁴⁶. O texto atacava um artigo publicado pelo militante comunista no jornal *La Correspondance Internationale*, sobre as Frentes Populares que versava sobre o crescimento das instituições dedicadas à luta pela preservação da democracia. O jornal carioca relatou as principais idéias levantadas por Octavio Brandão, como, por exemplo, ao assinalar que os democratas e os nacional-libertadores começavam a se mobilizar de modo

⁴⁶ Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 11.08.1937. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário OB, pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.

a pleitear, do governo brasileiro, duas questões centrais: “1.ª) a libertação de Prestes e de todos os prisioneiros políticos e a sua anistia total; 2.ª) as liberdades democráticas mais amplas”. Em sua conclusão, o *Correio da Manhã* advertia falsamente que o artigo era escrito pelo “substituto de Prestes no Komintern”, sendo, portanto, “uma tática de despistamento do comunismo”. Afirmava que “os agentes de Moscou, disfarçados com outros rótulos” visavam “infiltrar-se pelas organizações liberais e democráticas”, no intuito de fazerem “de dentro” o seu trabalho de “solapamento do regime e a destruição das instituições”.⁴⁷

Dias após dia, a campanha em prol da libertação de Anita ganhava novos adeptos e crescia também em sua repercussão. A imprensa europeia abria suas páginas a jornalistas, artistas e intelectuais engajados que escreviam um número cada vez maior de artigos e de telegramas à capital alemã. Um cartaz enorme foi fixado em várias ruas de Paris, com o apelo. Em todo o mundo crescia o sentimento de indignação contra a infâmia do governo nazista que mantinha, na prisão, a mãe e a pequena filha de Luís Carlos Prestes.

O empenho de tantas personalidades, de organizações e da incansável dona Leocádia – que esteve por três ocasiões na Alemanha – teve desfecho favorável, pelo menos no que se refere à pequena criança, entregue à avó, no dia 21 de janeiro de 1938. Tratava-se de uma importante conquista das forças democráticas sobre a tirania. Para Octavio Brandão, significou uma vitória pessoal. Orgulhava-se por ter feito parte de um grande feito em toda a história da Alemanha nazista: “O fato de a Gestapo ter liberado unicamente duas vítimas: o camarada Dimitrov e Anita Leocádia. Ninguém mais. Esta simples constatação basta pra mostrar a importância dessa vitória”⁴⁸. Embora importante esse feito teve apenas êxito parcial, pois Olga Benário continuava presa e Prestes permanecia detido num cubículo, em péssimas condições. Tudo isso indicava para Octavio Brandão que era preciso realizar ainda muitos esforços em conjunto para uma vitória final nas duas outras campanhas que restavam.

A respeito de Prestes, a luta consistia em sua transferência para uma prisão comum, pois o fato de se encontrar detido no Quartel da Polícia Especial não oferecia a mínima segurança de vida ao dirigente comunista. Além do mais, a mudança de recinto carcerário poderia garantir maiores possibilidades de Prestes conquistar o direito de escrever à mãe, à

⁴⁷ Idem, *ibidem*.

⁴⁸ _____. “Vida vivida”. (Autobiografia desde sua formação inicial, durante 40 anos de luta, inclusive sua vida no PCB até a clandestinidade na década de 50). S.l., 04.04.1952, 200p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 112, p. 148. [dat.].

esposa e receber as respostas, o que, psicologicamente, era muito importante. Devido à inestimável ajuda de várias personalidades nacionais e internacionais, valendo destacar o papel do incansável advogado Sobral Pinto, o dirigente do PCB foi finalmente transferido, em julho de 1937, para a Casa de Correção⁴⁹. Era uma nova vitória para todos os envolvidos, entre os quais novamente estava Octavio Brandão.

Mesmo com a sua inegável contribuição para o sucesso das duas campanhas recebidas como tarefas da IC, nada consta até hoje quanto à participação de Octavio Brandão nesses episódios, que ainda hoje continuam desconhecidos. Talvez tenha sido esse o motivo principal pelo qual o jornalista Fernando Moraes, em seu clássico, *Olga*, não tenha feito uma menção sequer à colaboração do militante comunista, em particular, na campanha pela libertação de Anita Prestes.

Todavia, ao pesquisar o acervo n.º 2 do Fundo Octavio Brandão existente no Arquivo Edgard Leuenroth, pude localizar – no material trazido de Moscou, em 1995, por uma de suas filhas, Valná Brandão – um envelope escrito, pelo próprio punho do militante comunista, e intitulado “Lígia”. Nele encontrei cartas trocadas entre as irmãs de Prestes e Octavio, revelando detalhes dos bastidores das duas campanhas nas quais o ex-dirigente participara. Por se tratar de fontes inéditas, dedico, a partir de agora, uma breve reflexão sobre algumas delas.

Uma primeira carta era destinada ao “querido amigo” (Octavio Brandão); embora nela não constasse assinatura, imagino que tenha sido escrita por Lígia Prestes, como na maioria das vezes era feito. Nela, comentava os graves problemas que a campanha pela libertação de Olga e de Anita atravessa no interior do PCB. Por motivo de segurança, há inúmeros pseudônimos na mensagem, como “gordo” e “magro”, para se referir a dois dirigentes do partido – Paulo de Lacerda e Abelardo Nogueira, respectivamente –, além de expressões como “tios”, para tratar dos dirigentes da IC, e “Mme” para mencionar a mãe, no caso dona Leocádia. No final da carta, Lígia demonstrava enorme confiança no papel que o “caboclo” (Brandão) poderia desempenhar para o êxito da campanha.

Eis a carta:

⁴⁹ Mesmo melhorando consideravelmente a sua situação, Prestes lembrava que, com a decretação do estado de guerra, no dia 01 de outubro de 1937, e, particularmente, com a instauração do Estado Novo, nove dias depois, a sua condição outra vez se agravava. A esse propósito, recordava: “Quando assumiu o Ministério da Justiça, Macedo Soares deu liberdade a todos os presos políticos que estavam sem processo. Havia muita gente sem processo. Mas comigo ele só se preocupou em reforçar a minha prisão. (...)”. Citado in MORAES, Denis de & VIANNA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. 2.ª ed., Petrópolis: Vozes, 1982, p. 90.

01.09.37

Querido amigo

Desejo de todo coração que você tenha terminado bem as suas férias e que tenha tido o prazer de encontrar todos os seus em perfeita saúde. Escrevo-lhe hoje pela primeira vez, cumprindo o prometido. Deixei de fazê-lo há mais tempo por diversos motivos, mas principalmente porque as atribuições da nossa vida, ao ausentar-se o cab., aumentaram consideravelmente. Continua tudo como dantes. A carta do gordo e do magro até hoje não foi ainda discutida e nenhuma providência tomada. Mas o Belo, em entrevista que teve com o gordo, já procurou rebater muitos pontos importantes da carta, principalmente no que diz respeito à Mme. Disse ele que era preciso esperar a volta do Bom, para se poder tomar uma resolução... A Mme já voltou, mas (a intriga continua a florescer por aqui) parece que foi imediatamente informada da existência da carta do gordo e do magro, pois está furiosíssima conosco. Não nos procurou, mas encontrou meios de nos mostrar as unhas. Enquanto isso, e devido a isso, nada se faz pelas nossas duas queridas. **A nossa única esperança está na ação do caboclo e na sua atividade junto aos queridos tios.** (...)

Enfim, aguardamos como ansiedade notícias do caboclo. (...) ⁵⁰ [Grifos meus].

No dia 17 de setembro, novamente Octavio Brandão recebia outra correspondência assinada por Lígia. Dessa vez, noticiava algumas informações do depoimento que “Pedro” (Prestes) prestara no Supremo Tribunal Militar (STM), lamentando que o mesmo, quando seguia para o local, fora alvo de brutal agressão. Destacava os esforços feitos nas tentativas de enviar uma carta que “Maria” (dona Leocádia) escrevera ao advogado de Olga, na Alemanha, solicitando dados sobre a tutela da “menina” (Anita). Finalmente, relatava a Octavio os encaminhamentos que o Socorro Vermelho tomara em relação àquele caso.

Caro amigo

Recebemos suas cartas n.ºs 3 e 4. A primeira chegou com mais de uma semana de viagem!

Continuamos sem notícias diretas do nosso menino (...). Recebemos ontem uma carta do advogado militar, datada do 10 do corrente, onde ele nos comunica que no dia 9 iniciou-se o julgamento, no STM, da apelação dos 35 cabeças, havendo o Pedro comparecido, assim como outros. Ao chegar ao tribunal, Pedro foi vítima de uma brutal agressão por parte da polícia especial, saindo seriamente contundido. Mesmo assim, não tendo obtido adiamento da audiência, Pedro aproveitou os 15 minutos concedidos à defesa para fazer algumas observações sobre o processo. Diz ainda o advogado que, no dia seguinte ao acontecimento, fora visitá-lo, encontrando-o já devidamente medicado e inteiramente calmo. (...) Diz-nos o advogado que o julgamento devia ser conhecido no dia 13 ou 15 do corrente (ignoramos ainda se o foi) e que o menino não tinha a menor ilusão quanto ao veredicto do STM, esperando na melhor das hipóteses uma pequena diminuição da pena. O que nos causou

⁵⁰ Carta não assinada enviada “ao querido amigo”. S.l.d., 01.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [dat.]. Infelizmente não conseguimos descobrir a identidade daquele que era tratado por “Belo”, a quem Lígia se referia e que, como veremos adiante, era um nome muito constante nas várias outras correspondências trocadas entre ela e Octavio. No que se refere ao “Bom”, suponho que se trate do francês Bonnet, coordenador do Socorro Vermelho em Paris. Agradeço a Dionysa Brandão pelas tentativas que fez em procurar relembrar alguns desses pseudônimos, relacionando-os aos principais dirigentes da IC à época.

especial estranheza foi o fato de ser o adv. militar que nos escreveu avisando o ocorrido, e não o S.P. (...)

Recebemos no dia 13 a resposta do tal tribunal de tutela a quem Maria escrevera uma carta. Diz a resposta que o pedido de Maria fora transmitido ao tutor da menina, o Ofício da Juventude, para ser solucionado e mandado-nos o n.º do “dossiê” da pequena. Depois de muita briga, conseguimos que redigissem uma carta de Maria ao adv. na terra natal da esposa do Pedro, relatando todo o caso e pedindo-lhe que se ocupe do mesmo, pondo-se em contato com o dito tutor e fazendo todas as diligências necessárias. A carta seguiu no dia 14. Ontem de manhã (como resultado também de muita luta) tivemos uma entrevista com o Belo (nada nos disseram da chegada do Bom) (...) Foi resolvido o seguinte: apurar a causa da falta de cartas de Pedrinho, fazendo que um adv. escreva ao S.P., enviando uma declaração da A.J.I. [sic] à embaixada e escrevendo, pelos canais competentes, aos amigos da terra de Pedrinho. Sobre a pequenina foi resolvido unicamente mandar um advogado à terra da mãe, entender-se igualmente com o tutor. Foram contrários à ida de Maria com o advogado. (...)

Agora um pedido urgente: Pedro mandou pedir-nos, por intermédio do advogado, a remessa urgente de um resumo documentado (mandando recortes ou citando jornais) a respeito das perseguições aos comunistas, de outubro de 1930 a julho de 1931. **Lembra Pedro que talvez você pudesse ajudar-nos na satisfação desse pedido. Seria possível?** (...) ⁵¹ [Grifos meus].

No dia 25 de setembro de 1937, foi a vez de Brandão escrever às irmãs e à mãe de Prestes. Utilizando o pseudônimo de “Caboclo”, sua correspondência, intitulada “Caras amigas”, mostrava seu otimismo em relação à campanha em prol da libertação de Olga e de Anita, além de destacar o esforço que fazia no caso da transferência de Prestes. Precavendo-se de possíveis extravios, novamente utilizou expressões e nomes abreviados ou em códigos.

Caras Amigas

Como sempre, entro cheio no assunto. Continuamos a insistir junto ao Belo em favor da moça e da inocente. Podem ficar certas de que a casa tem feito e fará tudo o quanto for possível! Estamos procurando materiais para preparar o resumo pedido por Pedrinho, por intermédio do adv. amigo. Há, porém, uma dúvida nossa: ele esclareceu por que deixou de escrever as amigas? A carta do amigo a esse respeito foi respondida? Pedrinho confirmou por carta que recebeu os papéis enviados pela amigas ao adv. amigo? Seria conveniente que, agora, o próprio Pedrinho confirmasse diretamente por carta: 1) que ele recebeu esses papéis; 2) que ele efetivamente mande pedir o resumo atual. É conveniente que, como anteriormente, os recortes de jornais datilografados pelas amiguinhas sejam enviados para as meninas. Muito interessante a carta da vovó. Sim, ela é da mesma têmpera do neto e da filha!

Abraços afetuosos, do cab.⁵²

⁵¹ (sem título). Carta de Lígia Prestes a Octavio Brandão. Paris, 17.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [manus.]. A sigla “S.P.”, mencionada na carta, refere-se à abreviatura do nome do advogado de Prestes, Sobral Pinto.

⁵² Carta de Cab. (OB) as “Caras Amigas”. s.l., 25.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16. [dat.].

Uma nova carta era enviada para Octavio Brandão. Embora assinada, não indicava a data nem o local de onde fora mandada. Nela, sua autora, Lígia Prestes, procurava colocá-lo a par da situação de seu irmão, além de trazer informes referentes à Anita. A pequena mensagem dizia:

Caro Amigo

Mando-lhes estes recortes a título de experiência: vamos a ver se chegam ao salvamento... Não se irrite com o fato de eu lhe mandar recortes sem grande importância. Escolhi precisamente os recortes menos interessantes, pois ainda não tenho certeza de que não se extraviarão. Se tudo correr bem, começarei então a mandar-lhe, dessa maneira, os recortes interessantes. Já sabes da implantação da ditadura fascista na nossa terra? Que tal?

Abraços para todos da

Li.⁵³

De fato, Lígia, a pedido de Octavio, enviara-lhe alguns resumos de jornais que noticiavam a situação de Prestes e a repercussão do caso de Anita. Nesses materiais havia um artigo de *O Globo*, do dia 18 de agosto de 1937, que nos parece interessante comentar. O jornal carioca informava que o advogado Sobral Pinto recebera uma comunicação de que as autoridades alemãs pretendiam retirar Anita Leocádia Prestes – que tinha apenas nove meses de vida – da posse de sua mãe, Olga Benário. Com isso, as autoridades nazistas queriam colocar a filha de Prestes num orfanato do Estado, sob a alegação de que sua mãe era alemã e estava presa por motivos políticos a pedido do governo do “B”⁵⁴. Nesse sentido, Sobral Pinto, de acordo com o jornal, pretendia provar que a menina, pelo fato de ser também filha de Prestes, era, como tal, brasileira, devendo assim ser entregue à sua avó.

Três dias depois dessa carta, Octavio Brandão escrevia outra mensagem para Lígia e dona Leocádia. Nela, o mais interessante a ser destacado era o momento em que fora redigido pelo ex-dirigente do PCB: em setembro, antes, portanto, da instauração da ditadura do Estado Novo, decretada por Vargas, no dia 10 de novembro de 1937. É por esse motivo que Brandão sugeria à mãe e à irmã de Prestes que retornassem ao Brasil e, no

⁵³ Carta de Lígia ao amigo (Octavio Brandão). s.l.d. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [manus.].

⁵⁴ Tratava-se do “Tenente Belini”, comandante do destacamento da Polícia Especial, chefiada por Felinto Muller. Para um interessante relato dos momentos vividos durante a campanha em prol da libertação de Anita Prestes e da tentativa frustrada da soltura de Olga Benário, ver MORAIS, Fernando. *Olga*. 13.^a ed., São Paulo: Alfa-Ômega, 1987, especialmente as págs. 233-257.

país, desenvolvessem, talvez com maiores possibilidades, a campanha em prol de Olga e Anita.

Caras Amigas

Recebi a carta n.º 4, de 21 de setembro. Obrigado. (...)

Penso ser conveniente continuar a enviar os dois artigos do Cab. sobre a moça e a inocente (enviá-los à pátria). Por enquanto, não é preciso fazer segunda edição do apelo à união.

Dizem as amigas: “E nós continuamos convencidas de que o principal trabalho deveria ser feito lá em baixo”. Justíssimo! Mas, para isso, seria conveniente que as amigas partissem para a pátria. As coisas por lá estão mudando... Lá, as amigas poderiam trabalhar em prol dos 3. Nós dois daqui pensamos assim. Na casa do Belo, pensa-se do mesmo modo.

Tenho mostrado sempre às meninas todos os resumos que as amigas têm enviado. É conveniente que, como anteriormente, os recortes de jornais e os resumos datilografados pela amiguinha (e escritos por ela) sejam enviados para as meninas.

Não é justo dizer: “A nossa única esperança ainda continua a ser você e os seus artigos”. A obra é de todos!

Tem recebido o jornal integral? Precisamos dele aqui. (...)

Ontem, durante quase 3 horas, falamos com os amigos do Belo. Contamos um por um todos os fatos: o isolamento da amiga, os métodos, a viagem ao país da moça, a situação do co., o que diz o presidente, o que o secretário não faz, tudo quanto mme. fez contra ou deixou de fazer a favor, a história da outra mme. C., o relatório idílico, a moção que ninguém viu, a viagem do homem do jornal que quase nada viu, a responsabilidade do homem bom e, no fim, a saída. Explicamos tudo com todos os detalhes! Um passo importante! Os amigos do belo deram-nos razão em uma série de coisas.

Abraços afetuosos

C.⁵⁵

Depois de passar quatro meses e meio em Paris, Octavio Brandão embarcou para Moscou, no fim de agosto de 1937. Depois de atravessar o Mar do Norte e o Báltico, saltou em Leningrado, tomando um trem e chegando à capital soviética, no dia 29 do mesmo mês.

Em outubro de 1937, a Rádio Moscou restabeleceu suas emissões em português, interrompidas por alguns meses. Nelas, Octavio e Laura Brandão passaram a combater a reação política e os perigos de um golpe fascista que se configurava no Brasil. Em suas comunicações eram comuns a defesa das conquistas da União Soviética e a solidariedade à República espanhola que agonizava em seus últimos momentos, depois de sofrer, há mais de um ano, violenta ação dos franquistas.

⁵⁵ Carta de caboclo (OB) às “Caras Amigas”. 28.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [dat.]. Depois dessa nova carta de Brandão em que fazia novamente referência a “Belo”, começamos a desconfiar que se tratava de alguém do Komintern, residente na Rússia. Essa hipótese é plausível pelo fato de a correspondência ter sido escrita pelo ex-dirigente do PCB no mês de novembro de 1937, três meses depois de seu retorno a Moscou. Permite-nos sustentar esse argumento o seguinte trecho de Octavio Brandão: “(...) na casa do Belo, pensa-se do mesmo modo”.

A respeito do golpe de Estado de Vargas, desfechado no dia 10 de novembro de 1937, Octavio Brandão, dois dias após apurar com mais precisão tais notícias, fazia a seguinte transmissão que mais se assemelhava a uma denúncia:

“Segundo o comunicado da agência *United Press* do Rio de Janeiro, o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, publicou uma nova Constituição que estabelece um regime de ditadura fascista declarada. Foram dissolvidos todos os órgãos legislativos – a Câmara dos Deputados, o Senado e as Câmaras Municipais. Foi preso ainda o líder da oposição Armando Sales, ex-governador do Estado de São Paulo.

No começo de outubro, o estado de guerra foi restabelecido no Brasil. Milhares de antifascistas foram metidos nos campos de concentração construídos recentemente. O presidente Vargas estabeleceu a colaboração estreita com a organização fascista Ação Integralista, organização apoiada pelos fascistas alemães. (...)”⁵⁶

Pouco tempo depois do regresso de Octavio a Moscou, a *Gestapo* entregou Anita Prestes à avó. Tratava-se de importante vitória de todos aqueles que se mobilizaram na campanha, inclusive Brandão, viam uma possibilidade para tentar, da mesma maneira, a libertação de Olga Benário. A pedido de dona Leocádia Prestes, Octavio Brandão solicitou à IC que intercedesse, junto ao governo russo em favor da naturalização da judia comunista. Imaginava que, com essa decisão, os alemães poderiam aceitar a condição de cidadã soviética da prisioneira. Outros, como a própria nora, pensavam na possibilidade de reforçar a campanha e tentar alguma forma de expulsão ou banimento para Olga Benário Prestes.⁵⁷

Mas não se tratava de simples tarefa, visto que Olga estava numa espécie de prisão preventiva permanente. Além das animosidades existentes entre os dois países, havia um problema que o próprio Octavio, fez questão de destacar no segundo e inédito volume de suas memórias: o fato de Fernando de Lacerda – representante do PCB em Moscou – tramar contra suas iniciativas, alegando que elas poderiam agravar ainda mais as relações entre a União Soviética e a Alemanha nazista.⁵⁸ Mesmo assim, insistiu no pedido em favor de Olga. Mas, para sua infelicidade, pouco tempo depois, as tropas alemãs invadiram o território soviético, inviabilizando qualquer tentativa favorável à esposa de Prestes. Passaram-se muitos meses e Olga Benário continuou na prisão até sua morte, no começo

⁵⁶ BRANDÃO, Octavio. “O Golpe de Estado no Brasil”. 12.10.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 17, pasta 38.

⁵⁷ Cf. Morais Fernando. *Olga*, op. cit., p. 238.

⁵⁸ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, inédito, op. cit., p. 97. Octavio afirma que somente dezessete anos depois, quando Fernando foi interrogado pelo PCB, é que veio a saber dessa trama.

de fevereiro de 1942, numa câmara de gás, na cidade alemã de Bernburg. Octavio Brandão lamentou profundamente o fato de não ter conseguido ajudar a libertar a judia comunista. Convém destacar que, antes da invasão nazista ao território soviético, em junho de 1941, Stalin não estava interessado em salvar alemães das mãos da *Gestapo*. Pelo contrário, naquele momento vigorava o pacto *Molotov-Ribbentrop* de agosto e o Tratado de Amizade entre Alemanha e URSS, de novembro de 1939, ou seja, além do compromisso firmado de não-agressão começou a existir, em ambos os países, uma troca de informações e, logo depois, de prisioneiros, através de listas trocadas pelos referidos governos.

O cenário político que Octavio Brandão encontrou em seu regresso a Moscou, vindo de Paris, havia mudado muito. O Grande Terror chegava ao seu auge. Os expurgos aumentaram e as prisões tornaram-se constantes. Velhos bolcheviques eram condenados e fuzilados. A sensação era de completa insegurança e de medo para todos⁵⁹. Lembrando-se desses terríveis momentos por que passou com sua família, assinalava Brandão:

“Cada militante sentia-se ameaçado. À noite, chegavam ao Hotel Lux os homens do Comissariado do Povo para os Assuntos Interiores, a NKVD, e levavam mais um, em nossa vizinhança imediata. Era preciso ter nervos de aço para resistir a tanta pressão”.⁶⁰

Dionysa Brandão também a esse respeito recorda-se de um episódio que vivenciou, ocorrido em 1936 quando ainda era estudante do Primeiro Grau. Certa vez, numa aula de História, a professora solicitou às crianças que abrissem o livro em determinada página. Nela havia a foto inteira de Blügger, Comissário do Povo que havia lutado na Guerra Civil russa de 1918-1921 e era especialista em assuntos do Extremo-orient, na fronteira com a China. Chegou, inclusive a ter um contato mais próximo de Chang Kai-Check, antes de este último declarar guerra aos comunistas chineses. “Depois de olharmos bem para a foto de Blügger” – continua Dionysa – “a professora mandou riscá-la e, em seguida, escrever ‘inimigo do povo’. A seguir, pediu para que arrancássemos a página e jogássemos no lixo”⁶¹. Em outro episódio, lembra a filha de Octavio que, durante várias noites, ela e seus

⁵⁹ Com o fracasso do levante armado de 1935, a caça às bruxas havia começado com toda a força, calando vozes e apagando pistas. Segundo William Waack, alguns dos principais participantes das decisões e dos preparativos da operação brasileira tiveram trágicos fins: Sinani já tinha sido preso e fuzilado; Guralski estava a caminho de um campo de concentração e Piatnitski fora torturado na Lubianka. Cf. _____. *Camaradas: nos arquivos de Moscou*, op. cit., p. 337.

⁶⁰ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, inédito, op. cit., p. 97.

⁶¹ Depoimento de Dionysa Brandão Rocha concedida ao Autor. Santa Teresa, RJ, 02.07.2003, fita 1, lado A. Ainda segundo a filha de Octavio Brandão, na época diziam que Blügger, temendo ser detido

familiares ouviram incômodos passos no corredor ao lado do quarto em que estavam instalados, no Hotel Lux. Tratava-se dos agentes da OGPU, a Polícia Política responsável pela segurança interna. Naquela sombria época, Dionysa Brandão recorda que, numa noite,

“ouvi insistentes passos no corredor. Todos em casa ficaram apreensivos. No dia seguinte, quando acordamos, a nossa vizinha estava sem o marido. Na noite seguinte, novamente os temidos passos continuavam. Dessa vez era a própria esposa do casal que era levada. E assim aconteceu – me lembro – durante vários anos”.⁶²

Nos primeiros dias de 1938, Honório de Freitas Guimarães (“Martins”), o principal dirigente do PCB em liberdade, havia chegado a Moscou. O fato de ser considerado o novo representante do partido gerou um mal-estar em Fernando de Lacerda, uma vez que, segundo Brandão, este último sempre fora “muito agarrado aos postos”. Por essa razão, tomou a iniciativa de sabotar Honório. Forjou inúmeras situações dizendo este último – de acordo com Octavio – fizera duras críticas à política predominante na IC. Tratou então de denunciá-las a Stela Blagoeva, a responsável pela seção de quadros do Komintern. Conhecida pelos seus métodos ameaçadores, quando intimava alguém para depor, as conseqüências, em regra geral, eram as piores: ou o fuzilamento ou a deportação para a Sibéria.⁶³

A temível dirigente chamou Honório para interrogatório o que gerou nele enorme pavor, pois temia ser preso ou algo pior. Segundo Brandão, para se livrar das acusações, ele acabou fazendo uma aliança com Fernando Lacerda para, juntos, tentarem acusar o comunista alagoano por ter realizado – quando de sua permanência em Paris – “um complô contra o Komintern e Manuilski”.

Agora, era Octavio Brandão que estava em maus lençóis. Numa reunião em que foi obrigado a comparecer, procurou rebater todas as caluniosas acusações levantadas contra si. Para provar sua inocência, Brandão precisou demonstrar que, ao longo dos meses em que esteve na capital francesa, emitia muitas opiniões favoráveis à linha da IC, como os artigos que redigiu para o jornal *La Correspondance Internationale*. A reação de Honório de Freitas foi assim descrita pelo ex-dirigente comunista: “Vendo-se desmascarado (...)”

procurou fugir, atravessando a fronteira com a China numa pequena embarcação. Mas logo foi pego, preso e depois fuzilado. Cf. idem, *ibidem*.

⁶² Idem, fita 1, lado B.

⁶³ Idem, *ibidem*.

ficou furioso. Avançou para agredir-me. Foi detido pelos outros camaradas. Depois dessa refutação, a questão estava morta”.⁶⁴

Apesar de parecer que o assunto estava encerrado, as provocações contra Octavio não haviam terminado. Além de ser temida, carrancuda e sectária em sua personalidade, Stela Blagoeva, lembra Dionysa Brandão, “andava com unhas sujas e tinha um aspecto horrroso tal qual uma bruxa”. Cumpridora de sua tarefa de vigilante era o exemplo mais nítido da burocrata soviética. Herdeira do ambiente de autoritarismo de Manuilski, não sabia agir de acordo com “o humanismo socialista”, como atesta Octavio Brandão. Induzida por Honório de Freitas, ela desconfiava do “erro de Bremen” e da censura que o ex-dirigente havia recebido por parte da Comissão de Controle da IC, em 1932, Sentindo-se ameaçado, nesses dramáticos momentos, Octavio teve a sorte de contar com o apoio de três importantes personalidades: o chinês Van Min, a espanhola Dolores Ibarruri (La Pasionária) e Georgi Dimitrov, presidente da IC. Provavelmente, graças à intervenção desses importantes dirigentes comunistas, Octavio Brandão tenha se salvado de um destino difícil e até mesmo trágico.

Terminada a longa discussão, decidiu-se que seria aberto novo inquérito para melhor apurar as acusações que Octavio sofrera de Fernando de Lacerda e de Honório de Freitas. Ficou decidido ainda que caberia a Brandão escrever e realizar, publicamente, uma detalhada autocrítica. Finalmente, teve de aceitar que suas correspondências fossem abertas antes que ele próprio as lesse e ainda lhe foi exigido o fornecimento de uma lista completa com o nome de todas as pessoas com quem se comunicava.

Depois de execrado, Octavio Brandão voltou ao lar. Encontrou Laura que estava bastante preocupada com todo esse ambiente de aflição e de medo que cercava o marido. Dirigindo-se à companheira, disse-lhe, em tom de uma bem-humorada, mas vingativa decisão: “– Vou rir-me dessa velha bruxa expurgadeira”!

No dia seguinte, novamente encontrou-se com Blagoeva. Entregou-lhe uma lista de jornais comunistas da América Latina. Disse a ela que era com eles que se comunicava. A assustadora dirigente, segundo Octavio, aceitou a lista, não compreendendo a zombaria que ele fizera para se vingar.⁶⁵

William Waack conta uma versão bastante diferenciada desse episódio. Embora confirmasse as incriminações de Honório de Freitas (o “Martins”), afirma, contudo, que o motivo das acusações contra o ex-dirigente comunista era a existência de uma ameaça real:

⁶⁴ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, inédito, op. cit., p. 98.

⁶⁵ Idem, p. 99.

o fato de ele ser “um possível candidato à direção do partido”⁶⁶. Tal fato muito é discutível, pois Brandão, naquele momento, procurava tão-somente recuperar-se do ostracismo a que fora relegado pelo PCB, e no qual viveu durante a maior parte de sua estada na União Soviética. Mesmo quando Georgi Dimitrov o havia chamado para ouvir sua opinião acerca dos equívocos da linha que norteou (à qual sempre se opôs) as insurreições de novembro de 1935, na prática não significou para Octavio Brandão um novo posicionamento político na estrutura dominante do PCB. Via e se orgulhava daquela atitude do novo presidente da IC, apenas como um gesto de reconhecimento e de justiça em relação a sua militância.

Outro argumento que Waack utiliza para justificar as acusações a Octavio refere-se a uma situação de ordem pessoal: o fato de, segundo o autor, “Prestes detestar Brandão”; portanto, esse último só havia sido salvo, por estar casado com uma de suas irmãs; no caso, Lúcia Prestes. Apesar de realmente existir clara divergência entre os dois comunistas – que permaneceu ao longo do tempo –, afirmar uma “tendência vingativa” de ambas as partes é indício bastante frágil numa análise histórica. Quanto à união entre Octavio Brandão e Lúcia Prestes, não nos parece, mais uma vez, que o autor tenha razão. Mais adiante, inclusive, dedico uma apreciação pormenorizada acerca dessa segunda relação afetiva na vida de Brandão.

O mais interessante na análise do jornalista é o documento inédito (existente no antigo “Arquivo secreto” do Komintern) que reproduz em seu livro, sobre a autocrítica que Octavio Brandão fizera e apresentara, em 13 de abril de 1938, a Manuilski. Por sua relevância para minha pesquisa, cito alguns de seus trechos:

“Venho pedir suas críticas e sua ajuda para compreender a dimensão dos meus erros, e para corrigi-los. Cometi muitos enganos, mas no fundo do meu ser sou são: amo a Internacional Comunista. Não compreendi o caráter da revolução no Brasil, não entendi a questão camponesa nem a agrária, subestimei o papel dos camponeses, negros, mulatos e índios. Exagerei as contradições entre a burguesia e o feudalismo. Fui influenciado por um grosseiro regionalismo anticomunista. Lutei muito pouco para ajudar os movimentos revolucionários pequeno-burgueses em geral e a Coluna Prestes em particular. Lutei insuficientemente para ajudar a consolidação de células comunistas nos sindicatos, nas federações, e penso que isto é a herança do anarquismo, sobretudo no terreno do trabalho de organização. Falo apenas dos meus erros principais.

Em 1930, encontrei-me com Guralski. Em vez de refletir sobre o que ele dizia, eu, com a ingenuidade e o primitivismo de um caboclo (mestiço de índio) do Nordeste do Brasil, acreditei que Guralski era um camarada capaz e estava na linha justa. Conclusão: os comunistas sul-americanos não conseguiram resistir a Guralski. A culpa é dos comunistas latino-americanos.

Considero justa a moção de censura da Comissão de Controle da IC sobre minha fraqueza, quando passei duas noites na casa de Josias Leão em Bremen.

⁶⁶ WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou*, op. cit., p. 337.

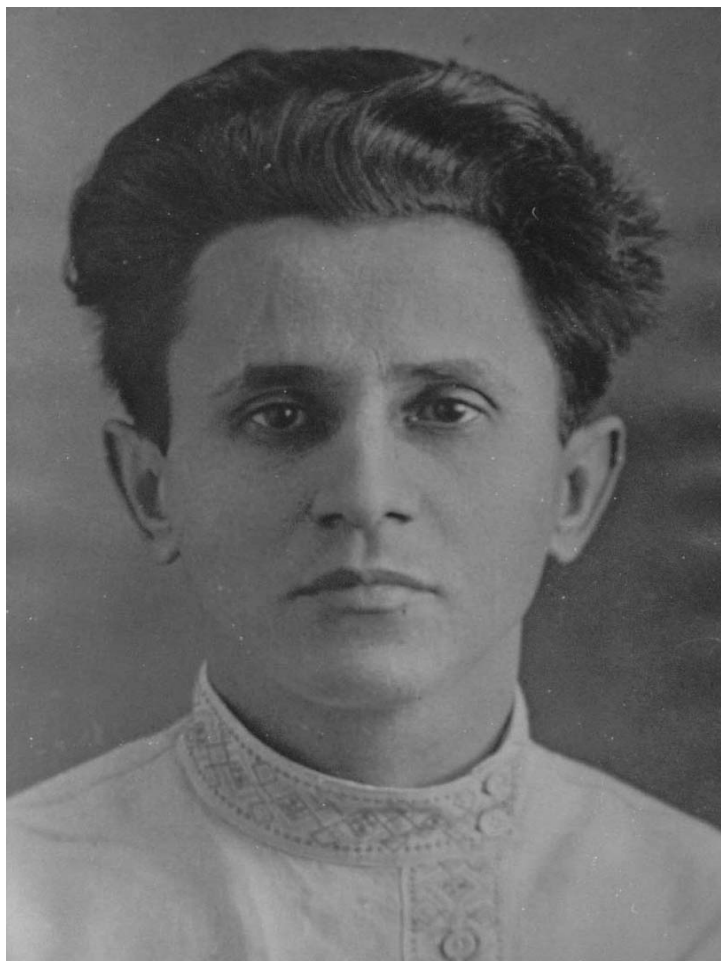
A 3.^a Conferência dos PCs da América Latina adotou em 1934 a palavra de ordem da luta imediata pelos soviets no Brasil. E, na época, o camarada Manuiski perguntou a Ghioldi se estava satisfeito com o trabalho de Guralski. Percebo meu erro, pois já há bastante tempo o camarada Manuiski punha concretamente a questão de Guralski diante dos camaradas sul-americanos. Participei dessa conferência dos PCs e nesse momento estava de acordo com a palavra de ordem dos soviets no Brasil. Os camaradas brasileiros deram informações exageradas. Eles disseram que já haviam conquistado a hegemonia, 70% do Exército etc. Esta é a razão pela qual a 3.^a Conferência não traçou uma linha justa para o Brasil. A responsabilidade está conosco, comunistas brasileiros”.⁶⁷

Como em 1930, novamente se tratava de uma pouco sincera autocrítica de Octavio Brandão. Tratava-se, na realidade, de um necessário e público posicionamento que fazia mais por conveniência da situação do que por espontânea concordância. O seu conteúdo era, inclusive, muito semelhante à autocrítica que fizera em Buenos Aires para não ser expulso do PCB. Mas o que interessava para Brandão, nesse momento, era garantir sua idoneidade e, principalmente, escapar de um duplo destino trágico: a deportação para a Sibéria ou o fuzilamento.

Sem dúvida aqueles foram dos momentos mais dramáticos vividos por Octavio Brandão ao longo de sua militância. Num depoimento que deu, anos depois, recordava-se daqueles terríveis episódios conhecidos na História da Rússia, como o Grande Terror, ao dizer que o ditador soviético “mandava fuzilar a torto e a direito, e é um assombro que eu tenha escapado a 4 anos de expurgos de Stalin”.⁶⁸

⁶⁷ Citado in WAACK, William. *Idem*, p. 338.

⁶⁸ BRANDÃO, Octavio. Entrevista à Revista *Aparte*, op. cit., p. 19.



Coleção particular de Donya Brandão Rocha

Brandão usando a “rubaska”, traje típico da cultura russa.

4.4- Os terríveis anos de guerra contra o nazismo

“Dia a dia, durante quase quatro anos, quatro anos terríveis, acompanhamos a grande luta do povo soviético as hordas selvagens do fascismo. Nessa luta, o povo soviético demonstrou uma firmeza, grandeza e heroísmo extraordinários. Ele salvou a cultura e a civilização mundiais. Sem o povo russo e o seu Exército Vermelho, a humanidade estaria perdida. (...).

Embora modestamente, participamos desta grande batalha. Partilhamos das mesmas dores e sacrifícios. Toda esta luta foi vivida, pensada, sentida e sofrida por nós”.

(Octavio Brandão. *Carta a Pedro Mota Lima*. Moscou, 28.08.1945)

No dia 22 de junho de 1941, as divisões alemãs atravessaram a fronteira da União Soviética, violando o pacto de não-agressão existente há dois anos entre os dois países. Apesar de imaginar que a guerra fosse um fato provável, os soviéticos não esperavam que ela chegasse tão depressa. Na verdade, Stalin nem sequer preparara a opinião pública para a invasão. Até então, o chefe supremo da pátria soviética não havia tomado medidas de alerta, pois não estava convencido da iminência do conflito.

Contrariando o governo comunista, a investida nazista foi fulminante: a maior parte da Força Aérea soviética e milhares de tanques foram destruídos no primeiro dia, enquanto 3,9 milhões de soldados, aprisionados. Desencadeava-se a chamada Operação Barba-roxa, cujo objetivo era destruir rapidamente as forças militares soviéticas e atingir, antes do fim do ano em curso, uma linha imaginária entre o Volga, no centro e no sul, e a cidade de Arkangelsk, no norte. Era uma nova *blitzkrieg* com ataques rápidos envolventes. Pelo ar, a tentativa de arrasar a capacidade de defesa inimiga. Por terra, o avanço impetuoso das colunas blindadas e mecanizadas, na conquista frenética de espaços. Os resultados iniciais foram espetaculares, indo além das previsões mais otimistas. Em menos de uma semana, como destaca Daniel Aarão Reis Filho, “os alemães haviam tomado Minsk, e menos de um mês depois já estavam em Smolenks, a apenas 250 quilômetros de Moscou”.⁶⁹

Octavio Brandão, ao comentar os primeiros momentos daquele cenário de horror, assinalava: “as bombas explosivas e incendiárias caíam sobre a cidade. A morte estava por

⁶⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 149.

toda a parte. Para suportar a situação, era preciso ter uma base teórica, uma grande convicção e nervos de aço. Ao lado de Laura, afrontei serena e dolorosamente a guerra. A família dispersou-se”.⁷⁰

Octavio e Laura, entre outros, entendiam que estava em jogo não apenas a sorte da guerra mundial, mas o futuro do comunismo e o destino da URSS. Por isso compreenderam a necessidade de combater o nazismo e defender a pátria soviética. Desde o início do conflito, ambos realizaram inúmeros esforços. Octavio Brandão cavou trincheiras nos arredores de Moscou. Serrou troncos de pinhos, carregando-os nos próprios ombros para, juntos com outros camaradas, construírem obstáculos contra os tanques alemães. Além disso, montou guarda nos telhados das casas durante várias noites para minimizar os problemas das bombas incendiárias lançadas pelos aviões nazistas. Em consequência do imenso e fatigante trabalho, sobrava-lhe somente um pequeno tempo para fazer curtas e rápidas refeições diárias. Laura, por sua vez, carregou sobre os ombros sacos de areia para reforçar quaisquer materiais inflamáveis e, da mesma maneira que o esposo, montou guarda dia e noite nos telhados das moradias soviéticas. O militante comunista enfrentou ainda enormes problemas para tentar descansar naquelas longas e tensas noites. A esse respeito confessava que precisou dormir “sobre jornais no soalho, ou sobre tábuas no chão de cimento. Um pacote com jornais ou a própria máscara contra gás servia de travesseiro”.⁷¹

O esforço para enfrentar a Alemanha nazista foi uma realização grandiosa e incomparável. Havia duas tarefas centrais imediatas: a militarização do trabalho e o racionamento estrito do abastecimento com criação de cinco categorias de ocupações (trabalho pesado, trabalho ordinário, trabalho de escritório, dependentes, crianças menores de 12 anos). O sacrifício era imenso, mas necessário. Não bastava converter a indústria civil em bélica, mas também transferi-la para regiões orientais, distantes dos ataques nazistas.

Dessa maneira, vinte dias após da invasão alemã, as filhas de Laura e de Octavio Brandão foram evacuadas de Moscou. A mãe, com o coração amargurado, pegou um lençol, colocou as roupas das duas meninas menores (Dionysa e Valná) e fez uma trouxa. Silenciosamente, desceram a rua do Hotel Lux e foram para a estação onde permaneceram horas, aguardando o trem. No silêncio da espera talvez estivesse clara a certeza da

⁷⁰ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, inédito, op. cit., p. 101.

⁷¹ Cf. idem, p. 102.

despedida, só não se sabia que seria definitiva. O trem saiu vagarosamente e Laura deu uma pequena corrida para acenar com a mão: “Foi a última vez que vi mamãe, e esta é a última imagem que tenho dela”, lembrava Dionysa Brandão em meio a muita emoção, num depoimento que deu⁷². As duas meninas foram para a cidade de Gorki, onde ficaram numa casa de repouso que, com a Guerra, foi transformada em refúgio. As mais velhas, Sáttva e Vólia, que estavam em férias de verão, juntamente com jovens espanhóis, foram para o campo em Koljos, a 70 quilômetros de Moscou.⁷³

Em outubro de 1941, Octavio Brandão também recebeu ordem de evacuar. Embora não desejasse abandonar a defesa de Moscou, tratava-se de uma orientação da própria IC e ele não teve escolha, foi obrigado a segui-la. Sem saber exatamente o seu destino, partiu com Laura que estava gravemente enferma. Após cinco dias de uma desgastante viagem, chegaram à cidade de Ufá, capital da República da Bashkíria, na região dos Montes Urais. No local, Octavio tratou logo de internar Laura num hospital. Mas o estabelecimento ficava quase fora da cidade e as visitas só eram permitidas uma vez por semana. Tudo isso causava na poetisa uma sensação de isolamento. Para piorar, sua situação clínica era cada vez mais crítica.

No dia 27 de outubro, Brandão decidiu escrever uma carta – a última – para sua esposa. Nela é possível perceber a intenção de agradecer à fiel companheira por tudo aquilo que fizera em sua vida pessoal e militante. Ainda que não se tratasse de uma despedida formal, alguns trechos de sua carta indicavam, ao menos, uma preocupação dele estimular a autoconfiança de sua esposa, de modo a superar o delicado momento que enfrentava.

Ufá, 27 out. 1941 – à noite.

Minha Laulizinha!

Como passaste a noite? Tomaste um banho morno? Mudaste de roupa branca? Como te sentes? Que precisas? Queres café? Precisas de dinheiro?

Vão um pouco de açúcar e dos bolos que comprei ontem.

Teu espírito é sempre MUITO FORTE. É uma das coisas da minha admiração por ti. Não tem razão alguma para perdermos a esperança. Tenhamos esperança de que voltarás ao Brasil, à tua terra natal, à tua cidade.

Meu grande e único amor!

Precisas viver! Deves viver! Ainda tens muito que fazer no mundo pela causa, pelo teu povo que te ama, que nunca te esquecerá, pelas tuas filhinhas!

Tenhamos coragem e não percamos a esperança!

⁷² Refiro-me ao depoimento em vídeo dado por Dionysa Brandão Rocha e Valná Brandão Tchudínova ao Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, no dia 10.08.1994.

⁷³ Cf. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*, op. cit., p. 185.

A vida sempre foi cruel para contigo. Agora, ela deve ser boa para ti. Ninguém merece mais que tu.

Laulizinha do coração, um abraço apertado!

Coragem! Marchemos para frente!

P.S.: Tomas cacau?

Aproveita os momentos de repouso para copiar tuas poesias. Quero ter aqui, comigo, uma cópia delas. Guardá-las-ei com todo o cuidado.

Minha epopéia *O Caminho* será dedicada a ti como poetisa, pedagoga e precursora do movimento revolucionário das mulheres trabalhadoras. Não te posso pagar de outra forma tanto amor e tanto sacrifício e tanta grandeza de tua parte.

Teu fiel!⁷⁴

No dia seguinte, Laura Brandão respondia a Octavio. Apesar de demonstrar preocupação e ansiedade por desejar receber notícias das filhas, o que mais predominava em sua mensagem era o clima de despedida. Foi a última carta que ela escreveu ao esposo:

Ufá, 28.10.1941

Saúde!

E as filhinhas? Ainda não chegaram? Muito obrigada pela tua carta de hoje, por todas as cartas que me escreveste nesta vida, muito obrigada!

Quando estiveres muito compungindo a meu respeito, pensa nos meus defeitos...

Aqui, naturalmente, há menos recursos que em Moscou, mas é muito melhor que aí, nem se compara.

Tomei banho, depois vim para um quarto em que estão mais quatro doentes, Dormi mais ou menos, sem tomar remédio. A cama é boa, cheirando a roupa limpa!

Já te disseram aqui o que eu preciso?

Adeus, meu maridinho, muito obrigada pelo que me mandaste, tudo que me mandaste eu precisava, adivinhaste. Faltam duas coisas: os meus chinelinhos pretos e, se for possível, um pouquinho de manteiga. Preciso também dos meus óculos.

Adeus, muito obrigada pelos tesouros de saber que abriste aos meus olhos (e a tantos olhos lá na Pátria e aqui também), muito obrigada pelas 4 filhas que me deste e muitíssimo obrigada pelo poema que me ofereceste, pela tua epopéia "O Caminho".

Adeus, meu Amor, venceremos. Depois te escreverei com mais vagar.

Quanto ao meu "espírito forte", eu sinto que ele se conserva muito mais forte que o meu corpo!

Adeus, meu Amor, não te esqueças de ti e das filhinhas – por amor à causa! A causa precisa de vós.

Adeus, Lauli.⁷⁵

Apesar da tristeza pela solidão e pelas perspectivas negativas da doença, Laura Brandão teve, afinal, uma imensa alegria: pôde estar ao lado de pelo menos duas das filhas,

⁷⁴ Carta de Octavio Brandão a Laura. 27.10.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.]. Grifos do original.

⁷⁵ Carta de Laura Brandão a Octavio. 28.10.1941. Idem, *ibidem*.

Vólia e Sáttva que, depois de realizarem uma difícil viagem, vieram para ficar com a mãe em seus últimos momentos de vida.

Além de suas memórias, Octavio Brandão descreveu os fatos vividos durante os dez meses e meio que permaneceu em Ufá, nas páginas de uma espécie de diário que localizei no Arquivo Edgard Leuenroth. Referindo-se a um diálogo que presenciou, ocorrido entre Laura e Lúcia Prestes, numa visita que esta última fizera à poetisa no hospital, relatou:

17 nov. 1941

Laura disse a Lúcia: “– Sinto-me muita fraca. Uma fraqueza... uma fraqueza... Sinto que estou morrendo”. Lúcia ficou comovida. Começaram as lágrimas a correr. Num momento depois falou da situação da União Soviética e disse: “– Quantos crimes diretos e indiretos cometidos por Hitler! Quantas vítimas! Quanto sangue! Quantas lágrimas derramadas!”

Em seguida, consolou-se, levantou a cabeça e disse: “– Mas de tudo isto sobrá um mundo que será formado... Deveremos ser dignas da nossa época. Vivemos a maior época da história da Humanidade (...)”.⁷⁶

Octavio, enquanto aguardava uma improvável recuperação de sua querida companheira, seguia a vida. Enfrentou inúmeras dificuldades econômicas, além de outras carências materiais. No início dormia no chão; depois, conseguiu um estrado de madeira. O pouco dinheiro dava apenas para uma refeição diária. Num determinado momento, recebeu convite para trabalhar no campo, numa aldeia tártara. Pelo fato de não ter prática na agricultura e ainda por não desejar se afastar de Laura – que se encontrava gravemente enferma – acabou não aceitando o convite. Para piorar a situação, o inverno rigoroso dos Urais se aproximava. Finalmente, conseguiu trabalho temporário, numa rádio local.

Mas, no início de 1942, Brandão teve uma terrível notícia: o falecimento de sua esposa, no dia 28 de janeiro, vítima de leucemia. Dois dias depois, realizou-se o enterro, como ele próprio lembrara.

“Fomos buscar o corpo de Laura no hospital, na velha Ufá. Era um grupo de amigos, o companheiro, as duas filhas mais velhas (...). Carregamo-la nos braços para o caixão e colocamo-lo sobre a neve. O sol iluminou o caixão. (...) Sobre o caixão três grandes coroas. Uma em nome da família e dos amigos, a outra em nome do partido e a terceira em nome do Socorro Vermelho. (...) Formou-se o cortejo. Eram os três membros da família, dois amigos brasileiros, alguns camaradas espanhóis, dois russos, alemães. À frente do cortejo a grande Pasionaria.”⁷⁷

Com a morte de Laura Brandão, Octavio tomou a iniciativa de escrever um telegrama ao presidente do Komintern, Georgi Dimitrov, solicitando algum trabalho em Moscou.

⁷⁶ *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 28. [manus].

⁷⁷ *Idem, ibidem*.

Afinal, não havia mais nada a fazer na longínqua Ufá. Uma semana depois, veio a resposta favorável. Depois de permanecer por dez meses e meio na gelada região dos Urais, o militante comunista voltava à capital soviética.

Logo que chegou, Octavio Brandão recomeçou suas atividades na Rádio Moscou. Mas agora, em razão da continuidade da Guerra, o trabalho que desenvolvia era muito mais cansativo: começava à meia-noite e ia até às 5:00 horas da manhã. Nos quinze minutos finais, dedicava-se à tarefa de irradiar as principais mensagens em língua portuguesa para países como o Brasil, Portugal, Espanha, colônias lusitanas na África, além de outras nações da América Latina. A esse respeito, redigiu pequena nota, em espanhol, em que procurava lembrar aos ouvintes sintonizados que

“diariamente, de las 4.45 a las 4.59 de la mañana, hora de Moscu, Radio Moscu transmite por campo de ondas de 28 y 31 metros, su boletin de informaciones en la lengua portuguesa-brasileña

Queridos oyentes, escuchad este boletin a las 4.45 de la mañana, hora de Moscu”!

OB

26 set. 1942.⁷⁸

Octavio também se preocupava em preparar os resumos dos temas a serem abordados nas suas emissões. Era uma medida que visava facilitar seu trabalho de locutor. A esse propósito, num dos modelos que fez, em pequeno pedaço de papel datilografado, assinalou os temas gerais e assuntos a serem tratados propostos para uma comunicação realizada em 1944.

I. Informações soviéticas

1. Comunicado do BSI
2. Materiais sobre a frente de batalha
3. Materiais sobre a retaguarda

II. Informação internacional

4. Repercussão internacional da luta do povo e do exército soviéticos
5. Telegramas da TASS sobre os outros países: Inglaterra, EEUU, América Latina, a luta dos povos contra o hitlerismo, etc.

III. Tema do dia

6. Um artigo especial sobre um assunto palpitante. Este artigo deve fechar a emissão.⁷⁹

⁷⁸ BRANDÃO, Octavio. “Emission en la lengua portuguesa-brasileña”. 26.09.1942. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36, envelope “Guerra patriótica – URSS: frente de batalha”. [dat.].

⁷⁹ Idem, *ibidem*.

Nos programas da rádio, Octavio Brandão tornou-se engajado adversário do nazismo, elaborando escritos contra a sua propaganda. Numa comunicação em espanhol, datada de 18 de agosto de 1942, fez uma reveladora notícia: o interesse de os alemães nazistas se instalarem em locais estratégicos na América do Sul. No Brasil, a região visada era o sul do país, pelo fato de – como garantiu o locutor – “ser muito rica em madeira e carvão, além de ter uma importância estratégica no sul do continente, onde os fascistas germânicos possuíam um plano para instaurar a chamada ‘Nova Alemanha’, edição hitleriana da ‘Alemanha Antártica’, do Kaiser”⁸⁰. Essa informação era confirmada por Octavio pelo fato de a poderosa companhia *Norddeutscher Lloyd*, de Bremen, já ter distribuído, no local, “cartas geográficas” considerando a região “território puramente alemão, uma espécie de Sudetas”. Outro fator que facilitava o interesse alemão pelo sul do Brasil era o grande número de alemães lá residentes. Cita o exemplo da cidade catarinense de Blumenau, na qual as autoridades eram “membros do partido fascista alemão” e a língua alemã era o idioma dominante. Além disso, “os próprios agentes nazistas” teriam feito no local “larga propaganda sob a consigna demagógica: ‘autodeterminação dos alemães do Brasil’”. Para assegurar ainda mais a veracidade de seu informe, Brandão procurava basear-se na imprensa da própria América do Sul. Dessa maneira, advertia que o jornal argentino *La Prensa* já havia reproduzido, em suas páginas, uma declaração de Hitler, segundo a qual o ditador afirmara suas intenções no continente, ao dizer: “Edificaremos no Brasil uma nova Alemanha. Ali teremos o quanto necessitaremos. Uma revolução transformará, em poucos anos, esse Estado governado por mestiços corrompidos, em um domínio germânico”.

Toda a sua argumentação tinha claro propósito: denunciar o interesse dos nazistas pelo Brasil, embora não apenas. Na Argentina e no Uruguai, os fascistas alemães planejavam, da mesma maneira, formar o chamado “Protetorado alemão da Prata”, na cuenca do rio La Plata”. Para isso, pensavam unificar, sob a sua influência, as regiões mais ricas dos países meridionais, Montevideu e Buenos Aires, respectivamente. Terminava sua comunicação alertando novamente para o fato de os “agentes alemães e seus aliados” quererem transformar o continente sul-americano em “verdadeiras colônias de escravos”. Apesar da gravidade da situação, Octavio via com otimismo o fato de os povos da América

⁸⁰ _____. “Os fascistas alemães buscam apoderar-se de territórios estratégicos na América do Sul”. 18.08.41. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 13, pasta 26.

Latina não estarem de braços cruzados e já terem começado a tomar medidas para romper com as “nefastas intenções dos hitlerianos e seus agentes”.⁸¹

Nas transmissões por rádio que Octavio Brandão fazia, tornou-se comum também a defesa da URSS. Os episódios da resistência heróica da sociedade soviética e do Exército Vermelho foram inúmeros, destacando-se, em seus relatos, a investida contra Moscou, o cerco de Leningrado e a batalha de Stalingrado. A respeito desse último combate, dedicou-lhe uma comunicação especial, realizada no dia 7 de dezembro de 1942. Iniciava sua mensagem homenageando a cidade que, naquele momento, estava se afirmando como “um símbolo, uma bandeira de combate, um exemplo vivo, um modelo a ser seguido por todos os povos do mundo”.⁸²

Segundo seu locutor, os combatentes soviéticos travavam “heróica resistência, por cada fábrica, oficina, casa, quarto, corredor, rincão”. Apesar de sustentar o fato de “diariamente, durante 10 a 12 horas”, os aviões alemães terem bombardeado, sem trégua, os arredores da cidade causando grandes incêndios, dizia que “os heróis de Stalingrado resistiam indômitos, inquebrantáveis”, mas também “atacavam e contra-atacavam”. No final, exaltava enormemente às características dos “heróis da resistência”, ao assinalar: “Os homens de Stalingrado são duros como uma pedra e são retemperados como o aço”. Mas procurava, ao mesmo tempo, não mitificá-los, pois dizia que, apesar dessas enormes qualidades, eles eram “humanos, como eu, como tu, caro ouvinte, como todos nós. Tal é a força e a grandeza do humanismo soviético”!⁸³

Durante a guerra, Octavio Brandão, como muitos outros estrangeiros ou soviéticos, mostrava sua verdadeira admiração por Stalin. Esse sentimento de orgulho pelo “grande líder” devia-se ao fato de este último, mesmo correndo risco de vida ao ver a capital soviética sitiada pelo inimigo, ter optado lá ficar, personificando a firmeza do povo, a coesão nacional e a vontade de vencer. Milovan Djilas – que conhecera de perto o ditador soviético – também enalteceu tal episódio, ao afirmar: “Não se pode descrever o grande efeito moral produzido quando o povo soube que Stalin permanecia em Moscou e quando ouviu as suas palavras. Isso lhes restituiu a fé e aumentou a confiança, valendo mais que um exército inteiro”⁸⁴. Esse reconhecimento ao “guia genial dos povos” foi demonstrado

⁸¹ Idem, *ibidem*.

⁸² Caboclo do nordeste (pseud.) “A epopéia de Stalingrado”. Moscou, 17.12.1942, 2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.].

⁸³ Idem, *ibidem*.

⁸⁴ DJILAS, Milovan. *Conversações com Stalin*. Porto Alegre: Globo, 1964, p. 28.

pelo próprio Octavio Brandão em várias notícias que comentava na Rádio Moscou. Além da necessidade de propagandear as ações de Stalin, não deixava de, pessoalmente, mostrar sua satisfação ao fazê-lo, como numa comunicação que realizou no dia 27 de janeiro de 1943. Após traduzir um artigo da revista russa *Vida soviética*, que versava sobre a dedicação da juventude aos esforços de guerra, noticiava:

“A juventude promete ao seu chefe, o camarada Stalin, trabalhar ainda mais a fim de acelerar a hora da derrota definitiva das hordas fascistas. Aumentou a torrente de recursos que os moços e as moças retiram de suas economias para a construção de tanques e aviões para o Exército Vermelho. A juventude da República de Tchuvach, nos últimos dias, acaba de coletar mais de 8 milhões de rublos. Na Armênia, a juventude reuniu, nos últimos tempos, dois e meio milhões de rublos”.⁸⁵

Numa outra tradução que fez, acerca das inúmeras cartas que o “grande líder” recebia, outra mensagem específica, que indicava a dedicação exclusiva dos trabalhadores soviéticos na defesa da pátria do socialismo. Enviada por uma antiga combatente de 67 anos que havia lutado como guerrilheira, durante os anos da guerra civil de 1918-1921, dizia um trecho da mensagem:

“A camarada Orlova (...) escreve ao camarada Stalin: ‘sou mulher de combate. Quatro filhos meus estão na frente de batalha. O mais velho, lutando pela felicidade da nossa Pátria, pereceu em combate contra as forças fascistas de ocupação. O segundo filho foi condecorado, gravemente ferido e, agora, encontra-se novamente na frente de batalha. Meu marido foi condecorado, tem 65 anos, e apesar da idade avançada marchou para a frente de batalha, como voluntário, desde o começo da nossa guerra patriótica. Em 1941, meu marido foi contundido e ferido pela segunda vez. Em 1942, foi ferido gravemente. E agora, há cerca de 3 meses novamente se encontra no front. (...)’”.⁸⁶

Outra característica nas transmissões de Octavio Brandão era a importância que destinava aos assuntos do cotidiano do povo soviético, como saúde, cultura, hábitos etc. Num comentário que fez a respeito da educação infantil russa, assinalava que “diariamente, pela manhã, cerca de 2 milhões de crianças da União Soviética vão para os jardins de infância, enquanto as mães estão no trabalho”. Segundo Octavio, esses centros especializados eram como “uma segunda casa, uma segunda família” para inúmeros meninos e meninas. Neles – continua o locutor – “as crianças, sob a orientação de pedagogas experientes, recebem brinquedos; brincam, cantam e dançam; passeiam e

⁸⁵ A juventude e suas economias para a construção de tanques e aviões para o Exército Vermelho”. *Vida soviética*. Moscou, 27.01.1943. Traduzido por OB. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 2, pasta 37, envelope “maio de 1943”. [dat.].

⁸⁶ “Os trabalhadores soviéticos escrevem cartas comovedoras ao camarada Stalin”. *Revista da imprensa*. Moscou, 04.01.1943. Traduzido por OB, 1p, Idem.

recebem um tratamento higiênico”. Chamava ainda a atenção para o fato de existirem jardins de infância especiais, “para crianças doentes ou débeis que ali ficam durante dois meses e, se for necessário, por um prazo ainda maior”. Por fim, trazia a informação de terem sido inauguradas “mais de 1.500 jardins de infância, no ano passado” (1944), mesmo nas zonas que sofreram a invasão “dos bárbaros alemães”. E, de maneira entusiasta com essa experiência, não deixava de explicitar seu contentamento com o governo soviético, por este mostrar sua “extrema solicitude pela educação das crianças e pela formação das novas gerações!”⁸⁷

No final de 1942, a vida de Octavio Brandão não era nada fácil. Além da jornada fatigante na rádio – das 0:00h às 5h da manhã – no início da tarde, trabalhava no Instituto de Economia para ganhar um pouco mais. Devido a essa cansativa rotina, dormia pouco. Para piorar, perdia cerca de duas horas nas filas de bondes e nas caminhadas que fazia para poupar gastos. Numa carta que enviou às irmãs de Prestes, em outubro de 1942, respondia ao pedido para ver se conseguia algum trabalho na rádio para uma delas, Eloísa. Mostrando que não seria tarefa nada fácil, dizia, em sua mensagem:

Caras camaradas

Tenho encontrado toda uma série de dificuldades... Não consegui falar com o chefe. (...) Fiz uma proposta ao Rádio para dar trabalho a E. e, desta forma, fazê-la vir para aqui. Não consegui obter resposta favorável. Infelizmente, não depende de mim obter trabalho para você aqui, e fazê-las vir para cá. Falo-lhes com a franqueza de sempre (...). Aqui há muitas dificuldades, mesmo para quem tem trabalho e pode trabalhar. Aqui é difícil mesmo para quem tem saúde (...). Como sabem, vim para aqui devido não só a razões de trabalho como também devido a razões políticas do nosso instituto e a chamado do mesmo. (...)

Depois de 20 dias aqui, foi tomada uma decisão: eu começaria a trabalhar sozinho, sem esperar pelas duas auxiliares. E, assim, trabalho há 27 dias: trabalho da 1 às 6 da tarde no instituto e das 12 da noite às 5 da manhã na outra casa. Perco 3 horas nos bondes e 2 horas com as caminhadas (a pé). As 11 ½ da noite, vou pelas ruas, nas mais completa escuridão, sem ver sequer o solo em que piso, e muitas vezes sob a chuva, o frio e o vento (...).

Um abraço afetuoso do camarada e compatriota

O Caboclo,⁸⁸

Apesar das dificuldades relatadas pelo próprio Octavio Brandão na sua carta de 28 de dezembro de 1942, uma das irmãs do Cavaleiro da Esperança conseguiu trabalhar, ao seu lado, na Rádio Moscou. Mas, ao invés de Eloísa, a escolhida havia sido Lúcia Prestes.

Não demorou muito para que os encontros profissionais entre ambos se transformassem num romance, já nos primeiros meses do ano seguinte. O próprio Octavio,

⁸⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁸ “Carta a Eloísa, Lucia e Clotilde”. S.l., 20.10.1942, 1p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30. [dat.]. Grifos do original.

no segundo e inédito volume de suas memórias, assinalava que, no leito de morte, Laura Brandão havia recomendado que ele procurasse uma nova companheira e se casasse⁸⁹. Assim, pouco mais de um ano da perda de sua primeira e inesquecível esposa, Octavio Brandão explicou, num bilhete pessoal enviado a Lúcia Prestes, os seus propósitos no estabelecimento da nova relação:

Que espero de ti:

Amor. Compreensão. Estímulo. Solicitude. Conforto moral. Apoio político e intelectual. A luta mais decidida para que, finalmente, me façam justiça.⁹⁰

A seguir, logo fez questão de formalizar essa recente ligação afetiva em sua vida, escrevendo uma carta a Eloísa e a Clotilde, irmãs de sua nova companheira. Nela afirmava:

Caras amigas!

Há tempos que desejava escrever-lhes, mas só agora posso fazê-lo. Como sabem, durante 11 anos, dediquei amizade a sua irmã. Esta amizade sempre foi como um céu límpido, sem nuvem alguma.

Lúcia veio para Moscou. Passou a viver entre minhas filhas e a trabalhar a meu lado, na Rádio. O convívio íntimo revela muitas coisas. Em geral, a pessoa aparece tal como é. Assim, descobrimos em Lúcia novas qualidades. Minhas filhas passaram a tratá-la como uma irmã querida. E Lúcia ficou sendo parte integrante da família.

Nestas condições é compreensível que a antiga amizade por Lúcia se tenha transformado em uma simpatia cada vez maior. Esta simpatia transformou-se em um sentimento mais profundo.

Da parte de Lúcia, encontrei o mesmo sentimento e um esforço para compreender-me. Assim, sucedeu o que era natural: unimo-nos. Nossa família é unida e harmoniosa, como sempre.

Espero que Lúcia seja como um símbolo de união entre as duas grandes famílias (...) e tragam resultados benéficos para a nossa Pátria.

Se conseguir dar a Lúcia um pouco de alegria, prazer, conforto moral e apoio intelectual, considerar-me-ei feliz.

Caras amigas, o abraço afetuoso!⁹¹

Octavio Brandão e Lúcia Prestes casaram-se, em março de 1943, e tiveram duas filhas: Iracema e Glória. Apesar de as duas terem nascidas na Rússia, foram registradas no Rio de Janeiro, em 1946, como brasileiras.

⁸⁹ Cf. BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)* - inédito, op. cit., p. 106.

⁹⁰ (sem título). Bilhete de Octavio a Lúcia. Moscou, 15.05.1943, 1p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30, envelope "Lúcia". [manus.].

⁹¹ "Carta de Octavio Brandão a Eloísa e a Clotilde Prestes". Moscou, 13.05.1943. Idem.

De fato, parecia que o ano de 1943 começava bem para Brandão. Além do novo casamento, a vida melhorava na União Soviética, pois, em fevereiro, as tropas alemãs haviam sido cercadas e liquidadas na Batalha de Stalingrado. Sua alegria com a heróica vitória do Exército Vermelho, apesar dos enormes sofrimentos por que passou a população soviética, era muito grande. Numa emissão que fez para a Rádio Moscou, a poucos dias da vitória final, demonstrava toda a sua alegria ao relatar uma notícia que traduzira de um jornal russo:

“Numa parede de Stalingrado, num edifício destruído, os trabalhadores escreveram esta palavra de ordem: ‘Nós te faremos renascer, querida Stalingrado’.

Esta palavra de ordem repercutiu extraordinariamente no coração de cada filho de Stalingrado. A cidade foi liberta das garras dos abutres hitlerianos há pouco mais de um mês. Quantas coisas foram feitas durante este espaço de tempo! Toda a União Soviética auxilia a cidade heróica a levantar-se das próprias ruínas. Já estão funcionando a fábrica de sabão, o moinho e as padarias. (...) O hospital já começou a funcionar. (...) Funcionam os correios e os telégrafos.

Em Stalingrado, arruinada pelos hitlerianos, a vida recomeça depois da expulsão dos invasores”.⁹²

Mas nem tudo era contentamento para Octavio Brandão. Com tristeza, assistiu decepcionado à dissolução da Internacional Comunista, decretada por Stalin, em maio de 1943. Essa atitude, em sua opinião, sinalizava “um golpe doloroso”. Afinal, através dela, dedicou inúmeras lutas, esforços e entusiasmos. Por tudo isso, sentia muito a sua extinção, admitindo, inclusive, que, com seu fim, havia se encerrado “uma época de minha vida”.⁹³

Também lamentava o fato, de durante sua estada nos Urais, os inúmeros papéis que guardara no apartamento do Hotel Lux terem sido retirados e queimados no momento da evacuação de Moscou, durante os bombardeios dos aviões nazistas. Eram materiais valiosos para o comunista alagoano, como as cartas e as poesias de Laura Brandão, obras inéditas de sua autoria, além de artigos e estudos que teve o trabalho de reunir ao longo de dez anos. Agora, para seu pesar, haviam se perdido completamente.

Apesar das perdas de ordem material, o que mais significava para Octavio Brandão, naquele momento, era saber que a hecatombe da guerra se aproximava do final. Antes, porém, tentou, mais uma vez, publicar o escrito que fizera em homenagem a Laura Brandão. A respeito desse fato, encontrei uma carta que o ex-dirigente comunista havia

⁹² “Stalingrado, arruinada pelos hitlerianos, começa a renascer”. *Revista da imprensa*, Moscou, 14.03.1943. (Trad. por OB), 1p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. AEL/IFCH/Unicamp, pacote 2, pasta 37. [dat.].

⁹³ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)* - inédito, op. cit., p. 105.

enviado a Kélin, diretor da revista *A Literatura Internacional*, no começo de 1945. Nessa correspondência, queixava-se de ter esperado quinze meses por uma decisão positiva ao trabalho que fizera sobre sua falecida companheira. Mas, para sua decepção, o diretor do periódico negara-lhe o pedido por se tratar de uma “narrativa pessoal”, igual a tantas outras ocorridas durante o conflito mundial.

No entanto, Octavio não concordava com os argumentos de Kélin, pois insistia que Laura Brandão havia sido poetisa e uma combatente do socialismo muito conhecida, tendo, inclusive, em seu enterro, a presença de importantes personalidades do comunismo internacional, como a célebre La Pasionária. Mostrando sua decepção com a indiferença do camarada russo, Brandão fez um forte desabafo: “Tenho de viver como um mendigo – e mendigar durante 15 meses – para que publiquem um simples artigo, mesmo reduzido, sobre uma antifascista brasileira. Depois de inúmeros adiamentos o artigo é recusado. Assim, só me resta protestar contra tudo isto!”⁹⁴. No final de sua mensagem, pedia a Kélin que devolvesse tanto as poesias que se encontravam, há treze anos em seu poder, como o texto que fizera sobre Laura; demonstrava (ou desejava demonstrar) ao diretor da revista uma certeza inequívoca: “para que eu possa enviá-lo à América Latina, onde será publicado – estou absolutamente certo – com o carinho digno da memória de uma combatente que amou com o mais profundo amor o Brasil e a União Soviética”! Mas, como veremos adiante, tratava-se apenas de sincero desejo, ainda que autoconfiante, uma vez que, na prática, encontraria muita resistência, inclusive do PCB, à publicação de sua justa homenagem àquela personalidade maior importância teve em sua vida.

Em maio de 1945, a guerra finalmente chegava ao fim com a rendição dos generais nazistas. Socialismo soviético e patriotismo russo haviam sido reconciliados. O Partido Comunista, a rigor, como assinala Daniel Aarão, transformou-se numa ampla frente patriótica popular⁹⁵. Tudo isso contribuiu decisivamente para a vitória contra o agressor.

Os últimos dois anos da estada de Octavio Brandão na União Soviética foram marcados por duas sensações que se completavam. Por um lado, a alegria e, por outro, a ansiedade. A primeira impressão era, sem dúvida, motivada pela notícia do nascimento das duas filhas que teve com Lúcia Prestes. A primeira foi chamada de Iracema e nasceu em março de 1944. Segundo o pai, a escolha de seu nome evidenciava um claro saudosismo: a

⁹⁴ _____. “Carta ao camarada Kélin”. Moscou, 02.02.1945, 2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. AEL/IFCH/Unicamp, pacote 10, pasta 1. [dat.].

⁹⁵ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*, op. cit., p. 165.

lembrança da pátria distante. Expressando o mesmo sentimento de contentamento, sua esposa enviou-lhe uma carta:

Querido!

Outra vez estava com a criança nos braços quando chegaste. Muito obrigada pela tua visita e pelas coisas boas enviadas. Eu e Iracema estamos bem e esperamos que em breve o papai e a filhinha se conheçam.

Será bom marcares o automóvel para domingo, poderá haver atraso, aqui, na maternidade.

Envie a garrafa de leite

Até breve

Lúcia.⁹⁶

No ano seguinte, Octavio recebeu, satisfação, a notícia de que, sua mulher dera à luz a outra criança, batizada com o nome de Glória. No momento em que ainda se recuperava do parto, Lúcia escrevia a seguinte mensagem ao marido:

Querido Oct.

Muito obrigada pelo lápis e papel. Estou passando bem, sem febre nem complicações. A criança vai bem, parece-se com Iracema. Tem 49 cm de comprimento e nasceu pesando 3kg.

Penso muito em nossa terra e no que via por lá. Que haverá de novo? Como está o resfriado? Se tudo correr bem, domingo próximo voltarei para casa. Como te arranjias sem o meu auxílio? Estou impaciente para voltar à vida.

Muitas lembranças para todas as meninas.

Lu.⁹⁷

Além da intensa alegria por esses dois importantes momentos em sua vida pessoal, Octavio Brandão demonstrava também ansiedade diante da expectativa de retornar ao Brasil, com o fim da ditadura de Vargas. Numa carta enviada ao amigo Pedro Mota Lima, em agosto de 1945, era nítido, em determinado trecho, esse imenso desejo, quando assinala:

“(...) Em casa o ambiente é brasileiro. Eu e as filhas desejamos voltar ao Brasil, a fim de colocar a serviço do povo e da Pátria a experiência e os conhecimentos adquiridos aqui. Assim, peço aos amigos que nos auxiliem a receber um passaporte para o Brasil.

Todos sabem que, há um quarto de século, sou um verdadeiro amigo do povo russo. Mas meu posto de luta é aí, na terra e na Pátria!”⁹⁸

⁹⁶ Carta de Lúcia Prestes a Octavio Brandão. Moscou, 10.03.1944. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. AEL/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30. [manus.].

⁹⁷ Carta de Lúcia Prestes a Octavio Brandão. Moscou, 09.12.1945. Idem, [manus.].

⁹⁸ “Carta de Octavio Brandão a Pedro Mota Lima”. Moscou, 28.08.1945, 2p. *Fundo Octavio Brandão (reserva técnica)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 30, pacote 14, envelope “Lúcia”. [dat.].

Fazendo um breve balanço de sua permanência na distante pátria soviética, a vida de Octavio Brandão e de sua família, como vimos, foi marcada por freqüentes obstáculos. Entre 1931 e 1934, época do primeiro plano quinquenal, a carência material e os sacrifícios exigidos pela industrialização acelerada levaram-nos a passar necessidades com a escassez de muitos produtos básicos. Em 1936, apesar de ter melhorado a situação econômica, veio, a seguir, o Grande Terror. Foi obrigado a conviver com o medo e a insegurança constantes. Em 1938, os expurgos stalinistas chegavam ao fim. O trabalho que desenvolvia na IC e as emissões que fazia na Rádio Moscou indicavam que conseguiria ter paz e tranqüilidade. Mas, com a invasão dos nazistas ao território soviético, em junho de 1941, foi novamente obrigado a conviver com uma dramática situação: os horrores da guerra que, entre todos os males, tirou a vida do grande amor de sua vida, Laura Brandão.

Apesar de todas as imensas dificuldades por que passou, Octavio Brandão mostrava-se otimista e feliz com a possibilidade de seu retorno ao Brasil, não só pela experiência adquirida, como também pelo desejo de contribuir para a superação do ostracismo político vivido no interior do PCB, desde os anos 30. Justiça e compreensão... era o binômio perfeito que esperava encontrar no recomeço de sua militância na pátria querida. Realidade ou apenas um desejo?



Coleção particular de Danyssa Brandão Rocha

Medalha de Bravura concedida a Octavio Brandão, datada de 31.12.1945, pelos valorosos esforços prestados à "Pátria Russa" durante à resistência ao nazismo.

CAPÍTULO 5

**MILITÂNCIA VIGIADA:
OSTRACISMOS E
DESABAFOS (1947-1956)**

5.1- O retorno ao Brasil: esperanças e frustrações

“A consciência me diz que fiz de tudo para evitar que o Partido Comunista do Brasil chegasse à situação atual. (...) Desde 1946, no terreno político e ideológico fui sempre jogado à margem. Sou boicotado e bloqueado por todos os lados. Boicotado pelos elementos da pretensa ‘esquerda’, porque não pactuo com o oportunismo desses elementos que acumulam derrotas e mais derrotas, pois não têm base teórica nem conhecem a realidade brasileira. (...)”

Depois de 1946, de volta ao Brasil, minha vida resume-se em poucas palavras: trabalhadeira e vida ilegal, pobreza e desemprego. Ofensas e humilhações. Pretendiam-me reduzir a um gato morto.”

(Octavio Brandão, “Análise” [obra inédita]. S.l.d)

Em setembro de 1946, Octavio Brandão, sua segunda esposa Lúcia e as quatro filhas (Dionysa, Valná e as mais novas, Glória e Iracema) partiram de avião de Moscou¹ rumo a Odessa, percorreram a cidade e tomaram o navio *Baku*, atravessando o Mar Negro. Depois de vários dias, alcançaram o Oceano Atlântico e desembarcaram em Montevidéu, no Uruguai. Finalmente, tomaram o avião e aterrizaram na Cidade do Rio de Janeiro. Após permanecer quinze longos anos fora do Brasil, no dia 1.º de novembro de 1946, o velho comunista alagoano regressava à pátria querida, indo residir com a família, na Avenida Portugal, no Bairro da Urca.

Em sua chegada logo pôde constatar a indiferença que sua presença causava aos membros da direção do PCB. Nenhum representante do partido foi recepcioná-lo no aeroporto. Somente o antigo camarada Astrojildo Pereira compareceu para saudá-los. Mas, talvez com outro objetivo. Numa de suas últimas entrevistas dadas a uma revista – que permaneceu inédita até o ano de 1996 – Octavio Brandão afirma que o ex-dirigente e fundador do partido fora ao aeroporto com uma tarefa específica: buscar as irmãs de Prestes, pois a *Imprensa Popular*, jornal do PCB, anunciava sua chegada.²

Seja como for, da parte dos trabalhadores, a acolhida foi bastante diferente. Poucos dias após seu retorno, várias mensagens como cartas e telegramas, eram endereçadas a Octavio, felicitando sua volta. No Arquivo Edgard Leuenroth encontra-se um número

¹ Também vieram no vôo a outra irmã de Prestes, Clotilde, e os filhos do militante comunista Fernando de Lacerda.

² Cf. LONER, Beatriz Ana & MENESES, Valmir. “Entrevista com Octavio Brandão”. Rio de Janeiro, 28.04.1979. In: *História em Revista*. UFPel: Pelotas, Editora Universitária, n.º 2, 1996, p. 242.

significativo dessas correspondências, através das quais pessoas comuns tiveram a oportunidade de manifestar suas opiniões acerca do velho militante comunista. Em novembro de 1946, por exemplo, o metalúrgico Geraldo de Santa Maria saudava o regresso daquele que considerava ser “o Herói do trabalho”. Na sua carta, dizia:

“Saudo-te herói do trabalho

Saudo-te pelo regresso à Pátria após 15 anos de ausência em que os teus ferozes inimigos daquela época fizeram-te tudo para eliminá-lo física e moralmente.

Mas o teu caráter e tua vontade de trabalhar pelo bem do povo jamais pode ser destruído. E por isso, herói do trabalho, a sua presença vai causar muitíssimas dores de cabeça a esses líderes da imprensa oficial que não faltarão espaço para caluniá-lo e atacá-lo por todos os meios”.³ [sic]

No mesmo dia, outra mensagem chegava a Octavio Brandão. Escrita por Joaquim Marcellino Nepomuceno e enviada do município carioca de Barra do Piraí, dava as boas-vindas pela sua volta ao país, além de manifestar o desejo de agendar uma data para em breve visitá-lo. Logo no início de sua mensagem, Joaquim demonstrava que a alegria pela notícia da volta do ex-dirigente do PCB era compartilhada com sua esposa, Izaura. Esta última também expressava sua felicidade ao dizer: “Quero ser a primeira a abraçar Octavio quando ele chegar ao Brasil”. Todavia, para sua frustração, não pôde realizar sua vontade devido a um mal-entendido que ela própria fazia questão de registrar: “devido a nossa *Imprensa Popular* só haver publicado a chegada das irmãs de Prestes e das filhas de Fernando de Lacerda”.⁴ Lamentando a desinformação, seu marido afirmava que se “não fosse isso” sua esposa “lá estaria te esperando a fim de ver-te”. A carta terminava renovando a esperança do casal em ver realizado o seu pedido: “Breve eu e Izaura iremos te abraçar aí, logo que soubermos onde te encontrar”. E deixava um endereço para possível resposta de Brandão: “*Minha residência: Travessa Alagoas, n. 397, casa 63 - Caieira - Barra do Piraí, Estado do Rio*”.

No dia 6 de novembro, outra mensagem saudava o retorno de Brandão. Dessa vez, tratava-se de um telegrama enviado por uma célula do PCB de Irajá. Assinada por Roque M. Santana, afirmava que “a Célula Cristiano Garcia distrito de Irajá rejubilasse a vossa

³ Carta de Geraldo Santa Maria a Octavio Brandão. Rio de Janeiro (DF), 02.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 22, 3p.

⁴ Carta de Joaquim Nepomuceno a Octavio Brandão. Barra do Piraí (RJ), 02.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/ICHF/Unicamp, pasta 22, 4p.

chegada e de vossos companheiros. Pela Célula seu militante de outrora. Roque M. Santana. Viva a chapa Popular!”⁵

As correspondências remetidas ao ex-dirigente do PCB não se restringiam ao Estado do Rio de Janeiro. De outras cidades era possível encontrar o mesmo reconhecimento e o carisma que Octavio construiu ao longo de sua militância. Da capital mineira, o telegrama de uma célula comunista mineira chegava às suas mãos. Assinada por Valter Vieira Melo, secretário político daquela agremiação local, apresentava o seguinte conteúdo:

“A Célula Crispim Chaves de Belo Horizonte cumprimenta o ilustre companheiro congratulando com o povo brasileiro pela satisfação de tê-lo novamente entre nós”.
Valter Vieira Melo – secretário político”⁶

Não apenas os militantes ou simpatizantes do PCB escreviam mensagens a Brandão. De fato, encontrei uma inusitada carta assinada por um pastor chamado Heitor Marinho. Inusitada, pois se sabia que Octavio Brandão era um ateu convicto. Mas, no decorrer da correspondência, determinada característica logo chama a atenção dos menos avisados sobre a personalidade do ex-dirigente do PCB: a habilidade em dialogar com pessoas de ideologia e de cultura completamente diferentes. Iniciando sua carta, o representante da igreja protestante congratulava-se com o comunista alagoano pelo seu retorno ao Brasil. Logo a seguir, demonstrava curiosidade incomum para alguém com seu perfil, ao surpreendentemente revelar:

“(…) Desde que li, pela *Imprensa Popular* o seu regresso, fiquei muitíssimo empolgado de posteriormente marcarmos uma entrevista na qual gostaria de ouvir-te falar sobre a vida nos países estrangeiros, principalmente na Rússia, onde passastes mais tempo e conhecestes de perto o regime socialista que almejamos para a grandeza de nosso Brasil”.⁷ [sic]

Ainda mais empolgado, confessa a admiração por Octavio, colocando-se, inclusive, à sua disposição para ser “mais um soldado de primeira linha para o meio de suas colunas defender os interesses do povo dando expansão à verdadeira democracia, contra os opressores reacionários que, alardeados pelo capital estrangeiro, se levantam contra os verdadeiros democratas”. Continuando sua carta, discute um artigo escrito por Octavio Brandão no qual este último havia se posicionado a favor da liberdade de culto para os

⁵ Telegrama de Roque M. Santana pela célula Cristiano Garcia a OB. Rio de Janeiro (DF), 06.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 22, 1p.

⁶ Telegrama de Valter Vieira Melo pela célula Crispim Chaves de Melo a OB. Belo Horizonte, MG, 10.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 23, 2p.

⁷ Carta de Henrique Marinho, pastor protestante a Octavio Brandão. Nilópolis, RJ, 05.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 22, 1p.

trabalhadores católicos. Desejando precisar melhor a opinião do ex-dirigente comunista, lembra a ele que seriam os protestantes aqueles que realmente precisavam “ter mais liberdade e privilégios”. Em seu entender, os católicos já possuíam muitas vantagens no país e utilizavam-na, até mesmo “em detrimento de outras seitas religiosas”. Sem ter a intenção de polemizar com Brandão, apenas solicitava um encontro entre ambos, de modo a continuarem a discutir sobre o assunto.

Nas inúmeras correspondências que Octavio Brandão recebia de seus amigos, militantes e admiradores, logo após sua chegada, uma outra preocupação existia: a ajuda de recursos para o traslado de sua falecida companheira e primeira esposa, Laura Brandão. No dia 11 de novembro de 1946, o Comitê Municipal do PCB, de Pouso Alegre, MG, endereçou uma carta a Octavio. Assinada por José V. dos Santos, secretário político do partido, a mensagem saudava-o pelo regresso ao país. Informava ainda que os militantes daquela célula esforçaram-se em cotizar

“a importância de cento e quinze cruzeiros que ora passo às mãos do companheiro, conforme cheque anexo n.º 39726, na conta Branco Industrial Brasileiro S/A (...) para ser remetida imediatamente (...) como auxílio para ajudar a transportar, da URSS para nossa Pátria, os restos mortais de Laura Brandão, cuja morte todos nós lamentamos”.⁸

No final do mesmo mês, uma correspondência enviada do distrito carioca de Conselheiro Pena, firmava também sua solidariedade a Octavio. Era atribuída a Antônio Pontes que se autoconsiderou “camarada e admirador” do velho comunista. Nela noticiava a ajuda de “Cr\$ 120,00 em cheque, destinada à cooperação para que tua falecida companheira repouse em solo pátrio com o merecido cultivo de glória eterna”.⁹ Mas fez questão de ressaltar que a quantia mencionada resultou do esforço individual de algumas pessoas. Assim especificou o nome dos contribuintes e o valor destinado por cada um: “Contribuição discriminada de: Antônio A. Pontes: Cr\$ 50,00; da professora Amália Lacerda Rocha: Cr\$ 50,00 e de Joaquim Silva, Sec. Político do Comitê Municipal de Cons. Pena: Cr\$ 20,00 – Total: Cr\$ 120,00”.

Além das contribuições financeiras, a luta pela repatriação dos restos mortais da saudosa Laura também gerou comoção e solidariedade por parte de alguns intelectuais do país. O poeta Jorge de Lima, antigo amigo do casal, publicou, em setembro de 1947, no jornal carioca *Diário de Notícias*, o poema “Elegia”, bela e comovedora ode à Laura

⁸ Carta de José Villela dos Santos pelo Comitê Municipal de Pouso Alegre do PCB a Octavio Brandão. Pouso Alegre (MG). 11.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 23, 1p.

⁹ Carta de Antônio Afonso Pontes a Octavio Brandão. Moscovita, Distrito de Conselheiro Pena (RJ). 21.11.1946, *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 23, 1p.

Brandão. Mesmo a poetisa não sendo o objeto central de minha pesquisa, creio que valha a pena transcrever essa que pode talvez ser considerada a mais significativa homenagem à falecida e inesquecível companheira de Octavio Brandão.

Na República de Bachkiria, região dos Urais,
nos umbrais da Ásia é que te findaste Laura.
Agora estás defunta não em um país estranho
mas nos jardins intemporais gelados
onde todos pendemos as fontes fatigadas da vida,
onde todos fechamos os olhos
para que a última realidade desça
diante da sombra veemente da noite.

Estás na clausura da eterna duração.
Ó poetisa, ó irmã, guia, asa amiga, Laura.
Vejo-te no tempo parado das faces cobertas de limo
na galeria inexorável dos que morreram
pelos que ainda sofrem,
nós o sabemos, sim nós o sabemos,
agora que estás defunta não em um país estranho
mas entre as sombras fraternais amigas, ó irmã!

Vejo-te agora eterna e vitoriosa,
ó luz dos desvalidos, dos filhos órfãos dos soldados da paz,
dos espelhos duros enlutados sobre a face das horas;
agora és a defunta incorruptível,
barco imóvel como boca estancada para sempre
num apelo de paz dentro da gravitação perene
da fraternidade circular.

Estás na clausura da eterna duração,
nos jardins intemporais que não se olvidam,
presente, ubíqua, dentro dos nossos olhos e das nossas mentes,
mesmo dentro das tardes que descem sobre o solo da pátria brasileira
És a paz!

Tua presença imperecível
nos convence da salvação
e da possibilidade de explicar o mundo
e enfeixá-lo nas mãos como um coração de ave.

A morte unificou teus gestos,
estreitou entre as suas as tuas mãos operárias,
ó poetisa, ó mãe, irmã, guia, asa amiga, Laura.

Vejo-te no tempo parado das faces cobertas de neve,
na galeria inexorável dos que sonharam um mundo melhor,
irmãos mais fraternos e uma vida mais pura.
Todavia ouço teus passos serenos
como um tataral de asas desdobradas
nos jardins intemporais da morte;
todavia estás presente, ubíqua e vitoriosa;
gloria de ti.

Glória a ti que retornas à pátria
 em meu poema, com teus poemas,
 com tua coragem, com a tua pureza
 Glória a ti com teus sortilégios de poesia,
 holocausto oferecido na cidade de Ufá, nos umbrais da Ásia
 Glória a ti Laura - exilada da pátria
 Exilada da terra - em resgate da paz deste mundo sangrento".¹⁰

O próprio Octavio Brandão, em 1942, escrevera uma biografia de sua companheira, ainda quando esteve na região russa dos Urais, denominada *A imagem de Laura Brandão*. Tentou logo publicá-la no Brasil, mas a censura de Vargas impediu aos jornais divulgar a simples notícia do falecimento da poetisa. Em 1947, já no Brasil, o ex-dirigente do PCB tentava, pela segunda vez, publicá-la. Enviou as anotações à Editora José Olympio que chegou dar sinais que iria editá-la. Mas, para sua decepção, só ficou na intenção.

Mesmo assim não desistiu de render uma última homenagem pública a sua saudosa companheira. Tomou inúmeras iniciativas. Falou em rádios, divulgou manifestos, publicou pequenos artigos e fez conferências. Apelou a deputados, jornalistas, e também a algumas instituições. Chegou inclusive a tentar convencer o Itamarati. Esperou cinquenta dias por uma resposta, mas de nada adiantou. No segundo e inédito volume de suas memórias *A luta libertadora*, Octavio fala a esse respeito. Magoado, desabafou:

"A pátria ingrata que Laura tanto amou e serviu apaixonadamente nada fez, de fato, para repatriá-la. Seu exílio tornava-se eterno. Sua memória, durante 23 anos, esperou em vão a justiça e a compreensão que ela não encontrou em vida. Seus despojos mortais em seu pobre túmulo, no cemitério de Ufá, estavam ameaçados de desaparecimento, perdidos nas solidões imensas dos Urais, onde, no inverno, sob as terríveis tempestades e o frio de -50 graus (...). Tudo em vão!".¹¹

Mas o pior para o velho comunista havia sido a posição do partido em relação a esse episódio. Enquanto a luta pelo traslado de sua falecida companheira conseguia cada vez mais adeptos entre militantes, admiradores e intelectuais, transformando-se até numa importante campanha¹², a direção do PCB, por sua vez, nada fizera para ajudar. Muito pelo contrário. Luís Carlos Prestes, Diógenes Arruda Câmara e Astrojildo Pereira, três das maiores personalidades do partido, hesitavam em publicar o escrito *A imagem de Laura Brandão*. Dilemas superados, decidiu-se que Astrojildo Pereira, considerado com mais

¹⁰ LIMA, Jorge, "Elegia". *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, setembro de 1947. Citado in: CAVALCANTI, Luitgarde Oliveira Barros (org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Cultural – SR 3, Arquivo Público, 1996, p. 129-130.

¹¹ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2 - inédito)*, op. cit., p. 135.

¹² Em dezembro de 1953, o jornalista Edmar Morel iniciou nas páginas da revista carioca *Panfleto*, n.º 15, uma campanha em prol da repatriação dos despojos mortais da poetisa Laura Brandão.

conhecimentos literários do que os outros, seria o responsável por emitir o parecer da direção do PCB sobre a biografia de Laura feita por Octavio Brandão. Assim, em fevereiro de 1947, terminava o suspense. Astrojildo Pereira, entregava o seu parecer final, confirmando o boicote do núcleo dirigente ao livro de Brandão. Eis a sua sentença:

Camarada Prestes
Camarada Arruda

Aqui me desobriço da tarefa que, no dia 22, vocês me confiaram. Tentarei ser breve para não lhes roubar tempo.

Suponho que editar o livro do camarada Octavio Brandão seria uma aventura prejudicial a todos nós, sobretudo a ele, que veria, sem nenhuma dúvida, profanado o objeto de sua veneração. A crítica burguesa nada exporia a respeito desse trabalho; é certo, porém, que choveriam sobre ele sátiras políticas. Seria um desastre.

O lugar que, na literatura nacional, ocupa Laura Brandão, a artista agora tão exaltada, é bem modesto. O público não lhe reconhece grande mérito. Para ser franco diria que o público a ignora.

Octavio afirma corajosamente que se trata de injustiça e busca realizar uma glória póstuma. Aventura-se a comparações assombrosas, mas o que nos exhibe não justifica de maneira nenhuma a veemência dos seus conceitos. Aliás, Octavio é a pessoa menos indicada para conduzir essa empresa: falta-lhe a serenidade, evidentemente, há no seu amor à companhia desaparecida muito de religião. O seu pensamento, como adiante se verá, é este: Laura foi uma grande poeta: ninguém até hoje lhe percebeu o valor; é certo, pois, que todos estão em erro. Ora, se as idéias do meu velho amigo Octavio Brandão divergem da realidade, o que se confessa no livro, como persistir nelas? A sua opinião é uma e é uma opinião única – e não vejo meio de fazê-la aceita pelos outros homens

Essa opinião se manifesta numa prosa enfática, hiperbólica. E alguns versos de Octavio reproduzidos na obra são horríveis. (...) Numerosas passagens infantis e absurdas. (...) Ninguém tem o direito de perturbar-lhe o repouso chamando para ela uma curiosidade impertinente que a humilde artista não desejou.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1947.¹³

Ocorria mais um duro golpe da direção do PCB a Octavio Brandão. A ironia é que coube, pela segunda vez, ao mesmo desafeto que em 1930, durante a I.^a Conferência dos PCs latino-americanos, já lhe havia causado um primeiro e inesperado desapontamento.

Mesmo depois dessa nova frustração, Octavio não desistiu da idéia de render uma homenagem a sua primeira companheira e a maior paixão de sua vida. Ao longo dos anos tratou de se empenhar em outras tentativas à memória de Laura Brandão.¹⁴

¹³ *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 120. Citado in BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a inviabilidade feminina na política*, op. cit., pp. 8-10.

¹⁴ Em 1959, Octavio Brandão fez algumas correções da biografia de Laura Brandão no início dos anos 40. Depois de muito esperar algum editor disposto a publicá-la, decidiu, em junho de 1960, tomar a iniciativa de transcrevê-la nas páginas do *Jornal de Alagoas*, sob o título "O testamento de Laura Brandão". Cf. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas ("Vida Duríssima")*, vol. II, Rio de Janeiro, op. cit., p. 134. Até hoje Laura Brandão mereceu algumas esparsas homenagens. As duas mais significativas foram o nome de uma rua, no bairro carioca do Lins, e uma outra, realizada na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro, no ano de 1983.

5.2- Uma vitória pessoal

“Em 1947, fui proibido de falar. Não podia fazer nenhum discurso. Todos os discursos que fiz em 1947, fiz violando a disciplina. Não podia substituir os discursos. Não podia falar nada. Só para votar e bater palmas. Cansei de dizer: ‘eu não presto para votar e bater palma’. Minha tarefa é outra. Fui eleito pelos operários.”

(Octavio Brandão, *Depoimento 1977*, p. 111)

O final de 1946 revelaria enorme surpresa para Octavio Brandão. Embora tenha permanecido quinze anos ausente do Brasil, seu nome foi sugerido para concorrer, pelo PCB, às eleições municipais do Rio de Janeiro, marcadas para o dia 19 de janeiro de 1947. Ao lado de personalidades como Agildo Barata, Astrojildo Pereira, João Amazonas, Aparício Torelli (o célebre Barão de Itararé) e outros, integrou a chapa de 50 candidatos do Partido Comunista do Brasil à Câmara dos Vereadores do Distrito Federal.

A escolha de seu nome, porém, não havia sido tão simples como se imagina. Em depoimento concedido ano mais tarde, em 1977, Octavio Brandão revelou os motivos que levaram ao surgimento de sua candidatura. Segundo o militante comunista, ela foi proposta “contra a vontade” da direção do PCB. Luís Carlos Prestes, Diógenes Arruda e outros componentes do núcleo dirigente não acreditavam em sua provável eleição, pois

“achavam que só os velhos operários é que iriam votar em mim. Foi um escândalo, quando contra a vontade [deles], através da pressão das massas (...) perguntavam: ‘por que Octavio não é candidato?’ (...) Foi uma surpresa desagradável para a direção, quando eu vim em terceiro lugar na chapa majoritária. Foi um escândalo.”¹⁵

Outrossim, havia muitos problemas que Octavio Brandão precisava superar para o possível êxito eleitoral, entre os quais: os longos anos passados fora do país e o pouco tempo que tinha para a realização de sua campanha; somem-se, ainda, as imensas dificuldades financeiras para custeá-la. Esse cenário levaria ao mais otimista observador imaginar um provável fracasso do velho comunista no pleito que aconteceria menos de um mês depois. Tais obstáculos, contudo, não foram capazes de inibir uma grande virtude que

¹⁵ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 112.

Octavio Brandão, em momentos muito mais difíceis, sabia bem resolver: lidar com as dificuldades.

Dessa maneira desenvolveu sua campanha, priorizando o bairro da Gávea. Apesar desse bairro passar por um rápido processo de transformação, era lá que se encontrava grande parte de seu antigo eleitorado que o elegera, em 1928, pelo então Bloco Operário e Camponês (BOC). Privilegiou ainda outros lugares de forte concentração popular, como a Rocinha, o Morro da Catacumba e o Jardim Botânico.

Faltando poucos dias para o pleito municipal, Octavio Brandão procurou realizar propaganda entre os eleitores mais novos, tendo alguns encontros com a juventude. Dessa maneira, fez um debate na Casa do Estudante, onde expôs suas idéias centrais. Sustentava a importância da “batalha eleitoral”, indicando os dois objetivos imediatos dos comunistas: “1.º- *Enviar às Câmaras verdadeiros representantes do povo*; 2.º- *Impedir que os reacionários, os fascistas e os imperialistas enviem seus agentes às Câmaras*”. E mais: explicava à platéia que os candidatos do PCB desejavam, em especial, “*a realização do programa mínimo. Os três pontos: a união nacional; paz, ordem e tranqüilidade; a completa democratização do Brasil*”.¹⁶

Nas proposições acima é possível perceber uma clara mudança na linha política que o PCB passou a defender no pós-45, caracterizada pela moderação de suas propostas. Bastante diferente da linha revolucionária e/ou “esquerdista” que o próprio Brandão e Minervino de Oliveira advogaram em 1929-1930, no Conselho Municipal. Mas fica a pergunta: será que Brandão concordava sinceramente com essa nova posição “progressista e ordeira” do PCB no pós-guerra? O certo é que ele, novamente por fidelidade e disciplina, levava o discurso que a direção do partido, com Prestes à frente, assinava.

O número de aderentes à candidatura de Octavio Brandão tomava grande proporção. Nesse sentido, cabe destacar o trabalho desempenhado, em particular, pelas mulheres. De maneira semelhante ao que acontecera nas eleições de 1928, operárias, domésticas, costureiras, professoras e donas de casa constituíam a maioria do recém-criado *Comitê Democrático Pró-Candidatura de Octavio Brandão na Gávea*.¹⁷

¹⁶ _____. “Esquema da Conferência na Casa do Estudante”. S.l., 27.12.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, Pasta: 103, 1p. [dat.].

¹⁷ Refiro-me ao *Comitê Eleitoral de Mulheres Trabalhadoras* formado, em sua maioria, por esposas, familiares dos comunistas ou, ainda, simpatizantes do Bloco Operário e Camponês, durante as eleições de 1928. As mulheres, como vimos, tiveram papel destacado na vitória dos candidatos Octavio Brandão e Minervino de Oliveira a intendentess (vereadores).

Procurando reviver a continuidade da trajetória militante do velho comunista junto às lutas dos trabalhadores cariocas, o Comitê organizou um comício de seu candidato no dia 3 de janeiro de 1947. Foi confeccionado um volante da campanha de Octavio Brandão, com a seguinte conclamação:

Nosso candidato é

OCTAVIO BRANDÃO



PROLETÁRIOS

VOTA NO TEU VELHO COMPANHEIRO

OCTAVIO BRANDÃO

ELE JAMAIS NOS TRAIU!

Com o volante, era apresentado à população um “Programa Mínimo”, aprovado por unanimidade naquele comício. Nele constavam as reivindicações de distintos setores: a população da Gávea, os trabalhadores em geral, a classe média, as mulheres, idosos e crianças. Por se tratar de um documento importante, para melhor compreensão das principais propostas defendidas pelo candidato comunista Octavio Brandão, transcrevo-o, a seguir, na íntegra.

O POVO DA GÁVEA

1. *Melhoramento dos transportes. Criação de linhas de bondes e auto-ônibus para o Saneamento, a zona da Lagoa e a Rocinha.*
2. *Facilidade para o transporte dos gêneros de primeira necessidade, diretamente do produtor para o consumidor, a fim de baratear os gêneros.*
3. *Criação de mercadinhos. Armazéns do S.A.P.S que tenham de fato gêneros de primeira necessidade e mais baratos.*
4. *Mais água para os moradores do bairro.*
5. *Diversões para a juventude. Campos de esporte.*

PARA OS TRABALHADORES EM GERAL

1. *Aumento dos salários para todos os trabalhadores da Gávea – das fábricas, dos laboratórios, lavanderias, da construção civil, do Jôquei, para os auxiliares do comércio e para as domésticas.*
2. *Construção de casas para os trabalhadores e suas famílias. Aproveitar para isto os terrenos da Prefeitura e os terrenos de propriedade das fábricas.*
3. *Melhoramento nas condições de trabalho nas fábricas: saúde, higiene, etc. Refeições baratas fornecidas pelas fábricas. Criação de restaurantes populares.*

PARA AS CRIANÇAS, OS MENORES E AS MULHERES TRABALHADORAS

1. Creche, jardins de infância, colônias de férias e mais escolas para os filhos dos trabalhadores.
2. Amparos aos menores nas fábricas e diminuição das horas de trabalho sem diminuição do salário, para que os menores possam estudar.
3. Medidas práticas de proteção à maternidade e de defesa da família.

PARA A CLASSE MÉDIA

1. Diminuição dos impostos para o pequeno comércio e para o pequeno proprietário.
2. Defesa dos direitos da classe média.

A fim de obter recursos para melhorar a situação do povo na Gávea, é necessário aumentar os impostos sobre as classes abastadas.

Os trabalhadores e todo o povo da Gávea devem unir-se e organizar-se solidamente, a fim de lutar por todas estas reivindicações. O Partido Comunista colocar-se-á à frente desta luta.

Trabalhadores! Povo da Gávea! Votai em massa em Octavio Brandão – vereador pelo Partido Comunista!

O COMITÊ DEMOCRÁTICO PRÓ-CANDIDATURA DE OCTAVIO BRANDÃO NA GÁVEA.¹⁸

A campanha de Octavio Brandão não se limitou apenas aos bairros situados no centro e na zona sul do Rio de Janeiro. Levava em consideração também outros locais mais distantes. Por isso fez questão de percorrer o chamado “sertão carioca”, procurando conhecer melhor os problemas sociais que afligiam a população de Campo Grande, Jacarepaguá, Santa Cruz, Realengo e Guaratiba. Num texto autobiográfico, sem título, o candidato comunista sustenta que durante a campanha eleitoral realizou cerca de “53 comícios e reuniões”, tendo falado para um público estimado em “26.000 ouvintes”.¹⁹ Apesar da campanha eleitoral corrida, em razão do pouco tempo que dispunha, Octavio Brandão obteve enorme êxito. Foi eleito em terceiro lugar, em janeiro de 1947, com cerca de 5.257 votos.²⁰

Como em 1929, seu mandato teve curta duração: menos de dois anos. Mesmo assim, o velho comunista procurou novamente realizar um trabalho extraparlamentar: visitou fábricas, bairros populares tradicionais e os mais afastados, além de ir a escolas e a favelas. Não obstante o pouco tempo no Legislativo, sua atuação foi marcada pela abrangência de

¹⁸ “Panfleto de propaganda da candidatura de Octavio Brandão a vereador do Município do Rio”. S.l.d. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Série: DOPS, setor: Prontuário OB, pasta: GB, folha: 2077.

¹⁹ BRANDÃO, Octavio. “Vida vivida”. (Autobiografia). s.l., 04.04.1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 112, p. 160. [dat.].

²⁰ Dos 18 vereadores eleitos pelo PCB nas eleições municipais de janeiro de 1947, Pedro Carvalho Braga e Agildo Barata foram os dois melhores colocados, respectivamente.

suas propostas. Preocupava-se, em particular, com os seguintes temas: habitação, transporte, abastecimento e educação.

Pondo em prática as propostas de seu “Programa Mínimo”, elaborado durante a campanha eleitoral, logo na primeira sessão de que participou, em março de 1947, o vereador comunista condenava, na discussão da Indicação n.º 9, a demolição de barracos nas favelas por ordem de execução da Prefeitura. Fazendo defesa veemente do direito constitucional da inviolabilidade do lar, alertava:

“Cerca de 400.000 trabalhadores habitam as favelas do Distrito Federal. Enquanto a prefeitura não construir casas baratas e higiênicas, não tem o direito de destruir os miseráveis barracos dos trabalhadores (...)”.

Em seguida, fazia a seguinte denúncia:

“Os subordinados da Prefeitura, garantidos por tropas de choque, atacaram a favela do Jockey Clube à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas e começaram a demolir os miseráveis barracos. Vi, com meus próprios olhos, essa obra desumana da destruição dos lares dos trabalhadores. Todos os barracos foram destruídos (...)”.²¹

Vale destacar que a política de demolição de barracos era uma prática constante em sucessivos governos do Distrito Federal. A mesma favela do Jockey Clube, por exemplo, já havia sido derrubada antes por duas vezes²². Por fim, Octavio Brandão conclamava os moradores das favelas a resistirem e a se organizarem contra todas as arbitrariedades sofridas. Entretanto, ponderava que sua proposta não visava provocar um enfrentamento, mas apenas projetava uma “luta pacífica, em defesa dos direitos estabelecidos na Constituição da República, em defesa do lar (...)”. Essa última consideração insere-se na conduta que o PCB vinha assumindo desde o fim da ditadura de Vargas, em 1945. Procuravam mudanças, mas não a desestabilização do país. Adotavam uma postura moderada, apresentando-se como verdadeiros paladinos da ordem política e da paz social.²³

²¹ Vereador Octavio Brandão. “Sobre a indicação n.º 9” (que solicita a cessação de toda e qualquer demolição de casebres). *Anais da Câmara do Distrito Federal*. Sessão de 17 de março de 1947, vol. I, p. 172-173.

²² Cf. CAVALCANTI, Luitgarde Oliveira Barros (org.). *Octavio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*, op. cit., p. 55.

²³ Desde a derrota da Insurreição de 1935, provocativamente chamada de “Intentona Comunista”, houve constantes e sucessivas campanhas de propaganda, em sua maior parte, caluniosas contra os comunistas. Como lembra Daniel Aarão, eles eram apresentados como “traidores da pátria e assassinos solertes”, configurando uma imagem que se fixaria na memória coletiva de forma profunda e duradoura. Cf. REIS FILHO, Daniel Aarão. “Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964”. In: RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. (orgs.).

A zona rural também ocupava a atenção do vereador comunista; inicialmente pela questão dos transportes. Na sessão de 7 de abril, descreveu a precariedade dos bondes e dos trens que levavam os trabalhadores que moravam mais longe a perderem muitas horas no percurso moradia-trabalho. De maneira pormenorizada, destacava que os moradores de Pedra de Guaratiba, por exemplo, precisavam tomar um bonde às 3h50min da madrugada, para chegar ao trabalho, no Centro. Na volta, chegavam em casa às 11:00 horas da noite. Estabelecendo uma relação entre as poucas horas de sono *versus* jornada de trabalho *versus* baixos salários *versus* carestia *versus* desgaste em transportes e esperas, Octavio Brandão concluía dizendo que, “dada esta situação, todos compreendem por que existem tantos tuberculosos no Distrito Federal”. Para ele essa questão estava intimamente ligada à outra que deveria ser imediatamente resolvida: a política de habitação popular. Sustentava então que havia “uma relação íntima entre todos os problemas sociais”. Por sua vez, propunha

“a construção de casas de emergência, baratas e higiênicas, perto dos locais de trabalho. (...) A construção dessas casas em massa contribuirá para resolver o problema da habitação do Rio de Janeiro e para fazer diminuir as dificuldades de transportes”.²⁴

A problemática do déficit habitacional urbano tornou-se um dos assuntos que mais atordoava Octavio Brandão. Em outro discurso, dessa vez numa das sessões plenárias de maio, novamente criticava o descaso da Prefeitura em não resolver tal questão. Em seu entender, existiam grandes terrenos abandonados nas mãos de aproveitadores. Não havia, por conseguinte, uma clara vontade política do governo em assumi-los e destiná-los à construção de casas para os trabalhadores e suas famílias. A partir dessa lógica, fazia outra denúncia:

“Se percorrermos o Distrito Federal, veremos o mesmo quadro por toda parte. Trabalhadores procuram habitação, casas e cômodos encontram-se completamente desabitados e o trabalhador não tem onde viver. O Rio de Janeiro enche-se de arranha-céus, mas não pode solucionar o problema da habitação, porque se transformaram num foco de especulação e roubalheira (...)”.²⁵

E finalizava seu discurso conclamando:

História do marxismo no Brasil, vol.V - *Partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002, p. 69-102, n. 2.

²⁴ Vereador Octavio Brandão. “Requerimento n.º 261” (solicitando a reconstrução da linha de bondes da Ilha). *Anais da Câmara do Distrito Federal*. Sessão de 07 de abril 1947, vol. II, p. 286.

²⁵ _____. “Sobre o requerimento n.º 449”. *Anais da Câmara do Distrito Federal*. Sessão Extraordinária de 01 de maio de 1947, vol. V, p. 40.

“Nós comunistas reivindicamos a construção de casas baratas e higiênicas, de casas de emergência para a grande massa trabalhadora. Não podemos concordar em que esta situação continue indefinidamente e que as autoridades não tomem as providências necessárias”.

No mesmo mês de maio, através da indicação n.º 86, Octavio solicitava às autoridades competentes que não permitissem a demolição dos barracos do Morro da Catacumba, como já se havia tentado, através da incursão da tropa municipal de choque que já havia derrubado *“cerca de 30 barracos de sopé em sua encosta”*. Para o vereador do PCB, além da especulação, a multiplicação das favelas na cidade era resultado *“da incapacidade do governo”*. Mas havia solução para esse grave problema social, explicada, segundo ele, pela seguinte lógica: *“É necessário começar por construir para, depois, demolir. Construir casas baratas e higiênicas, colocá-las à disposição dos trabalhadores e, depois, arrasar as favelas”*.²⁶

Este problema, como admitia Brandão, não era simples de resolver, uma vez que existiam *“400 mil moradores das favelas”* que, de acordo com o parlamentar, *“precisam de habitações baratas e higiênicas”*. Por isso advertia que era uma enorme torpe mentira *“construir em 24 horas”* casas que atendessem essa multidão de populares. Assevera que essa iniciativa era *“possível e imprescindível”*. Admitia, então que as dificuldades para uma *“solução radical e imediata”* do problema das favelas precisariam ser superadas por uma série de *“medidas de urgência”*. Assim, ao final de seu discurso, Octavio Brandão considerava que os termos de sua indicação n.º 9 eram *“verdadeiramente humanas e sociais”* na defesa daqueles humildes moradores. Eis suas principais propostas:

- 1.º) Que o Sr. Prefeito faça cessar neste momento toda e qualquer demolição de favelas;
- 2.º) No caso de absoluta necessidade de demolição parcial ou total de uma favela, que o Sr. Prefeito conceda previamente os terrenos necessários e auxilie os moradores a demolir, transportar e reconstruir suas moradias em novo local;
- 3.º) Que o Sr. Prefeito procure melhorar as condições de vida dos moradores das favelas, entendendo-se com as autoridades sanitárias, com as repartições públicas necessárias e com a Light, para que as favelas tenham água, luz, esgotos e outras utilidades”.²⁷

Octavio Brandão, mesmo durante seu curto mandato, foi escolhido para integrar a Comissão de Educação e Cultura da Câmara Municipal. Aliás, vale dizer que a cultura e a educação sempre estiveram como uma das principais preocupações de sua trajetória

²⁶ _____. (sem título). Discurso proferido na Câmara Municipal do Distrito Federal contra a demolição da Favela do Jôquei e do Morro da Catacumba. Rio de Janeiro, 1947. *Fundo Octavio Brandão*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 104, 9p. (manuscrito). Grifos meus.

²⁷ Idem, ibidem.

militante²⁸. Destinou ainda atenção especial ao problema da instrução primária. Num discurso sobre o “Requerimento n.º 421”, de sua autoria, reivindicava a abertura de escolas de emergência para alocar a enorme quantidade de crianças à procura de matrículas. De acordo com Octavio Brandão, havia calamitosa situação na educação infantil no Distrito Federal e em outras partes do Estado do Rio. As autoridades, ao invés de abrirem, fechavam escolas. Ou pior ainda: destruíam-nas, em alguns casos, como acusava o vereador comunista:

“Em março passado, tropas de choque, alegando o pretexto de lutar contra o comunismo, demoliram violentamente um barraco que era a sede do Curso de Alfabetização do Comitê Democrático do Morro da Catacumba, à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas. Num país de mais de 30 milhões de analfabetos, as autoridades destroem a sede de uma escola primária!”²⁹

Continuando seu discurso, denuncia, de maneira mais veemente, o descaso do governo ao fazer “vistas grossas” à ausência e, mesmo, à obstrução de escolas. Visitando pessoalmente algumas distantes localidades, Octavio Brandão traça um quadro dessa dramática situação. Assim, assegura:

“A zona de Cordovil não tem escolas públicas. Um ano atrás foi fechada ali a escola da Rua Tenente Palestrina. Um ano depois continua fechada! Na zona do Caju, a escola municipal Alfredo Gomes foi fechada. Mais de 500 mil crianças do bairro ficaram sem escola. Há muitos outros casos semelhantes (...) Na zona rural, Kosmos tem uns três mil habitantes e não possui escola pública. Em Vila Valqueire, Jacarepaguá, vivem umas seis mil pessoas. Aí, foi doado à Prefeitura um terreno para construção de uma escola. Mas o terreno não foi aproveitado (...)”.

Ainda sobre a temática da educação, pode-se dizer que coube a Octavio Brandão importante iniciativa que, ainda nos dias de hoje, pode ser considerada uma proeza. Trata-se da criação de uma Universidade no Distrito Federal, proposta na sessão de 19 de junho, voltada, principalmente, para o atendimento, segundo ele, dos “*dolorosos e deserdados, os filhos dos trabalhadores*”. Tal proposição era um rascunho através do qual o parlamentar comunista justificava sua intenção pelo fato de a ditadura estadonovista ter liquidado uma iniciativa semelhante, “*mas não igual*”, realizada pelo Prefeito Pedro Ernesto. Argumenta

²⁸ Esse interesse pela cultura e educação dos trabalhadores pode ser visto, principalmente a partir de sua chegada ao Rio de Janeiro, em maio de 1919. A partir desse momento redigiu dois escritos: o panfleto “*Educação*”, que criticava a pedagogia tradicional e defendia o que chamava de “*educação progressiva*”; e o folheto de propaganda *Abecedário dos Trabalhadores* (1924).

²⁹ Vereador Octavio Brandão. “Sobre o Requerimento n.º 421”. *Anais da Câmara do Distrito Federal*. Sessão Ordinária de 14 de maio de 1947, vol. V, p. 62.

ainda que o governo tinha a obrigação de garantir a gratuidade “*não só do ensino primário, como também o secundário e o superior*”.³⁰

Octavio Brandão não se satisfaz com essa constatação e acusa aquele que considera ser o responsável direto pelo abominável cenário no ensino do país: o Ministério da Educação. Segundo o vereador do PCB esta instituição “*pactuou com o governo federal no aumento absurdo das taxas*”. E mais enfaticamente afirma que o sentido desses propósitos era apenas “*acumular dinheiro à custa da miséria dos estudantes*”. Destaca ainda a importante mobilização que os alunos das escolas da Universidade do Brasil fizeram, na qual “*cerca de 15 mil (...) levantaram-se em greve para protestar contra o abuso das taxas*”. Assinala, por sua vez, a atitude que a juventude e os demais militantes do PCB tomaram nessa luta: “*colocamo-nos ao lado dos estudantes, em defesa de seus direitos*”. Apesar de os estudantes conseguirem pequena, mas significativa vitória, visto que o Conselho Técnico universitário concedeu-lhes uma limitada moratória, adverte que tal medida representa apenas “*um pobre paliativo*” e que não resolvia, em sua essência, o problema educacional. Por essa razão, conclui, enfatizando a continuidade da luta, já que o ensino, em seu entender, “*não pode ser monopólio do governo federal que uma vez mais demonstra sua incapacidade e seu desprezo pelos grandes problemas da educação*”.³¹

Os discursos dos vereadores comunistas procuravam relacionar a denúncia da política municipal com a da política nacional. Uma primeira demonstração dessa orientação pode ser percebida na discussão realizada no decorrer da Sessão Ordinária de 14 de maio, a que já me referi. Sabemos que, nela, Octavio Brandão denunciava o governo de descaso em relação à educação. Acusava ainda o poder municipal de privilegiar a especulação de terrenos que deveriam ser destinados à construção de escolas. Finalmente, comunicava que inúmeras escolas estavam sendo fechadas, sob o pretexto de ali se desenvolverem atividades comunistas. Tudo isso, segundo o vereador do PCB, tinha um responsável: o governo de Eurico Dutra, acusado de ser o principal elaborador de tal “*política nefasta*”. A esse respeito, lança a provocativa indagação ao Plenário.

³⁰ _____. “*Indicação*”. Rascunho de indicação sobre a criação, no Distrito Federal, de uma Universidade. Sala de Sessões, 19.06.1947, 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 104. (dat.). Grifos meus.

³¹ Idem, *ibidem*.

“Diante dos fatos de tamanha gravidade, que faz o governo federal para tentar resolver os grandes problemas nacionais? O governo fecha os sindicatos operários, fecha a Confederação dos Trabalhadores, fecha o P.C. e os problemas?”³²

Se, do término da Segunda Grande Guerra até o fim de 1946, os comunistas brasileiros haviam conseguido curto período de legalidade, conseqüência do eufórico clima de “paz mundial”, essa realidade começaria novamente a se alterar em 1947. A razão principal da brusca mudança no cenário político do país é explicada pelo início da tensão entre os grandes vencedores do conflito mundial: EUA e URSS.

Pouco a pouco, começava um novo período nas relações internacionais a que se convencionou a chamar de Guerra Fria. A abertura desse contexto, como logo se evidenciou, traria sérias implicações na atuação dos parlamentares comunistas. É nesse sentido que, depois de tramitar por quase um ano, finalmente, no dia 6 de maio de 1947, era aprovado o processo de cassação do registro do PCB³³. Essa sentença foi nitidamente política. Vivia-se um novo momento político no país baseado no reacionarismo das forças que haviam alçado ao poder o presidente Dutra. Tal temor se justificava ainda no constante sucesso eleitoral que o PCB havia conseguido em várias capitais do país³⁴. Todo o crescente clima anticomunista pode ser visto nas sessões acontecidas na Câmara a partir do mês de maio em diante. Desde então, os parlamentares do partido passaram a utilizar o plenário não apenas para posicionar-se na questão dos problemas sociais do país, mas também para denunciar o que denominavam de “penetração do imperialismo” na nação.

A tensa situação pode ser constatada, numa primeira vez, através da *Ata da 10ª Sessão Extraordinária* da Câmara Municipal, ocorrida no dia 16 de maio de 1947. Num

³² Vereador Octavio Brandão. “Sobre o Requerimento n.º 421”. *Anais da Câmara do Distrito Federal*. Sessão Ordinária de 14 de maio de 1947, vol. V, p. 62.

³³ A proposta da cassação do PCB foi feita pelo deputado Barreto Pinto, do PTB. Mas somente em 1947 é que o Tribunal Superior Eleitoral deferiu pela condenação do registro legal do partido, numa votação apertada: 3 *versus* 2. O próprio Prestes reconhecia que o PCB se havia limitado a fazer “uma luta apenas jurídica”, secundarizando, por conseguinte, “a luta de massas” em prol da legalidade do Partido. Para maiores detalhes desse dramático momento na vida do PCB, ver o conhecido livro de MORAES, Denis de & VIANA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982, especialmente o capítulo 4, intitulado “‘Da ordem e tranqüilidade’ ao manifesto de agosto”.

³⁴ Desde a chamada “Redemocratização” de 1945 e as eleições majoritárias realizadas no final daquele ano, os comunistas haviam tido um surpreendente êxito eleitoral. Yedo Fiúza, candidato apoiado pelo PCB obteve cerca de 10% dos votos válidos em escala nacional. A proporção era muito mais significativa caso se leve em consideração apenas os grandes centros urbanos, local onde o partido, efetivamente, conseguiu realizar sua campanha eleitoral. Além disso, os comunistas elegeram a sua bancada constituinte histórica com 14 deputados. Finalmente, consagraram Luís Carlos Prestes como o senador mais votado.

discurso intitulado “Considerações sobre o ensino primário no Distrito Federal”, Octavio Brandão utiliza sua exposição como pretexto para um objetivo mais importante naquele momento: a denúncia do endurecimento e da perseguição do governo Dutra aos sindicalistas e, particularmente, aos comunistas. Não é ocasional que as acusações feitas pelo deputado comunista gerariam forte reação de outro vereador, Júlio Catalano, representante da ATD (Aliança Trabalhista Democrática).

Pelo caráter polêmico da discussão e, em especial, por ela apresentar alguns aspectos de uma nova orientação política mais “esquerdista” que, logo a seguir, nortearia a linha política do partido, é que julgo ser importante transcrever suas partes mais significativas a partir de agora.

“(…) O Sr. OCTAVIO BRANDÃO - O governo atual não resolveu um único problema nacional. Nem sequer faz a mais vaga tentativa de solução. O governo atual é um governo de reacionários, de nulos e incapazes. Zero mais zero mais zero!

A solução dos problemas nacionais exige como preliminar a existência de um governo verdadeiramente democrático.

O Sr. JÚLIO CATALANO - Como o atual.

O Sr. OCTAVIO BRANDÃO - Não é democrático, vai rolando cada vez mais para o fascismo.

O Sr. JÚLIO CATALANO - O regime que temos dá a V. Ex.^a liberdade para atacar o próprio governo.

O Sr. OCTAVIO BRANDÃO - O Governo não fecha a Câmara porque não pode. Foi o chefe do Governo que deu o golpe de Estado de 37. A solução dos problemas nacionais exige, como preliminar, a existência de um governo verdadeiramente democrático e não de um governo como o atual – ditadura de reacionários, a serviço dos imperialistas estrangeiros.

O Sr. JÚLIO CATALANO - Essa demagogia V. Ex.^a vem fazendo, nesta Casa, desde 1930.

O Sr. OCTAVIO BRANDÃO - Em 30 éramos apenas dois, hoje somos 18; amanhã seremos a maioria. Lutamos contra as classes dirigentes e paguei caro, com mais de 15 anos de exílio percorrendo a Europa de ponta a ponta. (...)

O Sr. OCTAVIO BRANDÃO - Para resolver os grandes problemas nacionais, é imprescindível libertar o Brasil da garra dos monopólios estrangeiros e de toda intervenção imperialista na vida do país. E é imprescindível libertar milhões de camponeses das garras do imperialismo e semi-feudalismo!

O Governo fechou os sindicatos operários, a Confederação Sindical e o P.C. O Governo põe-se fora da lei, fora da Constituição! Existem potências e indivíduos que são candidatos a sucessores de Hitler... O atual presidente da República [refere-se a Eurico Gaspar Dutra], quando Ministro da Guerra foi condecorado por Hitler. E agora, ele faz jus a outra condecoração semelhante, concedida pelos novos candidatos a sucessores de Hitler.

Os jornais que atacam os comunistas preparam o caminho para a ditadura fascista. São reacionários. Os reacionários são agentes dos fascistas e imperialistas. A reação prepara o caminho para o fascismo. O anticomunismo é a máscara hedionda do fascismo. Usando esta máscara, Hitler atacou a democracia e procurou escravizar os povos da Europa e do mundo inteiro, inclusive o povo brasileiro.

Os imperialistas norte-americanos e seus agentes no Departamento de Estado exigiram o fechamento do Partido Comunista e fizeram pressão sobre o governo brasileiro. Por sua vez, o governo brasileiro fez pressão sobre o Tribunal Superior Eleitoral e, nele, mudou juízes reacionários, capitulou diante da imposição dos imperialismos norte-americanos.

O Sr. JÚLIO CATALANO - Isso é um insulto à magistratura do Brasil.

O Sr. OCTAVIO BRANDÃO - Três juízes reacionários não podem representar a magistratura do Brasil. Quem representa a Magistratura do Brasil são os dois juízes que votaram contra o fechamento do Partido Comunista. (...)

Trata-se de fatos verdadeiramente inauditos na vida de um país que não é jamais será uma colônia do imperialismo norte-americano! Nós, comunistas brasileiros, verdadeiros patriotas e democratas, protestamos energicamente contra essa intervenção estrangeira e chamamos o povo brasileiro à defesa da soberania nacional ameaçada. (...)

Senhor Presidente, Senhores Vereadores, vou terminar.

Só é digno da liberdade quem diariamente se bate por ela! Nós, comunistas, chamamos todos os democratas de todos os matizes a uma frente única de combate. Trata-se de defender a democracia. Qualquer capitulação será uma verdadeira traição!

Desta Tribuna, lançamos um apelo veemente ao povo do Rio de Janeiro e a todo povo brasileiro. Defendei a Constituição contra uma repetição de novembro de 1937! Defendei a democracia contra a reação! Defendei a liberdade contra a tirania dominante! Defendei a nossa Pátria brasileira, contra a intervenção imperialista estrangeira! Libertação nacional! Para fora os imperialistas!

Tal é o ponto de vista dos comunistas – verdadeiros patriotas e democratas brasileiros.

(Palmas no recinto e nas galerias)".³⁵

O cerco da repressão se estreitava cada vez mais aos comunistas. Mesmo assim, Octavio Brandão subia novamente à Tribuna, procurando associar a luta pelas reivindicações das camadas populares com outras denúncias contra a intolerância do governo federal.

“O Partido Comunista foi fechado. A democracia sofreu um golpe terrível. A reação levanta a sua cabeça hedionda. Nestas condições, os reacionários que dominam o Governo julgam que podem cometer todas as arbitrariedades. Por isso, a luta contra a demolição das favelas está ligada à luta contra a reação, pela democracia!”³⁶

Nas páginas anteriores, vimos que Octavio Brandão participou, pela segunda vez, como “político” comunista, atuando num espaço bastante incomum para alguém com a trajetória e o perfil claramente revolucionários. Apesar de politicamente defender uma orientação voltada à luta pela consolidação “da união nacional” e da “paz social”, bastante moderada – conforme a estratégia do PCB nesse momento – muitas vezes, porém, pode-se notar, em sua atuação parlamentar uma agitação semelhante à que fizera em 1929, quando

³⁵ Vereador Octavio Brandão. “Considerações sobre o ensino primário no Distrito Federal”. *Anais da Câmara de vereadores do Distrito Federal*. Sessão de 16 de maio de 1947, vol. V, pp. 137-141.

³⁶ _____. “Sobre o requerimento 421”. *Anais da Câmara dos vereadores do Distrito Federal*. Sessão de 14 de maio de 1947. O PCB teve seu registro cassado no dia 7 de maio do mesmo ano.

foi eleito pelo Bloco Operário e Camponês (BOC). A postura crítica, as denúncias e acusações aos representantes da política tradicional e ao imperialismo, em particular, ainda características em muitos de seus discursos feitos no ano de 1947.

Anos mais tarde, todavia, Octavio Brandão, ao fazer uma análise de sua atividade como vereador do PCB, não confirmava exatamente o que se disse acima. Pelo contrário. De maneira surpreendente, fazia a seguinte revelação pública:

“Em 1946 fui proibido de falar. Não podia fazer nenhum discurso. Todos os discursos que fiz em 1946, fiz violando a disciplina. Não podia substituir os discursos. Não podia falar nada. Só para votar e bater palmas. Cansei de dizer: ‘eu não me presto para votar e bater palma’. Minha tarefa é outra. Eu fui eleito pelos operários”³⁷.

³⁷ BRANDÃO, Octavio. (*Depoimento 1977*), op. cit., p. 111.

Octavio Brandão em dois momentos como vereador do PCB, em 1947:



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Em visita ao casebre de uma pobre família.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Durante uma sessão da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Na primeira fileira, aparece sentado Agildo Barata, primeiro à direita; na segunda fileira, a partir da direita podem ser identificados: Octavio Brandão (quarto) e Aparício Torelli, o célebre “Barão de Itararé” (sétimo).

5.3- “Eu acuso!”

“Entre 1950-1956 rolei por uns trinta lugares diferentes. Morei num telheiro da Penha, num pobre barraco em Vilar dos Teles e em lugarejos perdidos no interior. Dormi muitas vezes no chão. Há mais de cinco anos, nem sequer posso ir ao próprio lar, ver minhas filhas pequeninas. Há mais de seis anos, vivo das esmolas dos amigos, sem tarefa nem ligação com o PC, completamente abandonado, num desconforto atroz, físico, moral e intelectual.”

(Octavio Brandão. *Imprensa Popular*. RJ, 26.10.1956, p. 3)

Desde que foram postos na ilegalidade, os dirigentes e outros militantes do PCB passaram novamente a conviver com muitas dificuldades, vítimas da perseguição política e policial. Logo em janeiro de 1948, Eurico Gaspar Dutra instaurava um processo criminal contra os dirigentes sindicais e comunistas. Estes últimos não somente não poderiam mais ser nomeados, como os já eleitos perdiam os direitos e os mandatos conquistados.

Para agravar ainda mais a situação, no dia 31 de janeiro de 1948, Luís Carlos Prestes, secretário-geral do PCB, lançava um manifesto radicalizado, exigindo a renúncia do governo Dutra. Este último, até pouco tempo, considerado de “união nacional”, assumia subitamente a natureza de um governo “antidemocrático”, de “traição nacional a serviço do imperialismo norte-americano”.³⁸ Referindo-se brevemente a esse documento, Octavio Brandão diz que sua palavra de ordem “Renúncia de Dutra” era “incrivelmente abstrata e idealista”. Por conseguinte, ela só poderia, no seu entender, “cair no vácuo”.³⁹

O certo é que, para os comunistas, se tratava de novo e duro período de caça às bruxas. A imprensa partidária, mesmo atingida duramente, resistiu durante longo período. Prestes, a liderança máxima do PCB ameaçada de processo judicial, desapareceu do cenário político por cerca de dez anos, sendo muito bem escondido pelos setores de segurança do partido.

³⁸ *Manifesto de janeiro de 1948*. Citado in CARONE, Edgard. *O PCB: 1943-1954*. São Paulo: Difel, 1982, vol. 2, p. 73.

³⁹ BRANDÃO, Octavio. “O desenvolvimento invencível”. (história e avaliação da trajetória do PCB). S.l.d., 22p. *Fundo: Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 55, p. 106. [dat.].

Octavio Brandão também teve sua prisão preventiva anunciada em março de 1948. Da mesma maneira, procurou imediatamente esconder-se, optando pela semiclandestinidade. No Arquivo Edgard Leuenroth, pude localizar vários textos redigidos por ele durante esse novo e difícil período. São inúmeros bilhetes, cadernetas e rascunhos que, em sua maioria, destacam o fato de o “Processo Monstruoso” ter-lhe negado “os direitos mais elementares durante dez anos”⁴⁰. Assim como ocorrera em 1924, durante o governo de Artur Bernardes, o velho comunista era novamente caçado pela polícia.

Em abril de 1948, aconteceu um lamentável episódio ligado à vida de Octavio e do qual jamais se esqueceria. Numa certa noite, sua filha Dionysa estava em casa à sua espera. Nesse dia seu pai tardara em chegar. Passadas algumas horas, finalmente ouviu batidas na porta. Ansiosa, foi correndo abri-la, pensando já no pior. Para sua surpresa, no entanto, não se tratava de Octavio Brandão, mas de dois representantes da polícia que estavam procurando pelo “extremista” e “subversivo” comunista. Depois de revirarem a casa e não o terem encontrado, resolveram tomar uma atitude que o próprio Brandão, tristemente, lembrava: “Dionysa foi presa e levou socos. Ficou como refém, até que o pai aparecesse”⁴¹.

Não tendo como resistir à incessante procura movida pelos órgãos de repressão, o ex-dirigente comunista foi preso no dia 07 de abril de 1948. No trajeto de seu apartamento até a Polícia Central, Brandão foi violentamente agredido. Recordando os maus-tratos de mais essa prisão em sua vida militante, dizia:

“(…) Fui preso pela 16ª vez na vida, derrubado no fundo de uma caminhonete da polícia, barbaramente espancado e esmurrado, sobretudo na cabeça. Fiquei mais de três meses com vertigens”⁴².

Ao chegar à Polícia Central foi jogado num cubículo escuro. Teve muitas dificuldades de respirar devido à existência de apenas um único orifício no alto da cela, de onde recebia o vento. A Divisão de Polícia Política Social (DPS) registrava que essa nova detenção na trajetória de Octavio Brandão tinha como objetivo “*prestar esclarecimentos em torno de suas atividades extremistas de que vinha participando e desenvolvendo*”. A seguir, o órgão federal notificava-o, através do seguinte documento:

⁴⁰ Cf. _____. “Vida vivida”. (Autobiografia desde sua formação até os 64 anos de idade). S.l., março de 1960, 20p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114, p. 17. [dat].

⁴¹ _____. *Luta libertadora: 1931-1970. (Combates e batalhas, vol. II)*, op. cit., p. 109.

⁴² _____. “Vida vivida”. (Autobiografia desde sua formação inicial, durante 40 anos de luta, inclusive sua vida no PCB até a clandestinidade na década de 50). S.l., 04.04.1952, 200p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 112, p. 161. [dat.].

OBSERVAÇÕES

O identificado declarou que é ex-vereador do extinto Partido Comunista; deu entrada na Sala de Detidos em 7 de abril de 1948, estando à disposição do Ex^{mo}. Sr. Major Diretor, sendo identificado e fotografado.⁴³

No interrogatório, o velho comunista se solidarizara com o manifesto lançado pelo PCB em janeiro de 1948. Aliás, vale dizer que se tratava, novamente, de uma atitude mais disciplinar do que política. Na verdade, como depois Octavio Brandão afirmou, não concordava com a análise “esquerdista” que naquele momento caracterizava as orientações do partido. Apesar de ser membro suplente do CC do PCB, desde 1946, só tomou conhecimento do Manifesto no momento em que ele era “publicado nos jornais”. Isso se devia ao fato de os documentos serem feitos por um pequeno grupo – Prestes, Arruda, Grabois e Pomar – em nome de toda a direção. A respeito dessa atitude de secundarização em relação à sua pessoa, Brandão afirmou: “Vários documentos do Partido (...) eu li quando foram publicados nos jornais. Não sabia de nada! Documentos malucos, sonhando com a revolução”.

Quanto ao seu interrogatório realizado pelo Delegado Piccarelli, em abril de 1948, sobre a sua participação no Manifesto de Janeiro, Octavio Brandão, numa entrevista que concedeu, lembrava o diálogo travado com a autoridade policial. Segundo o militante do PCB, o delegado “leu nos meus olhos que eu não estava de acordo com o documento”. Surpreendido com a indagação daquela autoridade, Brandão respondeu que concordava com o documento, mas justificava sua posição declarando que, “por ser membro do Partido, tinha que apoiar o documento”. Mas, ao descrever o restante do interrogatório que afirmou:

“O delegado parecia que lia nos meus olhos. E dava vontade de dizer: isso não presta, é uma porcaria (...). E o Piccarelli dizia: ‘isto não tem pé, prega a revolução imediata, o partido fechado, todos os vereadores cassados, deputados cassados, senador cassado (...) e estão pregando a revolução?!’”⁴⁴

⁴³ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Prontuário de Octavio Brandão* Fundo: DOPS, pasta: 2007/GB. A Divisão de Polícia Política e Social (DPS) foi criada em 1945 e pertencia ao Ministério da Justiça, sendo, por conseguinte, a Polícia Política em nível federal. Ela seria a antecessora do Departamento de Ordem e Política Social (DOPS), criado em 1962 e subordinado à Secretaria de Segurança Pública. Pertencendo à Polícia Política do Estado da Guanabara, tornou-se conhecida como DOPS/GB. Cf. APERJ. *Os arquivos das Polícias Políticas: reflexos de nossa história contemporânea*. 2.^a ed., Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996, p. 17.

⁴⁴ LORNER, Ana Beatriz & MENEZES, Valmir. “Entrevista com Octavio Brandão”. Rio de Janeiro, 28.04.1979, op. cit., p. 244-245.

Depois de passar por maus momentos, desde que foi preso e espancado até as horas em que permaneceu detido, Octavio Brandão foi solto no dia seguinte. Mas seria por pouco tempo. A perseguição aos comunistas crescia assustadoramente como atesta um relatório emitido pelo Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), datado de 24 de setembro daquele ano. O documento reportava-se à entrevista concedida por Luís Carlos Prestes ao jornal *Tribuna Popular* de 5 de junho de 1947, na qual foram utilizados termos considerados pelo investigador como “*altamente ofensivos às autoridades constituídas*”. Mencionava ainda o lançamento do Manifesto de Prestes, em nome do Comitê Nacional do PCB, lido na Câmara Federal pelo deputado Pedro Pomar⁴⁵, destacando que sua redação era

“violenta, agressiva e injuriosa às Autoridades Constituídas, ao Sr. Presidente da República, aos Juízes e Tribunais, aos Chefes Militares e Classes Armadas, instigando também o ódio das classes, fomentando a desobediência ao cumprimento da Lei, divulgando notícias falsas para provocar o desassossego público e desprestigiar o Governo, incitando as classes trabalhadoras às greves revolucionárias e promovendo a franca campanha subversiva entre operários e camponeses”.⁴⁶

Por conseguinte, o Relatório acusava os membros do Comitê Nacional do PCB por estes crimes, apontando os artigos da Constituição em que estão inseridos. E terminava afirmando que todos os indiciados declaravam-se inteiramente de acordo com o Manifesto de Luís Carlos Prestes, confirmando assim, segundo o informante, a sua “*periculosidade e nocividade à ordem pública e ao país*”.

O que mais chama a atenção nessa lista é que um dos indiciados, no caso Octavio Brandão, ter o seu nome sublinhado em destaque. Talvez quisesse dizer algo. É importante observar que, aumentou, consideravelmente, a partir dessa ocasião, a vigilância em torno do ex-dirigente comunista. Tornava-se vítima de um processo que denunciava ser “monstruoso” e “fraudulento”, uma vez que o governo Dutra movia contra os militantes do PCB uma acusação “por idéias e não por delitos”⁴⁷. O processo negava os seus direitos mais elementares, representando, particularmente para Octavio Brandão, um litígio de doze anos que se estenderam de 1948 a 1960.

⁴⁵ Pedro Pomar havia sido eleito deputado na legenda do PSP, do político conservador Adhemar de Barros, coligação que o PCB apoiara em São Paulo. Por essa razão, foi o único comunista que não teve o seu mandato cassado.

⁴⁶ Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Prontuário Octavio Brandão*. Fundo: DOPS, pasta: GB, folha: 2077.

⁴⁷ BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2 - inédito)*, op. cit., p. 109.

Mesmo na semi-ilegalidade, Octavio Brandão não deixou de tomar importantes iniciativas, como na organização da Comissão de Defesa de Gregório Bezerra e das Liberdades Democráticas, da qual era um dos integrantes⁴⁸. O ex-deputado pernambucano era acusado, no início de 1948, de ter sido o principal responsável pelo incêndio do 15.º Regimento de Infantaria, em João Pessoa. Por esse “delito” cogitava-se a possibilidade de ser condenado a dez anos de prisão. Mas, na realidade, como lembrava o próprio acusado, “tratava-se de uma sabotagem e provocação” uma vez que o governo queria que a opinião pública acreditasse que essa atitude “terrorista” fosse uma represália dos comunistas contra a cassação de seus mandatos. Além do mais, Gregório Bezerra relata que nem se encontrava no local do “crime”. Estava no Rio de Janeiro, sendo preso e levado à Polícia Central. Depois, transferiram-no para João Pessoa e, a seguir, Recife. Finalmente, foi levado à cidade de Olinda, ao 7.º Regimento de Obuses, local de seu julgamento. Devido a falta de provas, foi absolvido por unanimidade⁴⁹. Não obstante Gregório aludir à ocorrência de uma “manifestação de solidariedade” feita pelo PCB em Recife, não menciona a iniciativa que Brandão e outros camaradas fizeram para conseguir sua libertação. Seria mero esquecimento?

Ainda a respeito desse episódio, vale dizer que Octavio Brandão refere-se a ele como o último importante compromisso que realizou. Num texto inédito, assegurava que, após esse trabalho, “*nunca mais recebi nenhuma tarefa política (...) por seis anos*”.⁵⁰

De maneira geral, pode-se dizer que o período situado entre 1950-1958 foi um dos mais difíceis atravessados por Octavio Brandão, principalmente depois dos anos 50. No dia 22 de maio daquele ano ficou sabendo que estava intimado pelo processo de 1948. Por não ter atendido à norma jurídica, ficou decretada a sua prisão preventiva, levando-o a optar pela clandestinidade.

Além de perseguido pela Polícia Política, dava-se início a um outro período de ostracismo por parte do PCB. A respeito desses terríveis momentos em sua vida, o ex-dirigente comunista assinalava que viveu clandestino “durante 8 anos, em 1950-1958,

⁴⁸ Além de Octavio Brandão, outras personalidades fizeram parte dessa comissão, como Alcedo Coutinho, médico e constituinte pelo PCB em 1945; Gastão Prati de Águia e o jornalista Edmar Morel. Cf. idem, *ibidem*.

⁴⁹ Cf. BEZERRA, Gregório. *Memórias (segunda parte: 1946-1969)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 80.

⁵⁰ BRANDÃO, Octavio. *A batalha duríssima*. (narrativa de cinco anos: 1950-1955). S.l., outubro de 1955, 66p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 113, p. 9. [dat.].

caçado e acochado, na pobreza, sem ganha-pão, sem poder trabalhar, sem a mais vaga sombra de liberdade, no abandono e solidão, um desconforto atroz – físico, moral e intelectual”.⁵¹

Numa significativa carta escrita a Luís Carlos Prestes, em novembro de 1951, Octavio Brandão procurava explicar a ele outras dificuldades que vivenciou ao longo desse período. De início, fazia questão de destacar o papel que tivera em alguns episódios ligados à família do dirigente máximo do PCB:

“Quem lhe escreve é o amigo das horas difíceis – quando, em março de 1936, sua vida estava por um fio, quando, em 1937, Dona Leocádia se encontrava em Paris, e Anita ameaçada de morrer nas prisões da Gestapo”.⁵²

Explica a Prestes que o objetivo de sua carta era esclarecer algumas questões que julgava “prejudiciais aos interesses do PC”, assegurando que já fizera, antes, algumas tentativas e que sempre ficava na expectativa de um possível comentário de Prestes, que nunca havia chegado. Logo a seguir, denuncia a terrível situação que os dirigentes comunistas sofriam diante da prisão preventiva sancionada pelo governo. Sugeria-lhe, o início de uma “grande luta de massas pela anistia”. Fazia ainda uma reclamação ao secretário-geral contra o então núcleo dirigente do PCB, pela situação de abandono impingida aos velhos quadros. Para melhor legitimar seus argumentos, Octavio Brandão citava Stalin quando este último assinalava a necessidade “*de apreciar os militantes mais antigos como tesouro do Partido e do Estado, valorizando-os e respeitando-os sempre*”. Mas, segundo o militante comunista, essa linha de princípios não estava sendo aplicada pela direção comunista.

Depois das censuras feitas à relação partido-militantes, Octavio Brandão fez uma série de críticas a direção partidária por sua marginalização política, reiniciada no novo período de clandestinidade que viveu. Fazendo um contundente desabafo, assinala:

“Há um ano e cinco meses, encontro-me na ilegalidade, num ambiente de perseguições (...). Durante um ano e cinco meses, levei uma vida incerta, em lugares inseguros. Muitas vezes fiquei sem almoço nem jantar. Em várias ocasiões deixei às pressas locais farejados pela polícia política, mas sem ter para onde ir. Duas vezes pedi auxílios dos camaradas, nas não obtive resposta. Compareci aos encontros marcados, esperei as visitas prometidas, nas ninguém apareceu. (...).

⁵¹ _____. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2 - inédito)*, op. cit., p. 110.

⁵² _____. “Carta ao amigo e camarada Luís Carlos Prestes”, s.l., novembro de 1951, 5p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 08, p. 1. (dat.).

Só em fins de outubro de 1951, fui chamado a uma reunião – pela primeira vez – no decorrer de um ano e cinco meses. Como se explica que um militante não seja convocado durante um ano e cinco meses?”.⁵³

Não bastassem todos os problemas vividos naquele momento, como a ilegalidade, a perseguição policial e o ostracismo político, para agravar ainda mais a sua situação, Octavio Brandão teve o azar de sofrer um grave acidente, ao cair de um bonde, numa noite de fevereiro de 1951. Sofreu fratura do fêmur direito. Estirado no chão e gritando pela imensa dor que sentia, logo chamou a atenção dos populares que se encontravam no local. Recusou, no entanto, a ajuda para ir a um hospital, temendo ser reconhecido e imediatamente preso. Relatando esse outro drama, dessa vez físico, ocorrido em sua vida, lembrava: “Dei uns saltos com um pé só. Arrastei-me no meio de dores espantosas. Engatinhei. Subi dois lances de degrau de pedra. E cheguei à casa de um amigo. Levava a coxa fraturada e pendurada sem apoio do fêmur...”. Depois, um pouco melhor, foi levado, em maio, para um distante sítio, no interior do Rio de Janeiro. Mas lá também permaneceu isolado, sem contato com nenhum membro da direção do partido.

Octavio Brandão também solicitava a Prestes providências em relação à situação das famílias dos militantes perseguidos. Particularmente, destacava que suas filhas não estavam recebendo auxílio satisfatório e constante. Devido a isso, tinham sérios problemas de saúde. Dando seqüência às suas considerações, demonstra ao Cavaleiro da Esperança sua frustração diante da atitude da direção partidária a propósito de seu trabalho como vereador do PCB, no ano de 1947, ao denunciar que havia sido “proibido de fazer propaganda da União Soviética”. E afirma:

“Em 1947, minha conferência na ABI sobre a batalha de Moscou contra o exército hitleriano foi proibida por ‘ordem de cima’. Um mês depois, o governo Dutra rompeu relações diplomáticas com a União Soviética. A ruptura caiu no vácuo. Houve um ou outro protesto meramente verbal. O povo brasileiro não compreendeu a gravidade do acontecimento. Como se explicam tais fatos? Onde está o nosso internacionalismo proletário revolucionário?”.

Outrossim, lamentava o abandono e o ostracismo sofrido, desde seu retorno ao país, de novembro de 1946 até a sua nova ilegalidade, menos de dois anos depois. Um exemplo desse descaso, no que concerne a sua militância, pode ser constatado quando Brandão, depois de pedir um “posto de combate” à direção do PC brasileiro, acabou recebendo em troca três “tarefas” – como ele próprio ironizou – que eram as seguintes:

⁵³ _____. “Carta ao amigo e camarada Luís Carlos Prestes”, op. cit., p. 2.

- “1.ª) No congresso dos escritores, na Bahia: acordar os camaradas;
- 2.ª) na ABDE: pôr os endereços e selos nos envelopes;
- 3.ª) no Comitê da Paz: receber as notícias do dia e enviá-las à *Imprensa Popular*”.⁵⁴

Decepcionado e ressentido, indagava se eram essas “as ‘tarefas’ reservadas a um homem que tem quase 30 anos de Partido!”. Fazendo um provocativo comentário, desabafou: “É isto política de quadros, no espírito de Stalin”? Na seqüência, Brandão continuou a cobrar os vários “porquês” que haviam levado a direção do PCB a não publicar seus artigos, recusar seus livros e outros escritos, além de vetar seus discursos. Novamente mostrava sua decepção ante determinada experiência “negativa” e “absurda” que deveria cumprir: militar numa “célula de historiadores”.

Ao final de sua carta, Octavio fez uma última apreciação crítica a todos esses momentos de abandono causados pelo partido; solicitou ao principal dirigente do PCB sua interferência visando modificar tal problemática situação que vivera durante anos, assinalando:

Como comunista, protesto contra os fatos acima mencionados. Reivindico uma política justa e efetiva dos quadros, no espírito de Stalin, a fim de que os velhos militantes fiéis possam trabalhar, dêem o máximo ao P.C. e encontrem *apoio e estímulo, justiça e compreensão*. É um direito que me assiste!

Afetuosamente, seu amigo e camarada.⁵⁵

Outros inúmeros escritos de Octavio Brandão existentes no Arquivo Edgard Leuenroth seguem na mesma direção: são denúncias de seu abandono político, solicitações para encontrar algum membro da direção do PCB, pedidos de tarefas e autorizações para publicar novos ensaios. As insistentes atitudes e cobranças quanto à sua utilidade para o partido caracterizaram a maior parte de sua militância nos anos 50. Fazendo breve mapeamento delas, destaco três cartas datadas dos três primeiros anos daquela década.

Em julho de 1952, Octavio Brandão redigiu uma correspondência aos “camaradas dirigentes”. Perguntava sobre a decisão que haviam tomado a respeito de seu *Abecedário dos trabalhadores*, que considerava ser uma “tentativa de literatura específica para as massas”. Procurando justificar a importância daquele texto, o autor assevera que o mesmo já havia sido “submetido à apreciação de simples trabalhadores de massa” e que estes últimos fizeram algumas modificações, sendo prontamente “aceita” por eles. Explicava que o seu objetivo político era “politizar as massas, mesmo os analfabetos”. Preocupava-se

⁵⁴ Idem, p. 4.

⁵⁵ Idem, p. 5. Grifos do original.

ainda em frisar que o folheto exigiria “poucas despesas”, daí garantir que a sua venda seria “fácil” e a “finança certa”. No entanto, admitia que, no início, sua tiragem poderia “ser modesta” e o aumento das edições dependeria de “larga propaganda, divulgação e distribuição”. Sua única solicitação era poder “fazer a revisão tipográfica. Nada mais”. Finalizando, aguardava logo uma “*apreciação dos camaradas*”, a respeito de seu escrito.⁵⁶

No dia 19 de dezembro de 1953, em outra correspondência remetida aos dirigentes partidários, Octavio Brandão, deixava clara sua indignação com a atitude desrespeitosa e, inclusive, bastante contraditória para um “verdadeiro comunista”: o atraso, e pior, o não comparecimento de militantes em determinado encontro que fora anteriormente estabelecido. Dizia o bilhete:

Caros camaradas

Compareci ontem, à hora exata, no lugar combinado. Daí fui levado com um camarada a outro local, onde nos deixaram às 8 da noite e recomendaram que esperássemos outra condução.

Aí ficamos até 9.10 da noite. Assim esperamos no local mais de uma hora – o que é contra-indicado. Apesar de tudo, ninguém apareceu.

Tal o fato ocorrido que levo ao conhecimento dos camaradas.

Saudações comunistas.⁵⁷

Numa terceira carta, datada de janeiro de 1954, novamente buscava uma comunicação com Prestes. Solicitava-lhe a publicação de outro artigo de sua autoria no jornal do PCB, *Imprensa Popular*. Talvez representasse a derradeira chance de ver um escrito seu divulgado, visto que as outras tentativas feitas, ao que tudo parece, haviam sido malsucedidas. A nova mensagem trazia o seguinte conteúdo:

Caros camaradas

1. Envio-lhes o ensaio “Os acontecimentos de 1930”. Peço-lhes que o leiam e o façam chegar ao camarada Prestes. Desejo saber a opinião de Prestes a respeito. Escrevi o ensaio com muito esforço, em condições penosas, num telheiro da Penha, úmido, estreito e sombrio, onde a chuva dançava e o vento rodopiava.

2. Renovo minha solicitação no sentido de que o ensaio sobre Tobias Barreto, enviado em maio de 1953, seja publicado na 4.^a página da “*Imprensa Popular*”, em rodapés sucessivos.

Saudações fraternais.⁵⁸

⁵⁶ _____. “Carta aos camaradas apresentando o texto ‘Abecedário dos Trabalhadores’ como alternativa de educação político-popular”. Julho de 1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 8, 1p. [dat.]. Grifos meus.

⁵⁷ _____. “Carta aos camaradas desaprovando desencontro em atividade clandestina”. 19.12.1953. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 8, 1p. [dat.]. Grifos meus.

⁵⁸ _____. “Carta solicitando comunicação com Prestes e publicação de artigo no ‘*Imprensa Popular*’”. 11.01.1954. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth, pasta 8, 1p. [dat.]. Grifos meus.

Em direção radicalmente oposta a essas três cartas – que como podemos perceber, eram marcadas pelos sucessivos pedidos de tarefas e atenção de sua militância à direção do partido –, encontrei outra correspondência *sui generis*, escrita pelo velho comunista. Ela pode ser considerada única, por ser atípica de todas que localizei. Trata-se de uma carta escrita por Octavio Brandão, em 1959, e endereçada a alguém chamado de “Cid”, que, infelizmente, não consegui identificar. Nela, surpreendentemente, seu autor faz uma revelação inédita em toda a sua militância no PCB, ao longo de mais de três décadas sucessivas.

A maneira de redigi-la, abreviando o nome daquele que considerava ser o principal responsável pela “deformação stalinista” no partido, ou, ainda, colocando sérias dúvidas numa certeza inequívoca da tradição comunista – o “papel revolucionário” do proletariado – indica, como disse, tratar-se de um escrito incomum. De sorte que pelo fato de transparecer um claro “derrotismo” no conteúdo de seu texto – incomum ao perfil de Octavio Brandão, mesmo nos momentos mais difíceis de atuação no partido – nunca tenha pensado em torná-lo público.

O nosso ofício de historiador, porém, impede-nos que deixemos para trás tão valioso documento, esquecido, ou possivelmente “perdido para sempre”, numa pasta, pela única razão de melhor compreender o que pensava o nosso biografado, em determinado momento de sua vida partidária. Justificada a relevância desse escrito e terminando o suspense que o cerca, reproduzo-o, agora, em sua totalidade.

Cid

Existe uma nova realidade. Todos nós estamos superados, presos a experiências ultrapassadas. Nosso destino histórico, inclusive o de Pr., está ultrapassado. As concepções do P.C. já não correspondem à realidade. Fomos deformados pelo stalinismo.

Devemos buscar as raízes de nossa própria autenticidade nacional, em proveito da coletividade, e não apenas do proletariado. Precisamos de 10 ou 15 anos de nacionalismo. Depois, começará outro período histórico. Já teremos, então, conquistado nossa independência econômica. Fracassou, no Brasil, a idéia de um partido proletário e da hegemonia do proletariado. O proletariado do Brasil não tem condições para isto.

14. nov. 1959.⁵⁹

Esses escritos permaneceram, como já se disse, em sua totalidade, inéditos, mesmo aos olhos do próprio partido, uma vez que não sabemos se as correspondências de Octavio

⁵⁹ _____. “Carta a Cid, conclamando-o a repensar a participação do PCB como um partido proletário”. 14.11.1959. *Fundo Octavio Brandão*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 9, 1p. [dat.]. Grifos meus. O escrito “Os acontecimentos de 1930”, também intitulado pelo autor de “A ‘revolução’ de 1930” é o mesmo texto sobre o qual fizemos uma breve reflexão no capítulo III da presente dissertação.

direcionadas a Prestes eram de fato entregues em suas mãos ou interceptadas por outro “camarada”. Soma-se a isso o fato de os principais dirigentes do PCB estarem na mais completa clandestinidade, ainda que não se descartasse a possibilidade da existência de alguma estrutura formada por poucos militantes, escolhidos a dedo pelo grupo dirigente partidário para o cumprimento de tais tarefas.

Embora o partido enfrentasse, a partir de 1948, um dos períodos mais difíceis de sua existência, um novo contexto no interior do movimento comunista internacional estava sendo aberto e, não casualmente, traria forte influência na história do PCB. Foi em decorrência dele que Octavio finalmente tornaria público o seu balanço de todos esses terríveis e dramáticos anos que atravessou, a maior parte deles marcado pelo ostracismo político no interior da organização revolucionária que tanto se dedicara a construir.

Refiro-me ao período liberalizante, consequência do célebre *Relatório* “secreto” apresentado por Nikita Krushev, o novo dirigente soviético, no XX Congresso do PCUS, realizado em fevereiro de 1956. Suas contundentes e mesmo surpreendentes revelações deixaram estarecidos os comunistas de todo o mundo ao afirmar que Stalin, canonizado até então como “líder e guia genial dos povos”, não passava, na realidade, de um déspota, um criminoso de Estado, cruel e sanguinário, um tirano.

Daniel Aarão Reis, ao comentar a sensação causada pelas revelações de Krushev aos representantes do PCs, presentes naquele dramático encontro, diz que era como se houvesse acontecido

“uma brusca inversão de temperatura e pressão, das referências mais enraizadas não [sobrando] pedra sobre pedra, a mais pura realidade como se fora a mais espessa das irrealidades, um verdadeiro buraco negro, tragando valores consagrados e profundas convicções, um tormento, traduzido em indivisíveis náuseas e numa euforia catastrófica. (...)”.⁶⁰

Tratava-se, então, continua o historiador, de um “verdadeiro golpe, um marco” não somente na URSS, como também no movimento comunista internacional. Apesar da grave crise vivida pelo PCB, ocasionada, como não poderia deixar de ser, pelas inesperadas acusações do novo primeiro-secretário do PCUS, abriu-se, aos poucos, em seu interior, um clima mais propício às discussões. A tônica dos debates, por sua vez, versava sobre a crítica ao culto de personalidade e a ausência de maior democracia interna⁶¹. Nesse aspecto

⁶⁰ REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*, op. cit., p. 197.

⁶¹ Para um excelente acompanhamento da divulgação das denúncias de Krushev no interior do PCB e de sua repercussão entre os militantes comunistas, ver o trabalho, já citado, de FERREIRA, Jorge.

cabe destacar a importância do “Projeto de Resolução do CC do PCB”, divulgado no início de outubro de 1956, no jornal comunista, *Imprensa Popular*. Esse documento recomendava o “livre debate na imprensa do Partido”, consequência não apenas da campanha de desestalinização no interior do PC do Brasil, como ainda do significativo descontentamento nas fileiras da agremiação.

É inserido em tal contexto que, no final desse mesmo mês, Octavio Brandão aproveitava a oportunidade para também reivindicar a publicação do artigo “A política de quadros”, editado em dois números consecutivos no jornal *Imprensa Popular*⁶². Com 60 anos completos, 34 dos quais a serviço do PCB e 26 anos depois de ter “caído em desgraça”⁶³, o militante comunista tinha “incontestável direito”, como assinalava no início de seu texto, “de travar o debate público, denunciar as violações clamorosas dos princípios elementares”. Fazia um apelo ao CC do PCB quanto aos seus demais militantes para que lhe assegurassem “plenamente esse direito, não permitindo absolutamente novas violações”. Segundo Octavio Brandão, durante muito tempo predominava no PC “uma falsa e injusta política de quadros”⁶⁴. Esta, em seu entender, manifestava-se sob duas formas principais: “para uns, era o culto à personalidade até o delírio e, para outros, o mais profundo desprezo pela personalidade humana”.

Terminando suas considerações iniciais, afirmava que, mais do que nunca, havia conhecido e vivido um período de “dez anos nesse ambiente de desprezo”. Por essa razão, afirma que, a seguir, analisaria “suas manifestações”, procurando apenas “resumi-las”⁶⁵. No primeiro item de seu artigo-denúncia, Brandão descreve alguns dados de sua biografia, buscando destacar as lutas a favor do partido, fazendo questão de nelas assegurar sua “fidelidade e dedicação à causa da libertação da classe operária e de todo o povo brasileiro”. Procurava, ainda, demonstrar o orgulho que tinha de sua militância, sem, contudo, deixar de, concomitantemente, referir-se aos ostracismos que viveu durante esse tempo. Assim, autodefinia-se:

Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil, op. cit., especialmente o item “1956: o ano terrível”, pp. 264-277.

⁶² Cf. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 26 e 27 de outubro de 1956, p. 3.

⁶³ Refiro-me à Conferência dos PCs latino-americanos, ocorrida em abril e maio de 1930, na qual Octavio Brandão foi considerado o principal culpado pelos equívocos na linha que, até o momento, orientava a atuação do PCB. Para maiores detalhes, ver o capítulo III da presente dissertação.

⁶⁴ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 26.10.1956., p. 3. Grifos meus.

⁶⁵ Idem, *ibidem*.

“Sou um dos raríssimos militantes que se mantiveram na luta sem interrupção, durante todos os anos de existência do P.C.. Tenho 34 anos de P.C., sendo, porém, mais de 15 anos de ostracismo político: de 1930 a 1935, de 1946 a 1950 e de 1950 a 1956. Mais de quinze anos perdidos em grande parte!”

Octavio Brandão fazia questão de frisar que suas revelações não tinham caráter pessoal. Ao contrário, afirmava que a essência que as motivaram eram razões de ordem “política, social e ideológica”. Tratava-se, por conseguinte, de um problema que está presente em todo o seu texto e que, de acordo com ele, necessitava ser imediatamente resolvido por todo o partido: “a política de quadros”.

Continuando seu artigo, Octavio relatava os seus constantes ostracismos. O primeiro a que se referiu, ocorrera entre os anos de 1930 e 1936. Era resultado das duras críticas recebidas no Pleno Ampliado dos PCs latino-americanos, em Buenos Aires, no ano de 1930. Novamente acusava aquela linha política da *revolução soviética imediata*, “imposta pelo Birô da IC ao PCB”, de ter sido “absolutamente falsa”. Denunciava também a dramática situação que vivera depois daquela reunião em que era obrigado a fazer “constantes autocríticas” dos erros “reais e imaginários” cometidos.

Em seguida, ainda fazendo parte desse seu “primeiro ostracismo”, destacou os anos vividos em Moscou, como deportado político, onde permaneceu na situação de marginalidade política até 1936. Nesse ano, afirmara que havia sido feito, pela primeira vez, um “ato de justiça política e moral”. Trata-se do fim daquela dramática condição de desprezo em sua militância. Mas, quando imaginava que se inaugurava uma nova fase em sua vida política, veio o Grande Terror de Stalin. Outra vez, segundo afirma, precisou “suportar quatro anos de terríveis expurgos, em ambiente terrível, cuja simples denúncia, hoje, transtorna os camaradas mais frios”. Quando esses dramáticos anos chegaram ao fim, confessando ter assim se “livrado daquele pesadelo”, testemunhou e resistiu a uma nova e ainda mais terrível situação: a invasão nazista, no ano de 1941. Terminada a hecatombe, relata que a vida melhorou, apesar da morte de sua companheira Laura.

Dando seqüência a seu artigo, aborda um novo item, intitulado de “O meio ostracismo”. Este, de acordo com Octavio, durou “três anos e meio”, indo “de novembro de 1946 a maio de 1950” mas, como fez questão de registrar, não trazia “nenhuma razão de princípios nem de tática que o justificasse”. Sobre essa outra fase de contrastes, ocorrida logo após o seu retorno ao Brasil, denuncia o velho comunista:

“Logo ao chegar, encontrei um ambiente de contrastes. De um lado, calor e simpatia, apoio e estímulo, justiça e compreensão no seio da grande massa trabalhadora. Mas, de outro lado, a indiferença ou a surda hostilidade no seio da direção do P.C.. Seis dias depois da chegada, a *Classe Operária*, órgão do P.C., fechou-me as portas, esquecendo que fui o fundador do jornal em 1925, há mais de trinta anos”.⁶⁶

Brandão também não se esqueceu dos problemas que enfrentou durante o mandato exercido como vereador do PCB. A esse respeito mostrou sua frustração com a direção:

“Pensava que a direção do P.C. me enviaria a percorrer o Brasil, fazendo conferências e sabatinas sobre os acontecimentos grandiosos que vivi na Europa durante mais de quinze anos. Não consegui sair do Distrito Federal. Nem sequer permitiram que visitasse Alagoas. Há 37 anos, não vejo a terra natal”.

Mas, sem dúvida, a profunda mágoa que o antigo dirigente fazia questão de revelar nesse seu artigo de 1956 era a enorme injustiça que Laura Brandão sofrera. Como o seu último desejo era ser enterrada no Brasil, Octavio diz que o mínimo que poderia se esperar do partido era auxiliá-lo no traslado do restos mortais de sua esposa e companheira. Para sua perplexidade, o núcleo dirigente boicotou todas as iniciativas. Visivelmente abalado, afirmou: “Laura não encontrou justiça em vida, nem também depois da morte”.

Ao final desse “meio ostracismo”, Octavio Brandão relatou ainda as proibições que seus escritos sofreram por parte da direção do PC. Assegurou que durante anos traduzira “do russo o que existia de melhor sobre problemas políticos, sociais e filosóficos”. Mas de nada adiantou o seu esforço, pois como ele mesmo lamentava “a quase totalidade das traduções foi parar nos gavetões da burocracia”.

A última e maior parte de seu artigo denominava-se “o ostracismo total”. Referia-se ao período que viveu na clandestinidade e que durara “mais de seis anos, de maio de 1950 a outubro de 1956”. Mais uma vez dizia que havia sido “golpeado por uma falsa e injusta política de quadros que o Projeto de Resolução do Comitê Central hoje denuncia e condena”. Esses dramáticos momentos de abandono e sofrimento por que passou eram assim descritos por ele:

“Entre 1950-1956 rolei por uns trinta lugares diferentes. Morei num telheiro da Penha, num pobre barraco em Vilar dos Teles e em lugarejos perdidos no interior. Dormi muitas vezes no chão. Há mais de cinco anos, nem sequer posso ir ao próprio lar, ver minhas filhas pequeninas. Há mais de seis anos, vivo das esmolas dos amigos, sem tarefa nem ligação com o PC, completamente abandonado, num desconforto atroz, físico, moral e intelectual.

Reclamei muitas vezes. Protestei em vão! Em várias ocasiões fui obrigado a partir às pressas mas sem ter para onde ir. Numa noite de julho de 1950, com fome e frio, não tinha

⁶⁶ Idem, *ibidem*.

sequer onde dormir. Solicitei auxílio da direção do P.C. para encontrar um local onde pudesse refugiar-me e trabalhar. Esperei a resposta durante semanas. Em vão!”⁶⁷

Por conseguinte, relatava as “dez tentativas” que fez para se comunicar com a direção do partido. Relembrando um desses malogrados intentos, assinalou:

“Em janeiro de 1953, pela 11.^a vez, compareci ao local de sempre. Soube que tinham marcado um encontro. Finalmente! Levaram-me à noite através de caminhos desertos, por dentro do mato perdido. Que queriam de mim? Com a maior surpresa minha, iniciaram um longo interrogatório sobre um interminável ‘disse que disse’. Eram mexericos. Tinham de cair pela base. Nesse momento, fiz várias solicitações. Nenhuma foi atendida. Fracassou, pois, a 8.^a tentativa de ligar-me à direção do P.C..”.

O IV Congresso do PCB, marcado para novembro de 1954, se aproximava. Octavio Brandão há muito tempo ansiava por esse momento. Considerava que seria uma grande oportunidade para reivindicar à direção maior reconhecimento a sua militância. Mas, para sua decepção, aconteceu justamente o contrário. Essa situação de perplexidade que novamente fazia parte de sua trajetória militante foi descrita por ele da seguinte maneira:

“Inaugurou-se o IV Congresso do nosso P.C.. Era a 7 de novembro de 1954. Nesse dia completei 32 anos de partido, sem interrupção. Recebi logo o ‘prêmio’: a direção do P.C. exigiu que, mais uma vez, eu fizesse a autocrítica dos erros cometidos em 1924-1928.

Trinta anos depois a direção (...) continuava a cobrar-me os velhos erros (...) Recebi também outro ‘prêmio’: no IV Congresso, mandaram-me embora como um pobre velho que ‘não progride’. Um mês depois, provei o contrário. Então tiveram de reconhecer: ‘– O camarada Brandão é um caso de rejuvenescimento político e ideológico’.

Diante disso, prometeram me aproveitar. Esperei dois anos. Em vão!”⁶⁸

O comunista alagoano dizia que os momentos que vivenciou, durante todos esses anos, foram resultado de uma “política falsa e injusta da direção do PC para os intelectuais e velhos militantes”. Concluindo o seu artigo, o ex-dirigente comunista fazia um forte apelo “ao Comitê Central, a todo o PC, à classe operária e ao povo brasileiro”, no sentido da “ruptura total, violenta e definitiva” com aquela equivocada orientação assumida pelos sucessivos núcleos dirigentes do partido, no pós-30. Suas últimas palavras eram, por conseguinte, “Coragem, energia e decisão para mudar!”.

*

Finalmente Octavio Brandão fazia o seu longo desabafo da maneira que esperava: tornando-o público, nas páginas do jornal do PCB. Desejava transmitir à militância

⁶⁷ Idem e (continuação do artigo “A política de quadros”). *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 27.10.1956, p. 3.

⁶⁸ Idem, *ibidem*.

comunista suas mágoas, frustrações, aborrecimentos, desgostos e, acima de tudo, as inúmeras dificuldades que condicionaram a sua vida até aquele momento.

Apesar de transparecer uma inequívoca amargura, na maior parte das passagens de seu artigo havia, da mesma maneira, um grande orgulho de Octavio Brandão ao recordar que todos aqueles anos tinham sido de “lutas sem interrupção”, como ele mesmo fazia questão de ressaltar. Mas, provavelmente, a única coisa que ele não esperava era que o seu “*Eu acuso!*” fosse se transformar num verdadeiro e polêmico debate, entre os próprios camaradas do partido, a respeito de sua militância. Prós e contras... Abria-se uma nova fase na trajetória do velho comunista: sua memória começaria a ser enfim debatida.

CAPÍTULO 6

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

6.1- Uma memória em disputa?

“Um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (publicando, por exemplo, suas memórias), quer seja interrogado por um historiador (tornando-se assim testemunha ou ator da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade.”

Henry Rousso

(“A memória não é mais do que era”. In: FERREIRA & AMADO: 1998, p. 98)

Dulce Pandolfi, em seu estudo realizado a partir dos depoimentos de militantes do PCB, afirmou que este, ao contrário de outros partidos comunistas, não elaborou uma “história oficial” de sua própria trajetória. No entanto, o PCB, como qualquer outra coletividade, organizou uma série de relatos e de narrativas, intercalando tanto os discursos oficiais da direção quanto a cultura oral dos militantes de base do partido, sedimentando aquilo que pode ser denominado de sua “memória coletiva”.¹

No PCB esta “memória coletiva”, segundo Jorge Ferreira, era reconstruída em decorrência da ascensão de cada novo grupo dirigente ao poder que, por sua vez, elaborava visões e narrativas exaltantes sobre si mesmos e desmerecedoras da direção anterior². Essa tradição foi inaugurada no final dos anos 20, no momento da deposição do primeiro núcleo dirigente comunista, composto, entre outros por Astrojildo Pereira e Octavio Brandão. Ambos foram acusados de terem sido os principais responsáveis pela orientação “pequeno-burguesa” e “antileninista” que o partido vinha seguindo em seus primeiros anos.

Particularmente, a memória de Octavio Brandão permaneceria relacionada não apenas ao contexto da *grande tournant* de 1930 – período em que se concluiu o processo de interferência da IC no PCB – mas também a outras ocasiões.

Alguns de seus contemporâneos contemplam, em seus relatos, a atuação de Octavio no PCB. O antigo responsável pelo setor da juventude do partido, Leôncio Basbaum, em suas memórias, narra os dramáticos momentos vividos por Octavio Brandão na

¹ Cf. PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*, op. cit., 1995, p. 20.

² Cf. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil*, op. cit., p. 259. O autor faz interessante tipologia, relatando as principais querelas e acusações existentes entre os novos grupos dirigentes, promovidos à cúpula decisória, e os antigos, depostos e responsabilizados por todos os equívocos e as orientações falsas do PCB num momento anterior, indo até 1992, quando ocorreu o seu X Congresso Nacional, que levou à dissolução do partido.

Conferência de Buenos Aires, realizada em 1930. Segundo o autor, as duras críticas recebidas por Octavio à sua tese sobre a “revolução democrática pequeno burguesa”, naquele encontro, levaram-no a uma situação precária e a uma atividade limitada no PCB. Mas, apesar disso, para Basbaum, Octavio Brandão era “um homem honesto, um revolucionário sincero. Reconheceu que havia errado e se manifestara disposto a aceitar qualquer tarefa de menor importância”³. O comportamento, de certa forma passivo, apresentado por Basbaum, na verdade não caracteriza o ex-dirigente comunista, pois, como vimos, este último não concordava com a linha da revolução soviética imediata, tendo feito uma pouco sincera “autocrítica” para não ser expulso do partido como “traidor”. Importa, todavia, destacar a referência feita pelo antigo companheiro a Brandão.

Em outra reveladora passagem para a discussão da memória, Leôncio Basbaum, em breve reflexão, estabelece alguns traços de semelhança entre as atitudes e o comportamento de Octavio e Luís Carlos Prestes. A esse propósito, afirma que este último “sob certos aspectos, me lembrava Octavio Brandão: a mesma palidez, a magreza, a mesma delicadeza no falar, os olhos fundos, que pareciam guardar um indefinido ardor místico, e um certo tom professoral no modo de dizer as coisas, como se fossem definitivas”. Contudo, ressalta a diferença entre as personalidades de ambos, ao assinalar que

“Brandão era um puritano que ficava vermelho só de ouvir palavras e para quem até a palavra *prostituta* era obscena. Prestes não era tanto assim. Mas Octavio por vezes gostava de rir e dava mesmo boas gargalhadas e gostava de ouvir uma piada desde que não fosse pornográfica. Prestes não ria de modo algum”.⁴

Foi a partir do artigo “*A política de quadros*”, escrito por Brandão e publicado nas páginas da *Imprensa Popular*, nos dias 26 e 27 de outubro de 1956, entretanto que se iniciou o que, a princípio, dava a impressão de ser uma “memória em disputa” de sua trajetória no comunismo nacional. À luz do novo momento de maior democratização interna no PCB, dirigentes e simples militantes anônimos opinavam, polemizavam, enfim, manifestavam-se publicamente, como nunca o fizeram antes, muitas vezes expressando seus pontos-de-vista sobre as denúncias feitas pelo velho comunista, a respeito dos constantes ostracismos políticos que sofrera na maior parte de sua militância.

Dois dias depois da publicação de seu escrito, apareceu no mesmo jornal, na coluna do jornalista Egydio Squeff, um artigo e, ao mesmo tempo réplica, às denúncias feitas por

³ BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*, op. cit., p. 66.

⁴ Idem, p. 186. Grifos do original.

Octavio Brandão em seu texto. Já nas primeiras linhas era claro o recurso às ironias utilizadas pelo autor, como atesta a passagem a seguir:

“Depois de ler a última linha do artigo do Sr. Octavio Brandão ficamos com a alma em pedaços. Em certa época, imaginem que coisa horrível, Brandão chegou a comer pão com manteiga e fazer apenas duas refeições por dia de feijão e arroz! O povo brasileiro que vive tão folgado há de ficar boquiaberto com tamanha capacidade de sacrifício”.⁵

Em seguida, novamente em tom de chacota, Squeff acusa Brandão de cometer um grande e lamentável “equivoco amor” ao mencionar publicamente e de maneira “esclarecedora” os lugares em que esteve na clandestinidade, “subúrbio tal, buraco tal, chegando até a detalhes na aparência puramente literários, como aquele que esteve, na casa de Vilar dos Teles”. Utilizando mais uma vez a ironia, afirmava que “o major Luma Pedrosa deve ter agradecido por tamanhas revelações”.

O jornalista, que paradoxalmente tinha no jornal *Imprensa Popular* um espaço diário que se chamava “Ponto Pacífico”, abandonava a tranqüilidade aparente do nome de sua coluna e, de maneira áspera e desdenhosa, partia para o confronto com Octavio Brandão, fazendo as seguintes considerações finais:

“Com o respeito que nos merece o passado do Sr. Octavio Brandão, sua litania de enfadonho egocentrismo, que é o resumo do título ‘*A política de quadros*’, não é apenas um desserviço ao PCB, mas ao próprio nome do autor que ali responde à luz de um ridículo arrasante. (...) Eu fiz, eu sugeri, eu suscitei, eu sofri, eu... Insistindo dramaticamente nos sucessivos ostracismos a que teria sido empurrado pela direção do PCB, o Sr. Octavio Brandão (que nos desculpe) nós dá a impressão de estar de olhos acesos no caso Gomulka, ao pedir ‘ruptura total, violenta e definitiva com a falsa e injusta política de quadros até hoje dominante’ (...) Francamente, o artigo é um desastre”.⁶

Egydio Squeff não esperava que seu artigo fosse gerar outras respostas que, via de regra, fomentavam posições a favor ou contra o velho militante Octavio Brandão. Assim aconteceu, dias depois, quando o dirigente sindical João Caminha Borges enviou uma carta ao jornal do PCB. Datada de 29 de outubro, o autor criticou energicamente a forma desrespeitosa pela qual Squeff se referiu a Octavio Brandão. Indignado, afirmou:

“O colunista Egydio zomba do camarada Brandão quando ele se referiu ao ‘arroz com feijão e feijão com arroz’ e as ‘5 gripes’ e chega a dizer que Brandão prestou um grande

⁵ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 28.10.1956, p. 3.

⁶ Idem, *ibidem*. Gomulka foi o político polonês que depois de sair da prisão, a mando de Krushev, assumiu o controle do POUP (Partido Operário Unificado da Polônia), em 1956. Adotou uma orientação política semelhante à do líder soviético, afastando-se do stalinismo. Depois, seria considerado “revisonista” pelo antigo grupo deposto. Em 1970, uma onda de greves, desencadeada contra o racionamento de alimentos e outras restrições, pôs fim ao seu governo.

serviço à polícia dizendo os lugares onde passou. Li o artigo do camarada Brandão que classifico de um grito de alerta para a classe operária contra o crime que está sendo praticado contra esse velho homem de vanguarda”.⁷

A opinião do sindicalista consistia, por assim dizer, numa denúncia à marginal situação de abandono vivida por Brandão, como por outros antigos militantes comunistas relegados há anos a um papel secundário, sem tarefas nem ligação com o PC. Por essa razão, ao final de sua carta, fazia um forte desabo e a seguinte exigência à direção do partido:

“Nós, trabalhadores, não iremos responder a Brandão com pouco caso e o riso zombeteiro próprio de um ‘pequeno-burguês’ que tem um cantinho diário na *Imprensa Popular* e que talvez viva confortavelmente apoiado por quem pratica esse monstruoso crime contra Octavio Brandão. Nós, trabalhadores, vamos responder a Brandão exigindo da direção do Partido que esclareça a todos nós, por que este camarada que é um dos fundadores de nosso partido e que tem 60 anos, 42 dos quais dedicados em defesa de ideologia da classe operária, está relegado e sem nenhuma assistência!

Fazemos esta pergunta porque somos jovens, damos os melhores anos de nossa existência em defesa do nosso ideal e acreditamos em nosso Partido, não queremos chegar à velhice como e na situação em que está Brandão que deu toda a sua juventude ao Partido e à classe operária”.⁸

Coincidência ou não, no mesmo dia, outros dois telegramas apareceram publicados nas páginas da *Imprensa Popular*, expressando semelhante sentimento de revolta. O primeiro indicava, como local de sua emissão, o bairro da Tijuca, e trazia o nome de dois simples militantes, José Pereira e Antônio da Costa. De forma objetiva afirmava “*Protestamos energeticamente contra a tentativa do jornalista Egydio Squeff de violação do direito do camarada Brandão clamar por justiça*”⁹. O outro telegrama foi enviado por Luis Pereira, de Cascadura, subúrbio carioca. Além da repulsa, procurava entrar na discussão política, ao assinalar que “*os trabalhadores revoltados com as violações denunciadas por Brandão exigem nova política de quadros*”.

Passados alguns dias, parecia que o conflitante debate em torno do artigo-denúncia de Octavio Brandão atenuara-se. Mas, tinha sido apenas um breve intervalo. Doze dias depois, outro artigo reacendia a polêmica. Tratava-se da carta de Manoel Soares da Silva, datada do dia 11 de novembro de 1956 e que trazia o sugestivo título de “*Injustiça também dói*”. Nela, seu autor reconhecia o esforço que Brandão fizera para o “bom caminho da discussão”, narrando algumas dificuldades que pessoalmente enfrentou em sua

⁷ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 30.10.1956, p. 3.

⁸ Idem, *ibidem*.

⁹ Idem, *ibidem*.

clandestinidade. Advertia, porém, que o mais importante era que ele procurasse explicar “sem floreios” os problemas “mais graves” que o fizeram anunciar o motivo pelo qual o partido lhe destinava ou não ajuda econômica de alguma espécie, além de precisar de “quantos mil cruzeiros” ela consistia. Manoel Soares demonstrava não estar convencido das dificuldades que Octavio Brandão afirma ter vivido. Segundo ele, era pouco provável que o ex-dirigente comunista estivesse tão mal de vida. Em seu entender, bastava ver a situação da família de Brandão. Afirmava que “sua companheira era alta funcionária”, enquanto suas filhas maiores eram “funcionárias e casadas”, e que as menores “estudavam”; nada indicava, então, que estivessem desamparadas. Continuando, diz que Octavio Brandão sempre fizera questão “de ser intelectual e escritor” e, por tal escolha, precisava receber os direitos autorais da venda dos livros. Mas discordava da denúncia que o velho comunista fazia de que seus livros eram boicotados pela direção do PC. Para Manoel Soares, a direção do partido ou Prestes nunca recomendaram a leitura de nenhum escritor “a não ser os livros sobre marxismo”. Por essa razão, as acusações de Brandão não se sustentavam. Se os problemas ocorriam, segundo ele, era porque “o seu editor não faz propaganda dos mesmos e porque eles não agradam a quem os lê”. Ao final de seu artigo, Soares defendia que tanto Brandão como Squeff tinham o direito de “escreverem o que quiserem”, desde que se preocupassem em não publicar determinadas críticas à direção partidária. Advertindo que essa forma de colocar “livremente” os problemas poderia inaugurar “o regime de anarquia no Partido” e, deixando claro a defesa da “unidade do partido”, mostrava sua perplexidade e sua preocupação, ao afirmar:

“(...) Se nos causou estranheza que os intelectuais tenham iniciado por cima da direção do Partido uma discussão de grande responsabilidade, como uma discussão pública pelos jornais, num Partido ilegal como o nosso não deixou de ser estranho também que o Comitê Central capitulasse e autorizasse uma discussão desse tipo”¹⁰

Uma semana depois outro artigo era publicado nas páginas do mesmo jornal. Diferente dos demais, não era um novo militante comunista que opinava na contundente discussão, mas um “humilde simpatizante do PCB”, como autodenominava, apesar do título de seu escrito parecer muito pouco modesto: “*Caminho certo*”. Tratava-se de J. Martins que afirmava ter lido atentamente o projeto de resolução do CC do PCB sobre “os ensinamentos do XX Congresso do PCUS”. Também demonstrava seu contentamento ao ver o núcleo dirigente vir a público e, “mais uma vez, reconhecer os seus erros”. Sempre se

¹⁰ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 11.11.1956, p. 3

colocando no papel de ajudante do partido, diz que a direção agiu bem ao assegurarem a todos a livre expressão de suas opiniões sobre assuntos gerais, que estivessem em sintonia com o novo clima mais aberto ao diálogo e às críticas de posições inauguradas com o relatório de Krushev. No entanto, enfatizava a importância de se “convocar uma ou várias reuniões” dentro das bases do partido, “com todos os militantes afastados por divergências desde que se tenham mantido fiéis ao Partido”¹¹. Segundo J. Martins essa era uma necessidade que dizia respeito a muitos camaradas do PC, em particular a Octavio Brandão. Sobre o artigo desse último, considerava que o seu objetivo era se “passar por vítima ou mártir, para apenas dizer que a política adotada pelo partido era falsa e que precisava ser modificada”. O auto-intitulado “simpatizante do PCB” reconhecia em Brandão algumas qualidades como “honestidade e lealdade” em relação ao partido, uma vez que “ele, a Sra. Laura e os soldados soviéticos participaram da defesa heróica de Moscou”. Contudo, sustentava que, ao escrever seu artigo *A política de quadros*, Octavio Brandão “estava com a mente transbordando de ódio” e, por esse motivo, havia perdido “a necessária serenidade”. Mesmo assim, J. Martins assegurava que havia possibilitado um momento especial para que a direção do PC viesse a público “reconhecer os seus erros e abrir os debates através da *Imprensa Popular*”. Abria-se, também, grande oportunidade para que todos os militantes admitissem e procurassem corrigir seus erros, acabando com as divergências e os ressentimentos. Dirigindo-se diretamente ao antigo dirigente comunista, fazia-lhe o seguinte apelo:

“E a ti, Octavio Brandão e a todos que te apóiam, peço que meditem um pouco e façam o que fez o CC: venha, através da imprensa, reconhecer também os vossos erros, para, junto aos CAMARADAS de VERDADE, encontrardes O CAMINHO, mas o CAMINHO CERTO”.¹²

Seis dias depois, no dia 24 de novembro, o militante Natalino Coelho escrevia uma mensagem, com a sugestiva denominação de “*Carta sincera a Octavio Brandão*”. Logo no início, o autor confessava ter ficado “chocado com os fatos narrados” pelo ex-dirigente do PC. Por isso, imediatamente reconhecia ser imprescindível “mudar radicalmente a política de quadros do PCB”. Entretanto, segundo o autor, havia boa vontade da direção do partido em rever os seus possíveis equívocos, haja vista que “o CC já fez muito no sentido de corrigi-la”, bastando apenas “nossa vigilância e crítica imediata contra qualquer nova

¹¹ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 18.11.1956, p. 3.

¹² Idem, ibidem.

manifestação da velha política de quadros”.¹³ Em seguida, Natalino Coelho diz admirar em Octavio Brandão sua “fidelidade ao partido, através de tão longos anos de luta”, admitindo, inclusive, que este último apresentava em sua militância “uma honradez revolucionária pela justeza da causa a quem tem se dedicado a sua vida”. Porém, insistia que o seu principal defeito – ainda mais grave pelo fato de ser um comunista – era “não possuir autocrítica”, motivo que sempre o levava “a se expor ao ridículo”.

Aliás, vale dizer que, para Natalino Coelho, essa era a razão principal que havia motivado o jornalista Egydio Squeff a tratar Octavio Brandão de maneira irônica, em seu artigo do final de outubro de 1956. Como em outros artigos já mencionados, o autor da carta também concentrava suas críticas às dificuldades pessoais e às denúncias de Brandão a respeito do ostracismo a que fora relegado pela direção do PCB. Fazendo objeção ao primeiro aspecto levantado por Octavio Brandão, advoga que o “conceito de sacrifício” utilizado por ele era “pequeno-burguês e não proletário”. Justificando essa distinção, sustenta que “a classe operária estava acostumada a viver uma vida dura e não por acaso é a mais conseqüente na luta”. Passando a abordar o segundo aspecto de suas críticas referentes ao abandono e desprezo que o velho comunista afirmara ter sofrido em seus livros pela direção partidária, é ainda mais veemente em suas considerações, chegando a ser bastante áspero ao dizer que era preciso que Brandão olhasse “com espírito autocrítico para sua obra literária”, mas também a “da finada Laura”. Segundo Natalino Coelho, era injusto Octavio Brandão exigir do partido a ajuda na publicação de seus livros. Para ele, o PCB até poderia e deveria ajudar a “estimular um principiante, um jovem que supunha possuidor de talento literário, mas não um homem que aos 60 anos de vida possui alguns livros *dolorosamente medíocres*, e nem é por outra coisa que encalham”¹⁴. Radicalizando sua censura às obras do intelectual comunista, sobretudo em seu livro *O Caminho*, publicado em 1950, Natalino Coelho não mede palavras ao fazer novas e duras considerações àquela obra, bem como aos sonetos de sua companheira, a poetisa Laura Brandão, ao dizer:

“Entrando no domínio da ficção, com *O Caminho*, você produziu um modelo de sublitteratura. Do mesmo nível sublitterário, perdoe-me a franqueza, é a poesia de Laura Brandão, a que muitas pessoas que a conheceram são unânimes em reconhecer virtudes morais e cívicas, compreensão e dedicação às causas populares, que, aliás, não é pouco, mas

¹³ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 24.11.1956, p. 5.

¹⁴ *Idem*, *ibidem*.

é só. Em suma, se se julgasse a literatura de um povo por suas obras negativas, vocês dois arruinariam a reputação literária do Brasil”.¹⁵

Depois de ler vários artigos contendo duras críticas e alguns reconhecimentos à sua difícil situação no interior do PCB, Octavio Brandão, no final de novembro de 1956, novamente se manifestava. Ausente dos debates há quase um mês, o velho comunista enviara ao jornal *Imprensa Popular* o artigo “*A nova Política de quadros*”. Optando por uma tática mais moderada, procurava não polemizar a fim de causar melhor impressão do que a do seu primeiro escrito. Inicialmente, dirigia-se à direção do partido afirmando que “há mais de seis anos” viveu apenas como “um simples soldado raso do PC”. E era dessa maneira que, mais uma vez, escrevia sua “modesta contribuição” baseada em “simples apontamentos: a análise crítica, política, ideológica, fraterna e esclarecedora” visando aprofundar e solucionar os problemas existentes na linha política do PCB.

Iniciando propriamente seus argumentos, Octavio Brandão procurou respaldar-se na condenação à velha política de quadros feita pelo projeto de Resolução do CC. A esse respeito dizia que aquela orientação negava o “humanismo revolucionário”, além de praticar “injustiças e violações monstruosas” contra a doutrina comunista. Além disso, valorizava “o culto da personalidade até o delírio” ao passo que para outros relegava ao “mais profundo desprezo”.¹⁶

Logo a seguir, fazia alguns comentários gerais sobre a “*Nova política de quadros*”. Assegurava que seu sucesso dependia de uma coerente orientação que apontasse as soluções, de modo a contribuir para o fortalecimento da unidade e da autoridade do PCB e não para o seu “divisionismo”, como alguns o haviam acusado. Mas, fundamentalmente, seu desafio visava proporcionar uma nova política de valorização dos antigos militantes, destinando a eles uma atenção que até então era negada. Dessa maneira, pode-se dizer que Octavio Brandão esperava, enfim, a “justiça e a compreensão”, por parte da direção, que se dedicou ao PCB – sem nunca se ter afastado. Deseja ver encerrados os terríveis momentos que sofrera em ostracismos políticos constantes, desde 1930 e, particularmente, desde seu retorno ao Brasil, no final de 1946. Pelo menos é isso que, a nosso ver, o seu segundo artigo pretendia.

No início de dezembro de 1956, um novo artigo era enviado à seção “Tribuna de debates” do periódico comunista. Tratava-se da declaração assinada por Minervino de

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 30.11.1956, p. 5.

Oliveira, ex-intendente do Bloco Operário e Camponês (BOC), em 1928, e estimado companheiro de Octavio Brandão. Em seu entender, chegava o momento de o jornal *Imprensa Popular* priorizar o debate, as cartas e as opiniões dos trabalhadores sobre a política de quadros, em vez de “alimentar os ataques pessoais e insídias” contra um velho militante. A esse propósito, demonstrava sua preocupação ao perceber que muitos trabalhadores lhe haviam cobrado o motivo pelo qual

“suas cartas e mensagens não haviam sido publicadas, enquanto são publicadas os ataques pessoais e chalaças contra Octavio Brandão (...). Onde estão os documentos dos trabalhadores? (...) As injustiças e as violações domésticas em nome da velha política de quadros causaram uma onda de revolta entre os trabalhadores. Os ataques pessoais, insídias e chalaças fazem aumentar a onda de revolta”.¹⁷

Após defender a prevalência de um “debate saudável” entre os militantes do partido, Minervino, ao final de seu artigo, fazia o seguinte apelo:

“Nós, trabalhadores, solicitamos mais espaço para o debate em nosso jornal, o fortalecimento da crítica e da autocrítica, a supressão de ataques pessoais e chalaças, novo ambiente, nova política, novos métodos de trabalho, e para todos os operários e populares fiéis e dedicados, educação, calor e simpatia, apoio e estímulo, justiça e compreensão”.¹⁸

Minervino de Oliveira procurava valorizar os aspectos positivos da discussão, como a moderação, a serenidade e o respeito, ao invés do desdém e das ironias feitas por alguns a Octavio Brandão. No dia seguinte, o militante Kennedy Augusto publicava o seu “*Um artigo para o debate*”. Procurava, em linhas gerais, refletir sobre o tema do culto à personalidade, mas num enfoque contrário ao que então se realizara. De maneira distinta, constatava que várias opiniões registradas no jornal comunista “tripudiavam em cima da memória de um camarada falecido, no caso, o camarada Stalin” que durante muitas épocas “honrou a classe operária mundial”. Mas, para a perplexidade do autor, após a “fúria de alguns cétricos”, o antigo guia dos povos tornara-se agora um “saco de pancadas” de todo o tipo. De acordo com Kennedy Augusto, o mais importante a se fazer não era apontar os erros de Stalin, mas sim “verificar o que foi errado e tratar de corrigir para o bom conceito da política do partido”. Importava, portanto, para o autor, preservar “a integridade moral” da organização, não fazendo estardalhaços que pudessem comprometer a imagem dela. No que se refere à controvérsia em torno das idéias de Brandão, advogava que a direção do

¹⁷ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 12.12.1956.

¹⁸ *Idem*, *ibidem*.

partido deveria considerá-las com a maior seriedade, embora não concordasse com a essência das opiniões do velho comunista. Mesmo assim registrava a seguinte opinião:

“Li o artigo de Octavio Brandão e estou vendo como ele se sente em relação à nova política do Partido. Por que não o aproveitaram? Acaso ele deixou de ser comunista? Não. Apenas ele guarda ainda o mesmo pensamento das lutas de sua época. Era tarefa do Partido mostrar-lhe que a política não era a mesma e que as tarefas agora eram outras, regidas por princípios diferentes do que ele aprendera”.¹⁹

O maior desafio para Kennedy Augusto, em relação a Octavio Brandão, consistia em “reeducá-lo” através de princípios diferentes dos que havia aprendido. A realização desse propósito – de acordo com o militante – cabia ao partido, uma vez que só ele conseguiria “moldar os homens ao jeito de sua política e não mantê-los afastados de suas atividades, seja ele um velho lutador ou um novato ardoroso e com fibra”.

No dia subsequente a essa mensagem, uma nova carta era publicada nas páginas da *Imprensa Popular*. Escrita por Augusto Gonçalves, era datada de 12 de dezembro de 1953 e se intitulava “*Um desafio fracassado*”. Direcionada a Natalino Coelho, rebatia as acusações que esse fizera a Octavio Brandão procurando realizar algo como um “ajuste de contas”. No começo do texto, afirmava que, apesar do título “Carta sincera”, as críticas de Natalino não eram coerentes com seus propósitos, faltando, às suas considerações, “a justeza política”. Para Augusto Gonçalves, o maior erro que aquele autor cometera em seu artigo era ter realizado “uma crítica superficial e negativista” a alguém que havia dedicado sua vida “a uma causa justa”. Relativizando a afirmação de Natalino Coelho, segundo a qual Octavio Brandão não “possuía senso autocrítico” e procurando destacar o ambiente de maior democratização nas discussões no interior do PCB, Augusto Gonçalves sustentava:

“Talvez o camarada Brandão tenha este e mil outros defeitos, mas saber fazer autocrítica é o que há de mais difícil no mundo e, assim, é um defeito universal. O camarada Stalin nunca fez autocríticas: no Brasil, até hoje ninguém o fez, a não ser umas coisas vagas e formalistas que nada dizem”.²⁰

Outrossim, refutava as “absurdas opiniões” que Natalino fizera às obras de Brandão, dizendo que elas eram “dolorosamente medíocres”. Procurando corrigir esses “lamentáveis comentários”, lembrava a Natalino que muitos intelectuais haviam emitido comentários elogiosos à produção de Octavio. Desafiando-o, faz a seguinte advertência:

“Prezado camarada Natalino Coelho, não ofenda um camarada empregando tais palavras, mas lembro-o de que já foram publicadas opiniões favoráveis do geólogo Branner,

¹⁹ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 13.12.1956, p. 5.

²⁰ *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 14.12.1956, p. 5.

do historiador Rocha Pombo, de Monteiro Lobato, de Lima Barreto; dos críticos José Oiticica e Heitor Vitor, do professor Fábio Luz; dos jornalistas Edmar Morel e José do Patrocínio Filho e do poeta Faustino de Oliveira, sobre *Canais e Lagoas (...)*; dos professores Pachoal Leme, Eduardo Correia e Miécio Tati sobre *O Caminho (...)*. Todos eles afirmam o contrário do camarada Natalino e, por isto, este camarada tardou e acho que perdeu no desafio”.²¹

Augusto Gonçalves concordava com a denúncia feita pelo velho comunista a respeito da sabotagem de suas obras por parte do núcleo dirigente do partido. Não é casual, portanto, que, ao final de seu texto, tenha afirmado: “Se os livros de Brandão encalham, acho que as razões não são literárias, mas políticas”, pois os seus temas “prejudicavam os interesses econômicos e políticos de determinadas classes e camadas sociais”.

O ano de 1956 estava terminando. Mesmo assim, em seu crepúsculo, um novo artigo havia sido enviado ao jornal *Imprensa Popular*. Tratava-se da décima primeira mensagem que se referia ao polêmico debate acerca do artigo de Octavio Brandão. Assinado por Dário Marques, seguia orientação semelhante a que havia sido proposta por Minervino de Oliveira. Procurava privilegiar as discussões fraternas e conter as calúnias, como o seu próprio título anunciava: “Luta de princípios e não ataques pessoais”.

Fazendo um apanhado geral das acusações e das injustiças publicadas e direcionadas a Octavio Brandão, o autor do texto mostrava sua decepção ao afirmar:

“Seria de esperar que os camaradas Egydio Squeff, José da Silva, Manuel Soares da Silva, J. Martins, Natalino Coelho e outros viessem dizer claramente aos trabalhadores se desejam ou não manter a velha política de quadros, como já fizeram vários trabalhadores e camaradas. Em vez disto, porém, saíram-se com ataques pessoais, insultos, injúrias e zombarias. Um homem dá toda sua vida ao PCB, reivindica uma nova política de princípios, mas recebe insultos, ofensas, desaforos; assim não iremos para a frente; as injustiças calam fundo nos trabalhadores que são homens que tem sede de justiça”.²²

A memória do militante Octavio Brandão, pelo visto, incitava polêmicas. Constantemente, como se viu, ela foi mencionada nas páginas do principal jornal público do PCB, sob várias formas e maneiras, os prós e os contras, por quase dois meses consecutivos.

Mas para quem pensa que a controvérsia em torno de sua memória estivesse apenas circunscrita à determinada e longínqua época, muito se engana. Em um contexto diferenciado daquele vivido nos anos 1950, foi possível perceber que semelhante tradição, marcada por contínuas ironias e chalaças a respeito do militante Octavio Brandão,

²¹ Idem, *ibidem*.

²² *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 30.12.1956, p. 5.

continuava presente em plena década de 1980. Refiro-me ao artigo “*Octavio Brandão: o Lenin que não deu certo*”, do filósofo Leandro Konder.

Por ter sido militante do PCB, Konder, muito provavelmente, conheceu Octavio Brandão. Logo no início de seu artigo, realizava uma comparação entre os loucos do século XIX que eram fascinados pela mania de ser Napoleão e os loucos impactados pelo modelo da Revolução Russa, no século XX. A diferença era que esses últimos, segundo o autor, “eram atacados pela mania de ser Lenin”. Continuando, diz que o Brasil, por conseguinte, também possuía “um caso clínico particularmente interessante: o de Octavio Brandão”²³. Ironicamente, atenta para o fato de o velho comunista ter, no entanto, “se tornado um Lenin que não deu certo”. Não obstante reconhecer que o primeiro volume de *Combates e batalhas* pudesse ter “elementos preciosos” para o aprofundamento do estudo do movimento operário nas três primeiras décadas da história republicana, afirma que a mesma obra “nos permite conhecer melhor uma das personalidades mais bizarras que a cultura nacional já produziu”. Konder também descreve algumas características que, em seu entender, tornavam-se evidentes na personalidade de Octavio Brandão, tais como “ausência de senso de humor”, “moralismo exacerbado”, além de uma certa “postura político-cultural nativista”.²⁴

Sustenta ainda que a elaboração do intelectual comunista significava, por assim dizer, a “auto-suficiência de um autodidata”, embora admitisse que nela houvesse uma autenticidade e, mesmo, “uma abnegação em sua ação militante que chegava a comover”. Mas, ao mesmo tempo, havia, para Konder, uma “insensatez evidente de seus critérios e de suas posições”. Concluindo seu artigo, não media palavras ao afirmar que Brandão representava, na realidade,

“uma personalidade chave para compreendermos algumas taras que nasceram com o marxismo-leninismo. Evocando-o, examinando-lhe o estilo de ação e pensamento, podemos nos dar conta de como é alto o preço pago pela ilusão de nos levarmos exageradamente a sério, de pensarmos que sabemos mais do que efetivamente sabemos, de pretendermos ser mais do que podemos ser”.²⁵

Creio que, após refletir sobre as mais variadas e distintas opiniões estabelecidas sobre a memória de Octavio Brandão, num dos poucos momentos de discussão do monolítico partido stalinista, no período posterior a 1930, uma conclusão é possível sustentar: a de que

²³ KONDER, Leandro. “Octavio Brandão: o Lenin que não deu certo”. *Folha de São Paulo*, Caderno Folhetim. São Paulo, 23.06.1985, p. 6.

²⁴ Idem, pp. 6-7.

²⁵ Idem, p. 8.

este militante – entre as demais personalidades ligadas ao comunismo nacional – tenha sido aquele que **maior consenso** obteve em sua trajetória militante: o constante ostracismo e a permanente marginalização política e intelectual.

De fato, Octavio Brandão imaginava que, em 1956, o PCB vivesse um momento *sui generis* em sua existência, baseado no período, embora curto, de discussões críticas e autocríticas. Não é casual que ele próprio tenha se manifestado escrevendo o artigo “A política de Quadros”, em outubro daquele ano. Inclusive, é bastante provável que o velho militante comunista tenha se surpreendido com a repercussão de seu texto, não esperando que as críticas à “velha” e “equivocada” orientação do núcleo dirigente partidário fossem gerar, por dois meses consecutivos, um intenso, público e polêmico debate nas páginas do jornal *Imprensa Popular*. É possível inclusive que Brandão tenha ficado satisfeito pelo fato de alguns militantes comuns, sindicalistas ou simpatizantes se posicionarem ao lado de suas críticas, ao cobrarem da direção comunista providências em relação a sua situação de abandono e de ostracismo político, ao longo de quase uma década: de 1948 a 1956.

Mas o que o Octavio Brandão não imaginava era o desfecho de toda essa controvérsia. Para sua desagradável surpresa, os dirigentes do PCB decidiram tomar uma irredutível decisão: negar definitivamente ao velho militante – que completava, em 1956, 60 anos, 34 dos quais de dedicação exclusiva ao partido – qualquer possibilidade de reabilitação, ou mesmo a permissão para que realizasse tarefas de maior importância.

Dessa maneira, por tudo aquilo que foi dito sobre Octavio Brandão, acredito que não se tratava de uma “memória em disputa” em torno de sua militância, como cheguei a pensar nas primeiras páginas desse item. Ao contrário. Em relação a sua trajetória política e intelectual, formou-se o que denomino de “memória silenciada” de um militante que jamais se afastara do PCB, nem mesmo nos seus últimos anos de vida, como veremos a seguir.

6.2- Os últimos anos e as constantes amarguras

“É trágico dizer que os companheiros foram gradualmente me abandonando. O ostracismo a que me condenaram obedecia às ordens de cima. A verdade é que, por minha fidelidade ao partido e à causa operária, acabei sozinho.”

(Octavio Brandão. Entrevista à *Revista Isto É*. 28.06.1978)

No segundo e inédito volume de sua autobiografia, Octavio Brandão lembra que, logo após a repercussão de seu artigo “*A política de quadros*” publicado em outubro de 1956, no jornal *Imprensa Popular*, sua situação no interior do PC continuava muito difícil. A direção havia lhe impingido um “ostracismo total”, como ele próprio afirmara. Realmente, desde aquele momento, o ex-dirigente comunista não conseguiria mais se reabilitar. Embora amargurado e decepcionado com toda essa situação de desprezo, mesmo assim não pensava em se afastar daquilo que a cultura política comunista considerava ser vanguarda da classe operária. Apesar das novas dificuldades que enfrentou em sua trajetória militante, não deixava de demonstrar um otimismo, inclusive exagerado, ao dizer que

“depois de 34 anos de lutas contínuas pelo PCB, fui relegado ao ostracismo total desde 1956 até hoje. Enquanto isso, o PCB foi esfacelando-se. Mas o proletariado forjará o seu partido – de classe, combate e de massas!”.⁶⁵

Em março de 1958, Octavio Brandão recebeu uma boa notícia. Sua ordem de prisão preventiva havia sido revogada pelo juiz Monjardim Filho. Depois de oito anos, finalmente o velho comunista reconquistava a liberdade, ainda que relativa. Mas o que importava para ele era a sensação de não mais precisar viver escondido, mudando de lugar em lugar, pois sofrera uma constante perseguição dos agentes da Polícia Política⁶⁶. Numa carta enviada às filhas, em que utilizou o pseudônimo de “O Amigo”, informava e expressava a sua alegria com esse acontecimento que há anos aguardava esperançoso, ao comentar o fato:

⁶⁵ _____. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2 - inédito)*, op. cit., p. 127.

⁶⁶ No dia 30 de julho de 1960, Octavio Brandão foi absolvido da acusação do processo movido contra ele no Governo Dutra, tendo o Supremo Tribunal Federal determinado o arquivamento do processo em 11.05.1962.

Minhas queridas

Dias notáveis! A 19 de março, voltei à liberdade (foi revogada a ordem de prisão preventiva). Que alegria! A 20, andei livremente pela cidade. Comovido e perturbado. Tudo é tão estranho! Depois de um longo mergulho de longos anos (...)

Mas a liberdade é provisória. O processo continua. Existem mais dois. O segundo também me afeta. Assim, ainda não é possível dormir tranquilamente. De qualquer forma, já não vivo sob a ameaça permanente. Dez longos anos...

Envelheci. A cabeça encheu-se de cabelos brancos. A saúde, abalada. Anos de desamparo total, de desconforto atroz: físico, moral e intelectual (...).⁶⁷

Octavio Brandão logo começou a procurar algum serviço, mas não obteve sucesso. Recebeu apenas a ajuda dos amigos próximos. Logo que voltou à vida legal, continuou a fazer o que mais gostava: escrever. Ainda em 1958 foi à *Revista Leitura*, localizada no Centro do Rio de Janeiro, pretendendo publicar dezenas de artigos, começando por apenas dois. No mesmo ano, colaborou na *Revista Brasiliense*, dirigida por Caio Prado Jr., em São Paulo. Nela escreveu onze estudos sobre problemas históricos, literários, políticos e científicos. Finalmente, lançou seu *O niilista Machado de Assis*. Tratava-se de uma análise crítica e ideológica da vida, obra e época do célebre escritor. O livro teve uma intensa repercussão. Por um lado recebeu elogios, mas, por outro, mereceu inúmeras críticas de alguns intelectuais, como Rui Facó, Otto Maria Carpeaux, além de Astrojildo Pereira.

Durante esse tempo, também visitou algumas personalidades, entre elas, João Cândido, o célebre Almirante Negro. Nesse encontro fez questão de ler os trechos de seu livro *O Caminho* – publicado em 1950 – em que dedicava algumas páginas à Revolta de Chibata, ocorrida em novembro de 1910.

A decisão mais importante que Octavio Brandão tomava naquele momento era fazer uma viagem a sua terra natal, Alagoas. Pretendia regressar ao local que, em 1919 ele foi obrigado a abandonar por motivo de segurança. O velho militante comunista chegou a Maceió no início de maio de 1960, sendo, desde o início, acolhido por sua família e por populares de forma calorosa, como mostra a singela mas sincera homenagem que recebeu do trovador Sinfrônio Vilela.

Adeus Octavio Brandão
 Me diga por onde andou,
 Será que lembra o colega
 Que na Viçosa deixou?
 E o professor Tibúrcio
 Que tanto lhe admirou?

⁶⁷ Carta a minhas queridas, comentando e enviando notícias familiares. S.1, 25.03.1958, 2p. Fundo Octavio Brandão (Inventário). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 9, [dat].

Faz quarenta e poucos anos
 Que você saiu de Viçosa,
 Um rapaz inteligente
 De família extremosa,
 Um grande intelectual
 De alma sã e caridosa.

Quando eu e você estudávamos,
 Você era Decurião.
 Apesar de ser bem moço
 Possuía grande vocação
 Para que seu nome, um dia,
 Corresse toda a Nação.

Assim o seu nome cresceu
 Lá pelo mundo além,
 E o meu ficou parado
 Como quem teve e não tem.
 Nem subiu e nem desceu
 Ficou nesse vai-e-vem.⁶⁸

Poucos dias após chegar a Maceió, Octavio Brandão procurou a imprensa local e conseguiu publicar, no jornal *Gazeta de Alagoas*, o artigo denominado “*Saudação à Terra Natal*”. Era uma mensagem em que expressava a sua imensa satisfação pelo fato de voltar ao seu Estado de origem e ao convívio dos conterrâneos, depois de longos anos de ausência forçada. Exaltando o seu povo, dizia que os alagoanos eram “bravos, fortes e varonis”. Além disso, tinham “amor ao trabalho e uma capacidade de resistência infinita”. No entanto, não deixava de assinalar que eles continuavam a viver “abandonados, entregues às próprias forças, sujeitos a regimes sociais atrasados, vítimas do analfabetismo e do obscurantismo”.⁶⁹

Em seguida, narrava alguns episódios da tradição de lutas pela liberdade de seu povo. Orgulhoso com esse passado de valentia, assegurava que os alagoanos “sempre protestaram. Foram vencidos por vezes. Mas não quebraram, nem vergaram”. Mantendo o mesmo otimismo com relação ao momento atual – não deixando de inserir alguns aspectos das idéias políticas que naquele período concebia – Octavio Brandão concluía sua mensagem com a seguinte afirmação:

“Que no presente, Alagoas, sempre ao lado de todo o Brasil, continue sua tradição épica e imortal, patriótica e progressista, desfralde a bandeira das grandes reivindicações sociais e

⁶⁸ VILELA, Sinfrônio. “Ao viajador Octavio Brandão”. Viçosa (AL), 31.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8, [dat.].

⁶⁹ BRANDÃO, Octavio. *Saudações à terra natal*. Maceió, 11.05.1960, 2p. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8, [dat.].

nacionais, seja verdadeira defensora da paz e da liberdade, esteio do desenvolvimento técnico e cultural, lutadora da Pátria e da Humanidade, combatente da justiça e do bem-estar para as imensas massas trabalhadoras!”⁷⁰

Octavio Brandão encontrara um novo ambiente, diverso do clima pesado das disputas internas e das intensas e, muitas vezes, desagregadoras discussões que estava acostumado a ouvir e a participar no interior do PCB. E, por isso, recebeu um tratamento diferenciado na capital alagoana.

Menos de uma semana após sua chegada, a imprensa local abria espaço, em seus jornais e rádios, para noticiar a volta de seu “antigo filho” à terra querida. No dia 13 de maio de 1960, o jornal *Gazeta de Alagoas* comentava o acontecimento com o sugestivo título de “*Retorno à gleba*”. Iniciava a matéria relatando os longos anos que o “escritor conterrâneo” estivera longe da região. A seguir, descrevia uma imagem pouco correta, mas que provavelmente era a que queria passar aos leitores que não conheciam Octavio Brandão, ao afirmar que ele era “arredio da política partidária”, embora corretamente a seguir dissesse, que “como velho marxista-leninista, sempre prestou o máximo de sua capacidade de lutador e intelectual”.

Segundo o jornal, o objetivo principal da estada do velho conterrâneo em sua terra natal era a realização “de uma série de conferências sobre temas de alta significação cívico-brasileira”. A seguir, comentava as peregrinações que Brandão fizera por vários países da Europa na qual, segundo a matéria, “identificou-se com povos de várias raças”. Demonstrava ainda que o intelectual alagoano não ignorava os problemas internos que sofrera no interior do PCB, assinalando que, depois de retornar ao Brasil,

“mais uma vez lhe aguardavam padecimentos de todos os matizes, agravados com os que lhe teriam de ser oferecidos pelos próprios elementos de ideologia comum, que tudo lhe negaram em momento crucial, num indiferentismo invulgar, como em seus relatos sucessivos que havia feito”.⁷¹

Por fim, imaginou uma outra situação: a de que Octavio Brandão “agora libertado da corrente áspera que lhe vinha atando a suprema decisão”, pudesse cumprir o seu papel de “consagrado intelectual”.

Numa linha semelhante, Rita Palmares escrevia, no dia 18 de maio, uma pequena nota no *Jornal de Alagoas*. A autora congratulava-se com a volta de Octavio Brandão à

⁷⁰ Idem, *ibidem*.

⁷¹ RIZZO, Francisco. “Retorno à gleba”. *Gazeta de Alagoas*. Maceió, 13.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

Maceió, afirmando que ele deveria ser visto “como um verdadeiro idealista e patriota sincero e não como um revolucionário atrabiliário”, quer dizer, melancólico. Por fim, considerava que os seus conterrâneos lotariam o recinto do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas para ouvi-lo falar.

Depois de ser solenemente recebido e homenageado na Assembléia Legislativa de Alagoas, Octavio Brandão fez uma breve exposição sobre os problemas sociais e nacionais da época. Mas foram nas três conferências realizadas na capital alagoana que o intelectual teve melhores condições de expor, de forma pormenorizada, os vários assuntos que considerava centrais para serem debatidos. A primeira conferência ocorreu no salão nobre da Faculdade de Direito e teve como tema “A educação do povo brasileiro”. A segunda realizou-se no salão do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e se intitulava “A ascensão histórica do Brasil”. A terceira, e última, aconteceu no Palácio do Trabalhador e abordou o tema de seu primeiro livro, *Canais e Lagoas*.

Aos olhos e ouvidos do público presente em todas essas palestras, parecia que Octavio Brandão, como qualquer outro importante intelectual, faria tão-somente intervenções que versassem sobre os assuntos gerais. Além disso, como vimos, os dois artigos da imprensa local, ao comentarem sua chegada à terra natal, procuravam apresentá-lo como “humanista e patriota”, desvencilhando dele a imagem do revolucionário e do comunista intransigente. E foi dessa maneira que esperavam que o seu conterrâneo agisse durante as entrevistas e as conferências durante sua estada em Maceió. Mas logo houve uma notória decepção.

Comentando a segunda palestra proferida por Octavio Brandão, o jornal *O Semeador*, no dia 19 de maio de 1960, dizia que sua fala, ainda que tivesse “aspectos esclarecedores”, mostrava que o conferencista cometera um “perigoso engano”. Segundo o jornal, Brandão havia afirmado que o “Brasil não era um país livre” e que só poderia pensar em sê-lo quando “seguisse as diretrizes do regime socialista que imprimiu uma nova era na evolução das civilizações”. Mostrando seu enorme desapontamento com essa consideração de Brandão, lamentava e ainda contrapunha severamente o expositor, ao afirmar:

“S. S. é vítima do marxismo russo a cujo controle submete sua brilhante inteligência, obrigando-se a reproduzir os slogans vermelhos de libertação nacional e do petróleo é nosso, quando possui cultura para pôr a limpo os verdadeiros fatores de nossa história. (...) Foi lamentável que o escritor patricio não estivesse atento à gênese de outros motivos que o cristianismo teve merecido destaque na propugnação das liberdades mais caras do povo”.⁷²

⁷² “Conferência do escritor Octavio Brandão”. *O Semeador*. Maceió, 19.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

No dia 21 de maio de 1960, o mesmo jornal referia-se a outra conferência de Octavio Brandão, dessa vez a terceira, realizada no Palácio do Trabalhador. A matéria iniciava rendendo elogios e reconhecimentos ao escritor, dizendo que sua obra, *Canais e Lagoas*, lembrava “uma luta de vários anos em busca do Petróleo em nosso Estado”. Mas, novamente, mostrava a sua perplexidade ao destacar que ele “concitava os trabalhadores de todos os credos para uma campanha de libertação nacional no intuito de pôr-se em pedaços o imperialismo norte-americano”⁷³. Em seguida, o texto procurava polemizar com Brandão. Dirigindo-se a ele, fazia a seguinte ressalva: “o erro do ilustre escritor é ver as coisas somente de um lado. Há outro imperialismo e de piores conseqüências, o imperialismo russo”. Ainda que concordasse com a advertência do intelectual comunista, admitindo que o imperialismo norte-americano sempre procurou ter o monopólio sobre Volta Redonda e do petróleo nacional, o jornal considerava, contudo, que o imperialismo russo visava “mal maior” pretendendo restringir a liberdade dos povos e reduzindo-os “a triste escravidão”. Concluindo os seus pontos de vista, *O Semeador* fazia o seguinte esclarecimento ao palestrante: “Lembre-se o nosso ilustre conterrâneo do massacre dos acadêmicos e operários da Hungria, porque gritavam por melhor pão e liberdade”⁷⁴.

Realmente, as conferências que Octavio Brandão realizara em Alagoas tiveram uma significativa repercussão. Mas foram, na sua maior parte, negativas, de acordo com a imprensa local. Não é possível saber se o velho comunista ficou frustrado com isso, uma vez que, no segundo volume de suas memórias, não dedicou nenhum comentário a esse propósito, procurando apenas descrever os acontecimentos vividos durante seu regresso ao Estado natal. Por outro lado, ele fez questão de guardar os recortes com as opiniões críticas da imprensa regional em envelopes que se encontram no Arquivo Edgard Leuenroth.

Como explicar essa aparente contradição? Talvez Octavio imaginasse que, em alguma ocasião, um pesquisador tivesse acesso a tais papéis e viesse a refletir sobre esse momento, bem como outros de sua vida, relatando-o a partir de versões a favor e contrárias. Ao menos é essa a conclusão que se pode chegar a respeito do claro interesse que o militante comunista tinha em guardar escritos, anotações e as mais diversas opiniões que saíram sobre ele, além da preocupação em copilar alguns importantes documentos oficiais do PCB ou da IC que – como vimos – era uma prática constante no decorrer de sua militância.

⁷³ “Fala o Sr. Octavio Brandão no Palácio do Trabalhador”. *O Semeador*. Maceió, 21.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

⁷⁴ Idem, *ibidem*.

Mas voltemos a mencionar o período em que esteve em Alagoas, durante todo o primeiro semestre de 1960. Lá, Octavio Brandão procurou realizar um desejo que há muito tempo aguardava, embora sem sucesso, no interior do PCB: homenagear sua companheira Laura, através do testamento que escrevera, juntamente com as filhas, ainda em Moscou. Para sua alegria, conseguiu publicá-lo, na íntegra, no *Jornal de Alagoas*, no dia 25 de maio. No decorrer do artigo, Brandão afirma que a poetisa, nos últimos momentos de sua vida, tinha a intenção de divulgar uma mensagem em que revelava “o amor por seu povo e pela Pátria distante”. De maneira geral, a essência de sua comunicação consistia numa série de pensamentos que desenvolvera ainda quando esteve na capital soviética, na sua casa, ou nos passeios e palestras que fizera durante aqueles anos. Segundo a mensagem de sua falecida esposa, sete eram as “tarefas históricas” nas quais os brasileiros precisariam engajar-se naqueles difíceis anos 40. Entre algumas delas, podem ser destacadas:

“Aniquilar a reação do fascismo; restabelecer as liberdades e democratizar as instituições; conquistar a própria libertação nacional e social; dividir as terras, garantir a assistência econômica, política e social (...); construir gradualmente o socialismo; reforçar o patriotismo, estabelecendo a igualdade de direitos de todos os filhos do povo e (...) acabar com as discriminações; elevar o nível econômico, moral e cultural das mulheres brasileiras; fazer do Brasil um grande país industrial, desenvolvendo a cultura e a arte”.⁷⁵

Além das palestras, Octavio Brandão fez várias pesquisas de campo. Como fizera durante a mocidade, novamente realizava percursos, visitando alguns locais, como Viçosa, sua terra natal, e Barro Branco. É interessante destacar que apesar de permanecer distante do centro dos acontecimentos referentes ao PCB, Octavio Brandão, mesmo assim, não deixava de se interessar pelo assunto. Em agosto de 1960, em uma carta direcionada “à caríssima” – possivelmente Mariza, sua terceira esposa – ele dava notícias pessoais sobre sua saúde, mas logo a seguir comentava:

“Li os materiais da discussão do clube. Deixaram-me uma impressão muito penosa. Tratava-se da luta pelo poder entre dois grande grupos oportunistas, falidos há muito tempo. Poucos artigos merecem ser lidos. O resto é um bagaço. Muito bagaço! Muitos artigos horrivelmente prolixos, enfadonhos, como sempre. Os mesmos comparsas da ópera bufa. As velhas presunções até o delírio. As mesmas vaidades feridas. Os insultos recíprocos. As teses, ‘infalíveis’ e ‘intocáveis’. A falta de fraternidade na discussão. Conclusão: É uma luta sem princípios, pelo poder. Não há seriedade. Nem respeito mútuo. E nada escreverei! (...)”⁷⁶

⁷⁵ BRANDÃO, Octavio. “O testamento de Laura Brandão”. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 25.06.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

⁷⁶ _____. “Carta à caríssima”. Barro Branco, (AL), 12.08.1960, 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 11. [dat]. (Grifos do original).

Depois de permanecer por cerca de sete meses em Alagoas, Octavio Brandão voltou ao Rio de Janeiro, no dia 17 de setembro de 1960. Sua maior preocupação, ao regressar à cidade, era obter trabalho. Por essa razão fez inúmeras peregrinações, procurando em bibliotecas, institutos e na própria Câmara Municipal. Mas nada conseguiu. No Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) chegou a fazer parte de uma lista de espera de 400 pessoas. Porém, para sua infelicidade, foi um dos poucos nomes cortados entre os que haviam sido escolhidos. De acordo com Octavio, o motivo de tantas dificuldades para arrumar um serviço, ainda que modesto, devia-se aos interesses contrários dos setores dominantes que, em vários momentos de sua vida, faziam questão de lhe fechar as portas.

Vivendo numa precária situação financeira, o velho comunista foi procurar o deputado Aníbal de Gouveia que, em janeiro de 1961, apresentou à Assembléia Legislativa do então Estado da Guanabara, um projeto-lei que concedesse a Brandão pequeno benefício pelos serviços prestados ao interesse nacional, em particular, no papel pioneiro que desempenhou como geólogo e farmacêutico ao descobrir indícios de petróleo em Alagoas. Mas, para sua decepção, a proposta do parlamentar foi recusada. Ele fez uma nova tentativa no ano seguinte e, da mesma forma que antes, não obteve sucesso.

Só mais tarde, já nos últimos anos de sua vida, na segunda metade da década de 70, é que Octavio Brandão conseguiu uma pequena pensão, graças ao esforço individual de um amigo. Mas, não se tratava de nenhum militante comunista, mas tão-somente de um kardecista: Viriato Norte. Este último solicitou a seu irmão, que juridicamente intercedesse por Octavio, tendo logo depois êxito, embora conseguisse apenas uma modesta e pequena renda mensal de meio-salário mínimo.⁷⁷

A respeito desse episódio, é interessante notar uma outra característica da personalidade de Octavio Brandão. Mesmo com toda a sua coerência de idéias e de princípios, o militante e convicto ateu comunista conseguia relacionar-se com pessoas de credo completamente diferente do seu. Além do caso do espírita Viriato Norte e de um pastor evangélico que, em 1946, escreveu uma carta saudando o regresso Brandão e mostrando, inclusive, um sincero interesse em conversar sobre socialismo com o ex-dirigente do PCB⁷⁸, houve ainda um acontecimento do qual se recorda a filha Dionysa,

⁷⁷ Depoimento de Dionysa Brandão Rocha ao Autor. Santa Teresa, RJ, 02.07.2003, fita 2, lado B.

⁷⁸ Refiro-me à carta do pastor Henrique Marinho a Octavio Brandão, enviada de Nilópolis, RJ, no dia 05.11.1946 e que reproduzo no item 1, "o retorno ao Brasil: esperanças e frustrações, do capítulo 5, de minha dissertação.

acontecido nos anos 1970. Segundo ela, certa vez seu pai recebeu uma bíblia de presente de uma pessoa muito religiosa que fora a seu apartamento. Não se contentando com a gentil atitude da visita, Octavio fez questão de discutir com ela dando início a um inusitado diálogo, sobre alguns temas existentes no livro sagrado para o crente, mas num verdadeiro instrumento de dominação e alienação para o velho comunista. A ironia é que, enquanto Brandão era procurado por pessoas com idéias bastante diferenciadas, realizando as mais diversificadas e incomuns discussões, paradoxalmente, continuava não encontrando, de seus camaradas de partido, o espaço que desejava para debater as questões de ordem política.

No decorrer da década de 1960, Octavio Brandão redigiu vários artigos para o jornal carioca *Luta Democrática*. Muitos deles versavam sobre o imperialismo norte-americano, não descartando a possibilidade de um golpe no Brasil, como o seu texto “A aventura golpista militarista”, publicado no n.º 38 da *Revista Brasiliense*. Nele, analisa a crise política ocorrida após a renúncia de Jânio Quadros e a difícil querela da aceitação de seu vice, João Goulart – que se encontrava na China e era visto como um “líder populista e sindicalista”. Diante disso, os Ministros da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica, além do líder oposicionista Carlos Lacerda, juntos, de acordo com Brandão, “meteram-se numa aventura golpista militarista, a 25 de agosto de 1961”. A crise seria contornada com a criação de uma comissão no Congresso propondo a diminuição dos poderes do presidente e a adoção do regime parlamentarista. Mas essa problemática só seria resolvida com a convocação de um plebiscito para decidir a forma de governo. Em janeiro de 1963, o resultado final deu ampla vitória a Jango que se efetivou como Presidente da República.

O que mais importante a considerar nesse escrito é que Octavio Brandão antecipara alguns elementos que, de fato, ocorreriam na história republicana brasileira, três anos depois, com a instauração do golpe civil-militar de 1964. Essa assertiva pode ser constatada, a partir de uma passagem em seu artigo, ao afirmar que, em relação ao capital monopolista e financeiro estadunidense, um de seus objetivos centrais – ainda que não soubesse que, naquele momento, em 1961, se efetivaria – era “implantar uma ditadura militarista-terrorista, a serviço da reação brasileira e do imperialismo norte-americano”.⁷⁹

Durante o período em que esteve na clandestinidade, entre os anos de 1949-1958, Octavio Brandão conheceu uma jovem professora de apenas 22 anos. Chamava-se Mariza

⁷⁹ BRANDÃO, Octavio. “A aventura golpista-militarista”. *Revista Brasiliense*. São Paulo, nº 38, nov.-dez., 1961, pp. 47-69.

e era muito bonita e culta. Apesar de terem se encontrado poucas vezes (o militante comunista estava sob prisão preventiva), desde os primeiros momentos em que se viram, iniciou-se um grande afeto entre ambos.

Quando Octavio regressou ao Rio de Janeiro, em outubro de 1960, ela o esperava no aeroporto. Dois meses depois, Mariza precisou viajar ao Nordeste para auxiliar na atividade da instituição em que trabalhava. Depois de trinta e oito dias, a professora retornava a sua casa. Mas, para surpresa de Brandão, ela se encontrava terrivelmente doente. Na verdade, a saúde de Mariza alternava bons e maus momentos, demandando constante atenção de seu esposo. A respeito desses momentos difíceis que atravessou em sua vida pessoal, Octavio recordava amargurado:

“Passei sofrimentos espantosos. Velei por ela durante 4 anos. Dei-lhe solicitude, dedicação, conforto moral. Internei-a em hospitais e casas de saúde. Melhorou. Vieram novas crises. (...) Travei tenazmente um batalha duríssima – a mais difícil de toda a minha vida (...). Não sabiam sobre a gênese e a terapêutica da moléstia covarde e traiçoeira”.⁸⁰

O ano de 1962 começou favorável a Octavio Brandão. Finalmente, depois de tanto aguardar, conseguiu um trabalho, ainda que modesto. Um amigo russo precisava de uma pessoa para realizar pequenas traduções. Octavio logo aceitou o convite, apesar de receber pouco pelo minucioso ofício. De qualquer maneira, foi devido a esse trabalho que ele conseguiu juntar uma quantia em dinheiro e decidiu viajar com Mariza para o interior de Minas Gerais, em dezembro de 1963. Aproveitaria os momentos tranquilos para ler, meditar, além de escrever artigos.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, no início de 1964, Octavio Brandão percebeu que a situação política do país não estava nada boa. Por essa razão, tomou a iniciativa de procurar alguns amigos, alertando-os sobre o perigo de uma “reação conservadora e imperialista” que se aproximava, mas eles, segundo o velho comunista, ainda “tinham inúmeras ilusões”.

Durante minha pesquisa documental, não consegui localizar nenhum texto de sua autoria redigido nos momentos imediatamente anteriores ou posteriores ao golpe. Todos os artigos constantes de suas “*Coleções*” (uma espécie de arquivo pessoal que se encontra sob a guarda de sua filha Dionysa) apresentavam como data limite o ano de 1961. Mas, creio que valha a pena fazer breve consideração sobre dois escritos datados no ano acima referido. Embora os textos precedam, em três anos, a instauração da ditadura militar, neles

⁸⁰ _____. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2 - inédito)*, op. cit., p. 139.

Octavio evidenciava seus posicionamentos sobre algumas questões que nos ajudam a melhor compreender suas idéias do período pós-64.

Num primeiro artigo, publicado na revista *Luta Democrática*, no dia 24 de outubro de 1961 e intitulado “*As reformas e a libertação*”, Octavio Brandão versa sobre as reformas de base, propostas pelo presidente João Goulart. Embora afirmasse ser favorável a quaisquer iniciativas que melhorassem a situação econômico-social dos trabalhadores brasileiros, adverte para o fato de as iniciativas defendidas pelo governo em “nada resolverem” os problemas mais sérios vividos pela população carente, por serem apenas “paliativos” e “remendos”. No entender do militante comunista, a idéia de reforma constituía tão-somente “um produto suplementar, complementar”, de um objetivo mais profundo: “a luta pela libertação nacional e social do Brasil e de toda a humanidade”. Concluindo seu pequeno texto, faz um veemente apelo “aos operários e camponeses, jornalistas e intelectuais em geral” para se formar “um bloco de aço pela libertação nacional do Brasil, contra os interesses egoístas e da grande burguesia reacionária”.⁸¹

Octavio Brandão mais uma vez mostrava suas divergências com a orientação dominante do PCB. Enquanto criticava as políticas de “improvisações”, alertava para o fato de não se “cair no reformismo apodrecido de colaboração de classes” caracterizado nas propostas de Jango. O Partidão, naquele momento – como outras forças de esquerda –, preferiu manter viva a utopia da construção do socialismo no governo de Goulart, que, apesar de vacilante, foi avaliado como capaz de levar adiante a luta antiimperialista, realizando, assim, uma das etapas da “revolução” como advogavam os seus dirigentes.

Num outro texto redigido para a mesma publicação, mas terminado um pouco antes, Octavio Brandão opina sobre as tarefas existentes para os comunistas naqueles anos de indefinições políticas e de crescimento do movimento de massas. Embora tecesse fortes considerações sobre as reformas de base e defendesse a idéia de libertação nacional, era um veemente opositor de um clima revolucionário no país, como parecia sugerir o título de seu artigo “*O que fazer?*”, em alusão ao questionamento feito pelo principal dirigente do partido bolchevique, V. I. Lenin. De acordo com Brandão, em 1961, o Brasil continuava sendo “semicolonial e semifeudal”. Essa característica, segundo ele, ainda existia na estrutura social do país, não permitindo concluir que se apresentasse “as condições para a instauração do socialismo, e muito menos do comunismo”⁸². Por conseguinte, advogava o fato de haver duas lutas que poderiam ser desenvolvidas e complementadas: a

⁸¹ _____. “As reformas e a libertação”. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 24.10.1961. In: *Coleção n.º 6*, 1961.

⁸² _____. “Que fazer?”. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 19.09.1961. In: *Coleção n.º 6*, março de 1961.

democratização do país e a libertação nacional. Ao final do texto, reforçava um apelo aos lutadores e aos progressistas da sociedade brasileira no sentido de se unissem e juntos dessem uma resposta à questão que considerava imediata e que, não casualmente, era o nome de seu artigo: “*O que fazer?*”. Para esse propósito, Octavio Brandão apontava dez considerações as quais deveriam ser cuidadosamente avaliadas. Nelas, o militante e intelectual comunista vislumbrava o cenário político um pouco antes da instauração da ditadura civil-militar, razão pela qual destacou, a seguir, algumas de suas idéias:

“1.º) Compreender que, em agosto-setembro de 1961, o povo brasileiro conquistou uma importante vitória, mas parcial (...).

2.º) Fazer a mais severa análise crítica, política e ideológica dos acontecimentos atuais. (...)

4.º) Desmascarar metódica e sistematicamente os reacionários brasileiros e os imperialistas norte-americanos. (...)

6.º) Redobrar a vigilância contra o capital monopolista e financeiro norte-americano, seus esteios e instrumentos, agentes e aliados, espiões e provocadores (...)

10.º) (...) organizar sindicatos, operários, as Ligas Camponesas, associações de estudantes e intelectuais, de jovem e mulheres”.⁸³

Os desdobramentos políticos do cenário nacional deram razão a algumas das previsões feitas pelo militante comunista, principalmente no ponto número seis de seu artigo de 1961, em que advertia os leitores da necessidade de “redobrar a segurança” diante da ameaça de “agentes e provocadores”.

No dia 31 de março de 1964, foi desfechado o golpe civil-militar que tantos malefícios trouxeram para o Brasil. Para Octavio, os momentos seguintes àquela década foram, como ele próprio admitia em sua autobiografia inédita, “os anos mais penosos de minha vida”.

Logo a seguir ao trágico golpe, o velho comunista precisou mais uma vez seguir uma norma já conhecida na maior parte de sua militância: a clandestinidade. Dessa vez, porém, não optou em sumir para algum lugar distante. Procurou apenas mudar-se de Santa Teresa, onde residia com a mulher Mariza, para o bairro de Vila Isabel. Também perdeu o emprego e logo teria inúmeros problemas financeiros. Mas o pior para Brandão ainda estava por vir.

Em maio de 1965, Mariza teve uma nova e grave crise. Ela sempre tivera uma saúde muito frágil. Assustado, Octavio Brandão procurou imediatamente interná-la numa Casa de Saúde. Mas sua companheira recusou, possivelmente porque temia que reconhecessem seu esposo e o prendessem. Decidiram então ir à Belo Horizonte onde moravam os pais dela.

⁸³ Idem, *ibidem*.

Menos de dois dias depois, Brandão recebia um telefonema urgente da capital carioca. Era sua filha, Dionysa. Amargurada, pedia ao pai que voltasse imediatamente para o Rio de Janeiro, sem dar maiores explicações. Octavio tomou o primeiro avião disponível e, menos de uma hora depois, chegava ao local. Seguiu em direção à Praia Vermelha, na Urca, onde obteve a terrível notícia que lhe causou enorme e desagradável surpresa: a morte de Glória, sua filha que tivera com Lúcia Prestes, sua segunda esposa, ainda em Moscou. A jovem falecera de câncer. O pai lamentava ainda mais o triste acontecimento pelo fato de Glória ter apenas 19 anos, estando, assim, “na flor da idade”.⁸⁴

Depois de enterrar a sua filha caçula, Octavio Brandão voltou, na tarde seguinte, à capital mineira para dar assistência a sua esposa que continuava gravemente enferma. Mas, uma nova e terrível surpresa o aguardava: os pais de Mariza impediram-lhe que ele a visse, fazendo com que o casal se separasse definitivamente. A respeito dessa dramática situação, o militante comunista dizia que a atitude da família da esposa tinha a intenção de “provocar o rompimento de todos os laços, em nome de uma doente completamente louca”⁸⁵. Transtornado, de um lado com a prematura morte da filha e, por outro, com a situação de saúde bastante grave da companheira, ele novamente confessava haver ficado “bloqueado entre a loucura e a morte (...). No espaço de quatro dias, sofri esses dois golpes profundos”.

Sem maiores opções, Octavio Brandão regressou ao Rio de Janeiro, chegando na noite do dia 19 de maio de 1965. Sem lar, sentindo-se abandonado, com a saúde debilitada e a auto-estima muito baixa, coube a Dionysa, acolher o velho pai, triste e profundamente amargurado. Brandão foi novamente morar no Silvestre, em Santa Teresa. Teve que recomeçar a vida, recuperando-se de todos os enormes abalos psicológicos acontecidos, em tão curto espaço de tempo. Na nova residência em que viveu até sua morte, em 1980, as netas Marisa e Valéria Brandão muito ajudaram a confortar-lhe com o afeto de que precisava.

Não é possível saber, com maior precisão, se as mágoas sentidas Octavio, num espaço tão curto de tempo, influenciaram seu comportamento ou as atitudes que tomou nos

⁸⁴ Idem, p. 142. Segundo recordava Octavio, sua filha havia feito duas delicadas operações, uma primeira em 1964 e uma outra, em 1965, morrendo na própria mesa da intervenção cirúrgica.

⁸⁵ Idem, *ibidem*. Apesar de Marisa ter, de fato, uma doença grave e incurável e ter sido obrigada a se afastar de Octavio, anos depois ela compareceu à homenagem que a antropóloga Luitgarde Cavalcanti, Esther Kuperman, na época, historiadora do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, além de Dionysa Brandão e outras personalidades promoveram em março de 1996, no seminário “Centenário de Octavio Brandão”, realizado na UERJ. Cf. Depoimento de Dionysa Brandão Rocha ao Autor, *op. cit.*, fita 2, lado B.

últimos anos da década de 1960. O que é perceptível, em alguns de seus escritos realizados nesse período – os quais reflito, a seguir – é que tais sentimentos se encontravam presentes e confusos.

Em maio de 1968, Octavio Brandão redigiu um texto intitulado “*Polêmica*”. Como o título sugere, tratava-se de intensa discussão em que, de forma substancial, analisava os motivos que levaram a eclosão do golpe ocorrido quatro anos antes e a sua repercussão na sociedade. Alertava também para o endurecimento do regime que de fato ocorreria em dezembro de 1968, ao ser baixado o Ato Institucional n.º 5 (AI-5). Logo em suas primeiras linhas, considerava que a principal lição que os comunistas precisavam refletir sobre o golpe civil-militar de 1964 era o fato de o Brasil “não ter dirigentes”, pois a eclosão da ditadura em abril daquele ano teria levado, segundo o velho militante comunista, “a bancarrota total dos dirigentes da época”. Sem omitir os nomes, Octavio Brandão, pejorativamente, apontava seus responsáveis: “Os incapazes como Prestes, os improvisados como o carreirista Arruda e os aventureiros turvos como Grabois”⁸⁶. Mencionava um determinado documento⁸⁷ ao qual realizava profundas críticas, assegurando que ele “confunde o desejo com a realidade”, sendo, por conseguinte, “uma negação do materialismo dialético”. Apontava, então, três problemas que deveriam ser pensados para um posterior balanço daquela difícil conjuntura.

O primeiro dizia respeito à temática da juventude. Apesar de reconhecer que, entre os anos de 1964-1968, os estudantes haviam sido “valentes e heróicos” na resistência à ditadura, faltavam-lhes, segundo Brandão, “a necessária base teórica e a experiência prática”. Referindo-se ao momento logo a seguir ao assassinato do estudante Edson Luís, afirma que esse episódio evidenciara um “ponto culminante na onda popular”, embora considerasse que seus manifestantes ainda estavam agindo “pelo sentimentalismo”. Essa

⁸⁶ BRANDÃO, Octavio. “*Polêmica*”. Maio de 1968, s.l., 25p. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 6. [dat. e manus.].

⁸⁷ Inicialmente pensei que não seria uma tarefa fácil localizar o documento a que Octavio Brandão se referia, uma vez que ele não o mencionava diretamente. Mas uma certeza era inequívoca: não se tratava de nenhuma resolução do PCB, pelo fato de ser favorável a posições como luta armada e guerrilhas, contrárias, portanto, à orientação que o partido defendia no pós-1968. Depois de ler a totalidade do texto com atenção, foi possível achar uma pista quando, num determinado momento, Brandão iniciava uma polêmica no capítulo intitulado “A Revolução Brasileira e a Situação atual”. Através dessa valiosa menção, dei início a uma pesquisa e pude localizar, com exatidão, o título do documento. Tratava-se do texto escrito pelo Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), intitulado “Linha Política (abril de 1968)” que se encontra publicado no livro organizado por REIS FILHO, Daniel Aarão & SÁ, Jair Ferreira de. *Imagens da Revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971*. São Paulo: Marco Zero, 1985, pp. 161-179.

condição precisava ser combatida, pois expressava um sinal de debilidade no movimento estudantil, em seu nível político e ideológico. No entanto, apesar desse limite, advogava que seu principal desafio continuava sendo a procura pela “continuidade da mobilização”, unido-se a operários e demais segmentos populares num “bloco único”. Nesse sentido, pode-se dizer que Octavio Brandão mais uma vez era coerente com a proposta política que defendeu durante a maior parte de sua vida militante: *a formação de uma frente única popular de atuação*.

Continuando, o militante comunista entra diretamente no que considerava ser o “segundo problema” e que consistia na essência central de seus argumentos: a questão do programa e da tática levantadas pelo documento do PCB. Mostrando sua total discordância com o texto, criticava-o assegurando que ele não fazia uma análise correta da situação nacional. Repetia “os mesmos erros ‘esquerdistas’” pois, erroneamente, defendia “as guerrilhas, a luta armada e o apoio a OLAS”. Por tudo isso, a análise do partido, segundo Brandão, acabava se perdendo “em divagações escolásticas e academicistas”, uma vez que cometera o seu maior erro: não levar em consideração o fato da “não existência de uma situação revolucionária no Brasil”.⁸⁸

O terceiro problema apontado por Octavio Brandão consistia nas “falhas gerais do documento”. Assegurava que ele “não tinha unidade política nem ideológica”. Polemizando com algumas das imprecisões do texto, fazia-lhe uma ressalva, visto que, ao mesmo tempo em que “pregava uma revolução popular”, defendia, a seguir, “uma reforma agrária radical que abrisse caminho para o socialismo”. Em seu entender, a divisão de terras não era sinônimo de socialismo. Corrigindo o que indicava ser um profundo erro do documento, advogava que seria apenas a “*revolução agrária* sob a direção da classe operária” que abriria “o caminho para o socialismo”.⁸⁹

Uma última consideração que julgo importante destacar na análise de Brandão é a que se refere especificamente à questão da luta armada e das guerrilhas. O militante comunista balizava-se na derrota e na morte de Ernesto “Che” Guevara na Bolívia, em outubro de 1967, para sustentar que aquela experiência tinha sido “negativa e não positiva”. Apesar de reconhecer a bravura e o papel heróico que o guerrilheiro argentino demonstrara ao longo de sua vida militante, não poupava, contudo, severas críticas a sua

⁸⁸ “Polêmica”. Maio de 1968. s.l., op. cit. p. 3. A OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), idealizada sobretudo por Che Guevara, reuniu-se em Havana, em agosto de 1967, com representantes de várias organizações que compartilhavam as teses da Revolução Cubana.

⁸⁹ Idem, p. 4.

orientação política, ao dizer ele “não era marxista”, mas sim “um golpista, voluntarista, populista (*narodnik*) e subjetivista”. Seu principal erro estratégico, na opinião de Octavio, residia no fato de Guevara “ter organizado guerrilhas de fora, com os cubanos, sem apoio dos índios e camponeses bolivianos”. Por conseguinte, também havia subestimado “as forças e as medidas do inimigo” nas quais, como fazia questão de ressaltar, haviam sido muito bem treinados pelos boinas verdes norte-americanos.

No dia 17 de outubro de 1969, Octavio Brandão redigiu outro artigo. Diferente do primeiro era bem menor e se intitulava “*A realidade*”. De início, mostrava sua clara decepção com o rumo tomado pelo PCB, em razão da crise interna e das cisões que sofria. Sua opinião não deixava dúvidas quando fazia, em pequenas pausas, a seguinte afirmação: “A situação do PC prestista é má. Ele se esfacela em grupos que se excluem. Não tem futuro”. Logo a seguir, aproveitava para denunciar as terríveis dificuldades que a sua vida atravessara naqueles anos.

“Tenho 73 anos de idade, dos quais 57 de lutas. Atravesso os anos mais penosos de toda minha vida. As alegrias são raras. As fontes de amarguras, inúmeras”.

No terreno econômico não tenho ganha-pão. Sou boicotado por todos os lados. Consigo apenas biscates incertos. Não tenho nem terei aposentadoria. O governo Costa e Silva baixou um decreto-lei negando a aposentadoria aos velhos de 60 anos e mais”.⁹⁰

Dando seqüência a seu artigo, Octavio Brandão procurou mostrar sua indignação com a permanente situação de abandono e marginalidade política que continuava a afligi-lo, ao afirmar que, “no domínio ideológico e político”, havia dado “tudo ao meu país e à causa socialista”. Apesar de tamanha dedicação devotada ao PCB, o antigo dirigente comunista não havia recebido o devido reconhecimento do núcleo dirigente, uma vez que, como informava, não tinha “lugar para ir”. Mas o pior era a terrível situação de viver “acuado, manietado e amordaçado desde o golpe armado de 1.º de abril de 1964”.⁹¹ Fazia ainda uma dramática revelação ao assinalar: “A solidão bloqueia-me”. Essa confissão, admitida por ele, devia-se ao fato de não encontrar das pessoas “calor e simpatia, apoio e estímulo, justiça e compreensão”, exceto nos “pequenos grupos de velhos amigos e camaradas”. Apesar de toda essa condição desfavorável em sua vida pessoal e militante, afirmava, de maneira autoconfiante, que “os verdadeiros batalhadores não quebram nem vergam!”.

⁹⁰ BRANDÃO, Octavio. “A realidade”. S.l., 17.10.1969, 2p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114. [dat.].

⁹¹ Idem, *ibidem*.

Ao final de seu texto, Octavio Brandão novamente fazia pesadas críticas à orientação política do partido. Não medindo palavras, sustentava que a causa de todos os reveses que os comunistas sofriam naquele momento era consequência do “prestismo, com sua ideologia e política oportunista”. Ainda mais ríspido em suas avaliações, só que dessa vez utilizando a ironia, sustentava que para “triumfar” o PCB deveria continuar a “servir ao imperialismo, aos latifundiários, à grande burguesia e às grandes ditaduras militares reacionárias”. E ainda precisava deixar “de ter princípios e caráter”, adaptando-se a tudo. Para completar sua irônica análise, afirmava que faltava aos atuais dirigentes do partido “participar das panelinhas políticas e igrejinhas literárias”. Seguindo toda essa perspectiva, Octavio Brandão não tinha dúvida que os dirigentes prestistas do partido “terminariam apodrecendo”.⁹²

Concluindo a reflexão sobre determinadas idéias defendidas por Octavio Brandão no final da década de 1960, foi possível encontrar uma pequena anotação redigida, por ele, sem local nem data. Apesar de não saber exatamente do ano em que foi escrita imagino que, pelo seu conteúdo, seja contemporâneo aos anteriores. Outro argumento que aponta nessa direção é o fato de, em muitas partes, seu autor abreviar alguns termos, em particular, os referentes a “partido e direção”. Uma terceira e última idéia que nos faz ter a certeza de estarmos certos na hipótese sobre o período em que foi escrito o seu referido texto é o fato de trazer a mesma amargura, a mesma decepção e até mesmo um visível ceticismo em relação à organização política que a tanto se dedicou. Talvez seja casual o título de seu pequeno manuscrito, feito sob a forma de bilhete, em estilo telegráfico, intitular-se “*Crise*”. Reproduzo-o a seguir.

O primeiro put

Paciência e espera. Seguindo até agora são 7 anos e meio perdidos, sendo 4 ost. total. Inúmeras tentativas para aproximar-se da Dira. Tudo em vão. Inútil continuar a esperar.
Tudo cada vez mais podre. O fruto podre não cairá por si mesmo, sem choque, sem luta.

O segundo put

Renunciar, pelo menos temporariamente, à atividade política, mas sem ruptura pública. Concentrar-me nos estudos sobre história, literatura etc. O primeiro golpe: 3 mil. Vida obscura. Nenhum apoio. Isolamento maior. Ainda maior é a conspiração do silêncio. Não tenho editor, nem jornal, nem revista. Nenhum dinheiro. Única vantagem: a liberdade de iniciativa e de movimentos.

O P. nada lucrará. A Dira., podre. A ruptura acabará tornando-se pública. Escândalo.⁹³

⁹² Cf. idem, p. 2.

⁹³ “Crise”. S.l.d. 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114. [man].

Mesmo sendo profundamente dramático quanto ao ostracismo constante a que era condenado pela direção do partido e às dolorosas perdas pessoais, a segunda metade da década de 1960 reservava a Octavio Brandão dois momentos de imensa alegria. O primeiro ocorreu no dia 27 de julho de 1965. Nessa data, o governo soviético prestou uma grande homenagem-póstuma à falecida Laura Brandão. Seus despojos foram finalmente transferidos de Ufá (na região dos Urais) para Moscou, onde, na presença da filha mais velha, Sáttva, foi realizada uma solenidade de sepultamento no Cemitério dos Heróis.⁹⁴

O segundo momento de alegria para o velho comunista aconteceu quando a Rádio Moscou dedicou, no dia 12 de setembro de 1966, uma emissão especial à sua vida, obra e luta, em razão de seus 70 anos de idade. Lembrando esse raro momento em sua trajetória, Octavio dizia que a transmissão começara com um trecho de *Appassionata*, de Beethoven, sendo que a rádio mencionava o fato de ser a música “a sonata predileta dos lutadores” e, por conseguinte, também era “a sonata predileta de Octavio Brandão”.⁹⁵

⁹⁴ _____. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*, op. cit., p. 136.

⁹⁵ _____. “A vida de um escritor”. S.l., 12.12.1970, 31p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114-b, [dat.].



Coleção particular de Dnyes Brandão Rocha

Conferência no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em 18.05.1960.
Octavio Brandão retornou a sua terra natal após 41 anos de ausência.

6.3- Valeu a pena?

“No final de tantos combates, vitórias e reveses, reafirmo categoricamente: a causa pela qual me bati é ideologicamente justa e moralmente nobre.

Muitas vitórias foram conquistadas. Continuam as batalhas pela libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade. Temos a certeza de que a História marcha avante. Confiamos nas leis do desenvolvimento social. E guardamos a esperança que anima e exalta o coração.”

(Octavio Brandão, *A vida de um escritor*. 12.12.1970, p. 31)

Em setembro de 1970, Octavio Brandão completou 74 anos de idade. Naquela que seria a última década de sua vida, o velho comunista vivia dias difíceis. Economicamente, não tinha emprego. Em termos políticos, continuava a viver no ostracismo, iniciado desde suas críticas opiniões à política de quadros do PCB, no distante mês de outubro de 1956. Estava completamente marginalizado, sem nenhuma ligação com o partido. Além de toda essa dramática situação, também começou a enfrentar, a partir da segunda metade da década, constantes problemas de saúde, como ele próprio mencionou, numa carta enviada a uma de suas filhas, a seguinte afirmação: “Há mais de três anos luto contra a diabete”.⁹⁶

Nesse momento Brandão dedicou-se à elaboração final do primeiro volume de suas memórias, *Combates e batalhas*, publicado em 1978. De maneira sintética, seu livro consistia num depoimento pessoal das lutas e das dificuldades vividas durante sua trajetória militante, primeiro como anarquista e, depois, como comunista. Em termos temporais, cobria o período compreendido entre os anos de 1917 e 1931, este último correspondente ao ano que seria deportado para Alemanha, a mando de Vargas. Logo que foi lançada, a obra foi alvo de intensa discussão, muitas vezes desfavorável por parte de variados comentadores da época. Parecia que Octavio Brandão ressuscitava a velha polêmica em torno de sua personalidade.

No dia 13 de agosto de 1978, Paulo Cavalcanti, escritor e dirigente comunista, redigiu uma resenha sobre as memórias de Brandão. De início, fazia uma breve consideração a respeito do método biográfico. A esse propósito, afirmava que a história

⁹⁶ BRANDÃO, Octavio. “Carta as minhas queridas filhas”. Rio de Janeiro, agosto de 1976, 1p. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 6, [dat.].

dos indivíduos sobre si mesmos estava carregada de fatores subjetivos sendo, por conseguinte, influenciada “pelas paixões humanas”. Com isso – continua o autor – corria-se o risco de “acirrar antagonismos”, através de “preferências ideológicas ou meramente pessoais” a quem optasse pela perspectiva da autobiografia. Embora reconhecesse que *Combates e batalhas* fosse um “precioso subsídio para a história da luta de classes no Brasil”, admitia que a referida obra se perdia ao priorizar “o tom muito pessoal das confissões, as confidências de sentimentos feridos que, por serem intransferíveis, não atingem o leitor”.⁹⁷ O outro aspecto que, segundo o escritor, reduzia a importância do livro de Octavio Brandão, “quase o comprometendo”, eram os “inequívocos ressentimentos na apreciação de certas figuras do movimento operário, como é o caso de Astrojildo Pereira”. Para Paulo Cavalcanti, não fossem esses dois grandes limites, a autobiografia do militante comunista “seria recebida sem restrições pelo enorme acervo de fatos que descreve e sublinha”.

O escritor e médico Eduardo Maffei também comentou as memórias do velho comunista. Em suas observações, reconhecia algumas qualidades na obra, ao dizer que, “como documentário”, se tratava de “um livro utilíssimo”. Mas, a partir daí, apontava inúmeras críticas que, em certos momentos, lembravam a polêmica discussão sobre sua memória militante – acontecida na segunda metade da década de 1950 – como pode ser perceptível na seguinte passagem:

“É de fazer pena que um livro tão rico em detalhes seja antipático, pois a posição do autor é daquele galo que pensava que o sol nascesse todas as manhãs porque ele cantava. (...) Nas quatrocentas páginas sem a necessária modéstia que caracteriza os verdadeiros revolucionários, OB não demonstra ser nem historiador nem marxista. É um marxólogo, para empregar um neologismo. (...)”.⁹⁸

Em seguida, Maffei considerava que um outro grande problema da obra de Octavio Brandão era a presença de constantes diatribes, sendo que a mais evidente dizia respeito a Astrojildo Pereira. No término de sua resenha, solicitava a Brandão a leitura de dois livros de Heitor Ferreira Lima, *História do Pensamento econômico no Brasil e Três industriais brasileiros*. Esses estudos, segundo o autor, auxiliariam o ex-dirigente comunista a realizar

⁹⁷ CAVALCANTI, Paulo. “Um livro de História combatente”. Recife, 13.08.1978. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8, [dat.].

⁹⁸ MAFFEI, Eduardo. “Memórias de um bovarista”. In *Leia Livros*, n.º 4, 14.08 a 15.09.1978. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8, [dat.].

uma “penitência”, salvando-o “do círculo do inferno aonde vão as almas dos ególatras”, caso quisesse continuar suas memórias, num segundo volume.⁹⁹

No final de agosto de 1978, o sociólogo Ricardo Antunes resenhou o livro memorialístico de Octavio Brandão. Com uma abordagem distinta – menos pessoal do que os dois primeiros –, o autor procurava situar a obra na perspectiva de uma historiografia engajada, ao dizer que aquele trabalho “fornecia farto e abundante material”, pois havia sido realizado “com a riqueza e vigor de alguém que participou direta e apaixonadamente dos eventos sociais mais importantes das primeiras décadas deste século”¹⁰⁰. Antunes destaca uma significativa contribuição que não fora mencionada pelos outros dois escritores que haviam comentado *Combates e batalhas*, a saber: a importância que o escrito *Agrarismo e Industrialismo* teve para um determinado momento da história do PCB. Mas, de maneira semelhante aos dois autores precedentes, também considera “injusta” a crítica de Octavio a Astrojildo Pereira, em particular nos estudos estéticos que este último elaborou sobre Machado de Assis. Por esse motivo afirmava que faltava “uma análise mais profunda” nas acusações feitas pelo comunista alagoano contra a atuação política do fundador do partido. No final de sua resenha, Antunes assinala que o relato autobiográfico de Octavio Brandão possibilitaria “as mais amplas incursões”. Por um lado, teve o “grande mérito” de recuperar antigas e polêmicas questões e trazê-las para o debate. Por outro, contribuiu para a “reconstituição real da história das classes subalternas no Brasil”.¹⁰¹

Em fevereiro de 1979, foi a vez de Edgard Carone escrever sua resenha sobre *Combates e batalhas*. Segundo o historiador, os acontecimentos narrados por Octavio Brandão, os ativistas lembrados e sua participação nos movimentos populares tinham uma profunda relação entre si e ajudavam a “reconstruir ou recompor o panorama partidário e

⁹⁹ Idem, *ibidem*. Vale dizer que realmente Octavio Brandão, em 1972, terminava aquilo que poderia ser considerado como a segunda parte de seu relato autobiográfico. Ainda que, em algumas de suas partes fizesse anotações e/ou cortes à caneta, demonstrando que possivelmente alteraria ou incluiria determinadas observações, o certo é que ele demonstrava visível preocupação, talvez com a repercussão, de certa forma negativa, que *Combates e batalhas* teve em razão de expor suas mágoas e decepções com o antigo companheiro que depois se tornara o seu maior desafio: o jornalista Astrojildo Pereira. Provavelmente, estivesse mais “precauoso” ao desferir suas opiniões críticas a outras personalidades com quem convivera. Pelo menos é o que nos parece quando o velho comunista, numa entrevista, dizia que sua maior preocupação, ao redigir o segundo volume de suas memórias, era “ter cuidado para não ferir companheiros”. Cf. BRANDÃO, Octavio. Entrevista à revista *Isto é*. 28.06.1978, p. 50.

¹⁰⁰ ANTUNES, Ricardo. “Um pioneiro das lutas sociais”. *Folha de São Paulo*, 20.08.1978. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

¹⁰¹ Idem, *ibidem*.

militante da década de 1920”. Argumentava, todavia, no entanto, que todo esse panorama se carregara de um “*parti-pris*”, ou seja, de uma tomada de partido, compreensível por ser decorrente de uma experiência pessoal “bastante penosa”, mas que, para os expectadores – de acordo com Carone, – soava “forçado”. Considera, por fim, que a adoção dessa perspectiva teria levado Octavio Brandão a ser injusto com Astrojildo Pereira, ainda que sua crítica pudesse ter algum valor. O exemplo mais concreto a esse respeito fora a Conferência dos Partidos Comunistas, acontecida em Buenos Aires, em 1930. Segundo Edgard Carone, Octavio Brandão “julgava o caso”, mas não fornecia consistente documentação para que se pudesse realizar uma avaliação mais detalhada. Apesar dessas e outras críticas, o mais interessante era reconhecer o livro de Brandão no papel de “fonte obrigatória para todo o estudo do primeiro período brasileiro na década de 20”.¹⁰²

Em seus últimos anos de vida, apesar dos constantes problemas de saúde, causados pela diabetes, Octavio Brandão acreditava numa certeza que se distanciava: a de que não morreria tão cedo e que, por essa razão, estaria mais bem-preparado para ser útil, no momento em que o PCB o chamasse.¹⁰³ Não obstante suas profundas mágoas e as ásperas críticas feitas à orientação do “partido prestista”, não imaginava deixar a organização política nem muito menos realizar as tarefas fora dela. Por essa razão, Octavio dizia que continuava a ser um membro do PCB, embora esse mesmo partido não indicasse qualquer possibilidade de rever a condição de marginalidade e de afastamento a ele aplicada, desde o longínquo ano de 1956, quando denunciou toda a sua situação de ostracismo político e de boicote intelectual.

Mesmo assim, procurava aparentar confiança, aguardando a ocasião em que haveria “justiça e compreensão” – como dizia – em torno de sua trajetória militante. Esses momentos de esperança e de amargura podem ser constatados na própria escolha que fez no título do segundo volume de suas memórias, que permanece inédito. A esse respeito havia uma dúvida. Por um lado, chegou a denominar a continuação de seu relato autobiográfico de *Combates e batalhas*, mas, logo depois, bem no final da vida, como lembra Dionysa Brandão, ele próprio o havia riscado e optado pelo nome de *Alegrias e amarguras*.¹⁰⁴

¹⁰² CARONE, Edgard. “Resenha de *Combates e Batalhas*, de Octavio Brandão”. In *Gazeta Mercantil*. São Paulo, sábado, 03 e segunda-feira, 05.02.1979, p. 4.

¹⁰³ Cf. Depoimento de Dionysa Brandão ao Autor... op. cit., fita 3, lado A.

¹⁰⁴ Idem, ibidem.

Tratava-se realmente de uma titulação provisória por seu relato – como diz Dionysa – “ter vários exemplares espalhados a inúmeras pessoas, inclusive vizinhos”. Talvez esse comportamento fosse por motivo de segurança, visando à preservação de seus escritos, uma vez que já tivera a infeliz experiência de, em outras ocasiões, tê-los perdidos. Não é por acaso que Valná Brandão – outra filha de Octavio – residente na Rússia, tenha duas cópias do texto, uma das quais com o nome de *Luta libertadora*. O certo é que Octavio Brandão nunca definiu o título de sua preferência para nomear a continuação de seu relato autobiográfico.

Outra consideração relevante é destacar os últimos três anos da vida do velho militante comunista, entre 1977-1980. No decorrer desse período, parecia que Octavio Brandão possuía um outro e forte desejo: falar... Provavelmente por isso tenha dado inúmeras entrevistas, num curto intervalo de tempo. Vale dizer que Brandão optou por expor suas opiniões de maneira franca, honesta, ou, como ele próprio dizia, “taco no taco e olho no olho”. Essa atitude explica-se pelo fato de ter permanecido mais de trinta anos isolado, sem debater nem muito menos ser ouvido pelos camaradas do partido. Nos poucos momentos em que fora chamado pelo núcleo dirigente, era-lhe comumente exigido a realização de intermináveis sessões de autocrítica que já se acostumara em fazer. Apenas para registrar essa maneira clara e direta com que Brandão referia-se a importantes personalidades brasileiras, menciono dois acontecimentos.

No dia 16 de julho de 1978, num depoimento que deu a Isa Cambará, jornalista da *Folha de São Paulo*, Octavio Brandão fizera duras críticas a Luís Carlos Prestes. Como já salientei, parecia que o velho comunista estava disposto a fazer algo como “um ajuste de contas” com o dirigente do PCB que mais polemizou, desde a época em que o “Cavaleiro da Esperança” escrevera, em maio de 1930, seu célebre *Manifesto de Maio*. Em seguida, Brandão passou a ser ainda mais crítico com a linha de “sovietização imediata” que Prestes defendera e encabeçara nos trágicos levantes armados de novembro de 1935. A relação entre os dois comprometeu-se ainda mais, entre o ano de 1948 e a segunda metade de 1950, no período de clandestinidade, em que Octavio Brandão acusava ter sido abandonado pelo partido e apelava para o seu máximo dirigente, solicitando a mudança da dramática situação em que se encontrava. A relação entre os dois foi finalmente rompida depois de 1956, durante as divergentes discussões no interior do PCB sobre a Política de Quadros, em que o velho comunista acusou a direção partidária por todos os momentos de

marginalização política que sofrera. Dessa maneira, aproveitando o momento, não mediu palavras para, de maneira pública, desabafar a respeito de Prestes, às quais destacou, a seguir, alguns trechos de sua polêmica entrevista:

“No Brasil, não há um partido comunista. O que há é um partido pequeno-burguês prestista, que não tem nada a ver nem com a classe operária nem com o marxismo-leninismo. Por isso, acabou no ostracismo. Mas eles ainda não aprenderam. Como todo prestista, os membros do partido não discutem ordens. São homens derrotados dez vezes, mas que recomeçam pela décima primeira vez, repetindo os erros. De direita e de esquerda. (...)”

“Eu sempre pensei com a minha cabeça e não com a cabeça dos outros. Prestes sempre gostou de ser ouvido. No partido, ele era como um Deus. Ficava por cima, dizia as coisas e ninguém discutia. Eu quis discutir e acabaram me afastando. Mas eu tive e tenho minhas idéias e delas não abro mão. Além disso, não tive Prestes nem o partido como mestres. Meus mestres foram Marx, Engels e Lenin, porém a doutrina para mim nunca foi um dogma. Sempre norma de ação. (...)”

“Ele [Prestes] virou mito porque brasileiro não pode viver sem mitos. A história está cheia deles. Mas, na sua essência, o Partido Comunista sempre foi contra os mitos. Veja no que deu o mito de Stalin. E Prestes, aqui no Brasil. O Lourenço Moreira Lima chegou a escrever que ‘Prestes nunca errou’. Por causa desses exageros, o partido condenou-se à derrota”.¹⁰⁵

As considerações feitas por Octavio Brandão nesse depoimento não eram apenas ásperas. Ressaltava também os pontos positivos de outras personalidades da época. Nesse sentido, é bastante interessante destacar a impressão que o antigo líder metalúrgico – e hoje Presidente da República – Luiz Inácio Lula da Silva causou no velho militante comunista. Segundo Brandão, Lula parecia “ter um lado positivo e também honesto”. Reconhece que o seu aparecimento e das mulheres metalúrgicas era um sintoma “de que a classe operária está mudando”. No entanto, não deixa de advertir que o dirigente sindical ainda deveria se provado para ver “se ele resiste ao canto da sereia, de um lado, e à repressão, de outro”.¹⁰⁶

Numa outra entrevista que concedeu a Antônio Caetano, do jornal *Tribuna da Imprensa*, em dezembro de 1979, Octavio Brandão expunha outras opiniões sobre Lula optando, dessa vez, em aconselhá-lo. Em sua visão, o principal desafio na trajetória do então líder metalúrgico do ABC consistia em

“organizar e educar. O sujeito depois de estudar a fundo Marx, Lenin e Engels não há perigo. Mas ficam borboletando... tem que pegar o Lula e toda essa vanguarda e enfiar

¹⁰⁵ Entrevista de Octavio Brandão a Isa Cambará. *Folha de São Paulo, Caderno ilustrada*. São Paulo, 16.07.1978, p. 59.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*.

marxismo na cabeça deles. Porque todos os que restaram de 64 e estão voltando, agora estão falidos”.¹⁰⁷

Nesse mesmo relato, o militante comunista fazia uma interessante, e por que não dizer, controversa projeção:

“O Brasil há de tirar o pé da lama. Mas, para isso é preciso que o povo deixe de lado o futebol, a macumba, o carnaval e passe a lutar. Não poderemos continuar eternamente dormindo em berço esplêndido. E o movimento operário está em ascensão. Esses homens só puderam voltar porque a classe trabalhadora colocou apenas um dedo de fora. O momento agora não é de pessimismo nem tão pouco de otimismo. O momento é de reflexão: como sair dessa podridão?”

Mesmo tendo sofrido inúmeros reveses e amarguras, além dos constantes ostracismos em sua vida militante, Octavio Brandão – num outro depoimento – assinalava de forma orgulhosa que “a causa pela qual me bati é ideologicamente justa e moralmente nobre”.¹⁰⁸

*

Nos últimos dias de sua vida, Octavio Brandão andava com mais vagar e cuidado. Os livros eram o seu único companheiro, pois, como dizia, “ajudavam a sustentar o cérebro e o organismo”. O velho comunista, apesar de estar com a saúde bastante debilitada, ainda era visto pelos vizinhos na pracinha do edifício onde morava, junto com os netos e a filha Dionysa, no bairro de Santa Teresa. Contudo, as crises provocadas pela diabetes eram-lhe cada vez mais freqüentes. Numa certa manhã, depois de tomar leite, Octavio Brandão – como recorda Dionysa –, ainda sentado à mesa,

“deixou cair a cabeça contra a mesma. Depois conseguiu levantá-la. Em seguida, foi em direção à área de serviço para apreciar a Baía de Guanabara. Mas, logo a seguir, caiu outra vez. Eu o ajudei e ele se recuperou e novamente se levantou. Desconfiava que meu pai tinha mais de uma vez tido um AVC (Acidente Vascular Cerebral), mas ele nunca falou nada a respeito. Preocupada, fui chamar um vizinho que prontamente pegou seu carro e levou-nos para a Santa Casa de Misericórdia. Nessa ocasião, ele já estava com um dos braços paralisado. Depois de ser medicado voltou para a casa. Aos poucos foi se acostumando com a difícil situação”.¹⁰⁹

Para os médicos, Octavio Brandão deveria se internar, mas ele teimosamente resistia. No dia 15 de março de 1980, após uma nova crise, foi novamente levado para a Santa Casa

¹⁰⁷ Entrevista de Octavio Brandão a Antônio Caetano. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 24 e 25 de dezembro de 1979, p. 5.

¹⁰⁸ “Octavio Brandão e as lutas de seu tempo”. *Depoimento em vídeo dado ao Arquivo Edgard Leuenroth*. AEL, IFCH/Unicamp, duração de 42’57”, 1978.

¹⁰⁹ Depoimento de Dionysa Brandão Rocha concedido ao Autor, op. cit. Fita 3, lado A.

de Misericórdia, onde permaneceu, de modo a fazer uma bateria de exames, inclusive tomografia. Dionysa Brandão, de forma muito emotiva, lembra os últimos momentos do querido pai, ao dizer que ele

“calado e magro, resistiu à pneumonia de 40 graus. Resistiu a vários AVC. Mas veio um outro e os médicos começaram a introduzir no seu corpo, rosto e braços, agulhas, sondas e outros aparelhos. Resistiu. Prenderam seus braços, o corpo foi amarrado à cama e as pernas imobilizadas. Clamava inofensivo, sem forças, tentando romper os cordões, tentando ainda protestar. Lábios cerrados, o olhar enérgico fuzilava. Dos olhos saíam faíscas de revolta, condenando sem queimar. Os médicos lutaram durante quatro horas. Não desejava esta última prisão. Não aceitava a idéia de prorrogar a tormenta. (...) Em vão... em vão. Veio mais um AVC. O corpo serenou em paz e descansou para sempre a sua mente”.¹¹⁰

Os esforços foram em vão, pois não conseguiu resistir ao último AVC. O velho caboclo do Nordeste – como preferia ser chamado – passou por constantes padecimentos, solidão, espancamentos, perdas familiares, boicotes, além da marginalização política e intelectual. O quarto do hospital foi a sua “última prisão”. Era limpo e bastante diferente dos imundos, gelados e escuros cubículos que freqüentemente lhe foram impingidos, pelas circunstâncias, ao longo de sua vida. Mas a ironia é que seria no leito hospitalar que viveria uma situação totalmente incomum em sua trajetória militante: permaneceu deitado com os braços e as pernas amarrados. Nesse ambiente, cheio de cuidados, preocupação e calor humano – como nunca antes vivenciou – o disciplinado militante comunista travaria os seus últimos “combates e batalhas”: a luta contra a morte. Porém, dessa vez, não havia como resistir. No dia 05 de março de 1980, Octavio Brandão falecia aos 83 anos de idade enterrando sua última revolta.

*

Em 1972, Valná Brandão Tchudínova, a última filha que Octavio teve com a poetisa Laura Brandão, veio de Moscou – onde ainda hoje reside – visitar o pai, durante alguns dias. Em sua estada no Brasil, ela completava seu quadragésimo aniversário. Lembrando o antigo ditado popular que dizia que “a vida se inicia aos 40”, dirigiu a Brandão e expressou seu contentamento ao afirmar: “– Vou começar a viver!”. Imediatamente, e de maneira bastante franca, o velho comunista a contestou: “– Minha filha! Estou com 75... e ainda nem comecei”.

¹¹⁰ ROCHA, Dionysa Brandão (org.). Poesia: Laura e Octavio. Rio de Janeiro, s.e., 2000, pp. 68-69.



Octavio Brandão

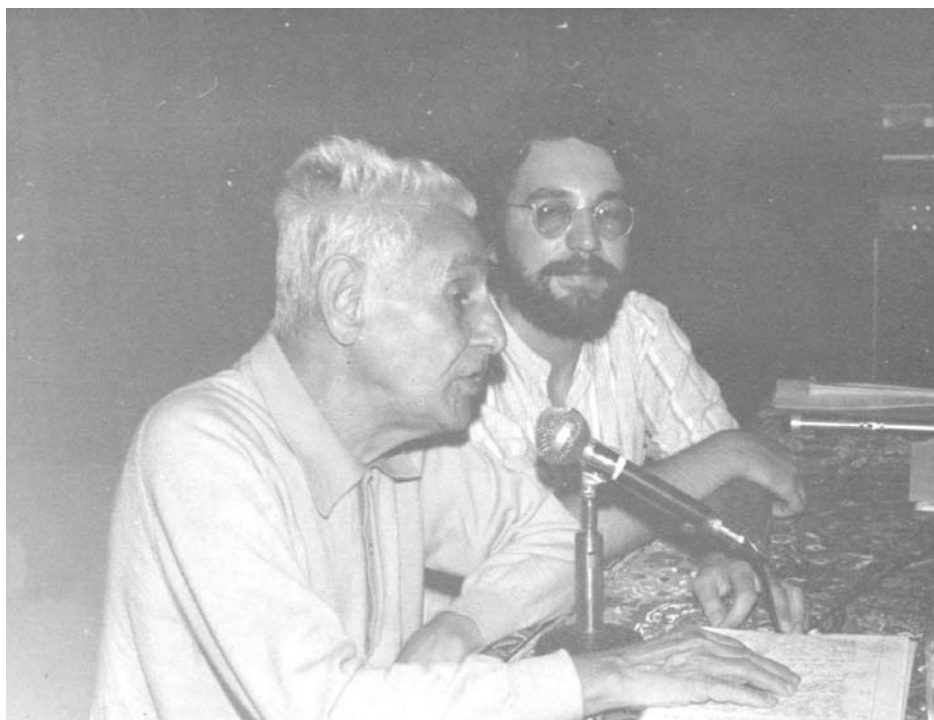


OCTAVIO BRANDÃO
**COMBATES
E BATALHAS**
MEMÓRIAS - 1º VOLUME



EDITORA ALFA-OMEGA

Dois registros nos últimos anos de vida:



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Aos 82 anos, durante um Seminário de História realizado no Colégio São Vicente, RJ, em 1979. Ao lado, aparece o Professor André.



Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha

Apesar de todos os pesares, a esperança vibrando aos 80 anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Só tenho saudades do futuro – quando as idéias do proletariado nacional estiverem realizadas.”

(Octavio Brandão, 1979)

A vida de um militante comunista implicava privações, dificuldades, sacrifícios e tarefas massacrantes, apesar de todos esses atributos serem conscientemente aceitos e legitimados pelo imaginário social do grupo.¹

Octavio Brandão – como os demais integrantes do PCB – vivenciou, sem dúvida, tais experiências. No entanto, se caso considerem alguns dados no “currículo militante” dos outros membros que alguma vez integraram o partido, poder-se-á dizer que ele foi um dos raríssimos – senão o único, sem com isso desmerecer os restantes ou sequer afirmar a primazia dele os demais participantes do comunismo nacional – a apresentar o que pode ser chamada de uma trajetória *sui generis*, onde constam: 65 anos de lutas dedicadas à classe trabalhadora, sendo que, desses, 58 foram dedicados ao PCB; dezessete prisões, sendo que uma delas resultou no banimento para a URSS e, por essa razão, foi o primeiro preso político comunista brasileiro a ser deportado por Vargas, em julho de 1931. Lá, testemunhou, durante quinze anos, a industrialização acelerada, a coletivização forçada, os expurgos do Grande Terror, além dos terríveis momentos da invasão nazista, tornando-se um dos milhares de voluntários a defenderem a pátria soviética do temido agressor. No seu retorno ao Brasil, em novembro de 1946, foi eleito vereador pelo PCB (já o fora uma primeira vez em 1928, pelo BOC). Após um curto período de relativa notoriedade, padeceu, por quase oito anos consecutivos, na clandestinidade, isolado e sem nenhuma ligação política com o PCB.

Terminada a fase mais dura de repressão, no ano de 1956 redigiu um artigo narrando os difíceis momentos que vivera durante a ilegalidade política e que foram ainda mais dramáticos pelo fato de a direção comunista não lhe ter oferecido nenhuma tarefa a ser realizada. Para piorar sua situação, logo depois, foi definitivamente colocado à margem do partido, permanecendo em seguidos ostracismos até os últimos anos de vida. Todavia, apesar de todas as mágoas, os ressentimentos e as decepções com o núcleo dirigente, jamais se afastou da militância ou sequer pensou em realizar suas atividades fora do PCB.

¹ Cf. FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*, op., cit., p. 112.

Diferentemente de outros comunistas importantes, como Astrojildo Pereira, Leôncio Basbaum, Rodolfo Coutinho, Jorge Amado, Osvaldo Peralva, Diógenes de Arruda, Maurício Grabois, Carlos Marighella, Luís Carlos Prestes – só para citar alguns que tiveram diferentes destinos – Octavio Brandão optou por continuar no PCB, ainda que, em certos momentos, houvesse feito duras críticas ou tenha demonstrado certo ceticismo ao partido em determinados escritos. Mas a verdade é que se conservou, ao longo de sua trajetória, nas fileiras da organização política que tanto se dedicara a construir.

Além disso, defendeu e aceitou, como poucos, um dos principais valores morais da cultura política comunista: a disciplina militante. A respeito dessa conduta, vale a pena recordar duas significativas ocasiões em que Octavio Brandão a externou. A primeira aconteceu, em Buenos Aires, durante a realização da Primeira Conferência dos PCs latino-americanos, em abril-maio de 1930. Depois de ser execrado diante dos demais delegados presentes no encontro – tendo sido o principal acusado por ter desenvolvido a “teoria menchevique e antibolchevique” de sua revolução democrática pequeno-burguesa – optou por fazer uma pouco sincera autocrítica, admitindo “seus erros” para não ser expulso do PCB.

Um segundo exemplo desse modo de conceber a militância é constatado na carta que apresentou ao dirigente da IC, Manuílski, no ano de 1938, em Moscou. Nela, outra vez por disciplina, Brandão fazia uma intensa autocrítica, tendo quase que “pedir desculpas” por não compreender a dimensão “de todos os erros” que teria cometido desde os anos em que era anarquista até aquela data. Mas não se tratava de um comportamento submisso. A esse respeito, o poeta e prosador Carlos Drummond de Andrade, conhecendo-o bem, declarou que Brandão havia sido “antes de tudo um homem disciplinado, mas não domesticável”.²

Talvez o melhor motivo que explique todo esse modo de agir *sui generis*, suportando acusações – na maior parte das vezes falsas e forjadas – desdém, sarcasmos e outros tipos de calúnias, tenha sido a sua (auto)confiança em algum dia encontrar, como não cansava de repetir, “justiça e compreensão”. Imaginava ser “reabilitado” e voltar a atuar no partido, o que nos parece muito mais um sincero desejo de sua parte do que uma concreta possibilidade de realização.

Além da vigilância da direção do PCB, Octavio Brandão sofreu, ao mesmo tempo, uma imposição de limites: foi perseguido pela Polícia Política, em diferentes ocasiões. Nos documentos do DOPS, pude constatar que não se tratava de um militante qualquer. Ao

² *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 17.06.1980. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário OB, pasta GB, folha 2077.

contrário, foi constantemente observado em tocaias, foram expedidas contra ele inúmeros mandados de prisão, teve sua correspondência aberta em várias ocasiões, além de ter sido preso em dezessete oportunidades.

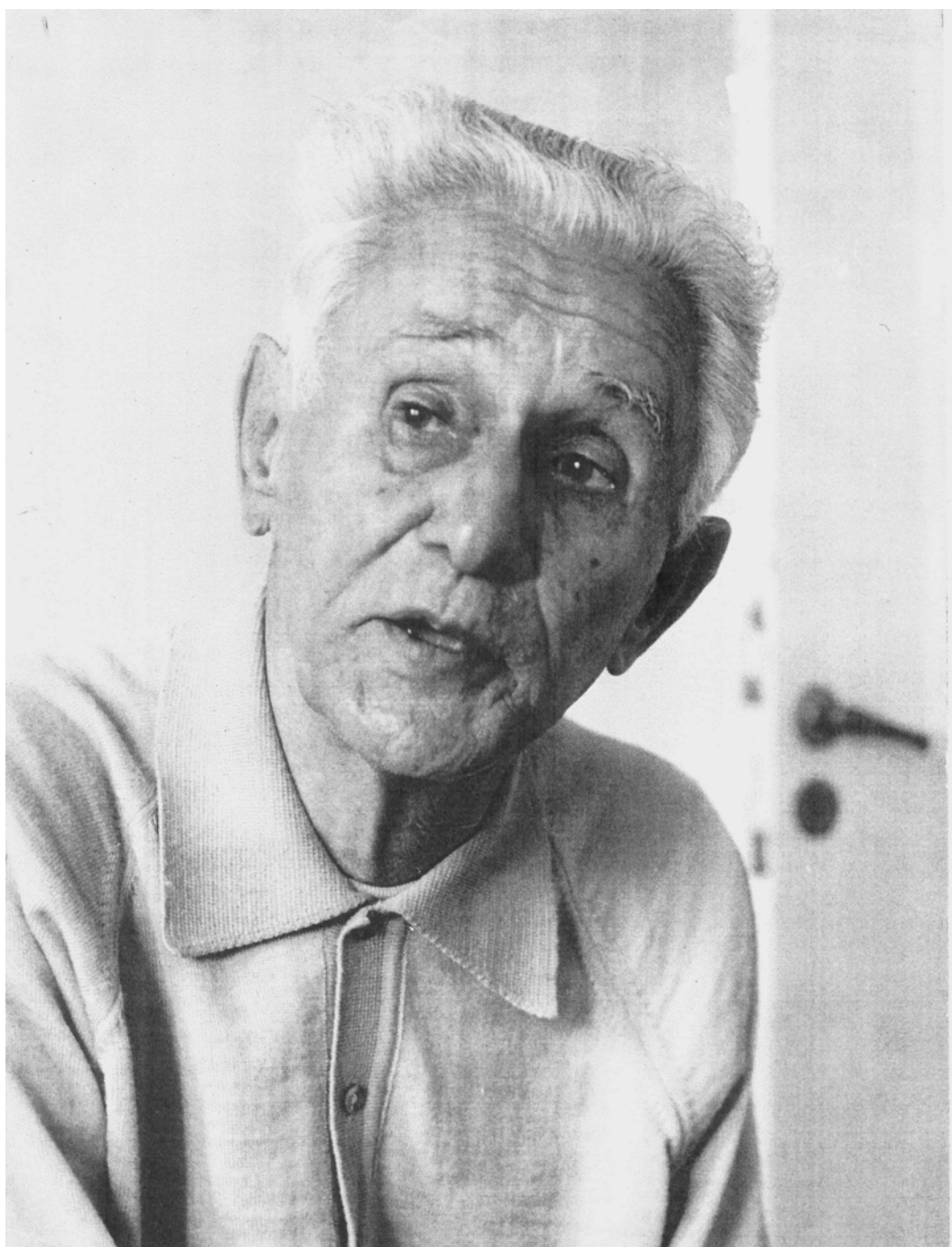
Os boletins e os relatórios dos órgãos de repressão e da própria imprensa usaram comumente termos específicos para se referir a Octavio Brandão em épocas distintas de sua vida, entre os quais destacam-se: “*fabricador de bombas*” (1921); “*perigoso agitador*” e “*militante extremista*” (1928); “*chefe do PCB e seu representante no Conselho Municipal*” (1929); “*militante apátrida*” (1931); “*substituto de Prestes no Komintern*” (1937); “*perturbador da ordem pública*” (1947). Perseguido pela polícia e vigiado pelo partido, ou perseguido pelo partido e vigiado pela polícia: eis a rotina que caracterizou a maior parte de sua vida.

Com tudo isso o que foi possível descrever a respeito de Octavio Brandão, penso ter construído algo como sendo a sua biografia política. Ao longo dessas páginas, não pretendi, em nenhum momento – como já salientei em outras ocasiões – realizar um “ajuste de contas” ou uma “inversão de papéis” dos militantes que atuaram no PCB, muito embora admita que, na maior parte dos estudos referentes aos comunistas brasileiros predominou uma determinada tradição que sustentou um papel de primazia do ponto de vista intelectual e militante, à figura de Astrojildo Pereira.

Por fim, quero mais uma vez ressaltar que sustentar isso não significa dizer que procuro estabelecer uma “nova hierarquia” na geração pioneira do comunismo nacional, pois tanto Octavio Brandão como Astrojildo Pereira, Heitor Ferreira Lima, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, entre outros – independentemente de convergências e de diferenças – marcaram com suas ações e letras o pensamento e a prática social da gênese do marxismo originário brasileiro.

*

Apesar de todas as enormes dificuldades que enfrentou em sua vida pessoal e militante, como as prisões, as ilegalidades, os boicotes e a marginalização política, ainda assim, Octavio Brandão não testemunhou dois significativos acontecimentos que seriam impensáveis e muito dolorosos para ele acreditar: a dissolução da União Soviética, ocorrida em dezembro de 1991 e a extinção do PCB, acontecida um ano depois. Em toda a sua vida, pôde, enfim, contar com o fator sorte que o livrou de presenciar mais esses dois trágicos momentos na História.



Coleção particular de Dionysa Brancão Rocha

Instituições pesquisadas

a) Arquivos:

- *Arquivo Edgard Leuenroth (AEL)*, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Filosofia/ UNICAMP.
- *Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ)*, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRJ.
- *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)*.
- *Fundação Getúlio Vargas/Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV/CPDOC)/ História Oral*.

b) Bibliotecas:

- Biblioteca Nacional.
- Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ).
- Biblioteca Central do Gragoatá/UFF.
- Biblioteca Central da UNICAMP.
- Biblioteca de Ciências Humanas/USP.
- Biblioteca Central da PUC/RS.

Fontes

1. **“Coleções”**: corresponde a recortes de artigos, estudos e poesias que Octavio Brandão reuniu em forma juntou numa espécie de caderno de ata. Eles cobrem diferentes períodos de sua vida e se dividem em seis:

Coleção n.º 1 – “Vala Comum”:1911 a abril de 1918;

Coleção n.º 2 – “Flores e Pedradas”. Maceió: 2 julho de 1918 a julho de 1919;

Coleção n.º 3 – “Em marcha para o futuro”. Rio de Janeiro, agosto de 1920 a abril de 1921;

Coleção n.º 4 – 1946 a 1955.

Coleção n.º 5 – 1960 a janeiro de 1961.

Coleção n.º 6 – dezembro de 1961.

2. Anais parlamentares

BRANDÃO, Octavio (intendente do Bloco Operário e Camponês). *Anais do Conselho Municipal do Distrito Federal*. Sessões de julho de 1929 a julho de 1930.

_____. (Vereador do PCB). *Anais da Câmara dos Vereadores do Distrito Federal*. Sessões de março a outubro de 1947.

3. Fontes documentais

Prontuário de Octavio Brandão, n.º 2077. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS).

_____. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Departamento de Ordem e Política Social/Estado da Guanabara. (DOPS/GB).

4. Fonte publicada

BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”. *Autocrítica* (8): 12-15, 1928. **In:** ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985, pp.121-132.

5. Cartas

a) Do Fundo Octavio Brandão (Inventário). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp.

Correspondência ativa:

BRANDÃO, Octavio. Carta ao amigo e camarada Luís Carlos Prestes. S.l., novembro de 1951, 5p. Pasta 08, [dat.].

_____. Carta aos camaradas apresentando o texto “Abecedário dos Trabalhadores” como alternativo de educação político-popular. Julho de 1952. Pasta 8, 1p. [dat.].

_____. Carta aos camaradas desaprovando desencontro em atividade clandestina. S.l., 19.12.1953. Pasta 8, 1p. [dat.]. Grifos meus

_____. Carta solicitando comunicação com Prestes e publicação de artigo na *Imprensa Popular*. S.l., 11.01.1954. s.l.. Pasta 8, 1p. [dat.].

_____. Carta à Cid, conclamando-o a repensar a participação do PCB como um partido proletário. S.l., 14.11.1959. Pasta 9, 1p. [dat.].

_____. Carta a minhas queridas comentando e enviando notícias familiares. S.l., 25.03.1958, 2p. Pasta 9. [dat.].

_____. Carta à caríssima. Barro Branco, (AL), 12.08.1960, 1p. Pasta 11. [dat.].

Correspondência passiva:

Carta de Geraldo Santa Maria a Octavio Brandão. Rio de Janeiro (DF), 02.11.1946. Pasta 22, 3p.

Carta de Joaquim Nepomuceno a Octavio Brandão. Barra do Piraí (RJ), 02.11.1946. Pasta 22, 4p.

Telegrama de Roque M. Santana pela célula Cristiano Garcia a OB. Rio de Janeiro (DF), 06.11.1946. *Fundo Octavio Brandão*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 22, 1p.

Telegrama de Valter Vieira Melo pela célula Crispin Chaves de Melo a OB. Belo Horizonte, MG, 10.11.1946. Pasta 23, 2p.

Carta de Henrique Marinho, pastor protestante a Octavio Brandão. Nilópolis, RJ, 05.11.1946. Pasta 22, 1p.

Carta de José Villela dos Santos pelo Comitê Municipal de Pouso Alegre do PCB a Octavio Brandão. Pouso Alegre (MG). 11.11.1946. Pasta 23, 1p.

Carta de Antônio Afonso Pontes a Octavio Brandão. Moscovita, Distrito de Conselheiro Pena (RJ). 21.11.1946. Pasta 23, 1p.

b) Do *Fundo Octavio Brandão II*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp.

Correspondência ativa:

Carta de Cab. (OB) as “Caras Amigas”. s.l., 25.09.1937. Pacote 16. [dat.].

Carta de caboclo (OB) as “Caras Amigas”. 28.09.1937. Pacote 16, pasta 33. [dat.].

Carta de Octavio Brandão a Laura. 27.10.1941. Pacote 1, pasta 36. [dat.].

Bilhete de Octavio à Lúcia. Moscou, 15.05.1943, 1p. Pacote 14, pasta 30. [manus.].

Carta de Octavio Brandão a Eloiza e Clotilde Prestes. Moscou, 13.05.1943. 1p. Pacote 14, pasta 30.

Carta de Octavio Brandão camarada Kélin”. Moscou, 02.02.1945, 2p. Pacote 10, pasta 1. [dat.].

Carta as minhas queridas filhas. Rio de Janeiro, agosto de 1976, 1p. Pacote 6, [dat.].

Correspondência passiva:

Carta de Fernando de Lacerda a Octavio Brandão. Outubro de 1936. 2p. Pacote 17, pasta 39. [manus.].

Carta não assinada enviada “ao querido amigo”. S.l.d., 01.09.1937. *Pacote 16, pasta 33. [dat.].*

(sem título). Carta de Lígia Prestes a Octavio Brandão. Paris, 17.09.1937. Pacote 16, pasta 33. [manus.].

Carta de Lígia ao amigo (Octavio Brandão). S.l.d. Pacote 16, pasta 33. [manus.].

Carta de Laura Brandão a Octavio. 28.10.1941. Pacote 1, pasta 36. [dat.].

Carta a Eloiza, Lucia e Clotilde. S.l., 20.10.1942, 1p. Pacote 14, pasta 30. [dat.].

Carta de Lúcia Prestes a Octavio Brandão. Moscou, 10.03.1944. Pacote 14, pasta 30. [manus.].

Carta de Lúcia Prestes a Octavio Brandão. Moscou, 09.12.1945. Pacote 14, pasta 30. [manus.].

Carta de Octavio Brandão a Pedro Mota Lima. Moscou, 28.08.1945, 2p. Pacote 14, pasta 30 [dat.].

Carta à caríssima. Barro Branco, (AL), 12.08.1960, 1p. Pasta 11. [dat.].

6. Artigos e escritos de Octavio Brandão

BRANDÃO, Octavio. “Um evadido da realidade”. *Jornal do Comércio*. Maceió, 01.07.1918. **in:** *Coleção n.º 2: “Flores e Pedradas”*. Maceió: 2 julho de 1918 a julho de 1919.

Fritz Mayer. (pseud.) *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a Guerra de classes no Brasil*: Buenos Aires, s/e, 1926.

BRANDÃO, Octavio. *O Caminho*. Rio de Janeiro, s/e, 1950.

_____. “A aventura golpista-militarista”. *Revista Brasiliense*. São Paulo, nº 38, nov.-dez., 1961, 49.

_____. “Que fazer?”. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 19.09.1961. **in** *Coleção n.º 6*, março de 1961

_____. “As reformas e a libertação”. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 24.10.1961. **in** *Coleção n.º 6*, 1961.

Do *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp.

_____. “Esquema da Conferência na Casa do Estudante”. S.l., 27.12.1946. Pasta 103, 1p. [dat.].

_____. “A realidade”. S.l., 17.10.1969, 2p. Pasta 114. [dat.].

_____. “Crise”. S.l.d. 1p. Pasta 114. [manus.].

_____. *A “revolução” de 1930*. Rio de Janeiro, 06.01.1954. Pasta 81. 30p. [dat.]

_____. “‘Resposta’ que nada responde”. Passagem de Mariana, MG, 15.12.1963, 23p. Pasta 81. [dat.].

_____. “*Análise*”. Passagem de Mariana (MG), 19-05-1966, 102p. Pasta 33. [dat.].

_____. “O desenvolvimento invencível”. (história e avaliação da trajetória do PCB). S.l.d., 22p. Pasta 55. [dat.].

_____. “A batalha duríssima”. (narrativa de cinco anos: 1950-1955). S.l., outubro de 1955, 66p. Pasta 113. [dat.].

Do *Fundo Octavio Brandão II*. AEL/IFCH/Unicamp

_____. “Chers camarades”. Moscou, outubro de 1935. Pacote 14, pasta 30. [dat.].

_____. “Uma casa de repouso na Criméia”. 31.05.1936. Pacote 18, pasta 41. [dat.].

_____. “O Golpe de Estado no Brasil”. 12.10.1937. Pacote 17, pasta 38. [dat.].

_____. “Os fascistas alemães buscam apoderar-se de territórios estratégicos na América do Sul”. 18.08.41. Pacote 13, pasta 26. [dat.].

_____. *Saudações à terra natal*. Maceió, 11.05.1960, 2p. Pacote 8, recortes. [dat.].

_____. “O testamento de Laura Brandão”. *Jornal de Alagoas*. Maceió, 25.06.1960. Pacote 8, recortes.

_____. “Polêmica”. Maio de 1968, s.l., 25p. Pacote 6. [dat. e manus.].

6. Memórias

BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*. Vol. 1, São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

_____. *Luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2)*: RJ, 1970, [inédito].

_____. “Vida vivida”. (autobiografia desde sua formação inicial até a clandestinidade na década de 50). S.l., 04.04.1952, 200p. Pasta 112, p. 129. [dat.].

_____. “Vida vivida - recordações”. **In:** *Revista Brasiliense*. São Paulo, n.º 33, janeiro-fevereiro, 1961, pp. 128-153.

_____. “A vida de um escritor”. S.l.,12.12.1970, 31p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 114-b, [dat.].

7. Depoimentos e entrevistas com Octavio Brandão

“A vida de um militante”. Entrevista de Octavio Brandão ao jornalista Barreto Leite Filho. *O jornal*. Rio de Janeiro, 19.07.1929, pp. 1-4.

(*Depoimento, 1977*). Rio de Janeiro: FGV/Cpdoc-História Oral,1993, 139 p. (dat.).

“Octavio Brandão e as lutas de seu tempo”. *Depoimento em vídeo dado ao Arquivo Edgard Leuenroth*. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICAMP, duração de 42’57”, 1978.

“Brandão: ateu, anarco, comunista, profeta”. **In:** *Revista Isto é*. 28.06.1978, pp. 48-50.

Entrevista de Octavio Brandão à revista *APARTE*. Niterói, ICHF/UFF, n.º 1, vol.1, 1979, pp.5-38.

CAETANO, Antônio. “Entrevista de Octavio Brandão”. **In:** *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 24 e 25-08 de 1979, p. 5.

Cambará, Isa. “Depoimento de Otávio Brandão”. **In** *Caderno Ilustrada. Folha de São Paulo*, 16.07.1978, p. 59.

LORNER, Ana Beatriz & MENEZES, Valmir. “Entrevista com Octavio Brandão”. Rio de Janeiro, 28.04.1979. **In:** *História em Revista*. UFPel.: Pelotas, Editora Universitária, n.º 2, 1996, p. 209-254..

8. Depoimentos sobre Octavio Brandão

Arquivo Edgard Leuenroth. Áudio em cassete. Depoimento de Dionysa Brandão a Elaine Zannata. FC/0437; FC/0438; FC/0439.

Depoimento em vídeo de Dionysa Brandão Rocha e Valná Brandão Tchudínova ao Arquivo Edgard Leuenroth. Unicamp, Campinas, 10.08.1994, duração: 1h 43min.

Depoimento de Dionysa Brandão Rocha concedida a Roberto Mansilla Amaral. Santa Teresa, RJ, 02.07.2003. 3 fitas cassetes.

9. Revistas

La Correspondencia Sudamericana. Revista Quinzenal editada pelo Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista. (Buenos Aires, 1926, 1928 e 1929)

Crônica Subversiva. (Rio de Janeiro, 1918)

Movimento Comunista. (Rio de Janeiro, 1922-1923).

Revista Brasileira. (São Paulo: 1946;1963).

10. Jornais

A Classe Operária. (Rio de Janeiro, 1925; 1928-1929).

Correio da Manhã. (Rio de Janeiro, 1929-1931).

Diário de Notícias. (Rio de Janeiro, 1930).

Diário do Povo. (Maceió, 1917).

Imprensa Popular. (Rio de Janeiro, 1956-1957).

Jornal do Comércio. (Maceió, 1918).

A Plebe. (São Paulo, 1919)

O Povo. (Maceió, 1918).

A Razão. (Rio de Janeiro, 1919).

A Semana Social. Órgão político, literário e noticioso. (Alagoas, 1917).

Spartacus. (Rio de Janeiro, 1919).

Tribuna do Povo. (Recife, 1918).

Tribuna do Povo. Órgão dos interesses do Povo. (Viçosa, 1916).

Voz Cosmopolita. Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e anexos. (Rio de Janeiro, 1923-1924).

A Voz do Povo. (Rio de Janeiro, 1921-1922).

11. Produção de terceiros sobre Octavio Brandão

11.1) Artigos

AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma voz destoante no PCB: Octavio Brandão, militante e intelectual (1924-1957)*". In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). *Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000, pp. 98-136.

KUPERMAM, Esther. "De olho em Octavio Brandão: os arquivos do DOPS". In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Cultural-SR3, Arquivo Público, 1996, pp. 150-156.

11.2) Livros

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UERJ, Cultural-SR3, Arquivo Público, 1996.

ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Octavio Brandão - as forças encadeadas II* (poesias). Rio de Janeiro: s/ed., 1996.

_____. (org.). *Poesia: Laura e Octavio*. Rio de Janeiro: s/ed., 2001.

11.3) Produção acadêmica

AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma voz destoante no PCB: Octavio Brandão, militante e intelectual (1924-1957)*. Monografia de Bacharelado apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: ICHF,UFF, 2000, 95p.

PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e omissão: Octavio Brandão e anarquismo*. Dissertação de Mestrado: FFLCH, USP, São Paulo, 1993.

11.4) Periódicos

CERES, Heliônia. Octavio Brandão: o libertário. Alagoas: Edufal, 1997, Série Alagoas: terra e orgulho.

KONDER, Leandro. “Octavio Brandão: o Lenin que não deu certo”. **In:** *Caderno Folhetim*, Folha de São Paulo, 23 de junho de 1985, pp. 6-8.

KUPERMAM, Esther. “O pensamento político de Octavio Brandão”: entre o nacionalismo e a internacional”. **In:** *Jornal Inverta*. Rio de Janeiro, 19/12/1996 a 06/01/1997, suplemento cultura, 2b.

LINDOSO, Dirceu. “O legado de Octávio Brandão”, **in** *Jornal EXTRA*, n.º 10. Maceió, 13.07.1984.

MEMÓRIA CULTURAL DE ALAGOAS: Octavio Brandão. *Gazeta de Alagoas*. Maceió, 21.04.2002, 8p.

SILVA, Ângelo José da. “Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil”. **In:** *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, n.º 8, jun. 1957, pp. 85-106.

12. Catálogo

ZANATTA, Elaine Marques et alii. *Inventário analítico do Acervo Octavio Brandão*. Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, Editora da Unicamp, 1996, 176p.

Bibliografia

- ABRAMO, Flávio e KAREPOVS, Dainis (org.). *Na contracorrente da história. Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- AGOSTI, Aldo. “O mundo da Terceira Internacional: os ‘estados maiores’”. **In:** HOBSBAWM, Eric (org). *História do marxismo*, vol. 6, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- ANTUNES, Ricardo. *Classe operária, sindicatos e partido no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe, da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora*. São Paulo: Cortez, 1982.
- _____. “Os comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a primeira inflexão stalinista no Partido Comunista do Brasil (PCB)”. **In:** *Cadernos do AEL: Comunistas e Comunismo*, n.º 2, 1995, pp. 11-34.
- Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro. *Partido Comunista Brasileiro: caminhos da revolução (1929-1935)*. Rio de Janeiro. IFCS/UFRJ, 1995.
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Os arquivos das Polícias Políticas: reflexos de nossa história contemporânea*. 2.ª ed., Rio de Janeiro: FAPERJ, 1996.
- BANDEIRA, Moniz et alii. *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário*. Rio de Janeiro: Alfa-Ômega, 1978.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- BELOCH, Israel & ABREU, Alzira (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, FGV/Cpdoc, Finep, 1984.
- BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a inviabilidade feminina na política*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IFCH, Unicamp, 1994.
- _____. “Laura Brandão soltando as vozes nos salões literários”. **In** *Cadernos do AEL: Mulher, História e Feminismo*, n.º 3/4, 1995/96

- BEZERRA, Gregório. *Memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, 2v.
- BLACKBURN, Robin. (org.). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Mira-Sinistra, Publicações Europa-América, Lisboa, 1976.
- BORGES, Vavy Pacheco. “História e Política: laços permanentes”. **In:** *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 12, n.º 23/24, set.91/ago.92.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. **In:** FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996.
- BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CARONE, Edgard. *A Segunda República*. 2.^a ed., São Paulo: Difel, 1974.
- _____. *O movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1979.
- _____. *O PCB: 1922-1943*. São Paulo, Difel: 1982, vol. 1.
- _____. *O PCB: 1943-1954*. São Paulo, Difel: 1982, vol. 2.
- _____. *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986.
- _____. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ed. Ática, Série Fundamentos, 1989.
- CAVALCANTI, Berenice Cavalcanti. “O juramento de lealdade e fidelidade: a militância do PCB”. **In:** *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, v. 12, n.º 1, ago., 1985, pp. 56-71.
- CHILCOTE, Ronald. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CORRÊA, Hércules. *A classe operária e seu partido: texto político do exílio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

- DE DECCA, Edgar. *1930: o silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa – a política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- _____. “Comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940)”. In RIDENTI, Marcelo e FILHO, Daniel Aarão Reis. (org.). *História do marxismo no Brasil*, vol.V - *Partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002, pp. 11-68.
- DJILAS, Milovan. *Conversações com Stalin*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- DULLES, John Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FALCÃO, João. *O partido comunista como eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 7.^a ed., São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FEIJÓ, Martin Cezar. *Formação política de Astrojildo Pereira (1890-1920)*. Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1990.
- _____. *O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiro do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH, USP, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “A Nova ‘Velha História’”: o retorno da história política. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, ano 10, 1992.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.
- _____. “Política: história, ciência, cultura, etc”. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 17, 1996.

- HALL, Michael M. e PINHEIRO, Paulo Sérgio. “O grupo Clarté no Brasil: da Revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho. **In:** PRADO, Antônio Arnoni. (org). *Libertários no Brasil – memória, lutas e cultura*. São Paulo: 2.^a ed., Editora Brasiliense, 1987.
- HAJEK, Milos. “A bolchevização dos partidos comunistas”. **In:** HOBBSAWM, Eric.(org.) *História do marxismo*. vol. 6, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. “O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários”. **In** *Revista de história*. Campinas: IFCH/Unicamp,1991, pp. 39-46.
- _____. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- JEUDY, Henry-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1990.
- JOHNSTONE, Marty. “Um instrumento político de tipo novo: o partido leninista de vanguarda”. **In:** HOBBSAWM, Eric. (org.) *História do marxismo*. vol. 6, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JULLIARD, Jacques. “A política”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. São Paulo, 1976.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. *A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.
- _____. “Astrojildo Pereira: o homem, o militante, o crítico”. **In:** *Memória & História*, n.º 1. Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981, pp. 51-71.
- LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, Arquivo de História Social “Edgar Leuenroth”, 1982.
- LINHARES, Hermínio. “O comunismo no Brasil”. **In:** *Revista Brasiliense*. São Paulo, v. 25, pp. 146-166, 1959.
- LORIGA, Sabrina. "A biografia como problema". **In:** RAVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 2001.
- LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos Percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- LIMA, Jorge de. *Minhas Memórias – Tempos de Magia e Contemplação*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar LTDA, 1958.
- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e movimento operário*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MARQUES NETO, José. *Solidão revolucionária: Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MORAES, Denis de & VIANNA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. 2.^a ed., Petrópolis: Vozes, 1982.
- MORAES, João Quartim de. “A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro”. In REIS FILHO, Daniel Aarão et alii. (Org.). *História do marxismo no Brasil*, vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *A esquerda militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- MUNAKATA, Kazumi. “O marxismo brasileiro originário (anos vinte)”. In: *História: Questões & Debates*. Revista da Associação Paranaense de História, Curitiba, ano 6, n.º 10, 1985.
- OITICICA, José. *Ação Direta*. Rio de Janeiro, n.º 113, dezembro de 1956.
- PACHECO, Eliezer. *O Partido Comunista Brasileiro: 1922-1964*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Porto Alegre: Globo, 1952.
- PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB (1922-1928): notas e documentos*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1962.
- _____. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- _____. In: *Memória & História*, n.º 1. Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

- PESSANHA, Elina G et ali. *Partido Comunista Brasileiro – os anos de formação (1922-1929)*. Rio de Janeiro: Ed. Stamp/Programa de Preservação da Memória do PCB, 1994.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Política e trabalho no Brasil: dos anos vinte a 1930*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- PRADO JR. Caio. *A revolução brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- PRESTES, Maria Ribeiro. *Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, CNPq, 1990.
- _____. *Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético*. Rio de Janeiro: Ed. Perseu Abramo, 1997.
- _____. “Entre reforma e revolução: a trajetória do Partido Comunista no Brasil entre 1943 e 1964”. **In:** RIDENTI, Marcelo e REIS FILHO, Daniel Aarão. (org.). *História do marxismo no Brasil*, vol.V - *Partidos e organizações dos anos 20 aos 60*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.
- RÉMOND, René. “Por que a história política?”. **In:** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.7, n.º 13, 1994.
- RODRIGUES, Francisco Theodoro. *Os 16 deportados*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. “O PCB: os dirigentes e a organização”. **In:** FAUSTO, Boris (org.) *HGCB: O Brasil Republicano – Sociedade e Política (1930-1964)*. vol. 3, São Paulo: Difel, 1983.
- ROUSSO, Henry. “A memória não é mais do que era”. **In:** FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. RJ: Ed. da FGV, 1998.
- SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. 2.^a ed., Belo Horizonte: Oficina do Livro, 1989.
- _____. *Reforma e Revolução: as vicissitudes do PCB (1954-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

- _____. et alii. *PCB: memória fotográfica, 1922-1982*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SCHIMIDT, Benito Bisso. “Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos” **In:** *Estudos Históricos*, n.º 19, Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1997, pp. 97-113.
- SILVA, Ângelo José da. “Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil”. **In:** *Revista de Sociologia Política*. Curitiba: n.º 8, jun. 1957, pp. 85-106.
- _____. *Comunistas e trotskistas: a crítica à Revolução de 1930*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2002.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Contribuição à história do PCB*. São Paulo: Global, 1984.
- TELÓ, Mario. “Bukharin: economia e política na construção do socialismo”. **In:** HOBBSAWM, Eric. (org.). *História do marxismo - vol VII*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- TÓRTIMA, Pedro. *Polícia e justiça de mãos dadas: a Conferência Judiciária-Policial de 1917*. (Uma contribuição aos estudos sobre o enfrentamento da “Questão operária” pelas classes dominantes e pelo Estado – Rio de Janeiro, 1900-1925). Dissertação de Mestrado. Niterói: ICHF, UFF, 1988.
- VIANA, Marly de Almeida. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- Z Aidan Filho, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985.
- _____. *O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)*. São Paulo: Vértice, 1988.
- _____. *Comunistas em céu aberto (1922-1930)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

ANEXO:

*Alguns documentos do Prontuário do
DOPS sobre Octavio Brandão.*


FONTE 1:

A primeira página da folha de antecedentes de Octavio Brandão emitida pelo Gabinete de Identificação e Estatísticas do Rio de Janeiro. (APERJ. Fundo: DOPS, setor: Prontuário OB, pasta: GB, folha: 2077).

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
D. P. P. S.

PRONTUARIO 2077

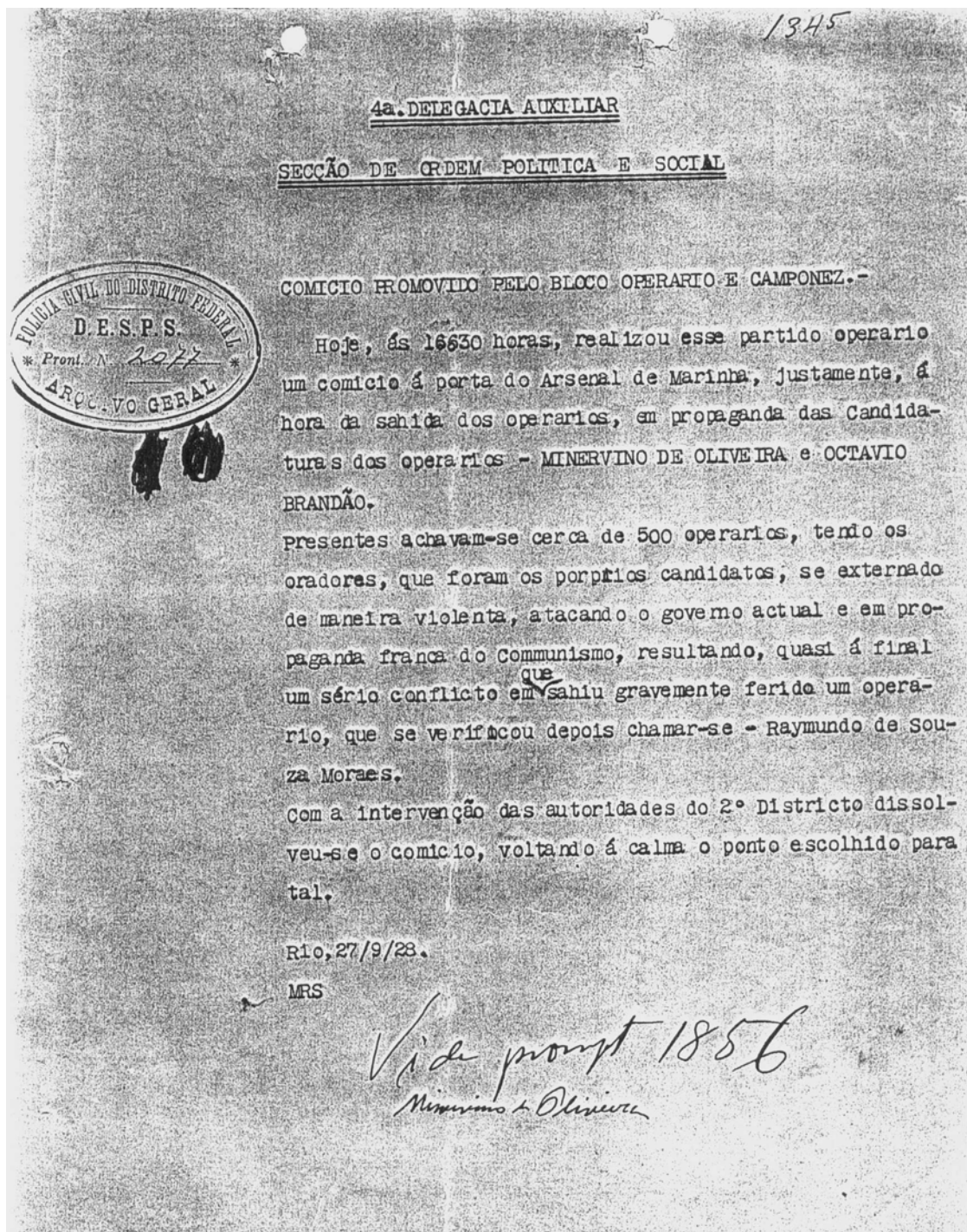
Nome OCTAVIO BRANDÃO DO RÊGO OU
OCTAVIO BRANDÃO



DATAS			ANOTAÇÕES DIVERSAS
26	3	920	Prêso na jurisdição do 18 D.P. e recolhido ao quartel da Polícia Militar desta Capital, em virtude de suas atividades comunistas. Posteriormente foi pôsto em liberdade.
19	5	923	Ainda em virtude de suas atividades comunistas, foi prêso na jurisdição do 38 D.P..
25	5	923	Pôsto em liberdade.
14	7	926	Ainda pelos mesmos motivos, foi prêso e pôsto em liberdade, logo após.
2	9	928	Segundo comunicação, o prontuariado tomou parte em uma reunião na qual foi apresentado como candidato à Intendente Municipal indicado pelo "Blóco Operário e Camponês". (Doc. nº 2)
23	4	930	Prêso quando, disfarçado em funcionário do Serviço de Fêbre Amarela, tentava distribuir boletins comunistas.
23	4	930	Tomou parte no comício promovido pelo "blóco operário e Campo nês", realizado em 27.9.928, na porta do Arsenal de Marinha. (Doc. nº 3)
30	4	930	Recolhido à Casa de Detenção.
31	5	930	Conforme comunicação da Secção de Seg. Pol., o prontuariado chegou a esta Capital, hoje, procedente da Argentina. (Doc. nº 4)
19	9	931	Em companhia de sua família, seguiu, deportado, para a Alemanha.
4	8	937	Inf.º nº 2.202-S/2 a respeito do prontuariado, em vista do ofício nº 100, do Cartório desta Delegacia Especial. (Doc. nº 5)
17	4	946	Inf. nº 44/S.Iv., relativamente a uma carta do Snr. Augusto

FONTE 3:

Boletim produzido pela Seção de Ordem Política e Social da 4.^a Delegacia Auxiliar, datada de 27.09.1928, descrevendo um comício promovido pelo BOC na porta do Arsenal de Marinha, apresentando aos trabalhadores e demais segmentos presentes, as propostas de seus candidatos: Octavio Brandão e Minervino de Oliveira. (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário OB. Fundo: DOPS, pasta GB, folha 2077).



FONTE 4:

Artigo produzido pelo jornal A Vanguarda, de 21.11.1929, indicando que Octavio Brandão era o principal "leader comunista", responsável pela distribuição de "boletins subversivos" aos marinheiros. (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS/2077).

Vanguarda - 21-11-1929

Os comunistas insuflam os marinheiros nacionais a se revoltarem e assassinarem seus chefes

Boletins subversivos distribuídos nos navios da esquadra - É preciso agir contra os covardes que aconselham o crime e o assalto

Infelizmente, apesar das providências que têm sido postas em prática, vem se accentuando nesta capital a propaganda comunista. Agora, em termos e por processos que não podem deixar mais em posição de expectativa ou hesitação nossas autoridades policiais. Torna-se preciso agir quanto antes e com a máxima energia, contra os criminosos e vagabundos que vêm tentando com uma pertinácia afrentosa a família e a sociedade brasileira, armar para o crime e para o latrocínio, o braço de pobres homens menos cultos, mas, de arto incomparavelmente mais corajosos e decididos que seus insufladores. Estes todos nós conhecemos de que casta são formados, quando, ha dias, no dissolver a policia um dos seus comícios, um delles correu a se abrigar na porta do Conselho Municipal e outro ficou preso ao chão, sem poder articular palavra nem movimento, ostentando uma pallidez lamentavel de cera.

Repellidos nas fabricas cujo operariado na sua maioria esmagadora, é consciente e sabe muito bem o que significa comunismo e o quanto de miseria, amoraldade, perversão, angustia e desconforto a pratica dessa doutrina offerece, os agitadores de occupação duvidosa voltaram-se para os circuitos navaes onde começaram a distribuir, de certo tempo a esta parte, boletins de propaganda comunista dos chamados "triangulos de ferro", nos quaes se aconselha aos marinheiros em termos claros, a rebellião e o assassinato dos officiaes e commandantes dos navios.

As autoridades da Marinha ao terem conhecimento da distribuição dos boletins, tomaram providências immediatas no sentido de pôr cobro a essas occorrencias. Foram dadas determinações especiaes ao director do Pessoal da Armada, tendo sido enviados 3

Alguns aspectos da Russia moderna -- Treze mil camponezes, querendo emigrar, foram forçados a voltar a vida miseravel na Siberia



O sr. Octavio Brandão, o "leader" comunista

Policia Central, muitos marinheiros das guarnições da esquadra e do Corpo de Marinheiros Nacionais.

Como se vê a propaganda do comunismo atingiu nesta capital a extremos intoleraveis. O conselho que se dá aos marinheiros de se revoltarem e assassinarem seus chefes é um crime bem caracterizado, cuja responsabilidade e procedencia devem ser apuradas.

Entretanto, convem mostrar aos marinheiros mais impressionaveis, particularmente, e aos outros, em geral, que na Russia comunista continua a haver navios de guerra, tal como aqui. Nelles ha um homem que se chama commandante e habita um cabine mais lustrada e confortavel que os outros e manda ordens através de um alto-falante e está sempre mettido em roupas limpas e brilhantes.

Ha ainda outros homens chamados marinheiros que lavam o chão dos tombadilhos do lustro ao bronze dos canhões, descem ao fundo dos navios para inspecionar suas machinas e caldeiras que quase asphyxiam de calor. Com ou sem comunismo, sempre haverá commandante e marinheiros a toda a escala de postos entre um e outros, em qualquer paiz do mundo.

Convem ainda chamar a attenção, agora, de todo o operariado, para o que está se passando na Russia dos Soviets, conforme telegramma de hontem, com cerca de 13.000 camponezes da Selta Montgônia, de origem allemã, os quaes pretenderam deixar a Siberia, por não supportarem mais a vida de miseria atroz que lhes era imposta, imaginando poder emigrar para onde a vida fosse menos dura e elles menos sacravos.

Continuação da 1ª pagina)

reclamando, ainda por cima, os agitadores, para pregar o assassinio e o saque, a protecção de nossas autoridades e das nossas leis, que elles não reconhecem.

E ha jornaes, certamente no intuito de arranjar alguns leitores, que saem em defesa dos comunistas, atacando a policia, porque esta impediu que se pregasse um credo subversivo em plena praça publica e em linguagem insultuosa á nossa sociedade e ao brio nacional.

Não aceitamos a sinceridade desses jornaes e a unica explicação que encontramos para o ardor com que defendem o comunismo intolerante e sanguinario é a que já está exposta acima.

consequentemente mais alguns nickels por dia.

Mas VANGUARDA continua e continuará a entender que os comunistas não têm direito a protecção de nossas leis. Toda violencia contra elles, é só contra elles, justifica-se, porque, no caso, trata-se de legitima defesa, isto é, proteger a sociedade contra os propositos sinistros e mal disfarçados dos admiradores da Russia moderna...

Amor com amor se paga...

Continuação
de 77/DESPS
1812



FONTE 5:

Um das inúmeras fichas produzidas pelo "Serviço de Observação", contendo detalhados relatórios feitos pelos policiais encarregados de controlar os movimentos de Octavio Brandão. Indica o dia em foi emitido e o número dos investigadores responsáveis por este serviço. (*Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário OB, pasta: DESPS, folha 2077, caixa 12*).

OCTAVIO BRANDÃO.-Rua do Curvello nº11.- Invest.nº330-203.-	- 1 - 10 - 28.-
<p>As 12.15 horas nas proximidades do nº40 da Praça da Republica, sede de Bloco Operario e Camponez, em observação a Octavio Brandão. As 14.10 horas chegava do lado da rua da Constituição, dirigindo-se ao nº40 acima referido. As 15.00 horas saltou de um bonde Minervino de Oliveira, para lá, também, se dirigindo. A porta estava um indivíduo desconhecido do investigador, parecendo um espião às pescoas julgadas suspeitas. Apez entraram uns 30 operarios e operarias. As 15 horas saiu Minervino de Oliveira, que foi ao Café Quintella, onde ficou uns 10 minutos. Depois desceu a rua da Constituição, onde o investigador 538 o acompanhou. As 19.20 horas saiu e tomou um bonde Lapa, saltando nos Arcos, regressando á sua residencia, de onde não mais saiu.</p>	
<u>SERVIÇO DE OBSERVAÇÃO.-</u>	
OCTAVIO BRANDÃO.-Rua do Curvello nº11. Invest.nº203-216.-	- 4 - 10 - 28.-
<p>Em observação ao predio á Praça da Republica nº40, não foi visto. Em sua residencia foi visto á janella conversando com uma senhora gerda.</p>	
MINERVINO DE OLIVEIRA.-Estrada da Pedra nº44-Campo Grande. Invest.nº203.	- 4 - 10 - 28.-
<p>Em observação ao predio á Praça da Republica nº40, não foi visto.</p>	
<u>SERVIÇO DE OBSERVAÇÃO.-</u>	
OCTAVIO BRANDÃO.-Rua do Curvello nº11.- Invest.nºs.216-90 e 330.	- 5 - 10 - 28.-
<p>Em observação ao predio nº40 da Praça da Republica, ás 14 horas chegava Minervino de Oliveira, onde já se achavam uns trinta operarios e também o encarregado do escriptorio em actividade na entrega de notas aos que se achavam em baixo e no botequim quintella. Saiu Octavio ás 19.50 horas, tomando um bonde de Barcas com 2 companheiros, saltando na Galeria Cruzeiro, entraram no botequim e ao sair despediram-se, tomando elle um bonde de Sta. Thereza.</p>	
<u>SERVIÇO DE OBSERVAÇÃO.-</u>	
OCTAVIO BRANDÃO.-Rua do Curvello nº11.- Invest.nº216-90-330.-	- 6 - 10 - 28.-
<p>Em observação á sede do Bloco Operario e Camponez, á Praça da Republica nº40, chegou elle ás 14.20 horas, saindo ás 18 horas, achando-se no escriptorio uns 40 operarios. Ao sair seguiu á pé para o lado da Prefeitura, entrando na rua José Mauricio, seguindo para a Avenida Gomes Freire, tomando um bonde Praça Mauá e saltando nos Arcos, indo a pé para sua residencia pela Ladeira Santa Thereza. As 13.40 horas passava o Sr. Presidente da Republica para a Prefeitura</p>	

FONTE 6 e 7:

Boletim produzido pela Seção de Ordem Política e Social da 4.^a Delegacia Auxiliar, datada de 31.05.1930, informando a chegada de Octavio Brandão, procedente da Argentina e de sua prisão efetuada pela Polícia Marítima e logo depois sua liberação. (APERJ. Setor: Prontuário OB, pasta: GB/2077).

Periódico espanhol, sem indicação de origem e data, noticia o embarque de Octavio Brandão e sua família para a Europa, deportado por Vargas. (APERJ. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS/2077).

4a. DELEGACIA AUXILIAR

SEÇÃO DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

INFORMAÇÃO -

OCTAVIO BRANDÃO.-

Dia 31 - Octavio Brandão chegou hoje da Argentina, ás 6 horas, á bordo do vapor CONTE VERDE, italiano, que atracou no Armazem n°18 da Praça Mauá. De bordo desse vapor foi o mesmo embarcado na lancha da Polícia Marítima até a séde desta, sendo ali solto por ordem do Sr. Dr. 4.^o Delegado Auxiliar.

Rio, 31 de Maio de 1930.

MRS. _____
Chefe da Secção.

Octavio Brandão expulsado y deportada del Brasil

A última hora recibimos la noticia del embarque sigiloso de Octavio Brandão y su familia, realizado por el gobierno de Getulio Vargas, en el Cap. Arcona con destino a Europa.

Brandão, dirigente abnegado del movimiento revolucionario brasileño, ex-concejal comunista de Rio de Janeiro y uno de los fundadores de la C. G. F. B., intelectual de injun- dia bien conocido en América Latina, después de sufrir los mas abyectos véjames de la dictadura a quien canta los Mauricio La Cerda; enfermo de gravedad y sin recursos, es brutalmente expatriado por los verdugos del proletariado brasileño, agentes cínicos del imperialismo!

Luchemos contra la dictadura brasileña y por los centenares de obreros luchadores que gimen en las cárceles de Getulio Vargas y en la Isla Fernando de Noronha!

FONTE 8:

Duas matérias de jornais de 1937, demonstrando a preocupação que a imprensa da época via nas atuações de Octavio Brandão, mesmo esse último estando na distante União Soviética. (APERJ. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS/2077).

MAIS UMA irradiação de Moscou

Lido um artigo de Octavio Brandão sobre o Brasil

A Radio diffusora da União Soviética na sua irradiação de ante-hontem, das 19 às 20 horas em onda de 35 ms, voltou a ocupar-se do Brasil. A senhora Laura Brandão leu um artigo do seu marido na "Correspondence Internationale" de 18 do corrente, sobre o nosso País.

Desta vez a questão da sucessão presidencial foi esquecida, não sendo feita, por isso a propaganda do ex-candidato majoritário, como das outras vezes.

No artigo lido hontem Octavio Brandão encarece a necessidade de uma luta sem treguas ao Integralismo, chamando o sr. Plínio Salgado de "demagogo cynico".

Trata da intervenção no Rio Grande do Sul feita pelo "tyrano Vargas e da futura intervenção em S. Paulo.

Declarou, textualmente, que os "communistas" e "democratas" do Brasil estão "proptos a estender ás mãos" aos integralistas caso esses queiram de facto defender a "democracia"...

Mas a doutrina de Plínio Salgado — prosegue o artigo — que diz deffender a "democracia", a religião, a independencia da Patria e a Família, não passa de balala sordida para attrahir os incautos e os indifferentes para escravizal-os como o fizeram Hitler, Mussolini, Salazar, Franco etc. aos povos de seus paizes".

E quando acaba se venha dizer que a Russia não se envolve com a vida de outros paizes...

A nova tactica dos communistas

O EX-INTENDENTE OCTAVIO BRANDÃO, ACTUALMENTE EM MOSCOW, ANNUNCIA A FUNDAÇÃO NO BRASIL DO "FRONT" POPULAR PELA DEMOCRACIA

"La Correspondence Internationale" é uma publicação muito conhecida. Em um de seus ultimos numeros chegados ao Brasil, o de 17 do mez passado, vem um artigo do sr. Octavio Brandão, intitulado "La lutte pour le front démocratique au Brésil", cujos termos precisam ser conhecidos pelo publico brasileiro. O sr. Octavio Brandão é um agitador comunista. Representava os seus correligionarios no Conselho Municipal desta cidade quando rebentou a revolução de 30. Então o sr. Octavio Brandão foi obrigado a sair do nosso territorio e seguiu para a Russia, onde ultimamente, ficou substituindo Luiz Carlos Prestes nas funções que este exercia no Komintern.

Sabe-se que, segundo as novas instruções de Moscou, oriundas do Petit-Congress do Komintern, realizado em Paris, das reuniões de 16, 17 e 18 de maio, em Amsterdam, e da Conferencia da 3ª Internacional de 10 de Junho ultimo, em Barcelona, os communistas passaram a ser liberais, democratas e anti-fascistas para, sob esse disfarce, melhor exercerem a sua acção nos paizes mais refractarios á penetração bolschevista. É uma variante da mesma directriz politica que já havia tido com que, em diversas nações, os elementos extremistas formassem em "fronts" populares, como na Franca, na Hespanha, na Belgica, etc.

O artigo do sr. Octavio Brandão é o aviso que ele faz aos camaradas de que o "front popular pela democracia e contra o fascismo no Rio de Janeiro começa a se crystallizar em uma série de organizações legais". Em seguida, acrescenta então, o artigo intendente comunista:

"Os democratas e os nacionaes-libertadores começam a mobilizar as massas para que ellas

reinvindicuem dos dois candidatos á presidencia da Republica:

1º — a libertação de Prestes e de todos os prisioneiros politicos, e a sua amnistia total;

2º — as liberdades democraticas mais amplas.

Eles proclamam, ainda, a necessidade de uma paz democratica e condemnam os golpes de estado, os attentados politicos, as provocações, a intervenção do governo federal nos Estados, etc. Propõem um "front" democratico mais amplo a todos aquelles que queiram defender as tradições liberaes do paiz."

E em seguida:


"Os democratas e os nacionaes libertadores collocam diante do povo brasileiro a necessidade de executar uma tarefa cuja importancia é internacional: 1º) fazer do Brasil um anteparo da democracia; 2º) fazer com que se torne um centro de irradiação da democracia em toda a America Latina; 3º) formar uma aliança com todos os povos da America Latina para sustentar a paz e a democracia mundiaes. Pedem a todos os democratas da America Latina que adaptem essas palavras de ordem ás condições locais e convidam os para uma luta sob a bandeira commonum."

E o sr. Octavio Brandão conclue dizendo que "os povos da America Latina, tendo á frente os povos do Brasil e do Mexico lutam heroicamente pela liberdade e a democracia contra a escravidão colonial".

O artigo do substituto de Prestes no Komintern deixa bem clara a tactica de despistamento do communismo. Os agentes de Moscou disfarçados com outros rotulos infiltram-se pelas organizações liberaes e democraticas para fazerem "de dentro" o seu trabalho de solapamento do regimen e destruição das instituições.

FONTE 9:

Planilha de registro feita pelo Departamento Federal de Segurança Pública, datilografada e datada de 07.04.1948, contendo dados pessoais de Octavio, descrição física e de suas atividades políticas. (APERJ. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS/2077).


 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
 DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

D. F. S. P. - V

PLANILHA DE REGISTRO

D. F. S. P.
 D. P. S.
 Prontuário
 2077
 SIL - ARQUIVO

Nome OTAVIO BRANDÃO REGO

Nacionalidade Brasileira

Naturalidade Est. de Alagoas

Filho de Manoel Corrêa de Mello Rego

e de Maria Lourero Brandão Rego

Idade 51 anos. Nascido em 12 de Setembro de 1.896

Estado Civil Casado Instruções Superior

Profissão Escritor

Residência Av. Portugal nº 318 ap. 201

Motivo _____

Notas Cromáticas

Cutis Branca Cabelos Castanhos

Olhos Castanhos Bigodes Raspado

Barba Sim Como usa Raspada

Filiação morfológica e exame descritivo

Altura 1.65 cent.

Fronte: Altura _____ Inclinação _____

Largura _____ Sobrancelhas _____


Pálpebras _____

Nariz: dorso _____

Base _____

Boca _____ Labios _____ Queixo _____ Orelhas _____

Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens _____



Fotografia tirada em

Assinatura do Identificado Octavio Brandão Rego Identificado em 7 de Abril de 1948

Identificador Paulo Augusto Magalhães

SEÇÃO	Mão direita					
		POLEGARES	INDICADORES	MÉDIOS	ANULARES	MÍNIMOS
	Mão esquerda					

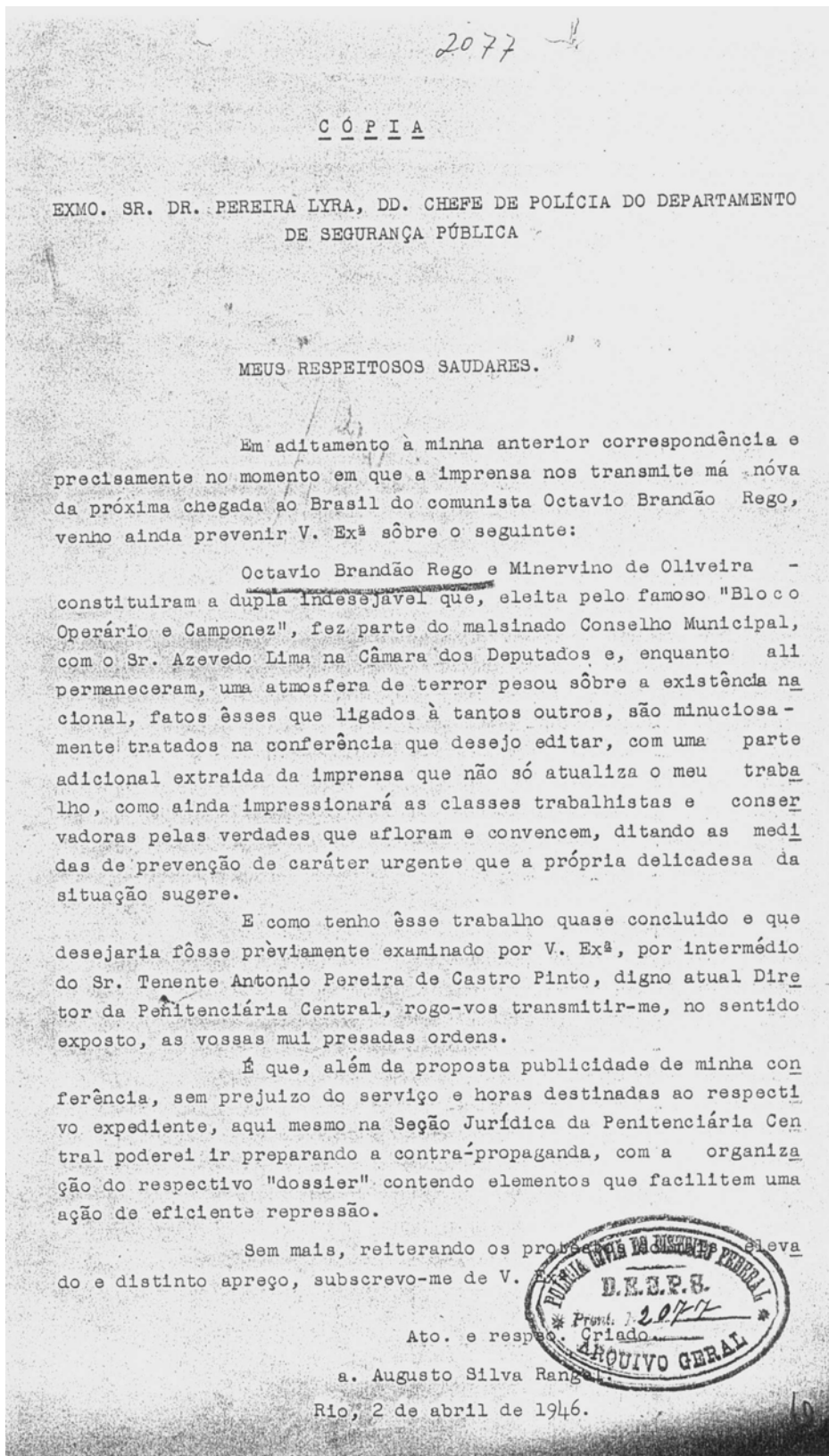
OBSERVAÇÕES

O identificado declarou que é ex- vereador do extinto Partido Comunista; deu entrada na Sala de Detidos em 7 de Abril, 1948, à disposição do Exmo. Sr. Major Diretor, sendo identificado e fotografado

Octavio Brandão Rego

FONTE 10:


Carta datada de 02.04.1946, dirigida ao Chefe de Polícia do Departamento de Segurança Pública, em que o autor alerta sobre a chegada de Octavio Brandão ao Brasil e defendendo uma ação eficiente de repressão contra ele.



FONTE 11:

Relatório reservado do Serviço Informativo do DOPS, datado de 31 de outubro de 1956, a respeito da polêmica travada entre Octavio Brandão e o Comitê Central do PCB no jornal Imprensa Popular. O relatório enfatiza que existia uma luta política no interior do PCB. (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Prontuário OB, Fundo: DOPS/2077).

14 DK



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
DIVISÃO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

SERVIÇO INFORMATIVO

*à S. S. S.
Rec. 04/1/56
A. J. L. M. S. J.*

INFORMAÇÃO N.º _____ - de 31 de outubro de 1956.

REFERÊNCIA: - Relatório.

Assunto: -

Senhor Comissário Geral,

Em continuação à polêmica já iniciada na Imprensa Popular entre o militante comunista OTÁVIO BRANDÃO e alguns porta-vozes do C.C. do P.C.B., foi publicada naquele órgão de divulgação comunista uma carta de um dirigente, digo: sindical, que reverbera energicamente tanto a falta de apoio com que foi recompensado um velho comunista, como a resposta dada por, EGYDIO, digo: EGYDIO SQUEEF. Mais uma vez, pois, está caracterizado o início da luta que se trava entre correntes diversas no seio do P.C.B.

S E R

*Jose Paulo Bonacchi
S.G. - 41*


*A consideração do Sr. Delegado
Chefe do DOPS, data "reserva" Ruzica
deja encaminhada a SSS
Rio de Janeiro, 31/X/56
H. S. Branco*

Juntar ao pront. de Otavio Brandão.

*1 cópia
Pront. 418*


FONTE 12:

Uma das inúmeras fichas produzidas pela Secretaria de Segurança Pública descrevendo os fatos da trajetória militante de Octavio Brandão e as suas passagens pela polícia. (APERJ. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS/2077).

 SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

R E G O - OTAVIO BRANDÃO DO — Filho de Manoel Brandão do Rego e Maria Loureiro Brandão. Nasc. 12.9.897-Alagoas

C Farmaceutico - Escritor - jornalista
B.
Av. Portugal, 318 apto 201 - Urca



19.2.0: PRESO pelo 182 D.P. em virtude de suas atividades comunistas, sendo recolhido ao Quartel da Polícia Militar.
19.2.31: PRESO pelo 32 D.P. pelos mesmos motivos acima.
19.2.8: Tomou parte em uma reunião realizada pelo Bloco Operário Camponeês, na qual foi escolhido como candidato a Intendente Municipal
23.4.30: PRESO quando disfarçado em funcionario do Serviço da Febre Amarela, tentava distribuir boletins subversivos durante o comicio realizado no Arsenal da Marinha, pelo Bloco Operário Camponês.
31.5.30: Chegou a esta Capital a bordo do "Conte Verde", procedente da Argentina.
19.9.31: DEPORTADO em companhia de sua familia, para a Alemanha, tendo mais tarde se transportado para a Russia.
1.11.46: O marg. chegou hoje a esta Capital, procedente de Montevideu, onde se encontrava, de regresso da Russia, em companhia de duas irmãs de LUIZ CARLOS PRESTES, de quem é cunhado.
10.12.46: É candidato a Vereador pelo PCB nas próximas eleições.
14.12.46: O marg. foi eleito SUPLENTE do COMITE NACIONAL do P.C.B.
30.12.46: O marg. falando no comicio realizado em Madureira, alem de outras coisas, aludiu ao incidente ocorrido em Moscou, com o-Secr

R E G O - OTAVIO BRANDÃO DO

PROFISSAO Farmaceutico
LOC. TRAB:
RESIDENCIA

2077

HISTORICO

10.3.48: Seg. publ. da IMPRENSA POPULAR desta data, tomou parte da mesa que presidiu os trabalhos de uma reunião de solidariedade à GRE GÓRIO BEZERRA.
7.4.48: DETIDO nesta data para prestar declarações; solto logo após.
21.7.48: Seg. Inf. do S.Iv. nº 4060 de 19.7.48, presidiu a uma reunião de carater comunista, na rua Lopes Quinta, em um prédio a direita de quem sobe, quasi no fim da referida rua, tendo comparecido os elementos do COMITÊ REGIONAL, aos quais foi dado conhecimento das deliberações do dito Comité, digo do Congresso de Itai e feitas recomendações determinadas por PRESTES (Estado de S. Paulo): Seg. docs. apreendidos em 16.4.48 contribuiu com Cr\$5,00 para a campanha financeira da TRIBUNA POPULAR. Ainda entre os mesmos, foi encontrado um mapa de organização da Secretaria de Educação e Propaganda do Comité Metropolitano, e responsavel pela Secção de Jornais Rurais.
9.3.49: Seg. docs. apreendidos é sócio da C.C.C. contribuindo com Cr\$5,00 mensais, por intermedio da Comissão de Laranjeiras; tendo ingresado em março de 1948.
9.7.49: Seg. docs. apreendidos contribuiu com Cr\$5,00 para a campanha Ele

2077

FONTE 14:

Pedido de Busca, emitido pela Superintendência Executiva do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), datado de 31 de agosto de 1966, contendo dados sobre a atuação política de Octavio Brandão, desde 1929 até a data de emissão do pedido. (APERJ. Setor: Prontuário OB, Fundo: DOPS).

GB - SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA

D.O.P.S.

S.I. = S.F.A.

Nº 4410

Referência:- PEDIDO DE BUSCA Nº 331, de 29.8.66 do CENIMAR.

OTÁVIO BRANDÃO DO RÊGO, natural do Estado de Alagoas, filho de Manoel Correia de Melo Rêgo e de Maria / Loureiro Brandão Rêgo, nascido em 12.9.1896 e que residia em 1948 à Av. Portugal nº 318 - apto. 201, exerce atividades comunistas desde 1918. Em 1920 foi prêso nesta Capital, por exercer atividades contrárias aos interesses nacionais. Foi um dos fundadores do "Bloco Operário Camponês", pelo qual foi eleito para a Câmara Municipal em 1928. Foi um dos fundadores do órgão "A Classe Operária", tendo viajado para a Rússia, em 1930, quando se tornou locutor de uma emissora soviética, irradiando assuntos demagógicos e doutrinários comunistas para o Brasil. Em 1.11.1946 retornou ao Brasil, prosseguindo em suas atividades dentro das fileiras do P.C.B., ocupando o cargo de suplente do Comitê Nacional. Candidatou-se através do P.C.B., em 19.1.1947, ao cargo de vereador, sendo eleito. Seu mandato foi cassado em 9.1.1948. Em 24.6.1947, foi eleito Vice-Presidente do Movimento de Ajuda à Tribuna Popular. Participou de comícios e particularmente de reuniões clandestinas sendo sua mais recente detenção em 17.4.1948, a fim de prestar esclarecimentos em torno de atividades extremistas de que vinha participando e desenvolvendo. Não professa qualquer crêdo religioso. Em 16.8.1949, foi recolhido à Sala de Detidos e, a 18 do mesmo mês e ano, foi pôsto em liberdade. É um dos componentes do Comitê Central do Partido Comunista. Esteve foragido e lugar incerto e não sabido.

ANEXO:- Fotografias do prontuário.-

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1966.

Detetive


Chefe da Seção

31

FONTE 15:

Documento emitido pelo Ministério do Exército e datado de 16 de maio de 1977, solicitando esclarecimentos sobre os dados de qualificação e registros sobre Octavio Brandão, bem como o levantamento de seu nome correto. (Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Prontuário OB, Fundo: DOPS).

CONFIDENCIAL	
MINISTÉRIO DO EXÉRCITO I EXÉRCITO	Rio, RJ, 16 MAI 1977
1. ASSUNTO	: <u>CONSTA</u> OTÁVIO BRANDÃO e OTÁVIO BRANDÃO REGO <u>CONSTA</u>
2. ORIGEM	: CIE
3. CLASSIFICAÇÃO	: -
4. DIFUSÃO	: SR/DPF/RJ - DPPS/RJ - ARJ/SNI - DOI/I EX - Arq
5. DIF DESDE ORIGEM	: I EX
6. ANEXO	: -
7. REFERÊNCIA	: PB nº 387-S/102-A5, de 05 Mai 77, do CIE.
P. BUSCA Nº 507 177-A	
1. DADOS CONHECIDOS	
<ul style="list-style-type: none"> - Considerado um dos fundadores do PCB; - Em 1928 foi eleito vereador pelo DISTRITO FEDERAL pelo Bloco Operário e Camponês (BOC) órgão de fachada do PCB; - Foi professor da UAPPL, na URSS; - Estaria residindo na URSS com suas filhas, SATIVA BRANDÃO e VOLIA BRANDÃO; - Existem citações que o apontam ora como OTÁVIO BRANDÃO, ora como OTÁVIO BRANDÃO REGO. 	
2. DADOS SOLICITADOS	
Levantar o nome correto, dados de qualificação e registros existentes sobre o nominado.	

 S.S.P. — D.G.I.E. — RJ. DARQ — S.J. — SD Prontuário n.º <u>347</u> Documento n.º <u>34</u>	<p>I - A Divisão de Arquivos.</p> <p>II - A D.O. de processos diligências para a ser em 17.5.77</p> <p style="text-align: right;">ANTÔNIO MALTINHO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA POLÍCIA E SOCIAL D.G.I.E. - S.S.P. - RJ - MAT. 700/78</p>
CONFIDENCIAL	
O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTES DOCUMENTOS. ART. 62 — DEC N.º 60.417/67. REGULAMENTO PARA SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGILOSOS.	